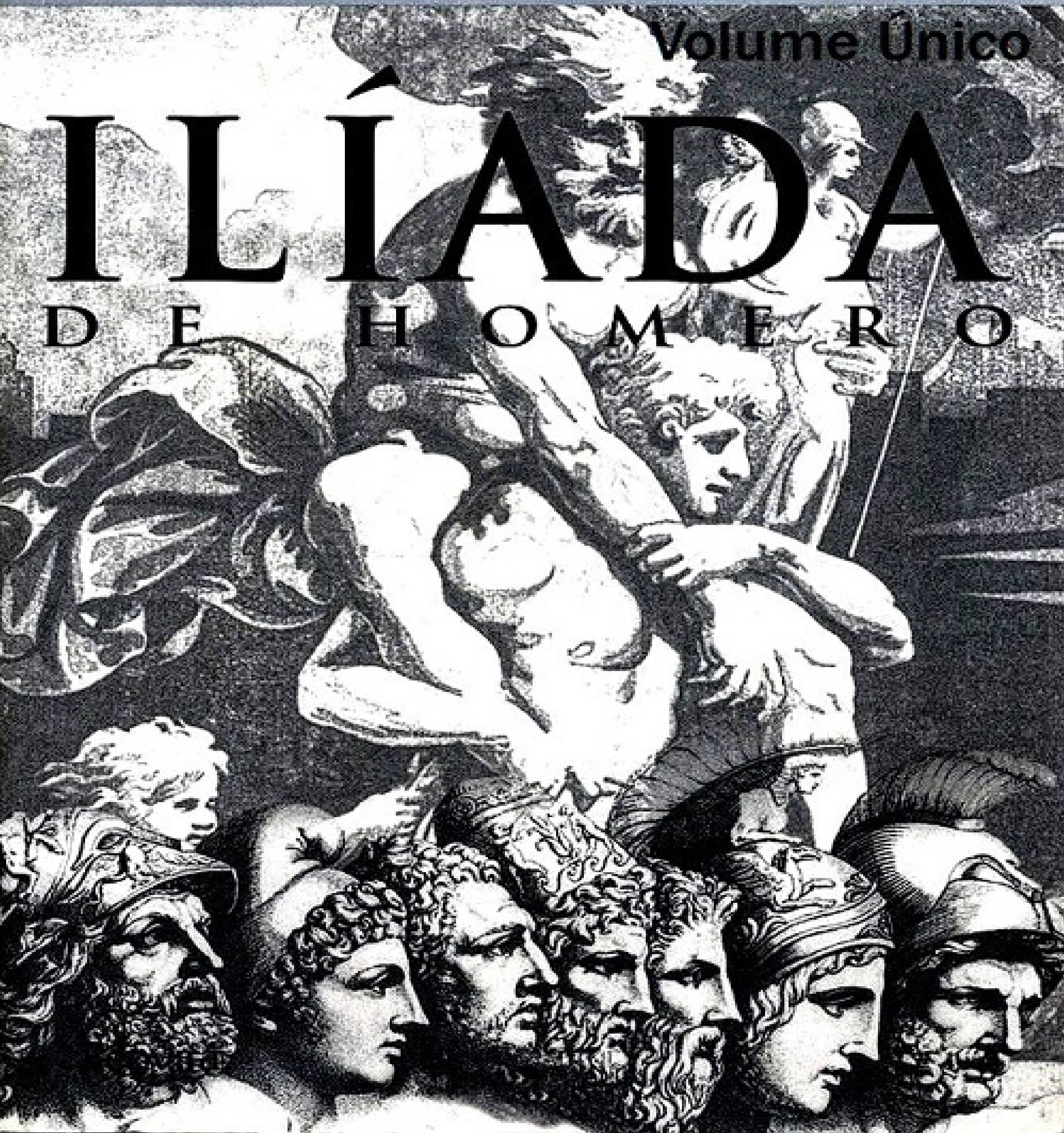
HAROLDO DE CAMPOS

Volume Único

ILÍADA

DE HOMERO



Haroldo de Campos

Ilíada de Homero

Canto I

Ménis, a ira de Aquiles

A ira, Deusa, celebra do Peleio Aquiles,
o irado desvario, que aos Aqueus tantas penas
trouxe, e incontáveis almas arrojou no Hades
de valentes, de heróis, espólio para os cães,
pasto de aves rapaces: fez-se a lei de Zeus;
desde que por primeiro a discórdia apartou
o Atreide, chefe de homens, e o divino Aquiles.
Que Deus, posto entre ambos, provocou a rixa?
O filho de Latona e Zeus. Irou-o o rei.
A peste então lavrou no exército: ruína
cai sobre o povo! A Crises ultrajara o Atreide,
ao sacerdote, o qual viera até as naus
velozes dos Aqueus remir com dons a filha,
nas mãos portando os nastros do certeiro Apolo
presos ao cetro de ouro e a todos implorava,
mormente aos dois Atreides, comandantes de homens:
“Atreides e outros mais Aqueus de belas cnêmides,
que a vós os deuses deem, habitantes do Olimpo,
derruída a priâmea urbe, um bom retorno à casa;
mas a filha querida resgatai-me, e os dons
guardai, temendo Apolo, deus flechicerteiro”.
Então, uniconcordes, os Aqueus clamaram:
“Se atenda o sacerdote e as galas do resgate
se aceitem!” Disse *não*, Agamêmnon, o Atreide.
Brutal, refuga o velho com palavras duras:
“Que eu nunca mais te aviste junto às naves côncavas,
agora demorando ou de volta, mais tarde.
Inúteis o teu cetro e esses nastros divinos,
nunca a libertarei, até que fique velha
em Argos, no meu paço, além, longe da pátria,
nos trabalhos do tear, ou servindo-me ao leito.
Foge da minha ira, vai-te, põe-te a salvo”.
Findou a fala e o ancião retrocedeu medroso,
mudo, ao longo do mar de políssonas praias.
Depois, já muito longe, ao senhorio de Apolo
orou, ao filho de Latona, belas tranças:
“Ouve-me, Arcoargênteo, protetor de Crisa
e de Cila sagrada, Esmínteo, rei de Tênedos.
Se o templo que te ergui merece teu favor,
se coxas gordurosas te queimei de touros

e de gordas ovelhas, cumpre meu desejo:
faze os Dânaos pagar meu pranto com tuas flechas!”
súplice assim falou. Ouviu-o Febo Apolo.
Baixou do alto do Olimpo, coração colérico,
levando aos ombros o arco e a aljava bem fechada.
À espádua do Iracundo retiniam flechas,
enquanto o deus movia-se, ícone da noite.
Sentou longe das naus: então dispara a flecha.
Horríssono clangor irrompe do arco argênteo.
Fere os mulos; depois, rápida prata, os cães;
então mira nos homens, setas pontiagudas
lançando: e ardem sem pausa densas piras fúnebres.
Nove dias sibilam flechas pelo exército;
no décimo o Aquileu convoca o povo à ágora,
inspiração de Hera, a deusa, braços brancos,
aflita ao contemplar os Dânaos que morriam.
Depois que estavam juntos, reunidos, todos,
ergueu-se e lhes falou Aquiles, pés-velozes:
“Atreide, agora - penso - o descaminho oblíquo
nos frustra e força o passo atrás , se à morte salvos:
que, simultâneas, guerra e peste ao Aqueus domam.
Vamos, sem mais, ouvir arúspice ou vidente
- oniromante - que o sonhar provém de Zeus.
Que nos explique um tal rancor em Febo Apolo:
se de omissos nos culpa, em votos, hecatombes;
se lhe apraz receber de ovelhas e de cabras
seletas o perfume e nos poupar da peste.”
Falou e então sentou-se. Calcas Testorides
ergueu-se após, ótimo áugure de pássaros,
sabedor do que é, do que foi, do futuro,
que a Ílion conduzira as naves dos Aqueus
pelo dom de prever, graça de Febo Apolo.
Disse, de boa mente, ao povo unido na ágora:
“Aquiles, caro a Zeus, ordenas que eu discorra
sobre a ira de Apolo, deus flechicerteiro.
Pois é o que farei. Mas vê se me afianças,
zeloso, com teu braço e palavras valer-me.
Temo irritar um homem, o maior de todos,
que os Argivos governa e os Aqueus obedecem.
Furioso contra um fraco um rei se excede em força:
se no momento engole a cólera e a cozinha,
perdura-lhe o rancor, até que se sacie,
concentrado no peito. Diz que me proteges.”
A ele replicou Aquiles, pés-velozes:
“Calmo de coração, profere teu óraculo.

Ninguém - mercê de Apolo, caro a Zeus, que o dom
ante os Dânaos te fez, Calcas, do vaticínio -;
ninguém, enquanto eu vivo a terra em torno aviste;
ninguém, junto às naus côncavas, as mãos pesadas
lançará sobre ti, Dânao, mesmo Agamêmnon
que deles, dos Aqueus, se blasona o melhor.”
Encorajado então, falou o áugure augusto:
“Por voto omisso não nos culpa, ou hecatombe,
mas pelo sacerdote, agravo de Agamêmnon:
não resgatou-lhe a filha, rejeitou-lhe o prêmio.
Por isso, deu-nos dor, e há de nos dar, o Arqueiro,
nem o horror do flagelo afastará dos Dânaos,
antes que ao pai retorne a moça de olhos rútilos,
sem prêmio, sem resgate, e em Crisa se perfaça
uma sacra hecatombe. Assim talvez se aplaque”.
Falou, depois sentou-se. Ergueu-se, então, do posto
o herói amplo-reinante, o Atreide, Agamêmnon;
sombrio, a fúria escura lhe revolve a estranha,
regurgitando; os olhos chispam como fogo.
Primeiro encara a Calcas e profere torvo:
“Vate funesto, a mim nunca anunciaste o bem,
és amigo do mal, sempre que profetizas;
nunca disseste, nem cumpriste, um bom augúrio.
E entre os Dânaos, agora, arengas, agourento:
que o deus flechicerteiro tanta dor lhes causa
porque eu não aceitei o resgate da moça,
o penhor de Criseida. Antes a quero em casa,
prefiro-a junto a mim, rival de Clitemnestra,
que, jovem, desposei: Criseida não lhe cede
no porte ou na figura, em prendas, no talento.
Mas se é melhor assim, opto por devolvê-la;
quero meu povo salvo, antes que destruído.
Porém um novo prêmio preparai-me, súbito;
não é justo que eu só fique sem recompensa:
meu quinhão, quem não viu?, passou-se a mãos alheias.”
Então lhe respondeu Aquiles, pés-velozes:
“Ó glorioso Atreide, mais que todos ávido,
que prêmios te hão de dar os Aqueus magnânimos?
Em parte alguma sei de espólio acumulado;
o saque das cidades, nos já partilhamos.
Não é justo partir de novo o repartido.
Deixa-a de volta ao deus. Em troca nós, Argivos,
três vezes, quatro vezes te pagaremos,
quando caia, por Zeus, Troia de belos muros.”
Agamêmnon, o rei, contestou-lhe, dizendo:

“Aquiles, mesmo bravo, símile divino,
não me atrais, nem me iludes com furtivo engenho.
Queres manter teu bem, e ordenas, quanto a mim,
que eu, despojado, aceite devolver o meu.
Caso os Aqueus um dom, magnânimos, me deem,
grato a meu coração, por igual me compenso;
caso não deem, meu prêmio eu pessoalmente o tomo:
o quinhão que te coube, o de Odisseu, o de Ájax,
termino por levar, deixando o dono em cólera!
Sobre isso reflitamos com vagar mais tarde;
agora ao mar salino assome a nave escura,
repleta de remeiros; nela uma hecatombe
se embarque, e vá Criseida, com seu belo rosto,
a bordo, e alguém de bom conselho, um chefe de homens
- Ájax, Idomeneu, ou Odisseu, divino,
ou tu, Peleide, herói, temível entre todos -
apaziguando o Arqueiro, cumpre o sacrifício.”
Olhou-o de través Aquiles, pés-velozes:
“Investes na impostura, ó ávido de ganhos!
Como pode um Aqueu percorrer teus caminhos,
porfiado em seguir-te, combatendo homens?
Até aqui não vim guerrear os Troianos,
lanceiros excelentes. Não me queixo deles.
A mim não me roubaram gado, nem cavalos,
nem em Ftia, nutriz de heróis, solo fecundo,
devastaram plantios. Muitos montes medeiam
sombreados entre nós, e o mar sempre-sonante.
A ti, Grão Sem-Pudor, olho-de-cão, viemos
seguir, satisfazer, salvar a honra em Troia,
e a Menelau. Não cuidas disso, não te ocorre.
No entanto ameaças despojar-me do que é meu,
prêmio de muitas lutas, dom de Aqueus, meu bem.
Não se compara ao teu o quinhão que me cabe
quando em Troia saqueamos vilas bem-povoadas.
No tumulto da luta o legado mais duro
compete a minhas mãos; quando vem a partilha,
teu prêmio é bem maior; o meu, de pouco preço,
o prezo e levo às naus, cansado da batalha.
Agora volto a Ftia. À casa, em naves curvas,
mais vale retornar, que imaginar-me aqui,
sem honra, a recolher-te espólios e tesouros.”
Agamêmnon, o rei, chefe de homens, contesta:
“Foge, se o coração te apressa, nem eu peço
que por mim te retenhas; outros, ao meu lado,
me hão de honrar, Zeus prudente sobranceiro a todos.

Dos reis que dele vêm, és quem mais eu detesto.
Tens o prazer na discórdia, em guerras, nas contendas.
O valor que apregoas é favor divino.
Regressa, pois, à casa com navios e súditos,
senhor dos Mirmidões. A mim não me dá pena,
desdenho teu rancor. Porém, ouve este aviso:
Visto que me despoja Apolo de Criseida,
eu a mando de volta em navio equipado
por meus homens; mas vou eu mesmo à tua tenda
buscar Briseida, belo rosto, recompensa
que te coube; verás assim quem pode mais;
e que outro tema ombrear-se a mim como a um igual.”
Falou. No peito hirsuto do Peleide a angústia
assoma. O coração, partido em dois, hesita.
Ou arranca do flanco a espada pontiaguda
e afastando os demais abate o Atreide no ato,
ou reprime o furor, doma a revolta no ânimo.
Tudo isso lhe rodava no íntimo, e entretanto
ia sacando da bainha o gládio enorme.
Então, do céu, Atena desce. Enviou-a Hera,
dos braços brancos, que ama os dois, por ambos vela.
Por trás segura-lhe os cabelos louros, só
visível para ele; ninguém mais a vê.
Espanta-se o Peleide; gira o corpo, e logo
dá com Palas Antena: olhos terríveis brilham!
Dirigindo-se à deusa diz palavras rápidas:
“Filha de Zeus tonante, portador do escudo,
por que vens? Assistir à audácia de Agamêmnon?
Pois declaro o que penso e hei de ver cumprido:
seu belicoso orgulho vai causar-lhe a morte.”
Brilho de olhos azuis, responde a deusa Atena:
“Descendo do alto céu, para acalmar-te a ira
(se acaso me obedeces), vim a mando de Hera,
deusa dos braços brancos, que por ambos vela.
Vamos, para essa briga! Deixa em paz a espada!
Insulta-o com palavras, sim, o quanto queiras.
Agora vou dizer-te o que se cumprirá:
um dia hão de pagar-te o triplo em dons esplêndidos
como preço da afronta. Acalma-te e obedece.”
Recomeça a falar Aquiles, pés-velozes:
“Deusa, em respeito às duas, tenho de ceder,
ainda que raive o coração. Melhor assim.
Os deuses dão escuta a quem se curva aos deuses.”
Disse e deixou pesar no punho prateado
a mão, embainhando o gládio enorme. Palas,

vendo-se obedecida, retornou ao céu,
ao Olimpo de Zeus, porta-escudo, entre os deuses.
E o filho de Peleu, de novo, fala negra,
turvo ainda de cólera, interpela o Atreide:
“Olho de cão e coração de cervo! Bronco
de vinho! Nunca ousaste, armado, com teu povo,
enfrentar um combate, nem seguiste os bravos
na luta de emboscadas. Tens pavor à morte.
Mais fácil é no vasto campo dos Aqueus
esbulhar do seu bem a quem te contradiz.
Devora-Povo! Rei dos Dânaos? Rei de nada.
Senão seria este o teu último ultraje.
Mas algo te direi e um magno juramento
por este cetro - sim - proferirei: nem folha,
nem ramo nele viçarão jamais, depois
que arrancado do tronco foi-se da montanha
e jamais tornará a verdecer; o bronze
a seu redor cortou folhame e casca. Portam-no
agora os juízes. Sim, um juramento magno:
os Aqueus de saudade hão de clamar: Aquiles!
Aquiles, Dor-do-Povo! E tu não poderás,
ainda que dorido, aos que tombam, sem conta,
sob Héctor, matador de guerreiros, valer,
doa-te n’alma o ódio: ao melhor dos Aqueus
não honraste”. Falou. E o cetro aurilavrado
à terra o arremessou. Depois calou, sentou-se.
O Atreide do outro lado desvairava. Néstor
levantou-se então, grande orador, fala doce,
voz melíflua de Pílio, palavras de mel.
Gerações de mortais, mais de uma, diante dele,
nutridos e nascidos na divina Pílio,
já vira perecer. Reina sobre a terceira.
Néstor, o bem-pensante, falou como na ágora:
“Grande luto - ai de nós! - ameaça os Aqueus.
Príamo e seu Priâmides hão de alegrar-se,
hão de alegrar-se todos os demais Troianos,
folgando o coração, se sabem dessa briga
entre os melhores Dânaos, em conselho ou guerra.
Pois dai-me ouvidos ambos, sois mais moços que eu.
Já no passado convivi com outros bravos,
superiores a vós, mais corajosos. Não,
nenhum subestimou-me. Não vi homens, nem
verei como Pirítoo, ou iguais a Driante,
ou a Exádio e Ceneu, a Polifemo, símile
divino, ou Teseu,qual um deus, príncipe Egeida.

Estes, os mais bravos que a terra alimentou,
lutaram só com bravos (eram os mais bravos),
com os feros Centauros da montanha, em pânico
batidos. E eu com esses bravos, oriundo
de uma terra longínqua: eles me convocaram.
Lutei junto com eles - só - no meio deles,
nenhum terrestre, dos de hoje, lutaria.
E eles - sim! - me ouviam, seguiam-me os ditos.
Obedecei-me, pois, vós também, é melhor.
Ainda que poderoso, Atreide, não despojes
de seu prêmio o Peleide, a moça que os Aqueus
lhe deram. Por teu lado, Aquiles, não concorras
com o rei, cara a cara, o portador do cetro,
credor da honra maior, por Zeus, que lhe deu glória.
Se és mais forte e gerou-te o seio de uma deusa,
ele é quem pode mais, reina sobre mais gente.
Dá uma pausa à ira, Atreide. Eu próprio - eu -
sou quem te rogo: tira teu furor de sobre
Aquiles: ele é o nosso muro nesta guerra
má". Retoma a palavra Agamêmnon, o rei:
"Mediste-o bem, ancião, teu verbo, como os fados
mandam. Mas este quer estar acima de outros,
sobre todos impor-se, dominar a todos,
imperar e dar ordens, dos quais - creio - muitos
discordarão. Se é bom de lança, dom dos deuses,
não lhe cabe assomar-se em arroubos de insulto".
Aquiles, o divino, o interrompeu abrupto:
"Poltrão, Dânao de nada - assim me chamariam -
se acaso eu me dobrasse às coisas que tu dizes.
Dita normas aos outros; quanto a mim, não, nada
me ordenes, que já não te vou obedecer.
Algo mais te direi: põe de vez na cabeça,
com minhas mãos não vou lutar por essa moça
contigo, com ninguém: foi-me dada e roubada;
de tudo o mais que está na veloz nave negra,
nada arrebatarás contra a minha vontade;
se queres, vem: que todos ficarão sabendo
de teu sangue renegro a me escoar da lança!"
Assim tendo lutado, opostos nas palavras,
erguem-se; junto às naves se dissolve a ágora.
Vai o Peleide rumo às tendas e às simétricas
naves, junto com Pátroclo Menécio e os mais
companheiros. O Atreide, por seu turno, lança
ao mar a nau veloz com vinte remadores
seletos, e a hecatombe, e a seu bordo Criseida,

belo rosto; Odisseu, multiardiloso, à testa.
Embarcados assim, navegam rotas úmidas.
Aos que ficam o Atreide ordena que se lavem.
E eles se lavam; limpos, depurados, lançam
ao mar salino a escória. E fazem hecatombes
para Apolo, perfeitas, junto ao mar insone -
touros e cabras; fumo graxo adora os céus,
espiralando. Assim as tropas se ocupavam.
Agamêmnon insiste na discórdia e chama
Euríbates, Taltíbio, e a ambos, seus arautos,
prestimosos acólitos, ordena: “Ide
à tenda do Peleio Aquiles; pela mão
tomai Briseida, belo rosto. Se por bem
não lhes for dada, eu próprio a tomarei, eu com
meus homens; isso vai-lhe dar mais calafrios!”
Assim os enviou, com linguagem violenta;
e ambos vão, constrangidos, junto ao mar insone,
rumo às tendas e às naves mirmidôneas; vão
e o encontram sentado junto à nave escura.
Aquiles, vendo os dois que chegam, não se alegra.
E respeitando o rei, temerosos, os dois
estacam, sem palavras, perdem voz e fala.
Aquiles penetrou-lhes a mente e falou:
“Arautos, vos saúdo, a vós, núncios de Zeus
e dos homens. Aqui, chegai mais perto. Não,
de nada vos acuso. A culpa é de Agamêmnon,
guloso de Briseida. Pátroclo, divina
estirpe, busca, dá-lhes a moça; que os dois,
levando-a, testemunhem junto aos imortais
e aos homens perecíveis e ante um rei cruel,
no dia em que couber a mim vos defender
do opróbrio, a vós, a todos. Ele ferve em fúria
e não distingue mais o antes do depois,
para que a salvo os gregos lutem junto às naves”.
Falou. Presta obediência ao caro companheiro,
Pátroclo. Para fora da tenda, Briseida,
belo rosto, é levada. E os dois, de volta, junto
às naves - e a mulher a contragosto - vão.
Aquiles põe-se à parte, afasta-se chorando,
sentado junto ao mar salino-cinza, e olhava
ao longe as águas cor de vinho. Então à mãe
implora muitas vezes: “Mãe, que me dotaste
de uma vida tão curta, não devia o Olimpo
cumular-me de honras? Zeus, que no alto soa,
não me deu nem migalha. E o Atreide, o poderoso,

por cima ainda me ofende: priva-me do prêmio
e goza do que é meu”. Falou, chorando. E a mãe
augusta o ouviu, sentada junto ao velho pai,
no fundo do oceano. Então surgiu do mar
salino-cinza a deusa - uma bruma - e afagava
o filho em prantos. Disse: “Por que choras, qual
a dor que à mente fere e te magoa? Conta,
nada me escondas, filho. Quero partilhá-la”.
Então, ferido fundo, Aquiles, pés-velozes,
respondeu: “Sabes tudo, é repetir contar-te
o que passou. Marchamos contra Tebas, santa
cidade do Eecião. De tudo a despojamos,
e os filhos dos Aqueus repartiram-lhe os bens;
ao Atreide tocou Criseida, belo rosto.
Sacerdote de Apolo, deus flechicerteiro,
Veio Crises às naus dos Aqueus de couraça
brônzea. Trazia dons riquíssimos, visando
a libertar a filha. O cetro de ouro e os nastros
do deus flechicerteiro à mão. E suplicava
a todos os Aqueus e a ambos os Atreides,
comandantes. Clamaram os Aqueus uni-
concordes: ‘Que se atenda o sacerdote e as galas
do resgate se aceitem.’ *Não* no coração
tem no entanto Agamêmnon. Com palavras duras
refuga o velho. Este volta atrás, colérico.
Apolo, que o queria, ouviu-lhe os rogos. Logo,
contra os Aqueus dispara um flechaço funesto.
E um por sobre o outro eles caíam: setas
do deus, por toda parte, dizimando tropas.
Áugure sabedor das coisas nos resolve
o oráculo do deus. Falei antes de todos:
‘Urge aplacar o Arqueiro.’ Fúria escura turva
o Atreide. Fez-me então a ameaça que ora cumpre.
A Crises os Aqueus de olhos vivazes com
nau veloz devolveram Criseida; e ao deus, dons
tributaram. Agora à minha tenda arautos
vêm-me tomar Briseida, prêmio que os Aqueus
me deram. Tu, se o podes, socorre teu filho.
Sobe ao Olimpo. Roga a Zeus. Se em algo algum
dia a Zeus, por acaso, o coração tocaste
com palavras e obras - pois te ouvi frequentes
vezes dizer, no paço de meu pai, que a sós,
sozinha, ao nuvem-turvo, soturno Croníade
poupaste a afronta, quando outros imortais
- Hera, Apolo, Posêidon - com grilhões quiseram

aprisioná-lo; vieste então, deusa, e o livraste
e ao Olimpo chamaste o de Cem-Mãos, aquele
que é Briareu para os deuses, para os mais, Egêone,
mais forte do que o pai, Egeu, e que sentou-se,
exultando de glória, ao lado do Croníade;
sentiram medo os Venturosos, desistiram
dos grilhões. Vai. Recorda-lhe isso. Os joelhos
lhe abraça. Vê se o moves em favor de Troia,
aos Aqueus impelindo para o mar e as popas,
e assim, arruinados, que a seu rei festejem
e Agamêmnon, Atreide, amplo-reinante, entenda
seu desvio: não honrou o melhor dos Aqueus".
Tétis, desfeita em lágrimas, lhe respondeu:
"Ai de mim! Te criei nutrido de infortúnio:
Sem lágrimas, sem dor, assim eu te quisera
sentado junto às naves, pois te espreita a Moira,
tens vida breve. Agora ao breve o desditoso
se ajunta. Nestes paços te gerei com má
sorte. Para falar em teu favor a Zeus,
amador de relâmpagos, ao níveo Olimpo
em mesma subirei. Talvez me ouça. E tu,
sentado junto às naus, mantém contra os Aqueus
a ira e te abstém da guerra. Zeus partiu
com sua corte para a festa dos Etíopes
que vivem no Oceano. Volta em doze dias.
É então que por ti, pisando o assoalho brônzeo
de seu palácio, irei, abraçada a seus joelhos,
suplicar, convencê-lo". Assim falou e Aquiles
só, coração colérico, sofria pela
moça - fina cintura - que lhe arrebataram
a contragosto. Logo, Odisseu chega a Crisa
com a sacra hecatombe, e aporta ao mais profundo,
faz recolher as velas sobre a nave negra,
um lastro quase, e o mastro faz abater, soltas
as enxárcias. A remo, a nau alcança a barra:
fora lançam a âncora, as amarras prendem;
fora saem todos mais - na areia o mar rebenta;
fora a hecatombe sacra expõem a Apolo Arqueiro;
fora da nave singradora, eis, sai Criseida.
Ao altar leva a moça, e às mãos do pai, o multi-
ardiloso Odisseu. Ao velho então proclama:
"Ó Crises, Agamêmnon, comandante de homens,
mandou-me devolver-te a filha e oferecer
uma hecatombe a Apolo, para que se aplaque,
a Apolo, que aos Aqueus causou múltiplas mágoas".

Assim falou e aos braços deu-lhe a filha amada.
Crises a recebeu com alegria. E então
a sagrada hecatombe dispõem ao redor
do altar bem-lavrado. Mãos lavadas, lançam
punhados de cevada. Crises roga ao deus
por eles, mãos alçadas: “Arcoargênteo, escuta-me
guardião de Crisa e Cila, imperador de Tênedos.
Já me ouviste uma vez e honraste-me oprimindo
o povo dos Aqueus, que tanto me humilharam.
Atende-me o desejo agora e livra os Dânaos
da peste, mal sem cara, praga que os devora”.
Assim falava, súplice, e o ouvia Apolo.
Então, depois de orar, e de espalhar farinha,
destroncam e degolam bois, esfolam touros,
coxas cortam e apartam, cobrem-nas de graxa -
dupla camada - e lançam talhos crus por cima.
O velho tosta as carnes sobre a lenha, verte
vinho rosto-de-fogo e os moços vêm com garfos
de cinco pontas. Mordem coxas, provam vísceras
e o que resta retalham, enfiam no espeto,
assam peritamente e vão tirando os nacos.
Trabalho concluído, está pronto o banquete:
banqueteiam-se então, cada qual a seu gosto.
Do comer, do beber, saciaram a gana.
Agora acodem moços com crateras plenas
de vinho que as coroa, e as primícias em copas
à roda distribuem. E por todo o dia cantam
os Dânaos, aplacando o deus - peã belíssimo! -,
dança de jovens para o Arqueiro, alegre a ouvi-los.
E só quando se pôs o sol e veio o escuro,
só então repousaram no navio fundeado;
e só quando reluz a Aurora, dedos róseos,
menina da manhã, se vão rumo ao exército
enorme dos Aqueus. O Arqueiro envia um vento
favorável. O mastro erguido, as velas pandas,
brancas, sopradas bem no centro, e em torno à quilha
que avança, as ondas - rastro púrpura - soando,
soando, enquanto a nau ao longo rasga a rota.
Chegando enfim ao amplo exército dos gregos,
arrastam para a terra firme a nave negra,
para a areia, no alto, e põem debaixo escoras.
Aos poucos se dispersam entre naus e tendas.
A ira o corroendo à beira de suas naves rápidas,
sentava-se o Peleio Aquiles, pés-velozes.
E nem a glória da ágora o atraía agora,

nem a guerra. Ficava ali, o coração
pisado, ansiando pelos gritos de combate.
Mas assim que surgiu a aurora duodécima,
os deuses sempiternos voltam para o Olimpo,
à frente deles, Zeus. E Tétis não esquece
o pedido do filho. Sai da onda marinha.
Qual bruma da manhã se eleva ao grande céu.
O Croníade, voz forte, encontra-o, separado
dos outros, no mais alto píncaro do Olimpo.
Senta-se ao lado dele; abraça-lhe os joelhos
pela esquerda, e lhe afaga o queixo à mão direita.
A Zeus supremo, filho de Cronos, suplica:
"Zeus Pai, se alguma vez a ti, entre imortais,
com palavras e obras te ajudei, atende
o que te peço. Aquiles, o-que-a-Moira-espreita,
meu filho, honra-o. Fez-lhe duro insulto o rei,
Agamêmnon: tomou-lhe o prêmio e goza o roubo.
Vinga-o, senhor do Olimpo, Zeus prudente, dá
força aos Troianos contra os Aqueus, até que
as honras, que a meu filho devem, restituam".
Assim falou. E Zeus, cumulado de nuvens,
nada lhe respondeu. Assentado, calava-se.
Tétis, colada a seus joelhos, insistiu:
"Promete-me, Infalível, ou recusa-me algo.
Não conheces o medo. Sim ou não, acena-me.
Que eu saiba quanto sou desonrada entre os deuses".
Cumulado de nuvens, Zeus responde aflito:
"Funesto assunto! Vai-me inimizar com Hera,
quando me irrite e afronte com palavras duras.
Ela, entre os imortais, sempre me acusa, injusta,
de ajudar no combate aos guerreiros troianos:
Afasta-te daqui, agora. Que Hera nada
perceba. Cabe a mim dar às coisas seu rumo.
Para que te convenças, eu, com a cabeça,
farei sinal. Não há penhor maior, os deuses
sabem: não se revoga nem comporta engano,
não se descumpre o meu aceno de cabeça".
Zeus falou e franziu sobrancelhas azuis.
Os ambróseos cabelos do senhor celeste
agitam-se, revoltos. Treme todo o Olimpo.
Tudo isso acertado, separam-se: Tétis
salta do Olimpo esplêndido ao mar salino,
fundo. Zeus ao palácio torna e os deuses todos
erguem-se dos assentos, empenhados todos
em receber o pai; todos vão-lhe ao encontro.

No trono então sentou-se. Hera, suspeitando
de uma trama entre Zeus e Tétis, pés-de-prata,
filha do ancião do mar, diz ao filho de Cronos,
com profundo amargor, palavras injuriosas:
“Quem, urdidor de insídias, conspirou contigo?
Sempre, quando estou longe, gostas de tramar
resoluções secretas, sem me dizer nada,
nada, de boa mente, do que premeditas”.
O pai dos deuses, pai dos homens, lhe responde:
“Não pretendas saber, Hera, tudo o que penso.
Mesmo para uma esposa, é difícil sondar-me.
Mas do que se afigure digno de se ouvir,
antes de ti nem deus nem homem saberá.
Por outro lado, quanto eu conjeture longe
dos deuses, nada disso te cabe indagar”.
Hera, olhos de toura, por sua vez lhe disse:
“Que palavras são essas, Zeus terribilíssimo!
Não te interrogo há muito tempo, não pergunto.
Meditas quanto queres, nada te perturba.
Mas temo e tremo agora: Tétis, pés-de-prata,
filha do ancião do mar, qual bruma vi sentada
junto a ti, abraçando-te os joelhos. Acaso
não lhe deste um sinal de que honrarás Aquiles
semeando muitas mortes junto às naves gregas?”
Zeus, que acumula nuvens, respondeu-lhe assim:
“Demônio de mulher! Com tudo implicas! Não
me largas! Contra mim nada podes no entanto.
Se do meu coração te afastas, calafrios
te esperam. O que vai ser, será como eu quero.
Conserva-te em silêncio e observa o que eu digo.
Se eu lançar sobre ti minhas mãos invencíveis,
nenhum dos imortais poderá socorrer-te!”
Falou. E temerosa, a deusa, olhos de toura,
sentou-se, silenciou, coração combalido.
Na morada de Zeus, consternam-se os Celestes.
Toma a palavra Hefestos, artesão ilustre
(era um sinal de amor a Hera, braços brancos,
mãe querida): “Funesta situação, funestas
consequências: em luta por mortais, os dois
levando confusão aos deuses. O banquete
deixa de dar prazer, se o ruim prevalece.
Por meu lado, aconselho a mãe querida: agrade
a Zeus, sensatamente. Que o pai não se irrite
e não dis (outra vez!) turbe o nosso banquete!
Se decidisse o Olímpico, o-que-lança-raios,

nos arrojar e a ela dos assentos... É
muito mais forte. Abrande-o com palavras doces
e nos será propício, o pai, senhor do Olimpo”.
Assim falou e a copa de asas duplas, lépido,
nas mãos da mãe querida a depôs, ajuntando:
“Paciência, mãe, suporta ainda que abatida.
Amada como és, não te vejam meus olhos
batida; ainda que aflito, nada poderia
fazer em tua ajuda. É desastroso opor-se
a Zeus. Já uma outra vez, querendo defender-te,
pegou-me por um pé, arrojou-me do umbral
celeste. Todo um dia rolei até o sol
se pôr. Fui dar em Lemnos, coração exausto.
Recolheram-me, então, caído, os homens síntios”.
Assim falou. Sorriu a deusa, braços brancos.
Sorrindo recebeu das mãos do filho a copa.
Este, pela direita, aos outros deuses todos,
entornando a cratera, verteu doce néctar.
Gargalhada sem fim tomou os Venturosos,
ao ver, todo agitado, o prestativo Hefestos.
Por todo o dia então, até o pôr do sol,
juntos banquetearam-se; de seu quinhão
nenhum privou-se, nem da lira multilinda
de Apolo, nem das Musas, alternando vozes.
Quando o sol apagou a lâmpada brilhante,
desejando dormir, cada qual dirigiu-se
ao paço que lhe fez o coxo Hefestos, hábil
artífice, engenhosa mente. Para o leito
foi também Zeus Olímpico, o-que-lança-raios.
Ali repousa quando o alcança o doce Hipnos.
Deitou-se, e junto dele, Hera, trono de ouro.

Canto II

Os nomes e os navios

Deuses e os homens de elmo equinoforme ornados
dormiam todos, toda a longa noite. Zeus,
só ele, não cedia à hipnose do sonho,
mas ponderava: como, nos navios acaios,
muitíssimos matar, honrando assim Aquiles.
Decide o coração (e lhe parece bem):
enviar - ruinoso - o sonho do atreide Agamêmnon.
“Ôneiros!” - chamou (e asas-frases tatalaram):
“Alcança, oniro-fúnebre, os navios aqueus.
Junto ao leito do Atreide, diz-lhe, tal e qual:
Põe os Aqueus, cabelos-longos, - já! - em armas,
todos, a tomar Troia, pólis de amplas ruas:
que os Imortais, do Olimpo aonde habitam, não
mais discrepam, nenhum deles. Hera os dobrou
a todos, suplicante. A angústia sobrepaira:
ai do Troianos!” Falou. Ôneiros ouviu.
Partiu. Logo avistou as naus acaias, rápidas.
Buscou o Atreide. Absorto, ei-lo: Agamêmnon dorme
na tenda. A seu redor, um torpor de hipnose,
ambrosíaco. Chega-se à cabeça, ícone
do filho de Neleu, Néstor, de bom-conselho,
o veterano a quem o Atreide mais honrava.
Quase Néstor, então lhe diz Ôneiros, divo:
“Filho de Atreu, o bravo doma-corcéis, dormes
a bom sono? E o povo? O ônus das ações pendentes?
Então ouve-me agora, ouvido atento. Sou
o anjo-de-Zeus, o núncio. Longe, ele se inquieta
por ti. Se compadece. Rápido, os Aqueus,
cabelos-longos, arma. Hoje, logo, Troia,
de amplas ruas, tu podes tomar. Que não mais
discrepam os do Olimpo. Hera, toda-súplice,
os dobrou. Sobrepaira a dor. Dó aos Troianos!
Guarda o aviso em teu ânimo. Que o olvido, Letes,
não te aprese, liberto de Hipnos melífluo!”
Falou e se apartou. Deixou-o revolvendo
no ânimo essas coisas prestes a não ser.
Não é que o tolo pensa: “hoje vou depredar
a cidade de Príamo?” Não vê as tramas
de Zeus, que engendra pena e dor, tanto aos Troianos
como aos Dânaos, na luta encarniçados. Ora
esperta (e em torno dele o deus ainda ressoava).

De pé. Depois, sentando, enverga a seda nova
da túnica, belíssima. Nos ombros manto
largo. Nos pés sandálias: brilho vigoroso.
Suspende à espádua prata cravejada - a espada.
Nas mãos, o pátrio cetro incorrompido. Às naus
vai, aos Aqueus, couraça-brônzea. Deusa Aurora,
despontando, anuncia a Zeus Pai novo dia,
e aos outros imortais. Agamêmnon concita
aos Arautos de clara voz-cristal. Ordena:
“Conclamem os Aqueus à ágora”. Depressa,
os-de-longos-cabelos, todos, se aglomeram.
O Concílio magnânimo dos velhos, junto
à embarcação de Néstor, rei vindo de Pilo,
logo se reuniu. Sutil expôs o Atreide:
“Ôneiros, o divino, veio visitar-me,
alta a noite ambrosíaca. Semelhando o divo
Néstor, ícone dele em corpo, rosto, porte,
à minha cabeça me falou tal qual:
‘Dormes, filho de Atreu, bravo doma-corcéis?
Quem toma decisões não dorme noite a fio!
Dele o povo confia o ônus de ações pendentes!
Agora ouve-me atento. Anjo-de-Zeus, o núncio,
eis o que sou. De longe, Zeus te vela, inquieto,
e ordena-te: Arma, rápido, os Aqueus, cabelos-
-longos. Podes tomar hoje Troia, a de ruas
amplas. Não mais discrepam no Olimpo os eternos.
Todos, dobrou-os Hera, toda-suplicante.
A dor, vinda de Zeus, paira sobre os Troianos!
Guarda o aviso em teu ânimo.’ Falou e foi-se
revoando. Livrei-me então do açúcar de Hipnos.
Agora é pôr em armas todo o povo aqueu.
Antes, porém, a lei pede uma prova. Então,
vou concitá-los: - Fujam! Corram aos navios
multi-remantes! Cabe a vós falar, contê-los”.
Sentou-se, tendo dito. Néstor, basileu,
rei de Pilo, a de árida areia, pesou
bem o pensar e ergueu a voz em meio deles:
“Amigos! Guias, chefes, príncipes aqueus!
Se nos fizesse um outro esse raconto onírico,
diríamos: - É falso! É um pseudo-sonho! E pronto,
nos poríamos longe. Mas o Aqueu melhor,
o que se diz maior, foi quem falou que o viu!
Todos em armas, vamos!” Disse e retirou-se
do Conselho. Os demais, portando o cetro, reis,
se ergueram obedientes ao pastor-dos-povos.

Então a multidão feito mélico enxame
de abelhas irrompendo duma rocha cava -
sempre-zanzando ou quando em torno às flores zumbem
(que primaveram!), ora aqui, ora ali, cachos
de abelhas-mel voando - assim a multidão
acorre dos navios e tendas em tumulto,
pela beira-do-mar profundossoante, à ágora.
Agora os inflama o anjo-de-Zeus, clamoroso,
o núncio, junto deles. Troa o solo soto-
-posto ao tropel da tropa, caos circum-sonante.
Clangor de nove arautos faz com que se calem,
para ouvir os diletos de Zeus, basileus,
os eleitos. A turba toma assento à força
quase. Então se levanta o comandante-em-chefe,
Agamêmnon, portando o cetro, exímia lavra
de Hefestos, dom de Hefestos ao Croníade, Zeus,
que, por seu turno, o deu a Hermes, matador de Argos,
a Hermes, o porta-voz, que o deu então a Pélops,
hábil ginete. Ao rei Atreu, pastor-dos-povos
este o repassa. Atreu, já moribundo, a Tiestes
mil-ovelhas, o lega. Agamêmnon de Tiestes
o ganha, e soberano reina sobre as ilhas,
sendo o primeiro em Argos. Firme ao cetro, fala:
"Ó amigos, heróis, Dânaos, servos de Ares, Zeus
Pai, a uma empresa atroz, gravosa, encadeou-me. Ele,
o impiedoso Croníade, ele me fez aceno
e prometeu-me o triunfo: Ílion, de belos-muros,
tendo arrasado, a Argos volveria. Trama
vil! Manda agora torne inglório, mortos tantos
guerreiros! Eis o mel da onipotência, assim
apraz a Zeus, que tantos topos de cidades
truncou e vai truncar, querendo. Tanto pode!
Vexame para os neovindos! O povo Aqueu,
tantos, força tamanha, tenha fátua guerra
sem êxito guerreado contra um inferior
adversário! Caso ambos, ambas as partes,
decidissem, após ter imolado as vítimas,
penhor ritual, fazer a conta aritmética
de quantos são, nos fogos-lares, os Troianos,
todos eles, e nós Aqueus, nós por dezenas
agrupados; se fôssemos tomar um porta-
-vinho troiano, cada dez de nós, à míngua
de vinho muitos desses grupos ficariam.
Tanto - eu o digo - excedem os Aqueus em número
aos de Ílion. Mas de outros pontos vieram muitos

lanceiros em auxílio deles. Rechaçado,
repulso, não prostrei a populosa Troia.
Passou-se uma novena de anos, Zeus é grande!
Apodrecem as naves, rompe-se o cordame.
Nossas esposas, nossos filhos balbuciantes
recolhem-se, esperando, ao recesso dos lares.
E não cumprimos a missão que aqui nos trouxe!
Atentem, pois, a quanto digo, e me obedeçam:
Fujamos - aos navios! - para a pátria querida!
Impossível tomar Troia, urbe-de-amplas-ruas!”
Falou e sublevou no peito o coração
de todos, entre o povo, alheios ao acordo.
A ágora referve qual tumulto de ondas
no rebojo do mar icário, quando, soltos
de Zeus nuvioso, Noto e Euro tempestuam.
Ou quando no seu curso Zéfiro impetuoso
fustiga o trigal vasto, encurvando as espigas.
Assim a ágora estremece. Em alarido
se lançam todos para as naus. E do tropel
dos pés se eleva o pó. Uns exortando os outros
a tomar os navios, arrastá-los ao mar
salino-sacro, limpos os canais. Aos céus
clamam, ansiando a pátria, e removem escoras.
Vendo, malgrado a Moira, os Aqueus regressarem,
Hera a Palas Atena dirigiu a fala:
“Filha de Zeus que porta o escudo, infatigável,
rumo a seus lares, rumo à cara terra pátria,
os Aqueus fugirão no lombo do mar largo?
Deixarão para trás - glória de Troia e Príamo -
a argiva Helena, pela qual Gregos sem número
pereceram em Troia, apartados da pátria?
Vai-te agora aos Aqueus, revestidos de bronze,
com tuas brandas palavras detém cada homem:
que não deitem ao mar as naves bicurvadas!”
Assim falou e Atena, a deusa, olhos-azuis,
não desobedeceu. Dos píncaros do Olimpo
desceu precipitada e rápida alcançou
as agílimas naves dos Aqueus. Ali
topou com Odisseu, equiparado a Zeus
em argúcia. Parado, nem tocava a nau
belo-convés, escura: a dor no coração.
Olhos-azuis, Atena, ao lado dele, diz:
“Ó filho de Laerte, Odisseu multiastuto,
fugirias também - divino - rumo aos lares,
rumo à pátria querida, em naves multirremes,

deixando para trás - glória de Troia e Príamo -
a argiva Helena, pela qual Gregos sem número
pereceram em Troia, apartados da pátria?
Vai sem tardar ao povo aqueu. Com fala branda
detém os homens, que as bicurvas naus não lancem
ao mar alto”. Falou. E ele reconheceu
na voz a deusa. Rápido correu, largando
o manto (fiel arauto, Euríbato o recolhe).
De Agamêmnon, Atreide, arrebatou o cetro
sempiterno, dos pais. Então se dirigiu
às naves dos Aqueus, revestidos de bronze.
A todos que encontrava, basileu ou nobre,
parava e com palavras brandas persuadia:
“Não é hora - por Zeus! - de tremer como um frouxo.
Assenta-te e concita aos outros que se sentem,
pois não sabes ao certo o que trama o Atreide:
prova agora os Aqueus, logo mais vai puni-los
que nem todos ouviram-lhe a voz no Conselho.
Que o Atreide atrabiliário não maltrate os Gregos.
É grande a ira de um rei, da progênie de Zeus.
Honra lhe inspira o deus astucioso que o ama!”
Mas se via um do povo erguer a voz aos brados,
com o cetro o ferroava e com palavras ásperas:
“Homem de deus, acalma-te e calado escuta
a voz dos que mais valem: ruim de guerra, sem
garra, inútil na luta, imprestável no aviso.
Não, Aqueus, não seremos todos reis aqui.
De multicapitães não carecemos. Não
é bom! Que um rei, um só, nos comande e encabece,
a quem Zeus sinuoso outorgou cetro e lei”.
Assim, voz capitânea, orientava o exército:
à ágora refluem largando naus e tendas,
rumor como do mar de políssonas ondas,
que batem nas escarras e o oceano atroa.
Todos, nos seus lugares, sentaram-se, quietos.
Só Tersites crocita, corvo boquirroto,
a cabeça atulhada de frases sem ordem,
sem tino, desatinos, farpas contra os reis,
tudo para atiçar o riso dos Aqueus.
Era o homem mais feio jamais vindo a Ílion:
vesgo, manco de um pé, ombros curvos em arco,
esquálido, cabeça pontiaguda, calva
à mostra, odioso para Aquiles e Odisseu,
que a ambos insultava e que agora ao divino
Agamêmnon afronta com sua voz estrídula

(os Aqueus, contra o rei, andavam ressentidos,
o coração roído de um rancor enorme).
Ele, vociferando, vitupera o Atreide:
“Filho de Atreu, de que reclamas, que te falta?
Tendas plenas de bronze, repletas de escravas,
fina flor, que os Aqueus te dão a primazia
de escolha, quando às mãos nos tomba uma cidade.
Careces de mais ouro, que um Troiano, doma-
-corcéis, te traga de Ílion, resgate do filho,
apresado por mim ou presa de outro Aqueu?
Queres outra cativa, para, a teu prazer,
apartá-la, possuí-la? Não te cabe, chefe
dos filhos dos Aqueus, cumulá-los de males!
Ó bando de adamados, não Aqueus, Aqueias,
voltemos para casa com as naus. Larguemos
esse um; que coma a sós, em Troia, os seus despojos
e veja se lhe somos úteis ou inúteis.
Esse que agora mesmo, desfeiteando Aquiles -
melhor do que ele em tudo - rapinou-lhe o prêmio.
Ao coração de Aquiles, brando, faltou fel,
senão seria, Atreide, o teu último ultraje”.
Contra o pastor-de-povos, Agamêmnon, rei,
assim falou Tersites. Odisseu divino
se acerca dele, olhar escuro, fala dura:
“Tersites, língua fátua, no arengar sonora,
segura-te, não queiras guerrear com reis.
Homem nenhum, pior que tu, chegou a Ílion
com os filhos de Atreu. É o que digo. Não ponhas
nomes de reis na boca ao proferir arengas.
Cala os insultos. Não te ocupes do retorno.
Não sabemos ao certo o fim de nossa empresa,
se os filhos dos Aqueus, bem ou mal, voltarão.
No entanto, fustigando Agamêmnon Atreide,
pastor-dos-povos, eis que o culpas pelos dons
copiosos que lhe doaram destemidos Dânaos.
Arengas impropérios. Pois agora escuta:
prometo (e o cumprirei), se te pilho de novo
desvairando, a cabeça em meus ombros, ereta,
eu, Odisseu, não mais terei, nem mais Telêmaco
há de ser filho meu, se não te apanho e dispo
da túnica e do manto, roupas que tu prezas,
dos panos que resguardam teu pudor, e às leves
naus te devolvo, aos trancos, humilhado, em prantos”.
Falou e com o cetro deu-lhe nos costados
e ombros. Ele dobrou-se, de olho lacrimoso.

Um vermelho vergão sangrou-lhe o lombo curvo,
golpe do cetro de ouro. Então sentou-se trêmulo,
olhos em branco, moído, enxugando-se as lágrimas.
Ressentidos embora, os Aqueus gargalharam,
uns aos outros dizendo divertidamente:
"Ó deuses, Odisseu já cumpriu mil façanhas,
príncipe em bons conselhos, ardiloso em guerra.
Feito nenhum, porém, entre os Aqueus melhor
do que este realizou, calando a logorreia
ao boquirroto de ânimo arrogante. Certo,
nunca mais este insano afrontará os reis".
Assim falou a multidão. O arrasa-urbes
Odisseu levantou-se. Ergueu o cetro (ao lado
Atena, olhos-azuis, quase-arauto) e ordenou
silêncio. Que os Aqueus, os da frente e os do fundo,
ouvissem, meditando, suas palavras. Bom
conselheiro, falou a todos na assembleia:
"Atreide, nosso rei, agora, entre os Aqueus
há quem queira infamar-te aos olhos dos usuários
da palavra. A promessa, o compromisso, nada
do que em Argos, dos mil-corcéis, apalavraram:
primeiro destroçar Ílion, belas-muralhas,
se propõem cumprir. Feito viúvas carpideiras
ou fedelhos, se queixam, clamam pela volta.
Voltar cheio de mágoas, derrotado, é pena.
Mesmo um só mês, no mar ensimesmado, longe
da mulher, sobre a nau multirreme, qualquer
um se aflige, se o fusco inverno açula o pélago.
Quanto a nós, nove vezes o ano revolveu,
e eis-nos aqui retidos. Não culpo os Aqueus
quando se afligem junto às naus curvilíneas.
Que vexame, porém, partir de mãos vazias
depois de tanto tempo! Amigos, com paciência,
aguardemos se solva a predição de Calcas:
correta ou não, na mente todos a retemos,
testemunhas são todos que as Parcas pouparam.
Ontem, ou anteontem, nossas naus em Áulida,
portadoras de males para Troia e Príamo,
reuniam-se. Nós em torno de uma fonte,
hecatombes perfeitas sobre altares santos
votávamos aos deuses. Sob um belo plátano,
lá donde vinha a fonte límpida, um dragão,
dorso vermelho-sangue apareceu, sinal
espaventoso, exposto à luz por Zeus olímpico.
Lá, por detrás do altar, se alteia e salta ao plátano.

Filhotes de pardal tiritam sob as folhas:
oito, mais a mãe, nove, que engendrara a todos.
Lá o dragão os devora, alheio a suas queixas,
enquanto a mãe, circum-voando, os deplorava.
Pela asa a colheu, de um só bote, a serpente.
Devorados assim os filhotes e a mãe,
um signo memorável fez o deus do drago:
pedra, em pedra o tornou, Zeus de mente sinuosa.
E nós admirando imóveis esse feito.
Deuses a suscitar monstros nas hecatombes!
Calcas profetizou, áugure do divino:
‘Emudecer, por que Aqueus, longos-cabelos?
Zeus astuto nos manda um megamonstro, signo
de um evento tardio, tardo no perfazer-se
na glória imorredouro. O drago devorou
oito filhotes, nove mortes mais a mãe
que os engendrou, assim também por um novênio
lutaremos. Porém, completado o decênio,
há de ser dos Aqueus Troia de-belas-ruas.’
O áugure falou, tudo parece conforme.
Aqui fiquemos, pois, Aqueus de-belas-cnêmides,
até que Troia caia”. Em grandes gritos rompem
os Gregos (e ao redor as naves retumbaram)
aplaudindo Odisseu que falara, o divino.
Então Néstor se ergueu, doma-corcéis gerênio:
“Ó deuses! Falais feito meninos! De guerra,
ingênuos, pareceis nada saber. Os pactos,
as promessas juradas, aonde irão parar?
Ao fogo as decisões, os desígnios dos homens,
as libações sem mescla, os apertos de mão!
Eis-nos aqui, brigando com palavras, sem
saber, depois de tanto tempo, que medidas
tomar. Mas tu, Atreide, sempre decidido,
guia os Aqueus à dura luta e que se danem
aqueles - um ou dois - que nutrem o projeto
(jamais terão sucesso!) de voltar a Argos,
sem antes comprovar se é falsa ou verdadeira
a promessa do deus-que-porta-o-escudo, Zeus.
Pois agora vos digo, o plenipoderoso
filho de Cronos, Zeus, deu um sinal de sim,
quando - morte e má sorte a Troia transportando -
subíamos às naves rápido-singrantes:
relâmpagos à destra, luz de bom-agouro!
Ninguém pense em retorno, antes de ter na cama
a mulher de um Troiano, o rapto e o amargor

de Helena assim vingando. Mas se alguém insiste,
obsesso de retorno, então suba ao convés
da nave escura: a morte o alcançará, primeiro.
E tu, medita bem, príncipe, e os bons conselhos
de outro sabe escutar. Os meus, não os rejeites.
Por tribo e por família os homens, Agamêmnon,
dividirás. Que a tribo à tribo ajude, como
a família à família. Isso feito e seguindo-te
os Gregos, saberás que chefes, que guerreiros
vacilam, quais são bravos, cada um por si
lutando. Saberás se é o mal-querer dos deuses,
ou a moleza inútil de homens que te tolhe".
O supremo Agamêmnon respondeu, dizendo:
"Ancião, no discursar, superas sempre os Gregos.
Que me dessem Zeus Pai, Apolo e a deusa Atena,
iguais, dez conselheiros entre o povo aqueu!
De pronto cairia a cidade de Príamo
em nossas mãos, pilhada, rasa, arruinada.
Mas o filho de Cronos, Zeus, que-porta-o-escudo,
afligiu-me com vãs querelas e contendas.
Aquiles e eu, de fato, os dois enraivecidos,
por uma escrava mutuamente nos ferimos.
Eu comecei. Porém se todos nos unirmos,
Troia nem por um átimo terá descanso.
A comer, pois! Depois, ao deus da guerra, a Ares!
Bem aguçada a lança, bem cingido o escudo,
bem nutridos os rápidos corcéis, os carros
bem vistos e revistos para dar combate
sob o lutuoso arbítrio de Ares, todo um dia.
Nem pausa, nem descanso, um instante que seja,
até que a noite aplaque o ardor dos combatentes.
Suor no talabarte atado ao escudo côncavo,
que o tórax protege ao exausto lanceiro;
suor no corcel preso ao carro que rebrilha.
E aquele que eu surpreenda longe do combate,
querendo resguardar-se juntoàs naves curvas,
este não fugirá dos cães e dos abutres".
Falou. E o clamoroso brado dos Aqueus
como onda reboou, que bate em alto escolho,
quando, no promontório, sopra o Noto, ali
onde, ao sabor dos ventos, sempre o mar ressoa.
Levantando-se, correm para as naus, dispersos.
Nas tendas esfumaça o fogo da comida.
Este roga a um deus; a outro aquele, aos sempiternos,
todos, temendo a morte e a Ares, sacrificam.

Agamêmnon também, o rei, faz oferenda:
um touro de cinco anos, gordo, a Zeus potente.
Convida ao sacrifício os Panaqueus, os velhos
chefes de toda a Grécia. Desde logo Néstor,
o rei Idomeneu, os Ájazes, o filho
de Tideu. Odisseu, na argúcia par de Zeus,
o sexto. Menelau, brado-estentóreo, veio
por conta própria, vendo o irmão atribulado.
Rodeando o boi, nas mãos levam sacra farinha;
Agamêmnon, o rei, no meio deles, roga:
"Grande Zeus, todo-glória, nuviescuro, pai
etéreo, que o sol não se ponha, as turvas trevas
parem, até que eu tenha posto abaixo o paço
do rei Príamo e ateado fogo a seus portais,
rasgado com o bronze a couraça de Héctor
e arrojado à poeira muitos dos seus homens,
cara no chão, de bruços, mastigando terra".
Falou. Mas Zeus não o atendeu de pronto. Aceito
o sacrifício, novas penas reservou-lhes.
Então, depois de orar e de espalhar farinha,
destroncam e degolam bois, esfolam touros,
coxas cortam e apartam, cobrem-nas de graxa -
dupla camada - e lançam talhos crus por cima.
Em lenha desfolhada vão queimando as carnes;
suspendem sobre o fogo de Hefestos as vísceras
e as tostam. Mordem coxas, provam dessas vísceras.
O que resta retalham, enfiam no espeto,
assam peritamente e vão tirando os nacos.
Trabalho concluído, está pronto o banquete:
banqueteiam-se então, cada qual a seu gosto.
Do comer, do beber, saciada enfim a gana,
Néstor, doma-corcéis, gerênio, a todos fala:
"Glorioso Atreide, rei dos homens, Agamêmnon,
chega de discussão e basta de delongas,
é hora de cumprir o que um deus nos comete.
Que aos Aqueus, brônzea-veste, os arautos convoquem,
voz heráldea, reunindo o povo junto às naus.
E nós, ao vasto exército corramos juntos,
espertando, o mais pronto, Ares e seus ardores".
Falou. E obedeceu-o Agamêmnon, rei.
Pronto manda os arautos timbre-ressonantes
chamar, com voz heráldea, os Aqueus para a guerra;
os-de-longos-cabelos, rápido, se ajuntam.
Da progênie de Zeus, os reis postam-se em torno
do Atreide, organizando as tropas. Em seu meio,

Atena, olhos-azuis, portadora do escudo
imperecível, sempre-eterno, do qual pende
um centro de torçais de ouro maciço (vale
cada qual cem bois). Fúlgida, lança-se aos Gregos,
incita-lhes a marcha, excita o coração
dos homens à refrega, ao combate sem trégua.
A guerra então parece um amavio mais doce
do que voltar à pátria em côncavos navios.
Como o fogo voraz devora uma floresta
imensa, incendiando o pico da montanha
e as labaredas, longe, vão resplandecendo,
assim, circum-brilhando, vai, divino-brônzeo,
pelo ar, subindo aos céus, o fulgor dos que avançam.
Como aos bandos, revoando, gansos, grous ou cisnes-
-pescoço-longo, no Ásio, onde o Caístro corre,
pousam, aqui e ali, espanejando as asas,
aos gritos, que no campo, agudos, repercutem,
assim, aos bandos, fora das tendas e naus,
sobre o plaino escamândrio as tropas se espalhavam
e o solo sob os pés de corcéis e de homens
atroava. Como folhas e flores às margens
primaveris do rio detinham-se, aos milhares.
Moscas aos bandos, na estação florida, acodem
ao redil do pastor, voejando, quando o leite
corre nas talhas. Os Aqueus, longos-cabelos,
no plaino assim se aprestam a destruir Troianos.
Como os cabreiros sabem separar de pronto
as cabras do rebanho mescladas no pasto,
assim, lá e acolá, os comandantes iam
organizando os batalhões para levá-los
ao combate. Nos olhos e no rosto símile
do-amador-de-relâmpagos, Zeus, Agamêmnon,
em meio deles, quase Posêidon no peito,
quase Ares na cintura. Como no rebanho
o touro aos bois supera e domina as novilhas,
Zeus, esse dia, alçou o Atreide sobre todos,
acima dos inúmeros heróis, mais alto.
Ó Musas, me dizei, moradoras do Olimpo,
divinas, todo-presentes, todo-sapientes
(nós, nada mais sabendo, só a fama ouvimos),
quais eram, hegemônicos, guiando os Dânaos,
os príncipes e os chefes. O total de nomes
da multidão, nem tendo dez bocas, dez línguas,
voz inquebrável, peito brônzeo, eu saberia
dizer, se as Musas, filhas de Zeus porta-escudo,

olímpicas, não derem à memória ajuda,
renomeando-me os nomes. Só direi o número
das naves e os navarcas que assediaram Troia.
Pemeleu, Protoénor, Lito, Arcesilau,
mais Clônio iam à testa dos Beócios, de Áulide
pétrea, de Híria, de Esqueno, Escolo e de Eteono
milmontanhosa, Téspio, Graia, Micalesso
vasta em planícies; de Harma, de Iléssio, de Eritras;
os de Eleona, Peteona, Hila, de Ocaleia,
Medeona, bem-construída, Tisbe, columbário
riquíssimo, e os de Eutréssio, de Copas, e os vindos
de Coroneia e de Haliarto verdejante,
e os de Plateia e Glissa, os de Hipotebas, pólis
bem-construída, os de Onquesto veneranda, bosque
de Posêidon, esplêndido, e os de Arna, riquíssima
em pâmpanos, de Nisa divina e Mideia,
e os de Antédon, extremo ponto na fronteira.
Cento e cinquenta naves da Beócia, e nelas,
em cada barco, cento e vinte homens de guerra.
Os nativos de Asplédon, de Orcômeno, Mínias,
Ascálafos e Iálmeno comandam, filhos
de Astíoque com Ares (o deus alcançara
a virgem casta no alto do palácio de Áctor,
o Azeide, onde às ocultas no leito a possuíra;
esses, em fila, enchiam trinta naves côncavas.
Aos da Fócia, os dois filhos de Ífito, longânime,
comandavam, Epístrofo e Esquédio, ambos netos
de Náubolo. Da pétrea Píton, da divina
Crisa, de Ciparisso, Panopeia, Dáulide,
vinham; outros, de Hiâmpolis e de Anemória,
ou das margens do rio Cefisso, ou de Lilaia,
do nascedouro desse rio divino. Negras,
quarenta naus da Fócia, a comando dos chefes,
dispostas em fileira, à esquerda, não distantes
dos navios da Beócia, preparando as armas.
Ájax veloz, filho de Oileu, guiava os Lócrios
(de pequena estatura, bem menor do que Ájax
Telamônio; contudo, em couraça de linho,
excedia na lança Aqueus e Panelenos).
Vinham de Cino, Opoenta e Calíaro; vinham
da aprazível Augeia, de Bessa, de Escarfe,
de Tarfe e Trônio, junto às correntes do Boágrio.
Quarenta navios negros dos Lócrios, de além-
Eubeia, a santa. Desta, os Abantes, alento
colérico, de Cálcide e Erétria, de Istieia,

rica em pâmpanos, beira-marinha Cerinto
ou de Dio, cidadela altiva. De Caristo
e Estira ainda acorreram tropas, a comando
de Elefénor, rebento de Ares, Calcodôncio,
capitão dos Abantes, de ânimo ardoroso,
dos Abantes, velozes, crina intonsa à nuca,
longas lanças de freixo, ávidos de entrar
em combate e romper couraças inimigas.
Eram quarenta naus, escuras, avançando.
Os guerreiros de Atenas, cidadela esplêndida,
povo de Erecteu, grande-coração, nascido
da Terra fértil, criado por Atena, filha
de Zeus, que o educou em seu templo em Atenas,
grasso de ofertas, pois os jovens, propiciando-a,
bois e ovelhas lhe dão a cada giro de ano.
Menesteu os chefiava, o filho de Peteu,
dentre os sobreterrestres, ninguém semelhante
no dispor carros e homens portando broquéis
(exceto Néstor sábio, mais idoso que ele).
Cinquenta naus escuras seguiam seu mando.
Ájax, de Salamina, trazia onze naves:
posicionam-se junto às falanges de Atenas.
Os habitantes de Argos, da fortificada
Tirintos, os de Hermíone e Asina, rente ao golfo
abísmeo, os de Trezena, Eione e de Epidauro,
viticultora, os jovens Aqueus de Maseta
e Egina, por Diomedes, de voz estentórea
chefiados, acudiam, e também por Estênolo,
filho de Capaneu, ilustre; similar
divino, completava a triarquia Euríalo,
filho de Mecisteu Talaiônida. Sobre
todos (oitenta naus), Diomedes, voz altíssona.
Os de Micenas, bem-construída cidadela;
de Corinto opulenta; de Cleona, primor-
-de-cidade; os da amena Aretira, os de Ornias,
a gente de Sicíone, aonde, no princípio,
reinou Adrasto; os povos de Hiperésia, de
Gonoessa, altas escarpas, de Pelene e Egio,
de Egíalo e de Hélice, extensa, seguiam,
todos eles, o Atreide, Agamêmnon, o rei
poderoso, navarca à testa de cem naus,
e dos melhores, mais numerosos guerreiros.
Ele, brônzeo-brilhante, se gloriava em meio
aos heróis, em valor e tropas superior.
os de Lacedemônia, côncavo-profunda,

da Fáride, de Esparta, de Messa, riquíssimo
columbário, os que vinham de Augias aprazível,
de Brisias, de Amiclas, de Helos, cidadela
sobre o mar, os de laia e os de ao redor de Etilo,
a todos comandava o irmão, voz-estentórea,
Menelau, perfazendo sessenta navios
à parte armados. Ele, açulando os guerreiros,
ia, no coração vigoroso confiado,
sequioso de vingar o enleio e a dor de Helena.
Contingentes de Arena, amável, Pilo, Trio
- vau do Alfeu -; Anfigênia, Helos, Ciparessenta,
Teleu, Épi, de Dório, onde as Musas, saindo
ao encontro do trácio Tamíris, ao canto
dão-lhe termo (de Eucália, do palácio de Êurito,
ele voltava, ufano, desafiando as filhas
do porta-escudo, Zeus, dizendo ultrapassá-las;
coléricas, as Musas o cegam; do canto
divino o destituem e da arte da cítara).
Hegemônico, sobre eles todos, o doma-
-corcéis gerênio, Néstor, com noventa naus
côncavas. Aos de Arcádia, no sopé do monte
Cileno, junto ao túmulo de Epítio, homens
aguerridos; de Orcômeno dos-mil-carneiros;
de Feneu, de Estratia e Ripa, da ventosa
Enispa; de Tegeia e Mantineia amável,
de Estínfalo e Parrásio; com sessenta naus,
a todos comandava Agapénor, o Anceide,
homens arcádios, hábeis na arte de guerrear,
numerosos. O Atreide, Agamêmnon, lhes dera
para a travessia, ele próprio, naus de bons
remeiros, ao oceano cor-de-vinho afeitos,
já que em coisas do mar era gente inexperta.
Os povos de Buprásio, de Élide, a divina,
desde Hirmine até Mírsino extrema, circum-
-fechados por Alísio e pela rocha Olênia,
acodem, conduzidos por tetrarcas. Rápidas
naus de Epeios, dez para cada comandante.
A um esquadrão chefiavam dois, Tálpis e Anfímaco,
um deles filho de Êurito, filho de Ctéato
o segundo, da estirpe de Áctor ambos. Diores,
o bravo Amarinceide e Políxeno, símile
a um deus, filho de Agástenes, de estirpe augeia,
comandavam os outros, cada qual um grupo.
De Dulíquio e de Equínades, ilhas sagradas,
longínquas, confinando com Élide,vinham

os guerreiros de Meges, par de Ares e filho
de Fileu, caro a Zeus e bom ginete, o qual,
irado com o pai, se acolhera em Dulíquio.
Total, quarenta naves. Então, Odisseu
guiando os Cefalênios animosos, de Ítaca,
de Nérito frondoso, Crocileia, Egílipa
íngreme, de Zacinto e Samos, os de terra
firme e os mais, fronteiriços. Doze naus vermelho-
-mínio, sob Odisseu, par de Zeus em argúcia.
Toante, filho de Andrêmone, guiava os Etólios,
habitantes de Olenos, Pilene e Pleurona,
da Calidona pétrea, da beira-marina
Cálcide. Morto Eneu longânime e os dois filhos;
morto Meleagro, loiro capitão, só Toante
comandava os Etólios, chefe soberano.
Quarenta naves negras seguiam suas ordens.
Idomeneu, lanceiro ilustre, liderava,
hegemônico, os homens de Creta, os que vinham
de Cnossos, de Gortina, bem-fortificada,
de Licto e de Mileto, de Licasto - alvura
deslumbrante -, de Festo e Rítio bem-povoadas,
e das mais regiões de Creta, cem-cidades.
Idomeneu, lanceiro ilustre, à testa deles,
e Meríones, par de Ares, divino homicida.
Os dois, oitenta naves negras comandavam.
Tlepólemo Heracleide, um mega-herói, de Rodes
conduz nove navios de Ródios bravos, tribos
tripartidas: Ialiso, Lindo, Camiro alvi-
-deslumbrante. Tlepólemo, lanceiro ilustre,
as três regia. Da força de Hércules nascido,
filho de Astioqueia, a quem o herói, das margens
do Seleente, de Éfira, após vencer muitas
cidades e varões de Zeus, por fim raptara.
No palácio paterno - solar bem-construído -,
Tlepólemo acabou matando o tio do pai,
tio-materno, querido, Licímnio, já idoso,
rebento de Ares. Logo, uma esquadra equipou
e com seus homens fez-se ao mar, fugindo assim
dos mais filhos da força hercúlea, incluindo os netos.
Errante, amargurado, deparou com Rodes.
Tripartidos em tribos, na ilha se fixaram,
por Zeus favorecidos, o senhor dos deuses
e dos homens, que de ouro os irrigou, propício.
Nireu de Sine trouxe três navios iguais;
Nireu, filho de Aglaia e de Cáropo, rei;

Nireu, o Aqueu mais belo dos que a Ílion vieram
(apenas o Peleide, imáculo, o supera).
Pusilânime, poucos homens o seguiam.
Os de Nisiro, Crápato e Caso, os de Cós,
de Eurípilo, das lindas ínsulas Calidnas,
os dois, Fídipo e Ântifo, filhos de Téssalo
Heracleide, chefiam. Trinta naves bicurvas
navegam, a comando dos dois. Por seu turno,
os habitantes de Argos Pelasga, de Alope
e de Alo, de Trequina, Ftia e da cidade
de esplêndidas mulheres, Hélade, esses povos,
chamados Mirmidões, Helenos ou Aqueus,
Aquiles os guiava, com cinquenta naus.
Mas da horríssona guerra deslembrados, eles
não tinham capitão que os liderasse. Aquiles
divino, pés-velozes, aos navios volvera,
irado por Briseida, belas-tranças. Muita
fadiga lhe custara trazê-la cativa
de Lirnesso, que o herói, com Tebas emurada,
saqueara, derrotando hábeis lanceiros - filhos
de Eveno Selepíade -, Mínete e Epístrofo.
Agora está dorido. Logo se erguerá.
Os que vinham de Fílace e da flórea Píraso,
cara a Deméter, os de Itone, mãe-de-ovelhas,
de Ptéleo, verdes várzeas, de Antrona-ao-mar, guiava-o
Protesilau, enquanto vivo; sob a terra
escura agora jaz. Em Fílace a mulher
no solar meio-erguido, deixou, toda em prantos.
Um Dardânio o matou, quando da nau saltava,
primeiro dos Aqueus. As tropas o lamentam,
sem que acéfalas restem. Podarces, de estirpe
de Ares, os encabeça, filho do riquíssimo
Íficlo, mil-ovelhas, Filácida, irmão
mais moço do magnânimo Protesilau.
Este, embora mais velho, avantajava o irmão
caçula no valor. Por isso o lamentavam.
Quarenta naus escuras sob seu comando.
Os que vinham de Feras, junto ao lago Bébide,
de Gláfira, de Iacolco bem-construída e Beba,
traziam onze naus, sob o mando de Eumelo,
filho amado de Admeto. Alceste o concebera,
filha de Pélias, bela entre as belas, divina
entre as mulheres. Sete navios iam seguindo
a gente da Taumácia, de Olizona pétrea,
Metone e Melibeia. Filoctetes, no arco

exímio, os comandava, cinquenta remeiros
por navios, ótimos arqueiros, bons de guerra.
Os Aqueus o largaram em Lemnos, divina
ilha, sofrendo cruas dores, ulcerado
por hidra má, frenético-assassina. Ali
jazia padecendo, aflito. Mas em breve
reunidos frente às naus, os Aqueus haveriam
de recordar o rei ferido, Filoctetes.
Por ele lamentavam os guerreiros. Não
que lhes faltasse chefe, mas ainda assim.
Medonte os liderava, bastardo de Oileu,
arrasa-urbes (Rena, a mãe que o concebera).
Os de Trica e de Itome, altas rochas, vindos;
os de Ecália, domínio de Êurito Ecaliano,
os dois filhos de Asclépio, médicos exímios,
Macáone e Podalírio comandavam, trinta
navios côncavos, prontos, postos em fileiras.
Os de Ormênia, de Astéria, os da fonte Hipereia,
os de Titânio, brancos píncaros, que todos
Eurípilo os conduz, filho ilustre de Evémone.
Trazem, junto com eles, trinta naus escuras.
Os que vinham de Argissa e Girtone, da branca
Oloossona, de Orta, e Elona, no comando
os guiava Polipetes, bom-de-guerra, filho
de Pirítoo, que Zeus, eterno, engendrara
(Hipodâmia o gerou, de Pirítoo, no dia
mesmo em que, reprimindo os Centauros hirsutos,
o herói os rechaçou, de Pélio para a Etícia).
Não estava só, Leonteu, rebento de Ares, filho
de Coronus Ceneida, ânimo ardoroso,
condividia o mando. Quarenta naus negras.
Guneu de Cipos,vinte e duas naus, Eniênios
e aguerridos Perébios comandava: povos
da frígido-hibernosa região de Dodona,
das lavras do aprazível Titareso, flúmen
que leva ao rio Peneu, prata voraginosa,
águas de manso fluir, sem misturá-las, pois
sobrenadam, qual óleo; do ínfero Estige
manam, do rio da jura, ao perjurar aziago.
O filho de Tentrédone, Prótoo, conduz
os Magnetas, de Pélio, frondes farfalhantes,
e os do Peneio à borda. Quarenta naus negras
seguem o capitão, o agilíssimo Prótoo.
Eis os chefes e os reis, aos Dânaos hegemônicos.
Musa, dize-me agora qual o mais intrépido

dos guerreiros do Atreide, qual corcel mais forte?
Dentre os corcéis, as éguas de Eumelo de Feres,
ambas se destacavam. Pássaros, tão lépidos
os pés, o pelo igual, a mesma idade as duas,
o mesmo porte. Apolo, arco-argênteo, na Piéria,
as nutrira, duas fêmeas, e fogosas de Ares.
Ájax Telamônio era o mais bravo entres os bravos,
enquanto o Aquileu vai remoendo a ira;
este a todos excede, imáculo, senhor
dos melhores corcéis, mas resta junto às naus
recurvo-singradoras, iracundo contra
Agamêmnon, o rei. Seus homens jogam discos,
se exercitam na lança e no arco pela praia.
Os cavalos, parados junto aos carros, pastam
aipo palustre e lótus. Nas tendas, cobertos,
inativos, os carros dos chefes esperam;
estes, o réu ausente deplorando, de Ares
dileto, erram, se cruzam, fora do combate.
Os outros avançavam como se um incêndio,
crônico, voraz, lavrasse pelo plaino
rechinante; assim Zeus, amador-de-relâmpagos,
em Arimos, vergasta o chão onde Tifeu
(dizem) dorme; rebrame a terra toda e toda
estruge, sob os pés em marcha acelerada.
Íris, anjo-de-Zeus, alados pés-de-brisa,
Vem ao Troianos com anúncio lutuoso. Esses
deliberavam sob o pórtico de Príamo.
Posta-se junto deles Íris, pés-ligeiros,
imitando na voz Polites Priameida,
atalaia de Troia, rápido nos pés,
que se guindava ao túmulo do velho Esíetes,
e, alerta na cumieira, espreitava os Aqueus,
para dar sinal quando saíssem das naves.
Símile dele, Íris, pés-ligeiros, diz:
“Ancião, sempre te aprouve a logorreia; agora,
no entanto, foi-se a paz, os tempos são de guerra
inevitável. Muitas vezes presenciei
prélios humanos. Nunca, porém, tropas tais
e tantas tinha visto antes. Como grãos
de areia, ou folhas, marcham de encontro à cidade.
Héctor, a ti agora recomendo, à parte:
A cidade de Príamo, o grande, concorrem
muitos aliados, muitas línguas se entre-escutam.
Que cada capitão comande os do seu povo,
ordenando em fileiras os seus compatriotas”.

Assim falou a deusa. Héctor reconheceu-a.
Dissolveu a assembleia. Às armas todos correm.
Abrem-se as portas, gente se atropela, infantes
e cavaleiros. Tudo estruge e tumultua.
Uma colina diante da cidade se ergue,
isolada no plaino, acessível por um
e outro lado; é Batieia, assim denominada
pelos terráqueos, chamam-na os imortais tumba
de Mirina, a-que-salta. Os Troianos aí
se postam, e os aliados. Héctor os lidera,
altivo Priâmida, o elmo em crista coruscando;
são muitos, os melhores, lanças belicosas.
Aos Dardânios, Eneias, filho do valente
Anquises e da deusa Afrodite, guiava.
(Em Ida, montanhosa, a deusa se deixara
possuir por um mortal). Não estava sozinho
no comando: os dois filhos de Antenor, Arquéloco
e Acamante, prestantes em combate, o ajudam.
Os dos extremos de Ida, opulentos Troianos
de Zeleia, que bebem da corrente fria
de Esepo, águas-escuras, Pândaro os comanda,
filho de Licaon (Pândaro recebera
o arco das mãos de Apolo, Febo). Os procedentes
de Pitieia, de Adresta, Apeso ou Téria agreste,
Adrasto e Ânfio (linho na couraça) guiam.
Filhos ambos de Méropo Percócio, o áugure
mais que todos famoso. O pai os prevenira
contra a guerra má. Surdos, a Moira à trevosa
morte os leva. Os de beira-Práctio e os de Percote,
Sesto, Abido e de Arisba divina, seguiam
Asio Hirtácida, príncipe deles e filho
de Hírtaco; das margens do rio Seleente,
de Arisba, corcéis cor-de-fogo o conduziam.
Aos Pelasgos, lanceiros fogosos, Hipótoo
comandava, da ubérrima Larissa oriundos.
Pileu condividia o manto, raça de Ares.
Ambos filhos de Leto, Teutâmida. Acamas
e Piroo, heroico, iam no comando
dos guerreiros da Trácia, povo do Helesponto,
rápido-fluente. Os Cícones, hábeis-na-lança,
secundavam seu chefe, Eufemo, que era neto
de Céas, caro a Zeus, e filho de Trezênio.
De Amídone, Piracme conduz os Peônios,
arcos-recurvos, do Áxio amplifluente, do Áxio,
lindas-águas. Pilêmenes, coração híspido,

guiava os Paflagônios, de Ênetos, riquíssima
em selváticos muares; povoaram Cítoro,
os dois lados do Sésamo e ambas as margens
do Partênio em magníficas mansões, e Cromna,
Egíalo e o cimeiro torrão Eritino.
Os Halizones vinham de longe, de Alibe
geradora-da-prata, por Odio e Epístrofo
conduzidos. Os Mísios, por Crômis e o arúspice
Enomo. Seu renome não o protegeu
da Moira negra: pés-velozes, assaltou-o
no rio onde a tantíssimos matara, o Eácida.
Fórcis e Ascânio, os Frígios da Ascânia longínqua
guiavam, do combate e do embate sequiosos.
Ântifo e Mestle os Meônios, do sopé do Tmolo,
traziam, Telemênios ambos (a laguna
Gigeia os dera à luz). Nastes os Cários, língua-
-bárbara, de Mileto e Ftiro, folhidensa,
das torrentes do Meandro e do monte Micale,
píncaros-altaneiros, - Nastes guiava os Cários.
Com ele o irmão Anfímaco, ambos distinguidos
filhos de Nómion. Este último marchava
com adereços de ouro, coisa de mulher
tola. Não escapou à morte ruinosa.
Aquiles belicoso o abate e o priva do ouro.
Sarpédone trazia os Lícios (Glauco imáculo
a seu lado), dos vórtices de Xanto, longe.

Canto III
Mákhe: o duelo Páris-Menelau

Dispostas as fileiras, sob a hegemonia
dos capitães de cada parte, já os Troianos
investem, estridente alarido de pássaros;
assim gritam os grous, sob o céu, à espantosa
tempestade invernal fugindo, sobre o Oceano
irruente, a morte e a Moira levando aos Pigmeus,
pois do alto do ar lhes movem guerra lutulenta.
Silentes os Aqueus, por sua vez. Respiram
ira, no furor uns aos outros respaldando.
Como Noto de névoa espessa coifa o cume
das montanhas, infenso ao pastor, aos ladrões
mais que a noite propício (não se enxerga um tiro
de pedra adiante), um vórtice de pó se eleva
dos pés que em marcha rápida transpõem o plaino.
Assim que os dois exércitos se defrontaram,
eis Páris Alexandro, à testa dos Troianos.
Diviniforme, à espádua a pele de um leopardo,
portando o arco recurvo, a espada e mais duas lanças
pontiaguçadas, brônzeas, chamava os mais bravos
Aqueus a se medir com ele, cara a cara.
Quando o dileto-de-Ares, Menelau, o viu
avançando passadas largas, na dianteira,
se alegrou como um leão que afronta presa grande
- um caprino selvagem, um cervo de galhos -
e faminto a devora, ainda quando ao encalço
lhe venham cães e jovens ávidos de caça.
Assim rejubilou Menelau, com seus olhos
vendo o diviniforme Páris, o culpado
a punir. Saltou perto do carro, armas prontas.
Foi só vê-lo assomar, e o coração de Páris
deiforme, conturbou-se. Então, fugindo à Moira,
recuou, junto às fileiras troicas se alojando.
Como quem se depara com uma serpente
nos convales do monte, e salta para trás
medroso, rosto pálido, Páris, deiforme,
por entre os bravos Troicos barafusta, pávido,
apavorado diante do filho de Atreu.
Héctor o interpelou, com palavras de insulto:
“Ó mal-parido Páris, belo só nas formas,
mulherengo, impostor! Não-nascido, sem-bodas
- penso - melhor seria, que servires de opróbio (sic. N. do R.)

e vexame perante os olhos de nós todos.
Hão de estar gargalhando os Gregos com seus longos
cabelos. Persuadiam-se eles de que eras belo
na forma, bom de guerra; és frouxo, pusilânime.
Como pudeste então, transnavegando o mar
com singradoras naus, reunir fiéis seguidores,
e a estranhos misturado, de uma terra estranha
arrebatar a esposa de um guerreiro altivo,
esplêndida mulher, que porta um mal imenso
a teu pai, a teu povo, à pátria, e a ti vergonha
(aos inimigos, glória). Ao minaz Menelau,
dileto-de-Ares, foges? É pena, irias ver
de quem roubaste a esposa em flor. Não valeriam
o favor de Afrodite, tuas formas, tua cítara,
teus cabelos, no pó. Não fossem timoratos
os Troicos, e já em túnica de pedra posto
purgarias teus danos”. Páris, o deiforme,
respondeu-lhe: “Mereço tuas justas censuras,
Héctor, coração firme feito acha-de-ferro
que fere o lenho, ao pulso aumentando o vigor,
talhando naus. No tórax, te animando, tens
espírito indomável. Pelos dons amáveis
da áurea Afrodite, não me inculpes. Não se devem
rejeitar os dons dados por deuses. Somente
deles dependem, não se obtêm por gosto próprio.
Agora se pretendes que eu na luta o enfrente,
faze que à parte sentem Gregos e Troianos;
em meio à liça, apenas Menelau, dileto-
-de-Ares, e eu, por Helena lutemos e seus
tesouros: que o melhor dos dois vença e, supremo,
leve os tesouros e a mulher como troféu.
Sagrando um pacto em sangue de oferendas, Troicos
e Aqueus, apaziguados, voltem então; uns
à Troia fértil, outros para Argos, nutriz-
-de-cavalos, à Acaia, de lindas mulheres”.
Falou. Héctor, radiante, moderando a lança,
faz parar os Troianos. Os Aqueus, cabelos-
-longos, contudo, vão atirando contra ele
flechas, pedras. Então, Agamêmnon, o rei,
aos gritos os detém: “Não dispareis, Aqueus,
guerreiros gregos. Héctor, elmo-rebrilhante,
tem algo a nos dizer”. Falou. Todos pararam.
Fez-se um fundo silêncio pressuroso. O Priâmeo,
entre ambos os exércitos, ergueu a voz:
“Escutai-me, Troianos e Aqueus, belas-cnêmides;

falo em nome de Páris, móvel desta lide.
Roga a todos depor as armas reluzentes
sobre o chão multifértil. Que ele e Menelau,
dileto-de-Ares, sós, na liça, travem luta
por Helena e o tesouro esponsalício. Quem,
melhor dos dois, vencer, que leve para os lares
a mulher e seus bens, prêmio à supremacia.
Os outros firmarão, sagrado em sangue, um pacto
de paz". Falou. E todos calam, taciturnos.
Agora Menelau, voz estentórea, em meio
deles, diz: "A mim, antes de todos, algoz
do coração, a dor tem afligido. Ouvi-me.
Penso que Aqueus e Troicos devem apartar-se
em paz. Por mim e Páris já demais sofreram.
Que de nós dois aquele a quem a morte e a Moira
marcarem, morra. Vós outros apaziguai-vos
pronto. Trazei dois anhos, um retinto, e o outro
branco; para Geia-Terra, um e para Hélios, outro;
nós, para Zeus, mais outro. Ao pacto santo Príamo
presida (não me fio na filáucia dos filhos).
Ninguém perjure a Zeus e à jura, sacra em sangue.
A mente dos hoplitas, jovens, é volúvel;
mas a do ancião, olhando o vindouro e o que foi,
procura o melhor, para ambos os dois partidos".
Falou. Troianos, Gregos, todos se alegraram,
vendo o esperado fim da guerra deplorável.
Enfileiram os carros e os corcéis. Apeiam.
Despojam-se das armas e as deixam no solo.
Um trato só, de terra, aparta ambas as tropas.
Héctor à pólis manda presto dois arautos,
a buscar os cordeiros e a falar com Príamo.
A Taltíbio, Agamêmnon, por seu turno, envia
às naus côncavas, para trazer o cordeiro
prometido. Este cumpre as ordens do divino.
Íris então vem, deusa-núncia, a Helena, braços-
-brancos, à escultural cunhada símil, Laódice,
esposa de Helicáone Antenoreide e filha
de Príamo, rei. Encontra-a, absorta, no palácio.
Tecia uma urdidura, cor de pórfiro, ampla,
dupla trama. Bordava nela os muitos prélios
que os doma-corcéis Troicos e os Aqueus de veste
brônzea, à discrição de Ares por ela pugnavam.
A seu lado se pondo, disse Íris, pés-lépidos:
"Vem aqui, cara ninfa, ver a obra divina
dos Aqueus, vestibrônzeos, e dos Troicos, doma-

-cavalos, que antes uns aos outros combatiam
no plaino, à instigação de Ares, deus polilágrimo,
ávidos do alarido lutulento. Agora,
calados, guerra finda, lanças ao chão, só
aos escudos se apoiam. Menelau e Páris
pelejarão por ti com lanças longuiagudas.
Do vencedor serás, então, a esposa amada”.
A deusa, assim falando, na alma lhe incutiu
um dulçor de rever parentes, pátria, esposo.
Envolta em véus argênteos, sai com ternas lágrimas
do aposento nupcial. Duas fâmulas a seguem,
Climene, olhos-de-toura, e Etra, dita Piteia.
Encaminham-se as três em direção às portas
Ceias, onde ao redor de Príamo, rei, os velhos
Lampo, Timetes, Pantos, Clício e Hicetáone,
rebento-de-Ares, Antenor e Ucalegonte,
de sábia inspiração os dois, anciãos-do-povo
todos. No topo dessas portas se assentavam.
Veteranos, à guerra não mais se prestavam,
mas, hábeis no falar, semelhavam cigarras
nas árvores ciciando, suave som de lírio.
Assim, na torre, assentes, os chefes troianos.
Ao ver Helena ao topo dirigir seus passos,
uns aos outros disseram palavras aladas:
“Ninguém de nós se indigne se Troicos e Dânaos,
belas cnêmides, tantos (tanto tempo!) males
sofram por uma tal mulher! Diva imortal
assemelha, terrível de beleza! Volte,
não obstante, aos seus, poupando-nos da ruína!”
Assim falavam. Príamo, porém, para Helena
se dirigiu: “Querida filha, vem sentar
junto a mim, para ver teu esposo de outrora,
teus parentes e amigos (não te cabe culpa,
penso, do polilágrimo prélio que Aqueus
e Troicos travam; sim, aos deuses). Dize, agora,
o nome desse Aqueu que aos outros se avantaja,
mesmo aqueles que o excedam em altura. Não
vi outro assim tão belo e de tão nobre porte,
a ele similar. É um rei, tem de um rei figura”.
Divina-entre-as-mulheres, respondeu-lhe Helena:
“És para mim, querido sogro, venerável
e temível. A morte má, sorte propícia
- sinto - me seria, quando, com teu filho, aqui
cheguei, fugida, tálamo, irmãos, filha e amigas
queridas para trás largando. Não se deu.

Por isso choro. Mas darei resposta a quanto
me perguntas: aquele é Agamêmnon, ampli-
-potente, o Atreide, bom rei, lanceiro fortíssimo,
cunhado (se o foi) desta de olhos-de-cadela”.
Falou. Impressionando-se, Príamo exclamou:
“Ó Atreide, rei magnífico! Dileto à Moira,
dos céus bem-augurado, tantos Gregos tens
sob teu mando! Já estive outrora na Frígia,
rica em vinhedos, terra de corcéis velozes,
povos de Otreu e Mígdone, quase-divino.
Acampavam, então, às margens do Sangário.
Eu era aliado deles, quando sobrevieram
as Amazonas, másculas, adversas. Tantos
não eram como agora os Aqueus de olhos rútilos”.
Vendo então Odisseu, o velho rei pergunta:
“Cara filha, quem é esse outro em estatura
uma cabeça menos alto que Agamêmnon,
mas de peito mais largo, mais espadaúdo?
Largou as armas sobre a terra multifértil
e, percorrendo as linhas, vai como ovelheiro
antes, como um carneiro, pelo espesso, guia
que atravessa um rebanho de ovelhas argênteas.”
Helena então, por Zeus gerada, respondeu-lhe:
“Pois aquele é o Laertíade, herói multiastucioso,
Odisseu, que da rude ilha de Ítaca vem,
mas bom no dar conselhos, múltiplo em ardis”.
Ao ouvi-la, Antenor, mente-inspirada, fala:
“Mulher, dizes palavras verdadeiras, certo.
Entre nós Odisseu já esteve. Menelau,
dileto-de-Ares, vinha junto. A teu respeito
parlamentavam. Hóspedes em meu palácio,
eu recebi-os bem. De ambos pude estudar a índole
e a prudência. Ficando em pé, na ágora troica,
Menelau, ombros largos, se impunha. Sentados,
o divino Odisseu era o mais majestoso.
Quando urdiam discursos e expunham ideias,
Menelau era fluente e claro, mas conciso,
não sendo um homem multipalavroso, nem
dispersivo, e também por ser ele o mais moço.
Quando Odisseu, porém, multiardiloso, punha-se
de pé para falar, fixava o olhar no chão,
mantendo o cetro imóvel (nem para trás, nem
para diante o inclinava); parecia um rústico,
alguém desatinado ou fraco da cabeça.
Mas quando a voz do peito emitia, poderosa,

palavras como copos-de-neve no inverno,
ninguém, nenhum mortal o igualaria. Então,
esquecíamos todos seu primeiro aspecto”.
Pela terceira vez, à vista de Ájax, Príamo
indaga-lhe: “E este Aqueu quem é, que se avantaja
aos demais em nobreza de porte e estatura,
mais alto uma cabeça e larguíssimo de ombros?”
Divina-entre-as-mulheres, respondeu Helena,
longo-peplo: “Esse é Ájax, gigante, um prodígio,
baluarte dos Aqueus; Idomeneu vai do outro
lado, quase-divino, entre os Cretenses, cujos
principais vês à roda dele. Menelau
o hospedou - e mais de uma vez - em nossa casa.
Aos outros Aqueus, olhos-rútilos, seria
fácil dar-lhes os nomes, que eu bem os conheço.
Cástor, doma-corcéis, Pólux, bom-pugilista,
os gêmeos, meus irmãos, chefes-de-povos, não
os vejo. Não terão partido da aprazível
Lacedemônia? Nos navios, transnavegando,
até aqui chegaram, mas se recusaram
a combater, temendo o opróbrio que me cabe?”
Falou. (Mas, no entretempo, ambos jaziam na terra
nutriz-da-vida, lá mesmo na cara pátria,
no chão lacedemônico.) Agora, os arautos
através da cidade portam as ofertas
juradas aos celestes, dois anhos e um vinho
álacre, dom da terra, odre em pele caprina.
Ideu, o arauto, copas de ouro e refulgente
cratera nas mãos, fala, incitando o rei Príamo:
“Filho de Laomedonte, os melhores Troianos,
doma-corcéis, e os brônzeos Aqueus te convocam
à imolação das vítimas, antes que Páris
e Menelau se batam por Helena, armados
de lanças longas: a mulher e os bens cabendo
ao vencedor; os outros, pactários da jura
de paz, ou voltam para Troia, multifértil,
ou para Argos, nutriz-de-corcéis, para Acaia,
lindas-mulheres”. Príamo, o velho rei, fremindo
ao escutá-lo, ordena a seus palafreneiros
que lhe aprestem o carro. Sobe e toma as rédeas;
Antenor o acompanha na biga magnífica.
Os corcéis pelas Portas Ceias passam rápidos,
ganham a planura, entre os Aqueus e os Troianos.
Em meio às tropas, descem na terra fertílima.
Erguem-se incontinenti Agamêmnon, senhor-

-dos-homens, e Odisseu, multiarguto. Os arautos
ilustres vão reunindo as vítimas sagradas,
misturam na cratera vinho e vertem água
nas mãos dos basileus. O Atreide, retirando
o cutelo suspenso à bainha de sua longa
espada, tosa o pelo à cabeça das vítimas.
Por seu turno, os arautos distribuem os fios
desse velo aos melhores Troianos e Aqueus.
O Atreide, erguendo as mãos, implora, voz altíssona:
"Magniglorioso Zeus Pai, ó regedor do Ida,
e tu, omnividente, omniouvinte Hélios-Sol,
e vós, Rios e Geia-Terra, e vós dois, subterrâneos,
que castigais os mortos que às juras perjuram,
vinde testemunhar e guardar nosso pacto:
Se Páris Alexandro vencer Menelau,
que fique com Helena e todos seus tesouros;
às transnavegadoras naus, nós voltaremos;
se matar o Alexandro, Menelau, o louro,
que os Troicos nos devolvam Helena e seus bens,
e nos paguem também multa reparatória,
penhor para a memória dos homens vindouros.
Morto Páris, se acaso Príamo e os filhos não
se mostrarem dispostos a pagar a multa,
ficarei aqui mesmo, combatendo até
que a guerra tenha fim". Agamêmnon, dito isso,
com o bronze cruel degolou os cordeiros
e no solo os largou em convulsão agônica,
exânimes, que o brônzeo gume os desvigora.
Depois, vertido o vinho da cratera até
encher as copas, libam aos deuses eternos.
Todos então, Aqueus e Troianos, exclamam:
"Ó Zeus magniglorioso, imortal, ó demais
deuses, quantos, primeiro, à jura perjurarem,
que na terra, qual vinho, o encéfalo lhes vaze,
deles, dos filhos; que outros domem suas esposas".
Falaram. Zeus Croníade, porém, não lhes vale.
Então falou a todos Príamo, o rei dardânio:
"Escutai-me Troianos e Aqueus, belas-cnêmides:
Vou retirar-me a Ílion ventosa. Meus olhos
não suportarão ver Páris, filho querido,
combater Menelau, dileto-de-Ares. Zeus
somente e os demais deuses sempiternos sabem
qual, por destinação, dos dois o morituro".
Falou. E, mortal quase-divino, dispôs
os cordeiros no carro. Subiu, segurou

as rédeas. Antenor galga a biga magnífica
e posta-se a seu lado. Voltam os dois a Ílion.
Héctor, filho de Príamo, e o divino Odisseu
demarcaram primeiro a liça. A sorte então,
agitando uma gálea de bronze, tiraram,
para saber a qual deles tocaria por
primeiro arremessar o dardo bronziagudo.
Depois, Aqueus e Troicos oraram aos deuses:
"Magniglorioso Zeus Pai, ó regedor do Ida,
aquele, dentre duas facções, que os malefícios
da guerra trouxe, faze com que, sucumbindo,
desça à morada do Hades e a paz entre nós
outros paire, ao sagrado pacto fidedignos!"
Assim rogaram. Héctor, elmo-coruscante,
olhando para o lado, sacudiu a gálea
e a sorte saltou súbito em favor de Páris.
Os outros em fileiras se assentaram perto
dos corcéis-cascos-céleres e junto às armas.
Páris, senhor de Helena - cabelos-lindíssimos,
reveste-se da esplêndida armadura. As cnêmides,
primeiro, ajusta em torno às pernas com fivelas
de prata. Então enverga a couraça do irmão,
Licáone, que se amolda, perfeita, a seu tórax.
Espada brônzea, claviargêntea, leva à espádua.
Sobraça um megaescudo e, na cabeça, traz
o elmo lavrado, cauda equina, de penacho,
temível. Brande lança que à sua mão se amolgue.
Assim também procede Menelau, o Atreide.
De parte à parte armados ambos, se dirigem
à liça, entre os Aqueus e os Troicos, olhos fulos,
causando espanto entre ambas as facções: os doma-
-corcéis de Troia e os Gregos com as belas cnêmides.
Na liça, um frente ao outro, se postaram ambos,
vibrando a longa lança, fúria contra fúria.
Primeiro, Páris joga a lança, longa-sombra,
que bate no equilátero escudo do Atreide
e, sem rompê-lo, embota-se no bronze rijo,
nele entortando a ponta. À sua vez, avança
o Atreide Menelau, imprecando a Zeus Pai:
"Zeus poderoso, dá-me que eu castigue Páris,
divino, que primeiro me afrontou, e doma-o
com minhas mãos, exemplo válido aos vindouros,
que não paguem com males quem lhes der guarida".
Disse, e brandindo a lança sombrialongada, ágil
arremessou-a contra Páris, trespassando-lhe

o equilátero escudo fulgurante. A ponta
penetrou-lhe a couraça de um lavor dedálico
e lhe rasgou a túnica à altura do flanco.
Fugindo à Moira negra, o Alexandro desviou-se.
Puxando a espada claviargêntea, Menelau
sobregirou-a e deu-lhe um golpe na cimeira
do elmo; foge-lhe a espada à mão, estilhaçada.
Ao sobranceiro céu, o Atreide então clamou:
“Zeus Pai, és entre todos o deus mais funesto!
Pensei em justiçar Páris por seus desmandos;
quebrou-se-me nas mãos o gládio. Arremessei
em vão a lança contra seu peito!” Falou.
Então, pela crineira agarra o elmo de Páris.
Roda nos calcanhares, puxa-o para os Gregos,
a tira pespontada aperta-lhe a garganta
(sob o queixo, firmava-lhe o elmo de três cristas).
E o teria arrastado, glorioso troféu,
se não tivesse a filha de Zeus, Afrodite,
alerta, feito o atilho de couro-de-boi
romper-se, enquanto o oco do casco a mão do herói
perseguia. Este o faz girar e aos Aqueus, belas-
-cnêmides, logo o arroja, espólio para os seus.
Então de novo salta, o coração fogoso
ávido de matar com lança brônzea. A deusa
Afrodite agilmente arrebata-lhe Páris.
Envolto em névoa, ao tálamo de volta o leva,
ao leito perfumado. A Helena então procura.
Vai na torre encontrá-la (cercam-na as Troianas).
As vestes nectarinas toca-lhe, de leve.
Símile à tecelã que na Lacedemônia
lhe urdia as lãs mais belas, uma anciã querida,
a deusa lhe diz: “Vem, Páris te chama ao paço,
ao tálamo esponsal, à cama lindamente
torneada, refulgindo de beleza e trajes.
E, certo, não dirias que ele vem do combate
com outro homem. Antes seria de supor
que se aprontou para uma dança, ou que repousa
do muito que dançou”. Assim falou a deusa,
e comoveu-a no íntimo. Mas percebendo
o colo pluribelo e os seios capitosos
da deidade, e os seus olhos de um fulgor marmóreo,
atônita, exclamou Helena: “Ó demoníaca,
por que esse teu desejo de enganar-me tanto?
Logo me levarás à Frígia ou à Meônia,
onde se encontre um ser falante a ti dileto.

Visto que Menelau venceu Páris divino
e quer agora, em prêmio, esta que lhe era odiosa
reaver, tu vens com tramas pérfido-ardilosas?
Vai, senta-te ao pé dele. Abandona de vez
o caminho celeste. No Olimpo não mais
voltes a pisar. Junto dele fica e pena;
busca retê-lo até que ele te faça esposa
ou escrava, talvez. Eu, por meu lado, não
irei até ele (vexame!) partilhar
do seu leito. As Troianas me reprovariam
uníssonas. Já tenho mágoa em demasia!"
Furiosa, respondeu-lhe a divina Afrodite:
"Mísera, não me incites. Se me encolerizas
e te deixo, terás meu ódio em vez do amor.
Se entre Aqueus e Troianos eu suscitasse ira
lutuosa contra ti, de má morte morrias".
Falou. Helena, filha de Zeus, teve medo.
Envolta em véu alvíssimo, sem que as Troianas
a vissem, escapou. Com a guia demoníaca
à frente, ambas ao paço de Páris, belíssimo,
chegaram. Presto, as servas tornam aos deveres,
enquanto Helena - deusa entre as mulheres - sobe
ao quarto esponsalício, de alto teto. Logo,
com duas mãos a deusa, suave-sorridente,
traz um assento e o põe diante de Páris. Filha
de Zeus, Helena senta-se, recriminando-o,
sem fitá-lo: "Voltaste da guerra? Quem dera
tivesses sucumbido à forte mão do meu
primeiro esposo. Vão, blasonavas vencê-lo
pelo vigor do braço e destreza na lança!
Vai, provoca de novo Menelau, dileto-
-de-Ares , à luta, cara a cara. Não, melhor
parar. Não podes enfrentar o louro Atreide.
Louco! Um letal lançaço te fulminaria,
se o combatesses!" Páris disse-lhe em resposta
estas palavras: "Não, não me atires, mulher,
ao coração censuras tão cruéis. Pois a Palas
deve Menelau o êxito. Posso vencê-lo
de outra feita; me amparam também faustos numes.
Vamos gozar, agora, do amor, dos prazeres
da cama, que Eros, nunca, tanto me enublou
de paixão os sentidos; mesmo na ocasião
em que te arrebatei e da Lacedemônia
em transmareante nau comigo te levei
e de alma e cama unimo-nos nas ilhas Crânae;

mesmo então não te amei tanto. Um doce delírio
me toma.” Disse. E ao leito subiu, secundado
pela esposa. Na cama bem-torneada deitam-se.
O Atreide, no entretempo, como besta-fera,
corre por toda parte à procura de Páris,
deiforme. Nenhum Troico, Dardânio ou aliado
o vira (que ocultá-lo ninguém por afeto
o faria: era odiado como a Moira má).
Agamêmnon, senhor-dos homens, disse a todos:
“Ó vós, Troicos, Dardânios, e aliados, ouvi-me:
a vitória - é patente - coube a Menelau,
dileto-de-Ares. Torne a nós Helena, a Grega,
e os seus bens. A devida multa se nos pague,
exemplo duradouro às gerações futuras”.
Falou. E os Aqueus, todos eles, o aplaudiram.

Canto IV
Epiorkía: o perjúrio

Em torno a Zeus, os deuses, no entanto, no paço
assoalhado de ouro, vão deliberando,
assentados. Augusta, Hebe, qual vinho, verte
néctar. Mutuando a copa de ouro, os numes brindam.
E olham para Troia. Zeus, fala ferina, oblíqua,
se põe a provocar a irritadiça Hera:
“Duas deusas, em verdade, a Menelau respaldam:
Hera, Argiana, e mais Palas, a deusa Alalcomênea.
Estas sentam-se à parte e contentam-se apenas
com ver. Mas Afrodite, toda-sorridente,
seu dileto secunda de perto e o defende
da Moira. Agora mesmo salvou-o da morte.
De Menelau, dileto-de-Ares, é a vitória.
Cabe a nós decidir que curso dar às coisas.
De novo a guerra cruel incitar, e a discórdia
atroz, ou, sobre os dois lados, fazer que a paz
impere? Se aprouver a todos esta última
saída, a pólis priâmea seguirá, povoada,
e Menelau terá de volta Helena, Argiana”.
Falou. Atena e Hera murmuraram. Ambas,
sentadas juntas, conspiravam, adversárias
de Troia. Atena, ao pai Zeus reverente, cala,
encruando a raiva. Hera, no entanto, incontida,
explode em bile: “Cruel Croníade, mas que falas
são essas? Queres pôr o que fiz a perder?
Meu suor e meu trabalho, meus dois estafados
cavalos, todo o esforço posto em unir Gregos,
juntá-los para a ruína de Príamo e seus filhos?
Faze o que queres, mas de encontro aos outros deuses!”
Indignando-se, Zeus, junta-nuvens, responde:
“Demônio de mulher! Que te fizeram Príamo
e os Priâmeos, para tanta fúria te infundir
e à ruína de Ílion, bem construída, te mover?
Só te faltava pelas portas e muralhas
passando, comer cru a Príamo e a seus rebentos
e a todos os demais Troianos. Só assim
saciarias tua bile negra. Faze, pois,
o que quiseres! Basta de tanta querela.
Mas põe na tua cabeça: quando me der gana
de destroçar cidade onde tenhas amigos,
não tentes reprimir meus ímpetos. Agora,

a contra-oração, sou eu quem te libera
para agir a teu grado. Pois sob Hélios-Sol
e o estrelado céu de Urano, jamais houve
cidade sobre a terra, habitada por homens,
a mim tão cara, como é Ílion, sacrossanta,
que honoro no meu íntimo; e assim o rei Príamo,
lanceiro exímio e aos filhos. Nunca me faltaram,
às aras, nutrimento, libações, ovelhas
nédias, as honras que nos são devidas”. Hera,
olhos-de-toura, torna: “Três cidades tenho
prediletas: Esparta, Argos, Micenas, ruas-
-largas. Podes destruí-las quando queiras, caso
no coração te insuflem ódio. Não me oponho,
nem te impeço. Pois mesmo que quisesse, nada
poderia fazer contra ti, supremo em força.
Mas convém respeitares meus trabalhos. Sou
deusa, temos a mesma origem. Cronos, mente-
-sutil, gerou-me, filha mais velha. Ademais,
toca-me ser tua esposa, além de irmã, ó rei
dos deuses imortais. É justo, pois, de parte
a parte, nos fazermos mútuas concessões.
Os outros imortais nos seguirão, conformes.
Ordena, pois, a Atena que, depressa, vá
ao campo onde o combate cruel se vem travando
entre Aqueus e Troianos, e que trate logo
de fazer com que, contra os sobreufanos Gregos,
os Troicos - no perjúrio às juras os primeiros -
invistam”. Disse. E Zeus Pai não a contradisse.
A Atena dirigiu alígeras palavras:
“Ao campo de batalha voa. Trata logo
de fazer com que, contra os sobreufanos Gregos,
invistam os Troianos, perjurando às juras”.
À ordem de bom-grado obedeceu Atena.
Precipitou-se do alto Olimpo como estrela
cadente, prodigiosa para os nautas como
para os grandes exércitos, no que lampeja
fagulhante, por Zeus Croníade expedida.
Assim lançou-se Atena em meio às tropas. Vendo-a,
pasmam os Troicos, doma-corcéis, e os Aqueus,
belas-cnêmides. Entreolhando-se, eles dizem:
“De novo a guerra má e o combate cruel,
ou Zeus fará que a paz reine sobre os dois lados,
ele, que entesoura - árbitro - as guerras humanas?”
Isso se entredizaim os Gregos e os Troianos.
Símile humano, Atena, em forma de Laódoco

Antenóride, bravo lanceiro, insinua-se
entre as hostes troianas. A Pândaro quase-
-divino, procurando, vai dar com o filho
de Licáone de pé, guerreiro forte e imáculo,
cercado pelas tropas lícias que do Esepo,
com seus escudos rijos, o seguiam. Atena
diz-lhe aladas palavras: “Tu me escutarias,
valente Licaônide? Ousarias flechar
Menelau? Preito e glória terias dos Troianos
e a gratidão de Páris, sobretudo, o príncipe!
Dons esplêndidos, certo, te daria, se visse
o louro Atreide Menelau, dileto-de-Ares,
domado por tuas setas, subir à funérea
pira. Vamos, dispara contra o Atreide insigne.
E promete votar ao Lício Febo Apolo,
exímio sagitário, assim que à sacra Zélia
tornes, uma hecatombe de anhos primogênitos!”
Falou. E o persuadiu, mente demente. Pândaro
tomou do arco, despojo do lascivo capro
que ele abatera com fronteiro golpe. (Quando,
rochedo abaixo, elástico, o animal saltava,
ele, emboscado, deu-lhe em pleno peito. Morta
caiu, reversa, a presa. Chifre - dezesseis
palmos - exibia à testa. Um mestre-polidor
bruniu-os com perícia, apondo um bico de ouro,
recurvo, a uma das pontas). Entesa o arco Pândaro
e no solo o apoia. Muro, só de escudos feito,
seus guerreiros o cercam: temem que os Aqueus
acaso o assaltem antes que no bravo Atreide
possa vibrar o tiro. Saca do carcás,
depois de destapá-lo, a seta nova, plúmea,
mortífico-lutuosa. Então ajusta ao nervo
a flecha amarga. Vota ao Sagitário exímio,
o Lício Apolo, assim que torne à Zélia sacra,
esplêndida hecatombe de anhos primogênitos.
A farpa tange o córneo arco, a corda roça-lhe
o mamilo. Qual fora um grande círculo, o arco
distenso se arredonda e zune, a corda estala
a seta pontiaguda despede, impetuosa
de voar por entre as tropas inimigas. Mas
os imortais ditosos, ó Menelau, não
te esqueceram. Atena, a predadora, filha
de Zeus, presto, antecipa a flecha resinosa
e te antepara. Faz que a farpa se desvie
do teu corpo, qual mãe que do filho a dormir

afasta a mosca. Dá com a seta onde as placas
douradas do talim o ajustam, como dúplice
couraça, sobre o corpo. A flecha acerba vai
de encontro a esse reforço de ouro. Atravessando
o talim - artefato dedálico -, trans-
passa - outro, mais dedálico ainda, lavor de arte -
a couraça, e aguçada vence o cinturão,
derradeira defesa sobre a pele. Apenas
a esflora a farpa, mas um sangue turvo-negro
escorre da ferida. Como serva cária
ou meônia o marfim (que o freio das maxilas
dos ginetes adorna) tinge de cor púrpura
e o ostenta e o cobiçam, mas pertence ao rei,
enfeita-lhe o corcel e glorifica o dono,
o sangue empurpurece tuas robustas coxas,
pernas e tornozelos, ó garboso Atreide,
Menelau. Agamêmnon, rei dos homens, gela
ao ver o sangue negro escorrer da ferida.
Menelau, predileto-de-Ares, também gela.
Mas quando viu que o atilho da haste e suas rebarbas
não tinham penetrado, recobrou seu ânimo.
Ouve-se, então, dorido, o clamor de Agamêmnon,
ao qual se junta a dor dos companheiros. Toma
pela mão Menelau, dizendo: “Irmão querido,
aceitar, pelas juras, que lutasses só
entre ambas as facções, quase te causa a morte!
Os Troicos, perjurando, te flecharam. Mas
o sangue, as libações do sacrifício, as mãos
que se estreitam, não são penhores vãos! O Olímpico
não puniu o perjúrio, mas ainda o fará.
Os falsos pagarão com a cabeça, filhos
e esposas! Coração e mente me asseguram
próximo o dia da ruína de Ílion sacrossanta,
do rei Príamo, lanceiro hábil, e de seu povo;
muito próximo. Zeus Pai, deus troni-supremo,
habitante do ar, há de brandir a trevosa
égide contra os falsos, e os castigará,
tenho por certo. Ó Menelau, se acaso morres,
quanta dor! Se o final a Moira te assinasse
à vida, minha pena seria retornar
a Argos, aridíssima, infamado. Os Gregos,
nostálgicos da pátria, largariam Helena
Aqueia para o Troianos, como troféu; ossos
podres na terra e tu, jacente; a missão, frustra.
E qualquer dos Troianos, pisoteando o túmulo

de Menelau insigne, poderá dizer
sobreorgulhoso: ‘Assim faça Agamêmnon sempre
para saciar sua cólera: com vã esquadra
aqueia arriba aqui e, naus vazias, retorna
à pátria, abandonando, morto, Menelau!’
Sob os meus pés a terra larga antes se abrisse!”
O louro Atreide, Menelau, o encorajava:
“Ânimo! Não é bom assustar os Aqueus.
A seta aguda não feriu meu corpo fundo.
O talim, a couraça, o cinturão lavrado
em bronze me defendem, sucessivamente”.
“Espero seja assim, quando, caro irmão.
Que um médico examine tua ferida e a pense
com unguentos que a dor maligna aliviem”.
Disse, e chamou o arauto divino Taltíbio:
“Depressa, traze o filho de Asclépio, Macáone,
médico imáculo. Que veja o ferimento
de Menelau, dileto-de-Ares, chefe aqueu,
que algum hábil arqueiro, de Troia ou da Lícia,
atingiu, para glória e luto nosso”.
Falou. O arauto ouviu-o e prestou-lhe obediência.
Em meio dos Aqueus vestibrônzeos buscou
o herói Macáone. Em pé, cercado de sua gente
(guerreiros porta-escudo, que de Trica vinham,
terra nutriz de potros), encontrou-o. Disse-lhe
alígeras palavras; “Acode, Asclepíade,
Agamêmnon, o rei, te chama para ver
Menelau, predileto-de-Ares, chefe aqueu,
que algum hábil arqueiro, de Troia ou da Lícia,
atingiu, para glória sua e luto nosso”.
Falou. E, coração conturbado, o Asclepíade
o seguiu através do amplo exército aqueu.
Chegando onde jazia o louro Menelau
(e em torno dele, em círculo, os mais altos chefes),
mortal símile a um deus, Macáone se apresenta
e do talim bem justo extrai a flecha. As farpas,
agudas, no ato, viram para trás. Então
remove o talim multibrilhante, a couraça
e o cinturão lavrado em metal bronze. Então,
depois de examinar o ferimento aberto
pela flecha e sugar-lhe o sangue, põe na chaga
um bálsamo - presente de Quíron, amigo
de seu pai. Menelau, voz estentórea, jaz
enquanto o atendem. Súbito, falanges troicas
sobrevêm; os Aqueus se armam para o combate.

Não verás o divino Agamêmnon quedar-se
sonolento, ou medroso escapulir da luta;
presto se lança à pugna, glória dos guerreiros.
Deixa à parte o polícromo carro e os corcéis
resfolgando, aos cuidados de Eurimedon, fiel
auriga, de progênie Peiraíde, filho
de Ptolomeu, a quem dera severas ordens
de manter-se por perto, caso o faticoso
comando o combalisse. A pé foi percorrendo
as fileiras dos Dânaos de corcéis velozes,
instigando os que estavam ávidos de luta:
“Aqueus, não se esmoreça vosso ardor, que Zeus
Pai aos falsos, aos pseudo-fiéis não dará trégua.
Os que causaram dano, perjurando às juras
vão fartar os abutres com sua carne tenra;
seus filhos e mulheres, arrasada Troia,
seguirão como presa em nossas naves negras”.
Aqueles que à ominosa guerra se furtavam,
com palavras coléricas os verberava:
“Flecheiros fanfarrões, Aqueus vexaminosos,
não tendes brio? Por que - como filhotes tímidos
de corça que, depois de correr pelo prado,
exânimes, detêm-se - estais inermes, pávidos,
sem fibra para a luta? Esperais que os Troianos
avancem até onde nossas naus descansam,
lindas popas, na praia, à beira do mar cinza?
Ou será que aguardais a mão de Zeus Croníade?”
Assim, voz de comando, percorria as tropas.
Avança até os Cretenses, através dos muitos
guerreiros. Em redor de Idomeneu, pugnaz
de índole, vão se armando. Feito um javali
na força, Idomeneu ia à frente. Meríone
animava os de trás. Exultou Agamêmnon,
dizendo a Idomeneu palavras melifluentes:
“Ó Idomeneu, dos Dânaos de corcéis velozes
és quem eu mais estimo, na guerra ou na paz;
mesmo nos festins, quando os melhores Aqueus
misturam nas crateras flamantes, vetusto
vinho; outros Dânaos, cabeleira-longa, podem
medir suas porções; tua copa, esta porém sempre
transborda, como a minha, aceso o coração.
Vai, confirma no prélio tua fama de bravo!”
Em resposta lhe disse Idomeneu cretense:
“Atreide, companheiro leal, eu ao teu lado
sempre hei de estar. Jurei-o e disso dei penhor.

Aos outros Aqueus, longos-cabelos, agora
vai incitar à luta, o mais presto. Os Troianos,
ao defraudar o pacto, sobre si clamaram
morte e luto, perjuros, nos causando males”.
Disse. E o Atreide, com júbilo n’alma, se foi.
Varando a turba, deu com os Ájazes. Ambos
se armavam; em redor, uma nuvem de infantes.
Como um pastor de cabras que, de alto penedo,
vê uma nuvem soprada sobre o mar por Zéfiro
(e esta, vogando mar adentro, mais escura,
de um pretume de pez, de longe lhe parece
presságio de tempesta) abriga temeroso
em gruta seu rebanho; assim, cercando os Ájazes,
cerravam-se falanges azul-negras, densas,
de infantes da progênie de Zeus, para a guerra
movidos, com escudos e eriçando lanças.
Jubiloso, Agamêmnon profere palavras
aladas: “ Vestibrônzeos Ájazes, cabeças
dos Aqueus, não preciso (árdegos de índole)
instigar-vos; sabeis animar vossos bravos
ao combate. Zeus Pai, Palas Atena, Apolo,
um coração igual tivessem dado a todos
os Aqueus! Tombaria mais cedo a priâmea pólis,
saqueada em nossas mãos”. Falou. E prosseguiu
buscando outros guerreiros. Defrontou com Néstor,
de Pilo, orador clari-harmonioso. Formava
os batalhões, ao prélio concitando os homens.
(O grande Pelagonte, Alástor, Crômio, Hémone
rei, o pastor de povos Biante o ladeavam.)
Na frente os cavaleiros, com corcéis e carros;
os infantes atrás, aguerridos, inúmeros,
baluartes da peleja; põe no meio os frouxos
à luta assim forçados, mesmo a contragosto.
Dá primeiro suas ordens aos que guiam os carros:
sofrear cavalos; não tumultuar as fileiras.
“Ninguém se atreva, bom na lide equestre e bravo,
a combater os Troicos isolado, à frente;
que ninguém retroceda: seríeis presa fácil.
Se alguém vir que a seu carro outro carro abalroa,
ataque-o, lança em riste. É o melhor a fazer.
Assim nossos ancestres arrasavam muros
e cidades, razão e coração concordes.”
Desse modo o ancião, sábio de guerra, os instruía.
Só em vê-lo, se alegrava Agamêmnon, o rei,
que o honra proferindo palavras-aladas:

“Velho herói! Ao coração que te anima, assim
pudessem responder em vigor os teus joelhos;
mas te dobra a velhice, como a todos. Pena!
Pudera outro envelhecer em teu lugar!
Assim retornarias, moço, entre os mais jovens!”
Néstor Gerênio, exímio ginete, responde-lhe:
“Quanto o quisera eu mesmo, ó Agamêmnon Atreide!
Como quando abati Ereutálion divino,
jovem queria eu ser; nem tudo os deuses doam
aos mortais; ontem, moço, hoje, velho. Mas sigo
- privilégio dos velhos - instruindo os guerreiros.
Que as lanças, os mais novos, lancinantes, vibrem,
mais próprios ao combate pela idade, fortes!”
O Atreide se afastou, coração jubiloso.
Com o doma-corcéis, Menisteu, que era filho
de Peteu, deparou, de pé, cercado por
homens de Atenas, mestres-em-guerra. Odisseu
multiastucioso estava perto e os Cefalênios
não-dobráveis; o brado de combate não,
ainda, os movera, pois começavam Troianos,
doma-corcéis, e Aqueus só agora a investida;
esperavam portanto que outros Gregos antes
enfrentassem os Troicos, dando início ao prélio.
Agamêmnon, o rei, exprobou-os vendo isso,
e irado proferiu alígeras palavras:
“Filhos do rei Peteu, progênie de Zeus Pai,
e tu, doloso em tramas, mente cavilosa,
por que vos encolheis, amedrontados? Antes
dos outros, tocaria a vós encabeçar
a luta causticante. Comensais de escol
em meus banquetes dados em honra aos melhores
Aqueus. Comer assados lautos e beber
um vinho-mel em copas repletas é coisa
que apreciais, mas está parecendo que ver
dez colunas até de Aqueus à vossa frente,
prontos à luta brônzea, não vos dá prazer”.
Sobrolho carregado, contesta Odisseu
multiastucioso: “Atreide, que fala escapou
da arcada dos teus dentes? Que vamos fugir
da peleja? Quando Ares violento levarmos
até os Troianos, doma-corcéis, hás de ver
se atentas, como o pai de Telêmaco pugna
à frente dos demais. Mas tua fala é de vento”.
Agamêmnon, ao ver-lhe a irritação no rosto,
sorrindo lhe responde em tom conciliador:

“Ó progênie de Zeus, filho de Laertes, multi-
-engenhoso, em censuras ou ordens não quis
exceder-me; conheço o coração que tens,
pródigo em bons conselhos; em tua mente pensas
como eu penso; mais tarde, nos entenderemos:
se algo de ruim eu disse, os deuses deem-no ao vento!”
Falou. E dirigiu-se a outros guerreiros. Pronto,
acercou-se do filho de Tideu, Diomedes,
sobreanimoso, em pé no carro bem-soldado;
o auriga, Capaneide Estênelo, a seu lado.
Ao vê-los, Agamêmnon, o rei, exprobou-os,
e irado proferiu alígeras palavras:
“Ó filho de Tideu, pugnaz doma-corcéis!
Por que tremes e temes ao olhar a linha
de combate? Tideu a tremedeiras nunca
foi chegado, primeiro na luta, à dianteira
dos demais. Os que o viram, o afirmam. Eu mesmo
nunca o encontrei, jamais o vi; aos outros sempre
sobreexcedeu (assim dizem). Veio a Micenas
uma vez, sem aprestos de guerra, como hóspede,
com Polinice, quase-um-deus; reuniam as tropas
para o assédio de Tebas, muros-sacrossantos.
Procuravam aliados. Quase os conseguiram,
pois, figurando signos sinistros, Zeus fez
recuar os de Micenas. Assim foram-se ambos.
Com Asopo, afinal - juncos profusos, prados
folhidensos -, toparam. Tideu, como núncio
dos Aqueus, vai até o paço do forte Etéocles,
onde os filhos de Cadmo num festim reuniam-se
numerosos. Tideu, hábil-ginete, só,
forasteiro, entre tantos Cadmeus, não tremeu.
Provocou-os ao duele e venceu-os a todos.
Tanto lhe deu socorro o prorromper de Atena!
Exímios picadores de potros, os filhos
de Cadmo se enfurecem; quando ele retorna,
armam-lhe uma emboscada, com cinquenta jovens;
dois no comando: Méon Hemonides, divino
símile, e Polifonte Autofônio, mão firme
no combate. Um destino inglório lhes assina
Tideu. Liquida a todos, poupando um apenas,
Méon. Dá-lhe que retorne aos lares, obediente
a um sinal prodigioso dos deuses. Tideu,
o Etólio, era assim. Não é tão bravo seu filho,
porém na ágora, excele”. Falou e calou-se
Diomedes, respeitoso à censura do rei.

O Capaneide Estênolo, então, retorquiu:
“Atreide, sabedor do dito claro, por
que mentes? De exceder nossos pais nos gloriamos!
Fomos nós que tomamos Tebas-Sete-Portas,
baluarte votado a Ares, comandando menos
tropas, porém seguindo os presságios divinos
e confiados em Zeus. De orgulho ensandecidos,
os pais tombaram. A eles não nos comensures!”
Mas Diomedes, o forte, olhando de través,
torvo, falou: “Amigo, silencia. Escuta-me:
contra o pastor-de-povos, Agamêmnon, rei,
não me insurjo, pois ele incita a combater
os Gregos, belas-cnêmides. Caso os de Troia
caiam, e Ílion sagrada, nas mãos dos Aqueus,
a glória o seguirá. Grande luto, porém,
se os Aqueus sucumbirem! À força impetuosa
daremos curso agora!” Falou. E do carro
saltou ao chão armado. No tórax o bronze,
hórrido, percutia, apavorando mesmo
os mais valentes. Como as ondas do mar poli-
-ressonante, que às praias pulsa e assopra o Zéfiro,
vão logo se elevando e sublevando altivas
no Oceano, e se entreabatem, até que se rompam,
contra a terra, reboando, e em torno os promontórios
se encurvam feito um domo, vomitando escuma;
assim, uns após outros, em falange, os Dânaos
precípites ao prélio se lançavam, mudos,
sob as ordens dos chefes (ninguém diria fossem,
os que marchavam, homens dotados de voz),
calavam, reverentes aos seus capitães
assinalados. Armas fúlgidas, faiscando.
Quanto ao Troianos, como ovelhas ordenhadas
nos currais do seu dono longamente balem
ao ouvir os cordeiros, um clamor confuso
vinha deles, nenhuma voz ecoando uníssona:
mescla de muitas línguas, de países vários.
A uns, Ares instigava; Atena, olhos-azuis,
aos outros. O Terror e o Temor, a Discórdia
acorriam (a Discórdia, sanha que não cessa,
irmã e sócia de Ares, matador-de-gente;
desponta diminuta e cresce e entesta com
o céu, e calca a terra, dor e furor pelas
tropas lançando). Quando os guerreiros, enfim,
se dão de encontro, frente à frente, e os broquéis se entre-
batem, e se entrechocam o vigor e as lanças

dos homens todo-bronze encouraçados contra
os escudos bojudos, como umbigos, ergue-se
um tumulto de gritos de dor e de triunfo
dos que vão trucidando e dos que estão morrendo;
e o sangue jorra sobre a terra e a inunda. Como
quando o degelo desiberna os rios e, do alto,
duas torrentes saltam das montanhas, indo
rebojar simultâneas num promíscuo vale,
cavo, que atroa ao ímpeto das águas, trom
que o pastor, muito ao longe, escuta; assim o embate
- clamor e estupor - de ambas as facções. Antíloco
abate logo um Troico, Equepolo Talísiade.
Fura-lhe o capacete crinilongo e a fronte;
o golpe brônzeo vara miolo e ossos; noite
profunda lhe enegrece os olhos; como torre
tomba. Pelos pés, puxa-o Elefénor, rei
dos Abantes (quer, longe da lide, das armas
despojá-lo; frustrado intento!). Antenor, árdego-
-animoso, o descobre no ato e, vendo o flanco
exposto do guerreiro abaixado, com dardo
pontibrônzeo o lanceia: morrem-lhe os membros, moles.
A alma lhe fugiu. Sobre o cadáver, então,
a uma sinistra empresa se entregam Troianos
e Gregos: feito lobos se encarniçam uns
contra os outros, lutando corpo-a- corpo. Assim
Ájax, o Telamônio, vulnera Simoésio,
filho de Antemion, jovem no florir da vida,
a quem a mãe, descendo do alto do monte Ida,
com os pais, para junto dos rebanhos, dera
à luz, perto do rio Simoento; daí, seu nome.
Não pode retribuir o cuidado dos pais,
a vida lhe foi curta. Ájax, sempre-ardoroso,
o dobrou. Com a lança transpassou-lhe o peito,
à altura do mamilo direito; varou-lhe
a espádua a ponta brônzea e rojou-o no pó.
Qual um álamo negro dos confins de um pântano,
que ergue o tronco brunido e alteia a copa e as ramas
até que um artesão de carros com luzente
lâmina o abata, para as rodas de uma biga
esplêndida encurvar; e ele tomba e dessora
à beira-rio; assim, sob Ájax, Simoésio.
Antifo, coruscante-couraça, Priamídeo,
contra Ájax, caro-a-Zeus, despede um dardo agudo,
através do tumulto, errando o alvo; acertou,
porém, um companheiro do bravo Odisseu,

Leuco, que ia arrastando um cadáver; feriu-o
na virilha; desaba Leuco e solta o morto
Simoésio. Coração-colérico, Odisseu
rompe as primeiras linhas todo armado em rútilo
bronze. Circum-girando os olhos, arremessa
um dardo cintilante. Os Troianos se esquivam,
mas a lança não falha: fere Democoonte,
bastardo do rei Príamo, provindo de Abido,
terra de potros céleres. A ele, Odisseu,
irado pelo amigo, desfere na têmpora
um lançaço e a ponteira brônzea vara um lado
e outro do crânio. A treva lhe escurece os olhos.
Tomba e as armas reboam ao descambar com ele.
A vanguarda recua, mesmo Héctor refulgente.
Os Aqueus, arrastando os mortos, soltam gritos;
então, de novo investem. Irritado, Apolo,
de Pérgamo os olhando, exorta em altos brados
os Troicos: “Domadores-de-corcéis, avante!
Perante os Gregos não cedais! Nem pedra nem
ferro os encorpa, imunes aos golpes de bronze!
Nem Aquiles, gerado por Tétis, de esplêndidos
cabelos, luta ao lado deles; junto às naves
resta, cozendo a raiva, essa roedora de almas!”
Falou, da alta muralha, o deus terrível. Multi-
-gloriosa, a Tritogênia, filha de Zeus, vai
concitando os Aqueus, onde os encontra tíbios.
A Moira capturou Diores Amarinceu.
No tornozelo destro uma pedra alcançou-o,
lançada pelo chefe trácio, Pítoo de Enos.
O calhau impiedoso rompeu-lhe os tendões
e os ossos, e o rojou no pó, mãos estendidas,
ambas, aos companheiros. Exânime, dele
se evola o âmago. Píroo Imbrásida se acerca,
alanceia-o no umbigo. As entranhas desventra-lhe
e esparrama no chão. Lhe escura a treva os olhos.
Precipita-se, pronto, o etólio Toas, e a lança
embebe no pulmão de Pírro, bronziaguda,
após varar-lhe o peito à altura do mamilo;
arranca logo o dardo e, gládio nu, transvaza-lhe
o epigástrio. De um golpe, o ânimo, assim, lhe estirpa.
Mas o morto das armas não despoja. Vêm,
à roda deste, os Trácios, de topete hirsuto,
brandindo lanças longas. Toas, mesmo robusto,
alto de porte e bravo, teve de recuar.
Tombados no pó, jazem, assim, dois caudilhos,

lado a lado: o dos Trácios e o dos Epeios, vestes-
-brônzeas. Em torno deles, outros muitos rolam.
Quem, sem ter sido vítima do agudo bronze,
tivesse atravessado incólume a refrega,
levado pela mão por Atena e dos dardos
posto a coberto, certo não depreciaria
os feitos desse dia, quando tantos Troianos
e Aqueus tombaram juntos, de borco na poeira.

Canto V
A gesta de Diomedes

Palas Atena, agora, em Diomedes Tideide
incute audácia e ardor, para que assim a todos
os Aqueus sobreexceda e colha glória suma;
inflama-lhe no escudo e no elmo um fogo vívido,
qual a estrela outonal, que, sem par, lampeja
e pleniluz, depois de banhar-se no Oceano.
Na cabeça e nos ombros Atena lhe acende
a mesma aura de fogo; então o impele ao miolo
onde o combate mais se acirra. Ora, entre os Troicos
havia um sacerdote de Hefestos, o imáculo
e rico Dares, pai de dois filhos, Fegeu
e Ideu, na guerra exímios. Ambos, adiantando-se,
acometem o herói, que luta a pé; os dois
no carro. Vão-se os três de encontro e Fegeu, logo,
atira a lança, longa-sombra. O dardo passa
rente da espádua esquerda do Tideide e a ponta
não o toca; este, por seu turno, atira o bronze
e o dardo não sai, da mão, inútil; fere
no peito Fegeu, entre os mamilos; derruba-o
do carro. Ideu, num salto, larga a biga esplêndida;
mas não ousa rondar o corpo do irmão morto.
Ele mesmo à trevosa morte não fugira,
se em névoa plúmbea Hefestos não o escurecera,
poupando ao velho pai um luto redobrado.
O animoso Tideide os cavalos do carro
desatrela e os despacha para as naves côncavas.
Quando os Troianos, de ânimo altivo, se deram
conta de que dos filhos de Dares, um, morto,
junto ao carro jazia, se evadira o outro, todos
se conturbaram. Deusa de olhos azuis, Palas
Atenas, toma pela mão Ares e diz:
"Ares, sanguissedento, matador-de-homens,
talhamuros, melhor seria deixar Troicos
e Aqueus lutarem; Zeus decida a quem dar glória.
Fiquemos fora, livres da fúria do Pai".
Disse. E pela mão foi conduzindo o áspero Ares
às bordas do Escamandro. Aos Troicos, os Aqueus
se impõem. A cada chefe, uma presa. Agamêmnon,
primeiro deles, baixa Odio da biga, príncipe
alizônio, o primeiro a se evadir. Nas costas
o lanceia e lhe vara o peito entre as espáduas.

Cai com estrondo e em torno a armadura reboa.
Idomeneu abate Festo Meônio, filho
de Boro, procedente de Tarne, fertílima.
Idomeneu, lanceiro ilustre, o atravessa
com dardo longo, pela espádua destra, quando
subia ao carro. Tomba e o tolda a treva odiosa.
Os fâmulos do herói despojam-lhe o cadáver.
A Escamândrio, notável caçador de feras,
o Estrófida, colheu-o Menelau com lança
aguda; hábil na caça, direto por Ártemis
instruído no abater dos animais selvagens,
agora não lhe vale a dardejante deusa,
nem o tiro de arqueiro que lhe dera fama.
O Atreide Menelau, lanceiro exímio, o põe
em fuga e com o dardo o fere no costado,
entre os ombros, e o peito lhe atravessa. Tomba,
de bruços, sobre a terra e a armadura reboa.
Meríone mata Féreclo, filho de Técton
Harmônide, artesão de lavores dedálicos,
a quem Palas Atena muito amava. (Fora
o arquiteto das naus simétricas de Páris,
lutulento princípio de todos os males
que enlutaram a todos os Troianos e a ele
mesmo, ignaro das normas dos numes.) Meríone
caça-lhe o filho e o fere a lança num dos glúteos,
por sob o osso, varando-lhe a bexiga e o púbis.
Ajoelha-se de dor enquanto a morte o tolda.
Ao filho de Antenor, Pedeu, Megete abate.
(Era filho bastardo, mas Teano, divina,
o criara como aos seus, por amor ao esposo.)
Ora, Filida, lança-exímia, vai-lhe ao encalço
e ao matador na nuca enfia um dardo brônzeo
que lhe entra pelos dentes e lhe talha a língua;
cai por terra o guerreiro, mastigando bronze.
Eurípilo, a seguir, que era filho de Evémone,
prostra o divino Ipsénor, filho de Dolópio
sobreanimoso flâmine do sacro rio
Escamandro, que o povo honrava como um deus.
A esse alcançando, Eurípilo acomete e o gládio
lhe corta fora o braço que, pesado, cai
por terra, ensanguentado. Pelos olhos lhe entram
a morte cor de púrpura e a ferrenha Moira.
Assim vai decorrendo o conflito feroz.
Quanto ao Tideide, não se pudera dizer
de que lado lutava, se estava com Gregos

ou com Troicos. Furioso corre pelo plaino
como rio grosso de degelo que as barreiras
arrasta, não retido por diques ou valos
à volta dos vergéis, quando extravasa e rompe
na estação própria às chuvas de Zeus, arruinando
a excelente lavoura dos jovens. Assim,
na voragem do filho de Tideu, as densas
falanges dos Troianos, mesmo numerosas,
se desfaziam. Viu-o esfuriar o filho, esplêndido
de Licáone, os troianos batalhões destruindo.
Tendendo o arco recurvo, num arranque o fere
no cavo da couraça; a flecha amarga voa
e o atravessa; a armadura enrubra-se de sangue,
à altura do ombro destro. O Licaônio insigne
então soltou um brado altíssono: “Troianos
de ânimo altivo, doma-cavalos, olhai:
o melhor dos Aqueus está ferido. Não
penso, por muito tempo, sofra a seta forte,
se for de fato o filho de Zeus quem da Lícia
me trouxe!” Assim falou, vangloriando-se. O dardo
porém não derrubara o herói, que retrocede
para junto do carro e diz ao Capaneide:
“Apeia, caro Estênelo, da biga e tira-me
da espádua o dardo amargo”. Falou. Apressado,
Estênelo saltou do carro e a seta célere
do ombro lhe retirou pelo outro extremo. O sangue
lhe vazou através da túnica flexível.
Então Diomedes, brado-estentóreo, rogou:
“Ouve-me, ó Infatigável, filha de Zeus, porta-
-escudo. Se a meu pai e a mim, mais de uma vez,
amparaste na guerra atroz, agora, Atena,
de novo favorece-me! Dá-me que alcance
com minha lança brônzea aquele que flechou-me
e triunfante previu que eu não veria mais Hélios-
-lampadejante!” Disse e deu-lhe escuta Palas
Atena. Agilizou-lhe os joelhos, pernas, braços.
Depois, firme ao seu lado, dirigiu-lhe alígeras
palavras: “Vai, agora, Diomedes, lutar
contra os Troicos; no peito te infundi o ardor
paterno, imperturbável de Tideu, ginete-
-brande-escudo; dos olhos vou tirar-te a névoa
que os enubla; assim, deuses saberás dos homens
distinguir; se algum nume te quiser tentar
não o confrontes; não lutes com Imortais;
porém, se entrar no prélio Afrodite, divina

filha de Zeus, que sofra o acúmen do teu bronze!”
Assim falando, foi-se a deusa olhicerúlea.
O Tideide voltou à frente de combate.
Se na luta era já destemeroso, três
vezes mais furor o coração lhe inflama.
À guisa de leão, a quem o pastor fere,
do rebanho lanudo cioso, quando a fera
escalava o redil, e não a mata, mas
antes lhe excita a força; e o pastor foge, inerme
e as ovelhas se ajuntam pávidas no solo
até que o predador, violento, salte fora;
assim, violentamente, o Tideide se mescla
aos Troianos. Assalta Astínoo e Hipirônio,
chefes ambos. O bronze lanceia o primeiro
no peito; o outro à clavícula com longa espada
o talha, separando-lhe a espádua das costas
e do pescoço. Larga-os e vai-se no encalço
de Abante e Poliído, filhos do vetusto
oniromante Eurídamas, o qual não soube
interpretar, aos filhos que partiam, os sonhos.
Espoliou-os Diomedes. Buscou então Tóone
e Xantos, da velhice de Fénopo filhos
(o ancião se amargurava por não ter mais prole
a quem legar os bens). O Tideide abateu-os
privou-os de ânimo, deixou o pai em pranto
e luto por não mais revê-los; os seus bens
tocaram a parentes de remotos vínculos.
Depois topou com dois filhos de Príamo, os dois
numa só biga, Equémone e Crômio, linhagem
do rei Dárdano. À guisa de leão que acomete
uma boiada e quebra a cerviz de novilha
que pasta, ou de vaca, a ambos os dois o Tideide
fez rolar da parelha, à bruta, despojando-os
das armas; os corcéis às naves são tangidos.
Eneias pode vê-lo, destroçando as tropas;
através do combate e o entrechoque das lanças
vai à busca de Pândaro, símile a um deus,
onde se encontre. Dá com o viril, imáculo
Licaônio, arqueiro hábil, e o abordando diz:
“Ó Pândaro, onde estão o arco e as setas alígeras?
Onde a fama? Nenhum homem, aqui ou na Lícia,
se jacta de exceder-te! A Zeus levanta as mãos
e dispara tua flecha contra esse que aos Troicos
submete e males mil inflige, e põe de joelhos,
por terra, muitos bravos. Um deus, contra nós,

temo, encolerizou-se, por omissão, quem
sabe, de um sacrifício. Assusta a ira divina!”
Assim lhe respondeu o ilustre Licaônio:
“Ó Eneias, conselheiro dos bronziarnesados
Troianos. Reconheço nesse homem Diomedes,
coração-flâmeo: é do Tideide o emplumado
elmo em crista, o broquel, os corcéis. Se é um deus,
não sei. Mas se é Diomedes, flâmeo-coração,
não tresvaira sem nume ao lado; um imortal,
ombros num véu de névoa, desviou dele a flecha
rápida que expedi e que o feriu mas pouco;
dei-lhe um flechaço no ombro destro que entrou
no cavo da couraça. Cri que o despachara
para o Hades; não se deu; ele não baqueou; certo,
contra mim e os de Troia um deus se encoleriza!
Não tenho à mão cavalos e carro de guerra
e onze possuo no régio paço de Licáone,
de fábrica recente, bem-travados, todos
recobertos por mantas amplas, cada biga
dispõe de uma parelha de corcéis, nutridos
de alvo centeio e espelta. Licáone, lanceiro
exímio, o velho rei, instou-me a que os trouxesse,
quando partia, frequentes vezes; desejava
ver-me no carro, à testa dos Troicos, lutando
nos entreveros brutos; não lhe ouvi os úteis
avisos; quis poupar os cavalos, temendo
que ficassem à míngua no durar do assédio,
habituados ao bom trato; confiado no arco,
deixei-os(vim a pé), - no arco que me falhou!
Já disparei-lhe as flechas contra dois valentes:
o filho de Tideu e o Atreide. Desses dois
a flecha fez brotar de fato sangue: apenas
irritei-os em dobro; foi um dia de azar
aquele em que tirei arco do gancho e à Troia
marchei chefiando os meus, para o agrado do Priâmeo,
Héctor. Mas se retorno e revejo com meus
olhos pátria, mulher, meu solar sobranceiro,
que me corte a cabeça um forasteiro, caso
eu, com minhas mãos, não quebre este arco e o arremesse
ao fogo ardente: como o vento vão seguiu-me”.
O chefe troico Eneias respondeu-me então:
“Não fales mais assim. Nada mudará antes
que nós dois, com corcéis e carro, nos meçamos
com ele, em armas. Sobe agora ao carro e vê
os fogosos cavalos de Trós, que no plaino

rápidos correm, lá, acolá, sempre agílimos
no avanço e no recuo; de volta nos trarão,
salvos, à cidadela, caso, novamente,
Zeus outorgue a vitória ao Tideide animoso.
Apanha agora o açoite e as rédeas reluzentes;
e eu, descendo do carro, a pé lhe faço frente;
ou enfrenta-o tu, que eu dos cavalos me ocupo".
Responde-lhe, a seu turno, o ilustre Licaônio:
"Eneias, é melhor que manobres as rédeas
e os corcéis; sob a mão do dono hão de levar
seguro o curvo carro, mesmo na fuga ante
o filho de Tideu. Temo que extravagando,
medrosos, sem tua voz de mando, não nos tirem
a tempo da peleja e o animoso Tideide
sobre nós dois se abata e a ambos nos mate e aprese
os corcéis unicascos. Dirige, pois, teu
carro armado e os corcéis, enquanto enfrento à lança
Diomedes impetuoso". Então sobem ao carro
polícromo e os cavalos o lançam de encontro
o Tideide, sequiosos. Estênelo, filho
de Capaneu, os viu e proferiu alígeras
palavras a Diomedes: "Tideide caríssimo,
vejo dois bravos, ávidos de combater-te,
de extremo vigor ambos; um é o sagitário
Pândaro, que se ufana de filho do rei
Licáone; Eneias, o outro, se gloria de ser
rebento de Afrodite e do imáculo Anquises.
É hora de recuar. Vamos, para o nosso carro!
Basta de tanta fúria na frente de luta,
com risco de morrer". Olhando-o de soslaio,
respondeu-lhe o Tideide: "Não me venhas com
essa arenga de fuga. É inútil. Minha estirpe
não se esquiva da luta, nem se agacha. Tenho
o vigor costumeiro. Desdenho subir
ao carro. Parto a pé à peleja. Não deixa
Atena que me assalte o medo. Quanto aos dois,
os corcéis nos irão levá-los longe, mesmo
se um deles escapar. Atenta e grava no ânimo:
se a multiconselheira Atena me outorgar
a glória de matar a ambos, refreia os nossos
ágeis cavalos, prende as rédeas nos enganchos
do carro; e não te esqueças dos corcéis de Eneias:
apresa-os dos Troianos, tange-os para os Gregos,
pois pertencem à raça dos que Zeus altíssono
deu a Trós, em resgate, pai de Ganimedes,

por serem dos melhores sob o sol e a aurora.
Anquise, soberano, frustrou-lhes a estirpe
revel a Laomedonte, o rei, dando-lhes seis
éguas a cobrir; delas, ao todo, seis potros
no paço lhe nasceram. Quatro criou no estábulo;
os outros dois - campões terríveis - deu a Eneias.
Apresá-los será, para nós, grande glória".
Assim falavam ambos entre si. Chegavam,
no entanto, cavaleiros velozes, os dois
outros. Falou primeiro o ilustre Licaônio:
"Ó flâmeo coração, ânimo forte, filho
de Tideu! O farpão amargo, a seta alada
não te domou. Agora, vou tentar, com lança,
atingir-te". Isso dito, arremessou-lhe o longui-
-sombreante dardo. Deu no escudo do Tideu,
e o transpassou; cravou-se-lhe no arnês a ponta
brônzea. Exultou, aos brados, o herói Licaônio:
"Por fim, estás ferido! Alcancei-te a ilharga!
Muito não vais durar, e me brindaste a glória!"
Sem se abalar, falou-lhe o Tideide fortíssimo:
"Falhaste o golpe. Erraste! Porém não me iludo;
não desistireis, antes que um dos dois - sim - antes
que um, tombando, sacie de sangue Ares, o porta-
-escudo belicoso". Disse. E arremessou-lhe
a lança. Por Atena guiado, o dardo trans-
passou-lhe, perto do olho, o nariz; pelos dentes
alvos entrou-lhe e a língua lhe cortou, ferindo-a
na raiz; o duro acúmen brônzeo sai-lhe do queixo
abaixo. Desabando da biga, reboam-lhe
em torno as armas, polifúlgidas, polí-
cromas; os corcéis fogem; vão-se-lhe alma e ânimo.
Armado, Eneias baixa a defender o morto
dos Aqueus; como um leão, gira-lhe em torno e brande
lança e escudo equilátero, aos brados, terrível,
ávido de matar quem se lhe antepusesse.
O Tideide, nas mãos erguendo enorme pedra
- feito que excederia a força de dois homens
mortais de agora - que ele sozinho aguentava
acertou bem na ilharga de Eneias, no ponto
- acetábulo diz-se - onde o fêmur encaixa;
quebrou-o e os tendões, ambos, lhe destroçou,
após rasgar-lhe a pele, o aspérrimo petardo.
O herói afrouxa os joelhos, no solo apoiando
a mão robusta; os olhos se lhe anoiteceram.
E o soberano de universos teria sucumbido,

se não o percebesse Afrodite, olho agudo,
que de Anquises, pastor-de-bois, o concebera;
rodeou o filho amado com os braços brancos,
e desdobrou-lhe diante o peplo resplendente,
amparo contra os dardos dos Dânaos, ginetes
rápidos, que ao varar-lhe o peito, o desalmassem.
Enquanto a deusa o filho à guerra subtraía,
o Capaneide, atento às ordens de Diomedes,
brado-sonoro, tira do tumulto os uni-
-cascos corcéis, as rédeas prende e engancha ao carro,
e sobre os crinilindos cavalos de Eneias
salta; do lado troico os tira e os tange aos Gregos,
belas-cnêmides. Deípilo, o mais caro amigo
em meio a seus coetâneos, coração afim,
incumbe-se de guiar os corcéis às naus côncavas.
Ato contínuo, o herói Capaneide retorna
ao carro, empunha as rédeas cintilantes, faz
que os corcéis, cascos-sólidos, sigam Diomedes.
O Tideide, com bronze cruel, encalça a Cípria
sabendo-a uma indefesa deusa, não afeita
aos combates humanos como as soberanas
da guerra, Atena e a fera Enió, temível rompe-
-cidadelas. Alcança-a por través da turba;
o ardoroso Tideu, então, de um bote, com
lança aguda lhe esflora a cútis da mão tenra,
rasga-lhe o ambrósio peplo, urdido pelas Graças,
e na altura do pulso a fere. O imortal sangue,
icor - fluido ambrosíaco - lhe escorre, apanágio
dos sempiternos; estes, de pão se nutrem,
nem bebem vinho cor-de-fogo; são exangues
faltos de sangue humano e, por isso, imortais.
Dando um grito pungente, a deusa solta o filho,
mas com ambas as mãos Febo Apolo os protege,
e em nuvem fosca o envolve, que os Dânaos, ginetes-
-rápidos, não lhe enterrem o bronze no peito
e o privem de alma. Altíssono, o Tideide brada:
“Filha de Zeus, afasta-te da guerra, foge
das brigas! Não te basta seduzir mulheres
frágeis? Queres provar de novo a guerra? O nome
guerra - penso -, de longe mesmo, ora te aterra!”
Falou. E transtornada ela se foi, sofrendo
dores. Íris, a núncia pés-de-brisa, a tira
do tumulto, dorida, machucada, a cútis
fina escurecendo, Ares, temível, sentava-se
à esquerda do combate, lança e corcéis presos

a uma nuvem. A deusa ajoelhada ao irmão
implora que lhe ceda os cavalos: “Querido
Ares, os teus corcéis de áureo frontal me empresta,
para que eu suba à sede olímpica dos deuses;
dói-me, atroz, a ferida que me fez um homem
mortal, que ao próprio Zeus desafiara, o Tideide!”
Falou. E Ares lhe deu ambos os corcéis fronti-
-dourados. Ela monta ao carro, coração
aflito. A seu lado, Íris, segurando as rédeas,
fustiga os corcéis, e estes, de bom grado, voam.
Chegam pronto ao Olimpo, alta sede dos deuses.
Pés-de-brisa, Íris ágil, os freia; do carro
os disjunge e lhes dá o ambrosíaco pasto.
Ao regaço da mãe, Dione, se acolhe a deusa.
A mãe nos braços a recebe e entre carícias,
querendo às coisas dar nome, lhe indaga: “Filha,
amada, quem do urânio Céu, ousou magoar-te
assim, fustigando a esmo, como se tivesses
alguma culpa?” Disse-lhe a amante-dos-risos:
“Feriu-me o herói Diomedes, ânimo ardoroso,
quando o filho querido eu tirava da luta,
Eneias, para mim o mais caro dos homens.
Não só com Troicos medem-se os Dânaos, com deuses
se confrontam”. E Dione lhe responde, luz
entre os numes: “Tolera, minha filha, sê
paciente, ainda que sofras. Muitos dos Olímpicos
de mãos humanas duras penas suportaram,
ferindo-se uns aos outros! Ares sofreu quando
Otos e o forte Efialte, os dois filhos de Aloeu,
com sólidos grilhões e numa urna de bronze
o aprisionaram treze meses. E Ares, deus
bélico, estava em risco de perecer, não
tivesse a pluribela madrasta dos dois,
Heribeia, ao deus Hermes dado aviso. Livra
este da prisão Ares, já muito abatido
pelos grilhões. Também Hera tolerou, quando
o filho de Anfitrion, feroz, no seio destro
com flecha trifarpada a feriu; uma dor
insana a tomou. Hades monstruoso, ele próprio
suportou o flechaço rápido desse homem,
filho do porta-escudo Zeus, que em meio aos mortos,
às portas da Necrópolis, deixou-o em dores.
E Hades foi até Zeus no Olimpo, transpassado
o coração de penas. Fixa no ombro forte,
a flecha quebrantava-lhe a têmpera. Péone

num benéfico bálsamo banhou-lhe a chaga
e o curou, pois não era de estirpe mortal.
Ímpio, brutal, o malfeitor que assim aflige
os Olímpicos! Contra ti, lançou Atena,
olhos-azuis, esse insensato. Pobre louco!
Ignora esse Tideide que não dura muito
quem combate imortais? Que em torno de seus joelhos,
no retorno da guerra, não verá seus filhos
a lhe chamar *papai*? Que o Tideide, fortíssimo
como é, se cuide: alguém que te exceda em vigor
haverá de enfrentá-lo; a prudente Egialeia,
filha de Adrasto, então despertará do sono
a todos de sua casa, deplorando o esposo
Diomedes, o melhor dos Aqueus, domador-
-de-corcéis!” Assim disse. E com ambas as mãos,
enxugou-lhe o lugar onde o icor escorria,
curando a dor da filha. Vendo isso, Hera e Atena,
zombeteiras, provocam Zeus, filho de Cronos.
Atena, olhos-azuis, é a primeira a falar:
“Pai, rogo, não te irrites com minhas palavras.
A Cípria, ao que parece, tentou persuadir
alguma Aqueia a ir, junto com ela, aos Troicos,
aos quais, agora, tanto ama; no acariciar
a Grega, lindo peplo, a mão delicadíssima
feriu numa fivela de ouro”. Assim falou.
Sorriu o Pai de todos. E chamando a áurea
Afrodite: “Não cuides dos afãs da guerra:
às himeneias, doces obras te consagra;
de guerra hão de ocupar-se Ares veloz e Atena”.
Eis como se entretinham mutuamente os deuses.
Mas, voz altissonante, Diomedes saltou
sobre Eneias, sabendo que o velava Apolo;
já nem mesmo ao deus magno respeitava; só
se obsedava por uma ideia fixa: Eneias,
abatê-lo, despi-lo da armadura nobre.
Três vezes com furor o acometeu. Três vezes
Apolo o rechaçou, erguendo o escudo fúlgido.
Mas quando o demoníaco tentou pela quarta
vez, o longiflecheiro deus bradou, horríssono:
“Toma tento, Tideide! Desiste de ser
igual aos deuses. Rojam na terra os mortais,
não chegam aos sidéreos”. Falou. O Tideide
recuou o suficiente para fugir à ira
do Longiflechador. Da lide Apolo tira
Eneias e à sagrada Pérgamo o transporta,

para seu templo. No ádito cuidam do herói
Latona e a sagitária Ártemis, exaltando-o.
O Arquiargênteo então forja um simulacro, um ícone
de Eneias todo em armas. Em torno, os Aqueus
fúlgidos e os Troianos de novo se enfrentam,
peito a peito, e entrebatem redondos escudos
bovinos e franjadas adargas ligeiras.
E agora a Ares ardente se dirige Apolo:
"Ares, Ares, flagelo dos mortais, sangrento,
talhamuros, é hora de afastar da pugna
o Tideide, que mesmo a Zeus enfrentaria!
A Afrodite primeiro feriu junto ao pulso;
depois, se lançou contra mim, demoniforme".
Isso dito, sentou-se nos altos de Pérgamo.
Ares funesto desce a incitar os Troianos.
Similar ao veloz Acamas, rei dos Trácios,
à progênie de Zeus - aos Priâmides - exorta:
"Ó filhos do rei Príamo, de Zeus gerado,
até quando os Aqueus vão dizimar Troianos?
Até que o assédio chegue às portas bem lavradas?
O guerreiro, que a par de Héctor divino mais
amávamos, tombou, Eneias, filho de Anquises,
altaneiro. Salvemos o herói do tumulto!"
Falou. Esperta ardor e ira. Sarpédon duro
reproche a Héctor dirige: "Onde está teu ânimo?
Dizias-te capaz de defender a pólis
sem gente, sem aliados, só com teus irmãos
e afins. Aqui não vejo nenhum, nenhum deles:
diante do leão, rafeiros vis, que se acachapam!
Somos nós, os aliados, que estamos lutando.
Eu sou um desses; venho de um lugar longínquo,
da Lícia, onde o remoto Xanto turbilhona;
lá deixei a mulher amada e um filho tenro,
e meus bens numerosos que o indigente inveja.
Incito mesmo assim os Lícios e me inflamo
contra o inimigo; nada tenho a deixar como
butim para os Aqueus. E tu ficas estático,
sem incutir nos teus que resistam, persistam,
amparem as esposas. Temo numa teia
multienredante vê-los cair como uma presa,
rapina do inimigo, e que este acabe mesmo
por vencer e arrasar a populosa Troia.
A ti cabe ocupar-te disso, noite e dia;
cabe rogar aos príncipes altifamosos,
teus aliados, que lutem sem trégua e te poupem

de severa censura”. Sarpédon falou.
Mordeu o coração de Héctor com tais palavras.
Salta do carro todo em armas e, brandindo
pontiagudas lanças, corre pelo campo
a concitar as tropas. Acende-se a pugna.
Os Troianos, voltando, enfrentam os Aqueus,
destemerosos, que resistem, firmes. Como
ao longo da eira santa os camponeses joeiram
e o vento assopra as palhas, e acorre Deméter
loura e, ao favor do sopro, aparta o grão da palha,
e esta no solo branca se amontoa; assim
a cabeça aos Aqueus embranquece da poeira
que sobe ao céu urânio polibrônzeo, quando
os cavalos retornam à lide, obedientes
ao bridão dos aurigas, ao furioso esforço
de seus braços. Arrimo dos Troianos, Ares
enoitece a batalha, seguindo os ditames
de Apolo, gládio-de-ouro, que o urgia a incitar
o coração troiano (já se fora Atena,
protetora dos Gregos). Febo do opulento
santuário fez Eneias, condutor de guerreiros,
sair, no coração o ânimo lhe renovando.
E Eneias juntou-se, então, aos companheiros. Estes,
ao vê-lo, rejubilam: ei-lo vivo e incólume,
ardoroso. Porém, não lhe fazem perguntas,
empenhados no encargo ao qual os incitara
o Arquiargênteo, ajudado por Ares, flagelo-
-dos-homens, e a furiosa Discórdia. Os dois Ájazes,
Odisseu e Diomedes instigam os Gregos,
que não temem os Troicos impetuosos, antes
ficam tranquilos, como nuvens que o Croníade,
na acalmia dos ventos, às grimpas dos montes
suspende e permanecem imóveis, enquanto
dorme a fúria de Bóreas e de outras rajadas
que, sibilando, quando sopram, as escuras
nuvens dispersam. Firmes em seus pés, os Dânaos
enfrentam os Troianos. O Atreide percorre
as tropas, exortando: “Sede homens, amigos,
ânimo forte, mutuamente ciosos da honra
no duro embate. A morte poupa mais aos bravos
que aos fujões: nem socorro, nem glória a estes cabe”.
Disse e lançou com ímpeto seu dardo contra
Deicoonte, fiel amigo do animoso Eneias
e filho do herói Pérgaso, a quem os Troianos
honravam tanto quanto a um filho do rei Príamo,

pois sempre pelejava na primeira linha.
Percutiu-lhe no escudo a lança de Agamêmnon;
despedaçando o bronze, roto o cinto, o ventre
lhe varou. Com fragor caiu, ao reboo das armas.
Eneias, por sua vez, dois dos Aqueus abate, ambos
ilustres, os dois filhos de Diocles, Orsíloco
e Crétone. O pai deles habitava Feras
bem-construída, nas galas da opulência. A estirpe
remontava ao Alfeu, rio que banha o país pílio.
O flúmen gerou - rei de milhares - Orsíloco.
Orsíloco gerou Diocles, altivo de ânimo,
e este foi genitor de dois gêmeos, Orsíloco
e Crétone, em batalhas exímios os dois.
Na flor da juventude, ambos, contra Ílion, rica
em poldros, nas escuras, curvas naus se embarcam,
para colher a glória ante os Atreides. Mas,
a morte, que põe termo a tudo, aos dois recobre.
Como dois jovens leões que a mãe nutriu na selva
espessa da montanha, e que, de assalto, o gado,
as ovelhas e estábulos destroem, até
que mão humana e agudo bronze os mate; assim,
abetos espigados, aos dois põe abaixo
Eneias. Dileto-de-Ares, Menelau sentiu
pena, ao vê-los tombar. E se lançou à linha
de frente, bronziarmado,vibrando o venábulo,
Ares o espicaçava, desejando vê-lo
tombar às mãos de Eneias. Vendo isso tudo, Antíloco,
filho de Néstor, alto ânimo, acorre Antíloco
para a primeira linha de combate e avança,
temendo que ao pastor-de-homens algo ocorresse,
frustrando a lide e a todos seu empenho. Eneias
e o Atreide já se enfrentam, empunhando as lanças
pontiaguçadas, ambos ávidos de luta.
Quando Antíloco posta-se ao lado do guia-
-de-povos, Eneias, vendo à frente dois guerreiros,
recua, ainda que não lhe falte ardor. Os dois,
então, para os Aqueus arrastam os cadáveres
dos gêmeos sem ventura; dão-nos às mãos gregas.
E os dois retornam, pronto, à frente de batalha.
Ali mesmo dão fim ao par-de-Ares Pilêmenes
cabo dos Paflagônios, hoste abroquelada.
A ele Menelau, lança-gloriosa, golpeia
na clavícula. Antíloco a Mídone, o auriga
filho de Antímnio, abate (este os cavalos uni-
-cascos desviava). Enorme pedra ao cotovelo

lhe atira e a brida ebúrnea escapa-lhe das mãos
e rebolca no pó. Salta o Nestório e o fere
nas têmporas, a espada. Estertorando, cai
da biga ornada e enterra no pó crânio e ombros.
Assim ficou de ponta-cabeça, um bom tempo
- era fundo e arenoso o chão - até que aos coices
os cavalos o rojam no solo poeirento.
Antíloco os fustiga e os manda ao campo aqueu.
Héctor entre as fileiras os divisa e aos brados
os assalta e as falanges troicas o secundam,
fortes. Ares na frente e a soberana Enió;
esta conduz Tumulto, fero carniceiro.
Ares portava lança portentosa, à frente
ou atrás de Héctor, indo e vindo. Ao vê-lo, o altíssono
Diomedes ficou gélido. Como o viajante
que se detém, vencendo um vasto plaino, inerme
diante do curso rápido de um rio que ao mar
se precipita, espúmeo, borbulhando, turvo,
e trata de mudar de rumo; assim, Diomedes
retrocede, dizendo aos seus: “Amigos, sempre
admiramos o divo Héctor, lanceiro exímio,
denodado guerreiro; mas - notai - ao lado
dele um nume jamais falta, pronto a guardá-lo.
Agora o imortal símile é Ares. Sem deixar
de encarar os Troianos, recuemos. Loucura
combater contra deuses”. Falou, e os Troianos,
entrementes, se vão avizinhando. Mata
Héctor dois bravos, ambos, Menestes e Anquíalo,
num mesmo carro. Apieda-se Ájax Telamônio
dos mortos. Arremessa a lança resplendente
e alcança Anfíon, o filho de Sélago, rei
multiopulento em ouro e bens, sediado em Peso.
A Moira o seduzira a dar socorro a Príamo.
Ájax atravessou-lhe o cinturão. A lança,
longa-sombra, varou-lhe o epigástrio. Tombou
reboando. A despojá-lo corre Ájax ilustre.
Mas os Troicos agudos, plurifúlgeos dardos
lhe arremessam. No escudo, muitos deles cravam-se.
Calcanhar sobre o morto, Ájax a lança brônzea
retira, mas do belo arnês não o desveste,
acuado pelos dardos troicos. Arreceou-se
de um cerco dos Troianos aguerridos, fortes
numerosos, brandindo lanças. Mesmo bravo,
grande, insigne, rechaçam-no os de Troia; assim,
obrigado a ceder, o Telamônio bate

em retirada. A luta prossegue duríssima.
Eis que a Moira suscita, férrea, contra o par-
-dos-deuses, o guerreiro Sarpédon, Tlepólemo
Heráclide, de porte vigoroso e nobre.
E quando se encontraram frente a frente os dois,
um deles filho, neto o outro de Zeus, ajunta-
-nuvens, falou primeiro o Heráclida Tlepólemo:
“Sarpédon, conselheiro dos Lícios, por que
vir aqui agachar-se de medo, tu, homem
não afeito a batalhas? És um pseudo-filho
de Zeus que porta-o-escudo. Estás abaixo, muito
abaixo dos que outrora Zeus gerou, heróis
como Héracles, meu pai, coração-de-leão, ânimo
fogoso. Ele que um dia esteve aqui, buscando
os cavalos, promessa do rei Laomedonte;
veio com seis naus, poucos guerreiros, porém
saqueou Ílion, as ruas lhe deixou vazias.
Mas és pusilânime e os teus vão morrendo!
Não creio, ó Lício, possas dar auxílio aos Troicos,
ainda que te alardeies muito forte. Os umbrais
do Hades vais transpassar, domado por meu braço!”
A ele, Sarpédon, chefe lício, por seu turno,
replicou: “Sim, Tlepólemo, por desatino
o altivo Laomedonte levou Ílion sacra
à ruína pelo herói, seu benfeitor de outrora.
O rei, com más palavras, negou-lhe os cavalos
que de tão longe viera buscar. Mas a ti
a morte e a Moira negra alcançarão; meu dardo
te domará, trazendo-me renome. Ao Hades
de célebres cavalos, hás de dar teu ânimo”.
Assim falou. Tlepólemo brandiu o pique
de freixo. Os dois a um só tempo lançam os dardos.
Sarpédon acertou-o na garganta. A ponta
acerba atravessou-a. A noite lhe escurece
os olhos. Mas Tlepólemo também ferira
Sarpédon na região da coxa esquerda e o pique
furioso penetrou-a até o osso. Zeus Pai
mais uma vez da morte o salva. Os companheiros
retiram-no da lide, mas a lança presa
a seu corpo o afligia; ninguém se preocupara
em extrair-lhe o longo freixo da ferida
para que se movesse melhor, tanta a pressa
em socorrê-lo. Tiram os Aqueus de belas-
-cnêmides da peleja o corpo de Tlepólemo.
O divino Odisseu, coração forte, viu

tudo e se enfureceu. No ânimo, nas entranhas,
remói: melhor seria perseguir o rebento
de Zeus altissonante ou de Lícios inúmeros
tirar o alento? A Moira a Odisseu não ditara
matar com lança brônzea o nascido de Zeus.
Por isso Atena o incita a perseguir os Lícios.
Prostrou Cerano, Crômio, Hálio, Alcandro, Noémone,
Alástor e Pritânis e outros mais prostrara
se não o visse Héctor, elmo crinifúlgido.
Este avança à primeira linha, arnês de bronze
coruscante, e entre os Dânaos semeia o temor.
Sarpédon se alegrou ao vê-lo e lamentou-se:
“Não me deixes aos Dânaos como presa, Priâmide.
Dá-me ajuda. Depois, se a vida me fugir
em Troia, é porque não me era dado voltar
e na pátria rever, alegre, esposa e filhos”.
Falou. Héctor, arnês de bronze coruscante,
sem responder seguiu em frente, ansioso apenas
de rechaçar os Gregos e privá-los do ânimo.
Os companheiros lícios removem Sarpédon,
par-dos-deuses, e o põem sob a copa da faia
pluribela do Porta-Escudo. Pelagonte,
seu companheiro mais querido, o freixo agudo
lhe extrai da coxa. A vida se lhe escapa do íntimo
e seus olhos se ofuscam. Mas, soprando, Bóreas
o espírito, a evolar-se quase, reanima
e ele recobra alento. Os Aqueus, no entretempo,
mesmo sob a pressão de Ares e de Héctor, elmo
brônzeo, não fogem para as naves negras, mas
já não forçam a luta; vão retrocedendo
aos poucos, vendo que Ares apoia os Troianos.
Qual o primeiro, qual o último, das armas
despido pelo Priâmeo Héctor, pelo brônzeo
Ares? Teutrante, quase-deus; Orestes, doma-
-corcéis; Trecon, lanceiro etólio; Heleno Enópide,
Enômao e o de cinto polícromo, Orésbio,
este habitante de Hile, cioso de riquezas
imensas, com palácio junto ao lago Céfiso,
vizinho de outros Beócios, donos de áreas férteis.
Mas Hera, braços-brancos, viu como os Aqueus
na luta cruel estavam sendo trucidados.
A Atena então profere palavras aladas:
“Filha de Zeus que-porta-o-escudo, ó Infatigável!
Será vã a promessa feita a Menelau
por nós, de que, destruída Troia bem-murada,

retornaria aos seus, se nós deixarmos Ares
a enfurecer funesto. Lembremo-nos, ambas,
de nosso ímpeto bélico. Avante”. Falou.
Não dissentiu a deusa olhicerúlea, enquanto
Hera, augusta Croníade, os seus cavalos de áureo
frontal ia aprestando. Hebe ao carro adapta
rodas de bronze curvo eixo férreo, oito raios;
pinas de ouro maciço; lâminas de bronze
justas nas órbitas externas: maravilha!
Em fina prata os cubos das rodas, girando,
de ambos os lados. Tiras feitas de ouro e prata
formam tensas o corpo do carro de dúplice
parapeito; dali sai o timão prateado,
à cuja ponta firma-se um jugo belíssimo
de ouro e peitorais aurilindos; sob o jugo
Hera os corcéis conduz, com gritos de combate.
Arena, por seu turno, filha de Zeus porta-
-escudo, deixa cair sobre o piso paterno
o peplo de polícromo bordado, urdido
por suas próprias mãos. Veste o arnês de Zeus, ajunta-
-nuvens, e cinge as armas para a lacrimosa
guerra. Põe nas espáduas a égide franjada,
pavorosa, que ostenta em coroa o Terror,
Fobos; Éris, Discórdia; Alké, Violência; Ioké,
glacial Perseguição; e a cabeça gorgônea,
monstruosa, obra de Zeus, espavento e prodígio.
A deusa coloca o elmo de cimeira dupla,
tetracórnio, dourado, com friso de heróis
de cem cidades. Sobe então ao carro flâmeo
e empunha a megalança, pesada, maciça,
com a qual, quando irada, a filha do fortíssimo
Pai dizima esquadrões de guerreiros, de heróis.
Hera fustigou rápida os corcéis. As portas
celestes por si mesmas rangeram, guardadas
pelas Horas, custódias do amplo céu urânio,
que abrem e fecham nuvens densas. Os corcéis,
picados, saem por elas. Longe do demais
numes, Zeus, no mais alto píncaro do Olimpo
multiescarpado, senta-se. Hera, a dos braços-
-brancos, sofreia então os cavalos, dizendo:
“Pai, não te indignas vendo os torpes feitos de Ares,
que às cegas, em desordem, extermina os Gregos?
Eu sofro, enquanto a Cípria e o arquiargênteo Apolo
gozam com os desmandos do demente infrene
que atiçaram. Tua cólera despertarei,

Zeus Pai, se eu castigar Ares com o rigor
devido e o afastar do campo de batalha?”
Volta-se e lhe responde Zeus ajunta-nuvens:
“Mais valerá que incites de encontro a ele Atena
predadora; ninguém melhor para puni-lo”.
Disse. E assentiu a deusa braços-brancos, Hera.
Fustigou os corcéis que de bom grado voam
entre a terra e o estelário. Quanto abarca a vista,
a perder-se na bruma, de quem, de um mirante,
contempla o oceano roxo, cor-de-vinho, tanto
os cavalos das deusas num arranco avançam,
altíssonos, nitrindo. Quando aos troicos plainos
chegaram, ao ponto aonde confluem as correntes
dos dois rios, Escamandro e Simoente, Hera, braços-
-brancos, parou o carro, soltou os cavalos
e em torno espargiu densa névoa. Do Simoente
jorrou para os cavalos pasto ambrosíaco. Elas,
as deusas, seguem, pombas tímidas no andar,
sequiosas de ajudar os Gregos. Aonde mais
- e mais forte - o combate se adensa, as duas divas
acorrem. Em redor de Diomedes, o doma-
-corcéis, se apinha a chusma - leões carnivorazes
ou javalis fortíssimos. Hera, estacando,
emite um berro, símile no vulto a Estêntor,
animoso, voz bronzirreboante, só igual
ao clamor de cinquenta: “Que vergonha, Aqueus,
só no aspecto notáveis! Presente à refrega
o divo Aquiles, Troico nenhum aos dardânios
portais jamais surgiu, temendo-lhe o arremesso.
Agora, é vê-los. Lutam junto às naves côncavas!”
Disse. E pôs-se a incitar o ânimo grego e a fúria.
Atena, olhos-azuis, busca o Tideide. O príncipe,
junto aos corcéis e ao carro, amainava a ferida
que Pândaro, flecheiro, lhe fizera. O suor,
por sob o largo bálteo do broquel redondo,
o afligia. Exaurido, o braço já lhe pesa;
mas afasta a correia e limpa o sangue negro-
-nuvioso. A deusa o jugo dos corcéis lhe toma,
dizendo-lhe: “O Tideide ao pai não se assemelha.
De pequena estatura, Tideu era um bravo.
Certa vez o proibi de lutar, de ostentar
seu brilho. Como núncio, apartado dos Gregos,
fora a Tebas, perante Cadmeios sem conta;
impus-lhe banquetear-se nos salões tranquilo.
Mas ele, coração fogoso, como sempre,

pôs-se a reptar os jovens cádmios e os bateu
nos vários jogos (facilmente: eu a seu lado).
Eu, agora, te amparo e guardo e, toda zelos,
te instigo a combater os Troianos. Opresso
de fadiga ou de frio temor descorajoso,
tu não pareces filho de Tideu, flamante-
-coração, da linhagem ilustre de Eneu”
O intrépido Diomedes volta-se e responde:
“Reconheço-te, deusa, filha de Zeus, porta-
-escudo. De boa mente falo, nada oculto.
Descoragem medrosa ou tibieza não travam
meu ímpeto. Recordo apenas teu ditame:
não afrontar jamais os deuses no combate;
isto ensinaste a mim e aos outros; Afrodite,
somente, poderia eu ferir com meu bronze.
Eis por que retirei-me e concitei os meus
a reunir-se aqui, junto de mim, pois notei
Ares, em meio aos Troicos, senhoreando a guerra”.
Então, olhos-azuis, a deusa Atena diz-lhe:
“Ó Diomedes Tideide, meu dileto no íntimo:
não te arreceies de Ares nem de qualquer outro
imortal. Estarei a teu lado, incitando-te.
Lança os cavalos unicascos de encontro a Ares,
acomete-o de perto, sem temer-lhe a fúria:
é um insano de má-morte, um falso, um duas caras;
a Hera e a mim, não há muito, se declarou
inimigo dos Troicos e a favor dos Gregos.
Agora deslembrado, junta-se aos Troianos”.
Assim falando, a deusa afasta o auriga Estênelo
do carro com a mão (este salta, obediente)
e sobe à biga ao lado do árdego Diomedes.
Estala o eixo de faia sob o peso de ambos,
uma deusa terrível e um herói fortíssimo.
Palas Atena empunha o látego e o bridão
e arremessa os corcéis unicascos de encontro
a Ares. Este espoliava o enorme Perifante
o mais valente etólio, progênie de Oquésio.
Despia-o da armadura o deus sanguinolento.
Atena põe (e faz-se invisível) o escuro
elmo de Hades. Invisa, Ares só vê Diomedes.
O matador-de-gente larga Perifante,
enorme, ali mesmo onde, exânime, tombou
e se atira a Diomedes, cavaleiro exímio.
E quando os dois se enfrentam, cara contra cara,
Ares, por sobre o jugo e as rédeas, pronto, o bronze

desfere, rapace, ávido por desalmar
o Tideide. A deusa, olhos-azuis, com a mão
o empolga e o faz voar no vazio, lançado longe,
além da biga. Então, Diomedes, voz altíssima,
arroja o pique brônzeo. Atena o endereça
aos baixios, onde aperta o cinturão do deus.
Ali o fere e punge. A pele fina rasga-lhe
e a lança extrai do ferimento. Ares, o brônzeo,
berra, com um bramido de nove ou dez mil
homens, lutando a mando do nume da guerra.
Troianos e Aqueus tremem aterrorizados,
tão grande o urro de Ares belicoso. Assim
como um vapor das nuvens, tenebroso, exala-se
em tempo de calor, quando o vento colérico
tempestua, assim viu Diomedes o brônzeo Ares
subir, a par das nuvens, para a vastidão
do urânio céu. Ao solar íngreme dos deuses
olímpicos chegando, aos pés de Zeus se assenta,
célere, e exibe doído seu imortal cruor
que escorre, ambrósio. Tom funéreo, então profere
alígeras palavras: “Zeus Pai, não te indignas
diante de tais desmandos? Deuses uns aos outros
se atormentando, em mútua discórdia, somente
para gáudio dos homens. Desgostosos, todos,
contigo estamos. É uma louca essa tua filha,
maquina coisas ruins. Todos, no Olimpo, te ouvem
e obedecem submissos. A ela, porém, não
tolhes com ações ou palavras. Fica à solta,
a predadora, por ti mesmo, a sós, gerada.
Ao Tideide Diomedes, hiperpresunçoso,
agora, a desvairar, concita contra os deuses.
A Cípria, na mão, junto ao pulso feriu. Logo
depois, me acometeu, demoniforme. Graças
aos pés velozes, pus-me a salvo. Senão, por
muito tempo, entre pilhas de atrozes cadáveres
penando jazeria, mesmo se vivo, inânime,
golpeado pelo bronze”. Zeus ajunta-nuvens,
olhando-o de soslaio, diz irado: “Ó duas caras,
fica longe de mim com teus queixumes. Mais
que nenhum deus, és para mim odioso. Só
de guerras cuidas. Tens o mau-gênio insofreável
de tua mãe, que eu reprimo a custo com palavras.
Dela, de Hera, de seus conselhos, vêm teus males.
Não deixarei, porém, que sofras por mais tempo;
és meu filho e de mim tua mãe te concebeu;

predatório como és, gerado de outro deus,
já no fundo estarias, abaixo dos Urânides”.
Falou. E deu a Péone o encargo de curá-lo.
Este aplicou-lhe à chaga um bálsamo leniente
e deixou-o são; não era de estirpe mortal.
E como no leite alvo o suco da figueira
vertido e remexido faz coalhar o líquido
e presto o adensa aos olhos de quem o remexe,
assim também se cura Ares, o violento. Hebe
o banha e o veste com primor. Junto de Zeus,
luzindo em glória, assenta-se. À divina estância
regressam Hera, a argiva, e Atena Alalcomênia,
depois de ter contido Ares, sanha assassina...

Canto VI
Héctor e Andrômaca: o adeus

Troicos e Dânaos ficam sós na luta aspérrima.
Aqui e ali, no plaino, recrudesce o embate.
Lançam, uns contra os outros, os dardos de bronze,
entre as correntes dos dois rios, Xanto e Simoente.
Ájax, o Telamônio, antemuro dos Gregos,
é o primeiro a romper - luz para os companheiros -
a falange dos Troicos, golpeando o melhor
dos Trácios, Acamante, bravo e corpulento
Eussório. No frontal do elmo de ôndula crina
o acerta e a brônzea ponta atravessa-lhe o osso
da testa. O escuro lhe anuvia e ofusca os olhos.
Diomedes, voz altíssona, acomete Axilo
Teutranide, habitante de Arisba, cidade
bem-construída, opulento e benquisto; acolhia
a todos na mansão à beira-estrada. Mas
ninguém serviu-lhe de anteparo à morte. Os dois,
ele e seu escudeiro e auriga dos corcéis,
Calésio, esvaídos de alma, baixaram à terra.
Euríalo a Dreso e Oféltio, e este e aquele, despoja.
Volta-se depois contra Pédaso e Esepo. A ambos
gerara a ninfa-náiade Abarbareia, anos
atrás, de Bucolíon, filho de Laomedonte,
primogênito, embora de origem espúria.
Bucolíon pastoreava ovelhas e, amorosos,
ele e a náiade uniram-se; dois filhos, gêmeos,
nasceram desse abraço. O Mecisteide Euríalo
o vigor lhes dissolve do ânimo e dos membros
esplêndidos, e o arnês dos ombros lhes retira.
Polipetes, fogoso coração, prosterna
Astíalo. A Pidites Percóssio, Odisseu
mata com brônzea lança; Teucro ao divo Arétaon.
Antíloco Nestóride com lança fúlgura
abate Áblero. O rei dos homens, Agamêmnon,
aterra Elato; à margem do Sátnio morava,
rio de bela torrente, na escarpada Pédaso.
O herói Lito atalhou Fílaco que fugia.
Eurípilo a Melântio despoja. Alta voz,
Menelau prende Adrasto; os corcéis desbridados,
contra uma tamargueira bateram o carro
curvilíneo; o timão partiu-se; à desfilada,
a parelha, assustando-se, foge no rastro

dos que à pólis regressam e o arroja da biga
de boca no pó, junto à roda. Menelau,
ao pé dele, meneia a lança longa-sombra;
abraçando-lhe os joelhos, Adrasto suplica:
“Poupa-me, Atreide, a vida; em contraparte aceita
resgate condizente; meu pai, no palácio,
entesoura riquezas: ouro, bronze, ferro,
linda lavra; profuso prêmio te daria
por mim, se me soubesse cativo dos Gregos”.
Falou. E quase convenceu, no íntimo, o Atreide,
que às naus gregas estava a ponto de mandá-lo,
aos cuidados de um servo. Interveio Agamêmnon,
correndo a seu encontro e gritando: “Ó meu caro
Menelau. Não te apiedes desse homem! Boas coisas
- recorda - os Troicos já fizeram em teu lar!
Que em nossas mãos, nenhum deles refuja à morte
atroz. Mesmo os que a mãe levar dentro do ventre,
machos não-natos. Todos hão de perecer
longe de Ílion, imêmores, sem tumba”. Assim
falou. E persuadiu o irmão diversamente,
pois dissera o correto. Menelau repele
Adrasto com as mãos. Agamêmnon o fere
na ilharga e ele, de costas, cai. O Atreide extrai-lhe
- calcanhar sobre o peito - o dardo, freixo agudo.
Néstor, então, aos brados, exorta os Aqueus:
“Amigos, heróis dânaos, acólitos de Ares!
Que ninguém se retarde pilhando os espólios
para levar às naus o quanto possa. Vamos,
primeiro, liquidar o inimigo. Depois,
com calma, despiremos, no plaino, os cadáveres
jacentes”. O furor e o vigos dos guerreiros
com sua fala instigava. Em Ílion, porventura,
já se teriam os Troicos refugiado, pávidos,
ante os Gregos possuídos de Ares, caso Heleno
o Priâmide, o melhor entre os áugures, não
houvesse prevenido a Héctor e a Eneias: “De vós
estão pendentes Troicos e Lícios. De vós
procede o impulso à decisão que leva à ação
de combate. Correi as fileiras, detende
os homens ante as portas, que não se recolham
aos braços das mulheres, fugindo, vexame
perante os adversários. Reanimai as tropas
e então combateremos, firmes, os Aqueus,
ainda que exaustos; urge fazê-lo. Tu, Héctor,
retorna à pólis; dize à nossa mãe que reúna

as matronas no excelso templo de Atena, olhos-
-azuis, e abra o santuário grimpado na rocha;
deponha, sobre os joelhos da deusa de lindos
cabelos, o mais belo peplo do palácio,
o maior, de mais preço, o que ela mais estime;
doze novilhas não juguladas prometa
consagrar-lhe no templo, para que se mostre
compassiva à cidade, às mulheres, às crianças
troianas e da sacrossanta Ílion afaste
o filho de Tideu, lanceiro feroz, torvo
incitador do medo, o mais forte dos Gregos,
penso; temor tamanho nem de Aquiles temos
príncipe dos guerreiros, de uma deusa - dizem -
concebido. O Tideide se enfurece mais
e em vigor ninguém pode se medir com ele”.
Falou. E Héctor ouviu o conselho do irmão.
Saltou logo do carro todo em armas; duas
lanças brandindo, agudas, vai por toda parte
concitando os guerreiros; aviva-se a luta,
feroz. Voltam os Troicos a enfrentar os Gregos.
Os Aqueus retrocedem; finda o morticínio.
Algum dos imortais, baixando do estelário
urânio, viera aos Troicos ajudar, diziam;
por isso, reanimavam-se. Héctor, altos brados,
os exorta: “Valentes Troianos, aliados
cercados de longínqua fama, sede bravos!
Mostrai, amigos, ímpeto e valor, enquanto
a Ílion retorno, para dizer ao conselho
dos anciãos, e também às mulheres, que roguem
aos deuses e prometam-lhes uma hecatombe”.
Assim decidindo, Hector, de elmo criniondeante,
afastou-se. Tocava-lhe nos calcanhares
e na nuca a orla negra de pele que o escudo
umbiliforme ornava. Então Glauco Hipolóquio
e o filho de Tideu se defrontam, no meio
de ambas as facções, ávidas de combater.
Diomedes, voz altíssona, fala primeiro:
“Quem és, mortal bravíssimo, que antes não vi
na guerra que dá glória? A todos em coragem
superas, já que enfrentas minha lança, longa-
-sombra. Comigo só se medem descendentes
de pais de má fortuna! Mas se és um dos deuses,
eu, por mim, não desejo lutar com celestes.
Nem mesmo o valoroso Licurgo de Driante
teve uma vida longa ao combater com deuses.

Ele que pôs em fuga as nutrizes do nume
enfurecido, o divo Dioniso nos montes
sacrossantos de Nisa. Licurgo homicida,
vibrando o aguilhão, fez com que elas, assustadas,
deixassem cair os tirsos. Dioniso, aterrado,
afundou-se no mar. Tétis o acolheu, trêmulo
de pavor. Irritaram-se os celestes bem-
-aventurados. Zeus Croníade o cegou.
Pouco sobreviveu, odiado pelos numes
perenes. Não desejo pelejar com deuses.
Mas se és humano e a terra te nutre dos seus
frutos, vem que verás o teu funesto fim".
Responde, por seu turno, o esplêndido Hipolóquide:
"Ó Tideide, ardoroso de ânimo, por que
perguntas minha origem? Símile à das folhas,
a geração dos homens: o vento faz cair
as folhas sobre a terra. Verdecendo, a selva
enfolha outras mais, vinda a primavera. Assim,
a linhagem dos homens: nascem e perecem.
Direi minha progênie, como pedes. Muitos
a conhecem. No centro de Argos, nutridora
de corcéis, se eleva Éfira, onde o filho de Éolo,
Sísifo, o mais astuto dos homens, reinou.
Gerou um filho: Glauco; este, Belerofonte,
imáculo, que os deuses agraciaram com
beleza varonil e gênio amável. Proito,
porém, maquinou contra ele coisas malignas.
Escorraçou-o de Argos: tinha mais poder,
rei por graça de Zeus; Anteia, diva e rainha,
num arroubo de amor, secretamente quis
entregar-se a ele. Não seduziu ao prudente
Belerofonte, mente limpa! Anteia ao rei
mentiu: 'Ou matas quem me quis tomar à força,
ou, ao invés, será melhor que morras.' Disse
e o rei se enraiveceu, mas lhe faltou coragem
para matá-lo. À Lícia o manda, com mensagem
que grafara - funestos signos - em tabuinhas
fechadas, para o sogro (os sinais insinuavam
que fosse executado). À Lícia, favoráveis,
os numes o escoltaram até junto ao Xanto
fluente. Benévolo, o acolheu o rei. Por nove
dias o hospedou, a nove reses imolando.
Quando, porém, no dia décimo, despontava
a Aurora, dedos-rosa, no horizonte, o rei
indaga-lhe dos signos que, por meio dele,

o genro, Proito, certo lhe mandara. Logo
que examinou os fúnebres sinais, o rei
ordenou-lhe matar a Quimera imbatível,
de inumana, divina estirpe: cara, leão;
rabo, serpente; dorso caprino, resfolgo
hórrido, de furor e fogo. O herói matou-a,
confiado nos acenos celestes. Depois
tocou-lhe combater os afamados Sólimos,
seu mais terrível prélio, ele mesmo o dizia.
Vencer as Amazonas: o terceiro encargo.
Cumpriu-o. Ao retornar, um ardil o esperava;
dentre os Lícios, o rei, escolhendo os melhores,
armou-lhe uma emboscada: à casa, nenhum deles
voltou. Belerofonte, imáculo, destruiu-os.
Reconhecendo a estirpe divina do herói,
o rei o conseguiu reter e deu-lhe a filha
por esposa e a metade dos poderes régios.
Os Lícios lhe atribuíram excelente gleba,
arável e frutuosa estância onde vivesse.
Deu-lhe a mulher três filhos; Hipóloco, Isandro
e Laodâmia, à qual se uniu Zeus, prudentíssimo,
gerando assim Sarpédon deiforme, armas-brônzeas.
odiado pelos deuses e caído em desgraça,
Belerofonte ao léu vagava pelos campos
aleios, remoendo a própria alma na solidão,
alheio aos outros homens. A Isandro, seu filho,
Ares, fome-de-guerra, matou-o em combate
contra os Sólimos, sólido-renome. Então
Ártemis, bridas-de-ouro, em cólera matou
Laodâmia. Gerou-me Hipóloco que a Troia
me enviou, recomendando que primasse em meio
aos outros, superando-os sempre; que a linhagem
dos pais não desonrasse, deles que, valentes,
em Éfira e na vasta Lícia distinguiram-se.
Me honro de provir dessa estirpe e desse sangue".
Falou. Diomedes, voz altíssona, alegrou-se.
Plantou na terra, pródiga nutriz, a lança
e disse, voz afável, ao pastor-de-povos:
"De fato considero que és - e desde muito -
um hóspede paterno. O divo Eneu, por vinte
dias, a Belerofonte imáculo acolheu,
certa vez, no palácio. Deram-se, um ao outro,
regalos de amizade: Eneu um cinturão
de púrpura refúlgida; Belerofonte
uma copa, ouro puro, duplialada; quando

parti, deixei-a em casa. De Tideu, não lembro.
Era uma criança quando me deixou e, em Tebas,
com o exército acaio veio a perecer.
Em Argos, para mim, serás hóspede e amigo;
se um dia eu for à Lícia, tu me hospedarás.
Evitemos, portanto, cruzar nossas lanças,
ainda que seja em campo de batalha. Bravos
Troicos e aliados há muitos para abater,
os que um deus me ofereça e aqueles que eu persiga;
muitos Aqueus terás para matar, podendo.
Troquemos, pois, as armas; do penhor paterno,
orgulho nosso, saibam todos". Falou. Saltam
ambos dos carros; dão-se um aperto de mãos,
pacto de fé. Aqui, Zeus empanou o senso
de Glauco, que a Diomedes cedeu armas de ouro
em troca de arnês brônzeo: cem bois permutados
por nove! Héctor, no meio tempo, chega às portas
Ceias e ao roble. Cercam-no esposas e filhas
troianas, dos maridos, filhos, irmãos, primos
indagando. Que roguem aos deuses, uníssonas,
exorta o herói (a muitas já rondava o luto).
Entrando no solar belíssimo de Príamo,
passando pelos pórticos de liso mármore,
depara com cinquenta aposentos contíguos,
revestidos de pedra polida, onde os filhos
do rei, junto às esposas dormiam; do outro lado
do pátio, outros doze aposentos, fronteiros,
para as filhas do rei Príamo, em pedra polida,
os tetos com terraços, contíguos. Os genros
de Príamo ali dormiam, junto com as esposas.
Ao encontro do herói vem a mãe todo-amorosa,
que visitava a filha, a belíssima Laódice;
tomando-o pela mão, diz-lhe: "Filho, por que
abandonaste a luta acerba? Certo, os filhos
dos Aqueus - maldito nome - acossam os muros.
Vieste, pois, para Zeus, alçando as mãos, rogar,
do topo da cidade. Espera, vou trazer-te
um vinho doce feito mel, para libar
ao Pai e aos outros numes; e bebe-o também,
restaura-te, que o vinho anima o ânimo do homem
exausto, como estás, lutando pelos teus".
Héctor magnífico, elmo-coruscante, à mãe
responde: "Veneranda, não me ofertes vinho
melifluente; receio que me entorpeça e o íntimo
me empane; temo a Zeus libar um vinho flâmeo

com mãos não limpas; nem se pode, ao nuvinegro
Zeus, ao Croníade, orar com mãos sujas de sangue,
pulverulentas. Vai porém com as matronas
à Atena predadora, ao seu templo, com dons;
sobre os joelhos da deusa de lindos cabelos
depõe o peplo mais belo de teu palácio,
o maior, de mais preço, o que entre todos mais
estimes; consagra-lhe, então - promete - doze
novilhas no santuário, nunca juguladas,
para que se mostrasse compassiva à pólis,
às mulheres, às crianças troianas e de Ílion
sacrossanta o Tideide afaste, o Grego mais
forte, feroz lanceiro, torvo incitador
do medo. Sobe ao templo. Vou atrás de Páris,
tratar de espicaçá-lo, caso queira ouvir-me;
que Geia-Terra se abra e o engula! Foi gerado
por Zeus para flagelo de Troia, de Príamo,
dos Priâmides. Se enfim baixasse ao Hades, certo
aliviaria meu ânimo aflito de penas”.
Falou. A mãe, voltando ao paço, ordena às fâmulas
que avisem as matronas por toda a cidade.
Ao recinto balsâmico do tálamo, onde
guarda os peplos de plúrima urdidura, feitos
por mulheres sidônias, que o Alexandro Páris,
deiforme, navegando amplos mares, trouxera
pela rota seguida ao sequestrar Helena,
linhagem-límpida. Hécuba, para Atena, um,
o mais belo, o maior, escolhe, de urdidura
riquíssima, esplendor de estrela, muito bem
guardado sob os outros. Se encaminha ao templo
e as matronas o seguem. Chegando ao santuário,
a filha de Cisseu, Teano, a de rosto lindo
(mulher de Antenor, doma-corcéis), abre as portas,
como sacerdotisa eleita pelos Troicos;
todas erguem as mãos, coro de vozes lúgubres.
Recolhe o peplo Teano, rosto-lindo, e o põe
sobre os joelhos de Atena, orando a de belíssimos
cabelos: “Veneranda Atena, protetora
de Ílion, filha de Zeus, divina entre as divinas,
quebra a lança a Diomedes; ante as Portas Ceias,
que ele desabe, boca no pó. Te daremos,
em oferenda, doze, nunca juguladas,
novilhas, se mostrares compaixão da pólis,
das mulheres, das crianças troianas”. Acena
Palas Atena com um *não*. Enquanto rogam,

Héctor chega à mansão de Páris Alexandro,
bela, por ordem dele edificada pelos
melhores mestres-de-obra e artífices de Troia
fértil. Um aposento - o tálamo -, um salão
e um pátio, no mais alto da Acrópole, junto
do palácio de Príamo e da morada de Héctor.
O herói entrou, portando lança de onze cúbitos,
ponta de lampejante bronze, presa em aro
de ouro. Páris polia as armas pluribelas,
da couraça ao escudo, encurvando seus arcos
e os provando; sentada a argiva Helena vai
dirigindo as escravas, no afã de um trabalho
primoroso. Tão logo o viu, censuras ásperas
lhe fez Héctor, dileto-de-Zeus: “Infeliz,
pobre diabo! Esse fel, que te corrói a entranha,
não é belo! Os guerreiros morrem junto aos muros
da cidade, lutando. O estrépito da guerra
que circum-flama a pólis, tu o motivaste;
reprovarias um outro que fugisse à luta.
Vamos! O fogo adverso já nos ronda as portas”.
O deiforme Alexandro assim lhe respondeu:
“É justo o que me dizes, não contra a justiça;
escuta-me porém, dá-me atenção. Não foi
o fel da cólera, o ânimo dorido contra
os Troicos, a razão de eu recolher-me à casa
tanto tempo; queria consolar-me das mágoas.
Minha esposa exortou-me com palavras suaves
a retornar à luta. Assim também entendo,
a vitória na guerra é mutável. Espera
que eu vista as armas de Ares. Ou, vai na frente, eu
irei ao teu encontro”. Falou, Héctor, elmo-
-coruscante, calou. Helena, voz-de-mel,
voltando-se, lhe diz: “Meu cunhado - cunhado
desta cadela má, de mente maliciosa,
odienta. Quando vi a luz, melhor teria
sido que um vendaval me arremessasse ao topo
de um monte ou para o mar de políssonas ondas,
que me tragassem antes disso tudo. Os deuses
não quiseram. Que eu fosse então esposa de homem
de mais brio, que soubesse de vingança e ofensas.
Este não é e não será jamais de firme
têmpera, e há de colher os frutos disso, em breve,
temo. Mas entra e senta-te, cunhado. Tens
o coração num círculo de mágoas, por
causa desta cadela que eu sou e do louco

Páris, a quem Zeus fado sinistro impôs, para
que, ambos, sejamos tema dos vates vindouros”.
Héctor lhe responde, elmo-coruscante: “Helena,
não me faças sentar, se me queres; nem queiras
persuadir-me. Tenho o ânimo voltado para
os Troicos, que ressentem minha ausência. Ativa
a Páris, que se apresse - ou ele próprio o faça -
e que me encontre dentro dos muros da pólis.
Vou para casa agora, para ver os meus,
a esposa amada, nosso filho tão pequeno.
Não sei se voltarei a vê-los ou se os deuses
me farão perecer nas mãos dos Gregos”. Disse.
E dali se foi, elmo-coruscante. À sala
do paço acolhedor, chegando, ele não viu
Andrômaca, de braços brancos. Com o filho
e uma serva de peplo vistoso, subia
à torre, toda em prantos, aflita. Não tendo
conseguido encontrar no interno a esposa imácula,
Héctor volta aos umbrais e às servas interroga:
“Sinceramente, escravas, dizei-me, onde está
Andrômaca, de braços brancos? Foi à casa
de uma de suas cunhadas, lindos-peplos? Ou
ao santuário de Atena, onde as Troianas, belas-
-madeixas, juntas, tentam aplacar a deusa
terrível?” Em resposta, a escrava-despenseira
lhe diz, zelosa: “Vou ser sincera, assim como
ordenaste. Tua esposa não está em visita
às cunhadas de belos peplos, nem ao tempo
de Atena dirigiu-se, tentando aplacá-la
junto às Troianas, belas-madeixas. À torre
de Ílion subiu, tendo escutado que os Troianos
capitulam, que os Gregos são mais fortes. Foi
transtornada, com ama e criança”. Tendo ouvido
a escrava, Héctor, de pronto, deixa seu palácio
pelas ruas bem-traçadas que já percorrera.
Atravessa a cidade e alcança as Portas Ceias,
dispondo-se a sair. Vem-lhe ao encontro a mulher,
plúrimos-dons, Andrômaca, filha de Eecião,
magnânimo, habitante do sopé do Placo
selvoso, em Tebas Hipoplácia, rei do povo
cilício. Deu a filha a Héctor, brônzea-armadura.
Esta veio ao encontro do esposo, com a ama
que levava no colo o menino, pequeno
ainda, de coração singelo, quase estrela
de lindo, filho amado de Héctor. Escamândrio

lhe chama o pai; Astiánax, Senhor-da-Cidade,
diz o povo, pois Héctor sozinho é o amparo
de Troia. Assim que a viu, o herói sorriu, silente.
Andrômaca, chorando, toma a mão do esposo
e diz: “Infortunado! Um ardor demoníaco,
o teu, será tua ruína. Não te compadeces
do filho pequenino e de mim, sem ventura,
que logo ficarei viúva, pois os Aqueus,
caindo sobre ti, vão trucidar-te. Mais fora
para mim preferível, perdendo-te, à terra
baixar, e sem consolo nenhum, se é essa a sina
que te cabe; amargura tão-só. Pai já não
tenho, nem mãe. Aquiles, divino, matou
meu pai, saqueando Tebas, bem-povoada, pólis
dos Cilícios, de portas altas. Sim, matou-o,
porém não o despiu da armadura, não teve
ânimo. Incinerou Eecião, armas e arnês
de dedáleo lavor e fez-lhe erguer um túmulo
que as Oréades, nascidas de Zeus porta-escudo,
ninfas dos montes, de alamos rodearam. Meus
sete irmãos, o Aquileu pés-velozes, num só
dia, os despenhou noHades, quando pastoreavam
bois tardo-passo e ovelhas de lã cor de prata.
Minha mãe, soberana do Placo selvoso,
trouxe-a cativa com seus bens, mas libertou-a
em troca de copioso resgate. No paço
paterno, a sagitária Ártemis abateu-a.
Agora, para mim, Héctor, és pai e mãe,
irmão e meu marido na idade florida.
Tem compaixão! Aqui na torre permanece,
não deixes que teu filho fique órfão e eu viúva.
Junto à figueira brava reúne as tropas, onde
o muro da cidade é fácil de escalar.
Já tentaram três vezes galgá-lo os mais bravos
companheiros dos Ájazes, de Idomeneu
famigerado, dos Atreides, do valente
Tideide, por augúrios movidos ou por
coragem própria guiados”. Elmo-coruscante,
responde-lhe o herói magno, Héctor: “Senhora, a mim
também preocupam essas coisas. Mas seria
um desdouro terrível perante os Troianos
e as Troianas de longos peplos, se eu fugisse
da guerra, como um fraco, nem meu coração
o aceita, que aprendi a ser forte e lutar
à frente dos Troianos, por estima própria

e glória de meu pai. Sei na mente, sei no íntimo:
um dia cairá Ílion, a sacrossanta, e Príamo,
bom-de-lança, com ela, e os súditos de Príamo.
A dor futura deles, dos Troianos, de Hécuba,
do rei Príamo, dos muitos e bravos irmãos
que por mãos inimigas rolarão no pó
não me acabrunha tanto, quanto imaginar-te
cativa de um Aqueu, arnês-de-bronze, e em prantos
arrastada, do dia livre expulsa para Argos,
reduzida a bordar às ordens de uma estranha,
ou buscar água à fonte Hipereia e a Masseide,
mesmo que a contragosto, amarga, dura sina.
E vendo-te chorar, alguém dirá: ‘É a viúva
de Héctor, o mais forte entre os guerreiros de Troia,
doma-corcéis, que em torno de Ílion combatiam.’
Alguém dirá. E mais acerbas se farão
tuas dores, sem esposo que afinal te livre
da jornada servil. Espalhem sobre mim
terra que me recubra antes que o teu lamento
de prisioneira e escrava eu ouça”. Falou Héctor
ilustre e ao filho os braços estendeu. A criança,
com um grito, apegou-se à ama, cintura-esbelta,
assustada ante o pai - bronze e crineira equina -
que agitava o penacho do elmo. O pai e a mãe
sorriram. Héctor o elmo de pronto remove
e no solo o depõe plenifulgente. O filho
toma nos braços, beija-o; roga então a Zeus
e aos outros deuses todos: “Ó Zeus, ó celestes
numes, dai-me que meu filho seja como eu,
insigne entre os Troicos e que reine um dia
- em valor e vigor igual a mim - sobre Ílion.
Voltando do combate, no futuro, possa
alguém dizer: ‘É mais forte que o pai!’ Que traga
da batalha despojos sangrentos de mortos,
troféus de guerra, para o júbilo da mãe”.
Disse e depôs o filho nos braços da esposa
querida que, entre lágrimas e riso, o acolhe
no colo perfumado. Comoveu-se o esposo
e lhe disse, fazendo-lhe carinhos: “Anjo
sem ventura, por mim não faças sofrer teu
coração; contra os fados, ninguém me fará
baixar ao Hades; homem nenhum, porém, foge
à Moira, mau ou bom, desde o dia em que nasce.
Agora volta à casa, cuida de tuas coisas,
da roca e do tear; vê que as fâmulas também

às tarefas se apliquem. Aos homens troianos
- e sobretudo a mim - incumbe-nos a guerra”.
Disse. E retomou o elmo de ôndula crineira.
A esposa volta para casa e, a cada passo,
olhando para trás, deixa correr as lágrimas.
Chegando ao solar de Héctor, matador-de-bravos,
encontra no interior as servas e as comove
todas. Na mansão de Héctor - ainda vivo - choram
por Héctor. Não pensavam que voltasse ileso
da batalha, escapando à garra e à fúria grega.
Páris, por sua vez, não demorou muito tempo
no soberbo palácio. Assim que revestiu
a esplêndida armadura trabalhada em bronze,
atravessou a pólis com seus pés ligeiros.
Como um garanhão bem nutrido à manjedoura,
fornida de cevada, rompendo as correias
sai galopando pelos campos a banhar-se
no costumeiro rio, clara-corrente, e altivo
ergue a cabeça, crinas soltas nas espáduas,
e no esplendor da força os jarretes o levam
à pastagem das éguas, assim Páris, filho
de Príamo, das alturas de Pérgamo baixa
- um sol nas armas rútilas - levado fácil
por pés ligeiros, rosto radioso. Encontra Héctor
o irmão, já de partida de onde se avistara
com a mulher. Igual a um deus, Páris lhe fala:
“Irmão, com meu atraso, temo ter frustrado
a gana que te apressa. Demorei demais?”
Elmo-coruscante, Héctor, em resposta, diz-lhe:
“És um demônio! Não deixará de admitir
o teu valor na luta nenhum homem justo.
És corajoso. O mal é que relutas, não
te empenhas em agir. Dói-me quando os Troianos,
que por ti tanto sofrem, te injuriam. Depois
acertaremos contas, se Zeus permitir
que aos Imortais e à nossa liberdade eu erga -
expulsos os Aqueus, belas-cnêmides, de Ílion -
a cratera repleta para as libações”.

Canto VII

Héctor *versus* Ájax:
combate singular

Assim falou. Héctor, esplêndido, transpõe
as portas, e com ele Páris Alexandro,
ambos, nos corações, sequiosos de refrega
e de guerra. Assim como um deus aos navegantes
ansiosos favorece com um vento amigo,
quando já esmoreceu de sulcar o oceano
movendo a pulso os remos lisos, aos ansiosos
Troicos os dois irmãos apareceram. Páris,
no ato, matou Menéstio, procedente do Arne,
filho do rei Areítoo, porta-clava, e Filo-
-medusa, olhos-de-toura. Héctor, com lança aguda,
fere Eioneu na gorja, sob a gálea brônzea,
e lhe amolece os membros. Glauco Hipoloquida,
comandante dos Lícios, atravessa a espádua,
com a lança, ao Dexíade Ifínoo, no entremeio
do combate violento, quando este saltava
para o carro; atirado ao solo, afrouxa os membros.
Atena, olhos-azuis, vendo os Aqueus tombarem,
baixa veloz do Olimpo até Ílion sagrada,
mas Apolo, do topo de Pérgamo, a avista
e lhe vem ao encontro, defensor dos Troicos.
Junto ao roble, os dois numes se defrontam. Diz-lhe
o nobre Apolo, filho de Zeus, o primeiro
a falar: “Por que, mais uma vez baixa do alto
imo do Olimpo a filha furiosa de Zeus?
Que paixão lhe afogueia? Dar vitória aos Dânaos?
Os Troicos que perecem - sei - pouco te importam.
Seria bom que em algo me ouvisses. Façamos
na peleja uma pausa no entrevero. Só
por hoje. Que amanhã recomece o combate,
até que chegue o fim d’Ílion, para o prazer
das deusas imortais que no íntimo desejam
a ruína da cidade”. Atena, olhos-azuis,
responde-lhe: “Assim seja, ó nume que manobra
de longe. Do alto Olimpo desci para junto
de Troianos e Aqueus, pensando nisso. Como
imaginas fazer que pare a guerra agora?”
Apolo diz-lhe então: “A fúria de Héctor, doma-
-corcéis, devemos excitar. Que lance um repto

aos Dânaos, para um duelo, cara-a-cara, aspérrima
luta a dois. Os Aqueus, brônzeas-cnêmides, certo,
hão de instigar um bravo a se bater com Héctor,
divino". Assim falou e persuadiu Atena,
olhos-azuis. Heleno Priâmide, sentiu
o desígnio dos deuses no coração. De Héctor
se acerca e lhe diz: "Héctor, ó filho de Príamo,
símile a Zeus no engenho, escuta teu irmão.
Faze que Aqueus e Troicos se assentem. Um repto
então lança ao mais forte dos Gregos: duelar
contigo cara-a-cara, áspera luta a dois.
Não arriscas morrer, a Moira não te assina
esse destino agora, avisam-me os Perenes".
Falou. Héctor exulta ouvindo-lhe as palavras.
Irrompe em meio aos Troicos, segurando a lança
a meia haste. Para as falanges. Assentam-se
todos. Aos Gregos, belas-cnêmides, detém-nos
Agamêmnon. Atena e o arcoargênteo Apolo
pousam, na imagem de aves de rapina, no alto
do roble de Zeus porta-escudo, contemplando
alegres os guerreiros, sentados em filas
cerradas, eriçados de lanças, de escudos,
de elmos em crista. Como o Zéfiro que sopra
e frisa o mar, e pronto, encrespando-se, as ondas
se enegrecem, assim ondeiam na planura
as fileiras de Aqueus e de Troianos, todos
sentados. Entre as duas facções, Héctor então
falou: "Troicos e Aqueus, belas-cnêmides, peço-vos,
escutai-me. Direi o que manda o meu íntimo.
Regente das alturas, Zeus não confirmou
nosso pacto. De má-mente, só nos reserva
um termo: quando Troia, torres-belas, caia
em mãos gregas, ou quando nós, Troianos, mortos,
tombemos junto às naus transmarinas. Estão
entre vós os mais fortes campeões da Pan-Grécia.
Aquele - paladino de todos - que tenha
ânimo de medir-se comigo - que avance!
É o que proponho, Zeus por testemunha. Caso
me mate, com agudo bronze, me despoje
das armas, leve-as para as naus; mas o meu corpo,
seja à pátria devolto, para que os Troianos
à pira o entreguem. Caso eu vença, por vontade
de Apolo, despojado o morto, o levarei
à sacra Ílion. Ao templo do deus flechador
devoto as armas, dou de volta o corpo às naves

de belo-convés, para que o sepultem junto
ao Helesponto, erguendo-lhe um túmulo. Um dia
no futuro, em sua nau polirreme sulcando
as ondas do mar cor-de-vinho, um navegante
dirá: ‘Vejam, é a tumba de um herói de antanho,
um valente; matou-o Héctor fulgurante.’
Dirá. E minha glória viverá perene”.
Falou. Total silêncio em derredor. Vergonha
de recusar o repto, medo de aceitá-lo.
Enfim Menelau se ergue e, com duras palavras
de injúria, censurou-os, coração dorido:
“Ó Aqueus de língua solta, fanfarrões, Aqueias,
melhor dizendo. Quanta humilhação! Nenhum
Dânao, nenhum, se presta a combater com Héctor?
Mudem todos em pó e água, se aqui sentados
sem cor, sem coração, sem coragem - se deixam
ficar. Eu me armarei contra ele. Que o céu urda,
os deuses sobranceiros, os fios da vitória”.
Assim falando, o arnês esplêndido reveste.
Menelau, perderias a vida nas mãos de Héctor,
muito mais forte, caso os basileus acaios,
Agamêmnon à frente, não te houvessem freado
e o poderoso Atreide, tomando-te à destra,
não te chamasse à fala: “Perdeste a cabeça,
ó Menelau, progênie de Zeus? É loucura,
ainda que amargurado, lutar contra alguém
mais forte, contra o Priâmeo Héctor, que apavora
a todos. Mesmo Aquiles receia enfrentá-lo
no combate que dá glória, e Aquiles de muito
te supera. De novo senta-te entre os nossos,
refreia-te. Os Aqueus, certo, um outro paladino
escolherão. Intrépido que seja o Priâmeo
e voraz de combate, te digo que os joelhos
há de mover de bom grado, para escapar
da dureza da luta, da áspera refrega.”
Assim falando, o herói acabou persuadindo
o irmão, que lhe obedece os conselhos prudentes.
Os escudeiros, logo, dos ombros lhe tiram
o arnês, alegres. Néstor, então, dentre os Gregos
se ergue e toma a palavra: “Ai de mim! Grande luto
cai sobre a terra acaia. Quanto sofreria
o vetusto Peleu, condutor de corcéis,
ilustre conselheiro e orador dos Mirmídones
que outrora se alegrava em seu paço, indagando-me
sobre a estirpe dos Gregos, sua linhagem, vendo

que agora todos tremem diante de Héctor. Quanto
rogaria aos Perenes que a alma lhe extraíssem
dos membros e o afundassem no Hades! Ó Zeus Pai,
Atena, Apolo, fosse eu jovem como quando
junto ao rápido-fluente Celadonte, os Pílios
com os Árcades, bons-de-lança, combatiam,
rente aos muros de Feias, à beira do Járdano.
Ereutalião à frente, quase um deus, nos ombros
a armadura de Areítoo, chamado por todos
Porta-Clava, pois não usava arco e lança
para romper falanges, mas clava de ferro;
Licurgo o matou - dolo e não bravura - quando
indo por senda estreita a clava não podia
defendê-lo da morte. Licurgo, irrompendo,
varou-o de um lançaço no peito. De costas,
tombou por terra e foi despojado das armas,
presente de Ares brônzeo. Sempre as revestia
Licurgo nos tumultos, que ao deus belicoso
aprazem. Na velhice, em seu palácio, o herói
ao dileto escudeiro, Ereutalião, as deu.
Este, vestindo o arnês, a todos provocava,
mesmo aos mais denodados; todos o temiam,
não se arriscavam. Só a mim, o coração multi-
-sofrido me incitava à luta, eu o mais jovem
de todos. Enfrentei-o e a deusa Atena deu-me
a vitória. Matei-o, agigantado e forte
como era. Espaço enorme ocupou, estendido.
Se eu rejuvenescesse e recobrasse as forças!
Sem mais, daria combate a Héctor, de elmo rútilo.
Vós, porém, os mais bravos da Pan-Grécia, não
pareceis animados a duelar com ele.”
Aos reclamos do velho, nove se levantam.
Em primeiro, Agamêmnon, rei dos homens. Segue-o
Diomedes, o fortíssimo Tideide. Os Ájazes
depois, ambos dotados de ânimo ardoroso.
Então, Idomeneu mais o auriga Meríone,
par do homicida Eníalo-Ares, belicoso.
Eurípilo, a seguir, nobre filho de Evêmone;
Toas Andremonides e Odisseu, divino.
Todos prontos à luta contra Héctor, insigne.
De novo ouviu-se a voz de Néstor, o Gerênio,
doma-corcéis: “Agora, é só tirar a sorte.
O eleito há de agradar os Aqueus, belas-cnêmides,
e no íntimo há de ser, ele mesmo, agraciado,
se ao embate e ao combate, duros, sobrevive”.

Falou. E cada qual assinou numa senha
de sorteio e a jogou na gálea de Agamêmnon
Atreide. Aos deuses, todos elevam as mãos.
Fitando o vasto azul do céu urânio, alguém
rogou: “Ó Zeus, que a sorte toque a Ájax ou
a Diomedes Tideide ou ao rei de Micenas
pluridourada!” Néstor, que tudo ouvia, tira
a sorte, sacudindo o elmo. Como queriam
todos, ela recai no Telamônio. O arauto
percorre as tropas em fileira, mostra a senha
aos chefes. Nenhum deles a reconhece. Ájax,
quando chega a sua vez, passados os demais,
logo distingue a epígrafe, por ele próprio
contrassinada e no elmo lançada. Ao arauto
estende a mão, mostrando ânimo alegre. A senha
sorteada atira ao solo, a seus pés; e diz a todos:
“Amigos, a sorte é minha! Meu coração
festeja, pois espero bater o insigne Héctor!
Enquanto eu estiver vestindo o arnês de guerra,
dirigi vossas preces a Zeus Pai, supremo,
mas em silêncio, não vos ouçam os Troianos;
se preferir, em voz alta, pois nada temo.
Ninguém me obrigará, contra meu gosto, à fuga,
usando força ou manha. Não enganam fácil
a um homem como eu, nato e criado em Salamina”.
Disse. E os Aqueus oraram a Zeus Pai, Croníade.
Alguém rogou, fitando o azul do urânio vasto
céu: “Zeus, regente do Ida, sumo em glória e em força,
concede que Ájax triunfe e alcance êxito esplêndido.
Mas se amas Héctor Priâmeo e por ele velas
igualmente reparte aos dois valor e glória!”
É o que diziam, enquanto Ájax vestia o rútilo
bronze. Assim que no corpo o arnês reluz e as armas
todas, avança como Ares, gigantiforme,
quando intervém nas guerras dos homens que Zeus
Croníade concitava a bater-se em combate
voraz-de-corações. Rocha dos Dânaos, Ájax,
rindo, terrível, move-se: um gigante, lança
longa-sombra. Os Aqueus, ao vê-lo, rejubilam
e um frêmito de medo perpassa os Troianos;
o próprio coração de Héctor palpita rápido.
Recuar, retroceder para as fileiras troicas
não era mais possível: fora o desafiante.
Ájax se avizinhava, sobraçando o escudo
turriforme, de bronze provido de sete

entrecouros de boi; Tíquio o fizera, o mais
exímio correeiro de Hila. Sete couros
taurinos entremeara, e uma oitava camada
de bronze martelado, para reforçá-lo.
Diante do peito o escudo, Ájax, oTelamônio,
para próximo de Héctor e o ameaça gritando:
“Agora verás quantos campeões têm os Gregos
para o combate cara-a-cara, mesmo ausente
Aquiles, coração leonino, rompe-tropas,
que junto às naus recurvas transnavegadoras
recolheu-se, com raiva de Agamêmnon, rei;
há muitos entre nós para fazer-te frente.
Começa, pois, o embate e a peleja”. Responde
Héctor, magnífico, elmo coruscante: “Ó Ájax
Telamônio, progênie divina, senhor
de homens. Não tem sentido isso de intimidar-me,
como se eu fora criança ou mulher que de guerra
nada sabem. Batalhas e carnificinas
são coisas que conheço bem. Sei à direita,
sei à esquerda mover o couro dissecado
de touro, meu escudo na luta. Ao tumulto
dos corcéis sou afeito e sei dançar a pé
sob a regência de Ares. Não quero atacar-te
de surpresa, mas leal, às claras, enfrentar-te”.
Falou. E arremessou a lança, longa-sombra,
golpeando o forte escudo, sete couros de Ájax,
na camada de bronze, extrema, que o cobria;
a ponta perfurante vara o bronze e seis
couros; para no sétimo. Ájax Telamônio,
de progênie divina, lança o dardo longa-
-sombra, atingindo o escudo redondo do Priâmide,
rebrilhante. Atravessa o broquel aguçado
acúmen; na couraça de lavor dedáleo
se encrava, indo rasgar a túnica no flanco.
Héctor curva-se e esquiva a Moira escura. Os dois,
um do outro, então, a lança longa arrancam. Como
leões carniceiros, feros javalis selvagens,
de novo se defrontam. Héctor arremete,
mas o bronze não fura o escudo e quebra a ponta.
Ájax, por sua vez, vara o broquel inimigo
de um lado a outro e o ardor de Héctor reprime, à gorja
ferindo-o de raspão; sangue negro lhe escorre.
Nem assim o guerreiro de elmo coruscante
desiste de lutar. Retrocedendo apanha,
do chão, ferruginoso, aspérrimo pedrouço

e o arroja bem no centro, no umbigo do escudo
de Ájax, de sete couros taurinos; em torno,
soa um clangor de bronze. Ájax, o Telamônio,
um bloco ainda maior agarra, circungira
no ar o penedo e o lança com brutal impulso;
feito imensa mó, bate a rocha no broquel
e o amassa; dobra os joelhos Héctor e de costas
cai, segurando o escudo; Apolo o põe de pé.
E já, espada contra espada, se travavam,
não fosse a intervenção dos arautos de Zeus,
e dos núncios humanos: dos troianos um,
outro dos aqueus, vestes-brônzeas. Ideu, troico,
e o grego Taltíbio, ambos prudentes. Os cetros
interpõem entre os dois, e Ideu, bom conselheiro,
diz: “Basta, caros filhos, de combate e luta.
O ajuntador-de-nuvens, Zeus, ama a vós ambos.
Sois denodados, ambos. Todos nós sabemos.
Mas a noite já vem; cumpre guardar a noite”.
Ájax, o Telamônio, pronto respondeu:
“A Héctor Ideu - compete pronunciar-se, já
que o desafio foi dele aos mais bravos Aqueus.
Ele é quem decide; eu seguirei o seu gesto”.
Héctor então falou, o de elmo coruscante:
“Um deus - Ájax - te deu a magna estatura,
a prudência, o vigor. És o melhor lanceiro
entre os teus. Vamos pôr fim ao combate e à luta,
por hoje. Mais adiante, à luta voltaremos
até que faça a escolha, entre nós, o demônio
da fortuna e a vitória caiba a um dos dois.
Já cai a noite; cumpre guardar a noite. Aos
teus amigos retorna, realegra os Dânaos
junto às naus. Eu, na pólis de Príamo, aos Troicos
e às Troianas, de longos peplos, que por mim
imploram no recinto do templo, também
realegrarei. Troquemos, pois, dons memoráveis,
para que alguém, Troiano ou Grego, possa vir
a dizer: ‘Combateram-se os dois na peleja
devora-corações. Separaram-se amigos.’”
Falou. E deu a espada ao Dânao, cravejada
em prata, com talim bem-trabalhado e bainha;
Ájax o cinturão - púrpura fulgurante -
lhe ofertou. Separaram-se então. Aos Aqueus
um se dirigiu; outro, à multidão troiana.
Os Troicos exultaram vendo Héctor voltar
vivo e incólume, salvo da fúria e da força

das mãos de Ájax. Em festa o acompanham à pólis.
De sua parte, os Aqueus, belas-cnêmides, Ájax,
em triunfo, conduziram ao rei Agamêmnon.
Quando eles todos chegam à tenda do Atreide,
Agamêmnon, regente-de-homens, sacrifica
ao Croníade Zeus um touro de cinco anos.
Esfolam-no, retalham-no e com perícia
o esquartejam; enfiam as postas no espeto;
assam as carnes com cuidado, retirando
os pedaços do fogo depois. Tudo feito,
o festim está pronto. Ao banquete se entregam
todos; ninguém ressente a falta da porção
devida. Ao herói Ájax, Agamêmnon, rei
pluripotente, honora com o lombo inteiro.
Saciadas fome e sede, o velho Néstor, ótimo,
prudente conselheiro, como sempre o fora,
urdiu seus pensamentos e lhes falou, bem-
-predisposto: “Escutai-me, Atreide e todos vós
príncipes da Pan-Grécia. Muitos Aqueus, longos-
-cabelos, já morreram. Ares ferocíssimo,
o sangue escuro lhes verteu no caudaloso
Escamandro; baixaram ao Hades suas almas.
Que cesse, pois, a guerra, mal surja a manhã;
com bois e mulas vamos transportar os mortos
até aqui; à pira os daremos depois,
à distância das naus; que os ossos, cada filho
possa levar à pátria, quando regressarmos.
Junto à pira erijamos, único, um sepulcro.
Depressa então, ergamos torres, proteção
para as naus, para nós mesmos: sólidas portas,
acesso para os carros de guerra, façamos;
por fora, escavaremos um profundo fosso
em derredor, defesa contra cavaleiros
e peões, caso tenhamosde enfrentar o assalto
dos Troianos”. Falou. E todos o aplaudiram.
A esse tempo, a assembleia troiana reunia-se,
tumultuada na acrópole de Ílion, vizinha
às portas do rei Príamo. Falava Antenor:
“Troicos, Dardânios, povos aliados, ouvi
o que em meu coração tenho a dizer: Helena,
Argiva, e os bens que trouxe, deixemos os dois
Atreides retomá-los. Perjurando às juras,
estamos combatendo. Se não atenderem
o que proponho, nada de bom nos aguarda”.
Ditas essas palavras, sentou-se. O divino

Alexandro, marido de Helena, a de lindos
cabelos, levantou-se e proferiu palavras
aladas: “Antenor, não me agradou tua fala.
Sabes oferecer propostas de mais préstimo.
Se o que dizes é a sério, os deuses te fizeram
perder o juízo. Teucros, doma-corcéis, é
minha vez de falar, e falo claro: não
restituo a mulher; os tesouros que trouxe
de Argos, essas riquezas todas estou pronto
a devolver, somadas a outros bens que tenho”.
Disse e assentou-se. O velho rei, Príamo Dardânide,
aos deuses semelhando no saber, ergueu-se
e falou: “Escutai-me, Troianos, Dardânios,
aliados. O que manda o meu coração, vou-lhes
dizer. Ide a cidade comer, como de hábito,
sem descurar da guarda e de manter-vos todos
em estado de alerta. Quando raie a Aurora,
que Ideu vá às naus côncavas e aos dois Atreides,
Menelau e Agamêmnon, e a ambos comunique
a proposta de Páris, causador da guerra,
e também acrescente esta palavra sábia:
cessar, caso concordem, a guerra, clangor
sinistro, até que os mortos possamos queimar.
À luta voltaremos mais adiante, até
que o demônio da sorte escolha um vencedor”.
Disse. Assentiram todos. Os homens, no campo,
tomam a refeição. Mas quando surge a Aurora,
às naus curvas Ideu se dirige, ao encontro
dos Gregos, escudeiros-de-Ares, juntos na ágora,
cerca da popa de Agamêmnon. Voz sonora,
o arauto proclamou: “Atreides, chefes dânaos,
Pan-Gregos, o rei Príamo e os nobres de Troia
mandaram-me dizer - caso de ouvidos dóceis
estiverdes de acordo - a proposta de Páris,
causador dessa guerra: devolver os bens
que trouxe para Troia em naus recurvas - antes
tivesse caído morto! -; devolvê-los todos
somados a outros seus; não restitui porém -
contrariando os Troianos - a mulher que, virgem,
Menelau desposou; perguntam-vos, também,
se consentis que cesse a guerra e seu sinistro
clangor, até que os mortos possamos queimar.
A seguir, voltaremos à peleja, até
que o demônio da sorte escolha um vencedor”.
Falou. Silêncio à volta. Diomedes, com voz

altíssona, exclamou por fim: “Nem os bens, nem
Helena aceitaremos. Um menino, mesmo,
sabe que o desenlace da ruína já pende
sobre Troia”. Falou. E todos os Aqueus
aplaudiram, acordes, o doma-corcéis,
Diomedes. Agamêmnon, o rei, disse então
a Ideu: “Ouviste como os Gregos responderam,
de um modo que me é grato: quanto aos mortos, não
lhes nego a pira fúnebre; ao cadáver desses
que caíram, sem demora sabe apaziguá-los
com o dulçor do fogo. Zeus, deus trovejante,
esposo de Hera, sele o juramento e o pacto”.
Assim falando, ergueu o cetro aos Imortais.
Ideu retorna à sacrossanta Ílion. Reunidos
em assembleia, ansiosos, Troicos e Dardânios
esperavam a volta de seu mensageiro;
chegando, este deu conta da missão cumprida.
A recolher os mortos uns se apressam; outros
cortam lenha. Os Aqueus, por seu lado, se apuram,
longe das naus de belo convés, a cortar,
uns, lenha; a recolher cadáveres, os outros.
Agora o sol de novo iluminava os campos,
deixando o mar, as águas ôndulo-tranquilas,
profundo-fluentes, e subindo céu-acima.
Encontravam-se os dois lados na mesma faina;
difícil de saber quais os rostos dos mortos,
sem primeiro limpar os coágulos de sangue;
nas carretas os põem, chorando; Príamo veta
os lamentos; silentes, cumulam na pira
os mortos, coração doído, e os queimam. Para Ílion
sagrada, então, retornam. Os Aqueus de belas
cnêmides, coração doído, na pira fúnebre
os seus mortos cumulam, queimam, e às naus côncavas
tornam. Na antemanhã, antes mesmo que a Aurora
despontasse, os Aqueus - um escolhido grupo -
reunidos em redor da pira, na planície
ergueram um sepulcro único e, em torno, um muro,
e torres altas, para proteção das naus
e deles próprios. Sólidas portas, acesso
para os carros de guerra, fizeram. Por fora,
escavaram um fosso profundo e fincaram
paliçadas. Assim labutavam os Gregos,
longos-cabelos. Junto de Zeus fulminante
sentados, contemplavam os Perenes a obra
dos Aqueus. Treme-terra, o deus Posêidon toma

a palavra: “Na terra infinita haverá,
Zeus, um mortal capaz de alçar a mente aos deuses?
É ver como os Aqueus, longos-cabelos, ousam
erguer um muro protetor das naus, e um fosso
ao derredor escavam, sem mesmo ofertar
uma hecatombe aos numes! Tanto quanto a Aurora
se estende, será vasta a fama desse feito,
e fará que se olvide o renome do muro
que, para Laomedonte, Febo e eu levantamos,
penoso labor”. Zeus junta-nuvens se irrita
e responde: “Essa agora, multifaçanhudo
senhor-do-terremoto! Um pensamento assim,
só a um deus inferior a ti em valentia
e força poderia ocorrer; teu renome
irá sempre tão longe quanto a Aurora. Basta
que os Aqueus, com seus longos cabelos, retornem
à cara terra pátria, e poderás destruir-lhes
a muralha e os escombros arrojar à ondas,
recobrindo de areia a vasta costa. Assim,
arrasarás a altiva obra dos Aqueus”. Isso
diziam-se um ao outro. Cai o sol. O afã
dos Dânaos cessa. Junto das tendas abatem
bois. Tratam de comer. Nisso, aproam numerosas
naus de Lemno, com vinho, a mando do Jasônide
Euneu, filho de Hipsípile e do herói Jasão,
pastor-de-povos. Mil medidas para os dois
Atreides, de presente. Aos demais Aqueus, longos-
cabelos, se vendia o vinho. Permutavam-no,
uns, com bronze; com ferro polido, outros; com
bois vivos e com peles, também com escravos.
Um copioso festim, então, preparam. Noite
adentro, os Aqueus, longos-cabelos, reunidos,
se banquetearam; Troicos e aliados também,
na pólis. Noite adentro, Zeus, no entanto, armava-lhes
tramas e males, torvo, trovejando. Verde-
-cloroso medo os toma; derramam o vinho;
ninguém mais bebe sem libar antes a Zeus.
Deitam-se enfim e os suaves dons de Hipnos recolhem.

Canto VIII

Kólos mákhe: batalha interrupta

A Aurora abrira o peplo amarelo-açafrão
por sobre toda a terra. Zeus Fulgurador
convoca em assembleia os numes, no mais alto
cimo do Olimpo, multiescarpado. Ele fala
e, submissos, os outros o escutam: “Ouvi-me,
deuses e deusas, vou dizer-lhes o que manda
meu coração; ninguém, deus ou deusa, descumpra
meu ditame, antes, todos me obedeçam, para
que eu possa dar um termo rápido a esta empresa;
aquele que, afastado dos demais, eu veja
vivamente voltado a socorrer os Troicos
ou os Dânaos, ao céu olímpio voltará
sob aguilhão, em mau estado, se eu ao fosco
Tártaro não decida, de pronto, arrojá-lo,
no fundo mais profundo onde se abisma o báratro
sob a terra; onde o férreo portal e o limiar
de bronze distam do Hades tanto quanto o céu
da terra. Vereis quão grande é meu poder. Caso
queirais fazer a prova, suspendei do céu
uma corrente de ouro. Pendurados dela
tentai, deuses e deusas juntos, das alturas
puxar Zeus soberano para a terra. Mesmo
com todo o esforço, não conseguireis fazê-lo,
enquanto, se eu quiser, a todos puxarei
e ainda, de arrasto, levo a terra e o mar talásseo.
Num píncaro do Olimpo prendendo a cadeia
áurea, farei que tudo fique à solta no ar,
pênsil meteoro. Tanto excedo deuses e homens!”
Falou. Todos calaram, pasmos, ante o duro
discurso. Respondeu Atena, olhos-azuis,
por fim: “Croníade, Zeus Pai, dentre os sumos, sumo.
Sabemos bem: tua força é inquebrantável. Mas,
apesar disso, nós deploramos os Dânaos,
bons lanceiros, que irão morrer, cumprindo amarga
sina. Longe da luta ficaremos, ordem
tua; um conselho apenas nos permitiremos
dar aos homens aqueus, para que não sucumbam
todos por teu furor”. Sorrindo, o Junta-Nuvens
lhe diz: “Ânimo, filha amada, Tritogênia,
condescendo contigo, o que disse não foi
de coração”. Falou. Ao carro os corcéis patas-

-de-bronze atrelou, voo-célere, crinas-de-ouro.
Ele próprio vestia o corpo de ouro e de ouro
bem-lavrado era o açoite em seu punho. Subindo
ao carro, chicoteia os cavalos fogosos,
que entre a terra e o estelário voam e alcançam rápidos
o Ida, mil-mananciais, matriz-de-feras, onde,
no Gárgaro, seu templo se ergue e o altar aroma-se
de incenso. Ali o Pai-de-todos desatrela
os corcéis e, em espessa névoa, os anuvia.
Exultante de glória, senta no alto cimo,
contemplando a cidade troiana e as naus gregas.
Longos-cabelos, sob as tendas, os Aqueus
apressados comiam. A seguir, põem-se em armas.
Os Troicos, por sua vez, se aprestam na cidade,
embora em menor número mas aguerridos,
que urgia defender os filhos e as esposas.
Abrem-se as portas. Fora, irrompe a multidão
de peões e cavaleiros. O tumulto ecoa.
Quando num mesmo ponto se entreveram todos,
chocam-se escudos, lanças, a fúria dos homens,
couraças-brônzeas. Uns com outros se entrebatem
os broquéis de metálico umbigo, estrondando.
Gemidos de vencidos, gritos de vitória
misturam-se. A sangueira encharca o solo. Desde
o amanhecer, até que cresça o dia sagrado,
lanças golpeiam, de uma e de outra parte. Tomba
a gente. Quando o sol ascende a meio-céu,
o Croníade, soerguendo a balança dourada,
coloca em cada prato uma das torvas Queres,
longo-lutuosa morte: a dos Troianos doma-
-corcéis; a dos Aqueus, vestes-brônzeas. Librou-a,
segura bem no centro; cai, aziago, o dia
dos Aqueus, cuja Moira pousou na fertílima
terra; a dos Troicos sobe aos céus. Da altura do Ida,
Zeus troa e contra os Dânaos fulgura e flameja.
Espantam-se os Aqueus, tomados do cloroso
medo verde. Agamêmnon, Idomeneu, ambos
os Ájazes, diletos-de-Ares, ninguém ousa
resistir. Só o Gerênio Néstor, o custódio
dos Gregos, se detém, não por gosto. Um dos seus
corcéis fora flechado por Páris divino,
o marido de Helena, a de lindos cabelos.
Atingira-o onde as crinas, no topo do crânio,
começam a crescer, ponto mortal. Rebolca,
estrebuchando, o encéfalo varado pelo

bronze, o animal. Os outros, no roldão, se assustam.
Enquanto o velho, a gládio, tentava cortar-lhe
as trelas, os cavalos velozes do carro
de Héctor, atravessando a turba, se aproximam
guiados pelo herói. O ânimo vital o velho
perderia, não fosse por Diomedes, brado-
-estentóreo. O Tideide, com voz atroadora,
incita Odisseu: “Multiengenhoso, divino
Laertíade. Escapoles, dando as costas, como
um frouxo? Vê que não te firam por detrás!
Vamos, salvemos da ira de Héctor o Gerênio!”
Disse. Mas Odisseu, multissofrido, não
o escuta e passa ao largo. Ainda que só, Diomedes
avança e para junto aos cavalos de Néstor,
dizendo-lhe palavras aladas: “Acossam-te,
velho, guerreiros jovens. O amargor da idade
exauriu teu vigor. Teu escudeiro é fraco,
lentos teus corcéis. Sobe em meu carro e verás
os cavalos de Trós a correr pelo plaino,
ágeis, para cá, para lá, avançando ou
recuando. Não há muito, de Eneias, experto
em manobras de fuga, os tomei. Deixa os teus,
que os cuidem os aurigas. Com os meus iremos
de encontro aos Troicos, doma-corcéis. Héctor há
de ver como enfurece a lança em minhas mãos!”
Falou. Não dissentiu Néstor, o cavaleiro
Gerênio. Dos cavalos nestóreos se ocupam
os dois aurigas, o ínclito Estênelo mais
Eurimedonte, másculo. Os dois outros sobem
ao carro do Tideide. Néstor toma as rédeas
rebrilhantes, açoita os corcéis. Vão direto
a Héctor, que refervia. O Tideide alvejou-o,
mas, falhando, atravessa o mamilo do auriga-
-escudeiro Eniopeu, filho de Tebeu, hiper-
-animoso, que as bridas sustinha. Rodou
carro abaixo; de susto, refugaram, patas-
-velozes, os corcéis. Perdem ali, vigor
e vida. Héctor abala-se, seu coração
pelo auriga lhe dói; assim mesmo, sofrendo,
deixa de lado o morto, e vai à busca de outro
capaz de conduzir-lhe os cavalos; em pouco
tempo lhes dá um regente novo, o filho de Ífito
Arqueptólemo, brioso. Faz que ao carro suba,
põe-lhe as rédeas na mão. Teria sido um desastre
irreparável para os Troicos, feito ovelhas

frágeis, encurralados em Ílion, se Zeus,
olho-agudo, reboando trovões, não houvesse
vibrado um chamejante raio bem defronte
do carro de Diomedes, combustão sulfúrea.
Resvalam os corcéis de susto sob o carro.
Néstor deixa escapar as rédeas rebrilhantes.
Coração conturbado, ele fala a Diomedes:
“Tideide, lança em fuga os corcéis unicascos.
Não sentes que o favor de Zeus te desampara?
O Croníade, aos Troianos, hoje glorifica.
Amanhã, se quiser, nos fará vitoriosos.
Não transparece ao homem o cismar de Zeus,
por mais valor que tenha: Zeus de muito o excede”.
Responde-lhe Diomedes, voz altissonante:
“Tudo o que dizes, velho, se conforma aos fatos.
Mas é uma pena, punge-me o coração e o ânimo
imaginar que um dia, Héctor aos seus Troianos
possa afirmar: ‘Diomedes Tideide, por mim
batido, refugiou-se em suas naves.’ Assim
vai-se jactar, por certo. Antes me engula a terra!”
O Gerênio responde: “Ó filho de Tideu,
flamante-coração, que dizes? Mesmo que Héctor
te chamasse de frouxo, não convenceria
aos Dardânios e Troicos, tampouco às mulheres
dos valentes, armados de escudos, prostrados
por tua mão, no florir da idade, arremessados
no pó”. Falou. E fez voltar por entre a turba
os corcéis unicascos. Lanças letais, chuva
de lanças, e o urro espaventoso dos Troianos
os persegue. Héctor, elmo-coruscante, berra:
“Ó Tideide, os Aqueus, sobre os demais, te honravam,
primavas nos banquetes, nas viandas, nos vinhos.
Agora, te desprezam, coração-de-fêmea!
Foge, boneca! Não permitirei jamais
que assaltes nossas torres, que nossas mulheres
arrastes às naus; mato-te antes”. Falou. Entre
dois impulsos, Diomedes hesita: voltar
e lutar corpo a corpo ou... No coração, no íntimo,
vacilou por três vezes. Por três vezes, do Ida,
Zeus trovejou, prudente, assinalando aos Troicos
vitória na batalha. Héctor gritou aos seus:
“Troicos, Lícios, Dardânios, que lutais de espada
à mão, amigos, sede homens, recordai vosso
valor. Zeus me acenou com a vitória e grande
glória; com luto, aos Dânaos. Tontos! Maquinaram

levantar estes muros, frágeis, feito um nada.
Não poderão deter nossa fúria. Os cavalos
transporão facilmente o fosso. Assim que eu chegue
próximo às naus recurvas, recordai o fogo
destruidor. Quero queimar naves, liquidar
os Aqueus ao pé delas, sufocados pela
fumaça”. Falou. Para os cavalos voltou-se,
gritando: “Ruivo Xanto, veloz Podargo, ágil
Étone, lampejante Lampo: soou a hora
de pagar os cuidados que a filha de Eecião,
o magnânimo, Andrômaca, a todos dispensa,
antes mesmo que a mim, seu marido, na flor
da idade: pão de mel, vinho mesclado em água
sempre que o coração vos incite a beber.
Apressai-vos agora, para que possamos
apresar o famoso escudo do Gerênio
(célebre até no céu!), todo de ouro maciço,
o cavo e as braçadeiras, e tirar do filho
de Tideu, domador-de-corcéis, dos seus ombros,
a couraça, dedálico lavor de Hefesto.
Se os matarmos, às naus, ainda esta noite, os Gregos
arrojaremos!” Disse. E exultava. Hera, augusta,
indignou-se e, no trono, agitando-se, o Olimpo
fez tremer. Dirigiu-se, então, ao grande nume
Posêidon: “Ó-senhor-dos-terremotos, ampli-
-potente. Não deploras, no íntimo, a derrota
dos Aqueus? E no entanto eles, em Egas e Hélice,
a ti votaram tantas oblações preciosas.
Querias que triunfassem! Se nós todos juntos,
protetores dos Dânaos, os Troicos em fuga
puséssemos, contendo Zeus, amplividente?
E ele a sós, com suas penas, sentado sobre o Ida...”
Fremia de irritação o Amo-dos-terremotos:
“Que disseste, Hera, língua-solta? Com Zeus Pai
não quero briga. Ele é muito mais poderoso
que nós todos”. Diziam-se essas coisas, um
ao outro. No entretempo, o espaço dos navios
ao fosso e ao muro enchia-se de peões armados
e de corcéis; premiam-se uns aos outros. Héctor
Priâmeo, símile-de-Ares, árdego os pressiona,
donatário da glória de Zeus; e teria
posto fogo às naus, bem-niveladas, não fora
Hera augusta incutir na mente de Agamêmnon
incitar os Aqueus. E ei-lo que vai, por tendas
e naus, nas mãos purpúreo manto panejando.

Para diante da nau negra - megacetáceo -
de Odisseu, bem no centro da armada, pois quer
que o escutem das duas bandas; do Telamônio Ájax,
numa ponta, ao retiro de Aquiles, no extremo
oposto; os dois, confiados na força dos braços,
nesses pontos haviam disposto as naves bem-
-niveladas. A plena voz, põe-se a gritar:
“Vergonha, Aqueus! Vexame! Uma cara bonita
em gente descarada! Os fanfarrões de Lemnos
onde estão, arrotando bravura, ao comer,
no festim, fartas postas de carne de boi
de eretos cornos, copas e copas de vinho,
repletas, bebendo? Onde as juras de matar,
cada qual, cem, duzentos troianos? Um só,
agora, nos enfrenta, Héctor, e ele está a ponto
de queimar nossas naus!... Zeus Pai, houve outro rei
a quem, como cegaste a mim, enceguecestes,
despojaste de glória? E eu que jamais deixei
de honrar teus multiesplêndidos altares, desde
que aqui cheguei em minha nave polirreme!
Sempre queimei gordura e coxas de boi sobre
as aras, aspirando destroçar os sólidos
muros de Troia. Ao menos este rogo atende:
concede que escapemos, que os troianos não
acabem com os Gregos”. Falou. E Zeus Pai
condoeu-se do seu pranto e fez-lhe aceno: seus
guerreiros não seriam dizimados. Enviou-lhe
uma águia, dentre as aves a mais auspiciosa;
nas garras, um filhote de célere corça.
Perto do multiesplêndido altar onde os Dânaos
reverenciavam Zeus, onividente, a presa
soltou. Sinal de Zeus, viram na águia os Aqueus,
com renovado ardor atirando-se aos Troicos.
Nenhum dos numerosos Dânaos que o tentaram
superou o Tideide, no incitar os rápidos
corcéis a ultrapassar o fosso e entrar na luta.
Antes de todos, mata um Troico de elmo e arnês,
Agelau, o Fradmônide; enquanto fugia,
no que arqueava o arcabouço, voltando-lhe as costas,
cravou-lhe a lança em meio aos ombros, trespassou-lhe
o peito. Caiu do carro, as armas circum-soando.
Agamêmnon depois, e Menelau, os dois
Ájazes ardorosos, logo Idomeneu,
o escudeiro Meríone, par-de-Ares-Eníalo,
matador-de-homens; segue Eurípilo Evemônio;

o nono é Teucro, que o arco recurvo distende,
ao amparo do escudo de Ájax Telamônio.
Afastando o escudo, Ájax deixa-lhe espaço
para espiar; asseteava então, no tumulto, um;
quando o alvejado caía, inanimado, prestes
Teucro, feito um menino junto à mãe, sumia
detrás do fulgurante escudo de Ájax, onde
se escondia. E qual, entre os Troianos, primeiro,
Teucro, guerreiro imáculo, feriu de morte?
Em primeiro lugar, Orsíloco; depois
seguiram Ofelestes, Órmeno, o divino
Licofonte, e mais Détor, Crômio, Melanipo
e o filho de Poliémone, Amopáone. A todos
ele prostrou na terra, mãe polinutriente.
Agamêmnon, o rei, exultou, vendo o arqueiro
dizimar os Troianos. Acercou-se e disse:
“Ó capitão de exércitos, ó Telamônio,
segue atirando; sê, para os Aqueus, farol;
e para Telamon, teu pai, que te educou,
desde criança, acolhendo-te em sua casa, embora
filho bastardo. Mesmo de longe, cumula-o
de glória. Eu te prometo: se Zeus porta-escudo
e Atena me concedem que devaste a bem-
-construída cidadela de Ílion, o primeiro
de todos, após mim, hás de ser na partilha
dos prêmios: uma trípode, uma biga bem-
-equipada e corcéis, ou a mulher que escolhas
para a cama”. Em resposta, lhe diz Teucro, imáculo:
“Para que incitar-me, Atreide, gloriosíssimo,
se, por meu próprio impulso, eu já me esforço ao máximo?
Desde que os rechaçamos para Ílion, eu não
poupo forças e abato, com meu arco, Troicos.
Já oito flechaços-língua-ferina expedi
e os oito se fincaram no corpo de jovens
bravos. Só não acerto naquele cachorro
hidrófobo!” Falou. E despediu do nervo
tenso um outro projétil contra Héctor, ardendo
por feri-lo; falhou; porém a Gorgitíono
golpeou no peito, nobre filho do rei Príamo,
gerado por Castiânira, bela mulher,
uma deusa, raptada de Esima. (Papoula
que reclina a cabeça para um lado, ao peso
das sementes, à chuva primaveril, o elmo
pesou-lhe na cabeça, que pendeu de lado.)
Nova seta despede Teucro, o coração

ardendo por ferir Héctor; falhou de novo;
Febo Apolo desviou o golpe; em Arqueptólemo,
auriga audaz do herói, em pleno ardor guerreiro,
cravou-se a flecha, bem no peito, na região
do mamilo. Rolou do carro e refugaram
de susto os corcéis, patas-velozes. Vigor
e vida lhe fugiram. Héctor, nas entranhas,
doeu-se por seu auriga, mas largou-o morto,
a contra-coração, ordenando a Cebríones,
irmão que estava perto, que tomasse as rédeas.
O irmão obedeceu. Héctor saltou do carro
amplifulgente aos gritos, medonho. Um pedrouço
nas mãos, avança para Teucro, ardendo por
feri-lo. O outro da aljava destaca uma flecha
acerba e ao nervo a ajusta. Elmo-coruscante, Héctor,
antes que o arco vibrasse, acertou-o na espádua,
ali onde a clavícula separa o peito
do pescoço, lugar letal. A pedra em ponta
golpeia-o no ato mesmo do disparo e rompe
o nervo tenso; o punho e o braço adormeceram;
largou o arco, tombou de joelhos. Acudiu
Ájax ao irmão batido. Com o largo escudo
recobriu-o. Dois diletos pares, Mecisteu,
filho de Equio, e o forte Alástor, para as naus
côncavas o levaram, gemendo de dor.
O Olímpio, novamente, acirra o ânimo troico.
Os Gregos, rechaçados, até o fosso fundo
recuam. Héctor lidera, ostentando sua força.
Feito um mastim que acossa javali ou leão,
mordendo-lhe o traseiro e as ancas, mas atento,
em caso de rebote, à fuga, patas rápidas,
Héctor rastreava os Dânaos de longos cabelos,
matando sempre os últimos da fila; os mais
fugiam. Depois, transpondo palissada e fosso,
em disparada - e muitos caíram sob as mãos
troianas -, todos, junto às naves, se reuniram,
chamando-se uns aos outros e aos deuses, mãos súplices
levantando em prece. Héctor circum-voluteava,
guiando os corcéis de belas crinas e os gorgôneos
olhos fuzilando, a Ares homicida símil.
Vendo essas coisas, Hera, braços-brancos, teve
pena e aladas palavras proferiu a Palas:
“Ó tu, filha de Zeus porta-escudo, nós duas
deixaremos, uma última vez, os Aqueus
morrer ao desamparo? À força de um só homem

devem a sina aziaga: Héctor, que a ira desvaira,
malfeitor de muitíssimos males”. Atena,
olhos-azuis, tornou-lhe em resposta: “Ah, bem que ele
poderia perder vida e vigor, pela mão
de Gregos abatido em terra pátria. Mas,
meu pai, mente demente, só males maquina,
contrariando meu ânimo. Sequer relembra
quantas vezes salvei-lhe o filho atribulado
sob os duros trabalhos que Euristeu lhe impunha,
e a seus clamores, Zeus me enviava a socorrê-lo
do alto Urânio. Fora eu mais percuciente no íntimo,
e o tivesse previsto, ao tempo em que Euristeu
ao Hades, portas-sólidas, o fez baixar
para trazer à luz o cão da escuridão,
não teria escapado ao vorticoso Estige.
Zeus me detesta agora, insuflado por Tétis,
que lhe beijou os joelhos e afagou o queixo,
rogando honrasse Aquiles, rompe-cidadelas.
Um dia, deixa estar, vai me chamar de novo:
‘Olhos-azuis, querida’! Prepara portanto
os corcéis unicascos. Eu, de minha parte,
volto ao paço de Zeus porta-escudo e revisto-me
das armas de combate. Veremos se o Priâmeo
Héctor, guerreiro de elmo coruscante, vai-se
alegrar ao nos ver em campo de batalha,
ou, melhor, se algum Troico não irá cevar
de carne e de gordura cães e abutres diante
das naus gregas!” Falou. E não dissentiu Hera,
braços-brancos. Correu a aprestar os corcéis
de frontal de ouro, a deusa veneranda, filha
de Cronos, o Magnífico. Entrementes Palas,
no solar do Pai, Zeus que porta o escudo, o peplo
tecido por suas próprias mãos, policolor,
deixou cair, e a armadura do que ajunta as nuvens
vestindo, para a guerra lutulenta armou-se.
Galgou o carro flâmeo, brandindo a maciça,
longa, sólida lança, ruína dos heróis
expostos à sua fúria. Hera açoita os cavalos.
Rangeram, auto-abrindo-se, as portas do Urânio,
que as Horas custodiam, zeladoras do abrir-
-e-fechar das espessas nuvens. Os corcéis
passaram. Mas o Pai, que do Ida tudo via,
enfureceu-se e torvo expediu Íris, asas-
-douradas, mensageira: “Vai, Íris veloz,
faze com que recuem. Não quero que me enfrentem,

não é bom! Predirei o que acontecerá:
quebrarei os jarretes dos corcéis; do carro
espedaçado as deusas rolarão. Dez anos
passarão sem que as duas se curem das feridas
do raio. Que Olhos-azuis não desafie seu Pai!
De Hera não sinto tanta raiva, tanta gana,
já que é useira e vezeira em frustrar meus desejos".
Íris, pés-de-procela, a núncia, das alturas
do Ida ao Olimpo vasto voou com sua mensagem.
Junto às Portas do Olimpo de profusos picos
as encontrou; detendo-as, os ditos de Zeus
lhes transmitiu: "Que frenesi vos arrebata?
Iradas, delirando, aonde correis? Zeus veta
ajudar os Aqueus. Ameaça (e o cumprirá):
quebrará os jarretes dos corcéis; do carro
espedaçado, as duas fará que rolem. Dez
anos passarão, antes que dos ferimentos
do raio voz cureis. Que Olhos-azuis desista
de confrontar-se ao Pai com desafios! Já não
sente por Hera tanta raiva, tanta gana:
é useira e vezeira em frustrar-lhe os desejos.
Mas tu, perra feroz, cadela temerária,
tudo isso e mais serás se ousares contra Zeus
brandir a lança". Disse e partiu, Íris célere.
Hera voltou-se para Atena e falou: "Ai
de mim, filha de Zeus porta-escudo! Não vale
a pena que enfrentemos, por mortais, o Pai.
Que uns morram, que outros vivam, é coisa do acaso.
Que a Zeus, no íntimo foro, cabe dar o justo
tratamento a Troianos e Gregos". Falou.
E fez voltar atrás os corcéis unicascos.
Aos de linda crineira as Horas desatrelam;
e às baias ambrosíacas os conduzem; contra
o muro amplifulgente descansam as bigas.
Em trono de ouro as deusas se assentaram, entre
as demais divindades, corações opressos.
Do Ida parte Zeus Pai com seus corcéis e o carro,
preciosas rodas; volta para o Olimpo e acorre
ao concílio dos numes. Aparta os corcéis
do jugo, Posêidon, Treme-terra; o carro
põe num pedestal, cobre-o de linho. Sobre o áureo
trono o plurividente senta-se. A seus pés,
o vasto Olimpo treme. Sós, distantes dele,
Atena e Hera, sentadas, calam, nada indagam.
Zeus, que no íntimo tudo sente, as interpela:

“Por que tanta aflição, Atena e Hera? Decerto
não vos cansou a guerra, glória dos humanos,
a matança dos Troicos, que odiais com tal gana.
Nem todo o Olimpo junto poderia deter
meu ardor e o vigor de minhas mãos invictas.
Tremeram-vos os lindos joelhos antes mesmo
que vísseis os horrores da guerra. Direi
o que sucederia: à sede olímpia, não
chegaríeis com os vossos carros, fulminadas
ambas pelo raio”. Disse. E a dupla resmungou,
nos tronos, lado a lado, urdindo malefícios
contra os Troianos. Muda, Atena fechou-se. Ira,
cólera feroz contra o Pai ruminava. Hera,
ao invés, investiu, não contendo o despeito:
“Prepotente Croníade, que discurso é esse?
Sabemos muito bem, ninguém solapa teu
vigor inquebrantável. No entanto, nós ambas
estamos angustiadas quanto aos Dânaos porta-
-lanças, por sina adversa fadados à morte.
Nos manteremos longe da guerra, se o ordenas.
Permita-nos, porém, dar um conselho aos Gregos,
que não pereçam todos diante de tua cólera”.
O Ajuntador-de-nuvens, Zeus, lhe replicou:
“Olhos-de-toura, augusta Hera, verás, querendo,
quando raie a manhã, o onipotente filho
de Cronos abater muitos lanceiros dânaos.
Héctor não cessará de combater, temível,
até que faça Aquiles, pés-velozes, junto
às naves espertar-se, o dia em que o combate,
junto ao corpo de Pátroclo, defronte às popas
das naus, travar-se, cerradíssimo. É o destino.
Não me importa tua cólera, ainda que te lances
aos extremos limites da terra e do mar,
onde Iápeto reside, e Cronos - sem gozar
do sol, de Hélio-Hiperíon, sem nada fruir das auras
ao derredor -, no Tártaro profundo. Não
me importa, se até lá chegares em tua errância.
Desprezo essa tua cólera canina”. Assim
falou. Calou-se, braços-brancos, Hera. O sol
cai, rosto lampejante, no oceano; faz noite
escura sobre a terra fértil. Vai-se a luz,
contrariando os Troianos, alegrando os Gregos,
que bendizem a Treva, triplamente. Os Troicos,
longe das naus, à margem do rio revolto, Héctor
reúne, numa área limpa, livre de cadáveres.

Apeando dos cavalos, escutavam Héctor,
predileto de Zeus, falar. Na mão portava
a lança de onze cúbitos, de lampejante
ponta brônzea, um anel de ouro em torno. Apoiando-se
nela, discursava ante as tropas: “Escutai-me,
todos, Troicos, Dardânios, aliados. Contava
que pudéssemos, hoje mesmo, destruir naves
e Aqueus e, assim, voltar para Ílion ventosa. Antes,
porém, a pretidão da noite sobreveio,
salvando as naus e os Gregos, junto ao mar movente.
Respeitemos a noite fosca e preparemos
a refeição. Desatrelai os corcéis, lindas-
-crinas, e dai-lhes pasto. Da pólis, depressa,
trazei bois e fornidas ovelhas. Das casas,
venha vinho tão doce quanto o mel, e pão;
ajuntai muita lenha, para, noite adentro,
até o nascer da Aurora, filha da luz diurna,
acendermos fogueiras, e os fogos, flamando,
cheguem aos céus. Que os Gregos de longos cabelos
na calada da noite não tentem fugir
pelo mar de vastíssimo dorso. Não, não
quero vê-los subir às naves sem tropeços;
que alguns engulam, pelo menos, um bom tiro
de flecha, um bom lançaço, ao embarcar de volta
à pátria; que outros não ousem trazer aos Troicos,
doma-corcéis, o deus da guerra polilágrima,
Ares. Arautos, pronto, à pólis se encaminhem
para dizer aos velhos de prateadas têmporas
e aos jovens ainda verdes que se agrupem todos
junto às divinas torres da pólis. Nas casas
as mulheres acendam fogueiras e guardas
previnam que o inimigo, em nossa ausência, irrompa
a furto. Fazei como digo, bravos Troicos,
será bom. Quando raie a manhã, voltarei
a falar-vos. Espero em Zeus e nos mais deuses
expulsá-los daqui, mortíferos mastins
da Moira, que às naus gregas aportam, funéreas,
as Queres. Quanto a noite perdure, alertemo-nos;
à alvorada, vestindo os arneses, lancemos,
contra as naves recurvas, o azedume de Ares.
Verei então se o audaz Tideide para os muros
será capaz de à força repelir-me, ou se eu,
ao invés, seu espólio cruento, a bronze, tomo.
Amanhã, mostrará seu valor, à investida
de minha lança. Creio, entre os primeiros, ele

cairá e, ao seu redor, muitos dos companheiros;
amanhã, ao nascer do sol. Ah se eu pudesse
ser imortal, um sempiterno jovem, como
Atena e Apolo, sempre venerados. Fosse
isso certo, como é seguro que o amanhã
levará luto aos Dânaos!” Falou. E os Troianos
o aplaudiram. Depois soltaram os cavalos
suarentos do seu jugo e os prenderam com laços
de couro aos carros. Bois e fornidas ovelhas
os guerreiros trouxeram depressa da pólis,
e vinho docemel, e pão, das casas; muita
lenha ajuntaram. Plenas hecatombes votam,
então, aos imortais. O aroma suave sobe
aos céus, levado pelo vento. Os sempiternos,
no entanto, declinaram da oblação; odiavam
Ílion sagrada, Príamo e os lanceiros priâmeos.
Estes, sentados, de ânimo altaneiro, noite
adentro, pelo campo de luta, alimentam
fogueiras fagulhantes. Os astros no céu
resplendem ao redor da esplêndida Selene,
quando o vento não sopra no éter calmo. Várzeas,
píncaros, promontórios, tudo transparece,
ao se esgaçar o vasto céu etéreo. Goza
o pastor no mais íntimo. Assim resplendecem
entre o Xanto revolto e as naus, os fogos - tantos! -
acesos pelos Troicos diante de Ílion sacra;
mil fogaréus ardendo no plaino; cinquenta
homens em torno a cada chama. Os corcéis pastam
grãos, espelta, esperando a Aurora, trono-rútilo.

Canto IX
Embaixada a Aquiles. A súplica.

Os Troianos velavam. Possuídos de um pânico
divino e de seu gêmeo gelado, o pavor,
os Gregos veem seus chefes abater-se ao peso
de um pesar opressivo. Como o par de ventos,
Zéfiro e Bóreas, pulsa o mar piscoso, quando
de improviso da Trácia vem soprando e a negra
onda de súbito encavala, arrojando algas
- muitíssimas - à praia; assim dilacerava-se
o coração no peito aqueu. No mais interno
do Atreide dói demais. Indo e vindo aos arautos,
vozes-límpidas, manda convocar os homens
à ágora, pelo nome, um a um, sem gritar.
Ele próprio se apressa, é o primeiro a fazê-lo.
Entristecidos sentam-se os Aqueus. O Atreide,
em prantos, se levanta qual lácrimo-negra
fonte de áspera penha verte uma água escura;
entrechoroso, fala: “Caríssimos chefes,
guias dos Aqueus: em trama funesta Zeus Pai
emaranhou-me, o cruel. Prometeu e acenou-me:
Ílion, belas-muralhas, vencida, voltáramos
ao lar. Maligno embuste! Maquinou forçar-me
a volver a Argos, mal-famado pelos muitos
mortos. O prepotente gosta disso, creio.
Já quebrou a cerviz de numerosas urbes,
e de outras tantas quebrará, pois tudo pode!
É o que digo e ponhamo-nos todos de acordo.
Fujamos - aos navios! - rumo à querida pátria.
Impossível tomar Troia, urbe de ruas largas”.
Falou. E taciturnos calam-se os Aqueus,
os filhos dos Aqueus - longo, turvo, silêncio.
Diomedes, por fim, brado-estentóreo prorrompe:
“Atreide, vou de cara embater-me contigo.
Que tens? Enlouqueceste? Divirjo. Dá-me a ágora
esse direito. Não te irrites. Já, na cara,
me questionaste a garra, o préstimo na guerra.
Aqueus, velhos e moços, tudo sabem todos.
Mente-sinuosa, Zeus Croníade concedeu-te
pela metade os dons: do cetro, sobre todos,
te honrou; não te deu fibra, valor, dom mais alto.
Pobre diabo! Acreditas que os filhos dos Dânaos
sejam mesmo sem garra, frouxos, ruins de guerra?

Mas se teu coração te comove a voltar,
vai em frente! É seguir o caminho. Os navios
que te trouxeram de Micenas, junto ao mar,
muitíssimos, te esperam. Ficaremos, longos-
-cabelos, os demais, até que Troia descambe.
Mas esses, mesmo que esses fujam rumo à pátria
com as naus, nós dois, eu e Estênulo, até o fim
de Ílion combateremos: um deus nos precede”.
Falou. Todos os filhos dos Aqueus o aclamam,
aplaudem as palavras de Diomedes doma-
-corcéis. Néstor então se ergueu, hábil ginete:
“Tideide, sobrepassas a todos na guerra
em valor; entre os teus jovens pares, exceles,
quando discorres, em prudência. Estou seguro,
Aqueu nenhum, ninguém, poderá censurar-te,
contradizer. Nem tudo, porém, está dito.
Vejo-te como um filho, o caçula, cadete,
hoplita em armas. Tão moço e falas aos reis,
venturoso, inspirado! Eu - vantagem do mais
velho - vejo através das coisas e exporei
o que penso; e ninguém, nem o rei Agamêmnon,
despreze meu conselho. Só um homem *sem*
- sem grei, sem lei, sem lar - ama a guerra, intestina
epidemia de gelo. É hora: cai a noite
escura. Obedeçamos. Prepare-se a janta.
Sentinelas, a postos, junto às valas fora-
-muros! Aos moços, essa ordem. Agora tu,
filho de Atreu, comanda. Tu, basileu sumo,
oferece um banquete aos mais grados. Convém-te;
não desconvém. Nas tendas guardas muito vinho,
que os navios dos Aqueus, dia e mais dia, transportam
da Trácia, sobre o dorso do mar largo. Sobram-te
condições de hospedeiro: em muita gente mandas.
Reunidos tantos grandes, podes dar ouvido
àquele que melhor no concílio aconselhe.
Carecem os Aqueus de firme diretriz.
Acossam nossas naus os fogos inimigos.
Quem se alegra? Esta noite trará ruína ou triunfo”.
Falou. Todos ouviram e obedecem. Guardas
armados, ao Nestório Trasimedes, guia-
-de-povos, acompanham; seguem também a Iálmeno
e Ascálafo, rebentos-de-Ares; a Meríone
e Afareu, a Deípiro e ao divino filho
de Creonte, Licomedes. Sete capitães,
um cento de guerreiros cada, longas lanças

na mão, postando-se entre a muralha e o fossado.
Acesas as fogueiras, preparam o rancho.
O Atreide à sua tenda conduz os notáveis
entre os Aqueus, o escol, e lhes serve um copioso
banquete. Às iguarias, avançam as mãos ávidas.
Expulsa a gula de comida e vinho, Néstor,
o velho Néstor, príncipe em conselhos, ergue-se
e principia a urdir os fios do seu discurso;
a todos, mente-lúcida, expondo, discorre:
“Agamêmnon, esplêndido Atreide, rei-de-homens,
terminarei por ti, por ti principiarei,
ó príncipe - que sois - de tantíssimos povos,
e às mãos de quem Zeus Pai confiou cetro e decreto
para um bom reger. Cabe-te a fala cimeira,
mas ouvir e aceder também quando alguém, de ânimo
inspirado, disser o justo e dar princípio
à ação, se a ideia é boa. Eu direi meu melhor
conselho. Não suponho que a algum outro possa
aprimorar aviso que elaboro há muito,
desde o momento em que, raça-de-Zeus, roubaste
da tenda do iracundo Aquiles a menina
Briseida bela, malgrado nosso. Deploro
não teres dado ouvido ao meu conselho, mas,
inflando o coração, ofendeste um bravíssimo
herói, honra dos deuses, privando-o do seu
prêmio, que reténs. Cabe-nos, pois, pensar como
aplacá-lo com dons de honor e fala-mel”.
Então o rei-dos-homens, Agamêmnon, disse:
“Sênex, não são pseudo-erros os de que me inculpas.
Estava enceguecido, não o nego. Mais
vale do que um exército o guerreiro caro
ao coração de Zeus, que ao honrá-lo nos pune.
Errei, fiei-me em lutuoso logro, animadverso,
Para agradá-lo, agora, de infinitos bens
penso cumulá-lo. Eis - proclamo - o rol das prendas
pluripreciosas: sete trípodes, intactas
de fogo; dez talentos de ouro; tinas, vinte,
metálico-brilhantes; doze corcéis, patas-
-sólidas, vence-prêmios natos; nunca ao dono
deles faltará ouro ou terra arável, caso
tantos troféus lhe aportem quantos já me deram!
Sete moças imáculas, tecelãs, hábeis,
escolhidas por mim, quando ele apresou Lesbos
bem-construída, as mais belas das muitas mulheres,
lhe ofertarei; entre elas, a que roubei, filha

de Briseu; e uma jura, um juramento adjuro
solene: não dormi com ela, não deitamos
juntos na cama, como fazem os casais,
como é humano. Dou de pronto, tudo. Quando
tomar - deem-me essa graça os deuses! - a cidade
de Príamo, que ele avance, e de ouro e bronze as naus
sobrecarregue, na hora da partilha acaia,
e escolha para si vinte moças troianas,
as mais belas depois da belíssima Helena
Argiva. E ao retornar à terra de ubres pingues,
Argos Aqueia, eu o farei meu genro e como
Orestes o honrarei, meu amado caçula,
que cresce na opulência. Em meu palácio tenho
três filhas: Crisotêmis, Ifiánassa, Laódice:
conduza a de seu gosto à casa de Peleu
sem dar-me nada em dote. Eu o cumularei
de mimos em tal monta, quais nunca ninguém
deu de presente à filha. Sete populosas
cidades lhe doarei: Cardamila, Enope, Hira
viridente, a santíssima Feres, Anteia
florida, vales-fundos, linda Epeia, Pédaso
rica em pâmpanos, beira-marinhas, vizinhas
de Pilo, costas pulviarenosas; senhores
de mil ovelhas, mil-bois, seus súditos, qual
fora um deus, o honrarão, com tributos copiosos.
Tudo isso será seu, caso arrefeça a cólera,
se apazigue. Que fel-sem-mel, duro-diamante,
Hades, para os mortais é o mais odioso deus.
Submeta-se ele a mim, Basileu sumo e sênior
em idade, eu me orgulho de o ser". O Gerênio
Néstor, então, ginete exímio, redarguiu:
"Glorioso Atreide, rei-dos-homens, Agamêmnon,
não desprezíveis dons ofereces a Aquiles.
Mas, rápido: emissários de escol para a tenda
do filho de Peleu se dirijam. Avante!
Aqueles, para os quais acene, me obedeçam:
Fênix seja o primeiro em comando, caríssimo
a Zeus. Então, o grande Ájax, Odisseu divo
e os arautos Odio e Euríbates, os dois.
Que se lavem as mãos, em silêncio augural:
Roguemos a Zeus Pai, piedade para os Gregos!"
Falou. Palavras gratas aos ouvintes, todos.
Os arautos, de pronto, versam água às mãos
e os mais jovens coroaram de vinho as crateras
até as bordas, e a todos encheram as copas.

Feitas as libações aos deuses, todos bebem
de coração à larga, e da tenda do Atreide
Agamêmnon se vão. Néstor Gerênio, exímio
ginete, faz apelos de olhar a eles todos;
sobretudo a Odisseu encarece persuada
Aquiles, o Peleide imáculo. Então, eles
pelas praias do mar, polissonoras, marcham,
muitas preces erguendo ao deus circum-terrestre,
a Posêidon, Tremor-de-terra, que movesse
o coração de Aquiles! Junto às naus e tendas
dos Mirmidões o encontram. Tangia uma lira
- cordas presas em trave de prata - artefato
dedáleo, que o enlevava, do espólio de Eecião,
e a cujos sons cantava gestas de heróis. Pátroclo
só, silencioso, senta-lhe defronte e espera
que ele termine o canto. Odisseu guiando, os núncios
chegam à frente dele e param. O Peleide
sustendo a lira salta, abismado, do sólio
onde sentava. Pátroclo, ao vê-los, levanta-se.
Aquiles, pés-velozes, dá-lhes as boas-vindas:
“Salve! Eis aqui guerreiros amigos! Algum
motivo urgente, grave, é que vos traz a mim!
Ainda que irado, sois-me, entre os Gregos, caríssimos!”
E pronto os convida: “Entrem!” E os faz sobre a púrpura
de tapetes, em sédias, assentar. E a Pátroclo,
a seu lado: “Depõe sobre a mesa, ó Menéside,
a maior das crateras, mistura o mais puro
vinho, uma copa dá para cada um dos hóspedes:
estão sob o meu teto os que me são mais caros!”
Pátroclo obedeceu. Dispôs à luz do fogo
uma larga travessa, com lombo de ovelha
e costado de cabra gorda e um suculento
dorso de suíno. Firme, tinha Automedonte
a carne, enquanto Aquiles a talhava em nacos
e os enfiava no espeto. Pátroclo, divino,
acende uma fogueira. Quando a chama encurva
e amaina, o herói Peleide aplaina as brasas sob
os assadores, espargindo sal divino
nos espetos; a carne bem-assada deita
nos pratos; pão em cestas traz à mesa Pátroclo.
Aquiles, distribuída a vianda, senta e volta
para Odisseu os olhos, desde o lado oposto.
e a Pátroclo, dileto, ordena sacrifique
aos deuses. Este, ao fogo lança as oblações.
Todos às iguarias, mãos ávidas avançam.

Expulsa a gula de comida e vinho, acena
Ájax, mirando Fênix, mas Odisseu capta
o sinal; levantando a copa para Aquiles,
faz-lhe uma saudação: “Salve, Peleide, não
nos falta aqui, como na tenda de Agamêmnon,
o bom convívio dos banquetes, viandas fartas.
Para festins amenos não temos cabeça
no entanto, vendo - ó raça-de-Zeus - tanto estrago,
tomados de temor. Salvaremos as naus
multirremes? Serão destruídas? Tudo pende
de que assumas tua força. Perto dos navios,
próximos do baluarte, os Troicos animosos
e seus multifamosos aliados já estão
acampados; no plaino, ardem fogos inúmeros
e (é o que dizem) logo se lançarão sobre
as naus. Zeus lampejou signos propícios. Héctor,
soberbo, no Pai fiado, raiva, tresfurioso;
homens ou deuses não respeita; foi tomado
de cólera bravia. Que a Aurora brilhe rápida,
clama e jura abater os corimbos que adornam
o alto das popas, queimar naus e trucidar
os Aqueus, na fumaça entontecidos. Tremo
no coração, caso este desígnio, destino
nosso venha a ser, por vontade dos Perenes:
longe de Argos, corcéis-belos, morrer em Troia.
Porém, se ainda que tarde, decides salvar
do assalto avassalante das hostes troianas
os guerreiros aqueus exaustos, vamos, move-te!
Mágoa hás de ter, futura angústia: mal já feito
não se remedia. Pensa, antes, como afastar
dos Dânaos o lutuoso dia. Teu pai, Peleu -
ó caro! - ao te mandar de Fria para reforço
de Agamêmnon, te disse: ‘Meu filho, a vitória,
cabe o concedê-la a Hera e Atena. Refreia o ânimo
ardoroso: melhor é sempre a bem-violência;
a ira - procuradora de males - afasta,
que assim hão de te honrar Aqueus, moços e velhos!’
Parece que esqueceste o conselho paterno.
Doma a cólera, doença-do-coração. Sabe,
Agamêmnon, o rei, se te aplacas, soberbos
dons te dará. Permite que eu nomeie a todos
que na tenda Agamêmnon prometeu-te: sete
trípodes não tocadas pelo fogo, dez
talentos de ouro, tinas, vinte, de metal
brilhante; patas-sólidas, doze corcéis,

naturais vence-prêmios: nunca ao dono deles
faltará ouro ou terra arável, caso tantos
troféus lhe aportem quantos deram ao rei. Sete
moças imaculadas, hábeis tecelãs
escolhidas por ele ao apresares Lesbos
bem-construída, as mais belas das muitas mulheres,
te ofertará; entre elas, Briseida, roubada
de ti (e um juramento ademais adjurou:
não dormira com ela, não deitaram juntos
na cama, como fazem casais, como é humano).
Dar-te-á, de pronto, tudo isso. Quando tomar
a cidade de Príamo - graça dos divinos! -,
que avances e os navios, de ouro e de prata, sobre-
-carregues, no momento da partilha acaia,
e escolhas para ti vinte moças troianas,
as mais belas depois da belíssima Helena
argiva. E ao retornar à terra de ubres pingues,
Argos Aqueia, seu genro há de fazer-te e como
a Orestes te honrará, seu amado caçula,
que cresce na opulência. No palácio tem
três filhas: Crisotêmis, Ifiánassa, Laódice;
à casa de Peleu, conduzirás aquela
de teu gosto, sem nada dar-lhe. O rei de mimos
em tal monta te irá cumular, quais ninguém
a uma filha jamais doou. Sete populosas
cidades: Cardamila, Enope, Hira virente,
Feres, a sacratíssima, flórida Anteia,
vales-profundos, Pédaso, rica de pâmpanos,
região de Pilo à beira-mar, pulviarenosa.
Donos de mil-ovelhas, de mil-bois, teus súditos
feito um deus te honrarão, com tributos copiosos.
Tudo isso há de ser teu, se arrefeces a cólera,
é o que promete o Atreide. Se em teu coração,
porém, o furor contra ele e seus muitos dons
se arraigue, tem piedade ao menos dos Pan-Gregos,
na batalha exauridos. Honras te farão
como a um deus; ganharás, entre eles, glória suma.
Poderás abater enfim esse Héctor - certo
vai-te assaltar, pois ébrio de fúria funesta
contra os Dânaos que aqui fundearam naves negras
propala que ninguém o iguala entre os navarcas
aqueus”. Falou, então, Aquiles, pés-velozes:
“Ouve, Laertíade, poliastucioso: sem meios
termos, claro, direi quanto penso e farei,
para que ninguém sente junto a mim, palrando

um deste, outro daquele lado. Como às portas
do Hades, detesto quem fala uma coisa e esconde
outra na mente; quanto a mim, falarei como
me apraz. O Atreide nunca me convencerá
- e nenhum outro Dânao. Não há recompensa
no incessante combate contra os inimigos;
lote igual se destina ao valente e ao inerme;
prestam honras iguais ao herói e ao poltrão;
morre tanto o pugnaz, como o que nada faz.
Nada me adveio, após jogar a vida e tanto
padecer, a lutar, expondo-me sem pausa.
Como a ave-mãe leva ao filhote implume o que acha
para comer e fica à míngua, assim também
privado do repouso de Hipnos, muitas noites
tresnoitei, após dias a fio de sanguinosas
pelejas, por mulheres alheias pugnando
com bravos. Doze pólis minhas naus tomaram,
e onze apresei por terra em Ílion, férteis-plainos.
A todas despojei de esplêndidos tesouros,
copiosos, que a Agamêmnon como dom portava;
permanecendo atrás, junto das naus velozes,
ele os recolhia: muito para si, bem pouco
para a partilha. Então, galardoava as cabeças,
os basileus com prêmios (intactos nas mãos
destes, ao menos). Só das minhas retomou -
cara ao meu coração - a esposa, e a goza agora
na cama. Lutar contra os Troicos, por quê? Por
que o Atreide trouxe aqui seu exército? Não
foi por Helena, lindos-cabelos? Atreides,
eles, apenas, amam entre os mortais? Não!
Todo homem reto, merecedor do nome, ama
sua esposa e a ampara, como eu de coração, amo
a minha, ainda que a tendo conquistado à lança.
Já que a tirou de minhas mãos, não venha agora
tentar-me seduzir. Conheço bem suas manhas!
Contigo Odisseu, com os demais basileus,
tente salvar do fogo predatório as naus.
Muitas coisas já fez, sem mim. Edificou
um forte bastião, com fosso largo e profundo;
lá plantou paliçadas. Mesmo assim não pôde
conter a força de Héctor, trucidador-de-homens!
Enquanto junto aos Dânaos combati, jamais
Héctor quis pelejar à distância dos muros;
só chegava até à faia, às portas Ceias. Uma única
vez, uma só, me fez frente e fugiu-me ao ímpeto.

Que eu combata com Héctor? Não mais. Amanhã,
honrados Zeus e os deuses, naves carregadas,
tu as verás, querendo, navegar ao largo
do mar salino, do piscoso Helesponto, à hora
do alvorecer, levadas pelo ardor dos remos.
E se o deus Tremedor-de-terra propiciar-nos,
estaremos em Ftia em três dias, terra fértil.
Lá tenho bens copiosos. Fiz mal em deixá-los
para vir aqui. Já levarei no retorno
ouro, bronze vermelho, moças-de-cintura-
-fina, ferro cinzento, meu quinhão. O prêmio,
Agamêmnon, de quem o recebi, de mim
à bruta o arrebatou com hýbris ultrajante!
A nu, dizei-lhe tudo, mando. Que os Aqueus
o repilam se pensa ainda ludibriar Dânaos,
como sempre enroupado em despudor! Mas, quanto
a mim, por descarado cão que seja, não
ousará me olhar cara a cara. Ajudá-lo? Eu?
Não coopero. Não dou conselho. Ele embrulhou-me,
é um malfeitor. Não vai enlear-me com palavras
de novo. Basta! Vai em paz! Sai, azar! Tonto
que Zeus sapiente fez demente. Odeia as dádivas
vindas de sua mão. Valem menos do que um pelo.
Dez, vinte vezes mais me desse do que tem,
ou ganhe, quanto aflua ao Orcómeno e a Tebas
egípcia, onde as mansões se abarrotam de bens;
Tebas, de cem portais, que a duzentos guerreiros
a cavalo e com carros dão passagem, cada
um deles; se me desse tanto quanto areia
ou pó, nem mesmo assim persuadiria o Atreide
meu coração, enquanto não pagasse a ofensa,
ânimo-abrasiva áscua em meu peito. Esposar
a filha de Agamêmnon? Menos ainda, linda
- mais linda - fosse que a áurea Afrodite; operosa
como Palas Atena, olhos-azuis. Nem mesmo
assim a esposaria. Escolha um outro Aqueu
mais condigno, mais dado a rei do que eu o sou!
Se os deuses me salvarem, se retorno ao lar,
certo o próprio Peleu me buscará uma esposa.
Na Hélade, na Ftia, entre as Aqueias há de sobra
filhas de paladinos da pólis, princesas;
farei da que prefira minha esposa cara;
meu coração deseja há muito uma legítima
consorte, que comigo goze das riquezas
que Peleu conquistou. Pois nada como a vida.

Nem tanto quanto (dizem) Ílion, cidadela
multipovoada, em paz, possuía antes da vinda
dos Aqueus; nem também quanto encerre a soleira
pétrea do Sagitário, no seu templo em Pito.
Bois ou nédios carneiros, podem-se apresar,
comprar corcéis de crina loira, belas trípodes;
porém, o sopro do homem não se reconquista,
não se rapta de novo, transposta a clausura
dos dentes. Pés-de-prata, a deusa Tétis, madre,
me avisou: um destino dúplice fadou-me
à morte como termo. Fico e luto em Troia:
não haverá retorno para mim, só glória
eterna; volto ao lar, à cara terra pátria:
perco essa glória excelsa, ganho longa vida;
tão cedo não me assalta a morte com seu termo.
A todos os demais me imponho ponderar:
navegai de retorno aos lares! Já não mais
podereis arrasar Ílion de altas escarpas;
o altíssono Zeus, mão estendida a Héctor, deu
força aos seus. Ide, núncios, aos chefes aqueus
e transmiti meu dito - é múnus dos Vetustos -;
que excogitem na mente um outro plano para
salvar a frota, o exército dânao, no bojo
das naus côncavas. Não vinga o que propuseram
em vão, pois me esfuria, e aparta deles, a ira.
Mas Fênix permaneça e pernoite entre nós,
para amanhã seguir-me com as naus à pátria,
caso o deseje, não o forçarei”. Falou.
Todos emudeceram, pasmos do seu modo
rude de responder. Fênix por fim, o velho
auriga de corcéis, falou, rompendo em pranto,
já que muito receava pelas naus aqueias:
“Ó luminoso Aquiles, se de fato tens
o retorno na mente; se das naus velozes
não queres afastar o fogo vorador,
possuído de ira, como poderei quedar-me
sem ti, abandonado? Peleu, domador-
-de-corcéis, quando, há tempo, da Ftia te mandou
a Agamêmnon, enviou-me contigo; eras muito
jovem, inexperiente ainda da guerra crua
e dos debates da ágora, onde os nobres formam-se.
Por isso me mandou, para que te fizesse
na oratória eminente, eficiente nas obras.
Sem ti não ficaria, filho, mesmo que um deus
desvestir do meu corpo a senescência pro-

metesse, e a flor dos anos restituir-me: quando
deixei - mulheres lindas! - a Hélade, fugindo
de meu pai, o Ormeníade Amintor, com o qual
brigara, disputando-lhe a platinoloura
pulcra amante, por ele, em desfavor da esposa,
preferida. Rogara-me minha mãe que a outra
eu possuísse, insuflando ódio ao velho. Coisa
que fiz, obedecendo. Deu-se conta o pai.
Maldisse-me, invocou as Erínias, que nunca
um filho meu subisse-lhe aos joelhos. Cumpriu-se,
obra do subterrâneo Zeus e de Perséfone,
espantosa. (Com bronze agudo quis matá-lo;
um deus, no coração, me reprimiu a cólera;
me recordou a voz do povo, a infâmia que entre
os filhos dos Aqueus recobre o parricida.)
De coração, porém, não suportaria mais
permanecer no lar paterno, onde era odiado,
ainda que os familiares, os parentes tudo
fizessem por manter-me no palácio. Nédios
carneiros, tardos bois, curvicórneos, fornidos
suínos talham e tostam sobre o fogo heféstio;
das jarras de cerâmica do velho, muito
vinho bebem; pernoitam nove noites junto
a mim, circum-vigiando-me, em turnos alternos
revezados; os fogos nunca se extinguiam:
um às portas do pátio bem-cercado; um outro
no vestíbulo, diante da entrada do tálamo.
Sobrevinda a treva (era a décima noite), eu
arrombei as seguras portas do aposento,
saltei a cerca do pátio, ágil, e fugi
dos guardiães e das fâmulas. Para bem longe,
através da espaçosa Hélade, eu escapei;
vim dar às férteis glebas da Ftia, mãe-de-ovelhas.
Benévola acolhida deu-me o rei Peleu.
Amou-me como um pai que ama o próprio filho
unigênito, herdeiro de muitas riquezas.
Fez-me abastado, dono de terras povoadas:
deu-me a reger os Dólopes, na extrema Ftia.
Eu te fiz tal como és, símile a um deus, Aquiles.
De coração te amei. Com outro não queria
partilhar de banquetes, nem comer, se eu não
te assentasse em meus joelhos e te servisse, eu
mesmo, de carne, em nacos, picando-a, e de vinho.
Mais de uma vez, na altura do meu peito, a túnica
me manchaste, menino rebelde, cuspindo

nela a bebida. Muitas coisas passei por
ti, muito sofrimento. Meditava: os deuses
não me concederiam jamais um filho próprio;
então de ti, aos deuses similar, faria
o filho a me valer no opróbrio do declínio.
Doma, Aquiles, teu ânimo! Tanta aspereza
não te vai bem. Os deuses mesmos são flexíveis!
E sua força é maior, seu honor, seu poder!
E, no entanto, os mortais os propiciam com súplicas,
sacrifícios, com unto odoroso, versando
libações para expiar os erros. Pois Litai,
as Preces, de Zeus Pai, magnífico, são filhas:
mancas, pele rugosa, olhivesgas; se afanam
indo atrás dos desmandos de Ates. Esta, forte,
lesta, as deixa à rabeira, e de muito as precede,
causando dano aos homens, que as Preces atrás
vão reparando. Quem às filhas de Zeus presta
reverência, quando elas chegam, este obtém
benigna recompensa: a escuta aos rogos; quem
as despreza e as repele duramente, Zeus
acudindo-lhes, a Ates o encomenda: encalce
o malfeitor e que ele pague o dano! Aquiles,
honra as filhas de Zeus, que a outros heróis dobraram.
Se não te houvesse o Atreide prometido dons
presentes e futuros; se, agressiva, a raiva
nele persistisse, eu, certo, não te incitara
a remitir a ira, ainda que urgisse mover-te
a lutar pelos Gregos. Mas o Atreide agora
muitos bens te oferece e promete outros tantos;
heróis magnos e enviou-te a rogar como núncios,
escolhendo-os a dedo em meio ao nosso exército;
são os Aqueus dos quais mais gostas. Não desdenhes
seus passos, suas palavras. A ira te escusavam!
Sabemos dos de antanho que, ainda irados, eram
sensíveis a oferendas, abertos à fala.
Recordo um velho caso e vou narrá-lo tal
e qual aconteceu, amigos: certa vez,
nas terras calidônias, se batiam Curetes
e Étolos; defendiam estes a cidadela;
aqueles outros - guerricoléricos - por
destruí-la ardendo em Ares. Ártemis, do trono
áureo, lhes provocara o mal. Enraivecida
por Eneu não lhe ter ofertado primícias
do cultivo dos campos hecatombes para
os outros deuses; a ela filha de Zeus, nada.

Ou esquecera, ou não pensara: erro gravíssimo!
Com raiva, a Sagitária, raça-de-Zeus, solta
contra Eneu um robusto javardo, de presas
brancobrilhantes, que, selvagem, contumaz
predador, danifica-lhe os campos, derruba
altas árvores, raízes reversas, com flores
e com frutos pendentes. Meleagro abateu-o,
filho do rei Eneu, que convocou de muitas
cidades caçadores e cães; não teria
vencido a fera com poucos homens, enorme
como era, à pira odiosa tendo enviado muitas
vítimas. Suscitou a deusa então celeuma
e alarido de guerra em torno da carcaça.
A quem caberia - Étolo ou Curete - a pele
hirsuta? A quem a megatesta? Enquanto o herói
Meleagro combateu, dileto-de-Ares, tudo
transcorreu mal para os Curetes; incapazes
de se manter fora dos muros - e eram muitos!
Quando Meleagro enfureceu - do furor que incha
o coração até de sábios -, contra a mãe,
Alteia, se voltou, irado; junto à esposa,
à lindíssima Cleópatra, filha da Evênide
Marpessa, tornozelos-belos, repousou.
O pai dela, Ideu, era o mais forte guerreiro
de então - empunhou contra Apolo o arco, por causa
da menina de belos-tornozelos. (Pai
e mãe apelidaram-na em palácio Alcíone,
pois a mãe, cuja dor à da multiplangente
ave igualava, pela filha que o Flecheiro,
Febo Apolo, raptara, padecia.) Meleagro,
junto da esposa, cozinhando a bile, deixa-se
ficar, amaldiçoado pela mãe, que aos deuses
imprecava, furiosa pelo irmão morto, o Hades
invocando e Perséfone; batendo a terra
nutriz com as mãos, joelhos dobrados, com lágrimas
correndopelas vestes: ‘Que o filho morresse!’
Do fundo do Érebo escutou-a a Erínia escuro-
-vagante, coração cruel. Súbito, fragor
e vórtice: assaltavam os muros! Os velhos
Étolos, sacerdotes sagrados por núncios,
rogam-lhe volte à luta, ofertam dons. Terreno
belíssimo, cinquenta jeiras, no mais fértil
da Calidônia, à escolha, metade vinhedos,
metade campo arável, limpo. Euneu, o rei,
auriga-de-corcéis, do limiar do alto tálamo,

abalando os batentes bem-cerrados, súplice,
rogava ajuda ao filho; muito a veneranda
mãe lhe implorava, muito as irmãs. ‘Não e não!’
respondia, em crescendo; os amigos rogavam
também, muito, os mais fiéis, os mais diletos, nem
assim o coração lhe venceram no peito.
Afinal o seu próprio tálamo é assediado
a golpes, pois aos muros os Curetes galgam
e começam a pôr fogo na urbe. Cintura-
-fina, súplice, a linda esposa, agora é quem,
em prantos, lhe enumera as dores angustiosas
que tocam às pessoas, quando é conquistada
sua cidade: trucidam-se os homens; a cinzas
tudo se reduz: crianças e mulheres, vestes
bem-cingidas, raptadas. Meleagro comove-se,
põe a armadura polilampejante, sai
e afasta o infausto dia dos Étolos, cedendo
ao coração. Assim, sem que lhe dessem dom
algum precioso, os salvou. Não penses como ele,
amigo. Não te instigue um demônio a segui-lo.
Será pior acudir em ajuda de naus
já combustas. Aceita os presentes, socorre
os Gregos. Como um deus, eles te tratarão.
Mas se entrar no combate homicida sem dons,
mesmo vencendo, não colherás glória igual”.
E Aquiles, pés-velozes: “Velho pai, dileto-
-de-Zeus, desdenho glórias. Só cuido daquelas
a que me predestina o Sumo e que comigo,
enquanto eu respire, há de estar, junto às naus curvas,
enquanto eu me mover. Mas agora te digo
não me perturbes o ânimo com aflição
e lamúrias em prol do Atreide; não te cabe
amá-lo, caso a mim, que te amo, não pretendas
ser odioso. Agravar aqueles que me agravam
é o melhor a fazer. Vem reinar junto a mim,
meeiro das minhas honras! Que partam os núncios!
Tu, porém, permanece aqui; dorme num leito
macio. Assim que a Aurora iluminando dealbe,
deliberamos se partir ou não”. Falou.
Pátroclo, a um seu aceno, mandou pôr a cama;
os outros que cuidassem de retornar. Ájax
Telamônio, deiforme, palavreou e disse:
“Ó Laertíade Odisseu, herói poliardiloso,
estirpe-de-Zeus, vamo-nos. Não me parece
que o escopo do discurso se perfaça, por

esta via. E devemos anunciar aos Dânaos
a resposta, depressa, mesmo que não boa,
pois, sentados, esperam. Aquiles, no peito
asselvajou seu coração de ânimo grande;
desacordou-se, cruel, da amizade, dos seus,
de todos quantos, sobre os mais, na frota o honravam;
é implacável! No entanto da morte do filho
ou do irmão, o ofensor pode pagar resgate
condigno e ficar na pátria, apaziguando
o coração e o orgulho do ofendido. A ti,
porém, os deuses infundiram mal-volente
fereza de ânimo em razão de uma - uma única -
moça e nós te ofertamos sete, entre as mais belas,
e muitos outros dons. Modera o coração,
respeita esta tua casa e, sob o mesmo teto,
a nós, núncios dos Dânaos e, mais do que todos
os Aqueus, tidos por amigos teus, diletos".
Então lhe respondeu Aquiles, pés-velozes:
"Ájax, raça-de-Zeus, capitão, bem o dizes
no coração contigo mesmo acorde. Mas,
se infla de ira o meu, sempre recordo como
o Atreide entre os meus pares tratou-me: um sem-pátria,
um qualquer... Ide, núncios, portai meu anúncio:
não cuidarei de guerra e sangue; só quando Héctor,
nobre filho de Príamo, sábio-coração,
ouse chegar às tendas e naus mirmidôneas,
matando Aqueus e ateando fogo às naves. Junto
às tendas, aos meus negros navios, estacando,
saberei conter-lhe o ímpeto bélico". Disse.
De bicôncavas copas, os núncios libando,
empreendem o retorno às naus; Odisseu guia.
Pátroclo aos companheiros e ancilas ordena
que preparem a cama fofa para Fênix,
rápido. Obedecendo, arrumam, como cabe:
boa coberta, peliça de ovelha, lençol
de linho fino. O ancião deitou-se, à espera de Éos,
a diva Aurora; Aquiles no fundo da tenda
dormia, e junto dele uma bela de Lesbos,
a filha de Forbante, raptada, Diomede,
lindas-maçãs-do-rosto. Pátroclo deitou-se
do lado oposto, e junto, Ífis, bela-cintura,
dom do divino Aquiles, apresada em Skiro,
íngreme cidadela de Enieu. Os dois núncios,
no que chegam à tenda do Atreide, acolheram-nos
com brindes - copas de ouro. De pé os questionam

daqui, dali. Primeiro, Agamêmnon indaga:
“Dize-me, Odisseu, multilouvado, aqueia glória,
ele quer defender as naus do fogo ardente,
ou - duro coração - disse *não*, todo-cólera?”
Respondeu-lhe Odisseu, divo multissofrido:
“Agamêmnon, excelso Atreide, rei-dos-homens,
ele, de fato, não quer aplacar a ira. Antes,
mais e mais, empina e infla sua cólera. A ti,
aos dons desdenha: com os Gregos, cuides tu
de salvar os navios e o exército aqui;
ameaçou até mesmo se fazer ao largo
com as naus bicurvadas, belos-bancos, tão
logo faísque Éos, a Aurora. Pondera e propõe
aos outros retornar à pátria: vencer Troia
é impossível. Sobre ela Zeus, altissonante,
estendeu a mão, dando força a seus guerreiros.
Foi o que disse. Escuta e te confirmarão
os companheiros, Ájax e os arautos, sábios.
O velho Fênix lá pernoita, assim o quis,
já que com ele e a frota voltará à pátria
amanhã, se o decide; não irá forçado”.
Falou. E todos, mudos, silentes, tocados
por seu discurso, que eram, deveras, palavras
duras. Calaram longo tempo, de aflição,
os Dânaos. Então, brado-estentóreo, Diomedes
falou: “Excelso Atreide, Agamêmnon, rei-de-homens,
ao imáculo rebento de Peleu, rogando
não deverias ter feito tantas oferendas.
Se já era orgulhoso, ora ensoberbeceu
ainda mais com tudo isso. Que fique ou vá, nada
a fazer; que combata quando tenha gana
e um deus o mova. Agora, prestes, procedamos
como digo: primeiro, repousar, saciado
o coração de pão e vinho, reconforto
e revigor do ânimo. Quando a Aurora, dedos-
-pétalas-róseas, brilhe bela, infantes, équites,
perfila junto às naus e os incita a lutar,
tu mesmo à frente”. Disse. Todos o aplaudiram,
jubilosos da fala de Diomedes, doma-
-corcéis. E então, depois de fazer as devidas
libações, foram todos para as tendas, onde
deitando-se, lhes dá, Hipnos, o dom do sono.

Canto X
Ronda noturna: Doloneia

Os outros principais da Pan-Grécia dormiam
a par dos navios, noite adentro, sucumbidos
ao mole torpor de Hipnos. O Atreide Agamêmnon,
pastor-de-povos, ele só, à hipnose desse
mel não cedia, o penseroso coração
tumultuando. O marido de Hera, a de belíssimos
cabelos, relampeja anunciando dilúvio
de emudecer um deus: ou granizo, ou nevada
que as lavouras esmalte, ou quando abre a bocarra
monstruosa da guerra; eis como arqueja Agamêmnon,
o coração opresso, aflição nas entranhas.
Tantos fogos ardendo diante de Ílion! Pasma,
olhando e ouvindo flautas, pífaros, rumor
de gente. E volta o olhar às naves, aos Aqueus;
pela raiz arranca fios de seu cabelo
e impreca a Zeus na altura, coração plangente.
Afinal, no ânimo faiscou-lhe um bem-pensado
desígnio. Recorrer ao principal dos homens
em saber, Neleide Néstor: maquinassem
ambos o melhor meio para livrar dos males
o exército dos Dânaos. Ergue-se. Reveste
da túnica o seu tórax; de sandálias fúlgidas
calça os pés; arruivado pelame circum-
-veste de um mega leão, que ao chão quase roçava;
ergue no punho a lança. Menelau, também,
um frêmito o transia. Hipnos não lhe pousava
sobre as pálpebras: pelos Gregos temia, ad-
-vindos, transnavegando o pélago, em prol dele,
a Troia, a seu favor movendo guerra ousada.
Multimosqueada pele de leopardo ao dorso
largo lançou; enfiou o elmo, viseira brônzea;
então, com mão segura, a lança empolga e vai
acordar o irmão, grão-comandante de todos
os Aqueus, como um deus honrado pelo povo.
À popa da nau, deu com ele (vestia as armas).
Alegre, o recebeu. Menelau, alti-soante-
-brado, se adianta: “Em armas, meu irmão? Por quê?
Mandas algum espia aos Troicos? Receio muito,
de fato, que ninguém se abalance a tal proeza:
só, pela noite ambróseo-divina espreitar
o inimigo? Só mesmo um coração-coragem!”

Responde, incontinenti, o possante Agamêmnon:
“Preciso é, Menelau, raça-de-Zeus, um plano
engenhoso, que a nós ambos permita pôr
a salvo as naus e os Dânaos. Zeus mudou seu ânimo:
agora a seu favor anima os sacrifícios
de Héctor. Não vi jamais um homem (nem ouvi
raconto disso) - um só homem - tantos malfeitos
em um único dia perpretar, tal como Héctor,
predileto-de-Zeus, contra os Dânaos, sozinho,
sem ser filho de deus ou deusa. Ações malignas,
de obsedar por longo, longo tempo a mente
dos Aqueus - tantos males maquinou! Agora
vai. A Idomeneu, a Ájax acorda. Depressa!
Eu, a Néstor divino acorro. Que levante,
caso queira acudir à falange sagrada
dos guardas e lhes dar ordens. Como a ninguém,
o acatarão: seu filho e Meríone, o escudeiro
de Idomeneu, comandam, delegados nossos”.
E Menelau, de brado altíssono, retorna:
“Que ordens me dás? Que voz de comando? Ficar
junto deles, à espera de que voltes? Presto,
correr a teu encontro, após tê-los chamado?”
Por seu turno, Agamêmnon, senhor-de-homens, diz:
“Permanece por lá, que não nos desgarremos,
ao caminhar, um do outro, pois muitas veredas
percorrem o campo! Aonde quer que fores, grita
e faz com que despertem, chamando os que dormem
por seu nome de estirpe, pelo patronímico;
honra-os a todos sem altaneria; o afã
não é comum, pois Zeus, no nascedouro, graves
males faz pender sobre todos”. Falou. Bem
instruído, despachou o irmão. Por sua vez, foi
à procura de Néstor, pastor-de-guerreiros.
Na tenda, junto à nau negra, ei-lo em cama cômoda;
ao lado, as polifúlgidas armas: o escudo,
duas lanças, o faiscante elmo de crista. Perto,
luze-luzente, o cinturão: o velho herói
o cingia ao se armar para a guerra voraz
de humanos, não rendido à senectude lúgubre.
Firme no cotovelo, testa ereta, indaga:
“Quem és, que solitário, pela noite opaca,
rondas as naves, quando dormem os mortais?
Andas atrás de um mulo? Buscas um soldado,
teu camarada? Fala. Calado, não venhas
abordar-me. Que queres?” E o rei Agamêmnon:

“Néstor Neleide, ó tu, glória maior dos Gregos,
hás de reconhecer-me, Agamêmnon, o Atreide,
que sobre todos Zeus afligiu de afãs sem
pausa, enquanto o respiro me reste no peito
E os joelhos me sustenham. Pervago assim pois
sobre as pálpebras não me pousa o repousante
Hipnos, pesam-me a guerra e as penas dos Aqueus.
Temo terrivelmente pelos Dânaos; treme,
turvo, meu coração; como que sai do peito;
vai-se-me a força destes joelhos titubeantes.
Vejo-te insone; se algo engenhas, vamos juntos
ver se os vigias, derreados, por fim não cederam
ao torpor de Hipnos, guardas descuidados. Gente
adversa não distante acampa. Quem nos diz
que não decidirão combater noite adentro?”
O ginete Gerênio, Néstor, lhe responde:
“Ó rei-dos-homens, ó glorioso Atreide, não
acredito que Zeus, mente prudente, a todos
os propósitos de Héctor, quais espera, acolha.
Antes, penso que o vai minar de sofrimento,
e mais e mais se Aquiles, transpassando a cólera
que o amarga, der alívio ao corpo. Por certo,
te acompanho. Acordemos, porém, os demais:
Diomedes, brava-lança, Odisseu, Ájax rápido,
Fileide, o forte. E espero que alguém chame a tempo
Idomeneu, o príncipe, e Ájax - quase-um-deus -
Telamônio: suas naus se encontram no outro extremo,
longe. Mas Menelau, a quem dedico afeto
e respeito? Não posso, mesmo que te ofendas,
deixar de censurá-lo! Dorme e te comete
as tarefas penosas? Justamente agora
que urge incitar os chefes, que o perigo freme?”
Responde-lhe Agamêmnon, soberano-de-homens:
“Ó veterano! De outras vezes te movi
eu mesmo a reprová-lo: é relaxado, foge
à fadiga; porém ele não é um cabeça-
-oca, um sem-fibra. É que olha para mim, aguarda
meu sinal. Desta vez acordou antes mesmo
que eu; veio a mim; mandei-o avisar os que indicas.
Agora, vamos: eles estarão à espera,
entre os guardas, às portas; lá os mandei reunir-se”.
Ao que Néstor réplica, o ginete Gerênio:
“Contra ele nenhum Grego haverá de irritar-se,
nem deixar de atender quanto advirta ou comande”.
Disse. E vestiu a túnica no tórax. Pôs

nos pés ungidos fúlgidas sandálias. Longo,
duplo manto de púrpura fenícia aos ombros
lança. Felpuda pele vai por cima. Então,
ergue o dardo maciço, pontiagudo bronze,
e se encaminha às naus dos Dânaos, brônzeas-vestes.
Néstor Gerênio, exímio-ginete, primeiro
liberta Odisseu de Hipnos, o capitão quase-
-Zeus na argúcia, com brados fortes, que penetram-lhe
no fundo o coração. Sai Odisseu da tenda
e indaga: “Por que a sós, em pleno campo, à beira
das naus, pela divino-ambrósea noite errais?
Que grande afã vos move? E Néstor, o Gerênio:
“Ó progênie-de-Zeus, Odisseu multiastuto:
não te irrites, que muitos males sobre os Gregos
pesam. Segue conosco, a despertar aqueles
mais que em concílio possam dar conselho: vamos
fugir ou resistir, lutando?” Disse. À tenda,
volta o multiastucioso. O escudo à espádua esplende.
Segue, então, com os dois, ao Tideide buscando.
Ei-lo fora da tenda, junto às armas; todos,
ao redor, dormiam, com os broquéis sob a nuca;
as lanças, pelos cantos, fixas no chão; longe-
-relampejando o bronze, feito raios de Zeus
Pai. Diomedes dormia. Um couro de selvático
touro por baixo dele, um tapete faiscante
sob a cabeça. Néstor Gerênio, abeirando-se,
sacode-o com a ponta do pé e o espicaça:
“Vamos, Tideide, acorda! Dar-se ao sopor de Hipnos
uma noite a fio? Não escutas os Troianos
que acampam no mais alto plaino, já vizinhos
às naus, só apartados por um curto espaço?”
Falou. E ele espertou de um salto. Com aladas
palavras revidou: “Velho terrível! Não
cansas nunca! Entre os jovens, os Aqueus mais moços
fazendo a ronda, não há quem possa incumbir-se
de acordar os demais basileus? Imbatível,
velho Néstor!” Responde-lhe o Gerênio, exímio-
-ginete: “Sim, falaste segundo o desígnio
da Moira, amigo! Tenho filhos sem mancha, ínclitos;
soldados me acompanham, muitos; qualquer deles
rondando, poderia convocar-vos; porém,
urge, descomunal, um mal que oprime os Gregos;
no gume de um cutelo, eis-nos todos nós: ruína
lúgubre ou salvação? Vai, acorda o veloz
Ájax e Fileide; és mais jovem, podes bem

poupar-me”. Falou. O outro a mega pele ruiva
de um leão circum-vestiu, que lhe roçava ao chão
os pés. Ergueu a lança. E aos companheiros foi
despertar e trazer. Depois, tendo alcançado
o local de atalaia, viram que os cabos não
dormiam. Vigiavam. Todos de armas aprestadas.
Como adestrados cães, de sobreguarda a ovelhas,
apuram os ouvidos ao rugir de fera
voraz-de-coração, varando selva e monte,
e entre o alarido de homens e ladridos cessa
para todos o sono de Hipnos; o dulçor
sonolento das pálpebras refoge àquele
que em noite má vigia, atentando ao rumor
do inimigo. Alegrou-se e os incitou o velho,
alígeras palavras dirigindo a todos:
“Filhos, vigiai assim, vivazes, sem render-se
a Hipnos; causa de escárnio aos Troicos não daremos!”
Falou e então transpôs o fossado. Seguiram-no
os basileus da Grécia, acorrendo ao concílio.
Meríone então juntou-se a eles; também o filho
intrépido de Néstor, - ao conselho, no ato,
convidados. Transposto o valo, num local
estreme de cadáveres, limpo, ali onde
Héctor pusera termo à matança de Aqueus,
sobrevinda a envolvente noite, nesse ponto,
assentaram-se todos, entrepalavreando.
Néstor Gerênio, exímio-ginete, iniciou
sua fala: “Haverá um bravo, que ouvindo o seu próprio
coração corajoso, ouse infiltrar-se junto
aos belicosos Troicos? Se apanhasse um só
dos inimigos, extraviado? Se escutasse
algum rumor no campo troiano, que coisa
premeditam? Tencionam, longe dos seus muros,
manter-se não distantes de nossas naus? Pensam
tornar - já que venceram - à pólis? Sondar
tudo e voltar a salvo para nós; com isso,
o audaz conquistaria grande glória debaixo
do céu, junto aos seus; prêmio de preço teria;
cada qual dos navarcas lhe regalaria
uma ovelha de pelo negro e o seu cordeiro:
à oblação, dom sem par. E nos festins um posto
permanente”. Falou. Todos eles calaram.
Mas, súbito, Diomedes, brado-estentóreo, entre
os demais exclamou: “O coração me incita
e, aguerrido, o meu ânimo, a infiltrar-me em campo

adversário. Se alguém comigo viesse, audácia
mais inflamada, ardor muito maior teria;
quando dois marcham juntos, um ao outro adverte
quanto ao que mais convém; um homem só, por mais
que acerte o rumo, pensa mais lento, uma só
cabeça pode menos". Falou. Muitos querem
segui-lo. Os prediletos-de-Ares, os dois Ájazes;
Meríone; com muitíssima audácia, o Nestóride;
Menelau, bom-de-lança, o Atreide; o pertinaz
Odisseu, coração-valente, decidido
a infiltrar-se entre as tropas troianas. Então,
o soberano-dos-homens, Agamêmnon, disse:
"Caríssimo Tideide, escolhe o companheiro
que for do teu agrado, o melhor dentre todos
que, no afã de seguir-te, já se apresentaram.
Não ponhas o melhor de lado, reverente
no ânimo e o preterindo por outro de estirpe
mais ilustre, ainda que este seja um basileu".
Falou. Por Menelau receava, o louro irmão.
Porém, voz-estentórea, Diomedes tornou:
"Se queres que eu escolha um companheiro-de-armas,
como não recorrer a Odisseu, quase-deus,
sapiente coração, ânimo valente? Ama-o
Palas Atena; enfrenta qualquer prova. Até
das labaredas de uma pira escaparíamos
juntos, tão hábil é no safar-se de tudo!"
E o multitraquejado Odisseu respondeu-lhe:
"Tideide, não me exaltes demais, nem reproves.
Falas perante Aqueus, que sabem dessas coisas.
Apressemo-nos. Alta vai a noite; a aurora
se avizinha; o estelário progride; a noite ora
ultrapassou seu pleno: um terço apenas resta
dos três que lhe comete o fado". Então vestiram
as terríficas armas. Trasímedes, bom-
-na-guerra, uma bigume espada afiada deu
a Diomedes (ficara a dele a bordo), escudo
e uma gálea em cabeça-de-cão, couro táureo,
sem crista, sem cimeira, rasa, para jovens,
elmo-*catétix*. Ao Laertíade deu Meríone
arco e carcás, espada aguda e um casco raso,
cabeça-de-cão; por dentro afixável com
um sólido correame; por fora, colmilhos
de branquidênteo javali, disseminados
aqui e ali, com arte e engenho; forro espesso,
de feltro. Um belo dia o roubara em Eleona

Autólico, invadindo a sólida mansão
de Amíntor, filho de Órmeno; depois o deu,
em Escândia, ao citéreo Anfidamante, o qual
em penhor de hospedagem regalou a Molo
o capacete; ao filho, Meríone, caríssimo,
este o deu; à cabeça de Odisseu, assim
foi que chegou. Vestidos ambos das terríveis
armas, partem; no posto os cápites esperam.
À direita da estrada, súbito, uma garça
lhes envia Atena - ave invisível na baça
escuridão: somente o grasnido se ouvia,
estrídulo. Odisseu, exultante, dá graças:
“Filha de Zeus que porta o escudo, tu que sempre
estiveste a meu flanco em todo transe; a quem
nada escondo furtivo, ama-me agora mais:
dá que, voltando em glória às naves, memorável
rastro deixemos junto aos Troicos!” O Tideide,
por sua vez, imprecou: “Ouve-me, também, filha
de Zeus, Atena indômita. Escuda-me como
escudaste Tideu, meu pai, aquela vez,
quando, núncio dos Gregos, ele foi a Tebas;
deixara os vestibrônzeos junto ao Asopo, indo
levar palavras-mel, pacíficas, aos filhos
de Cadmo. Ao voltar, deusa excelsa, perfez
- propícia o protegeste - façanhas terríveis.
Assim me favorece agora e à volta imolo
em teu louvor novilha frontiampla, de um ano,
e jamais jugulada, dourando-lhe os cornos”.
Rogaram ambos. Palas Atena escutou-os.
Assim que oraram para a filha de Zeus Grande,
dupla de leões, seguiram pela turva noite,
rodeados de cadáveres, de morticínio,
por entre o sangue escuro e armaduras rompidas.
Tampouco Héctor deixara dormir os altivos
Troianos; convocara todos os cabeças,
os notáveis, os líderes da tropa; armava
um plano astuto: “Quem, por recompensa à altura,
empreenderá esta ação? Terá um justo prêmio:
um carro e dois cavalos, altiva-cerviz,
os de raça mais pura ao pé da frota aqueia,
rápidas naus. O ousado terá glória, caso
se acerque dos navios célere-singradores
e espione se, como antes, velam sobre as naus
ou se, domados já por nossas mãos, meditam
na fuga,em conciliábulo, sem mais vigiá-las

noite adentro, tomados de exaustão”. Falou.
Calaram-se os Troianos, mudos todos. Menos
um dentre eles, por nome Dólon (pai: Eumedes,
sacro arauto, repleto de ouro, multipleno
de bronze; Dólon, má-feição, pernas ligeiras,
era, entre cinco irmãs, o único filho-homem).
A Héctor e aos Troicos disse pronto estas palavras:
“O coração me exorta, e o ânimo ardoroso,
a acercar-me das naus velozes e espionar
os Gregos! Porém antes ergue o cetro e jura
que os corcéis me darás e o carro brônzeo-esplêndido
que o imáculo Peleide conduz. Cumprirei
a teu contento, sem falha, a missão de espia.
Me infiltrarei no campo adverso até onde a nau
de Agamêmnon se encontre; lá, por certo, os Dânaos
em concílio reunidos se aconselham: fuga
ou persistir na luta?” Disse. E erguendo o cetro,
Héctor jurou: “Que o saiba o próprio Zeus, esposo
trovejante de Hera, outro nenhum homem troico
guiará tais corcéis, só tu resplenderás, sempre,
na glória deles”. Juramento vão, no entanto,
para incitá-lo à ação era o bastante. Em torno
à espádua cingiu o arco, vestiu a pele cinza
de um lobo, enfiou-se um gorro de pelo de fuinha;
empunhou um pontudo venábulo e foi
em direção às naves. Não traria, porém,
a Héctor, de retorno, uma palavra sequer.
Deixando atrás a turba de homens e cavalos,
tomou, com entusiasmo, a estrada. Pressentiu-o,
porém, Odisseu, divo, que disse: “Vem vindo
alguém do campo troico, rumo às nossas naves,
ou como espia ou para despojar das armas
algum morto. Deixemos, Diomedes, que avance,
primeiro, um tanto pelo plaino. Então, de um bote,
o agarraremos por detrás. Se escapa, célere
de pernas, superando-nos, acossa-o tu;
com a ponta da lança o impele às naus, bem longe
do seu campo; que não se acoite nas muralhas
troianas”. Agacharam-se à beira-caminho;
o outro passou correndo; quando já distava
tanto quanto se alongam os sulcos de muares
roteando uma gleba (estes são, mais do que os bois,
prestantes no puxar o arado sobre a leiva
profunda), vão-lhe os dois no encalço; ouvindo o ruído,
Dólon para: esperava, no íntimo, uma contra-

-ordem de Héctor, mandando que voltasse, por
mensageiros. Deu conta de quem eram quando
eles já se encontravam a um tiro de lança;
rápidos joelhos, foge. Os dois o vão seguindo,
como dois cães dentiaguçados, bons de caça,
mais e mais corça ou lebre através da espessura
acuam a presa arisca, à frente, aos guinchos; ambos,
o Tideide e Odisseu rompe-cidades vão-no
apartando dos seus e o acossam sem trégua.
Já se atirava aos guardas, direto às naus, quando
Atena acresce o ardor ao Tideide (nenhum
dos Gregos, vestibrônzeos, se jacte, antes dele,
de golpear o fujão, passando-lhe na frente).
Este, brandindo a lança, o ameaça: “Para, ou eu
te alcançarei com meu farpão. Não irás longe
sem que, por minha mão, te atinja aziaga morte”.
Disse e atirou a lança de modo a esfolar-lhe
apenas o ombro destro, fincando-se em terra.
Dolon estaca atônito, tatibitate,
os dentes a bater na boca, verde-cloro
de pavor; arquejando, aferram-no os dois, mãos
e braços; ele, todo-lágrimas: “Me poupem,
aprisionem-me; posso pagar-lhes resgate
em ouro e bronze e ferro bem-lavrado, prêmio
riquíssimo meu pai lhes daria, ao saber-me
ao pé das naus aqueias, vivo, preso”. E o poli-
-engenhoso Odisseu: “Acalma-te, não tenhas
a morte no teu íntimo. Sem mentir, dize-me:
aonde pensavas ir, longe dos teus, sozinho,
rumo às naus, noite adentro, quando os mortais dormem?
Despojar algum morto? Ou Héctor, como espia,
te enviou para sondar o que há junto às naus côncavas?
Ou te moveu impulso íntimo?” Joelhos trêmulos,
Dólon responde: “Com loucas ilusões, Héctor
me enganou, prometendo-me dar os corcéis
unicascos do intrépido Peleide, mais
o carro aquileu, bronze poliadornado; eis
como me induziu noite célere-trevosa
adentro - a me achegar às hostes inimigas,
para saber se como antes velam as naus
rápidas, ou se já domados pelas mãos
troianas, premeditam fugir, em concílio,
relaxando a vigília noturna, exauridos”.
Rindo-se, retrucou Odisseu, poliarguto:
“Teu coração, de fato, ansiava mega prêmios!

Os ginetes de Aquiles, ânimo-flamante!
Domá-los ou montá-los é difícil para
simples mortais, que não o Eácida, concebido
por uma deusa eterna. Agora basta, chega
de conversa. Mentiras à parte, relata-me:
Héctor, onde o deixaste, o chefe-de-homens? Onde
suas armas belicosas, seus cavalos? Quais
os postos de vigia? Onde os homens se alojam?
Que premeditam? Pensam ficar aqui, perto
das naus, ou retornar à pólis, vitoriosos?”
Dólon, filho de Eumedes, por sua vez, lhe diz:
“Sem mentir, vou contar-te o que sei. Em concílio,
Héctor de conselheiros se aconselha, junto
à tumba de Ilo, divo, aonde o vozerio não
chega; postos de guarda, não os há, o herói,
em defesa do campo, de atalaia; em torno
das fogueiras acesas, sim - é necessário -,
há troianos velando, se entre-estimulando.
Quanto aos multigloriosos aliados, de longes
terras, dormem, deixando os Troicos de atalaia,
já que não têm mulheres e filhos com eles”.
Ao que retruca o multiastuto Odisseu: “Como?
Eles dormem então misturados aos Troicos,
doma-corcéis? Ou separados? Fala. Quero
saber”. E Dólon, filho de Eumedes: “Relato-o
sem mentir. Junto ao mar salino estão os Cários,
os Peônios de recurvos arcos, os Caucônios,
os Léleges, os nobres Pelasgos; vizinhos
ao Timbre, os Mísios árdegos, os Lícios fortes,
os Frígios, équites exímios, os Meônios,
elmos-de-cauda-equina. Mas por que perguntas?
Se queres adentrar o arraial dos Troianos,
tens, à parte no extremo de todos, os Trácios,
recém-vindos. Entre eles, o rei, Reso Eiônides;
seus cavalos, belíssimos, avultam; são
mais alvos do que a neve; correm quase-vento;
no carro aurilavrado, com tauxias de prata.
Vem todo armado em ouro, à grande, maravilha
de ver, incompatível com mortais, só a deuses
convindo uma tal pompa. Agora às naus levai-me
ou, preso aqui com nós cruéis, deixai-me, refém
da verdade ou do falso disso que vos disse,
pondo-me à prova”. Do alto o mirou o altaneiro,
fortíssimo Diomedes, e atalhou: “Não metas,
no teu íntimo, a ideia de nos escapar, Dólon;

ainda que sejam úteis teus informes, preso
estás em nossas mãos. Se aceitarmos resgate,
se te deixarmos livre, de novo às naus gregas,
certo, virás rondar, ou como espia, ou já
para nos dar combate aberto; se, porém,
por minha mão domado, exânime, tu expires,
então não serás mais capaz de dano aos Dânaos!”
Falou. Súplice Dólon intentou tocar-lhe
o queixo. De um só golpe, o Aqueu, a fio de espada,
cortou-lhe, à nuca, os dois tendões; ainda falando
a cabeça de Dólon rolou pela poeira.
Do seu gorro de fuinha, do arco-vibrador,
da lupina pelagem, da lança o despojam.
O divino Odisseu a Atena logo o espólio,
à deusa predadora, erguendo as mãos a orar
oferta: “Este butim aceita, ó deusa Palas,
que te votamos antes que aos demais olímpicos,
e nos conduze às tendas e aos corcéis dos Trácios”.
Disse. E erguendo os despojos, içou-os à fronde
de altiva tamargueira, marcando de um signo
bem visível o sítio: tramas de vergônteas
e tufos, que ao voltar, a noite negro-rápida
não os desorientasse. Seguiram entre armas
e sangue enegrecido, até alcançar os Trácios.
Exaustos de fadiga, estes já dormiam, tendo
ao lado, sobre a terra, as armas belas, postas
em ordem, três fileiras. Junto de cada homem,
dois corcéis, em parelha. No centro dormia
Reso, os ginetes céleres presos à biga
pelas rédeas. Topando com ele, Odisseu
Diomedes alertou: “Eis o rei e os cavalos
ao lado; é o mencionado pelo extinto Dólon.
Vamos, ânimo forte, ação! Nada de inércia
com essas armas todas! Solta os corcéis, ou
melhor, eu cuido deles, enquanto acometes
seus guerreiros”. Falou. Olhos-azuis, Atena
espicaça Diomedes, que em torno trucida
a quem pode. Gemido lancinante emitem
os que a espada acutila; o sangue enrubra a terra.
Feito leão assaltando ovelhas indefesas,
cabras, raivando, assim Diomedes investia
contra os Trácios, matando de pronto dois deles.
Multiastuto, Odisseu vai afastando os corpos,
arrasta-os pelos pés, pois os cavalos, belas-
-crinas, têm de passar ágeis, sem que os estorvem

corpos mortos à frente: pisotear cadáveres
poderia assustá-los, não tinham esse hábito.
O Tideide acercou-se do rei; era o décimo-
-terceiro; suprimiu-lhe o sopro vital, doce-
-mel, morreu suspirando, na cabeça um sonho
mau (a efígie do algoz, que Palas insinuara).
No entretempo, Odisseu, o pertinaz, soltava
os corcéis unicascos; pela rédea os ia
afastando, e os tocava além da turbamulta.
O herói os conduzia com seu arco, uma vez
que deixara no barco pluriornado o látego
faiscante. Deu aviso ao Tideide assobiando.
Este hesitava, entanto, entre puxar a biga
e as pluribelas armas guardadas nela ou,
levantando-a, tirá-la dali, ou seguir
no abate de mais Trácios; ruminava tudo
isso na mente, quando Atena do seu lado
exsurge e diz: “É hora de regressar às naus
bicôncavas, pois outro nume poderá,
acordando os Troianos, obrigar-te à fuga”.
Falou. Diomedes escutou, por trás da fala,
a voz da deusa. Rápido saltou no dorso
do cavalo. Odisseu com seu arco açulou
os outros; vão num só voo às naus aqueias céleres.
Arco-de-prata, Apolo não viajava em vão,
atento à deusa Atena junto do Tideide.
Irado, adentra à multidão troiana e acorda
o príncipe Hipocoonte, o que porta conselhos,
primo de Reso, trácio. Vendo o campo vácuo
(assim que resgatado de Hipnos), sem os rápidos
corcéis, e vendo corpos na sangueira arfando,
chamou gemendo Reso, rei. Os demais Trácios
acodem em tropel clamoroso, fitando
os estragos daqueles que às naves bicurvas
fugiram. Estes, onde mataram o espião
de Héctor, param, estacam os corcéis ligeiros
por ordem de Odisseu. Desmontando, Diomedes
os despojos sangrentos nas mãos do Laertíade,
caro-a-Zeus, depõe. Monta de novo e, açoitados,
os corcéis com ardor voam rumo às naves (no ânimo
estavam demandando o pouso dos Aqueus).
Néstor, antes de todos, fala, o único: “O estrépito,
amigos, condutores e hegêmones gregos,
será um pseudo rumor ou um tropel verdadeiro?
Impõe-se-me falar. Ouço corcéis velozes.

Deem-me os céus que Odisseu e o Tideide correndo
do arraial dos Troianos tragam os cavalos!
No mais íntimo tremo, e temo que eles ambos,
heróis aqueus, no vórtice troiano tenham
sofrido dano!” Nem bem falara e eis os dois.
Desmontam e dos seus recebem jubilosas
palavras-mel, apertos de mão. Néstor diz-lhes:
“Multiglório Odisseu, honrado como um deus,
estes corcéis tomaste, invadindo o arraial
troiano? Ou foi o dom de um deus, que surpreendeu-te?
Maravilha! Radiam como ícones do Sol!
Eu sempre me imiscuo na peleja; vetusto
que sou, não me relego às naus. Corcéis iguais
nunca vi, nem tampouco imaginei! Por certo,
dom de um deus que a vós dois surpreendeu, pois sois ambos
gratos ao Junta-Nuvens. E à filha do Porta-
-escudo, à deusa Atena, azúleos-olhos, caros
também o sois”. Então, Odisseu multiastuto
respondeu: “Néstor, caro filho de Neleu,
glória grande da Grécia! Um deus, querendo, certo
mais preciosos corcéis do que estes poderia
dar-me, tal seu poder, estes, recém-chegados,
são trácios. Conquistou-os o Tideide, matando
seu ardoroso dono e mais doze guerreiros.
Não longe dos navios, matamos outro, o décimo-
-terceiro, um espião de Héctor, que vinha espreitar-nos”.
Falou. E fez saltar o fossado aos corcéis
velozes, unicascos; clangorava glória.
Álacres, os Aqueus o seguiam e, chegando
à tenda bem-construída de Diomedes, atam
à manjedoura, com correias, os corcéis novos,
junto aos demais, que os saborosos grãos de trigo
já comiam. Odisseu à popa do navio
fez içar os despojos sangrentos de Dólon,
prometidos a Atena para o sacrifício.
Ao mar se metem ambos, limpando-se o suor,
pernas, coxas, pescoços... Logo, sob as ondas
talásseas, se dilui o grosso da escória; eles,
sentindo um refrescor invadi-los, adentram
às banheiras polidas com arte, a lavar-se.
E após o banho, ungidos com óleo abundante,
à mesa de banquete sentam-se, bom vinho
libando da cratera - um mel! - honrando Atena.

Canto XI
A gesta de Agamêmnon

Éos-Aurora, exsurgindo dos coxins titônios,
assoma, porta-luz para mortais e numes.
Zeus, então, às velozes naves gregas faz
expedir Discórdia-Érida que ostenta atroz
insígnias de guerra. Esta, à meganau cetáceo-
-escura de Odisseu, hirta, ereta, se alteia,
bem no meio da frota, para ser ouvida
de extremo a extremo, de Ájax ao Peleide Aquiles;
cônscios da força, os dois haviam posto as naus
nesses polos opostos. E a deusa emitiu
grande, terrível grito dirigido aos Dânaos.
Nos corações move os Aqueus à guerra, à luta
sem trégua (parecia-lhes mais doce bater-se
agora, que voltar à pátria nos navios).
Aos brados ordenou o Atreide que envergassem
os arneses. Vestiu, ele próprio, o radioso
bronze, ajustou às pernas as preciosas cnêmides,
atadas com presilhas de prata maciça;
então cingiu ao tórax a couraça, xênia
- dádiva hospitaleira -, presente de Cíneras
que outrora em Chipre a nova soube dos Aqueus
prestes a navegar contra Ílion, e pensara
em assim exprimir sua gratidão ao rei.
De dez tarjas esmalte-escuro essa couraça
se ornava, com mais doze estrias de ouro e vinte
de estanho. Um tríduo azul-cianuro de dragões
de um lado e de outro lado ao pescoço assomando,
iriantes, feito aquele arco que Zeus nas nuvens
infixa, para os seres falantes, prodígio.
Cingiu à espádua toda de ouro-luz
talxiada (sic. N. do R.) em bainha argêntea envolta, presa a vínculos
de ouro. Então empolgou o escudo rijo poli-
-dedáleo, amplo-abarcante, muito lindo, com
dez orlas brônzeas, vinte umbigos, todos brancos,
de estanho; bem no centro, um de esmalte retinto;
e, por sobre, a cabeça gorgônea, olhitorva,
em coroa, de espantosa mirada; Terror
e Fuga por contorno. Talim todo-prata,
do escudo pende; sobreposto um dragão tri-
-céfalo cor azul-cianuro, as três cabeças
de uma só gorja exsurtas, torcendo-se em círculo.

O elmo, depois, enverga, alta crineira equina,
quatro cúspides, têmsil penacho terrível.
Duas lanças brônzeo-agudas brande, que lampejam
até o céu. De Atena a Hera, salvas de trovão
honram o basileu da dourada Micenas.
Aos aurigas então ordena que suas bigas
e seus corcéis às bordas do fosso em boa ordem
conduzissem. Em armas, por seu turno, os chefes
precipitam-se (à Aurora, um clamor indizível).
Primeiro junto à vala se enfileiram, antes
mesmo do que os aurigas (e vinham a pé!);
mas se alinham os carros logo atrás. Tumulto
atroz Zeus suscitou entre eles, gotas úmidas
chovendo do éter sanguinosas: muitos crânios
de heróis iria precipitar no Hades. Já os Troicos,
reuniam-se no altiplano em derredor do Priâmeo
intrépido, do imáculo Polidamante
e de Eneias (um deus quase para os seus guerreiros
troianos), e também dos três Antenoríades:
o jovem Acamante, Pólibo e Agenor,
deiformes. À dianteira, Héctor, redondo o escudo,
como ao sair das nuvens o astro atroz de súbito
pleniluz, se obnubila outras vezes, assim
ora à frente, ora atrás, comandando armas brônzeas
rutilando qual raio de Zeus Pai, porta-escudo.
Como, traçando rotas opostas, no campo
de um homem rico, ceifadores de cevada
ou trigo vão segando, e espigas a mancheias
juncam o solo, assim se entrebatem Aqueus
e Troicos lacerando-se; nenhum dos lados
dado à fuga funesta; empata a luta. Os chefes
esfuriavam iguais a lobos. E Discórdia
ao vê-los exultava, polilutuosa, única
entre os deuses presente à batalha; os demais
tranquilos nos esplêndidos paços restavam,
do Olimpo amável, todos culpando o nuvioso-
-escuro Zeus, disposto a dar glória aos Troianos;
mas o pai não lhes dava atenção, isolando-se
em sua pompa, glorioso, posto a contemplar
a pólis dos Troianos, Ílion, os navios
bicôncavos dos Dânaos, o fulgor de bronze,
aqueles que matavam, e os outros morrendo.
Enquanto perdurava a manhã e crescia,
sagrado, o dia, cruzavam-se os dardos, guerreiros
iam tombando. Mesmo à hora na qual o lenheiro

prepara o de-comer no monte espesso, exausto
de tanto talhar grossos troncos, ofegante,
coração lasso, no íntimo ansiando o dulçor
do repasto; os Aqueus, mesmo assim, valorosos,
as falanges adversas rompiam, incitando-se
uns aos outros ao longo das linhas. O Atreide
Agamêmnon abate Biênor, capitão,
e seu auriga fiel, Oileu. Este, saltando,
enfrenta-o, mas o rei o lanceia na cabeça;
o elmo de bronze cede; o golpe vara o crânio,
e dos miolos lhe faz pasta sangrenta, trunca-lhe
no ato o ímpeto. Agamêmnon, aos dois, deixou nus,
luzentes, peito glabro, tendo-os despojado
de suas couraças, brônzeo espólio resplendente.
Então, arremeteu dispondo-se a arrancar
as armaduras de Iso e Ântifo, dois dos filhos
de Príamo, natural um deles, da consorte
legítima o segundo, ambos numa só biga,
o bastardo, de auriga; Ântifo, o que lutava,
a par, plenigloriosos. (Certa vez, Aquiles,
nos bosques, ao redor do Ida, os havia pilhado
a pastorear rebanhos; com vimes flexíveis
os ligou; um resgate libertou-os) Fincou
Agamêmnon a lança no mamilo, a um deles.
De um só golpe de espada, à orelha, o outro abateu.
De pronto os espoliou das armas. (Reconhece-os,
cativos do Ida por Aquiles presos.) Como
leão que assalta os filhotes de uma corça arisca
e, fácil, no redil, lhes rasga os corações
a dentadas, e a mãe mesmo próxima não
se atreve a os acudir, transida de terror,
mas a correr se atira mata adento, pávida,
suando frio, escapando à fera enfurecida;
assim, aos companheiros os Troicos também
não podiam valer contra a morte sem piedade,
afugentados, eles próprios, pelos Gregos.
A Pisandro e, a seguir, a Hipóloco, guerri-
-colérico, de Antímaco, ânimo flamante,
filhos (como ninguém o pai, favorecido
por Páris por preciosos dons de ouro obstava
a entrega a Menelau de Helena), o rei ataca
numa só biga, aos dois; intentando sofrear
os cavalos, das mãos as rédeas lhes fugiram;
o Atreide, feito um leão, investe contra os dois;
no carro, caem de joelhos: “Capturai-nos vivos,

ó rei, filho de Atreu. Um resgate valioso
do palácio de Antímaco, ouro, bronze, bem
lavrado ferro; disso e muito mais o pai
te há de cumular, caso nos saiba com vida”.
Assim, palavras-mel, chorosos, imploravam;
ouviram fel: “Sois filhos do ânimo-flamante
Antímaco, que na ágora troiana outrora
propôs que se matasse Menelau, quando este,
mais Odisseu deiforme, em Ílion negociavam,
núncios; que não deixassem que voltasse vivo;
sois filhos, pagareis pela injúria paterna”.
Falou. De um só lançaço, fez rodar, da biga,
ao chão, Pisandro, costas no pó, transpassado;
ali mesmo abateu Hipóloco e o espoliou;
decepou-lhe as duas mãos, degolou-o e a cabeça
no tropel, como pedra, arrojou-a a rolar.
Precipitou-se então para onde tumultuava
o grosso das falanges. Com suas belas cnêmides,
os Aqueus o secundam, peão matando peão
no que este põe-se em fuga; ginete a ginete.
Do chão subia o pó que estrepitosas patas
equinas levantavam; a bronze batiam-se.
Agamêmnon, matando sempre, aos seus instava.
Como o fogo voraz ateado em bosque espesso
vai ao sabor do vendaval voejando trépido
desarraigar os troncos ao furor flamíneo,
assim, sob Agamêmnon, cabeças rolavam
de Troianos em fuga; e corcéis altaneiros
rumorosos corriam, campina afora, sem,
nos carros, os aurigas, mortos, espojados,
cena aos abutres, mais que às esposas, dileta.
A Héctor, Zeus retirou do aceso dos projéteis,
do chão pulverulento, da carnificina,
do turbilhão sangrento. Agamêmnon seguia
desenfreado, os Aqueus espicaçando à luta.
O monumento de Ilo, do páleo-dardâneo,
ultrapassando, os Troicos chegam à figueira,
querendo refugiar-se na pólis; encalça-os
Agamêmnon, urrando, mãos ensanguentadas.
Próximo às Portas Ceias e à figueira brava,
os Troicos uns aos outros aguardavam; muitos
ainda fugiam. Qual bois estourando no plaino,
quando os atacam leão, no fusco da noite, e a um
só a morte abre as fauces; os dentes leoninos
à nuca se lhe aferram fortes; sangue e vísceras

então, a fera engole; assim o Atreide abate
os fujões da rabeira, espaventando os outros.
Cavalo abaixo, tombam uns de bruços, outros
de costas, sob a lança furiosa do Atreide.
Quando este, à desfilada, estava quase por
alcançar a muralha alta da pólis, Zeus,
pai de mortais e numes, ao píncaro sumo
do monte Ida, sua alcândora, catapultou-se,
o relâmpago à mão. A Íris alidourada,
seu anjo-porta-novas, mandou: “Anuncia,
ó veloz, o meu dito ao Priâmeo: que ele, enquanto
Agamêmnon seguir na frente de combate,
trucidando falanges, se abstenha da luta,
embora concitando os Troicos a bater-se.
Assim que o rei, golpeado de lança ou ferido
de flecha, ao carro equino remonte, um vigor
novo lhe insuflarei, forças para matar
e chegar rente às naus remeiras, até quando
o sol caia e o negror sacro venha”. Falou,
pés-de-brisa, apressada, Íris obedeceu;
do Ida baixou à sacra Ílion, de Príamo flame-
-córdio o filho encontrando, Héctor, na bem-jungida,
bem feita biga equina. Ao lado lhe pousou,
dizendo-lhe: “Héctor Priâmide, símil no senso
a Zeus, o Pai enviou-me a anunciar-te que enquanto
Agamêmnon seguir na frente de combate,
trucidando falanges, te abstenhas da luta,
embora concitando os Troicos a abater-se;
assim que o rei, golpeado de lança ou ferido
de flecha ao carro equino remonte, um vigor
novo te insuflará forças para matar
e chegar rente às naus remeira, até quando
o sol caia e o negror sacro venha”. Íris pés-
-de-brisa, tendo dito, foi-se. Héctor, do carro,
todo-em-armas apeou. Brandindo agudas lanças,
corre as fileiras todas, incitando os Troicos
ao combate, espertando um tumulto feroz.
Recompostos, os Troicos afrontam os Gregos.
Estes reforçam suas falanges. Se encarniça
a rinha, equilibrando-se. O Atreide, empenhado
na primazia, arremete. Dizei-me, ó vós, Musas,
olímpicas, aquele que primeiro vem
- Troiano ou seu aliado - enfrentar Agamêmnon!
O filho de Antenor, Ifidamante, um mega-
-tórax, ânimo bom, educado na Trácia

multiarada, matriarca de ovelhas. Ciseu,
pai de Teano, a de rosto lindo; avô materno
o criara em seu palácio. Quando adolesceu
- púber gloriosa idade -, deu-lhe a própria filha
em noivado. Recém-desposado, do tálamo
arrancou-o o bramir de guerra dos Aqueus.
Com doze naus bicurvas acudiu; deixou-as
em Percote, às naus, côncavos cascos, e a pé
demandou as sagradas muralhas de Troia.
Ele o que se antepôs a Agamêmnon Atreide.
Um ao outro defronte, escapou-se-lhe ao golpe
Agamêmnon, se des (pulo de lado!) viando.
Ao cinturão, debaixo da couraça, com
vigor Ifidamante percutiu, premindo
impulso ao braço; não lhe furou o lavrado
cinto pluribrilhante: contra a prata, chumbo
amolecido, a ponta amolgou; Agamêmnon
arrancou-a e a puxou para si e, regente
amplo-imperante, arfando feito leão, soltou-a
da mão adversa. À espada feriu-o à sua vez
na nuca e quebrantou-lhe os joelhos. Embalou-o
no sono brônzeo de Hipnos. Infeliz, distante
da esposa, sem gozar-lhe as primícias, lutando
por outros, tendo pago alto dote: cem bois,
e prometido mais mil, ovinos e cabras,
escolhidos em seus rebanhos. Espoliou-o
o Atreide e ao campo aqueu levou o belo arnês.
Cóon viu tudo, o valente irmão mais velho, filho
de Antenor; como um véu, a dor pelo caído
a vista lhe eclipsou; à socapa, achegando-se
feriu no cotovelo com a lança o Atreide
divino; de um lado a outro o bronze vara o braço.
Agamêmnon, o rei, sentiu o golpe. Mesmo
assim, persistiu firme na luta. Saltou
por sobre Cóon, na lança a têmpera do vento.
O cadáver do irmão, filho do mesmo pai,
puxando pelos pés, Cóon o arrastava, aos gritos,
conclamando seus pares, arquejante; o Atreide
o alcançou com a lança bronziaguda, sob
o escudo umbilicêntrico e afrouxou-lhe os joelhos;
por sobre Afidamante, corpo morto, bruto,
decepou a cabeça do irmão. De Antenor
os dois filhos, fadário concluso, baixaram
ao domicílio do Hades, pelas mãos do rei,
que prosseguiu sempre no embate, à lança e espada,

ou mesmo arremessando pedra; quando a chaga
parou de sangrar, dores agudas minaram
o ânimo belicoso de Agamêmnon. Como
a parturiente, a acerbos dardos das Ilítias
exposta, pena (parto-pungentes deidades
filhas de Hera, ministras da dor agulhante);
assim o Atreide, no ânimo minado. À biga
subiu, coração-turvo, rumo às naus bicurvas.
Então lançou aos Dânaos um bramido atroante:
“Ouvi-me, maiorais e hegêmones aqueus:
afastai desde agora das naus transmarinas
o vórtice aguerrido; Zeus comedidor
não permite que eu siga a lutar contra os Troicos”.
Falou. O auriga instou com o relho os corcéis
belas-crinas, que não a contragosto rumam
voando para as bicurvas naus; no peito escuma,
os cascos, num remoinho de poeira, transportam
para longe da luta o basileu. Notando
que Agamêmnon estava abandonando o campo
de batalha, Héctor, Troicos e Lícios, aos gritos
concitou: “Escutai-me, Dardânios, Troianos,
Lícios, no corpo-a-corpo exímios. Bravos, como
bravos mostrai valor, amigos! Foi-se o líder
adversário. Zeus Pai me reserva uma grande
glória! Incitai os unicascos corcéis contra
os Dânaos, a vitória é nossa!” Assim, os brios
e o furor inflamava. Qual matilha branqui-
-dente de cães rastreando um javardo das brenhas
ou leão montanhês, contra os Gregos, os Troianos
se lançam, açulados por Héctor, quase-Ares.
Mente em façanhas posta, ele se atira à luta
qual procela que do alto bufa e agita o mar
violáceo-ferrugíneo. Quem primeiro, quem
por último tombou sob Héctor Priâmeo, glória
que Zeus lhe deu? Primeiro Aseu, e Altônoo, e Ópites
e Dólope Cliteide; Agelau, Oféltio, Ésimno,
Oronte e o aguerrido Hipónoo seguem. Estes
os hegemônicos; porém a turbamulta
dos outros logo o herói se lança. Como Zéfiro
as nuvens que o alvacento Noto cumula, árdego
rompe e vai dispersando em remoinhante vórtice,
e enormes ondas ergue esfarelando espuma
no alto, quando o escarcéu lufa polipulsante;
assim aos golpes de Héctor rolavam cabeças.
Irreparável ruína aos Aqueus rechaçados,

fugindo para as naus, é o que ocorrera se,
ao Tideide, Odisseu não gritara, incitando-o:
“Que se passa? Onde está nosso brio, nossa força?
Ao meu lado te põe, amigo. Grande opróbrio,
se o do elmo-coruscante apresa-nos as naus!”
E o Tideide feroz: “Fico e resisto. É mínima,
penso, a chance de termos êxito, pois Zeus-
-Nuvioso favorece agora os Troicos!” Disse.
E do carro abateu com a lança Timbreu,
à altura do mamilo esquerdo o atingindo. Eis
que Odisseu, à sua vez, tomba-lhe o auriga dei-
forme, Molíone. Deixam-nos largados, pois
já não podem lutar. Investem contra a chusma,
então, os dois heróis, trucidando: assim como
dois javalis tombando sobre cães de caça,
furibundos, os dois sobre os Troianos caem,
espalhando morte. (Arfam, agora aliviados,
os Aqueus que Héctor pôs em fuga.) Ambos assaltam
a biga de dois próceres, filhos de Mérope,
rei de Percote e célebre adivinho, o qual
se antepusera a vê-los na guerra homicida,
em vão; as Queres - morte-negra - aos dois atraíram.
Diomedes, bom-de-lança, a ambos da psiquê, exânimes,
priva e os desarma. O espólio de Hipódamo e Hipíroco
cabe a Odisseu, que os mostra. Zeus, que do Ida via
o combate, manteve-lhe o equilíbrio. Aqueus
e Troianos estragos mútuos se faziam.
O Tideide na coxa alanceia o herói Peônio
Agástrofo. Porque os deixara longe o auriga,
não teve à mão corcéis e carro para a fuga.
No ânimo, encegueceu: só, a pé, na dianteira
pelejava com brio até que se lhe foi
o sopro vital. Héctor os vislumbra e, urrando,
investe contra os dois Aqueus; seguem-no as tropas.
Freme, ao vê-lo, Diomedes, brado-estentóreo. Ato
contínuo, exclama a Odisseu: “Ei-lo, vem rolando
sobre nós o ruinoso Héctor. Vamos, pé firme,
fazer-lhe frente”. A lança longa-sombra expede
justo no alvo: a cabeça de Héctor, no alto do elmo;
mas pelo bronze o bronze foi bloqueado; a pele
vulnerável do herói poupando, protegeu-a
- dom de Apolo - a tricórnea gálea oblonga. Pronto,
Héctor, de um grande salto, recua para os seus;
caindo de joelhos, firma-se nas mãos robustas;
eclipsou-lhe a visão um escuro de noite.

Mas enquanto o Tideide ia no encalço da lança,
através das fileiras da frente, no ponto
onde esta se fincara, o Priâmeo, por seu turno,
se recobra e, saltando para a biga, escapa,
por entre a multidão, à Quere tenebrosa.
Diomedes, lança-em-riste, grita-lhe: “Cachorro!
Outra vez te safaste da morte. Passou-te
rente; salvou-te Apolo, a quem rogas à véspera
do embate das espadas. Na próxima, certo,
acabarei contigo, se outro deus me ajuda.
Agora vou dar cabo de quem quer que encontre”.
Falou. E se lançou a despojar Peonídeo,
lanceiro-exímio. Páris Alexandro, esposo
de Helena, a de cabelos lindos, pôs a mira
da flecha no Tideide, alto pastor-de-povos.
Na coluna do túmulo de Ilo - artefato
de mortais, onde jaz o páleo-herói dardânio
e geriarca-do-povo -, apoiando-se, o filho
de Tideu espoliava Agástrofo Peonídeo
do arnês, do escudo e do elmo. Sem falhar, varou-o
a seta bem no artelho, no tarso direito
do pé; atravessou-o, fincando-se na terra.
Já sai da tocaia Páris e, rindo de júbilo,
jacta-se: “Te acertei! Não me falhou a seta!
Antes no baixo-ventre te houvesse ferido,
pois se, de um tiro súbito, exânime, caísses,
que alívio para os Troicos, que assustas qual leão
a ovelhas!” E Diomedes, feroz, sem turbar-se:
“Sórdido sagitário de cachos, paquera-
- donzelas, se a mim, corpo-a-corpo, me enfrentasses
arco e flecha farpada não te valeriam!
Arranhaste meu pé e agora te glorias.
Não ligo. Fui ferido por mulher ou criança.
É inócuo o dardo quando vem de um fracalhão,
de um nenhum. Outra coisa é minha lança aguda.
Se toca, ainda de leve, o adversário, o arremessa
às Queres. Viúva, a esposa lacera as maçãs
do rosto; o filho fica órfão. O sangue irriga
o chão; abutres, não mulheres em torno, ele
apodrece”. Falou. Odisseu, herói de ínclita
lança, logo se achega a protegê-lo. Senta-se
Diomedes e do pé arranca a flecha. Frêmito
de dor percorre-o todo. Alça-se à biga e manda
ao auriga que corra às naus, amargor no íntimo.
Fica só Odisseu, ínclita-lança. Mais

nenhum Aqueu com ele, todos aterrados.
Fremente, fala então ao seu mega-ardoroso-
-coração: “Sofro - ai de mim! -, fujo, temeroso,
da turba, e será um grande mal; pior se me prendem
sozinho. Aos outros Dânaos, o Croníade pôs
em fuga. Pensar nisso, por que, coração?
Só vis largam a luta. Valentes resistem,
feridos ou ferindo”. Tudo isso remoía
em sua mente e em seu ânimo, quando os Troianos,
portadores-de-escudos, em levas acorrem
e o cercam, sobre si mesmos trazendo ruína,
enquanto, à roda dele, empenham-se em detê-lo.
Como jovens em flor e cães a um javali
acuam, que da intrincada mata surge fero,
na escuma das mandíbulas recurvas cândidos
colmilhos aguçados, e o espicaçam todos
ao redor, ao estridor dos dentes rangedores,
e o atacam, por terrível que se mostre; assim,
em torno de Odisseu, dileto-a-Zeus, os Troicos.
De um bote, por primeiro, fere no ombro o imáculo
Deiopites, de agudo lançaço; despoja,
a seguir, Tóone e Énemo. Quersidamante,
no que salta do carro, a lança do herói vara-o
no baixo-ventre, sob o escudo umbiliforme;
ele cai no pó, punhos de encontro ao chão duro.
Largando-os, alanceia Cáropo, filho de Hípaso
e irmão do nobre Zoco. Símile a um deus vem-lhe
este em socorro. Achega-se ao herói e diz-lhe:
“Ó multicelebrado Odisseu, dos ardis,
das mil façanhas. Hoje, ou despojas os dois
filhos de Hípaso e de ambos tiras os arneses,
ou perdes, sob meu dardo pontiagudo, a vida”.
Disse. E alvejou o escudo redondo. Terrível,
a lança se cravou no anteparo faiscante
e através da couraça, obra polidedálea
em lavor, rasgou toda a epiderme do flanco:
que mergulhasse nas entranhas do herói, não
deixou Palas Atena. Odisseu percebendo
que não era mortal o golpe, foi recuando
e disse a Zoco: “Mísero! Terás agora
um subitâneo encontro com a morte. Certo,
conseguiste tirar-me do combate, mas
eu aqui te prevejo ruína e Quere negra,
por minha lança; glória me darás e, ao Hades,
de célebres cavalos, tua vital psiquê”.

Zoco tenta fugir. No que entorce o seu dorso,
o bronze, através do ombro, sai-lhe fora. Tomba
e estronda sua armadura. Odisseu, jubiloso,
o vitupera: “Zoco, progênie do cárdio-
-flamante Hípaso, doma-corcéis, o fim-tânatos
te alcança, não escapas desta. Ó sem fortuna,
nem o pai, nem a mãe veneranda os teus olhos
hão de fechar. Abutres voradores, asas
tatalantes, virão rodear-te; eu, caso morra,
terei exéquias gregas”. Disse. E a lança aguda
extraiu de Zoco, escudo umbiliforme, o flâmeo
ânimo. Da ferida jorrou-lhe, ao puxão,
o sangue, o coração se agoniou. Os Troianos,
vendo que o herói sangrava, animosos o assaltam.
Odisseu retrocede e clama pelos seus.
Por três vezes - o quanto a cabeça de um homem
ressoando permite - ele gritou. Menelau,
dileto-de-Ares, por três vezes escutou-lhe
o apelo. Então, para Ájax, rebento-divino,
voltou-se: “Telamônio, príncipe, circum-
-soou-me aos ouvidos o clamor de Odisseu. Sinto
que o nosso pertinaz companheiro está acuado
pelos Troianos. Vamos, através da turba,
dar-lhe socorro. Está só. Receio que sofra
nas mãos troicas, embora animoso e fortíssimo,
para dor de nós Dânaos”. Falou. Ambos lançam-se,
ele mais Ájax, par-dos-deuses, aonde, caro-
-a-Zeus, Odisseu, Troicos por todos os lados,
se achava, feito um veado galheiro flechado
na caça, que no monte um bando de chacais
vermelhos assaltasse. Deles foge a presa,
enquanto o sangue pulsa e os joelhos estão firmes;
mas quando o pontiagudo dardo a vence, o bando
carniceiro a retalha em postas na devesa,
até que assome um leão endemoninhado e ponha
o bando em fuga e pronto se banqueteie: eis,
cercado, o cardiflâmeo, multiastuto herói;
lança em punho, ele arreda o soar da hora infausta. Ájax,
escudo turriforme, o flanqueia. Os Troianos
se dispersam. Então Menelau, dileto-de-Ares,
afasta o herói da chusma, o toma pela mão
e um escudeiro acode com o carro equino.
Ájax passa a atacar os Troicos: atropela
primeiro o Priâmeo Dóriclo, bastardo; logo,
Pândoco, e mais Lisandro, Píraso, Pilartes.

Como rompe em pletora de água uma torrente
no plaino, nevifluente, tombando dos píncaros
monteses, engrossada pela chuva do alto
de Zeus, e leva de roldão árvores secas,
inúmeras, pinheiros e rochas, lançando
no mar um turbilhão de limo, Ájax, assim,
ia predando corcéis e homens. Héctor não via
nada, batia-se à esquerda, à margem do Escamandro,
num local diverso, onde mais rolavam crânios
humanos e o tropel mais estrondava, cerca
do bravo Idomeneu, do magno Néstor. Junto
deles Héctor fazia maravilhas, vibrando
a lança ou com o carro equino devastando
falanges de Aqueus; mesmo assim os bravos Gregos
não iriam debandar do campo. Porém Páris
feriu, com flecha no ombro, trifurca, Macáone,
precípuo capitão, - Páris da bela Helena.
Que essa baixa virasse a luta e que matassem
o herói, temeram os Aqueus, furioso-fôlego.
Idomeneu a Néstor: “Neleide, dos Gregos
glória grande. A teu carro, galgando-o, faz logo
subir Macáone, e corre disparado às naus;
um médico avantaja-se a muitos guerreiros,
extraindo flechas, espargindo unguentos fármacos”.
Falou. Néstor Gerênio, hábil équite, ouviu-o.
Pronto saltou à biga; Macáone a seu lado
põe-se, filho de Asclépio, do imáculo médico.
Então estala o açoite e os corcéis voam às naus
bicôncavas, de bom grado, coração grato.
Cebríone, vendo os Troicos debandar, do carro
de Héctor, sentado ao lado dele logo adverte:
“Enquanto aqui, à extrema esquerda, pelejamos
no horríssono tumulto, Ájax desbarata homens
e cavalos troianos; bem lhe noto o escudo
turriforme às espáduas. Vamos com o carro
equino para lá, onde a batalha mais
se acirra, e cavaleiros e peões, uns aos outros
se estraçalham e enorme alarido reboa”.
Falou. E espicaçando os corcéis crinibelos
com sibilante açoite, estes, sentindo o golpe,
levam em disparada o carro pelo meio
de Troianos e Aqueus, pisoteando cadáveres
e escudos. O eixo, embaixo da biga, avermelha,
borrifado de sangue; também no anteparo
ao redor dos assentos, espirrava gotas

o patear dos corcéis e o calcante metal
das rodas correndo. Héctor fremia por entrar
no tumulto. Terrível escarcéu levou
aos Dânaos; por um átimo sequer amaina.
Ruía fileiras de homens à lança e espada, ou
atirando pedrouços. A Ájax tão-somente
evitava (pois Zeus refreava-o no enfrentar
um mais forte). Zeus Pai, alto-assentado, fez
que um temor tomasse Ájax. Este parou como
aterrado. Lançou o heptacouráceo escudo
aos ombros e receoso, olhando a turba, pôs-se
a recuar feito fera, que entrepara e que entre-
-remira os seus medidos passos. Fulvo leão
que, de um curral de bois, camponeses expulsam
em ronda noturna, homem e cães sem lhe dar
azo ao ataque; fula a fera ainda acomete
faminta de carnagem, mas debalde: chuços
e tições lhe repulsam o bote; assustada,
a contracoração, a fera parte à Aurora.
Coração contrariado, assim o Telamônio
ante os Troicos recuava; pelas naves negras
dos Aqueus, aflitíssimo, temia. Num campo
arado, um asno, quando, a pastar desgarrado,
entra, pouco lhe importa a chusma de meninos
a fustigar-lhe o dorso com bastões; teimoso,
vai devastando a messe, indiferente aos golpes
infantis, e só quando farto de forragem
deixa que o enxotem; Ájax, assim, pelos bravos
Troicos e aliados era acossado; estes contra
o escudo lhe atiravam dardos. Ájax não
se permitia desmemoriar de seu valor;
de súbito, voltava-se, num giro, e às tropas
dos Troianos, dos doma-corcéis, atacava;
logo seguia fugindo, obstando aos adversários,
ao mesmo tempo, o acesso às naus. Entre os Troianos
e os Aqueus, esfuriava, ereto. As inimigas
lanças no megaescudo se encravavam, quando
não, frustras na vocação de sangue, a meio-tiro,
caíam, sem esflorar-lhe a alvura da epiderme,
no solo, não saciadas. Eurípito, filho
de Evêmone, avistou-o, acuada pelos dardos
a psiquê; ao seu lado, postou-se, vibrando
faiscadora azagaia. Ao caudilho Apisáone
feriu no fígado, diafragma abaixo; o Troico
dobrou os joelhos. Pronto, das armas Eurípito

põe-se a despojá-lo. Eis que Páris, advertindo-o,
o arco entesou, no fêmur direito o asseteou.
A haste partiu-se; Eurípito sentiu pesar-lhe
a perna. Entre os Aqueus se recolheu fugindo
à Quere fatal. Brado estentóreo, gritou,
então, para que os Dânaos todos o escutassem:
“Ó amigos, capitães e hegêmones, voltai-vos!
Pé firme! O dia letal vamos afastar de Ájax,
que dardos acuam. Não creio que escape à pugna
estrondosa. Cerrai fileiras em redor
do magno Telamônio”. O ferido falou
assim. Os outros todos acodem, escudos
em defesa inclinados, lanças na ofensiva,
altas. Ájax juntou-se aos bravos, afrontando,
recobrado, o inimigo. Em fogo, a luta alastra-se.
A Néstor os corcéis neleios, suor nos flancos,
tiravam, no entretempo, do prélio, e a Macáone,
pastor-de-povos. Vendo-o, o reconhece Aquiles
divino, pés-velozes. Estava na popa
da nau cetáceo-escura, ereto, a contemplar
a dura lida, o lácrimo retroceder.
Súbito chamou Pátroclo, seu companheiro,
aos brados, da nau. Este, qual Ares, da tenda
acudiu (foi o início de sua ruína). O filho
valente de Menécio indagou-lhe: “Por que
me chamas? Queres algo?” Aquiles, pés-velozes,
em resposta: “Dileto Menecíade, vejo
chegar a hora em que os Dânaos aos joelhos virão
rodear-me, suplicantes, tamanha opressão
os atormenta! Agora, amigo, caro-a-Zeus,
vai a Néstor, saber a quem tirou da luta.
Parecia-me, daqui, um ícone do filho
de Asclepíade: sim, ponto a ponto o semelhava;
não pude ver-lhe o rosto, no voo dos corcéis”.
Falou. E Pátroclo assentiu à voz do amigo.
A correr perlongou tendas e naus aqueias.
Chegados ao abrigo do Neleide, o herói
e o ferido baixaram sobre a crônia gleba
multinutriz. Eurimedonte, os dois corcéis
os desatrela, enquanto ambos os capitães,
defronte à praia, as túnicas ao vento expunham,
para que as dessudasse. Adentram logo às tendas
e nas sédias assentam-se. Hecamede, belas-
-madeixas, lhes prepara uma infusão; oriunda
de Tenedo, seu pai era Arsínoo, grande-ânimo.

Os Aqueus a elegeram: prêmio ao velho herói,
príncipe nos conselhos, saqueada a cidade
por Aquiles. Primeiro, diante de ambos pôs
uma preciosa mesa, polida, de pés
azul-cobalto; sobre ela dispôs, lavor
de bronze, um açafate, e neste, o estimulante
do bom beber: cebolas; também flor de trigo
sacro e mel; junto, a pílea copa do Gerênio,
ouro com crivos de ouro, quatro alças e duas
pombas, ladeando cada alça, como a bicar,
áureas; o fundo, duplo; um outro com esforço
a movera da mesa, quando cheia; erguia-a
fácil Néstor deiforme. A ancila nela verte
vinho de Prâmnio e raspas de queijo caprino
ralado a bronze, e branca farinha; a provar
da infusão os convida e aplaca a sede de ambos,
agrura multiardente; com deleite os dois
se põem a discorrer; e conversavam quando
surge Pátroclo à porta, par-dos-deuses. Néstor
se ergue da sédia fúlgida ao vê-lo e na tenda
pela mão o introduz: de imediato o convida
a sentar-se. Mas Pátroclo lhe diz: “Gerênio,
não posso aceitar. Temo e respeito o irascível
que me mandou aqui; quem trouxeste ferido
para a tenda, já o vejo com meus olhos: é o
bravo Macáone, líder-de-povos. É força
que eu volte para dar conta ao Peleide. Sabes,
Gerênio, caro-a-Zeus, da têmpera violenta
do herói, capaz até de inculpar inocentes”.
Néstor, doma-corcéis, respondeu-lhe: “Piedade
dos Aqueus é o que agora Aquiles manifesta?
Pelos muitos feridos? Sequer sabe quanto
de dor enluta as tropas. Jazem os mais bravos,
feridos corpo-a-corpo ou de longe, nas naves:
o Tideide, flechado; alanceado, Odisseu;
Agamêmnon, também. Eurípilo asseteado
na coxa; este, que eu mesmo acabo de tirar
da luta, um tiro de arco tenso o atingiu. Mas
o intrépido Peleide não se compadece
dos Dânaos, não se apieda. Ou espera que o fogo
hostil assole as naves junto ao mar talásseo
contra o querer dos Gregos e tombem os nossos,
mortos por sobre mortos? Ah, pudesse eu ágil
mover meus membros como outrora, vê-los, fléxeis,
reflorir com a força que tinham ao tempo

em que enfrentamos, por um roubo de bovinos,
o povo eleio! Matei, então, Itimoneu,
o Hipiróquida, bravo, capitão, sediado
em Élide. Seu gado, em represália, eu ia
conduzindo. Ele fez-me frente, comandando
os seus. Tomba - é o primeiro! - sob a minha lança.
Os outros, gente rude, de pavor, dispersam-se.
Farto espólio no campo então reunimos: bois,
cinquenta armentos, porcos, outras tantas varas,
ovelhas, igual número em rebanhos; cabras,
profusão não menor; e mais cento e cinquenta
éguas de pelo fulvo, muitas com seus potros.
Tocamos para Pilo e chegamos de noite.
Rejubilou Neleu no coração ao ver-me,
tão verde, cometer tais feitos. A alvorada
faiscou. Gritos de arautos convocam aqueles
a quem devia Élide. Reúnem-se aos hegêmones
de Pilo, a partilhar os butins entre os muitos
credores de Eleios. Em Pilos, nós, em numero,
éramos poucos e oprimidos. Por primeiro,
nos premira a potência de Héracles, truncando
os melhores de nós. De Neleu - doze filhos
imáculos - eu só restei. Sobre-enfunados
com isso, os vestibrônzeos Eleios nos prezavam
menos e maquinavam insídias. Neleu
reservou-se um rebanho de bois e de ovelhas,
com seus pastores, que Élide lhe devia muito;
quatro cavalos vence-prêmios mais seus carros,
enviados à disputa de uma trípode; ora,
Augeias, o soberano-de-homens, os reteve,
deixando que se fosse o auriga lamentoso.
Irado, o rei Neleu apartou seu quinhão,
de escol; o resto deu ao povo, que ninguém
ficasse defraudado. Depois da partilha,
circum-fizemos, por toda a pólis, aos deuses,
sacras oblações. Eis que no terceiro dia
acorreram com ímpeto hostes inimigas,
infantes e ginetes, entre os quais, de arnês,
os dois Molíones, quase meninos, inábeis
nas artes da guerra. Alta, numa colina, há
uma cidade, longe do Alfeu, do arenoso
extremo de Pilo: é Trioessa; queriam predá-la,
sitiando-a. Todavia - e já tinham percorrido
todo o plaino - acudiu, núncia ligeira, Atena,
do Olimpo, à noite, prevenindo: nos armássemos.

Os Pílios se apressuram, ardorosos. Não
quer Neleu que eu envergue o arnês; me esconde o carro
equino; pensa-me inocente em armas; eu
me assinalava entre équites, mesmo se a pé;
guiava-me Atena. Perto de Arena, no sítio
onde o Minieio no mar deságua, os cavaleiros
pílios, à espera de Éos-Aurora fulgurante,
estacavam; copiosa afluía a infantaria.
Em armas, impetuosos, chegamos ao fluente
curso do Alfeu, sagrado, o sol a pino; então,
esplêndido tributo prestamos a Zeus
e consagramos touros a Alfeu e a Posêidon;
a Atena, olhos-azuis, uma novilha não
jugulada; comemos no campo e deitamos,
junto ao rio, em fileira, bem armados todos.
Os fogosos Epeios, sequiosos de saquear,
estavam prestes a fechar o cerco. Então
sobrefaíscam façanhas de Ares homicida:
mal Hélios-Sol resplende sobre a terra, e já
nos lançamos à luta, por Zeus e por Palas,
invocando. Já Pílios e Epeios se confrontam.
Prostrei logo um guerreiro e o arrojei de seu carro
equino, que apresei. Múlio, lanceiro, genro
de Augeias; Agamede, tranças-louras, sábia
na farmácia das plantas, era sua mulher.
Avançando, golpeei-o com a lança brônzea.
Tombou. Para o seu carro saltei. Alinhei-me
à frente do combate. Afastam-se os Epeios,
dispersos, vendo cair o capitão dos équites,
príncipe entre os guerreiros, primeiro em combate.
Formidável rompi qual tufão vorticoso,
qual escura procela; de cinquenta bigas
me apossei; de cada uma, apeei dois combatentes,
dentes mordendo o pó sob meu dardo. Os dois
rebentos de Molíone também abatera,
se o pai não os tivesse tirado da pugna,
- Posêidon, o potente Treme-terra -, aos dois
eclipsando em nuviosa caligem. Aqui,
aos Pílios, magno triunfo Zeus Pai consignou.
Sem trégua, demos caça ao inimigo, plaino
afora, dizimando-o e recolhendo escudos
e mais armas. Até a fértil Buprásio fomos
com os carros, e então à pétrea Olênia e a Alésio,
onde há um sítio chamado Colona; dali,
Palas fez que voltassem as tropas. Só saí

do campo, morto que foi o último inimigo.
Então os Aqueus guiaram seus corcéis velozes
de Buprásio até Pilo, celebrando Zeus
entre o numes e Néstor entre os homens. Fui
assim, se o fui, um dia, entre os mortais. Aquiles,
solitário, fruirá seu valor, mas destruídos
os seus, certo haverá de deplorá-los. Caro,
lembra teu pai, Menécio, quando em Ftia enviou-te
a Agamêmnon. Estávamos eu e o divino
Odisseu no palácio e ouvimos seus conselhos.
Fôramos ao solar de Peleu recrutar
guerreiros pela Aqueia, gleba multinutriz.
No paço, deparamos com o herói Menécio,
contigo e com Aquiles. Queimava o rei pingues
coxas de boi a Zeus, fulmíneo-jubilante,
dentro do pátio. Em copa áurea, libava um vinho
roxo-fogoso sobre as vítimas que ardiam.
Vós ambos ajudáveis o velho Peleu,
senhor-do-carro-equino, a preparar as carnes
bovinas. Odisseu e eu paramos no umbral.
Surpreso, acode Aquiles e nos faz partícipes
do repasto, seus hóspedes por lei divina.
Saciados de comida e bebida exortei-vos
a seguir-nos. Anuístes de bom grado. Os velhos
vos deram paternos conselhos. A Aquiles,
Peleu recomendou que superasse a todos,
sobranceiro; Menécio te alertou: ‘Aquiles,
pela estirpe, te excede. Porém, és mais velho.
Em força, ele também te sobrepuja. Deves
dar-lhe conselhos sábios, apontar caminhos.
Ele, para seu bem, há de ouvir-te.’ Esqueceste
desse paterno aviso? Tenta agora, ao menos,
persuadir-lhe o flamíneo coração. Quem sabe
um demônio propício te ajude a movê-lo?
Pesa a voz de um amigo. Se o tolhe um augúrio
que, da boca de Zeus, a mãe, Tétis, confiou-lhe,
pelo menos te envie, chefiando os Mirmidões.
Para os Dânaos, serias um lume vital. Mais:
que te conceda envergues sua armadura esplêndida.
Recuarão os Troianos, pensando que és ele.
E os Aqueus, briosos-de-Ares, agora exauridos,
poderão respirar. Ainda que breve, conta
na batalha uma folga de fôlego; tropas
novas longe das naus e tendas poderão
repelir o inimigo”. Falou. Comoveu-se

Pátroclo que, correndo ao longo dos navios,
procura Aquiles Eácida. Já rente à nau
de Odisseu, quase-um-deus, alcança o sítio da ágora,
do juízo e das sagradas aras. Ali, dá
com Evemônio Eurípilo, estirpe-de-Zeus,
coxeando, que o ferira um flechaço. Da testa
e das espáduas escorria-lhe suor; um sangue
turvo-negro brotava-lhe da chaga aberta.
Mas de cabeça estava bem. Compadeceu-se
Pátroclo. Em tom de dó, diz-lhe palavras-asas:
"Ó vós, desventurados hegêmones, guias
dos Dânaos! Devereis em Troia, longe da pátria
e dos que vos são caros, à voraz matilha
dos rafeiros saciar com alvas carnes? Dize-me
Eurípilo, dileto-de-Zeus, conterão
os Aqueus o prodígio que é Héctor? Ou, putre-
fatos, jazerão sob sua lança?" Com franqueza,
retrucou-lhe o ferido: "Pátroclo, dileto-
-de-Zeus, sem mais defesa, os Gregos junto às naves
tombarão. Os mais bravos, na dianteira, já
estão flechados, alanceados nas naus negras,
por mãos dos Troicos, cada vez mais impetuosos.
Salva-me agora! À nave escura me conduz.
Da coxa extrai-me o dardo e enxuga n'água tépida
o sangue enegrecido; asperge sobre a chaga
benévolas poções, cujo segredo a Aquiles,
Quíron, centauro sábio, transmitiu e a ti
Aquiles repassou. Dos dois médicos nossos,
Macáone e Podalírio, o primeiro, ferido,
também requer cuidados; o segundo luta
contra os Troicos, furiosos-de-Ares". Então, diz-lhe
o denodado Pátroclo Menésio: "Como,
é possível? E nós que faremos, heroico
Eurípilo? A mensagem do Gerênio Néstor,
baluarte-dos-Aqueus, transmitirei a Aquiles,
coração-flamejante. Mas socorro-te antes".
Falou e o tomou pelo torso. O herói, pastor-
-de-povos, conduziu-os à tenda, onde o escudeiro,
vendo-o, lançou por terra pelames de boi.
Pátroclo estendeu neles o ferido e à faca
o limpou n'água morna; moeu na chaga um fármaco
leniente; estanque o sangue, a ferida secou.

Canto XII
Muromaquia: o assalto

Enquanto o Menecíade cuidava de Eurípilo
ferido, na tenda, áspera a luta seguia
entre Aqueus e Troianos, turbinosamente.
Por muito tempo a fossa e o muro ampliconstruído
pelos Dânaos, defesa das naus, não seriam
capazes de conter os Troicos. Hecatombes
esplêndidas os Gregos não as haviam feito
em reverência aos deuses, para a proteção
das naus e deles, como do butim vultoso.
Fora construída a contra-querer dos eternos,
logo, não poderia perdurar. Mas enquanto
se irava Aquiles, Héctor vivia e intangida
restava a pólis priâmea, o megamuro aqueu
permaneceu de pé. Porém, quando os melhores
Troicos tombaram mortos, e dos Aqueus, uns
com vida se salvaram, outros pereceram,
e Troia no ano décimo ruiu, para a pátria
retornando as naus gregas, Posêidon e Apolo
contra o muro lançaram o furor de quantos
rios se despenham do Ida para o mar: o Reso,
o Heptáporo, o impetuoso Ródio, o calmo Cáreso,
o Grânicos, o Esepo, o divino Escamandro
e o Simoente de margens juncadas de escudos
e de elmos empoeirados de heróis - semideuses.
De todos, numa só boca, Febo embocou
a foz e os jorrou nove dias de encontro ao muro.
Zeus choveu sem cessar, para afundá-lo n'água;
e o Treme-terra à frente, os alicerces - troncos
e pedras - assentados com fadiga, às ondas,
tridente à mão, jogava, à margem do Helesponto
terraplanando tudo; derrocado assim
o muro aqueu, cobriu de areia a litorânea
costa; e os rios então fez reverter às vertentes
de onde, límpidos, fluíam. Isso, Apolo e Posêidon
a seu tempo fariam; por enquanto a batalha
ardia e em torno ao muro o clamor circum-soava
e as traves percutidas das torres ecoavam.
Fustigados por Zeus, os Aqueus se ajuntavam
rente às naus duplicurvas, que Héctor, gera-pânico,
inspirava-lhes medo, um tufão belicoso.
E como entre mastins e caçadores súbito

um javardo, ou um leão, se volta blasonando,
soberbo em senhorio, brioso o seu vigor, quando,
qual muro o cercam todos e o afrontam com dardos
despedidos por braços fortes, sem que - altivo-
-coração - mostre a fera algum temor (valor
que há de levá-la à morte), mas, sim, aos rebotes,
investe contra os homens que cedem; assim,
vai Héctor no entretempo e incita os seus que passem
o fosso. Nem os próprios corcéis, patas-céleres,
o ousavam: junto à borda estacavam, nitrindo.
Assustava-os, à beira dela, a funda vala,
difícil de transpor, intimidante ao salto;
flanqueavam-na barrancos: paus-a-pique, agudos
eriçavam-na, erguidos pelos Gregos como
defesa contra o assalto do inimigo. Mesmo
às bigas, rodas rápidas, não era fácil
empresa transpassá-la; quanto à infantaria,
os peões se interrogavam: o êxito viria?
Aproxima-se então Polidamante e diz:
“Héctor, filho de Príamo, e vós outros, valentes
capitães dos aliados e do Troicos, não
foi sensato instigarmos os corcéis velozes
a transpor o fossado, passo dificílimo,
eriçado que está de aguçados espeques;
por trás, o muro aqueu; os cavaleiros não
têm como combater no angusto espaço e arriscam
a ruína. Que o trovão de Zeus destrua os Gregos
e proteja os Troianos, ninguém mais do que eu
iria gostar de que isso acontecesse rápido
e os Aqueus, longe de Argos, anônimos, caíssem;
mas se, numa reviravolta, contratacam
e das naus nos rechaçam para o fosso fundo,
não creio que ao contragolpe escaparia um núncio
sequer para levar notícia à pólis. Vamos!
Obedeçam-me todos: os aurigas juntos
do fossado mantenham os corcéis; vestindo
as couraças, em armas, sigamos a pé,
ordenados, ao Priâmeo. Os Aqueus, caso o fado
lhes assinou a morte, não resistirão”.
Disse e Héctor aprovou-o. Saltou em terra, todo
em armas, do seu carro. Os mais não relutaram.
A exemplo do divino Héctor, apearam. Cada
qual ordenou ao auriga dispor, à beira-
-fossa os cavalos, bem agrupados. À parte,
enfileirados, seguem em colunas quíntuplas

os guerreiros, no passo de seus dois hegêmones;
com Héctor e o imáculo Polidamante,
marcham pois os mais bravos, os mais numerosos,
sequiosos de, rompidas as muralhas, dar
combate aos Aqueus junto às suas naves bicôncavas.
Cebríone, auriga de Héctor, é o terceiro em mando;
o Priâmeo, em seu lugar, deixara um menos forte.
Páris comandava outra coluna; a seu lado
e Alcátoo e Agenor. Heleno e Deífobo, ícone
divino, lideravam - priâmeos - o terceiro
corpo; junto a eles, Ásio de Hírtaco, provindo
de Arisba, do Seleente, trazido por grandes
cavalos ruivos. Filho de Anquises, o nobre
Eneias guiava a coluna quarta, mais os dois
filhos de Antenor, ótimos na guerra, Arquéloco
e Acamante. Cabeça dos aliados, junto
a Glauco e a Asteropeu, Sarpédon chefiava
o quinto corpo, tendo escolhido os dois como
os melhores depois dele, que primava, ímpar.
Em fila, sobraçando os escudos bovinos,
cerrados, contra os Dânaos arremetem, fremi-
-impacientes, pensando que, sem dar combate
se arrojariam às naus. Todos os Troicos seguem
Polidamante, menos Ásio, chefe-de-homens,
o qual não quis deixar em mãos do auriga o carro,
mas se acercou com este dos navios velozes
- insensato! -, das Queres macabras já não
escaparia; soberbo sobre o carro equino,
não volveria: não mais veria Ílion ventosa.
Primeiro a Moira, nome-aziago, o eclipsa e enubla,
enquanto Idomeneu Deucálida o alanceia.
Aventurou-se à esquerda das naves, por onde
tornavam os Aqueus do plaino com seus carros
equinos. Com a biga e os corcéis irrompeu,
já que o grande ferrolho estava solto e escâncaras
as portas; os Aqueus mantinham-nas abertas,
prontos a resgatar companheiros em fuga.
Por ali se atirou temerário e os Troianos
o seguiram, aos brados, certos de que os Gregos,
sem mais luta, a suas naus escuras se acolhessem.
Insensatos! Às portas estavam dois bravos,
sobreanimosos filhos dos lanceiros lápitas,
o forte Polipetes, filho de Pirítoo,
e, símil-a-Ares, deus homicida, Leonteu.
Diante das altas portas estacavam ambos,

como robles de altiva copa nas montanhas,
que sobre fundas raízes enfrentam, robustos,
diuturnamente o vento e a chuva; assim os dois,
fiados nos fortes braços, sem medo esperavam
o assalto de Ásio, o grande. Contra a bem-construída
muralha, no alto erguendo os escudos bovinos,
todos circum-clamando em torno aos chefes troicos,
Ásio, grão-condutor, Iámeno, mais Orestes,
com o Adamante Asíade, Tóone mais Enômao.
Os guardiães exortavam os seus à defesa
das naus, mas quando viram Gregos, belas-cnêmides,
fugindo, em grita, diante do ataque troiano,
os dois, saltando para a frente dos portais,
puseram-se a lutar feito javardos bravos
que, nos montes, escutam o tumulto de homens
e cachorros e, oblíquos, acometem, talam
o mato, desarraigam árvores, enquanto
rangem os dentes estridentes, para, exânimes,
cair, afinal, golpeados; assim troava o bronze
faiscante sobre o tórax de ambos, pela frente
percutidos; lutavam bravamente os dois,
fiados no seu valor e naqueles que no alto
do muro os secundavam. Estes atiravam,
muralha abaixo, pedras, defendendo as próprias
vidas, o acampamento e as naus de veloz curso!
Como flocos de neve caem copiosos sobre
o solo, quando um vento, com ímpeto, as foscas
nuvens revolve e à terra multinutriz lança
a nevasca, de Troicos e Aqueus, assim, dardos
choviam; estrepitavam elmos; circum-troavam
abaulados escudos golpeados por mãos.
Gemendo, Ásio Irtacide, enfurecido, as coxas
golpeia e vocifera: “A que ponto, Zeus Pai,
viraste um filofraude, um amador-do-falso?
Nunca pensei que os Dânaos nos fizessem frente.
Quais vespas de cintura dúctil, quais abelhas
que nidificam no rochedo, resistindo
na cava toca àqueles que procuram mel,
zelosas de sua prole, assim os dois, às portas,
ainda que dois, se não nos matam, só saem mortos”.
Falou. Mas seu discurso não mudou o intento
de Zeus, que no seu ânimo já decidira
sobreglorificar a Héctor. Outros, em torno
de outras portas, batiam-se em combate. Dizer
de todos esses feitos, qual um deus, me excede.

Por todo o muro pétreo o fogo, ardor divino,
lavra. Ainda que doridos, os aqueus pelejam,
defendendo as naus; deuses pró-Dânaos, apoio
na luta, entristeciam; mas prosseguem os Lápitas,
pugnazes, no entrevero. A lança do viril
Polipetes transfura a viseira de bronze
do elmo de Dâmaso. Não pôde o casco brônzeo
resistir à ênea ponta; o encéfalo, vazado,
esmiolou, fraturado o osso; no arranco, o doma.
Depois a Órmeno e Pílone despoja de armas.
Leonteu, rebento-de-Ares, alanceia Hipômaco
cerca do cinturão, filho caro de Antímaco.
Depois, saca da bainha a espada aguda e vai
por entre a turba até ferir, de perto, Antífates,
primeiro, e o arremessar no solo, de costados;
mas seguiu estendendo na multinutriente
gleba Ménone, Iámeno, Orestes em fieira.
Enquanto despojavam os mortos das armas
rutilantes, chegaram Polidamante e Héctor
com seus homens, os mais bravos e numerosos,
loucos por rebentar os muros e abrasar
no fogo as naus. À beira-fosso, vacilavam,
no entanto; é que no afã de transpassá-lo, uma ave,
uma águia altivolante, sobrevoando à esquerda
o exército, entre as garras prendia um monstruoso,
rubro-sanguíneo drago vivo, a contorcer-se,
do guerrear não desmêmore; este, recurvando-se,
fere a ave na garganta; excruciada de dor,
a águia o larga por terra, em meio à turba, voando,
aos guinchos, a favor do vento. Aterrorizam-se
os Troianos, vendo entre eles o réptil furta-
-cor, do Porta-Escudo áugure teratológico.
Polidamante acerca-se de Héctor e diz-lhe:
“Sempre te contrapões a mim, ó Priâmeo, na ágora,
ainda quando eu proponha coisas boas. Ninguém
do povo há de erguer contra ti, na ágora, a voz,
ou na guerra, mas sim acrescentar tua força.
Porém, de minha parte, direi o que penso
ser prudente. Deixemos de ir de encontro às naus
dos Dânaos; vamos dar-nos mal; a ave de agouro,
essa águia, altivolante, sobrevoando à esquerda
o exército, nas garras tendo preso um drago
rúbido-sanguinoso, um monstro, ainda com vida,
largando-o sem nutrir os filhotes no ninho,
sem lhes poder portar a presa por repasto!

Parece-me um aviso. Caso consigamos
romper o muro e as portas dos Aqueus, à força,
e os fizermos ceder, teremos de voltar
das naus, desordenados, pela mesma via,
deixando para trás muitos Troianos, mortos
pelo bronze dos Dânaos, custódios das naves.
Um leitor do divino, clarivendo, assim
o decifrara, ouvido pelo povo”. Irado,
olho arrevesado, ôndula crineira, diz-lhe
Héctor: “Polidamante, que discurso é esse?
Melhor conselho sabes dar. Se falas sério,
então os deuses, eles próprios, tresloucaram-te.
Não é que me propões esqueça o que Zeus alti-
-tonante me designa e fazendo-me o aceno
capital assinou-me? Querer que me fie
nessa ave amplivolante, que nada me diz
e pouco se me dá, seja que rume à destra,
para Aurora e Hélios-Sol, seja para a sinistra,
onde o ocaso escurece. Nós, do magno Zeus
respeitamos o edito, pois sobre os mortais
e os imortais impera. Um só augúrio excele:
combater pela pátria. Por que temes guerra
e carnagem? Se todos juntos sucumbíssemos
rente às naves dos Gregos, que receio terias
de morrer? Coração-corajoso, tutano
para lutar te faltam. Porém, se te absténs,
se, caviloso, para o mesmo fim seduzes
a outros, tua vida em minha lança esvai-se, exânime”.
Dito isso, se postou à testa e o acompanharam
os demais com clamor sobre-humano. Dos píncaros
do Ida, Zeus suscitou, o Pai Vibra-Relâmpagos,
um proceloso vento, que levantou poeira
na direção das naus, obnubilando a mente
dos Dânaos e aos Troianos e a Héctor dando glória.
No prodígio confiados e nas próprias forças
aprestam-se a romper o megamuro acaio.
Arrasam os merlões, arruínam parapeitos,
alavancam pilares de sustentação
afincados no solo. Acometem as torres
para abalar o muro. Mas os Aqueus não
cediam: sob os escudos bovinos, feriam
de cima das ameias, os que ao pé do muro
os atacavam. Dando instruções, os dois Ájazes
perlongavam as torres, incitando os seus.
Fala afável com uns, com outros mais dureza,

repreendiam aos que acaso vissem afrouxar
no prélio: “Ó companheiros, filhos da Acaia, quem
seja ótimo, quem menos bom, quem muito pouco
valha - já que na guerra os homens não se igualam -,
isso agora não pesa, há função para todos.
Ninguém, pois, tendo ouvido este aviso, recue
para junto das naus. Todos em frente, todos
se animando uns aos outros. Zeus Fulgurador
pode bem conceder-nos rechaçar os Troicos,
e acossá-los até sua cidadela pétrea”.
Assim, os dois, aos gritos, aguerriam os Dânaos.
Como flocos de neve copiosos, no inverno,
caem, quando, judicioso, Zeus nevando, faz
transparecer aos homens suas setas geladas,
e então aplaca o vento e neva sem cessar
até cobrir os cimos dos montes e as grimpas
dos penhascos, os campos de lótus, as searas
lavradas pelos homens, e os portos, as praias
do mar salino-cinza; e enfim a neve na onda,
que a lambe, se dissolve; tudo o mais recobre-se,
tudo o mais, quando Zeus graniza; em saraivada,
assim se atiram pedras, mutuamente, Gregos
e Troianos; e ao longo do muro o barulho
reboa. Mesmo assim, Héctor fulgente e os Troianos
os portais e os ferrolhos não teriam rompido
se não houvera Zeus a seu filho Sarpédon
movido contra os Gregos, qual leão contra bois
cornilunados. Este ergue o escudo redondo,
belo, brônzeo-batido por hábil bronzista,
couros de boi infixos por dentro, tirantes
de ouro maciço - raios de um círculo - em reforço.
Erguendo-o, brande duas lanças e a modo move-se
de leão montanhês, falto há muito de repasto;
másculo coração o incita a acometer
um rebanho fechado no redil. Se encontra
pastores dando guarda, com seus cães e chuços,
certo não deixará o cercado sem luta;
assim, ou de um só bote, apanha a presa, ou cai,
primeiro, por certeiro lançaço varado.
Eis como o coração quase-divino agora
espicaça o animoso Sarpédon de encontro
à muralha, impelindo-o a arrasar as ameias.
Volta-se de improviso a Glauco - Glauco filho
de Hipóloco - e lhe diz: “Por que somos honrados
- os assentos mais nobres, as carnes melhores -

em Lícia, nos festins, copas copiosas, feito
deuses? Extenso trato de terra nos deram
por domínio, vizinho a Xanto, plantações,
semeaduras de trigo. Primeiros dos Lícios,
cabe-nos arrostar, firmes, a luta ardente,
para que os Lícios, fortes-couraças, repitam:
‘Não sem glória, na Lícia, nossos reis governam,
comendo carnes nobres de vitela, vinho
sabor-de-mel bebendo em copas; mas na luta
postam-se na dianteira, excelem no valor.’
Amigo, se fugindo desta guerra acaso
da velhice e da morte fôssemos libertos,
eu não me lançaria à luta entre os primeiros
nem à glória da pugna ora te exortaria;
mas as Queres da morte nos rondam, miríades,
às quais homem algum escapa nem evita;
logo, é dar glória a alguém ou deste nos gloriarmos”.
Disse. E Glauco não volta atrás, não desatende.
Ambos se põem a guiar as densas tropas lícias.
Ao vê-los, Menesteu, o Peteide, gelou:
ruína amarga levavam à torre onde estava;
lançou a vista ao longo dos muros; acaso
um chefe aqueu livrasse-o do infortúnio e aos seus.
Divisou os dois Ájazes, firme, jamais
saciado de guerrear, e Teucro que acabava
de sair da tenda. Por mais que gritasse, deles
não se fazia ouvir, tão grande era o fragor;
o alarido subia ao céu, o trom de escudos
percutidos, dos elmos de crineira equina,
dos portões que, de assalto, queriam forcejar.
Manda, pois, aos dois Ájazes o arauto Tóotes:
“Corre, Tóotes divino, vai em busca de Ájax,
dos dois, se for possível; tê-los junto a nós
seria a melhor coisa, já que ruína extrema
nos ameaça; é que os Lídios nos premem, seus chefes
primam pela violência nos feros conflitos.
Mas se onde estão enfrentam ambos luta e afã,
então que venha ao menos Ájax Telamônio,
fortíssimo, e o flecheiro Teucro, exímio no arco”.
Falou. O arauto ouviu-o e acatou-lhe o comando.
Pôs-se a correr ao longo do muro dos Dânaos
de vestes brônzeas. Junto aos Ájazes detém-se
a lhes dizer palavras aladas: “Ó chefes
dos Aqueus, brônzeas-vestes, o Peteide, raça-
-de-Zeus, manda pedir-vos auxílio, dos dois

se possível, por pouco que seja; uma extrema
ruína nos ameaça; é que nos premem os Lídios;
seus capitães, nas pugnas, primam por violentos.
Mas se aqui onde estão ambos enfrentam luta
e afã, então que venha ao menos o fortíssimo
Telamônio, somente este, e junto o flecheiro,
exímio no arco, Teucro”. Falou assim. Ájax
não discrepou, o grande Telamônio. Ao filho
de Oileu, voltou-se logo com palavras-asas:
“Ájax, aqui vós ambos, tu e Licomedes,
o forte, continuai incitando ao combate
os Dânaos; vou-me até onde mais recrudesce
o prélio. Torno assim que prestar-lhes socorro”.
Disse. E com Teucro, irmão, filho do mesmo pai,
o herói pôs-se a caminho, Ájax, o Telamônio;
Pandíone os seguiu, porta-arcos do exímio Teucro.
Quando a torre alcançaram de Menesteu brioso,
passando pelo lado interno da muralha,
sentiram a pressão do inimigo: os cabeças
e guias lícios, qual fosco tufão, já galgavam
os merlões. Estrondava a luta corpo-a-corpo.
Começa o Telamônio por matar um homem,
Epicles, animoso amigo de Sarpédon,
golpeando-o com maciça, áspera rocha, do alto
do parapeito - bloco enorme - deslocada.
Um dos mortais de agora, ainda que no seu viço,
dificilmente, com duas mãos, a soergueria.
Ájax a ergue e de cima a arroja, rebentando-lhe
no ato o elmo tetracórnio; a ossatura craniana
estala toda; Epicles como que mergulha
e cai; a vida sai-lhe dos ossos. A Glauco,
quando escalava o muro, Teucro o flechou, onde
mostrava o braço nu; tirou-o, assim, da luta.
Baixou furtivo do alto muro; que os Aqueus
não o vissem ferido e se jactassem disso.
Doeu-se Sarpédon vendo Glauco retirar-se,
mas da batalha não se deixou descuidar.
Ao Testóride Alcmáone transpassou à lança,
mas logo a retirou; o corpo acompanhou-a,
e de bruços tombou, enquanto circum-soavam
as armas bronzifúlgidas. Com mãos robustas
postas no parapeito, Sarpédon soltou-lhe
um dos merlões e veio tudo abaixo, a muralha
desnuda abriu passagem. De encontro ao Troiano
Ájax se atira e Teucro junto; este o seteia

e o colhe no talim do escudo que no peito
faiscava. Zeus do filho afugentou as Queres.
Não o queria morto junto às naus. De um salto,
Ájax fere-lhe o escudo, sem atravessá-lo,
mas lhe esmorece a fúria; retrocede uns passos,
sem de todo recuar, pois no íntimo Sarpédon
contava com a glória. E aos bravos Lícios clama:
"Arrefecei por que, ó Lícios, no impetuoso
ardor? É duro para mim, embora forte,
sozinho aprofundar a brecha na muralha
e dar-vos passo até as naves. Melhor que muitos
se juntem nessa empresa". Falou. Temerosos
os Lícios dos reproches de seu rei-mentor,
em torno dele agrupam-se. Dentro dos muros,
reforçam suas falanges os Aqueus. Difícil
empresa! Nem os Lícios podiam, arrombado
o muro, abrir caminho às naves, nem os Dânaos
conseguiam repelir do muro as hostes lícias,
que apenas acabavam de assaltá-lo. Como
dois que disputam sobre os limites de um campo
comum, tendo nas mãos o medidor, discordes
quanto ao justo quinhão sobre um pequeno trato
de terra, assim aos contendores separava
o parapeito; mútuos golpes alternavam-se
nos bovinos escudos redondos, nos ágeis
broquéis; no bronze cruel, muitos corpos feriam-se,
quando expunham o dorso nu, ao se virar,
ou quando trespassados através do escudo.
Por toda parte, torres e merlões manchavam-se
do sangue dos guerreiros, Dânaos ou Troianos.
Aos Aqueus nada disso podia pôr em fuga.
Como uma tecelã os pratos da balança
equilibra, pesando a lã, para ganhar,
com seu labor, o magro sustento dos filhos,
assim também, os Gregos resistindo, igual
librava-se o combate, até que Zeus Pai a Héctor,
filho de Príamo, deu a glória sobre-altiva
de saltar, por primeiro, o muro dos Aqueus,
gritando aos Troicos: "Vamos, doma-corcéis, ânimo,
rompendo o muro, às naus recurvas aticemos
fogo divino-iroso!" Exortava-os assim;
todos, de ouvido atento, a seu comando, unidos,
marcham contra o muro; ei-los, lanças bronziagudas,
escalando os merlões. Héctor portava grande
bloco de pedra, base larga mas pontudo

(antes se achava ao pé das portas); dois do povo,
os mais fortes, a custo em carreta o poriam,
homens dos de hoje. Sozinho ele o brandia, fácil;
a Héctor, leve, Zeus, mente-sinuosa, o fizera.
E assim como um pastor soergue com uma só
mão - e lhe pesa pouco - a pele de um carneiro,
Héctor sopesa a mó e mira contra as pranchas
que, sólidas, fixavam aos batentes altos
as portas; travas dúplices, entrecruzadas,
as fechavam de um único ferrolho. Diante
das portas, Héctor para. Afasta bem as pernas,
a fim de que o arremesso não afrouxe, e aponta
a mó, mirando fixo o meio. Os gonzos rompem.
Cai dentro, com o peso, o pedrouço. Os portais
circum-mugem: as barras estalam; abalam-se
os batentes - ao choque escancaram-se. Pula,
fulgente, para dentro, Héctor, turvo tufão
no aspecto; relampeja o bronze ameaçador
de que vestira o corpo. Maneja duas lanças.
Ninguém o deteria ao penetrar as portas,
salvo um deus; esbraseavam seus olhos; à chusma
dos Troicos incitava a transpor a muralha.
Obedeceram-no. Uns grimpam por ameias, outros
rompem pelos portais. Fugindo os Dânaos correm
para as naus. Incessante alarido se alastra.

Canto XIII

Paranaumaquia: Combate Junto às Naus

Depois que aproximou das naus Héctor e os Troicos,
à beira delas, Zeus Pai os largou sozinhos,
padecendo trabalhos e penas sem trégua.
Os olhos coruscantes, ausentes, voltou-os
para a terra dos Mísios, dos ginetes trácios,
bravos no corpo-a-corpo; dos que bebem leite,
os Hipemolgos; dos justíssimos Abianos.
A Troia não volveu os olhos coruscantes.
Que imortal ousaria acudir Troicos ou Dânaos?
No entanto, o Tremedor-de-terra, deus potente,
não às cegas vigiava, contemplando a guerra
e os combates, do mais alto pico da agreste
Samotrácia selvática: dali, todo o Ida
se patenteava: a pólis de Príamo e os navios
aqueus. Ali sentava o deus, saído do mar,
lastimando que os Troicos batessem os Dânaos,
furioso contra Zeus. Súbito, baixa da íngreme
escarpa e avança, pés rápidos. Alcantis
e florestas, aos passos de Posêidon, tremem.
Três passadas. À quarta, já atinge sua meta,
Eges, onde, no fundo do mar, um palácio
lhe fora erguido, todo de ouro, sempiterno,
relumiante. Chegando, seus cavalos, patas-
-brônzeas, crinas douradas, céleres, atrela
ao carro. O deus reveste o corpo de ouro e o açoite
áureo, bem lavrado, ergue, e então à biga sobe,
para avançar por sobre as ondas. E, ao redor,
conhecendo seu rei, grandes cetáceos surgem
jubilosos do arcano. O mar exulta, pleni-
abrindo as ondas; voa o carro; sequer se molha
o eixo brônzeo; às naus gregas os corcéis ligeiros
levam o deus. Existe, no oceano mais fundo,
uma gruta espaçosa, entre Tênedo e o pétreo
Imbro. Posêidon Treme-terra ali detém-se,
desatrela os cavalos e dá-lhes o ambróseo
nutrimento. Então, ata-lhes as patas com
áureas correntes, não quebráveis, não soltáveis:
que aguardem seu senhor; e se vai às naus gregas.
Os Troianos, estreitamente unidos, tal
como flama ou tormenta, raivando, seguiam
Héctor Priâmeo, e bramiam e bramavam, sequiosos,

seguros de apresar as naus e de matar
os Dânaos. Mas Posêidon, Treme-terra, Abraça-
-terra, incitava os Gregos, exsurto do mar
salino-abísmeo, símile a Calcas em corpo
e voz possante; aos Ájazes de pronto, por
si mesmos ardorosos, diz: “Ájazes, ambos,
aos Dânaos podereis salvar: lembrai a força
que tendes, refugai a fuga, pavor frio.
Eu não temo as mãos fortes dos Troicos que trans-
passaram a muralha; os Aqueus, belas-cnêmides,
saberão confrontá-los; mas tremo ao pensar
nas dores que nos podem sobrevir de onde Héctor
comanda, todo fúria e fogo, proclamando-se
filho de Zeus fortíssimo. Que um nume inspire-
-vos o ânimo a enfrentá-lo e aos outros dar coragem;
assim, furioso embora, o afastareis das naus
velozes, mesmo que o estimule Zeus Olímpico.”
Falou. E o Treme-terra, Abraça-terra, deu
um toque em ambos com o cetro: fúria indômita
os tomou, fez-lhe os membros ágeis, pés e mãos.
Mas o deus - gavião asas-rápidas que o voo
eleva de um penhasco altíssimo e se lança
a pique sobre o plaino à caça de outro pássaro -,
Posêidon Treme-terra, assim, deles se afasta.
De pronto o reconhece Ájax veloz, o filho
de Oileu, que ao Telamônio Ájax estas palavras
profere: “É um deus por certo, habitante do Olimpo,
que afigurado em áugure, Ájax, nos concita
às naus, à luta. Não é Calcas, vate-arúspice;
pelo rastro dos pés, pelo andar ao partir,
reconheci-o: pois dão-se a conhecer os deuses
facilmente. E no mais íntimo do meu peito
o coração me excita ao combate, à batalha;
fremo de cima abaixo, mãos e pés, febril.”
Retrucou por seu turno Ájax, o Telamônio:
“Agora eu também sinto à destra, em torno à lança,
um frêmito; um ardor me exalta; os pés me impelem,
ambos, frenéticos, ao combate, ainda que só,
cara a cara com Héctor, furor nunca exausto.”
Um ao outro diziam-se estas coisas, os dois
por um deus insuflados de aguerrido júbilo.
Entrementes, o Terra-circundante aos Dânaos
incitava, que junto às naus cobravam ânimo;
seus membros languesciam de terrível fadiga;
dor acerba pungia seus corações, ao ver

os Troicos transpassar em chusma o megamuro,
visão que lhes fazia rolar dos cílios lágrimas;
já não contavam escapar à ruína. O Treme-
-terra, intervindo, um novo ânimo dá às falanges.
Primeiro exorta a Teucro, e a Leito, e a Peneleu
heroico; então, a Deípiro e Toas, a Meríone
e Antíloco, os dois mestres do grito de guerra.
Para incitá-los, proferiu palavras-asas:
- “Vexame, fina flor dos Aqueus! Combatendo,
salvaríeis os navios, confio em vós. À luta
lutuosa renunciando, não tardará muito
a amanhecer o dia da derrota ante os Troicos.
Desgraça! Com meus próprios olhos vejo um mega-
prodígio horrível, algo que jamais supus
acontecer: Troianos investirem contra
nossas naus; eles mais pareciam corças tímidas,
nas brenhas a fugir, presa de chacais, lobos,
panteras, indefesos errando, sem força
de combater; assim os Troicos antes não
ousavam afrontar a fúria e o braço aqueu
nem por um átimo; ora lutam junto às naus
recurvas, fora da cidade, pela incúria
de um líder - mas também pela omissão de um povo -
que, em rixa com seu chefe, deixa sem defesa
as naus velozes, para morrer ao pé delas.
Ainda que caiba culpa ao Atreide Agamêmnon,
por vilipêndio do amplipotente ao Peleide
pés-velozes, não é lícito desertar
da luta. Sane-se o erro! Os bravos são curáveis.
Não é belo ver como afrouxai o fervor
de vossas forças, vós, o escol dos esquadrões.
Eu não censuro a gente vil, que se acovarda
e escapa da luta. Ardo de ira contra vós,
porém, ó tíbios adamados, que estais prestes
a cometer um grande mal; que o brio e o honor
vos compenetrem. Já estala a magna batalha.
Em volta às naves, Héctor fortíssimo, bom
no brado de combate, já peleja, rasas
as portas, trunco o longo ferrolho”. O Circunda-
-terra assim aos Aqueus instava. Em torno aos Ájazes,
ordenaram-se as fortes falanges. Nem Ares,
nem Atena, espicaça-povos, com desprezo
as veriam. Os de escol, os melhores, por Héctor
e os Troicos esperavam, lança a lança unindo,
jungindo escudo a escudo; adarga rente a adarga,

homem a homem, elmo a elmo; capacetes
de crina equina, ao se inclinarem, lampejavam,
tocando-se de tão juntos. Vibrando, as lanças
se entrecruzavam; ardiam todos por lutar.
Precipitam-se os Troicos em tropel. À testa,
raivando, Héctor, rochedo ruinoso-rolante
que a torrente desloca da coroa do monte,
quando solapa, túmida de chuva, a escarpa;
a rocha, aos tombos, voa do alto, atroando a floresta,
despenha-se sem freio, até que chegue a um plaino
onde não rola mais, pois perde seu impulso.
Assim, Héctor ameaça, entre as tendas e as naus,
abrir fácil caminho, trucidando Gregos,
até o mar; mas de encontro às falanges compactas,
se detém ao violento embate. Os Aqueus contra-
-atacam com espadas e lanças de duplo
gume e o rechaçam. Ele hesita e retrocede.
De um brado transpassante, então, vai conclamando:
“Troicos, Lícios, Dardânios, bons na luta corpo-
-a-corpo, resisti! Por muito tempo mais
não hão de me conter os Aqueus, mesmo unidos
em muro turriforme; recuarão - eu penso
- diante de minha lança, se é certo que o deus
maior, o tonitruante esposo de Hera, incita-me.”
Falou e assim, a todos, o furor e o ardor
espicaçou. Avança, impando de soberba,
Deífobo Priâmeo, erguendo o escudo arredondado,
e a passo veloz marcha por trás do broquel.
Meríone o visa, lança faiscante, e o golpeia;
não erra, mas não vara o escudo, couro táureo;
a longa lança, bem antes, partiu no topo;
Deífobo afasta o escudo táureo, temeroso,
no íntimo, de Meríone, ânimo-flâmeo; o herói,
porém, regressa ao grosso de sua grei, sentindo-se
irado em dobro: com a frustrada vitória,
com a lança partida. Volta à pressa às tendas
e naus gregas, ao sítio onde guardara um macro-
dardo. No entanto a luta recrudesce e atroa
incessante clamor. O Telamônio Teucro
é quem prima, abatendo Ímbrio, filho do dono
dos mil corcéis, Mentor: um bravo, que habitava
Pedeu, antes dos Gregos virem, e esposara
Medesicasta, filha natural de Príamo.
Chegadas as naus curvas, voltara a Ílion, onde
se distinguiu; morava no paço de Príamo,

que o honrava como a um filho. Por baixo da orelha
Teucro o feriu com lança longa. Retirou-a,
e ele tombou: um freixo longe-aparecendo
sobre o cimo de um monte, que o bronze destronca
e que roja por terra as folhas tenras; cai
igual. Reboam-lhe em torno as armas brônzeas. Teucro,
ávido do despojo, acode. Héctor lhe atira,
no ato, a lança fulgúrea. Teucro, atento, a evita;
trespassa então o bronze peitoral de Anfímaco,
filho de Ctéato e neto de Áctor, que avançava.
Desabou com fragor, as armas circuntroando.
Héctor se lança, pronto a arrebatar da testa
de Anfímaco animoso o elmo aderente às têmporas.
De lança faiscante, Ájax se interpôs ao bote,
porém não lhe feriu o corpo recoberto
de espaventoso bronze. No umbigo do escudo
o golpe acerta, e Héctor com força é repelido,
de ambos os mortos afastando-se. Os Aqueus
os retiram. Estíquio e Menesteu, dois chefes
atenienses, transladam aos Aqueus Anfímaco;
os dois Ájazes, de ânimo fogoso, levam
Ímbrio. Como dois leões que de cães dentiagudos
arrancam uma cabra e a portam mata adentro,
soerguendo-a solo acima com fortes maxilas,
assim, ambos os Ájazes, providos de elmo,
suspendem o cadáver e o despojam; corta-lhe
a cabeça do tenro pescoço, colérico
por Anfímaco, o filho de Oileu, como bola
jogando-a em meio à turba, no pó, aos pés de Héctor.
No coração Posêidon também se inflamou,
furioso por seu neto, morto na carnagem.
Acorre ao campo aqueu, às tendas e navios,
para incitar aos Dânaos e enlutar Troianos.
Idomeneu, esplêndido lanceiro, o encontra;
ferido pelo bronze agudo no jarrete,
um companheiro aqueu tinha sido tirado,
pelos seus, do combate; ele o levara aos médicos;
agora, de retorno, ansiava por juntar-se
à frente de batalha. Disse-lhe o potente
Treme-terra, na voz e na figura igual
ao Andremônio Troas, que na Pleurona toda
e em Calidona, a altiva, era o rei dos Etólios,
honrado como um deus: “Conselheiro de Creta,
Idomeneu, os minacíssimos Acaios
onde estão, e as ameaças que aos Troicos lançavam?”

Idomeneu, o rei de Creta, respondeu-lhe:
“Ninguém tem culpa, Troas, tanto quanto me é lícito
julgar: todos sabemos combater. Ninguém,
por medo ou por desídia, foge à guerra lúgubre;
mas parece aprazer ao prepotente filho
de Cronos que os Aqueus aqui pereçam, longe
de Argos e sem renome. Ó Troas, tu que o inimigo
sempre afrontaste, aos tíbios o ânimo excitando,
não desistas agora, inflama nossos homens!”
E o Tremedor-de-terra, Posêidon, replica:
“Que de Troia não torne, mas pasto de cães
aqui se torne aquele que nesta hora fuja
à luta, ó Idomeneu. Mas cinge agora as armas
e vem. Ainda que só dois, urge fazer algo
de útil; se unidos, mesmo os fracos revigoram
suas forças, que dizer de nós ambos, que aos fortes
sabemos enfrentar?” Assim falando o deus
imiscuiu-se de novo na faina dos homens.
Idomeneu, chegando à tenda bem-construída,
vestiu o belo arnês sobre o corpo e empunhou
duas lanças. Parte então semelhante ao relâmpago
que a mão de Zeus empolga e vibra do radioso
Olimpo, um sinal para os homens, luz faiscante;
assim lampeja o bronze no tórax do herói
em marcha acelerada. Meríone, escudeiro
leal, dá com ele; vinha à procura de um dardo
de bronze. Idomeneu, todo-força, lhe diz:
“Meríone de pés-rápidos, filho de Molo,
meu mais dileto amigo: aqui, deixando a luta?
Foste ferido? Punge-te ponta de lança?
Vens como mensageiro? Não quero na tenda,
ocioso enlouquecer. Tenho gana de guerra.”
O prudente Meríone, por sua vez, responde:
“Idomeneu, que o exército de Creta, brônzeas
couraças, aconselhas, venho em busca de uma
lança, caso alguma arma ainda reste em tua tenda;
contra o escudo de Deífobo, hiperpresunçoso,
quebrei a que era minha.” Idomeneu, cabeça
dos cretenses, replica-lhe, dizendo: “Lanças,
quantas quiseres, uma ou vinte, encontrarás
na tenda, ao resplendente muro enfileiradas,
troianas, que dos mortos tomei. Não combato
distante do inimigo: apreso assim broquéis,
umbílicas couraças, elmos lampejantes”.
De novo lhe responde o prudente Meríone:

“Tenho eu também, na tenda e no escuro navio,
numerosos despojos troianos; estão
longe daqui, porém; jamais - penso - esqueci-me
da bravura; no campo de batalha, honor
dos homens, sempre estou quando a luta se acirra,
sólido e firme, na vanguarda, entre os primeiros.
Talvez não me notasse outro Aqueu, veste brônzea,
mas tu me viste e sabes”. Idomeneu, chefe
cretense, torna: “Sei que és bravo, não precisas
recordar-me. Os melhores da armada, se fôssemos
eleitos para armar uma emboscada - é aonde
o guerreiro demonstra seu valor: o frouxo
e o forte transparecem; furta-cor, o vil
muda sempre de cor; trêmulo, o coração
o infirma e faz dobrar o joelho; ora num pé,
ora noutro recai; palpita forte o peito,
ao pressentir a Moira; os seus dentes estralam;
não muda a cor o forte, que jamais se deixa
turbar em demasia, quando o põem de emboscada:
anseia apenas a hora do combate atroz;
fosse esse o caso, força e valor, ninguém, nunca,
te poderia negar. Alanceado ou ferido
talvez, mas não por certo à nuca ou na coluna,
pelas costas; no peito ou no abdômen o golpe
te alcançaria, pugnando na linha de frente.
Agora chega desta conversa pueril,
que alguém pode nos vir com duras reprimendas;
vai, pega em minha tenda uma lança robusta”.
Falou. Meríone, imagem-de-Ares, deus fogoso,
com presteza apanhou na tenda um dardo brônzeo
e o par de Idomeneu marchou, voraz de guerra.
Como Ares, homicida, quando entra em combate,
seguido pelo filho, Foibos, o Terror,
potente e sem temor, que aterra mesmo aqueles
de flâmeo coração (provindo da Trácia, ambos
se armam contra os Efiros ou já contra os Flégias;
não aos dois povos dão a glória, mas a um deles);
assim Idomeneu e Meríone, os dois chefes
de homens, lançam-se à luta, couraças de bronze
coruscando. Meríone é o primeiro a falar:
“Deucálida, por onde pensas penetrar
no entrevero? À direita do exército? Pelo
meio? À esquerda? Os Aqueus, longos cabelos, creio,
ali, em desvantagem, podem ser batidos.”
O rei de Creta, Idomeneu, diz-lhe em resposta:

“No centro, a defender as naus, outros se postam:
os dois Ájazes; Teucro, o melhor entre os Gregos
no arco, bravo também na luta corpo-a-corpo;
estes rechaçarão o ímpeto belicoso
de Héctor Priâmeo, por mais veemente e por mais forte
que seja. Dura empresa subjugar a fúria
e o braço deles - mesmo ardendo por bater-se -
para queimar as naus; a menos que o Croníade,
o próprio, sobre a frota arroje uma tocha ígnea.
Não cederia a um homem Ájax Telamônio,
o magno, a um ser mortal nutrido dos trigais
de Deméter, ao impacto das pedras e ao bronze
vulnerável; nem mesmo a Aquiles, rompe-tropas,
em luta corpo-a-corpo; em pés-velozes, não
se pode superá-lo. À esquerda, pois, marchemos,
para saber a quem daremos glória, ou quem
nos vai glorificar.” Falou. Meríone quase-
-Marte fogoso, avança até o local previsto.
Ao ver Idomeneu, ímpeto chamejante,
e o escudeiro, cingindo os dois armas dedáleas,
incitando-se, em chusma, os Troicos arremetem.
Junto à popa das naus a refrega alastrou-se.
Quando o vento sibila e a tempestade voa
num dia em que as estradas cobrem-se de poeira,
pulverulenta nuvem delas se levanta;
assim num só tumulto os guerreiros se embatem,
com bronze agudo ansiando por se entrematar.
A luta carniceira de homens se eriçava
de lanças longas, rasga-corpos; ofuscava
os olhos o lampejo brônzeo de elmos fúlgidos,
de couraças recém-polidas, de broquéis
brilhantes, tumultuando. Coração ferrenho,
o de quem, sem se doer, se alegrasse a essa vista.
Os dois filhos de Cronos, mentes divergentes,
fortes ambos, reservam aos heróis acerbas
dores. Aos Troicos e a Héctor Zeus quer dar vitória,
honrando Aquiles, pés-velozes; como um todo,
não pensava destruir diante de Ílion os Dânaos;
gloriava Tétis e seu filho, coração
animoso. Posêidon insuflava os Gregos,
saído a furto do mar salino-cinza. Doía-lhe
que fossem dominados pelos Troicos, fulo
de raiva contra Zeus. De mesma origem, mesmo
pai, Zeus, o primogênito, era o mais sapiente.
Por isso preferia Posêidon abster-se, antes

de dar ajuda aberta; espicaçava as tropas
infiltrado, às ocultas, semelhando um homem.
Assim da encarniçada refrega, da intérmina
contenda, os dois estiram por alternas pontas
a corda que não quebra, mas quebranta os homens.
Idomeneu conduz, grisalho embora, os Dânaos.
Saltando sobre os Troicos, faz-lhes medo. Mata
Otrioneu, de Cabeso, pela guerra atraído,
que, recém-vindo, mesmo sem dote, pedira
a mais bela das filhas de Príamo, Cassandra,
prometendo uma grande façanha: expulsar
de Troia os Aqueus. Príamo, o soberano, anuiu
em concedê-la. Fiado nisso, combatia.
Idomeneu o visa e, lança fulgurante,
o golpeia, quando altivo avançava. A couraça
brônzea não rebateu o dardo, que o feriu
a meio-ventre; ele cai, reboando; exulta o Aqueu:
“Otrioneu” - grita -, “louvo-te acima de todos
os mortais. Isso caso cumpras a promessa
ao Dardânide Príamo, que te fiou a filha.
Podemos, nós também, prometer e cumprir.
Por noiva te daremos a mais bela filha
do Atreide, vinda de Argos, se conosco arrasas
a altiva cidadela, Ílion, a bem-povoada.
Segue-me às naus oceano-singradoras; vamos
cuidar dos esponsais, que o dote é de somenos.”
Assim falando, o herói o arrastou pelos pés
em meio ao torvelinho. Mas Ásio, a vingá-lo,
correu, a pé, adiante dos corcéis, que o auriga
continha a suas espáduas, baforando; no íntimo,
ansiava por ferir Idomeneu; mas este
se antecipa e à garganta o atinge, sob o queixo,
enfiando fundo o bronze. Cai, como cai o álamo,
o roble, o alto pinheiro, que no monte abate
o machado afilado, para fazer naus.
Agora jaz no solo ante os corcéis e a biga,
a urrar, crispando as mãos no pó sanguinolento.
O auriga per (na mente) turbado, perdeu
o governo e, sequer, para escapar, tentou
recuar a biga. Antíloco, fúria-de-guerra,
então o lancinou, trespassou-o: a couraça
brônzea não lhe aparou o golpe em pleno ventre.
Do carro bem-lavrado tomba estertorando;
Antíloco, progênie de Néstor magnânimo,
toca os cavalos para os Dânaos, belas-cnêmides.

Próximo a Idomeneu, Deífobo se amargura
vendo Ásio morto, e a lança fulgurante contra
o herói remete; atento, Idomeneu a evita,
sob o escudo abrigando-se, redondo, couro
táureo, guarnições brônzeo-brilhantes, braçais
apensos; agachou-se sob ele e a hastea brônzea,
voando, roçou o escudo com um ruído seco.
Não foi em vão, porém, que a vigorosa mão
de Deífobo a expediu; o dardo agudo colhe
o condutor de povos, o Hipasida Hipsênor,
abaixo do diafragma, no fígado; pronto,
fraquejaram-lhe os joelhos. Deífobo blasona,
alta voz: “Ásio não ficou sem vindita, antes,
no domicílio de Hades, sólidos portais,
pode alegrar-se: dei-lhe um sócio de jornada”.
Falou. E consternaram-se os Aqueus, feridos
por sua jactância. Antíloco, aguerrido, mais
que todos se doeu no íntimo. Não descuidou,
porém, do amigo: acudiu rápido a cobri-lo
com o escudo. Dois leais companheiros o corpo
transportaram, Alástor e Mecisteu, filho
de Equio, e às curvas naus, arquejante, o levaram.
Idomeneu, furor fremente, não cedia,
sequioso de enublar em noturna caligem
um Troiano, ou tombar com fragor e da ruína
livrar os Gregos. Filho de Esiete, rebento
de Zeus, o herói Alcátoo (era genro de Anquises,
marido de sua filha mais velha Hipodâmia,
amada pelo pai e pela augusta mãe
de coração, no paço, em beleza, prudência
e prendas superior às outras moças; eis
por que a desposou o mais bravo Troiano);
a esse domou Posêidon sob Idomeneu,
anuviando-lhe os olhos rútilos, travando-lhe
os belos membros; nem recuar, nem refugir
lhe é dado; qual coluna ou árvore frondosa,
estático, o alanceia Idomeneu em pleno
peito e rompe-lhe o brônzeo arnês, que até o momento
lhe protegera o corpo contra a morte. Ruído
seco vem do rasgão em torno à lança; Alcátoo
desaba com fragor; o conto da hasta, fixa
no coração ainda convulso, vibra, tênsil,
até cessar o impulso de Ares turbulento.
Idomeneu blasona em alta voz, triunfante:
“Deífobo, três por um, estimo, é saldo justo

de baixas. Já não tens por que te vangloriar.
Demônio, ousa enfrentar-me e assim poderás ver
quem, da raça de Zeus, é este que veio a Troia.
O primeiro gerado foi Minos, baluarte
de Creta; por sua vez, Minos gerou o imáculo
Deucalião; deste eu fui gerado, para ser
senhor de homens na vasta Creta; ora aqui vim
com as naus, para mal teu, do teu pai, dos Troicos.”
Falou. Deífobo no íntimo titubeia entre
dois rumos: procurar um companheiro junto
aos Troicos animosos, recuando, ou sozinho
acometer. Mais sábio pareceu-lhe, enfim,
buscar Eneias, postado na última fileira,
irritado com Príamo divino, porque
este não lhe prestava honras de bravo. Deífobo
aproxima-se dele com palavras-asas:
“Conselheiro troiano, Eneias, se te preocupas
por teu cunhado, agora deves socorrê-lo.
Vem comigo, em socorro de Alcátoo; casado
com tua irmã, acolheu-te, menino, em sua casa;
agora Idomeneu, lança-exímia, prostrou-o.”
Falou. E comoveu o coração de Eneias
no peito. Este marchou, voraz de guerra, contra
Idomeneu, que não se amedrontou feito uma
criança mimada. Como um javardo montês,
seguro de sua força, espera em lugar ermo
o tumultuar dos caçadores, eriçando
as cerdas do espinhaço, fogo lampejante
nos olhos, aguçando as presas, todo em fúria
por defender-se de homens e cães, assim, lança-
-exímia, Idomeneu - sem recuar - esperava
pelo assalto de Eneias; porém aos companheiros
vai conclamando: Ascálafo e Afareu, mais Deíporo,
Antíloco e Meríone, no grito de guerra
mestres. Concitou-os com palavras-asas: “Vinde,
amigos, socorrei-me, que estou só; receio
por demais Eneias, pés-rápidos, acossando-me;
é um matador de gente, terrível, na flor
da idade, quando a força avulta; jovem como
ele, com meu brio todo, veríamos a quem
a glória tocaria”. Falou. Todos, unânimes,
puseram-se a seu lado, escudo contra espádua.
De onde se encontra, Eneias exorta os companheiros
que vê: Deífobo e Páris, Agênor divino,
hegêmones, como ele, de Troia. Os guerreiros

os seguem, qual rebanho que ao carneiro-guia
acompanha do pasto ao bebedouro, enquanto
o pastor exulta. Eis como Eneias se alegrava
ao ver tão numeroso séquito acorrendo.
Os guerreiros, então, em luta corpo-a-corpo
irrompem ao redor de Alcátoo, as lanças longas
em riste; os peitorais de bronze circunsoam,
trom terrível, enquanto uns aos outros se visam,
no tumulto. Dois, flama-de-Ares, sobre os mais
primam - Idomeneu e Eneias, pares do deus
da guerra, mutuamente ansiando por ferir-se
com o bronze cruel. Pronto, lança o dardo Eneias
contra Idomeneu; este prevendo o arremesso
esquiva a lança brônzea, que se crava, tênsil,
na terra, frustro o golpe. Idomeneu atinge
Enômao a meio-ventre, no cavo do arnês;
vaza-lhe o bronze as tripas; de borco no pó,
a mão empalma a terra. Idomeneu extrai
do morto a lança longa, mas resta a armadura
reluzente, que deixa ficar, assediado
por golpes do inimigo, as pernas não tão ágeis
no saltar para o lance ou no fugir à lança
adversária, apesar de todo o brio. No corpo-
-a-corpo, adiava o fim cruel, mas os pés pesavam-lhe
para escapar do prélio. Enquanto, a passo lento,
recua, Deífobo o alveja com dardo faiscante,
de ódio tenaz movido; erra a mira e em Ascálafo,
filho de Ares, acerta; a lança lhe vara o ombro;
ele roja no pó e a mão empalma a terra.
Ares, o bravio, brado fortíssimo, não
sabia do filho morto no conflito horrível
- ainda não; entre nuvens de ouro, no Olimpo, ele
e os numes (Zeus mandara) alheavam-se da guerra.
Os guerreiros então, em luta corpo-a-corpo,
irrompem ao redor de Ascálafo, cujo elmo
resplandecente Deífobo arranca; Meríone,
no entanto, imagem-de-Ares, deus fogoso, salta
e com sua lança o fisga no braço; da mão
o plúmeo elmo tricúspide tomba, retroando.
Meríone, qual vultúrio, salta novamente
e do braço lhe extirpa a lança impetuosa, antes
de regressar ao grosso de sua grei. Polites
retira o irmão da pugna cruel, pela cintura
cingindo-o com o braço, e o leva aos corcéis rápidos
que ao abrigo da guerra férvida o aguardavam,

um auriga a cuidar do carro pluriornado.
Foi assim transportado à cidade, arquejante,
exausto, o sangue a fluir da ferida recente.
No entanto a luta recrudesce e reboa. Eneias
salta sobre Afareu Caletório, que o investe;
espeta-o na laringe com a lança aguda;
pende a cabeça para o lado; escudo e casco
resvalam; ânimo-ruinosa, a morte o cerca.
Antíloco vê Tóone voltar-se e tentar
fugir. De um salto o fere à altura da coluna,
cortando cerce a veia que corre até a nuca;
fundo a cerceia; de costas, ele cai no pó,
mãos estendidas para os seus. De um salto, Antíloco,
circungirando em guarda os olhos, despojou-lhe
os ombros da armadura. Cercam-no os Troianos,
de lá, de cá, golpeando o amplo escudo polícromo,
sem que o bronze, porém, esflore a pele tenra
do herói. Posêidon Treme-terra protegia
dos dardos o Nestóride, ainda que muitíssimos.
Do inimigo jamais se afasta Antíloco, antes,
em meio dele, gira a lança nunca imóvel,
mas a vibrar num vórtice; a mente atentando
no arremessá-la ao alvo, ou no ferir de perto.
Enquanto ele ia alvejando a turba, do Adamante
Asíade não fugiu, que no escudo lhe deu
um pontaço de bronze, assaltando-o de cerca;
mas Posêidon, melena-azul, cioso da vida
de Antíloco, afrouxou-lhe o golpe: a lança aguda,
como estaca incendiada, metade apegou-se-lhe
ao broquel; deu em terra metade. Recuou,
fugindo à Moira, até os seus. Vendo isso, Meríone
foi atrás de Adamante e o lanceou entre o púbis
e o umbigo, onde aos mortais Ares mais excrucia;
ali o lacera a lança, fundo; ao longo dela,
a vítima estertora, feito boi no monte
laçado e enleado pelos boiadeiros, contra
a vontade levado de arrastão; assim
estrebuchou, mas pouco tempo, pois Meríone
desentranhou-lhe a lança e a escuridão a vista
eclipsou-lhe. Eis que Heleno a Deípiro, brandindo
enorme espada trácia, talhou fundo a têmpora,
rachou-lhe o elmo tricúspide, atirado longe,
a rolar entre os pés dos combatentes gregos,
um dos quais recolheu-o; a Morte érebo-escura
eclipsou-lhe a visão. Dorido, Menelau,

brado estentóreo, ameaça e investe o heroico príncipe
Heleno, lança aguda em punho; este entesa o arco;
ambos, então, defrontam-se, um com a lança, o outro
à flecha, ansiando os dois por ferir o adversário.
O Priâmide asseteou, no peito adverso, o cavo
da couraça; desviou-se do alvo a flecha acerba;
como, na eira espaçosa, de uma larga joeira
saltam favas escuras e ervanços ao sopro
do vento e, ainda, à impulsão que move o ventilabro,
assim, do arnês do Atreide Menelau glorioso,
atirada bem longe, voou a flecha aguda.
Menelau, por sua vez, brado-aguerrido, a mão
que retinha o arco bem-brunido atingiu; trans-
-passando-a, a ponta brônzea no arco transfixou-se;
o outro recuou, fugindo à Moira, para os seus,
não pendente, arrastando a hástea de freixo; Agênor
alma grande, foi quem a retirou e fez
atar-lhe a mão com lã de ovelha bem-torcida,
da funda que portava o escudeiro do herói.
Pisandro vai de encontro a Menelau glorioso,
mas a Moira maligna ao rés da morte o guiava,
ó Menelau, para que tu na torva luta
o abatesse. Já quase a investir um com o outro,
o Atreide errou a mão e a lança pelo flanco
desviou-se; mas Pisandro a Menelau glorioso
golpeou no escudo; o bronze não pôde vará-lo;
a adarga resistiu; quebrou no topo o dardo.
Pisandro se alegrou, vendo a vitória, no íntimo.
Mas sacando da espada, prata cravejada,
o Atreide o acometeu. Belo, brônzeo machado,
fixo em pau de oliveira bem-polido, longo,
tirou de sob o escudo o Troico: ambos se investem.
Este a cúspide alcança do elmo cauda-equina
sob o penacho; aquele atinge o outro no rosto,
quebra-lhe o nariz, o osso estrala, ambos os olhos
lhe caem aos pés, no pó, sanguinolentos. Tomba,
estorcendo-se. Ao peito Menelau plantou-lhe
o pé, tirou-lhe as armas e bradou: gloriando-se:
“Deixareis os navios aqueus assim, ginetes-
-rápidos, sobreufanos Troicos, não saciados
da sanha do combate, de vergonha e opróbrio
não carentes; o agravo contra mim é prova,
ó corja de cadelas sem temor a Zeus
tonante, regedor da hospedagem, que um dia
arrasará vossa alta pólis; vós que a esposa

me roubastes e os bens, escapando depois
de hospedados por ela; sois vós que almejais
queimar as naus singrantes e matar os Dânaos?
Mas sereis freados, ainda que furiosos de Ares.
Zeus Pai, teu saber - dizem - supera o de todos
os outros, numes ou mortais; de ti depende
tudo; mas como ser benévolo com gente
tão desmedida quanto os Troicos, mente insana,
insaciáveis de sangue e da guerra que arrasa
tudo. Do sono de Hipnos e do amor, saciam-se
todos; do canto doce-mel, da grácil dança;
disso mais que da guerra, buscamos fartar-nos;
mas da carnagem nunca os Troicos se saciam".
Dito isso, Menelau, imáculo, o cadáver
despojou da sangrenta armadura e a entregou
aos companheiros, misturando-se aos da frente.
Filho do rei Pilêmenes, com ele vindo
lutar em Troia (à Pátria jamais tornaria)
Harpalião acomete o Atreide: a lança acerta-lhe
no meio o escudo, sem que a ponta brônzea possa
vará-lo. Então recua, para junto dos seus,
fugindo à Moira e os olhos circungira em guarda:
que ninguém lhe tocasse o corpo com o bronze.
Meríone, ao vê-lo em fuga, despede uma seta
brônzea e o colhe no glúteo direito; varando-lhe
a bexiga, sai por debaixo do osso, a farpa.
Exânime, expirando, ele descai nos braços
dos amigos e espoja-se no pó - um verme
quase; um sangue anegrado escorre e ensopa a terra.
Os Paflagônios, grandes-de-coração, cercam-no
e cuidam dele; põem-no sobre o carro e à sacra
Ílion, aflitos, o conduzem; desfazendo-se
em pranto, o pai, no meio: nada pode pagar
um filho morto. Páris, coração colérico
por ter sido abatido um hóspede seu entre
os muitos Paflagônios, despede uma seta
bronziaguda. Entre os Gregos havia um Coríntio,
um tal de Euquênor, rico e nobre, filho do áugure
Políido, que subira à nau sabendo: a Moira
má o ameaçava; o velho áugure, muitas vezes,
o prevenira: doença atroz o mataria
em seu solar, ou sob os Troicos tombaria
junto às naus aqueias; para não padecer no íntimo,
buscara se escudar da censura dos Gregos
e também do terrível mal. A seta o foi

ferir entre a mandíbula e o ouvido. Ele, exânime,
enlanguesce, atro escuro o envolve. Fogo ardente,
a luta prosseguia. Predileto-de-Zeus,
Héctor não tinha ideia de que os seus, à esquerda
das naus, estavam sendo destruídos; que o triunfo
aqueu se avizinhava; por demais, Posêidon,
Treme-terra, Circunda-terra, os incitava
e os ajudava pela força. No lugar
mesmo onde os muros por primeiro galgara, Héctor
abroquelados Dânaos abatia; onde Ájax
e Protesilau, junto às praias do mar gris,
tinham deixado as naus e um muro não muito alto
fora construído em frente; sobretudo ali
os homens e os corcéis se batiam ardorosos.
Os Beócios, Jônios, longas-vestes, Lócrios, Ftios,
reluzentes Epeios, no que investia os navios,
tentavam embargá-lo, mas repelir a Héctor
não podiam, ícone-do-fogo; o escol de Atenas
tampouco. Menesteu, filho de Peteu, vai
à testa deles. Fidas, Biante forte, Estíquio
o seguem; o Filíade Megete, Anfíon, Drácio
guiam os Epeios; aos Ftios, Medonte e o ira-aguerrido
Podarces; o primeiro, Medonte, mencione-se,
bastardo do divino Oileu e, assim, irmão
de Ájax; longe da pátria, em Filace, morava,
por ter matado o irmão de sua madrasta, Eriópide,
mulher do rei Oileu; o outro, filho de Ificlo
Filácida; eles dois, em armas, guiando os Ftios,
lutavam junto aos Beócios, defendendo as naus.
Ájax, o veloz filho de Oileu, não se afasta,
nem por um pouco de Ájax Telamônio; como
em gleba inculta dois bois cor-de-vinho puxam
o firme arado com igual fôlego, e o suor
corre copioso em torno a seus chifres, o jugo
apenas, bem-polido, os apartando, enquanto
rasgam um sulco e o arado vai roteando a terra;
assim sempre achegados, rompem os dois Ájazes.
Mas segue ao Telamônio um numeroso grupo
de bravos companheiros, que em portar-lhe o escudo
se revezam, tão logo os joelhos lhe fraquejem
de fadiga e suor. Lócrios ao filho de Oileu,
porém, não secundavam. Para o corpo-a-corpo
ao coração lhes falta ânimo. Sem crinados
elmos brônzeos, sem lanças de freixo ou broquéis
redondos, em seus arcos fiados e nas fundas

de bem-torcida lã ovina, para Troia
o seguiram. Com mísseis frequentes, as troicas
falanges vulneravam. Assim, à frente, armas
dedáleas, uns combatem com Troianos e Héctor,
elmo-coruscante; outros por detrás, ocultos,
disparam. Sob a chuva de setas, os Troicos
se deixam transtornar, descurando da guerra.
E lastimosos, naves e tendas teriam
desertado, tornando à ventosa Ílion sacra,
não fora ponderar a Héctor Polidamante:
“Héctor, palavras não te podem persuadir.
Porque um deus te deu dons supremos de guerreiro,
superior aos demais te crês em visão. Todos
os dotes a um só não cumulam. Força bélica
a este; a dança àquele outro; a cítara a um terceiro
e o canto; Zeus a algum insufla amplividente
no coração o bom conselho, do qual muitos
desfrutam, pois a muitos salvou e está bem
cônscio disso. Direi agora o que é melhor,
segundo creio: flameja uma coroa de guerra
a teu redor; transposto o muro, os bravos Troicos
apartaram-se, alguns, em armas; outros, poucos,
contra muitos se batem, entre as naus, dispersos.
Retrocede e convoca os próceres aqui.
Então nós poderemos ponderar os fatos
a fundo: se assaltamos as naus polirremes,
se por acaso um deus nos há de dar vitória
ou se é melhor, ilesos, recuar das naus; temo
que os Aqueus nos obriguem a pagar o débito
de ontem, já que um guerreiro insaciável se queda
a bordo e não por muito há de eximir-se à luta.”
Falou Polidamante e o conselho sensato
a Héctor agradou. Armas em punho, saltou
do carro ao solo e disse estas palavras-asas:
“Polidamante, reúne aqui todos os próceres,
vou-me lançar em meio do combate, mas logo
retornarei, assim que passe as instruções.”
Disse e acometeu - feito montanha de neve
reluzente - a gritar, voando por entre os Troicos
e aliados. À voz de Héctor, todos os cabeças
rodearam o viril Polidamante, filho
de Pântoo, enquanto o herói, à vanguarda das tropas,
procurava por Deífobo, buscava o príncipe
Heleno, por Hirtácio Ásio e por Adamante
Asíade. Mas ileso ou a salvo da ruína

não encontrou nenhum: alguns jaziam por perto
da popa das naus gregas, mortos de bem cerca,
à lança; à flecha, de longe; outros às muralhas
já se haviam recolhido. À esquerda da lutuosa
luta, deu com o divo Alexandro, marido
de Helena, a de cabelos lindos, que à peleja
os Troicos incitava. Acercou-se e insultou-o:
“Ó mal-parido Páris, belo só nas formas,
mulherengo, impostor: Deífobo onde está? Onde
o forte régio Heleno? Onde Hirtácio Ásio? O Asíade
Adamante? E Otrioneu, que é dele? Do fastígio
desmorona hoje Troia altiva; a morte, pronto,
te engolfará.” Responde-lhe Páris divino:
“A ira no coração, Héctor, é o que te faz
culpar um inocente. Outras vezes, talvez,
tenha escapado à luta; covarde não vim,
por minha mãe, à luz, pois desde que entre as naus
nos incitaste à guerra, desde então aos Dânaos
damos aqui combate sem trégua. Os que buscas,
caíram; somente Deífobo e o príncipe Heleno,
alanceados na mão, puderam pôr-se a salvo:
os afastou da morte, Zeus, filho de Cronos.
Pois agora comanda-nos, como, animoso,
dispõe teu coração; com ardor te seguindo,
coragem, com certeza, não nos faltará,
enquanto não nos faltem forças; sem tal dínamo,
ninguém, por mais ardente, combate.” Falando
assim, apaziguou o irmão. Avançam ambos
para onde mais a luta encrua: junto a Cebríone,
Polidamante imáculo, Falces, Orteu,
Polifetes, um nume quase, Pálmis, Móris,
Ascânio, eles três filhos de Hipolíone, vindos
na véspera da Ascânia, glebas-férteis, para
render outros. Incita-os Zeus. Qual turbilhão
de tempestuosos ventos assolando o plaino
sob o trovão de Zeus que ao mar salino mescla-se
com turbinoso estrondo, e enquanto ondas inúmeras
no mar polissonoro, poliespúmeas, curvam-se
férvido-brancas, esta após aquela outra; assim,
em fileiras, cercavam-no os Troianos, brônzeo
brilho, uns atrás, à frente outros, seguindo os chefes.
Héctor os guiava, par-de-Ares, matador-de-homens.
O Priâmeo erguia o escudo arredondado, forro
de peles grossas, placas e placas de bronze,
e o elmo emplumado em torno às têmporas faiscava-lhe.

Sob o escudo, rondava as falanges, sondando
se acaso cediam. Não abalou, porém, o ânimo
aqueu. Ájax, a passos largos, adiantou-se
e o reptou: “Chega mais perto, demônio! Por
que queres aterrar os Dânaos? Não nos temos
por bisonhos em guerras. É Zeus quem nos doma
com seu látego cruel. No coração almejas
destruir-nos os navios. Temos braços, porém,
para lutar por eles. Troia, a bem-povoada,
muito antes haverá de ruir, por nós tomada.
E vou dizer-te mais: está próximo o tempo
em que, fugindo, a Zeus e aos sempiternos rogues
que asas de falcão deem a teus cavalos belas-
-crinas, para à cidade chegares mais rápido
num vórtice de pó.” Tendo falado, à destra
um pássaro passou, uma águia altivolante.
“- Bom augúrio!” os Aqueus gritaram todos. Héctor,
brilhante, replicou: “Tartamudo, bazófio,
que disseste? Assim fosse eu filho de Zeus porta-
-escudo, concebido por Hera divina,
desde sempre, e nas honras par de Atena e Apolo,
como é certo que aos Gregos hoje é um dia aziago,
a eles todos. Se ousares arrostar-me à lança
longa, perecerás primeiro entre os demais.
Vou retalhar teu corpo lírio-branco, pasto
- carne e banha - de cães e aves troianas, morto
junto às naves.” Falou. Foi avançando. Os próceres,
aos brados, o seguiam; bramava a tropa atrás;
de seu lado, gritavam os Aqueus, lembrados
de seu valor, à espera da nata dos Troicos.
No éter, no paço-luz de Zeus, troam dois clamores.

Canto XIV
Diòs Apáte: Zeus Iludido

Não escapou de Néstor o alarido, embora
entretido a beber. A Macáone Asclepíade
disse palavras-asas: “Que rumo presumes
as coisas vão tomar? Cresce o clamor dos jovens
junto às naus. Bebe o vinho roxo-flâmeo e fica
aqui sentado, enquanto Hecamede, madeixas-
-lindas, te aquenta um banho e os coágulos de sangue
n’água quente se lavam. Junto a um atalaia
vou-me informar de tudo.” Falou e apanhou
o broquel bem-lavrado do filho, o ágil équite
Trasimedes, o qual lhe sobraçara o escudo
deixando-lhe na tenda o seu, brônzeo-brilhante.
Tomou da rija lança, então, pontiaguçado
bronze e, fora da tenda, viu a triste cena:
acossados uns, outros acuando; os Troianos
impam, rota a muralha grega. Como o pélago
amplo-purpúreo se infla, ao longe, de ondas mudas,
pressentindo o sonoro vendaval e freando
o tumulto da vaga, até que Zeus defina
o rumo de seu sopro; o velho assim, amargo
no coração, sentia-se hesitar: mergulhar
no vórtice dos Dânaos de corcéis-velozes,
ou procurar o Atreide Agamêmnon, o rei;
este o melhor alvitre, ponderou. Enquanto
isso, matavam-se uns aos outros os guerreiros:
golpes de lança e espada, o bronze circunsoando.
Desembarcam das naus e encontram-se com Néstor
os basileus, progênie de Zeus, pelo bronze
feridos, o Tideide, Odisseu, Agamêmnon
Atreide. Suas naus, longe da luta, no seco,
à beira do mar branco-espumejante; perto,
as primeiras, da borda, o muro levantando-se
à popa das extremas; não cabiam na praia
todas, embora larga; as tropas de apinhavam;
por isso, dispuseram as naus em fileiras,
preenchendo a embocadura ampla entre os promontórios.
Acorreram os três, na ânsia de ver a guerra
e o tumulto, arrimados às lanças. No peito,
o coração lhes doía. Vai ao encontro dos líderes
Néstor. Ao vê-lo, no íntimo, tremem os Dânaos.
Agamêmnon, o rei, lhe diz estas palavras:

“Néstor Neleide, glória e grandeza dos Gregos,
por que, largando a guerra, estrago-de-homens, vieste
aqui? Temo que o forte Héctor cumpra o que na ágora
troiana disse, quando ameaçou não voltar
das naus para Ílion, antes de ter posto fogo
à frota e trucidado a todos nós. Assim
falou na ágora. E tudo, hoje, está-se cumprindo.
Ó deuses! Os Aqueus, belas-cnêmides, no ânimo,
como Aquiles, assestam em mim flechas de ira
e, à popa das naus, negam-se a lutar por elas!”
Responde-lhe, então, Néstor, équite gerênio:
“Tudo isso se perfez, é fato; nem o próprio
Zeus Trovejante pode desfazer o feito.
O muro em que nos fiávamos como baluarte
inquebrantável, para nós e para as naus,
ei-lo em ruínas. Os Troicos travam luta cruenta,
sem pausa, junto às naves. Mesmo o observador
atento não tem como dizer de onde acuam
os acossados Dânaos numa tão confusa
carnagem. No alto céu, os clamores reboam.
Pensemos no que está por vir, se a mente o alcança.
À luta não devemos voltar, pois feridos
não podem combater.” Agamêmnon, o rei,
lhe replica: “Pelejam em torno às naus, Néstor,
não nos valeram muro e fosso que tamanha
fadiga aos Dânaos deram; de coração, fiávamos
neles como um baluarte inquebrantável para
as naus, para nós. Zeus, talvez, se agrade, o todo-
-potente, de que nós morramos longe de Argos,
sem renome, aqui. Via que antes nos tutelava,
aos Dânaos; vejo agora que a outros honra como
a numes venturosos; a nós, as mãos e o ímpeto,
amarrou-nos. Então, obedeçam-me o mando:
as naus postas primeiro a seco à beira-mar,
façamos arrastar e lançar ao salino-
-mar divino, detendo-as sobre a água mais funda,
nas âncoras de pedra, até que chegue a noite
imortal; caso os Troicos cessem de lutar,
lançaremos ao mar as demais; fugir, mesmo
de noite, não desdoura. Antes fugir do mal
que se deixar colher.” Odisseu, multiastuto,
olhar turvo, intervém: “Atreide, que proferes
do encerro de teus dentes? Malsinado! O céu,
de uma tropa de frouxos,te desse o comando,
e não o de homens como nós, por Zeus fadados

da juventude à idade provecta, a enfrentar
duros prélios, até a morte. Queres de fato
deixar a pólis, ruas-amplas, onde sofremos
tanto? Cala-te! Não te escute nenhum Dânao
essas palavras; homem algum de sua boca
as deixara escapar, caso tivesse em mente
a fala justa, máxime um rei porta-cetro,
a que tantos guerreiros seguem, como os Dânaos
a ti. Repilo teu falaz discernimento,
tudo o que propuseste. O tumulto e a luta ainda
perduram, e concitas a lançar ao mar
as naus de belos bancos! É o que os Troicos querem,
eles que já nos vencem. Para nós, é a ruína!
Vendo os navios ao mar, os Aqueus cessarão
de combater, buscando um jeito de fugir
da pugna. Teu conselho, ó rei, será fatal!"
Replica-lhe Agamêmnon, soberano-de-homens:
"Teu áspero reproche, Odisseu, feriu fundo
meu coração. Jamais ordenei aos Aqueus
que lançassem ao mar, a contragosto, as naus
de belos bancos. Quem tiver melhor alvitre,
que o exponha, veterano ou moço, me dará
prazer." Diomedes, brado aguerrido, intervém:
"Eis o bom conselheiro. Está bem perto. Inútil
procurá-lo mais, caso o desejeis seguir
sem zanga por ser eu de todos o mais jovem.
Orgulho-me da estirpe de meu pai, o bravo
Tideu, que a terra tumular recobre em Tebas.
Nasceram de Porteu três imáculos filhos,
que habitavam Pleurona e a altiva Calidona,
Ágrio, Melante e Oineu, domador-de-cavalos,
o terceiro, em valor primando sobre os outros,
o pai de meu pai, o qual (meu avô ficou
na pátria), só depois de muita errância, em Argos
se fixou, por vontade de Zeus e dos numes.
Desposou uma filha de Adastro e habitava
mansão rica de bens, possuindo terras férteis,
cercadas de alamedas de árvores frutíferas,
e rebanhos. Na lança superava a todos.
É a verdade e o sabeis. De estirpe vil e frouxa
não podeis me acoimar, desprezando a proposta
que vos fiz, clara e reta. Voltemos à luta,
mesmo feridos. Urge. Evitemos as flechas,
porém, que uma ferida a outra ferida não
se sobreponha; àqueles, aos que, animadversos,

mantiveram-se à margem, à guerra os instemos."
Falou. Todos o ouviram. Pronto o obedeceram.
Moveram-se e Agamêmnon os guiava, senhor-
-de-homens. O Treme-terra ilustre não vigiava
às cegas. Na refrega, semelhando um velho,
se mete e pela mão destra toma Agamêmnon
Atreide, proferindo estas palavras-asas:
"O coração ruinoso de Aquiles, ó Atreide,
vendo a matança e a fuga dos Aqueus, exulta,
com certeza, em seu peito, pois não tem um mínimo
de senso. Morra, então! E um deus de opróbrio o cubra!
Mas contra ti os numes venturosos não
guardam grande rancor; os príncipes e hegêmones
de Troia já verás, de pó cobrindo os vastos
plainos, a fugir, longe das naves e tendas,
para a pólis." Falou. E com berro fortíssimo
se lançou à planura. O urro de nove, dez
mil homens em combate, aguerridos em Ares,
tão alto não atroara como o que do peito
soltou o Treme-terra, insuflando aos Aqueus
vigor de coração para a luta sem trégua.
Do vértice do Olimpo, Hera, trono-de-ouro, olha
céu-abaixo e de pronto reconhece o irmão
e cunhado empenhado na guerra gloriosa
a todo fôlego; íntima alegria a toma.
Mas vê também a Zeus, sentado no mais alto
píncaro do Ida multifluente e calafrios
de horror ao coração lhe afligem. Hera augusta,
olhos-de-toura, vai maquinando um engodo,
grato à mente de Zeus Porta-escudo. O melhor
desígnio lhe parece ir toda bela, até
o Ida, de ornatos ricos adornada. Zeus,
talvez, ardesse por dormir colado ao corpo
dela; cálido-calmo, então, o sono-de-Hipnos
pudesse à mente arguta e às pálpebras verter-lhe.
Entrou, assim, no tálamo que o filho, Hefesto,
lhe construíra, com sólidas portas aos gonzos
presas e um sigiloso fecho que outro deus
nenhum abria. Entrou, cerrando as portas rútilas.
Lavou com ambrosia o corpo encantador,
livre de toda mancha; ungiu-o com óleo ambróseo,
espesso, suave, que ela mesma perfumara.
Do brônzeo piso do solar de Zeus à terra
e ao céu o aroma se exalava. Ungido o belo
corpo, os cabelos bem-penteados, entramou-os,

à mão, em tranças rebrilhantes, ambrosíacas,
a pender da cabeça imortal, lindas. Peplo
divino-ambróseo - Atena o tecera em dedáleos
recamos -, vestiu-o; broches dourados prenderam-no
ao colo. Cingiu cinto ornado de cem franjas;
nos lobos bem-furados pôs um par de brincos
de três gemas, amoras cintilantes quase.
Toda-graça, esplendia. Um véu, novo, cobriu-lhe
a divina cabeça, belo, claro, um sol.
Aos pés que reluziam atou belas sandálias.
Depois de se enfeitar com todos os adornos,
deixou o tálamo e chamou por Afrodite,
à parte dos demais deuses, para dizer-lhe:
“Agora me darás atenção, cara filha,
ou vais negar-me ouvidos, coração-colérico,
porque estou com os Gregos e apoias os Troianos?”
Afrodite, gerada por Zeus, lhe responde
de pronto: “Hera divina, progênie de Cronos,
grandíssimo: o que queres, dize-me, pois manda
meu coração que o faça, se o puder fazer,
se for factível.” Hera, augusta, enreda-tramas,
retorna: “Dá-me, então, o amor e o impulso de eros,
amavios com que domas deuses e mortais.
Aos extremos da terra multinutriz, vou
ao pai dos deuses ver, o Oceano, e à deusa-mãe,
Tétis, que em seu solar me nutriram e criaram,
das mãos de Reia me recebendo, quando Zeus,
altíssono, arrojou Cronos no mais profundo
da terra e do mar não-arável. Quero vê-los
e pôr fim à discórdia antiga, que afastou
do seu leito de amor aos dois,faz muito. Se eu
pudesse persuadi-los a reatar na cama
os elos amorosos, teria para sempre
o amor e o louvor de ambos.” E Afrodite, a deusa
amadora-do-riso: “Não posso, nem devo
opor-me à tua palavra, pois dormes nos braços
de Zeus poderosíssimo.” Disse e do seio
o cinto pespontado desprendeu, polícromo,
adornado de todos seus encantos: lá
o amor e o impulso de eros; o enlace de núpcias
e o enlevo sedutor, que mesmo aos sábios faz
perder o juízo. Tudo lhe depôs nas mãos.
E, nomeando seu nome, ela assim lhe falou:
“Toma. Cinge este cinto policolorido,
onde tudo se encontra. Não voltarás sem

obter o que tua mente anseia.” Olhos-de-toura,
divina, Hera sorriu e rindo o pôs no seio.
Voltou ao paço a filha de Zeus, Afrodite.
Hera deixou, de um salto, o vértice do Olimpo;
ultrapassou a Piéria e a aprazível Emátia,
alteou-se aos níveos montes dos doma-corcéis
trácios, sobre os mais altos cimos sem tocar
os pés na terra; do Atos baixou ao mar, de ondas
espúmeas, alcançando a pólis de Toas, Lemnos.
Depara então com Hipnos-Sono, irmão de Tânatos
letal. A mão lhe toma, diz-lhe o nome e fala:
“Hipnos, senhor dos deuses todos e de todos
os homens: escutaste outrora meu pedido;
agora, me obedece de novo e serei
sempre grata; adormece os olhos de Zeus, rútilos,
sob os cílios, assim que nos deitarmos juntos,
fazendo amor: soberbo trono em ouro eterno
te darei, por meu filho, o manco Hefesto, feito,
bem-trabalhado; e para repousar teus pés,
luzentes nos festins, também um escabelo.”
Em resposta lhe diz Hipnos, doce-profundo:
“Hera Augusta, divina progênie de Cronos
grandíssimo, decerto posso adormecer,
fácil, outro qualquer dos sempiternos, mesmo
as torrentes do rio-Oceano, pluripai
dos deuses. Mas a Zeus, filho de Cronos, não,
a não ser que me ordene. Já de outra vez, quis
te atender e aprendi a ser prudente. Foi
quando o sobreanimoso filho de Zeus, de Ílion
navegava depois do saque à urbe troiana.
Adormentei, então, doce-profundo, circun-
fluindo, a mente do Porta-escudo; maquinavas
no coração maldades contra o herói, soprando
no pélago furiosa procela, que o atira
à populosa Cós, longe dos seus. Acorda
Zeus e raiva, no Olimpo maltratando os deuses
e me buscando, mais que a todos. Do alto do éter
ao fundo mar, destruído, me arrojara, não
fosse a Noite, que doma homens e numes; nela
me refugiei. Temendo ofendê-la, à Veloz,
Zeus se deteve, irado, embora. Que de novo
eu perfaça o impossível, me ordenas?” E a deusa
olhos-de-toura: “Ó Hipnos, que remóis na mente?
Pensas que o Altitonante, por amor aos Troicos,
irá se enraivecer, como no caso de Héracles,

seu filho? Vamos, dou-te a mais moça das Graças
como esposa, que assim a chamarás, Pasítea,
da qual, faz muito tempo, estás enamorado.”
Falou. Hipnos, alegre, respondeu-lhe: “Então,
que seja assim. Mas jura-me pela água estígia
inviolável, tocando com a mão a terra
multinutriz; o mar mármoro-luminoso
tanjas com a outra; todos os deuses subtérreos
em torno a Cronos testemunhem: me darás
a mais moça das Graças, Pasítea, de que há
tempo me enamorei.” Disse. E Hera, braços-brancos,
não contestou. Jurou e nomeou, subtartáreos,
os deuses que Titãs se chamam, todos eles.
Perfeito e consumado o juramento, os dois
deixam as urbes de Imbra e Lemno, vestindo ar,
rapidamente a rota percorrendo. Chegam
às cristas do Ida, mãe-de-feras, multifluente,
e do Lecto, desviando-se do mar, prosseguem
por terra: as altas copas da floresta ondulam
sob seus pés. Aqui parou Hipnos, fugindo
a fitar Zeus nos olhos. Subiu a um altíssimo
abeto que, crescido em desmesura no Ida,
lançava-se, ar acima, até o éter. Oculto
entre as ramas, igual ao pássaro canoro
que os deuses, nas colinas, apelidam Cálcis
e os homens, por sua vez, Címindis. Velozmente,
galga a deusa Hera o cimo altaneiro do Gárgaro,
no Ida. Mas Zeus, Ajunta-nuvens, a vê e Eros
lhe enubla a mente sábia, como quando o amor
na cama os uniu, pela primeira vez, sem
que os pais nada soubessem. Perto dela, Zeus,
chamando-a pelo nome, disse-lhe: “O que buscas
aqui, vinda do Olimpo? Onde o teu carro, os teus
corcéis de montar?” E Hera, a diva enreda-tramas:
“Aos extremos da terra multinutriz, vou
ao pai dos deuses ver, o Oceano, e à deusa-mãe,
Tétis, que em seu solar me nutriram e criaram.
Quero vê-los e à antiga discórdia pôr fim,
que afastou os dois, faz muito tempo, do leito
do amor, o coração opresso pela cólera.
Meus corcéis, no sopé do Ida multifluente, eu
os deixei; sobre a terra firme ou sobre as águas
me levarão. Aqui vim para não zangar-te
por visitar, sem nada dizer-te, o solar
do Oceano, torrencial-profundo.” E Zeus, Ajunta-

nuvens: “Hera, mais tarde, podes ir até
lá, mas agora, vamos para a cama, vamos
às delícias do amor. Eros, jamais, por deusa
ou mulher, desse modo circunflamou meu
coração e o domou no meu peito. Nem mesmo
quando me enamorei da mulher de Íxion, mãe
de Perítoo, a um deus símile por sua prudência,
ou da Acrisíone Dânae, belos-tornozelos,
que gerou Perseu, entre os homens sobranceiro;
ou da menina filha de Fênix, famoso,
que me deu Radamanto e Minos, quase-numes;
ou das moças tebanas, de Alcmene e Semele;
aquela gerou Héracles, de coração
corajoso, enquanto esta, o júbilo dos homens,
Diôniso; ou de Deméter, belas-tranças; ou
ainda da celebrada Latona, ou de ti
mesma, com o ardor de hoje, doce impulso de Eros.”
E Hera divina, enreda-tramas, respondeu-lhe:
“Ó formidável filho de Cronos, que dizes?
Se nas alturas do Ida desejas comigo
fazer amor, repara em nós à luz expostos;
e se nos surpreendesse um dos eternos numes,
a nós dois, enlaçados, e o contasse aos deuses
todos? Saindo dos teus braços, eu, com que cara,
ao palácio, depois, voltaria? Que vexame!
Se o desejo porém te inflama o coração,
tens o tálamo; para ti, teu filho, Hefesto
o construiu, adaptando aos gonzos portas sólidas.
Vamos para lá, juntos, à cama, tal como
queres.” E respondeu-lhe Zeus, Ajunta-nuvens:
“Hera, não temas: deus nenhum, nenhum mortal
há de nos ver. Farei que nuvem de ouro nos
envolva e circuntolde. Nem mesmo o sol, Hélios,
a vai devassar, olho de luz agudíssimo.”
Assim falou o filho de Cronos, nos braços
tomando a companheira. A terra germinou
relva tenra sob eles, lótus orvalhado,
cróceas flores, jacinto fofo-espesso, alfombra
que do solo os soerguia; nela os dois se deitaram
por nuvem de ouro, linda, velados; chovia
orvalho em gotas-luz. Zeus Pai dormia em paz
no Gárgaro, por Hipnos domado e Amor, braços
estreitando a esposa. Hipnos, fundo-suave, às naus
dos Aqueus, veloz, baixa a informar o Circunda-
-terra, o Treme-terra. Asas-palavras lhe diz:

“Ó Posêidon, socorre, benévolo, os Dânaos;
dá-lhes glória, ainda mesmo breve, enquanto Zeus
dorme, que eu lhe infundi torpor doce-profundo:
persuadiu-o, insidiosa, Hera a fazer amor,
deitando-se com ela.” Dizendo isso, foi-se
para as tribos ilustres dos homens, havendo
incitado ainda mais o deus em prol dos Dânaos.
Este, de um salto, pôs-se à vanguarda: “Aqueus, vamos
permitir que Héctor Priâmide aprese as naus curvas
colhendo nova glória? Isso diz e blasona
já que Aquiles, irado, resta junto às naves;
mas deixaremos de sentir-lhe a ausência, caso
nos apressemos a nos dar mútuo socorro.
Vamos, todos, façamos como eu digo. Escudos,
tantos quantos, maiores e melhores, haja
nas tendas, sobracemos; de elmos oniesplêndidos
cubramos as cabeças; enristando as lanças
mais longas, avancemos: eu serei o guia.
Héctor, ainda que bravo, não resistirá.
Que o mais firme na luta, tendo ao ombro leve
broquel, o troque por escudo maior, que homem
menos forte sobrace, e com ele se cubra.”
Falou. E o tendo ouvido, obedeceram todos.
Os reis, mesmo feridos, Odisseu, Diomedes,
Agamêmnon, à troca das armas impõem
ordem, nas tropas: aos valentes, as mais válidas;
aos fracos, as mais frágeis. De um bronze ofuscante
revestidos, avançam. Posêidon, o Treme-
-terra, os conduz, terrível, pontilonga espada
na mão robusta, feito um relâmpago. Não
se podia travar luta com ele, que à gente
inspirava pavor. Aos Troicos, Héctor, fúlgido,
alinhava. Posêidon, cabelo azul-negro,
e Héctor, refulgente, ambos, o fero tendão
do embate dispararam, Aqueus guiando, ou Troicos.
E o mar rebojou contra as tendas e naus gregas.
As tropas se chocaram com grande alarido.
Tanto as ondas do mar não rugem contra as praias,
sublevando-se ao sopro ruinoso de Bóreas;
nem tanto o fogo raiva e estrepitoso lavra
nas brenhas das montanhas, incendiando a selva;
tampouco o vento brada à roda dos carvalhos
de altiva cabeleira, a bramir de furor,
quanto o clamor de Aqueus e troianos ressoa
apavorante, assim que uns aos outros assaltam.

Começa ofulgido Héctor: contra Ájax atira
o dardo (este, voltando-se, o encarava) e não
erra: golpeia o ponto onde os talins se cruzam,
o do escudo e o da espada, multricravejada
de prata; a pele tenra fica protegida.
Héctor se irrita: a lança da mão lhe saiu vã.
Para junto dos seus, retorna, foge à Moira.
No que se retirava, o grande Telamônio
uma pedra - das muitas que rolavam, âncoras-
-de-naus, aos pés dos combatentes - levantando-a
do solo, ao peito de Héctor, perto da garganta,
por sobre a orla do escudo, arremessa e qual pião
giro-girante, o faz rodar e rodar. Como
sob o raio de Zeus, cai um roble e desarraiga,
exalando um terrível odor sulfuroso,
e quem de perto tudo vê, fraqueja, pois
Zeus fulminante espanta. Assim, abrupta, a força
de Héctor tomba no pó. Cai-lhe da mão a lança;
mas o elmo e o escudo restam presos; pluribelas,
circunreboam suas armas brônzeas. Os Aqueus
acodem a gritar, no afâ de capturá-lo;
chovem lanças; ninguém pode o pastor-de-povos
ferir de perto ou longe: cercam-no os mais fortes,
Polidamante e Eneias, mais o divino Agênor,
Sarpédon, chefe lício, e Glauco, herói imáculo.
E nenhum dos demais o descurou: escudos
circulares o cobrem; erguido nos braços
dos amigos e posto fora do conflito,
transportam-no para onde os cavalos velozes
esperam, com auriga e carro, atrás do aceso
da luta; à pólis é conduzido, gemendo.
Quando chegam ao vau do turbinoso Xanto,
o rio torrentes-belas, gerado por Zeus
eterno, ali do carro o baixam, aspergindo-lhe
água; tomando fôlego, olhou para cima,
apoiou-se nos joelhos, vomitando sangue
escuro, e retombou de costas no solo, olhos
envoltos numa noite negra, o coração
ainda domado pelo golpe. Vendo que Héctor
se afastava, os Aqueus recrudescem no ataque
furioso aos Troicos. Ájax de Oileu, primeiríssimo,
se atira sobre Sátnio, com hástea de agudo
freixo (era filho de Ênopo, por ninfa-náiade
lindíssima gerado à margem do Satnióento,
onde o pai pastoreava). O Oilíade, bom-de-lança,

no flanco o fere e abate. Troicos e Aqueus travam
terrível luta em torno dele. O vibra-dardos
Polidamante, filho de Panto, se apressa
em vingá-lo e na espádua destra de Protoênor
Areilicide finca a lança, atravessando-a;
ele roja no pó e espalma a mão na terra.
Polidamante, aos brados, gloria-se, terrível:
“O filho do animoso Panto não vibrou
com mão robusta, em vão, o dardo. Um dos Aqueus
o recebeu no corpo, em cheio. Com apoio nele,
há de descer, presumo, ao domicílio de Hades.”
Falou. E os Dânaos doeram-se com sua vanglória.
Mais que todos ressente o Telamônio no íntimo:
o corpo morto ao lado lhe tombara. Rápido,
com hástea fulgurante, alanceou o guerreiro
que recuava. Saltando de viés, esquivou-se
Polidamante à Moira negra: o golpe atinge
o filho de Antenor, Arquélogo (os eternos
decretaram-lhe a morte), ali onde o pescoço
e a cabeça se juntam, na última das vértebras,
talhando os dois tendões; cabeça, nariz, boca
batem primeiro em terra que as pernas e os joelhos,
quando ele cai. E, aos gritos, Ájax ao sem-mácula
Polidamante: “Dize-me - mas sem mentir -
matar este guerreiro não compensa a morte
de Protoênor? Vil não me parece, tampouco
de estirpe vilã. É irmão de Antenor, ginete
exímio, ou, talvez, filho, vê-se em seu semblante”.
Disse, e com um desdém que os Troicos ressentiram.
Incontinenti, Acamas, contra o beócio Prômaco,
que buscava arrastar-lhe o irmão, vibra um lançaço;
e Acamas, a altos brados, gloria-se, terrível:
“Aqueus, bons só no berro e na fanfarronada,
a pena e a desventura não serão só nossas;
há de chegar o dia para vós de morrer
assim. Reparai como dorme o vosso Prômaco,
domado por meu dardo, a fim de não deixar
insatisfeita por tempo demais a dívida
para com meu irmão (por isso auguram todos
que um vingador, parente seu, reste em sua casa).”
Falou. E os Dânaos doeram-se com sua vanglória.
Mais que todos o brioso Peneleu, que investe
contra Acamas; refoge este ao ataque e o golpe
fere Ilioneu, o filho de Forbas das-mil-
-ovelhas, entre os Troicos predileto de Hermes,

que lhe dera riquezas. Ilioneu era o único
rebento de sua esposa. A lança, sobrancelha
abaixo, entrou no cavo do olho, fez saltar-lhe
a pupila, passando por través da nuca;
mãos estendidas, ele baqueou. Peneleu,
a fio de espada, corta-lhe a cabeça; junto
com o elmo, ela cai sobre a terra, a hasta robusta
pendente do olho; erguendo-a feito uma papoula,
aos Troianos a ostenta e lhes fala, gloriando-se:
“De minha parte, ó Troicos, anunciai aos pais
queridos de Ilioneu, que o chorem no palácio;
tampouco poderá a viúva do Alegenóride
Prômaco festejar sua volta, quando nós,
Aqueus, com nossas naus regressarmos de Troia.”
Falou. E os membros deles gelaram de horror.
Cuidam todos de ver como escapar à morte.
Ó Musas, que habitai a morada do Olimpo,
dizei-me quem, primeiro entre os Aqueus, colheu
troféus sanguinolentos, depois que o deus Terra-
-tremente transtornou a luta. O Telamônio
começou por ferir Hírcio Guirtíade, hegêmone
dos Mísios, corações-corajosos. Antíloco
a dois, Mérmero e Falces, despojou das armas;
Meríone abateu Móris e Hipotíone; Teucro
derrubou Perifetes e Protóon; o Atreide
ao príncipe Hiperênor vulnerou na ilharga
e de rasgão o bronze desventrou-lhe as vísceras;
pela chaga a psiquê foge veloz; escuro
eclipse lhe anuviou os olhos. Ájax, célere,
raça de Oileu, matou muitos; ninguém o iguala
no perseguir quem foge, aterrado por Zeus.

Canto XV
Contra-ataque à beira-nau

Assim que, em fuga, os Troicos paliçada e fosso
sobrepassam (e muitos caem sob as mãos gregas),
detêm-se junto às bigas, verdes de cloroso
pavor, terrificados. Zeus, no cimo do Ida,
sai do conchego de Hera, trono-de-ouro, e em pé
já desperto, vê Dânaos e Troicos: dispersos
estes; a persegui-los, aqueles. Posêidon
vai, soberano, em meio deles. E vê também
que Héctor jaz na planura (à roda, os companheiros);
convulso o coração, está quase sem fôlego,
vomita sangue; Aqueu nada fraco o golpeara.
Compadeceu-se dele Zeus, o pai dos homens
e dos deuses; terrível, olhando de viés
para Hera, pronunciou-se: “Maranha maligna
a tua, imanejável Hera, que fez Héctor
deter-se e pôs em fuga o exército. Por prêmio
dessas manhas maldosas, não sei se faço
antes colher açoites. Lembras quando, do alto,
te suspendi, aos pés, duas bigornas; às mãos
grilhetas inquebráveis, de ouro? Em meio às nuvens,
no éter, pendias. Os deuses no Olimpo se iravam:
não te podiam soltar, ainda que estando próximos;
aquele que o tentasse, do limiar do céu
o arremessava à terra, já sem forças, frouxo.
Em meu íntimo a dor por Héracles divino
nem assim cessaria: que ele ao mar não-arável,
com ajuda de Bóreas, lançaste à procela,
maquinando maldades, e a Cós bem-povoada
fizeste-o arrojar. Salvo o tirei de lá e a Argos,
nutriz-de-cavalos, o reconduzi, muito
sofrido. É bom que o lembres e deixes de embustes,
para que vejas se te vale a cama e o amor
em que, longe dos outros deuses, me enredaste.”
Falou. Um calafrio passou por Hera augusta.
A Olhos-de-toura respondeu-lhe com palavras-
-asas: “Saibam Geia-Terra, o Urano-Céu amplíssimo
por sobre, e por sob a onda estígia fluente - máxima
e mais terrível jura para os Sempiternos -
e tua cabeça hierática e mais nosso tálamo
de núpcias, pelo qual jamais perjuraria:
Posêidon Treme-terra não por meu impulso

atribula os Troianos e Héctor, socorrendo
os Aqueus; mas o excita e o incita o coração
compadecido ao vê-los junto às naus, opressos.
Posso porém eu mesma ponderar-lhe siga
para onde o guies, ó núveo-negro Zeus.” Assim
falou. Sorriu o pai dos deuses e dos homens,
e respondeu-lhe com palavras-asas: “Hera
augusta, olhos-de-toura: se entre os imortais
te sentasses, concorde no pensar comigo,
então Posêidon - ainda que pensando o oposto -
transmutaria a mente, unânime conosco!
Mas se essa arenga tua de fato é vera e séria,
vai agora até a estirpe dos deuses e traze
a mim Íris e Apolo, sagitário insigne;
e que ela, a núncia, vá aos Aqueus couraça-brônzea
e diga ao soberano Posêidon que dê
pausa ao prélio e que torne, pronto, a seu palácio.
A Héctor, então, que Febo Apolo instigue à luta,
de novo lhe insuflando vigor, e que o olvídio
lhe aplaque dos tormentos o ânimo dorido.
Que Héctor afugente uma vez mais os Aqueus,
desfibrados de medo, e que a fuga os arraste
às naves multirremes de Aquiles Peleide,
que instigará o amigo Pátroclo, a quem Héctor,
faiscante, de um lançaço abaterá defronte
a Ílion, tendo antes morto a muitos mais (Sarpédon,
meu florescente filho, incluso). Irado, Aquiles,
vingando o amigo, acabará com Héctor. Vou
então fazer que um contra-ataque, dos navios,
sem trégua, leve os Gregos à tomada de Ílion,
assistidos por Palas. Antes disso, não
mitigarei a fúria, nem concederei
a outros numes que aos Dânaos socorram; somente
depois de perfazer o desejo de Aquiles,
segundo prometi, de cabeça acenando
a Tétis, que rogou, abraçando-me os joelhos,
lhe honrasse o filho, o Rompe-cidadelas.” Disse.
Não discrepou a deusa, braços-brancos. Voou
do Ida altaneiro para o vasto Olimpo. Feito
a mente de alguém, súbito esperta: um viajor
por muitas terras, que sutil lembra num átimo
e evoca: “aqui e ali estive”, e então rememora;
assim, veloz, alçou-se Hera às grimpas do Olimpo
e pôs-se em meio aos Imortais, juntos no paço
de Zeus; vendo-a, se ergueram, copas à mão, todos.

Hera esquivou-se aos outros; aceitou, porém,
a taça da que veio correndo a seu encontro,
Têmis, lindas-maçãs-do-rosto; esta, palavras-
-asas, lhe pergunta: “Hera, por que vieste? Dize-me.
És a imagem do susto! Teu marido, o filho
de Cronos, certo, é quem te causa tanto medo!”
Responde, então, a deusa braços-brancos: “Têmis
divina, estas não são coisas que me perguntes.
Sabes do gênio altivo dele, e como é duro.
Vai, preside ao banquete dos deuses, comum
a todos, no palácio e entre os demais, os males
ouvirás, transparentes no aviso de Zeus.
Nem deuses, nem mortais hão de rejubilar-se,
mesmo quando algum deles se entregue a festins.”
Disse e sentou-se a deusa braços-brancos. Iram-se
no paço os numes. Hera faz que ri. Mas franze
azul-escuras sobrancelhas. Num rompante,
raiva: “Conjurar contra Zeus? Loucos varridos!
Chegar mais perto dele, persuadi-lo ou mesmo
detê-lo pela força? É o mais forte - diz - entre os eternos,
em valor e vigor. Só resta suportar
os males que ele manda a cada um de nós outros.
A desventura - penso - a Ares já vulnerou:
em combate morreu-lhe o mais caro dos homens,
aquele que Ares forte diz seu filho, Ascálafo.”
Disse. E Ares percutiu, mãos espalmadas, ambas
as coxas vigorosas, alto lastimando-se:
“Não vos zangueis comigo, habitantes do Olimpo,
se a vingar meu filho corro às naves negras,
ainda que a Moira imponha-me jazer golpeado
pelo fúlmen de Zeus, no pó, na sangueira, entre
cadáveres.” Falou. E ordenou ao Terror
e ao Pavor preparar-lhe o carro enquanto armava-se
do resplendente arnês. Maior, mais funda, nova
pulsão de fúria, de ódio contra os numes, Zeus
cumularia, se Atena, temendo por todos,
não cruzasse o vestíbulo, do trono erguendo-se,
e da cabeça de Ares não houvesse pronto
arrancado o elmo; do ombro o escudo; da mão rija,
a lança brônzea, longe dele posta em pé.
E verberou - palavras duras - o árdego Ares:
“Demente, miolo-mole, vais-te dar mal, não
vês? Tendo ouvidos, não ouves; sem senso, sem
compostura. Hera, braços-brancos, falou; não
a ouviste, a ela, recém-vinda de estar com Zeus?

Ou então, para cúmulo dos males, queres
no Olimpo, de volta, entre os deuses semear dores?
De Aqueus e sobreufanos Troicos descurando,
Zeus de pronto virá castigar-nos a todos,
culpados ou sem culpa, uns em seguida aos outros.
Ordeno, pois: modera a ira pelo bom filho.
Pois alguém melhor que ele no vigor do braço
ou já morreu ou vai morrer; difícil é
salvar a estirpe e o sangue de todos os homens.”
Disse. E no trono fez que sentasse o árdego Ares.
Hera chamou depois para fora da sala
Apolo e a mensageira dos eternos, Íris,
e pronunciou então estas palavras-asas:
“A ambos vos determina Zeus ir prestes ao Ida
e, tão logo chegados em face do Pai,
cumprir aquilo tudo que ele mande e imponha.”
Isso dito, Hera augusta voltou a sentar-se
em seu trono, e os dois numes levantaram voo.
Alcançaram depressa o alto Ida polifluente,
onde se nutrem feras, e sobre o gargáreo
píncaro, ei-lo sentado, o Altíssono, de nébula
toda-perfume circuncoroado. O-que-junta
-nuvens, ao vê-los, não se irritou, pois lhe haviam
seguido com presteza os ditames da esposa.
Primeiro pronunciou a Íris palavras-asas:
“Vai, corre, velocíssima Íris, a Posêidon,
e anuncia (pseudonúncia não és) minhas ordens:
que pare de lutar e de bater-se e torne
ao convívio dos deuses ou ao mar salino-
-santo; desobedeça-me o mando ou despreze-o,
mas pense antes, pondere bem na mente e no ânimo
se pode, mesmo forte, resistir-me o assomo,
pois afirmo que em força muito o sobrepujo,
além de primogênito, mesmo se clama
- coração temerário - ser igual a mim,
que os mais deuses aterro.” Falou. Íris, pés-
-de-brisa, não reluta: desce veloz do Ida
para Ílion sacra, qual neve ou geada, por Bóreas
soprada, filho de Éter, gélida alça voo;
assim Íris zelosa, célere se lança
e ao pé do Treme-terra poderoso diz:
“Ó Terra-movedor de crina azul-cerúlea,
aqui venho trazer-te um anúncio de Zeus
Porta-escudo: te ordena que pares a luta
e o combate e ao convívio dos deuses retornes

ou ao salino-santo mar; desobedeças,
desprezes seu comando, e terás de enfrentá-lo
- ameaça - e te aconselha evites o seu braço,
que em força - afirma - sobrepuja-te muitíssimo,
sendo ele o primogênito, ainda que reclames
- coração temerário - ser-lhe igual, parelho:
ele sozinho os mais deuses aterra.” Torna-lhe
irado o Treme-terra: “Céus, como é arrogante
em sua força! A mim, par em honor, com rudeza
coagir-me! Somos três, filhos de Reia e Cronos,
Zeus, eu e Hades, o rei dos mortos; tudo em três
se partiu, cada qual sorteou o seu quinhão:
a mim tocou-me o mar, cinéreo-espumejante,
lançada a sorte; coube a Hades a treva e a névoa;
a Zeus, o amplo céu, o éter, as nuvens; a terra
e o vasto Olimpo, a todos, em comum, pertencem.
Assim, não viverei como Zeus premedita;
forte que seja, fique em paz no seu domínio;
e não levante o braço para amedrontar-me
como se eu fosse um reles; antes aos seus filhos
e filhas com atrozes discursos aterre
já que os gerou e devem-lhe obediência ao mando,
ainda que a contragosto.” Íris célere, pés-
-de-brisa, lhe responde: “Ó Treme-terra, crina-
-azul, transmito a Zeus esta resposta dura?
Não queres ser flexível? Os de ânimo forte
sabem ceder. Aos mais idosos, as Erínias
amparam.” E Posêidon, Terra-tremedor:
“Íris divina, a Moira propiciou tua fala:
é bom que um núncio tenha senso do oportuno;
mas dói-me o coração e no amago me oprime
vê-lo me humilhar, áspero no tom da fala,
Zeus, que é meu igual, par de mim, na sorte símile.
Desta vez, mesmo irado, vou ceder. Mas tenho
algo a dizer (e a ameaça sai do coração):
se a despeito de mim, de Atena predadora,
de Hera, de Hermes, também de Hefesto soberano,
poupar Ílion rochosa, ao invés de arruiná-la,
para aos Dânaos não dar essa megavitória,
Zeus saiba que um rancor nos tomará, implacável.”
Falou. E o Treme-terra largou-se dos Gregos
para imergir no mar; os Aqueus consternaram-se.
E Zeus, o ajunta-nuvens, dirigiu-se a Apolo:
“Vai caro Febo Apolo, a Héctor, couraça brônzea;
o Treme-terra, o Terra-circundante já

se foi para o sagrado mar salino, à cólera
minha escapando; até mesmo a Cronos e aos deuses
ínferos que o rodeiam a notícia do embate
afinal chegaria. Melhor para nós ambos,
que, mesmo irado, tenha esquivado meu braço,
pois o prélio, sem muito suor, não findaria.
Toma agora nas mãos a égide toda-franjas
e sacode-a com força, aterrando os Aqueus;
quanto a Héctor resplendente, toma conta dele
tu mesmo, longe-flechador; lhe infunde forças,
até que em fuga as naves e o Helesponto os Dânaos
ganhem. Depois palavras e obras proverei
para os Aqueus opressos dar novo respiro."
Falou. E Febo não desobedeceu. Do alto
do monte Ida, lançou-se, vertiginoso - era o ícone
de um falcão preda-pombas, pássaro sem par
em rapidez. Ao Priâmeo Héctor, ele o encontrou
sentado; não jazia mais por terra: cobrava
novo ânimo, revendo em torno os companheiros;
excitado por Zeus, do suor e do sufoco
se libertara. O deus flecheiro lhe diz: "Héctor
Priâmide, por que, à parte do demais, te quedas
esmorecido? Alguma aflição te angustia?"
O-de-elmo-coruscante, Héctor, esmorecente,
lhe responde: "Quem és, que me interrogas, deus
excelso? Não o sabes? Ájax, brado-forte,
enquanto, junto à popa das naus, eu matava
seus companheiros, deu-me no peito com pedra
enorme e me abalou. Pensei-me já descendo
à necrópole de Hades, pois faltou-me o alento."
E Apolo, o Longiflechador, disse em resposta:
"Coragem! O Croníade te envia, a escoltar-te
e proteger-te, do alto Ida um aliado, eu, Febo
Apolo, espada-de-ouro, que, de há muito, a ti
defendo e à tua cidade pedregosa. Avante,
espicaça os inúmeros aurigas: que eles
incitem os corcéis até as naves bicôncavas;
eu por meu turno, à frente, aplanarei a rota
dos ginetes, em fuga aos Dânaos dispersando."
Falou, revigorando as forças do pastor-
-de-povos. Um cavalo, encerrado no estábulo,
nutrido de cevada, farto, quando escapa
do laço e galopando ganha as águas límpidas
do rio onde se banha, ergue a cabeça e a crina
soberba ondula sobre as espáduas; esplêndido,

ele exulta, e a correr busca o pasto das éguas.
Assim Héctor veloz pés e joelhos movia,
incitando os ginetes, pois ouvira o deus.
Como o veado galheiro ou a cabra montesa
dão caça camponeses e cães perdigueiros
e um íngreme penhasco ou um recesso umbroso
acolhe o animal, não destinado a ser presa
dos seus perseguidores; e um jubado leão,
pelo alarido atraído, assoma e todos fogem,
animosos embora; assim, filas cerradas,
os Aqueus prosseguiam, vibrando espada e lança
bigume; mas os turba ver Héctor à frente,
e aos pés de todos eles cai o coração.
Toma a palavra Toas, o valente Andremônio,
etólio de escol, hábil no dardo, excelente
na luta corpo-a-corpo; raros Aqueus na ágora
na eloquência o venciam, quando os moços porfiavam.
Ele agora é quem fala aos demais de boa-mente
na ágora: “Céus! Milagre é o que meus olhos veem!
Tendo escapado à Moira, ei-lo que já ressurge,
Héctor! No íntimo, todos pensávamos que ele
tivesse sucumbido às mãos do Telamônio!
Algum nume porém o tutelou, salvou-o.
Os joelhos de um bom número de Aqueus já dobra,
e vai seguir dobrando, penso, pois de Zeus
altíssimo há de ter auxílio, quando avança
na vanguarda dos Troicos. Faça-se o que digo:
concitemos as tropas, que tornem às naus.
Nós, porém, que nos temos pelos mais valentes,
firmes, nos postos, na esperança de contê-lo,
fiquemos, lanças altas; não ousará, mesmo
mais possesso de fúria, irromper entre os Dânaos.”
Falou. E o ouviram os demais obedecendo.
Os de Ájax, os de Teucro e Meríone e do par-
-de-Ares, Megete, como os de Idomeneu, príncipe
e senhor, convocados, os mais vigorosos,
se aprestam a bater-se contra Héctor e os Troicos;
o grosso dos hoplitas retrocede às naus.
E irrompem os Troianos em levas compactas.
Guiava-os, passadas largas, Héctor; Febo Apolo,
manto núveo, o escolta, égide franjada, luz-
-irradiante, terrível no ímpeto, artefato
de Hefesto, dado a Zeus para o pavor dos homens:
brandindo-a na mão, ei-lo à frente dos guerreiros.
Mas os Aqueus compactos resistiam. O grito

agudo de combate de ambas as facções
circunsoa; setas saem dos arcos; braços lançam
dardos; muitos na carne dos mais jovens, Ares-
-frementes, cravam-se; outros, sequioso de sangue,
caem por terra, sequer tocam a cútis alva.
Enquanto Febo Apolo erguia o escudo, firme,
sem fazê-lo tremer, mútuas flechas cruzavam-se,
tombavam muitos. Quando o agitou frente aos Dânaos,
corcéis-velozes, dando fortíssimo grito,
enturvou-lhes no peito o coração, fazendo-os
desmemoriar do impulso belicoso. Como
duas feras apavoram boiada ou rebanho
de ovelhas gordas, súbito surgindo, à ausência
dos pastores, da fosca pretidão noturna,
assim os Aqueus, frouxos, fugiram; Apolo
os punha em pânico, exaltando a Héctor e aos Troicos.
Agora, homem mata homem, a luta se espalha.
Héctor abate Estíquio, o rei dos Beócios, vesti-
brônzeos, e Arcesilau, amigo do magnânimo
Menesteu. A Medon e a Iasus Eneias prostra;
o primeiro, bastardo do divino Oileu
e irmão de Ájax; vivia longe da pátria, em Fílace,
pois matara um irmão de sua madrasta, Eríopide,
esposa de Oileu; Iasus, líder ateniense,
era filho - dizia-se - de Esfelo Bucólida.
Polidamante mata Mecisteu; Polites
abate Equio, na linha de frente; bate Agênor
divino a Clônio. Páris, por detrás, acerta
Deíoco em plena espádua, enquanto este fugia
da linha de frente; a hástea brônzea transfurou-o.
Os Troicos despojavam os mortos e os Dânaos
em alvoroço, enquanto isso, precipitavam-se
para o cavo do fosso e a paliçada, à força
coagidos a passar o muro. Héctor gritou:
“Para as naus, Troicos. Fiquem de lado os despojos
cruentos; quem eu surpreenda longe dos navios,
ali o matarei, onde o pegar. À pira
fúnebre, irmão, nem irmã hão de conduzi-lo:
será pasto de cães diante de nossa pólis.”
Falou. E aos corcéis - látego no lombo - urgiu,
de fileira em fileira, exortando os Troianos:
estes, aos gritos, guiando os cavalos, às bigas
atrelados, seguiam-no com estrondo. Apolo
os precede e seus pés esboroam os rebordos
altos do fosso; aluindo, os restos formam larga

ponte, longa, qual dista o bronze arremessado
do sítio do arremesso, quando hábil lanceiro
quer provar seu vigor. Em falanges prorrompem,
Apolo à testa, alçando a égide preciosíssima
e fazendo ruir, fácil, o muro aqueu, como
uma criança que brinca na areia e demole
a obra que edificara no seu jogo ingênuo,
movendo as mãos e os pés. Assim, ó sagitário
Febo, destruíste o muro e afugentaste os Dânaos
esforçados! Às naus chegados, uns aos outros
se exortam, levantando as mãos aos numes todos,
e orando, suplicantes. Néstor, o Gerênio,
baluarte dos Aqueus, mais que todos implora,
mãos estendidas ao celeste estelário: “Ouve-me
Zeus Pai, se alguém em Argos, fértil em trigais,
queimando em teu honor gordas coxas de boi
ou de ovelha, rogou-te que voltasse a salvo,
e lhe fazendo aceno o prometeste, Olímpio,
lembra-te disso e a data infausta afasta! Não
permitas que os Troianos derrotem os Dânaos!”
Implorando, falou. E o ponderado Zeus
trovejou ao ouvir o vetusto Neleide.
Escutando o estrondar do Porta-escudo, os Troicos
se encarniçaram mais contra os Aqueus, sequiosos
de guerra. Feito um vagalhão do mar multívio,
que catadupa borda acima de uma nau,
ao pulso da tormenta que infla as ondas, galgam
o muro os Troicos, rumo às popas, rumorosos,
incitando os corcéis, lança bigume em riste,
lutando corpo a corpo; das bigas equinas
os Troicos; das naus negras, os Aqueus, de cima,
com piques longos, pontas brônzeas, para a luta
naval. Pátroclo, enquanto Aqueus circunlutavam
com Troianos, em torno à muralha, distantes
das naus rápidas, resta à tenda do viril
Eurípilo: entretém-no a conversar e um bálsamo
sobre a chaga, que aplaca a dor atroz, lhe versa.
Mas quando se dá conta do assalto dos Troicos
ao muro, pondo em clamorosa fuga os Dânaos,
gemendo e percutindo as coxas com as mãos
espalmadas, exclama, todo-lastimoso:
“Ó Eurípilo, por mais que o careças, não posso
ficar aqui: violento combate irrompeu.
Que um escudeiro cuide de ti. Vou depressa
até o divino Aquiles, incitá-lo à luta.

Quem sabe com auxílio de um dâimon propício
o coração lhe acorde? Um aviso de amigo
é bom.” Dito isso, os rápidos pés o raptaram.
Os Aqueus, de pé firme, aguardavam o embate:
mesmo mais numerosos, aos Troicos não tinham
como afastar das naves; tampouco os Troianos,
as falanges dos Dânaos rompendo, não tinham
como entrar por navios e tendas. Cordel tenso,
nas mãos de carpinteiro exímio em seu ofício,
por Atena insuflado, à nau nivela as pranchas;
assim, de banda a banda, a luta se equitende;
por variadas naus, batem-se em combates vários.
Héctor ao glorioso Ájax acomete. Pela
mesma nau litigavam; nem aquele pode
dar cabo deste, ateando fogo ao navio; nem
pode este rechaçar aquele, que é possuído
por um dâimon. Ao filho de Clítio, Calétor,
pronto a incendiar a nau, no peito o lanceia Ájax:
tombou ressoando e a tocha escapou-lhe das mãos.
Héctor, no que seus olhos viram cair o primo
no pó, próximo à nave negra, em altos brados
aos Troianos e aos Lícios ordenou: “Troianos,
Lícios, Dardânios, bons no corpo a corpo, não
tirai o corpo em meio à luta, neste apuro,
mas resgatai o filho de Clítio; que os Dânaos
não o espoliem das armas, caído junto às naus.”
Falou. E arremessou, fúlgida, a lança em Ájax.
Falhou, mas atingiu Licófrone, escudeiro
de Ájax, filho de Mástor, de Citera: junto
a Ájax morava, desde que matara um homem
em Citera sagrada; o bronze na cabeça,
na sobreorelha fisga-o, próximo a Ájax; tomba
por terra, cai da popa no pó, membros frouxos.
Ájax crispou-se e disse a seu irmão: “Ó caro
Teucro, mataram-nos um fiel amigo, o filho
de Mástor, de Citera vindo a se hospedar
conosco; a par de nossos pais, no paço o honrávamos.
Por Héctor animoso, ei-lo agora morto. Onde
as setas célere-mortíferas, onde o arco
que te deu Febo Apolo?” Falou. Compreendeu-o
Teucro. Veio depressa a seu lado postar-se;
à mão o biflexível arco e a aljava porta-
-flechas; pronto, começa a assetear os Troianos.
Súbito, fere Clito, o fúlguro rebento
de Pisênor, amigo de Polidamante,

o fúlgido Pantoide; Clito, mãos nas rédeas,
atentava aos cavalos, guiando-os ao mais denso
das falanges renhidas, para gáudio de Héctor
e dos Troicos: o mal o colhe; resgatá-lo,
os que o querem, não podem; dardo plurilágrimo
cravou-se-lhe na nuca; do carro tombou
fora, e os corcéis, de espanto, vão ressoando a biga
vazia, aos trancos. Para-os Polidamante ágil,
passando a brida a Astínoo Protiaônio, urgido
a tê-los sempre rente e a mantê-los à vista.
Torna o Troiano à frente. E Teucro uma outra flecha
atirou, visando a Héctor, casco brônzeo. Fim
da luta junto às naus, se lhe tirasse a vida
ímpar. Mas a Zeus, mente-aguda, protetor
de Héctor, nada escapole. Frustra a glória a Teucro:
no arco perfeito, o bem torcido nervo rompe,
enquanto o arqueiro o vibra; a seta brônzeo-grávida
perde-se, transtornada; o arco lhe cai da mão.
Teucro se crispa e diz para o irmão: “Ai de mim!
Nosso desígnio de combate, certo o frustra
um demônio! Da mão, fez-me cair o arco, fez
com que o nervo recém-torcido esta manhã,
apto ao frequente voar das fleclas, se rompesse.”
E o Mega-Telamônio, Ájax: “Ó caro, deixa
o arco de lado, as flechas que um deus arrevesa,
avesso aos Dânaos. Toma a longa lança e, escudo
à espádua, com os Troicos luta, incita os nossos.
Não sem fadiga - mesmo que por fim nos domem -
tomarão as naus, belos-bancos. À luta, ânimo!”
Falou. E Teucro à tenda relegou seu arco;
às espáduas cingiu o escudo quatro-couros;
à cabeça - galhardo! - um casco de mastim,
bem-trabalhado; crina equina; e acima ondula
pluma terrível. Toma a lança pontibrônzea,
robusta, aguda, e vai prestes ajuntar-se a Ájax.
Héctor ao ver o dardo de Teucro debalde
dardejar no vazio, aos brados comandou:
“Troicos, Lícios, Dardânios, bons no corpo-a-corpo,
lembrai a fibra de homens, caros, o aguerrido
ímpeto de combate junto às naves côncavas;
os dardos de um valente dardejar no vácuo,
vi com meus olhos, obra de Zeus; conhecer-lhe
o poderio é fácil para os homens: dá
glória suprema a alguns, mas a outros desvigora
e desprotege, como agora desvigora

os Dânaos e a nós outros apoia: à luta, unos,
junto às naus: quem, de longe ou perto, a morte o alveje,
é o fado, morra; não é desonra morrer
lutando pela pátria; a salvo esposa e filhos
estarão, bens e casa intactos, quando os Gregos
com suas naus regressarem à terra nativa."
Tendo dito, excitou o ânimo e o ardor de todos.
Aos camaradas, Ájax por seu turno urgia:
"Vexame, Aqueus! Agora é morrer ou salvar-se,
e expulsar dos navios o mal que ameaça ardê-los.
Esperai, talvez - caso, elmo-coruscante, Héctor
a frota nos aprese -, regressar a pé
à pátria? Não o ouvistes incitando as tropas,
piromaníaco, a fim de queimar nossas naus?
Não a dançar, coreógrafo, convida - à guerra;
não há melhor conselho para nós, melhor
ideia: ânimo e mãos meter ao corpo-a-corpo.
Mais vale, de uma vez, ou morrer ou viver,
que um lento consumir-se em terrível conflito,
junto às naus, contra gente menos valorosa!"
Tendo dito, excitou o ânimo e o ardor de todos.
Então Héctor abate Esquédio, rei focense,
filho de Perimedes; Ájax a Laodamas,
hegêmone de infantes, filho de Antenor.
Já Polidamante a Oto Cilênio espolia,
amigo do Fileide Meges, chefe epeio.
Vendo-o, Meges lançou-se a ele; desviando o corpo,
Polidamante o golpe lhe frustrou. Apolo
não permitiu que o filho de Pântoo à vanguarda,
entre os primeiros, caísse; antes, fê-lo cravar
a lança em cheio no peito de Cresmo. Tombando,
Cresmo reboou, enquanto Meges lhe arrancava
o arnês dos ombros. Dólope, esperto-na-lança,
o investe, o Lampetide, progênie de Lampo,
raça de Laomedonte; exímio guerreiro, esse
Dólope enfiou-lhe a lança no centro do escudo;
salvou-o a sólida couraça que Fileu
trouxera de Efira, urbe à margem do Selêente;
de Eufetes, senhor-de-homens, viera esse presente
hospitaleiro, para a defesa na guerra:
eis, do golpe letal, subtrai-lhe agora o filho.
Meges, lança de freixo, pontiaguda, à cúspide
do elmo brônzeo de Dólope, crineira equina,
golpeou, cortando cerce a ondulante hipocauda,
que, ao solo, cai; no pó, púrpura nova fulge.

Enquanto Meges pugna à espera da vitória,
vem-lhe em socorro Menelau, Ares-fogoso,
que oblíquo, sem ser visto, alanceia o Troiano
e as costas lhe atravessa; a ponta enraivecida
reponta fora. Dólope tomba de boca.
Os dois então se lançam a espoliar o morto
das armas brônzeas. Héctor, porém, urge aos seus,
a todos, mas primeiro ao filho de Hicetáone,
Melanipo, o animoso, o qual, outrora, aos bois
de arqueadas pernas pastoreava, em Percote, antes
de chegar o inimigo, à altura ainda remoto.
Arribando os navios bicurvos, retornou
a Ílion, e entre os Troianos destacou-se; junto
a Príamo, quase um filho, morava; Héctor chama-o
pelo nome e com estas palavras o exproba:
“Ó Melanipo, somos tão frouxos? Não dói
teu coração perante o primo que tombou?
Não vês como despojam Dólope das armas?
Vamos, segue-me! Não há como lutar contra
os Dânaos à distância. Temos de matá-los,
ou arrasam a alta Ílion e os Troicos destroçam!”
Falou e foi em frente. Símile divino,
o outro o seguiu. Mas Ájax Telamônio aos Gregos
exorta: “Amigos, sede homens: no ânimo, honor;
uns aos outros honrai na áspera lide; quando
os homens se entre-honram, esquiva-se da morte
a maior parte; inglório e indefeso o que foge.”
Falou. E ardendo no ânimo por defender-se,
gravaram os Aqueus sua fala. Um muro brônzeo
cercou as naus. Mas Zeus incitava os Troianos.
Menelau, então, brado-estentóreo, exortou
Antíloco: “Entre os Dânaos, similar, Antíloco,
não tens em juventude, nem nos pés velozes,
nem no vigor da luta. Vamos, acomete
um Troiano, de um só bote!’ Disse e recuou
às fileiras. Urgido, da linha de frente
o outro, circungirando o olhar, se lança e o dardo
faiscante vibra; os Troicos retrocedem. Ele
não alanceia o vácuo: ao filho de Hicetáone,
no que entrava em combate, ao brioso Melanipo
o alcançou no mamilo. Tombou ressonando
e os seus olhos o escuro eclipsou. Como um cão
sobre a caça ferida, que escapa da cova
e o caçador atinge e quebranta, assim, ó
Melanipo, saltou, guérreo-furioso, Antíloco

para arrancar-te as armas. Mas Héctor repara
e rompe a turbamulta e vem de encontro ao Grego.
E não enfrenta Antíloco, ágil no combate
embora; azula como fera malfeitora
que trucidou um cão ou um pastor de bois,
e foge antes que o grosso dos homens se ajunte;
o Nestóride, assim, escapou, enquanto Héctor
e os Troianos acerbos dardos lhe atiravam,
com torvo clamor; só quando juntou-se aos seus
voltou o rosto. Leões carniceiros, os Troicos
assaltavam as naus, fiéis ao plano de Zeus,
que neles insuflava um mais-ardor e a mente
dos Aqueus languescia, tolhendo-lhes a glória.
A Héctor Priâmide, Zeus no íntimo decidira
glorificar, até que às naus o fogo flâmeo-
-divino houvesse ateado; cumprindo-se os rogos
de Tétis, funestíssimos, Zeus, mente mestra,
esperava, entrementes, ver um barco em chamas.
Desse momento então impeliria os Troianos
a recuar dos navios, dando a vitória aos Dânaos.
Assim premeditando, contra as naves curvas
urgiu a Héctor, de moto próprio já animoso.
Enfurecido feito Ares, lança-vibrante,
ou fogo em fúria em monte espesso estralejando,
sob escuros sobrolhos lampejando os olhos,
escuma à flor da boca, Héctor investiu, o elmo,
em torno às têmporas, terrível, se agitando.
Zeus Pai, o próprio, do alto éter o protegia,
somente a ele, entre tantos mais, dando honra e glória.
Restava-lhe de vida apenas lapso mínimo:
Palas Atena já o empurrava para a Moira
mortal, pelo vigor de Aquiles subjugado.
Héctor tentava agora romper as fileiras,
onde mais densas de homens e de armas de escol;
ainda que ardendo em fúria, não podia rompê-las:
resistia o esquadrão turriforme, rochedo
escarpado de fronte ao mar salino-cinza
que apara a rapidez dos ventos sibilantes
e o espumoso tumulto das túrgidas ondas.
Assim, pé firme, os Gregos opunham-se aos Troicos,
sem se intimidar. Todo-fogo, lampejante,
Héctor, de um bote, caiu de chofre sobre a turba.
Inflando-se de vento, sobre nau veloz
cai um vagalhão, ferve de espuma e a recobre;
uiva o tufão nuvioso, terrível, nas velas

e treme o coração dos nautas: morte à vista!
Assim o ânimo aqueu se abalava, convulso.
Como um leão predador, assaltando novilhas
que vão pastando ao léu num côncavo palude,
muitíssimas, e o inábil pastor, não afeito
a combater a fera e evitar a carnagem,
ora correndo à frente, ora atrás da manada
enquanto o leão ataca as novilhas do meio
e devora uma delas, espantando as outras.
Assim, defronte de Héctor e Zeus Pai, os Dânaos
fogem tomados de terror divino. A um só,
Perifetes Micênio, filho de Copreu,
o núncio de Euristeu junto à potência de Héracles,
desse péssimo pai ótimo filho em tudo,
exímio na corrida a pé, ou no combate;
no discernir também, primeiro entre os Micênios;
a esse único abateu Héctor, sobregloriando-se.
O Micênio, volvendo para trás, chocou-se
contra a borda do escudo que portava como
defesa contra os dardos, longo até seus pés.
Tropeçou. Caiu de costas. Circunsoou-lhe às têmporas
o elmo, horríssono. Pronto, Héctor acometeu,
enfiou-lhe no peito a hasta; junto aos camaradas
o matou. Deplorando-o embora, os demais, todos,
não ousam socorrê-lo: Héctor divino assusta-os.
Fugindo, os Aqueus viram-se entre as naus dianteiras,
rodeados das que estavam no seco. Os Troianos
investiam. Dessas naus mais próximas, recuaram
à força os Dânaos, para as tendas, num só corpo,
sem dispersar-se campo afora: que os continham
o pudor e o pavor; aos brados, uns aos outros
animavam-se. Néstor Gerênio, rochedo
dos Aqueus, exortava-os, lembrava-os dos pais:
“É preciso ser homem! Encarando os outros,
ter vergonha na cara! Lembrai-vos dos filhos,
e mulheres, dos pais, de vosso patrimônio,
dos vivos e dos mortos; em nome dos não
presentes, vos conclamo: Firmes! Ninguém fuja!”
Falou. E atiçou o ânimo e a fúria de todos.
Da grande nuvem sacra, que os nublava, escura,
Palas Atena a vista, então, desanuviou-lhes.
De lado a lado a luz súbita iluminou-os,
clareando seja as naus, seja a luta indecisa.
Agora viam Héctor, voz-forte, e os companheiros,
tanto os da retaguarda, que não combatiam,

quanto os que o secundavam no assalto às naus rápidas.
Coração corajoso, Ájax não tolerava
quedar-se retirado, junto aos demais Dânaos.
Salta então sobre a ponte das naus, com suas macro-
passadas, aguilhão de abordagem marítima
nas mãos, de vinte e dois côvados, reforçado
com pregos e anéis. Tal como ginete exímio,
depois de escolher quatro entre muitos cavalos,
os lança disparados ao longo do plaino
rumo à cidade grande, pela via magna, e homens
e mulheres se apinham, querendo admirá-lo,
que alternando ele salta, em pleno voo, de um a outro;
Ájax, assim, de ponte a ponte das naus rápidas,
voava a macropassadas, voz alcançando o éter,
com terríficos brados incitando os Dânaos
a defender as naus e as tendas. Nem se deixa
Héctor ficar em meio aos Troicos de couraças-
-sólidas. Feito uma águia fulva que se lança
contra um bando emplumado de aves - gansos, grous,
cisnes pescoço-longo -, à beira-rio pousadas
à busca de alimento, assim Héctor se abate
sobre uma nau cianuro-azul, à proa (e o impele
por trás a forte mão de Zeus, e instiga os Troicos).
Reacende-se a batalha junto às naus, violenta.
Enfrentam-se - direis - inexaustos, indômitos,
pela primeira vez, tão furiosa a refrega.
E enquanto combatiam, os Aqueus, a si mesmos,
não podemos fugir, diziam-se - morreremos.
Os Troianos, porém, de coração ansioso,
esperavam pôr fogo às naus, matar os Dânaos:
desespero e esperança estavam frente a frente.
Héctor, à transmarina popa de uma nau
se aferrou: bela, célere, trouxera-a às praias
de Ílion Protesilau, não mais tornando à pátria.
Em torno à nave, Aqueus e Troianos se batem
corpo-a-corpo e não ficam à espera de apoio
de flechas ou de lanças de longe atiradas;
lutando de bem perto, com um só desígnio,
tomam de machadinhas afiadas e de achas,
de piques bipontudos, de enormes espadas.
Muitos gládios de bela empunhadura negra
dos ombros ou das mãos dos contendores caem.
A terra se enegrece, encharcada de sangue.
Aferrando-se à nau, Héctor, de ambas as mãos,
segurava-se firme aos ornatos da popa.

E aos Troicos: “Acorrei com tochas e alaridos
da guerra. Este dia, que hora nos dá Zeus Pai, vale
por todos: capturar as naus que a contradeus
aqui vieram trazer males - culpa dos velhos,
que sempre que eu queria acometer as naus
me continham e aos homens punham freio. Se Zeus
altissonante a mente nos turbou, agora
ele é quem nos instiga e espicaça, ele próprio.”
Falou. E com dobrado ardor os seus se lançam
aos Dânaos. Não mais sustém-se Ájax, acossado
de dardos. Por um triz não morria ali mesmo,
pensava; e foi recuando até um banco de sete
pés de alto, e abandonou a ponte da nau uma.
Dali, de tocaia, firme na lança, repele
das naus os Troicos porta-incêndio. E a horríveis berros
espicaça os Aqueus: “Heróis, ministros de Ares,
é preciso ser homem, recordar a fibra
guerreira. Acaso, atrás de nós, temos aliados
ou sólida muralha a salvar-nos da ruína?
Não há, por perto, pólis provida de torres
onde, a resguardo, obter reforços decisivos.
Estamos na planura dos Troianos, sólida-
-couraça, dando as costas ao mar , longe a pátria.
Que nossas mãos nos salvem! Não se afrouxe a luta.”
Falou. E acometeu furioso, hasta de freixo
em punho. Troico lança-chamas que às naus côncavas
se arrojasse a queimá-las, a comando de Héctor,
o aguilhão pontiagudo de Ájax o varava:
a doze pôs por terra diante dos navios.

Canto XVI
Patrocleia

Assim, em torno à nau, belos-bancos, lutavam.
Pátroclo, pais-gloriosos, se aproxima, em prantos,
de Aquiles, o pastor-de povos, parecendo
fonte escura a verter da escarpa uma água fosca.
Ao vê-lo, comoveu-se Aquiles, pés-velozes.
E principiou por dizer-lhe estas palavras-asas:
“Por que as lágrimas, Pátroclo? Que nem menina
que corre atrás da mãe, querendo colo, e às roupas
dela se apega, e impede que caminhe, enquanto
ergue os olhos, chorosa, a pedir que a carregue;
choras que nem menina, meu Pátroclo. Acaso
trazes alguma nova aos Mirmidões, a mim?
Tem notícia de Ftia? Novas que eu desconheça?
Menécio, filho de Áctor, está vivo - dizem.
Vive também Peleu, o Eácide, entre os seus bravos
Mirmidões: muita dor a morte nos traria,
de ambos. Ou choras pelos Dânaos que sucumbem
em torno às curvas naus, gente sobrearrogante?
Fala. Nada me cales. Fica entre nós dois.”
Sofrimento na voz, tu lhe respondes, Pátroclo,
cavaleiro: “Ó Peleide Aquiles, o mais forte
dos Aqueus. Não te irrites. Grande angústia oprime
os Dânaos. Os melhores de antes, todos eles,
aos navios se acolheram, flechados, lanceados.
Ferido está Diomedes, o forte Tideide;
feridos Odisseu, bom-de-lança, e Agamêmnon;
Eurípilo, uma seta acertou-lhe na coxa.
Com toda uma farmácia, médicos os cuidam,
curam seus ferimentos. Tu, Aquiles, segues
indobrável. Que essa ira que entesouras nunca
de mim se aposse, triste herói! Que legarás
aos pósteros, se não livrares os Aqueus
da ruína, da desgraça? Desumano? Não,
não foi teu pai Peleu, cavaleiro, nem Tétis,
tua mãe. O glauco mar talásseo te gerou
e a escarpa, coração pedregoso. Se temes
um presságio divino, que tua deusa mãe,
augusta, por aviso de Zeus te soprou,
pelo menos permite-me que eu vá e que sigam
comigo os Mirmidões, levando luz aos Dânaos.
Dá-me que eu encourace os ombros com tuas armas.

Tomando-me por ti, os Troicos fugiriam,
dando respiro aos Gregos. Retomar o fôlego
na guerra custa pouco. Tropas não cansadas,
fácil, repelirão os esfalfados Troicos
das naus para os seus muros.” Falou. Suplicou.
Grande louco! Chamava a morte, a torva Quere.
Aquiles, pés-velozes, muito perturbado,
tornou-lhe: “Que me dizes, progênie-de-Zeus,
Pátroclo? Não me atenho a presságios. Não sei
disso. Minha divina mãe nenhum aviso
de Zeus soprou-me. Dói-me o coração, o brio,
que um prepotente queira despojar-me, a mim,
seu par, do prêmio que me coube em recompensa;
é uma dor angustiosa, amarga o coração.
A moça que os Aqueus concederam-me em prêmio,
que à lança conquistei, vencendo uma cidade
bem-murada, Agamêmnon, poderoso Atreide,
arrancou-a de mim, como se eu fosse um nada,
um sem-pátria. Mas fique de lado o que foi.
Não pode manter um coração colérico
perpetuamente. Eu mesmo fiz uma promessa:
não esquecer-me da ira, até que a guerra, os gritos
me alcançassem as naus. Minhas armas soberbas
põe nos ombros; conduz os Mirmidões, afins
à guerra, ao combate. Uma nuvem de Troianos
enubla, escura, azul-procela, as naus. À praia
retiram-se os Aqueus; pouca terra lhes sobra.
Troia, a pólis inteira, acode, sem temor.
Não viram lampejar o frontal do meu elmo.
Se não, de fugitivos estavam repletas
as fossas cadavéricas; mas Agamêmnon,
o rei, não soube ser amável. Circunlutam
agora em torno às naus. Diomedes não empalma
a lança enfurecida, defendendo os Dânaos.
A cabeça do Atreide, odiosa, não escuto,
gritando ordens; escuto, circunsoando, a voz
de Héctor, matador-de-homens, instigando os Troicos,
e o alarido que fazem, triunfando na guerra
sobre os Dânaos. Avança com ímpeto, Pátroclo,
salva os navios da ruína, antes que o fogo flâmeo
os queime e nos impeça a doçura da volta.
Mas segue os meus propósitos, grava-os na mente:
ganha-me grande glória, honrando-me perante
todos os Aqueus. Que eles devolvam-me a moça
pluribela e de galas e dons me cumulem.

Repelido das naves o inimigo, volta.
Se o altitonante esposo de Hera te concede
a vitória, não queiras, sem mim, dar combate
aos Troianos, afins-de-batalha: desonra
me trarias! Nem te lances, ébrio do tumulto,
trucidando Troianos, ao assalto de Ílion:
que não desça do Olimpo um nume sempiterno
para enfrentar-te: Apolo, o deus longiflecheiro,
os ama. Assim que as naus vislumbrem uma luz,
volta. Que os mais prossigam lutando no plaino.
Quem me dera que os deuses - Zeus, Atena, Apolo -
não deixassem fugir à morte os Troicos, tantos,
nem tampouco os Aqueus; só nós dois, sobrevivos,
romperíamos então os véus sagrados de Ílion!”
Isso tudo diziam, falando de um para o outro.
Ájax não mais podia com o assédio dos dardos,
por desígnio de Zeus domado, e pelos Troicos,
flecheiros ardorosos. O elmo, em torno às têmporas,
fulgurando, reboava, apavorante: flechas
e mais flechas feriam-lhe o casco bem-lavrado.
Cansava a espádua esquerda de suster o escudo
rútilo-brônzeo. E os Troicos, cercando-o de flechas,
não logravam movê-lo. Respirava a custo;
dos membros lhe escorria um abundante suor;
faltava-lhe o ar: ao mal um sobremal somava-se.
Dizei-me agora, Musas, da morada olímpica,
como o primeiro fogo ateou-se às naus aqueias.
Héctor, vibrando a megaespada, avizinhou-se;
truncou no alto, na ponta, a hasta fraxínea de Ájax;
na mão do Telamônio restou, roto, o tronco;
tiniu o pontal brônzeo, longe, caindo ao solo.
Ájax reconheceu, no coração imáculo,
a obra dos Sempiternos, e tremeu. O Pai
altitonante, Zeus, tirava-lhe das mãos
os meios de combater. Aos Troicos desejava
dar vitória. Afastou-se das flechas. À nau
o inimigo ateia fogo imbatível. Tenaz
incêndio circunflama à popa. Então Aquiles,
batendo as mãos nas coxas, dirige-se a Pátroclo:
“Progênie de Zeus, Pátroclo, guiador-de-carros,
apressa-te. Já o fogo hostil nos ronda a frota.
Que não queimem as naus, cortando-nos a fuga.
Enverga o arnês depressa, enquanto eu junto as tropas.”
Falou. De bronze coruscante armou-se Pátroclo.
Primeiro prende às pernas esplêndidas cnêmides;

ajusta-as com fivelas de prata. Depois,
em torno ao tórax veste a couraça polícroma
do Eácide, pés-velozes, fagulhando estrelas.
Às espáduas suspende a espada: bronze e cravos
de prata; então, maciço, um megaescudo. À testa
altiva coloca o elmo bem-lavrado; cauda
equina o adorna, e o encima ondulante penacho,
temível. Empalmou duas hastas vigorosas,
afeitas a seus punhos. Mas a megalança,
poderosa, pesada, não tomou do imáculo
Eácide. Só o Peleide, ninguém mais podia
sopesar, dom de Quíron, o freixo do Pélion
oferto a Peleu, bom para matar heróis.
Mandou Automedonte (a quem mais respeitava
depois de Aquiles, rompe-tropas, por ser fiel
e prestante na luta) arrear os corcéis, rápido.
Automedonte, então, atrelou os cavalos
Xanto e Balio, velozes, voando como vento.
Podarga, a Harpia equina, junto ao fluir do Oceano,
pastava, e do soprar de Zéfiro os parira.
Preso à parelha, ao lado, Pédaso, perfeito,
que Aquiles apresara no saque de Eecíone;
corcel mortal, corria ao par dos imortais.
Aquiles percorria as tendas, pondo em armas
todos os Mirmidões; feito lobos carnívoros,
no coração lupino um ímpeto furioso,
que abatem e devoram na montanha um cervo
de amplo galhame, e então, em alcateia, focinhos
vermelho-sangue, vão a uma fonte profundo-
-escura lamber - língua lábil - a água negra
à tona, e regurgitam restos da sangueira,
de ventre empanturrado e coração feroz;
assim os guias e principais dos Mirmidões
acorriam em redor do companheiro-de-armas
do Eácide Aquiles, pés-velozes. Este, ao centro,
quase-Ares, insta os porta-escudos e os corcéis.
Cinquenta as naus velozes que Aquiles, dileto-
-de-Zeus, trouxera a Troia; cinquenta homens remeiros
por navio; deu insígnias de comando a cinco
fiéis capitães. Porém, acima deles todos,
mantinha, com mão forte, o seu mando hegemônico.
A um batalhão, Menéstio, couraça-cambiante,
guiava; filho de Espérquio, rio chuva-do-céu:
da bela Polidora, filha de Peleu,
nascera, que, mulher mortal, comparte o leito

do rio-deus; mas o pai nominal ficou sendo
Boro Periério, que a esposou com dote imenso.
Do seguinte, era Eudoro o capitão, adepto
de Ares; veio à luz de uma virgem, Polimela,
a bela dançarina, filha de Filante;
amou-a o Argicida, Hermes potente, que a viu
dançar no coro da áurea sagitária Artêmide
clamorosa; furtivo, Hermes, deus benfazejo,
subiu-lhe ao quarto e com ela deitou-se; Eudoro
nasceu-lhes, bom na guerra e na corrida célere.
Mas quando Ilítia, deusa-parceira, à luz de Hélios
o trouxe; quando viu, radioso, o sol, Equecles
Actóride levou-lhe a mãe para o palácio,
cumulando-a de dons. O menino, Filante
educou-o bem; deu-lhe envolvente amor, qual
se cuidasse de um filho. À testa do terceiro
batalhão ia Pisandro Memálide, adepto
de Ares; primava em meio aos Mirmidões na lança,
exceto o companheiro e imediato de Aquiles.
Ao quarto encabeçava o veterano Fênix,
guia-de-carros; o Laércio Alcimedon, ao quinto.
Depois de os dividir e ordenar sob os chefes,
Aquiles proferiu-lhes palavras severas:
“Lembrai-vos, Mirmidões, das medonhas ameaças
que lançastes das naus velozes aos Troianos,
enquanto me durou a ira; então me acusastes
‘Cruel filho de Peleu, com fel tua mãe nutriu-te
insensível; reténs contra a vontade os teus
junto às naus; por que não voltar nos transmarinos
navios à casa, já que a bile má tomou
teu coração?’ Assim me censuráveis, todos
vós. Eis que a desejada hora da luta advém.
Corações-corajosos, fazei frente aos Troicos!”
Falou. E em todos incitou valor e ardor.
Cerram fileiras, pronto, à voz do basileu.
Assim como o arquiteto ajusta e estreita as pedras,
emurando um solar altivo contra o vento,
broquéis umbiliformes e elmos se estreitavam;
homem a homem, escudo a escudo, elmo a elmo já
se tocam; cascos, cauda equina, relampejam;
na cimeira os penachos, ondulando, esfloram-se,
tão próximos. À frente, corações-concordes,
Pátroclo e Automedonte, em armas, lideravam
os Mirmidões na luta. Aquiles, por seu turno,
vai para a tenda e tira a tampa de lavor

dedálico da bela arca, dom que lhe enviara
ao barco Tétis, pés-de-prata, abarrotada
de túnicas, de mantas, à-prova-de-vento,
de tapetes felpudos; continha uma bem-
-lavrada copa: nela, outro nenhum bebia
o vinho cor-de-fogo, e nela a deus nenhum
libava, só a Zeus. Toma-a, e a seguir, com súlfur
a purifica; n’água fluente a lava e lava
também as mãos, vertendo o vinho cor-de-fogo.
No centro do recinto, olhos para o céu, liba
o licor e ora - Zeus o via, júbilo-troante:
“Zeus Dodôneo, Pelásgico, que habitas plagas
remotas, rei da fria Dodona; teus profetas,
os Selos, te circundam, de pés-revéis-à-água,
gente-que-dorme-sobre-chão-de-terra. Outrora
ouviste minha prece, e me honraste, afligindo
os Aqueus; uma vez mais, atende o meu rogo:
no círculo das naus, eu permaneço e mando
à guerra - guia dos Mirmidões - meu companheiro.
Concede-lhe a vitória, Zeus Pai, altitroante.
No coração encorajando-o, deixa que Héctor
julgue se meu irmão-de-armas pode, sozinho,
bater-se, ou se, somente quando combatemos
juntos, suas mãos se encolerizam, imbatíveis.
Mas logo que repila dos navios a guerra
e os gritos, dá que volte para as naus, incólume,
trazendo as armas todas e o esquadrão de infantes.”
Falou. E ouviu-lhe o rogo Zeus Pai, mente sábia.
E uma coisa lhe deu, não lhe concedeu a outra:
rechaçar dos navios o tumulto e o combate,
concedeu-lhe; não deu tornasse às naus incólume.
Depois de ter libado e orado a Zeus, Aquiles
retornou para a tenda; depositou na arca
a copa, e se postou à entrada, bem defronte:
seu coração ardia por ver lutar Aqueus
e Troianos. Com Pátroclo animoso, armados,
sobreardorosos lançam-se os guerreiros contra
os de Ílion. E se espalham semelhando vespas
que, nas vias, nidificam, vivem nas veredas;
às quais provocam sempre as crianças imprudentes,
irritantes, causando malefício a todos.
Se acaso, sem querer, um viajante as disturba,
coração-aguerrido, elas, voando, o acometem,
em bando, a defender o vespeiro e os filhotes:
os Mirmidões, iguais, corações-corajosos,

saltam fora das naus. Clamor enorme ecoa.
Pátroclo estimulava - altos brados - os seus:
“Mirmidões, camaradas de Peleio Aquiles,
é preciso ser homem, lembrar o ânimo e o ímpeto;
honrar Aquiles, entre os Aqueus o mais forte
em toda a armada, nós, seus companheiros-de-armas.
Que Agamêmnon, o Atreide, amplidominador,
assuma a culpa, já que não honrou o Aqueu
mais forte.” Falou. Fúria e fibra urgiu em todos.
E rompem em tropel sobre os Troianos. Circun-
reboam as naus, ao assombroso grito aqueu.
Ao divisar o bravo filho de Menécio,
mais o auriga, em couraças coruscantes, turba-se
o ânimo dos Troicos; suas tropas se esboroam:
pensavam que o Peleide, pés-velozes, à ira,
que o prendia aos navios renunciara e aos amigos
se tivesse juntado; à ruína abissal, todos
tentam fugir. Primeiro, Pátroclo arremessa
a lança fúlgida onde o tumulto mais denso
ferve, junto à nau do ínclito Protesilau.
Fere Piracme, guia dos Peônios, capacetes-
-de-cauda-equina, vindos de Amidon, onde o Áxio
corre, amplifluente. No ombro direito o atinge. Ele
cai de costas, no pó, gemendo. Em torno, os Peônios
fogem de terror: Pátroclo tinha abatido
o seu chefe, o melhor deles todos na luta.
Rechaçando-os da nau, Pátroclo apaga o fogo.
Resta, semicombusta, a nau. Divino pânico
tumultua os Troianos. Os Aqueus rompiam
entre as naves bicurvas. E o alarido estruge.
Quando Zeus fúlguro-tonante, do mais alto
píncaro da montanha dissipa uma nuvem
túrgida e transparecem cimos, penhas, vales,
e o extremo éter se abre sob o urânio-céu,
desse modo os Aqueus, livres do fogo as naus,
ganharam fôlego; sem trégua, a luta segue;
os Troicos, sob os Dânaos-urgidos-por-Ares,
dando as costas às naus negras, ainda resistem,
embora compelidos a fugir, à força.
Disperso o prélio, escolhe cada chefe o seu
opositor. O filho de Menécio, logo,
lança aguçada, fere bem na coxa Areílico
que se voltava, em fuga: a ponta brônzea o vara;
desaba em terra, o fêmur fraturado; cai
de bruços. Menelau, no impulso de Ares, rasga

o peito de Toante, onde o escudo o descobria
e o desfibra. Arma o bote Ânflico. Prevenido,
o Fileide o vulnera, onde se engrossa o músculo,
na barriga da perna, e os nervos lhe estraçalha;
a escuridão eclipsa os seus olhos. Antíloco
Nestóride lanceia fundo, na ilharga, Antímnio,
e o bronze o trespassa. Ele cai, de borco, ao solo.
Fulo pelo irmão, Máris planta-se ante o morto;
de lança em punho ataca Antíloco. Interpõe-se
Trasimedes Nestóride, quase-divino.
Não falha o tiro: no ombro lhe acerta um lançaço;
os músculos do braço arranca, esmaga os ossos.
Máris tomba. A armadura retumba. Seus olhos
a escureza os eclipsa. Dois irmãos, por outros
dois prostrados, afundam no Érebo; parceiros
de Sarpédon, lanceiros, filhos de Amisódaro,
que à Quimera indomável, flagelo de tantos
homens, nutrira outrora. Ájax, filho de Oileu,
apanha vivo Cleóbulo, no meio da turba,
atônito; e lhe afrouxa o vigor, acertando-o
na gorja com a espada boa de empunhadura;
tinta de sangue tépido, a espada avermelha.
A Moira dura e a morte púrpura capturam
seus olhos. Peneleu e Lícon, um para o outro,
correm. Falhando, atiram no vazio as lanças.
À espada ambos recorrem. Lícon, à cimeira
do elmo-de-cauda-equina visa, mas a lâmina,
perto do punho, rompe-se. Peneleu fere-o
sob a orelha, na gorja. A lâmina, epiderme
adentro, afunda. Oscila, preso à pele, o crânio,
frouxos os membros. Pés-rápidos, a Meríone
garantem alcançar Acamas, que subia
ao carro equino. Fere-o no ombro direito. Ele
desaba, olhos nublados de névoa. A Erimante,
Idomeneu enterra o bronze atroz na boca,
por debaixo do encéfalo. Racha-lhe os ossos
brancos. Os dentes saltam. Os olhos enturvam-se.
Da boca e das narinas solta sangue. A nuvem
baça da morte o eclipsa. Cada um dos hegêmones
Aqueus, assim, abate um guerreiro contrário.
Feito lobos vorazes que assaltam cordeiros
e cabritos, roubando-os ao rebanho, à toa
dispersos pelo monte, se o pastor distrai-se;
ao vê-los, corações-timoratos, os lobos
os dilaceram; caem, assim, sobre os Troianos,

os Dânaos; deslembrados do brio, só na fuga
amargo-rumorosa os Troicos pensam. Ájax,
o grande, ardia por lancear o elmo-brônzeo de Héctor;
este, provado-em-guerra, com o escudo táureo
cobre os ombros, alerta ao silvo dos disparos.
Sabia que, no combate, a vitória é volúvel.
Ainda assim resistia, salvando os companheiros.
Como, vinda do Olimpo, uma nuvem no céu,
filha do éter divino, surge, quando Zeus
arma a tormenta, assim fragor e pavor ex-
surgem das naus: em turba, os Troicos reatravessam
o fosso: cascos-rápidos corcéis afastam
Héctor em armas, relegando os mais, que o valo,
contra a vontade, embarga. E muitos corcéis rápidos,
quebrado o timão no alto, abandonam os carros
dos príncipes no fosso. Concitando os Dânaos,
Pátroclo perseguia, furioso, os inimigos,
maquinando arruiná-los: pavor e fragor,
os Troicos, em tumulto, todas as vias tomam:
um vórtice de pó sobe às nuvens; cavalos
unicascos galopam de retorno à pólis,
longe de naus e tendas. Pátroclo aonde vê
o entrevero mais denso, para ali acorre:
homens caem sob as rodas; tombam carros troando.
Os corcéis imortais, dom de gala dos deuses
a Peleu, transpõem, sempre avançando, o valo, ágeis.
O coração à caça de Héctor move Pátroclo
(a Héctor, porém, a biga já raptara). Como
no outono, o furacão oprime e ofusca a terra,
quando Zeus lança uma água torrencial, irado
com os mortais que torcem a justiça na ágora,
violentos, afrontando o vero e o olho dos deuses;
então os rios, inchados, rompem dos seus leitos;
a torrente solapa o flanco das colinas
e se arremessa, atroando, ao mar salino-púrpura,
de roldão arrasando a lavoura dos homens;
troa assim o tropel dos cavalos troianos.
Rompidas as primeiras falanges, vai Pátroclo
obrigando o inimigo a regressar às naus
e o intento de voltar à pólis lhe barrando;
no espaço entre os navios, o rio e a alta muralha,
extermina os Troianos, vingador dos Dânaos.
O primeiro foi Prónoo: com a lança fúlgida,
feriu-o no peito nu, que o escudo descobria;
frouxos os membros, cai, reboando. Então lanceia

o Enópio Téstor; este se encolhera, atônito,
na biga bem-brunida, a mão soltara as rédeas.
Fere-o de perto, Pátroclo, no maxilar
direito, atravessando os dentes; com a lança
o iça do carro, borda-abaixo. Como um homem
sentado à ponta de um penedo, o anzol de bronze
em fio de linha, fisga n'água um hieropeixe,
assim, lança faiscante, ele o tira do carro,
boca-aberta, e de boca - sem alento - o arroja.
Depois, contra Erilau, no que o acomete, atira
um pedrouço na testa, bem no meio, rachando-lhe
a cabeça em duas partes, dentro do elmo sólido;
cai, e, ânimo-ruinosa, a morte o circuncega.
A seguir, Erimante e Anfótero, Epalte e o
Damastóreo Tlepólemo, Píris e Equio,
Ifeu, Evipo e o Argéiade Polimelo, um
após outro, ele os tomba na terra nutriz.
Sarpédon, quando viu os couraças-sem-cinto,
seus camaradas, mortos pela mão de Pátroclo
Menécio, reprovou os Lícios quase-deuses:
“Que vergonha! Para onde fugis, Lícios, à hora
de mostrar a que viestes? Vou ao encontro eu
mesmo desse homem. Quero saber quem é o forte
que a tantos causou males e quebrantou joelhos!”
Disse. E saltou do carro ao solo, todo-em-armas.
Pátroclo apeia da biga, ao vê-lo; feito abutres,
garras-em-gancho, bicos recurvos, brigando
num rochedo elevado, aos guinchos, eles dois,
opostos um ao outro, embatem-se, gritando.
Viu-o o Croníade, mente-aguda, e teve pena.
E a Hera, sua esposa-irmã, se voltou e lhe disse:
“Dói-me que o mais caro entre os humanos, Sarpédon,
a Moira-Morte o dome sob as mãos de Pátroclo.
Meu coração se agita entre dois pensamentos:
se o retiro da lácrima luta com vida,
e o reponho na terra opulenta dos Lícios,
ou se deixo que o braço do Menécio o dome.”
Então, olhos-de-toura, Hera augusta, lhe torna:
“Que palavras são essas, ó terribilíssimo
Croníade? Um ser mortal, fado há muito traçado,
tencionas sequestrá-lo à morte dolorosa?
Que o faças! Mas irás de encontro aos deuses todos!
Outra coisa direi, guarda-a dentro da mente:
se quiseres enviar Sarpédon, vivo, ao lar,
atenta que outros deuses podem intentar

livrar seus filhos caros do embate violento;
dos que lutam em torno à cidade de Príamo,
os filhos de imortais são muitos; seus pais-numes
hão de ficar furiosos. Se o dileto choras,
deixa que ele pereça no violento embate,
domado pelas mãos de Pátroclo Menécio.
Assim que a psiquê e o éon vital dele despeguem,
manda que a Morte, Tânatos, e Hipnos, o sono,
o transportem de volta ao vasto país dos Lícios,
onde a família e amigos lhe darão sepulcro,
tumba e estela, o tributo devotado aos mortos.”
Disse. E escutou-a o pai dos homens e dos deuses.
E choveu sobre a terra um orvalho de sangue,
honra ao filho dileto que, longe da pátria,
morituro aguardava, na fértil Troia, Pátroclo.
Vai um de encontro ao outro e quando, frente a frente,
Pátroclo ao auriga, alto-renome, Trasímulo
- coadjuvante do príncipe Sarpédon -, fere
no baixo ventre e afrouxa-lhe os membros; então,
jogando a lança fúlgura, Sarpédon erra
o alvo; alanceia, porém, na pá direita, Pédaso;
este, nitrindo, cai no pó; exala o fôlego
vital e arqueja, enquanto o sopro-vida evola-se.
Os outros dois empinam-se. O jugo estraleja
(Pédaso jaz no pó); as rédeas se emaranham.
Automedonte, bom-de-lança, soluciona
o impasse: desembainha de junto à robusta
coxa o gládio aguçado e ao cavalo-reserva
corta a trela. Endireitam-se os outros nos freios.
E de novo os rivais se afrontam no combate,
coração-cortante. Erra outra vez, lança fúlgura,
Sarpédon. Sobrepassa a ponta a espádua esquerda
de Pátroclo, sem nele tocar. Bronze em riste,
agora é a vez de Pátroclo: do punho, o tiro
não se despede em vão. Fere-o onde o pericárdio
clausura o coração. Feito alto pinho, choupo
ou carvalho que cai sob o fio do machado
- lenhas para navios - estende-se Sarpédon
ante os corcéis e a biga, os dedos se aferrando
ao pó sanguinolento, enquanto os dentes rangem.
Como um leão que acomete a manada e que mata
um touro fulvo e forte em meio aos bois tardonhos,
e o touro muge e morre entre as presas da fera,
assim o capitão dos Lícios porta-escudos
estertora, abatido por Pátroclo, e grita

pelo companheiro: “Ó forte entre os fortes, Glauco,
demonstra como és bom de lança e um leão na guerra;
se és mesmo valoroso, a guerra atroz te apraz!
Aos hegêmones lícios, por toda a parte, insta
que circunlutem por Sarpédon e com bronze
vem também defender-me. Desonra e vergonha
diuturnamente para ti serei se os Dânaos
me despojam das armas, a mim que em combate
diante das naus tombei, agonizante. Mostra
firmeza e força, e exorta a todo o povo lício.”
Enquanto fala, chega o fim: a morte eclipsa
seus olhos e narinas. Pátroclo, pé sobre
o peito morto, arranca a lança e o pericárdio;
a um só tempo a psiquê e o acúmen lhe desprende.
Os Mirmidões refreiam os corcéis resfolgantes,
que intentam fugir, vendo as bigas sem seus reis.
Se apoderou de Glauco a agrura da agonia,
ouvindo a voz do amigo; dói-lhe o coração
não poder protegê-lo; a mão premia-lhe o braço,
ferido pela flecha de Teucro (que assim
livrava os seus da ruína), enquanto escalava o alto
baluarte aqueu. Suplica então a Apolo, longi-
-flecheiro: “Ó Soberano, ou na fecunda Lícia,
ou em Ílion, escuta-me. Podes ouvir
onde estejas, alguém, como eu, que está sofrendo
de uma ferida feia. O braço todo punge-me,
uma dor agudíssima. O sangue não quer
estancar. Pesa-me o ombro. O punho não sustém
a lança, nem me é dado assaltar o inimigo.
Sarpédon, o melhor dos homens, está morto,
filho do próprio Zeus, que ao filho não poupou.
Tu, Soberano, cura esta ferida feia,
adormenta-me a dor, dá-me a força de instar
os Lícios ao combate e de eu mesmo bater-me
circunguardando o cadavérico despojo.”
Assim rogou. Ouviu-o Febo Apolo. Num átimo,
lhe faz passar a dor e estanca o sangue negro
da ferida atroz. No ânimo lhe incute força.
Exulta o coração de Glauco: o megadeus
escutara-lhe a prece. Primeiro concita
os hegêmones lícios: vai por toda parte
e os exorta a bater-se ao redor de Sarpédon.
Depois, a passos largos, mete-se entre os Troicos;
busca Polidamante, progênie de Pântoo,
e o divino Agenor, Eneias, Héctor, couraça-

-brônzea. Próximo deste, diz palavras-asas:
“Héctor, agora esqueces teus aliados, eles,
que expiram por tua causa, longe dos amigos,
da pátria, sem que tu os socorras? Sarpédon,
soberano dos Lícios porta-escudos, jaz
por terra, o protetor justo e forte da Lícia.
O brônzeo Ares domou-o sob a lança de Pátroclo.
Avante, amigos, raiva-no-coração, contra
os Mirmidões, que intentam despojar o morto
das armas e ultrajá-lo, ardendo por vingar
os Dânaos que abatemos junto às naus velozes
com nossas lanças.” Disse. Da cabeça aos pés
o pesar toma os Troicos, extremo, sem termo.
Embora estrangeiro, ele era o baluarte de Ílion,
Sarpédon, o melhor dos seus muitos guerreiros.
Pleniardorosos, vão todos contra os Aqueus.
Héctor os encabeça, irado por Sarpédon.
Peito hirsuto, o valente Pátroclo urge os Dânaos.
Primeiro se dirige aos já fogosos Ájazes:
“Ájazes, chegou a hora de lutar por nós,
com o valor de outrora, senão com maior!
Por terra jaz Sarpédon, primeiro a escalar
o muro aqueu. Agora é espoliar-lhe o cadáver,
ultrajá-lo, arrancando-lhe as armas dos ombros,
e, com bronze feroz, domar os que o defendem.”
Falou. Mas eles próprios ardiam por bater-se.
Cerradas as falanges, de uma e de outra parte
Troicos e Lícios, Mirmidões e Aqueus, bramindo,
enfrentam-se uns aos outros em redor do morto.
As armas dos guerreiros com fragor ressoam.
Zeus faz anoitecer sobre o torvo entrevero,
para mais enturvar a luta em torno ao filho.
Aos Aqueus, olhos-rútilos, primeiro os Troicos
repelem. Cai ferido um Mirmidão, guerreiro
não sem méritos, filho do animoso Agacles,
o divino Epigeu. Fora rei em Budeia
bem-povoada. Matou porém um primo ilustre,
e foi ter com Peleu e Tétis pés-de-prata,
súplice. Com Aquiles, rompe-esquadrões, mandam-no
a Ílion, belos-corcéis, combater os Troianos.
Ao tocar no cadáver, o fulgurante Héctor
com uma pedra acerta-lhe a cabeça. Fende-se
o crânio em dois dentro do elmo, e ele cai de cara
sobre o cadáver. Ânimo-ruinosa, a morte
o envolve. Doído pelo amigo, avança Pátroclo

por entre os vanguardeiros, ícone de açor
veloz que aterroriza gralhas e estorninhos.
Assim saltaste, Pátroclo, doma-corcéis,
sobre Troicos e Lícios, coração colérico!
E atinge Estenelau Itemeneide, dando-lhe
com uma pedra na cerviz; os tendões rompem-se.
Os da vanguarda, e o fúlgido Héctor, retrocedem.
Tão longe quanto vai uma longa azagaia,
lançada por alguém que se exercita em justa
atlética, ou na guerra, de encontro a inimigos
destroça-vidas, tanto os Troicos recuam ante
os Aqueus. Glauco, guia dos Lícios porta-escudos,
por primeiro, voltando-se, abateu Baticles,
filho de Cálcon, da Hélade, entre os Mirmidões
preeminente por bens e por benesses. Ia
no encalço de Glauco; este - o outro já muito próximo -
vira-se e em pleno peito, súbito, o alanceia:
tomba, atroando. Os Aqueus se tomam de uma dor
aguda pela queda do herói. Exultando,
os Troianos se agrupam ao redor de Glauco.
Não desmentem os Dânaos sua força, e os acossam.
Meríone mata um Troico de elmo em crista, Laógono,
bravo filho de Onétor, sacro sacerdote
de Zeus Ideu, que o povo honrava como a um nume.
Fere-o por sob a orelha e o maxilar: veloz
o sopro-vida foge-lhe dos membros; fosco
horror o envolve. Eneias dispara o bronze contra
Meríone; sob o escudo o visa enquanto avança.
Este o percebe e inclina-se, esquivando a longa
lança, que em terra afunda-se, o hastil oscilando,
tênsil, até que o forte Ares lhe estanque o impulso.
A mão robusta desferiu um golpe inútil:
vibrando em vão, a lança finca-se no solo.
O coração de Eneias enraivece. Ele fala,
então, para Meríone: “Ainda que fosses hábil
dançarino, meu dardo, caso te ferisse,
haveria, para sempre, de paralisar-te.”
Meríone, bom-de-lança, o encara e lhe responde:
“Eneias, embora tenhas coração valente,
difícil te será conter o ardor de todo
aquele que te enfrente; és, também, um mortal.
Se eu te atingir e em cheio te ferir com o bronze
agudo, então, embora forte e autoconfiante,
a mim darás a glória e ao Hades, corcéis-célebres,
a psiquê. Falou. Pátroclo, porém, reprova-o:

“Para que tanta arenga, bravo que és, Meríone?
Meu caro, não será com injúrias que os Troicos
se afastarão do morto. A terra há de cobrir
alguém, primeiro. À guerra, o braço; à ágora, a fala.
Basta de parolar! É tempo de bater-se!”
Falou e foi em frente. O deiforme seguiu-o.
Como o tumulto atroa nos vales da montanha
aos golpes dos lenheiros, e ao longe o eco soa,
assim troa, no multívio solo ctônio, o bronze,
e o couro e a pele táurea, bem-lavrados, tensos,
percutidos por gládios e bífidas lanças.
Ninguém, por mais arguto, reconheceria
o divino Sarpédon, de flechas, de poeira,
de sangue recoberto, da cabeça aos pés.
E em torno do cadáver pelejavam, moscas
num estábulo circunzoando em torno a talhas,
quando, na primavera, transbordam de leite;
pelejavam assim em torno do cadáver.
Mas Zeus não afastava os olhos-luz da luta
violenta; sempre-olhando, meditava no íntimo
quanto à morte de Pátroclo; se ali mesmo, Héctor,
fúlgido, o mataria em plena luta aos pés
de Sarpédon deiforme, num lance de bronze,
espoliando-o das armas, ou se estenderia
a outros mais o labor lutuoso da batalha.
Ponderando, melhor lhe pareceu que Pátroclo,
bravo auriga de Aquiles, continuasse acuando
mais e mais os Troianos e o elmo-coruscante
Héctor rumo à cidade, a muitos trucidando.
Primeiro o coração de Héctor desacorçoa;
este, subindo à biga, põe-se em fuga e incita
os Troicos a fugir; sente o pendor da sacra
balança de Zeus. Nem os fortes Lícios ousam
ficar, vendo o seu rei ferido ao coração,
por terra, entre cadáveres, muitos sobre ele
debruçados: inúmeros, desde que Zeus
suscitara a refrega. E os Aqueus despojaram
Sarpédon da armadura brônzeo-coruscante.
Pátroclo, aos companheiros, faz que às naus o portem.
A Apolo disse então o ajunta-nuvens Zeus:
“Do sangue escuro, Febo dileto, depura
Sarpédon, arredando-o das flechas; levando-o
bem longe, lava-o na água de uma corrente; unge-o
de ambrosia e o reveste de imortais roupagens;
depois, a portadores velozes o entrega,

aos gêmeos Sono e Morte,que o conduzirão
ao opulento e vasto país dos Lícios, onde
os parentes e amigos lhe darão sepulcro
e estela, privilégios e pompas da Morte.”
Falou. E Apolo não deixou de ouvir o Pai.
Baixa dos altos do Ida à batalha feroz.
Das flechadas arreda o divino Sarpédon.
Leva-o bem longe; lava-o na água corrente; unge-o
de ambrosia e o reveste de imortais roupagens;
depois, a portadores velozes, o entrega,
aos gêmeos Sono e Morte, que o conduzem presto
ao opulento e vasto país do povo lício.
Mas Pátroclo, aos corcéis e a Automedonte, o auriga,
insta, lançando o carro no encalço de Troicos
e Lícios. Louco! Foi erro grande. Se houvesse
escutado o Peleide, à Quere má e à Morte
tenebrosa talvez fugisse. Mas, a Zeus,
mente sobremortal, é fácil aterrar
um valente e privá-lo da vitória, mesmo
que à luta o haja instigado. Zeus inflamou Pátroclo.
Quem mataste primeiro, quem por derradeiro,
quando os deuses à morte chamavam-te, Pátroclo?
Os primeiros, Adrasto, Êqueclo eAntônoo; Périmon
Megade e Melânipo e Epístor; depois,
Pilarte e Épaso e Múlio; a estes desbaratou
e afugentou os outros. Pelas mãos de Pátroclo,
os filhos dos Aqueus teriam já conquistado
Ílion, altos portais, com tal rompante o herói
brandia a lança. Apolo, à torre bem-construída
se postando em socorro aos Troicos, lucubrava
coisas lutuosas. A escalada do espigão
da torre altiva, por três vezes, tentou Pátroclo;
três vezes a divina mão golpeou-lhe o escudo
fúlgido e o repeliu. Mas quando, igual demônio,
lancou-se a quarta vez, palavras-asas Febo
proferiu-lhe: “Detém-te, Pátroclo, progênie
de Zeus. Não é teu fado derrocar à lança
Troia altiva; tampouco o do Peleide, tão
mais forte.” Falou. Para trás, bem para trás,
recuou o herói, furtando-se à fúria de Apolo
Arqueiro. Às portas Ceias, Héctor os seus corcéis
unicascos refreia. Hesita entre voltar
à luta, ou com as tropas se abrigar nos muros.
Refletia, quando o deus postou-se ao lado dele,
a um homem semelhando, forte e no verdor

da idade: ao tio materno do doma-corcéis
Héctor, a Ásio, que, junto ao frígio rio Sangário,
construíra seu palácio, irmão de Hécuba (o pai
Dímante). Similar a ele, exclama o divino
Apolo: “Héctor, por que desistes do combate?
Não te deves deter! Se eu te excedesse em força
(e não te excedo!), então te arredarias da pugna,
contristado. Ao invés, lança de encontro a Pátroclo
teus corcéis unicascos: se Apolo o dá, triunfas!”
Falou. E na refrega dos homens o deus
de novo entremeteu-se. E a Cebríone aguerrido
Héctor manda fustigue os cavalos, enquanto,
imerso no entrevero, Apolo, entre os Aqueus
causando um torvelinho torvo, a Héctor gloria
e aos Troicos. A outros Dânaos, o herói poupa, só
de encontro a Pátroclo açulando os unicascos
cavalos. O Aqueu salta da biga no solo.
À mão esquerda empunha a lança; pedra aguda,
marmóreo-branca à mão direita dissimula;
firmando-se, com força a atira e quase acerta
no homem que mira; não foi vão, porém, o tiro:
fere Cebríone, auriga de Héctor e bastardo
de Príamo, que detinha as rédeas da parelha.
Entre os seus olhos entra a pedra aguda; esmaga-lhe
as sobrancelhas, estralando os ossos; caem-lhe
os olhos no pó diante dos pés; do carro - ícone
de mergulhador - tomba; o ânimo vital
sai-lhe dos ossos. Tu, Pátroclo, então lhe dizes
zombando: “Que homem mais ágil, deuses! Que lindo
salto! Se fora em águas piscosas a muitos
satisfaria, pulando da nau atrás de ostras,
mesmo em mar proceloso; como agora tomba
- lindo salto - da biga bem-lavrada em terra.
Mas que ágeis acrobatas há entre oe Troianos!”
Falou. E sobre o herói caído ele se arremessa
com ímpeto de leão, ferido ao peito quando
assaltava um redil, que de coragem morre.
Assim, com fúria, Pátroclo, investes Cebríone!
Por seu turno, do carro ao solo Héctor apeia.
Em torno de Cebríone digladiam-se como
dois leões famélicos no píncaro de um monte
se batem por um cervo morto, corações-
-fogosos. Desse modo, ao redor de Cebríone,
os dois mestres-de-guerra, Pátroclo e Héctor fúlguro,
um a visar o corpo do outro com o pique

brônzeo. Aferrando o crânio do morto, Héctor não
o larga. Ao invés, pelo pé o agarra Pátroclo.
Os mais, Troicos e Aqueus, na luta se engalfinham.
Como entre si competem nas brenhas dos montes
Euro e Noto, e sacodem toda uma floresta
de cortíceos cornisos, de robles e freixos,
e uns com outros os longos ramos se entrebatem,
reboando, entre o fragor das frondes fraturadas;
assim, uns a outros, Dânaos e Troicos se entestam,
e, desdenhando a fuga funesta, se matam.
Tantas lanças agudas em torno a Cebríone
plantam-se; tantas flechas aladas do tênsil
arco voam; tantas rochas socam megaescudos
dos que ao redor se batem: mas no pó, num vórtice,
grão-jacente, ele, grande, olvidando os corcéis.
Até que a meio-céu Hélios-Sol subisse, os dois
lados se entrelancearam: houve muitos mortos
quando o Sol declinou - à hora em que se disjungem
os bois - então os Dânaos, a contradestino,
se avantajaram: para longe do entrevero
retiraram o corpo, espoliando-o das armas.
Mente-ruinosa, Pátroclo assalta os Troianos.
Três vezes, similar ao rápido Ares, salta
urrando, pavoroso: três vezes nove homens
trucidou. Mas, igual demônio ao quarto assalto
prestes, então o fim tu vislumbraste, Pátroclo.
Em meio ao torvelinho, Apolo vem-lhe ao encontro,
temível; não o vê, rompendo em meio à turba,
Pátroclo: se eclipsara o deus em névoa espessa.
Por trás, com mão pesada, Apolo nas espáduas
e no dorso bateu-lhe: transtornou-lhe os olhos.
Da cabeça arrancou-lhe o elmo que, ao se soltar,
rolou tinindo sob os cascos dos cavalos,
a crineira manchada de poeira e de sangue;
antes jamais o casco, quatro-pontas, crina-
-equina, maculara-se de pó: cobria
cabeça e testa - belas! - de Aquiles divino.
Zeus o doa, agora, a Héctor, que a cabeça o porte,
pois o instante da morte já lhe estava próximo.
A lança longa-sombra se parte na mão
de Pátroclo, pesada, forte, brônzea cúspide;
o escudo longo até os pés, de franjas, descai-lhe
das espáduas, rompido o talim. Febo Apolo,
filho de Zeus, afrouxa-lhe a couraça. A mente
fosca, moles os belos membros, para, pasmo:

alanceiam-no a meio-dorso. Era o Pantoide Euforbo,
entre os coetâneos Troicos o melhor na lança,
corredor velocíssimo e auriga notável.
Já dos corcéis tombara uma vintena de homens,
guerreiro-aprendiz, tão logo assoma em seu carro.
Ele, o primeiro a desferir-te um golpe, Pátroclo,
guia-corcéis, porém não te doma: à turba mescla-se,
correndo, extraído o freixo do teu corpo: teme
lutar contigo, Pátroclo, mesmo nu de armas.
Pelo golpe do deus e pelo dardo, Pátroclo,
dominado, recua aos seus, para alijar
a Quere. Héctor ao ver o ânimo-ardente Pátroclo
retrocedendo, por bronze agudo alijado,
dele se acerca, por entre as falanges; vara-o
no baixo-ventre, de través, com brônzea lança:
tomba-o, reboando; grande luto para os Dânaos.
Como leão, que a um javardo indômito submete,
tendo os dois combatido, corações-fogosos,
no alto de um monte, em torno a exígua fonte, os dois
ávidos de beber - e o leão ao javali
já sem fôlego abate; assim o Priâmide Héctor
ao filho de Menécio, matador de inúmeros,
extrai o sopro-vida; estas palavras-asas
diz-lhe exultante: “Pátroclo, arruinar-me a pólis
e às mulheres de Troia roubar a liberdade
e nos navios levá-las - certo, acreditaste.
Louco! Por elas os corcéis velozes de Héctor,
galopando, se lançam à luta. Eu, melhor
que os belicosos Troicos, todos, na lança, eu
dos dias de opressão sou quem os salva. Os abutres
hão de comer-te aqui. Pobre! Nem mesmo Aquiles
pode valer-te. O bravo que te aconselhou,
ficando, à tua partida: ‘Não voltes às naus,
Pátroclo, não sem antes a Héctor homicida
haver rasgado o peito e ensanguentado a túnica.’
Assim, por certo, persuadiu teu senso insano.”
Já esmorecendo Pátroclo, guia-carros, diz-lhe:
“Blasonas, Héctor! Grande vantagem! Zeus Pai
e Apolo concederam-te a vitória! Fácil,
para eles dominar-me! A armadura, dos ombros
eles próprios tiraram-me. Vinte guerreiros,
iguais a ti, comigo me entestando, a todos
alancearia. A Moira atroz matou-me e o filho
de Latona, e um humano, Euforbo. És o terceiro
a me dar fim. Mas algo mais direi (que o graves

na mente!): Muito não viverás. Já emparelham
contigo a morte e a Moira acerba. Às mãos de Aquiles
morrerás, o Eácide sem mácula.” Falava
ainda, quando, extremando-se, a morte eclipsou-o.
A psiquê se evolou dos seus membros. Baixou
ao Hades deplorando a juventude e a força
perdidas. Fúlgido, Héctor respondeu ao morto:
“Por que me agouras, Pátroclo, um ruinoso abismo?
Quem sabe Aquiles, filho de Tétis, cabelos-
-lindos, por mim lanceado, antes exale o alento?”
Falou, e da ferida arranca a lança brônzea,
calcando o corpo morto e o virando de face.
Volta-se, então, de pronto, para Automedonte,
o auriga, igual-a-um-deus, de Aquiles, pés-velozes,
no intento de alanceá-lo. Mas, ambrósio-rápidos,
os corcéis de Peleu - dom divino - o arrebatam.

Canto XVII
Aristeia: A Gesta de Menelau

A Menelau Atreide, predileto de Ares,
não escapou que Pátroclo, domado pelos
Troicos na luta, caíra. Avança, todo em armas,
relâmpago de bronze através da vanguarda:
circunguarda o cadáver como a mãe primípara,
inexperta em dar cria, ao redor do bezerro.
Assim o louro Menelau em torno a Pátroclo,
lança e escudo, aguardando ansioso os inimigos.
Mas o filho de Pântoo, bom-de-lança, não
descura do jacente Pátroclo, sem-mácula;
a Menelau, dileto de Ares, diz, de cerca:
"Ó Menelau Atreide, progênie de Zeus,
guia-do-exército, afasta-te, larga o sangrento
espólio! Antes de mim, ninguém, Troico ou aliado,
golpeara com a lança, na luta cruel, Pátroclo.
Deixa que entre os Troianos eu colha a vitória,
senão te firo e te arrebato a vida-mel."
Responde-lhe irritado o louro Menelau:
"Por Zeus! Sobreufanar-se além-medida é mau!
Nem leopardo, nem leão exibe tanto orgulho,
nem feroz javali, instinto ruim, blasona
tanto o vigor que lhe ensoberba o coração,
quanto os filhos de Pântoo, bons-de-lança, jactam-se!
O hiperfátuo ginete Hiperênor, no entanto,
mesmo forte, não fruiu da juventude, ao vir-me
afrontar com insultos: cria-me, entre os Aqueus,
o mais fraco; já não poderá com seus pés
voltar à casa, à esposa e aos pais dando alegria.
Eu, teu furor também o abaterei, se ousares
encarar-me: é melhor que sumas entre a turba
- é um aviso! - em lugar de enfrentar-me e sofrer
um mal: os tontos tardam em render-se aos fatos!"
Falou. Não surpreendido o Troico replicou-lhe:
"Ó Menelau, progênie de Zeus, chegou a hora
de me pagares por matar meu irmão - falas
dele exultando! - e mais, por enviuvar-lhe a esposa
no tálamo recente e enlutar nossos pais.
Aos pobres, em sua dor, eu daria um conforto,
se tua cabeça e arnês me tocasse levar
e ofertá-los a Pântoo e a veneranda Frôntide.
Mas por mais tempo não demore essa disputa,

sem que se prove quem vence a luta e quem foge.”
Falou. E golpeou, súbito, o escudo equicêntrico.
Mas o broquel não rompe e a lança encurva a ponta
contra o sólido bronze. Menelau investe
por sua vez, levantando uma prece a Zeus Pai.
Retrocede o oponente, mas o bronze o fere
à raiz da gorja. Fiado no seu braço, o Atreide
calca a mão: lado a lado, o bronze a pele tenra
transfura. Atroando, Euforbo tomba e o arnês ressoa.
O sangue ensopa-lhe os cabelos, de ouro e argento
entramados em cachos, à imagem das Cárites.
Como se dá quando alguém cuida de florentes
rebentos de oliveira, em gleba solitária,
banhada de água farta, e a bela planta exposta
aos ventos mais variados, rebenta em florada
alvíssima, até que uma rajada a desraíze
em turbinoso impulso e sobre o solo a arroje:
assim a Euforbo, bom-de-lança, Menelau
despoja da armadura, após tê-lo abatido.
Como um leão montês, fiado em sua força, rapina
do rebanho que pasta a mais bela novilha,
e lhe quebra a cerviz com os dentes possantes,
para então dessangrá-la e devorar-lhe as vísceras,
dilacerando-a e, à grita dos pastores, cães
ululam e uivam, mas de longe, que não ousam
afrontá-lo, tomados de verde-cloroso
pavor; assim no coração não se animava
ninguém a fazer frente a Menelau glorioso.
E facilmente o Atreide as armas do Pantóride
teria arrebatado, se por ciúme Apolo,
agastado, contra ele não houvesse urgido
Héctor, símile de Ares ardente; no aspecto
de um ser mortal, o hegêmone cicônio Mentes,
acercou-se do Priâmeo com palavras-asas:
“Héctor, corres em vão à busca do intangível,
os cavalos de Aquiles, corações-fogosos,
difíceis de domar e de guiar por humanos,
salvo o Eácide, gerado por mãe imortal,
enquanto Menelau acaba de matar,
em guarda a Pátroclo, o melhor dos Troicos - que ora
jaz aplacado em seu ardor guerreiro - Euforbo.”
Disse. E à lida dos homens o deus retornou.
Dor funda o coração de Héctor circum-negreja;
alonga o olhar: um jaz, outro de armas ilustres
o despoja; e a ferida aberta escorre sangue.

Entre a vanguarda, avança, brônzeo-coruscante,
aos brados, ícone da heféstea flama, nunca
extinguível. O Atreide não deixou de ouvir-lhe
o clamor. Perturbado diz ao animoso
coração: “Ai de mim! Se as armas largo e Pátroclo,
que aqui tombou, tentando me desafrontar,
qualquer dos Aqueus, vendo isso, a mim, em má conta.
me teria; se combato só os Troicos e Héctor,
por brio, temo que - um só - muitos me cercarão.
Elmo coruscante, Héctor para aqui conduz
o grosso dos Troianos. Coração, por que
me ponderas tudo isso? Se um homem enfrenta,
a contrademo, um outro, dileto de um nume,
atrai ruína; nenhum Aqueu me pode ter
em má conta, se evito Héctor, que os deuses guiam.
Ah! Se eu pudesse ao menos ouvir Ájax, bom-
no-grito-de-guerra, e ambos nós, comemorando
o retorno ao combate - ainda que a contrademo -,
resgatássemos para Aquiles o cadáver!
Menor seria o mal.” Mente e ânimo agitavam-se,
pensando; nisto os Troicos acometem, Héctor
à frente. Menelau larga o morto, e aos recuos,
mas sempre se voltando, qual barbirrevolto
leão, que cães e pastores do redil expulsam
com lanças e bramidos; e ele, enregelando
o coração fogoso, ainda que a contragosto,
se vai: assim o louro Menelau de Pátroclo
se aparta, até chegar às falanges aqueias.
Então para e se volta; o Mega-Telamônio,
Ájax, busca. Descobre-o: ei-lo à esquerda do campo
de luta, encorajando o exército e exortando-o
a bater-se, que Apolo espalhara o terror
sacro. Para ele corre e lhe diz em voz alta:
“Aqui, meu caro. Cumpre-nos defender Pátroclo
morto; ao menos levar para Aquiles seu corpo
nu: espoliou-o das armas Héctor, elmo-rútilo.”
Falou. E urgiu o coração fogoso de Ájax.
Este, com Menelau, vanguarda adentro, avança.
Héctor, após tirar a armadura de Pátroclo,
arrasta-o e, com bronze afiado, quer dos ombros
decepar-lhe a cabeça e arrojar-lhe aos cães troicos
o tronco. Ájax se acerca, atrás do alto pavês
turriforme. Héctor se retrai, junta-se aos seus.
Salta então para a biga, ordenando aos Troianos
que levassem à pólis - grande glória! - as armas

belas. Ájax, o escudo em torno a Menelau,
se posta, feito leoa que defende os filhotes,
quando os guia, mata adentro, e se defronta súbito
com caçadores; cônscia de sua força, enruga
o sobrecenho, até quase eclipsar os olhos.
Assim Ájax guardando o cadáver do herói.
O Atreide Menelau, dileto de Ares, este
no peito a dor nutria; Glauco Hipoloico, chefe
lício, enfuscando o olhar, fala duro com Héctor:
“Héctor, teu belo aspecto não condiz com tua
conduta na batalha: ficas muito abaixo!
Glória vã te circunda: estás sempre a fugir.
Trata de defender cidade e cidadela
sozinho; conta, de ora em diante, só com Troicos.
Lício algum, de ora em diante, lutará com Dânaos
por tua pólis: não há gratidão para com
os que, sem trégua, batem-se com o inimigo.
Infeliz! Como a um simples guerreiro, no embate,
salvarias, se a Sarpédon, teu hóspede e amigo,
abandonaste - presa e botim - aos Aqueus;
a ele que, quando vivo, a ti e à pólis tanto
valeu: e agora o deixas como pasto aos cães!
Ora, se os Lícios dão-me ouvido, para casa
voltaremos. Um fim ruinoso para Troia!
Se um ardor pleniaudaz animasse os Troianos,
esse valor que insufla os homens que se batem
pela pátria e combatem sem trégua o inimigo,
já chegara a Ílion sacra o cadáver de Pátroclo!
E se adentrasse a pólis do grande rei Príamo
seu cadáver por nós tirado da refrega,
não só as belas armas de Sarpédon, mas
também seu corpo, aos Dânaos, nós resgataríamos,
já que o morto é o amigo do Aqueu mais possante
da armada, a quem só escoltam guerreiros de escol.
Mas tu não te atreveste a enfrentar o heroico Ájax,
meganimoso, e olhá-lo nos olhos, à grita
do inimigo; é mais forte que ti, não o encaras.”
De viés Héctor o mira e, elmo-rútilo, fala:
“Glauco, tu que és quem és, por que me falas ultra-
-agressivo? Pensei que, na mente prudente,
primavas entre os Lícios, de fecundas terras;
mas agora desminto essa fala demente,
quando afirmas que temo arrostar o gigante
Ájax! Não, eu não temo a batalha e o tropel
dos corcéis. Só de Zeus, o Porta-escudo, a mente

pode mais. Afugenta um valente e lhe tira
a vitória, num ai. Pode à luta instigá-lo
também. Fica, meu caro, junto a mim; vigia
meus atos, o dia todo. Vê, se como arengas,
sou um fraco, ou se a todo Aqueu, mesmo ao mais bravo
eu não hei de me opor pelo corpo de Pátroclo!”
Falou. E com seus brados incitou à luta
os seus: “Troianos, Lícios, Dardânios, exímios
no corpo-a-corpo. Sede homens. Lembrai de vossa
força impetuosa até que eu me invista das armas
de Aquiles, que arranquei do cadáver de Pátroclo!”
Dito isso, Héctor se afasta da luta atroz, elmo-
-rútilo. Aos companheiros se acerca, depressa:
não iam muito à distância, e ele os segue, pés-rápidos,
enquanto à pólis portam o arnês do Peleide.
Longe da multilácrima batalha, estaca
e troca de armadura; aos Troicos aguerridos
manda levem-lhe o arnês a Ílion e enverga as armas
ambrósias do imortal Aquiles, dom dos numes
do Urânio ao pai Peleu, que ao filho as repassou,
quando velho; porém, Aquiles Peleio nelas
não envelheceu. Zeus, ajunta-nuvens, viu-o,
de longe, revestir-se das armas divinas.
Move a cabeça e diz ao próprio coração:
“Desventuroso! Ânimo adentro não te ocupas
de Tânatos - a morte - que te está vizinha!
Veste armas ambrósias de imortal herói
que a todos mete medo. O bom e bravo amigo
lhe mataste e, vilmente, da fronte e dos ombros
o espoliaste das armas; grande glória, entanto,
será tua recompensa, pois da luta a Andrômeda
não tornarás, nem lhe trarás tão nobres armas!”
Sobrancelhas cianuro-azuis, anui e acena
o Croníade, ajustando o arnês ao corpo de Héctor.
Bélico, Ares Eniálio infunde-se em seus membros;
dá-lhe ardor e vigor. E alto-bradando, o herói
volta aos bravos aliados; armas lampejantes,
parece, a quem o vê, Aquiles, grande-de-ânimo.
Um por um, a seu turno, a todos estimula
e exorta: Mestles, Glauco, Medon e Tersíloco,
Asteropeu, Disénor, Fórcis mais Hipótoo,
e Crômio e Enomo arúspice. Para animá-los,
profere estas palavras-asas: “Escutai-me,
tribos inúmeras, aliados, convizinhos:
não por amor ao grande número, à pletora,

vos convoquei, de vários sítios, até aqui,
mas para defender as mulheres de Troia
e os filhos, de boa-mente, contra os Gregos bélicos.
Tendo isso em mente, dessangrei meu povo em víveres
e dons, para exaltar-vos o ânimo e incitar-vos;
agora, pois, de encontro aos inimigos, é
morrer ou vencer: eis o intercurso da guerra.
A quem logre arrastar Pátroclo, já um cadáver,
até os Troianos, doma-corcéis, e arrostar-se
com Ájax, eu darei metade dos despojos;
a outra me cabe: glória igual partilharemos."
Falou. E todos, contra os Dânaos, duramente
investem, enristando as lanças, coração
à espera de arrancar do Telamônio o morto.
Loucos! A muitos, sobre o cadáver, o sopro-
-de-vida extinguirá. A Menelau, potente-
-grito-de-guerra, diz: "Caro amigo, progênie
de Zeus: nós dois, sozinhos, não creio escapemos
vivos da luta: não temo tanto por Pátroclo,
que em breve saciará abutres e cães troicos,
mas por nossas cabeças; temo que soframos
algo de ruim: nuvem de guerra, a tudo eclipsa
Héctor, que suscita, ante nós, a morte abísmea.
Mas vai, apela aos príncipes Dânaos, se acaso
te possam escutar!" Falou. E Menelau,
bom-no-grito-de-guerra, não discrepou. Alto-
-bradando, para ser ouvido: "Ó vós, hegêmones,
e conselheiros aqueus; vós que nos banquetes
dos dois Atreides - de Agamêmnon e do louro
Menelau - bebei graças ao povo e ostentai
insígnias de comando: honra e glória vou deu
Zeus. Distinguir os chefes no furor da guerra
é difícil. Por vós mesmos acorrei, ânimo-
-revolto à ideia de Pátroclo entregue aos cães troicos!"
Falou. E o veloz Ájax Oileide ouviu-o bem.
E, primeiro de todos, no entrevero mete-se;
Idomeneu o segue, mais Meríone, o auriga,
símil a Ares Eniálio, matador-de-gente.
Como dizer de cor o nome deles todos,
os que vindos depois reanimaram a guerra?
Os Troianos irrompem num tropel; à testa
Héctor. Se à foz de um rio, que a chuva de Zeus incha,
muge, contra a corrente, um vagalhão enorme,
e as escarpas das praias circuntroam ao vômito
do mar salino, assim o alarido dos Troicos

avançando. Mas, de ânimo unido, os Aqueus
cercam o corpo morto, cerrando fileiras,
muro de broquéis brônzeos; Zeus derrama, em torno
aos elmos lampejantes, densa névoa, pois
não malprezava o morto, desde quando, em vida,
auriga do Peleide; não o queria presa
dos cães troianos; move assim os companheiros
a defendê-lo. Os Troicos, primeiro, puseram
em fuga os Dânaos, olhos-rútilos, que largam
o cadáver; nenhum deles, porém, foi morto
pelos Troicos soberbos (não por gosto!): só
tencionavam puxar o cadáver. Por pouco,
ficam longe os Aqueus. Ájax, no aspecto e feitos
primando (Aquiles só o excede) os faz retornar.
Atravessa as fileiras da frente - um javardo
feroz, que dispersa, ágil, cães e caçadores,
nos montes, bosque adentro, no que vira e ataca;
assim, de Telamônia estirpe, Ájax, esplêndido,
ágil, dispersa, em nova investida, as falanges
troianas que, cercando Pátroclo, planeavam
arrastá-lo à cidade e conquistar a glória.
Ora o filho de Leto, Pelasgo, o esplendente
Hipótoo, vai, por um dos pés, puxando o morto,
em meio à luta cruel, preso pelo talim
aos tornozelos, para gáudio de Héctor Priâmeo
e dos Troicos. O azar o colhe, e os seus, embora
contra a vontade, tolhe. Varando a turba, Ájax,
cara a cara, o golpeia no elmo viseira-brônzea;
rompe-lhe o casco, cauda equina, a ponta aguda
da rija lança, manejada por mão forte;
pelo caule do hastil, o encéfalo escorreu,
sangrento, da ferida aberta; o ânimo esvai-se-lhe
e a mão solta por terra o pé do grande Pátroclo;
tomba de boca sobre o cadáver, distante
da sua Larissa, férteis-glebas, sem poder
retribuir o carinho dos pais - vida breve
a dele, morto à lança pelo Telamônio.
Héctor, lança-luzente, dardeja, pronto, Ájax,
que o percebe e se esquiva do lance de bronze,
por um triz; em lugar dele, alveja o melhor
dos Focenses, Esquédio, filho do nobre Ífito,
que tinha seu palácio em Pânope, famosa,
senhor de muita gente; acerta-o na clavícula,
em cheio; a ponta brônzea afunda e sai pelo ombro;
tomba, ressoando; o arnês, sobre ele, repercute.

Ájax fere a meio-ventre, no epigástrio, o bélico
Fórcis, filho de Fênope, que ao pé do morto
Hipótoo estacara. Rompe-lhe a couraça
chapeada. O bronze vara-lhe as vísceras e ele
empalma a terra com as mãos, caindo no pó.
A vanguarda troiana retrai-se, e Héctor fúlgido.
Os Aqueus, gritando alto, arrastam os cadáveres
de Fórcis e de Hipótoo e os despojam das armas.
Para Ílion, dominados pelos Aqueus, de Ares
prediletos, os Troicos, desfibrados, já
regressariam, aos Dânaos dando o triunfo, mesmo
a contra-Zeus, por seu valor e vigor, não
fora Apolo, em figura do filho de Epítio,
o sábio arauto Perifante, urgir Eneias
(o arauto envelhecera servindo-lhe o pai):
“Como, Eneias, salvar Troia altiva a contradeus?
Outros vi, no valor e no vigor confiados,
na fibra dos seus homens, não tão numerosos,
o conseguiram. Zeus, mais que aos Gregos, a nós
quer vitoriosos. E fugir da luta, em pânico?”
Falou. E Eneias, reconhecendo, no encará-lo,
Apolo, o-que-de-longe-flecha, a Héctor conclama
em altos brados: “Héctor, e vós outros, chefes
dos Troianos e aliados - que vexame! - acuados
por Aqueus, prediletos de Ares, regressar
para Ílion, dominados por faltar-nos fibra.
Agora, ao pé de mim, se faz presente um deus,
e diz que Zeus, mensurador excelso, está
conosco no combate. Aos Dânaos, pois! Sem óbice,
não deixemos que às naus levem Pátroclo morto!”
Falou. E se lançando, à frente, na vanguarda,
estaca. Os Troicos voltam-se e enfrentam os Dânaos.
De cara Eneias lanceia Leócrito Arisbântide,
companheiro, valente na guerra, do bravo
Licomedes. Dileto de Ares, este, diante
do caído se comove. Acercando-se, alveja,
lança fúlgida, o Hipásida Apisáone, forte
pastor-de-homens: o fígado, sob o diafragma,
lhe vasa: tomba, joelhos frouxos, o mais forte
dos que vieram da Peônia, glebas-férteis. Dele
se compadece Asteropeu (que o superava,
único). Ares-movido, mente impetuosa, ei-lo
que assalta os Dânaos; não consegue nada: um muro
de escudos e de lanças em riste os cercava
e a Pátroclo. Instigando a todos, lhes ordena

Ájax: ninguém recue para longe do morto,
nem se ponha a lutar à vanguarda dos Dânaos;
que fiquem rente ao corpo e se batam de perto!
Eis como, gigantesco, Ájax comanda. A terra,
encharcada de sangue, empurpurava; uns sobre
os outros, desabavam cadáveres: Troicos,
seus hiper-animosos aliados, ou Dânaos;
estes também sangravam, mas em menor número
pereciam; uns aos outros, no embate, evitavam
a morte abísmea. Assim, quase-incêndio, lutavam
e extinto o sol e extinta a lua já se diria;
circum-nublados, os melhores cercam Pátroclo,
resistindo. Os demais, Troianos e Aqueus, belas-
-cnêmides, pelejavam à luz clara, sob
o éter sereno; os raios agudos de Hélio-Sol
difundiam-se; nenhuma nuvem, sobre a terra
ou sobre os montes, à vista. Entre pausas, pugnam
e se esquivam das setas acerbas, recíprocas,
mantendo-se à distância; mas os do miolo, estes,
os mais fortes, penavam, na guerra enevoada,
pelo bronze feroz exasperados; só
Trasimedes e Antíloco, esses dois somente
não sabiam do assassínio de Pátroclo; tinham
por certo que, com vida, na linha de frente
desse combate aos Troicos; postando-se à parte,
evitavam a morte e a fuga dos Aqueus,
ordens de Néstor, que das naus à luta os urge.
Para os demais, o dia inteiro, a grande pugna,
o áspero embate em torno do auriga de Aquiles
se acirrava, sem tréguas. O cansaço, o suor
e a poeira os empapavam dos joelhos às pernas,
até os pés, e tisnavam-lhes as mãos e os olhos.
Assim como o senhor entrega aos servidores
uma pele de boi, de um megatouro, imersa
em gordura, ordenando que a estiquem; e em círculo,
afastando-se, a puxam todos, e a umidade
se escoa e o couro deixa penetrar a graxa,
tenso, pois muitos o distendem; o cadáver,
assim, no espaço exíguo, de uma parte e de outra
disputavam, puxando-o, Troicos e Aqueus; no íntimo,
uns queriam arrastá-lo a Ílion; às naus recurvas,
os outros; em redor dele, o tumulto raiva:
Ares, incita-exércitos, e Atena, em cólera,
reparo algum fariam. Eis a lida lutuosa,
nesse dia, de homens e corcéis, por Zeus acesa

em torno a Pátroclo. Porém, Aquiles ainda
não soubera da morte, distante das naus,
sob os muros de Troia, do amigo, combatendo.
No coração, por vivo o tinha e o via voltar
das portas da cidade, não crendo que Pátroclo
a pudesse assolar, só, ou mesmo com ele.
A mãe, secretamente, dos magnos desígnios
de Zeus a par, há muito o prevenira disso;
mas Tétis, sobre o mal que o malferira, nada
dissera: a perda do mais caro companheiro.
E se matavam, uns aos outros, em redor
do cadáver, sem tréguas, com lanças agudas.
Então, um dos Aqueus bronzivestidos fala:
“Não será para nós, glorioso retornar
às naus recurvas; antes, boca-aberta, a terra
escura nos engula; melhor que deixar
os Troicos, domadores-de-corcéis, levar
o corpo à cidadela e conquistar um triunfo!”
Um Troiano animoso exclama por seu turno:
“Mesmo que a Moira, amigos, nos venha a domar
a todos, junto ao morto, que ninguém se arrede!”
Instam, assim falando, o brio dos companheiros.
E seguem combatendo, e um estampido férreo,
através do árido éter, sobe ao céu de bronze.
À margem da batalha, os cavalos de Aquiles
choravam, contemplando arrojado no pó
seu condutor, pela mão de Héctor, homicida.
Automedonte, o intrépido filho de Diores,
amiúde, com o rápido relho, os fustiga;
amiúde lhes dirige palavras-de-mel,
doces, ou de fel, ásperas, amiúde; mas
recusam-se a recuar às naus, ao Helesponto
vasto; como também a retornar à luta;
imóveis, feito estela funerária ereta
sobre a tumba de um homem ou de uma mulher,
estavam junto à biga pluribela, fronte
para o solo inclinada, lágrimas ardentes
escorrendo das pálpebras; pranteiam o auriga
e a crina exuberante cai, toda manchada,
e se derrama sobre o jugo, dos dois lados.
Zeus, o filho de Cronos, vendo-os lamentar-se,
apiedou-se, acenou com a cabeça e disse
ao coração: “Ó míseros! Por que a Peleu
vos doamos, rei mortal? Vós dois, à morte imunes
e à velhice? Não para sofrer por humanos;

ninguém, entre os que aspiram o ar e andam na terra,
mais infeliz do que o homem, mais infortunado.
Porém, em vosso carro de lavor dedálico,
jamais conduzireis o Priâmide Héctor! Não
o permitirei. Já basta que porte as armas
do Peleide e seu triunfo alardeie! Vos darei
vigor, ao ânimo e aos jarretes, para, a salvo,
levar Automedonte às naus. Darei aos Troicos
a glória na matança, até que à frota abeirem,
quando Hélio-Sol se ponha e as trevas sacras baixem."
Falou. E nos corcéis insuflou um fogoso
vigor. Ambos sacodem sobre a terra o pó
da crinagem, por entre Aqueus e Troicos, rápido
levando a biga. Em cima Automedonte bate-se,
transido ainda de dor pelo amigo. De chofre,
abutre sobre gansos, cai em meio aos Troicos,
facilmente fugindo ao fragor do inimigo,
facilmente, a sua vez, salteando e perseguindo-lhe
as hostes densas. Mas àqueles que seguia,
não matava: alanceá-los e guiar os corcéis
do carro sacro era impossível. Um dos seus,
Alcimedonte, filho do Hemônide Laércio,
de olho nele, por trás da biga assoma e diz-lhe:
"Que deus te pôs no peito, Automedonte, plano
tão sem propósito e raptou tua mente clara?
Combates, na vanguarda das linhas, os Troicos,
solitário. Morreu teu companheiro altivo;
Héctor se pavoneia na armadura de Aquiles."
Automedonte, o filho de Diores, responde-lhe:
"Alcimedonte, quem, entre Aqueus, te assemelha
no refrear os fogosos corcéis imortais,
salvo o comedidor, quase um deus nos conselhos,
enquanto vivo? Agora, morte e Moira o alcançam.
O açoite e as rédeas resplendentes, couro lício
aurilavrado, apanha; vou à luta, apeando-me."
Falou. Alcimedonte, aos gritos de guerra, alça-se
ao carro e empunha as rédeas lustrosas do morto.
Automedonte apeou. Héctor faiscante tudo
notou. A Eneias, que estava próximo, dirige-se:
"Ó Eneias, príncipe-guia dos Troicos vestibrônzeos,
os corcéis do Aquileu, pés-velozes, vêm vindo;
reaparecem na luta e aurigas inexpertos
os conduzem. Espero apresá-los, se tu,
animoso, na empresa me ajudares. Não
creio que, no vórtex de Ares, os dois nos enfrentem."

Falou. Não discrepou o alto filho de Anquises.
Os dois então avançam, ombros recobertos
de couro de boi, tênsil, com placas de cobre.
Juntam-se a eles o forte Crômio e Areto, símile-
-divino, em marcha unida, corações na espera;
espoliar os aurigas dos corcéis-cerviz-
-ereta, era uma empresa fácil: de um só golpe
matá-los. Tontos! Sem perder sangue, recuar,
fugir de Automedonte, como? Se valor
e vigor - Zeus o ouvira! -, circuntenebroso
frenesi o afervorava? E instava Alcimedonte:
“Não afastes de mim os corcéis. Quero ouvi-los
bufar às minhas costas. Não imagino Héctor
forçado a refrear o ímpeto de furor contra
nós desencadeado antes de galgar o carro
aquileio de combate, a vida nos tirando
e espalhando o terror entre os Aqueus em fuga,
ou, à dianteira, pelejando, cair prostrado.”
Falou. E os chamou, Ájazes e Menelau:
“Amigos! Que valentes Aqueus circunguardem
o morto que necrosa e o defendam. Viventes,
somos os que carecem, já que aziago é o dia
de ver distante a guerra lácrimo-copiosa
por Héctor, por Eneias acuados, os Troianos
mais fortes. Tudo está sob os joelhos dos deuses.
Ataco. Zeus me guarde!” Falou. E lançou
o dardo sombra-longa, que dá no isolátero
escudo de Areto; o ápice cálqueo transfura-lhe
o broche da cintura e vaza-lhe o epigástrio.
Como um jovem robusto, a golpe de machado,
trunca, por trás dos cornos, a nuca de um boi
e corta-lhe os tendões da cerviz, abatendo-o
no pulo, e o bicho tomba de costas, assim
Areto cai - a hástea ainda vibra -, os joelhos frouxos.
Na mira de Héctor, eis Automedonte: à lança
faiscante o Aqueu se esquiva, tendo pressentido
o acúmen brônzeo. Para frente se inclina, a hástea
além-ombros lhe passa e afinca-se no chão,
tênsil, vibrando, até que a esvaia Ares agreste.
Ambos, então, à espada se teriam batido
se aos vorazes-de-guerra os Ájazes não viessem
separar no entrevero, acorrendo ao clamor
do companheiro. Retrocedem, no espavento,
Héctor, Eneias e Crômio, ícone-quase-deus,
largandoAreto ali, coração-lacerado.

Automedonte, par-de-Ares, o despojou
da rútila armadura, e jactou-se do feito:
“A morte deste aqui, tão inferior a Pátroclo,
me é um alívio, ainda assim, da morte-mor do heroico
Menecíade.” Falou. E o arnês sangrento à biga
lançou; subindo nela, as mãos e os pés vermelhos,
feito um leão que acabasse de sangrar um boi.
A luta lutulenta recrudesce em torno
do cadáver de Pátroclo, poliplangente
prélio. Do urânio-céu então Atena baixa,
pois o Zeus do trovão, longividente, aos Dânaos,
mutável, favorece agora. Feito o púrpuro-
-cambiante arco irisado, que aos mortais distende
Zeus no céu (signo ruim de guerra ou de tempesta
e frio cortante, que o labor da terra estorva
e entrista o gado); é o manto - nuvem íris-púrpura -
de Atena quando às tropas gregas baixa e incita-as.
A Menelau Atreide fala por primeiro,
no valoroso corpo e no timbre da voz
símile a Fênix (Menelau lhe estava cerca):
“Atreide, que vexame, quanta humilhação,
se junto aos muros troicos os cães descarnarem
o corpo do dileto companheiro-de-armas
do Aquileu. Vai! Exorta os Troicos! Que resistam!”
Menelau, bom-de-grito, vira-se e lhe diz:
“Ó páleo-venerando pai Fênix, se Atena
desse-me força, fora do alcance dos dardos
hostis, eu, por meu gosto, restaria em defesa
de Pátroclo! Feriu-me o coração sua morte.
Mas esse Héctor, irado feito pira, a bronze
não para de matar gente! Zeus o gloria!”
Exultou Atena, olhos-azuis, pois primeiro
que outro qualquer dos deuses, fora ela a invocada.
Dá-lhe força às espáduas largas, força aos joelhos,
aos artelhos. Audácia e teima de moscardo
infunde-lhe, do inseto que ama o sangue humano
doce: pica, e enxotado, ele insiste, resiste.
As entranhas escuras circunfusas desse
pique por Atena, ei-lo a pelejar por Pátroclo -
lampejo de lançaços contra os Troicos. Entre
esses, Podês Eeciônio, bom, rico de bens,
um predileto de Héctor, comensal nas festas,
companheiro. Acertou-o no cinto o louro herói
Atreide, quando em fuga, trespassou-o a bronze:
com estrépido caiu. Menelau o arrastou

para junto dos seus, afastando-o dos Troicos.
Aproximou-se de Héctor, para dar-lhe estâmina,
Febo Apolo, consímile de Fênope Ásio,
caro, ótimo hóspede; em Abidos tinha o paço.
Simulando-o, o deus Febo, longiflechador,
disse a Héctor: “Qual Aqueu há de temer-te de ora
em diante, se um tal pânico por Menelau
demonstras, até aqui tido por mau guerreiro?
Só, ele vai tomar dos Troicos o cadáver
de Eeciônio Podês, morto em luta, à vanguarda?”
Falou. Nuvem de angústia eclipsou, negro-escura,
o Troiano, que investe, em armas, bronze-rútilo.
Zeus Croníade, agitando a égide toda-franjas,
luz-cegante, eclipsa o Ida em nuvens torvas; troa
lampejante, desfere trovões, insta os Troicos
à vitória, aterrando os fóbicos Aqueus.
O primeiro a fugir de medo, o capitão
Peneleu Beócio, foi na espádua vulnerado,
lutando bem à frente. Lança brônzeo-aguda,
Polidamante risca-lhe a epiderme, fere-o,
alcançando-lhe o osso. Héctor, por seu turno, fisga
junto do pulso, Lito, filho de Aletríone,
ânimo-grande, o tira da luta. Este afasta-se;
bate as pálpebras, circungira os olhos, dói-lhe
o coração (lançar o dardo contra os Troicos,
nunca mais - pensa, no íntimo - lhe há de ser dado).
Héctor lhe vai no encalço: Idomeneu, notando
isso, a Héctor visa e lhe despede a lança longa,
que à altura do mamilo o atinge; o rijo bronze
da couraça lhe embota o pontal. Troicos gritam.
No Deucálide, ereto na biga, mira Héctor:
erra por pouco, mas atinge o auriga fiel
de Meríone, o escudeiro Cérano, que o vinha
seguindo desde Lito. Idomeneu, a pé,
saíra da nau e grande glória aos Troicos dera,
se aos céleres corcéis, Cérano não os guiasse,
luz salvadora, que o apartou do dia letal;
mas Héctor, à maxila, orelha abaixo, o auriga
varou, e a língua e os dentes sacou-lhe com lança
sombrilonga; tombou, rédeas frouxas. Meríone,
curvo, as pegou, e disse a Idomeneu: “O látego,
até as naus, usa e atenta: foge-nos a glória!”
Falou. Idomeneu, apressado, conduz
os corcéis, jaezes-lindos, para as naves curvas,
temor no coração. A Ájax e a Menelau

não escapou que Zeus, cambiante, agora aos Troicos
favorecia. O grandânimo Ájax se voltou
e disse: “Deuses, só um que não raciocina, este
só não vê que Zeus Pai manobra a mão dos Troicos,
os destros e os maldestros. Nossos dardos, vãos,
juncam o solo, todos, como a esmo jogados.
É hora de pensar sobre o método mais sábio
para enfim resgatar o cadáver do morto
e salvar-nos com vida, aos amigos motivo
de júbilo dando, a eles que, aflitos, nos seguem,
temendo que as mãos fortes não tolhamos de Héctor
mata-homens, e estas sobre as nau negras se abatam.
Ah, se a Aquiles pudéssemos fazer chegar,
o mais rápido a nova da morte do amigo,
par-de-armas! Não creio saiba desse transe triste,
nem posso imaginar alguém apto a cumprir
essa missão: a névoa enubla corcéis e homens.
Zeus Pai! Dos olhos dos Aqueus tira essa nuvem!
Faz que lhes venha e aclare a luz éter-perene!
Se isso te apraz, que morram, mas na luz plenária!”
Falou. Zeus se apiedou de seu pranto. Desfez
e removeu a escuridão nuviosa. O Sol-
-Hélio lampejou luz sobre o campo de luta.
Ájax então ao bom-de-grito, Menelau,
se dirige: “Olha em torno, Atreide, a-Zeus-dileto,
o filho do Gerênio Néstor ainda vive,
Antíloco. É a pessoa certa para levar
a Aquiles, visão-clara, a notícia da morte
do companheiro.” Disse. Voz-forte, o alto Atreide
manifestou-se de acordo. Ele então se vai,
a modo de leão quando se afasta do estábulo,
cansado de irritar os pastores e cães
que o assediam e não deixam carnear um vitelo,
vigiando, noite adentro, a famélica fera,
que, mesmo sem proveito, ataca e por tições
em brasa acuada e piques brandidos por braços
robustos, foge, temerosa, em fúria embora,
e de ânimo violento, ao raiar de Éos-Aurora,
coração-constrangido. Menelau, assim,
à contragana deixa o cadáver, temendo
que, transidos de gelo-medo, os seus o larguem.
Com Meríone e os dois Ájazes, então, insiste:
“Próceres dos Aqueus, Ájazes e Meríone,
devemos recordar Pátroclo, prestantíssimo,
desventurado, mas por todos nós amado,

mel-por-natural, quando vivo, e agora à morte
e à Moira entregue.” Menelau, o Atreide, louros-
-cabelos, desse modo falou. Foi-se então,
escrutinando tudo. Assim a águia, olho agudo,
a que entre os pássaros mais longe vê, sub-céu,
e do mais alto a lebre lépida distingue
oculta em moita espessa, cai em flecha e rasga
e mata. Menelau, deus-dileto, contigo
o mesmo dava-se; olhos faiscando através
da turba aqueia, em busca, se vivo, do bravo
Nestóride. De súbito o enxergou, à esquerda,
pugnando, a espicaçar os Aqueus ao combate.
Menelau se acercou: “Vem escutar, ó Antíloco,
um anúncio triste - antes fosse falso! Morto
é o melhor dos Aqueus, Pátroclo. Basta olhar
em redor e verás tu mesmo que Zeus lança
desgraças sobre os Dânaos. Todos o pranteamos.
Corre para os navios aqueus e dá notícia
a Aquiles: que ele venha, rápido, salvar
o cadáver nu, que Héctor despojou do arnês
rutilante.” Falou. Se estarrece o Nestóride,
sem fôlego, sem voz, em lágrimas. Porém,
não esquece a missão que lhe confiara o Atreide.
No impulso, despachou-se, deixando com Laódoco
as armas. Ao seu lado, o auriga os corcéis uni-
cascos sofreava. Fora da refrega, rápidos
pés, se apressava a levar para o divo Aquiles
o tenebroso anúncio da morte do amigo.
Ó Menelau, dileto a Zeus, teu coração
não quer que lutes mais junto aos de Pilo, privos,
embora, de seu líder. Que os guie Trasimedes.
À pressa, Menelau volta a guardar o morto.
Alcançando os dois Ájazes, diz: “A notícia
infausta já está sendo levada aos navios,
aos ouvidos de Aquiles. Mas, enfurecido
contra Héctor Priâmeo não penso que ele nos possa
valer. Como lutar, sem armas, contra armados
Troicos? Antes, no meio mais viável reflitamos
de tomar-lhes o corpo, e fugir tanto à Quere
como a Tânatos.” Ájax Telamônio, mega-
-herói, replica: “Multiglório Menelau,
pleniprudente, falas com palavras justas.
Agora, estamos na hora de, junto a Meríone,
nos abaixando, pelos ombros, por detrás,
soerguermos o cadáver, tirando-o do fulcro

do entrevero. Nós três juntos, ao divino Héctor
e aos guerreiros troianos barraremos. Temos
renome e ânimo iguais. Somos, na luta, exímios.
Unidos, guia-nos Ares, ímpeto aguerrido.”
Falou. O trio de chefes ergue o morto acima,
do chão, bem alto. Clamam os Troianos forte,
fortíssimo, à visão do rapto. E então se lançam,
cães furiosos, ao dono na caça adiantando-se,
no encalço de um javardo ferido, com ganas
de espedaçá-lo; fiada no seu vigor, volta-se
a fera; foge, então, a matilha, aterrada.
Assim, a tropa troica, espada e lança bífida
assaltando os Aqueus. Os dois Ájazes erguem-se,
repelindo-os. Perturbam-se cor de medo. Eles
não ousam arrostar o embate, disputando
a posse do cadáver e enfrentando os Dânaos.
Desse modo, animosos, os Aqueus da lide
resgataram o corpo, às bicôncavas naus
transportando-o. Em redor, circunflama, acirrada
a guerra, exacerbado incêndio que estraleja
em pólis populosa, arruinando mansões,
como se em megapira as ardesse, por ventos
violentos atiçada. Corcéis e piões, sem
dar-lhes trégua, em tropel, os Troicos acossavam-nos.
Por Menelau e por Meríone timoneados,
marcham, mulos robustos, carregando troncos,
vigamentos e traves para construir naus;
os corações, no esforço extremo opressos por
fadiga e suor,vão eles transportando o corpo
às naus. Atrás, os Ájazes contêm os Troicos,
dique umbroso a deter no plaino, em linha reta
e contínua, o revolto espadanar do fluxo
de um rio, planura afora desviando-lhe o curso,
sem que o volume d’água consiga rompê-lo;
assim, contendo os Troicos, a dupla dos Ájazes
unidos. O inimigo, porém, insistia,
mormente os dois hegêmones, o bravo Eneias,
filho de Anquises, e Héctor, herói rutilante.
Feito nuvem de gralhos que, gritando, esgarram,
ou de estorninhos vendo, à distância, um falcão
rapace, perdição de aves miúdas, assim
diante de Eneias e de Héctor Priâmeo os jovens Dânaos,
esquecidos da gana de lutar, se esganam,
aos gritos, desgarrando-se. Armas belas rolam
no fosso dos Aqueus em fuga. E a luta segue.

Canto XVIII

Panóplia: As Armas

Assim eles lutavam, fogo enfurecido.
Antíloco, pés-rápidos, o núncio, alcança
Aquiles, junto às naus de alti-recurvas popas;
no ânimo, entressuspeita o herói do que ocorrera
e ao animoso coração diz, enturvando-se:
“Ó céus! Por que os Aqueus longos-cabelos fogem
espavoridos pelo plaino, rumo às naus?
Mandam-me ao coração os deuses coisas más,
como, clarividente, minha mãe previra:
Que a mim, o melhor entre os Mirmidões, em vida,
da luz de Hélio-Sol mãos troianas privariam.
Jaz morto, quiçá, o filho de Menécio, o sem-
-ventura! E eu lhe ordenara que, repulso o fogo
hostil, voltasse às naves, sem dar combate a Héctor.”
Enquanto coisas tais lhe atribulavam ânimo
e mente no mais íntimo, escaldando em pranto
o Nestóride acerca-se e, amargo, anuncia:
“Ó filho de Peleu, coração-flâmeo! Devo-te
pôr a par de um lutuoso evento (antes jamais
tivesse acontecido!): Pátroclo está morto!
Em torno ao corpo nu, que Héctor, elmo-faiscante,
espoliou, lutam.” Disse. E a dor, nuvem-escura,
eclipsou o herói. De ambas as mãos toma esfúmeas
cinzas e as lança sobre a cabeça, encardindo
o rosto belo; a túnica nectárea, tinta
de fuligem, sujou-se; jaz no pó, estendido,
grande, grande e espaçoso, arrancando os cabelos.
Cativas do Peleide e de Pátroclo, as fâmulas,
coração dolorido, ululavam, correndo
para Aquiles, o herói mente-fremente; as mãos
delas todas batiam no peito; joelhos frouxos,
desmaiaram. Antíloco, em lágrimas, tinha
pela mão o Aquileu, coração-soluçante:
receava que com ferro cortasse a garganta.
Terrivelmente a mãe, Tétis, gritou. Sentada
nas profundas do mar, junto ao velho pai, tudo
ouvira; e todas as Nereides abissais
circum-ecoaram, lamentosas, e a rodearam.
Eram Gláucia, azul-mar e Tália florida; a ôndula
Cimodócia; a insular Neseia; a cavernícola
Espeia; Toa, nado-agílima; Hália, cinza-sal,

olhos-redondos; Mélita, mel; Iera grácil;
Anfitóe circum-nadante e Ágave bem nada;
Cimotóe, onda-rápida; Acteia e Limnória;
Doto e seus dons; Proto, primícias; Transferusa;
Dexamene, cisterna-amena; Dinamene,
dínamo-fluente; a circumpróxima Anfinome;
Calianira, encanta-homens; Dóris; Panopeia,
panvidente; a gloriosa Galateia; Nemertes;
Apseude; Iânira, Ianassa, Clímene, Caliâ-
nassa, Maíra, Oriteia, Amátia - eis as Nereides
abissais, todas; na esplendente gruta, batem-se
no peito. E Tétis: “Ó irmãs Nereides, ouvi-me
o coração sofrente! Ai de mim, sem-ventura!
Ai de mim, dolorosa geratriz do bravo
entre os bravos, possante e imáculo! Vergôntea,
eu o criei no recesso de um vinhedo, arbusto.
E o mandei a Ílion, em bicurva nau, lutar
contra os Troianos; não o terei de retorno,
de torna-viagem, ao solar pátrio, a Peleu.
Desde que dei-lhe a vida e vê o sol, farol,
está sempre angustiado; mesmo que me mova,
não posso socorrê-lo em coisa alguma. E movo-me
a buscá-lo, pois quero ver e ouvir meu filho
e saber quanto o aflige, embora não guerreie.”
Falou. Deixou a gruta. Em pranto vão-se todas.
Talássia espuma abrira-se em seu redor. A Ílion
fértil, uma após outra, arribam à praia, onde,
no seco, a frota mirmidônea, junto a Aquiles,
fundeava. A mãe se avizinhou dele, convulso,
em dor aguda; ecoando-lhe a aflição, abraça-lhe
maternal, a cabeça e lhe diz, lacrimosa,
palavras-asas: “Por que choras? Que te dói
no coração? Não cales, filho. Conseguiste
de Zeus tudo o que, mãos para o céu, lhe rogaste:
que os filhos dos Aqueus, desfalcados de ti,
e sofrendo tua falta, fossem contra a popa
das naus premidos, áspero transe.” O pés-rápidos
Aquiles replicou-lhe (e sofria): “Mãe, o Olímpico,
de fato, perfez tudo isso. Porém que júbilo
trouxe-me, se perdi o melhor dos meus parceiros,
Pátroclo, meu igual, cabeça a par da minha?
Héctor o abateu; de armas portentosas, de armas
belas de pasmar, dom dos deuses, despojou-o
regalos a Peleu dos numes que deitaram-te
na cama de um mortal. Que os céus, deixando-te entre

as marino-salinas deias, a Peleu dessem
uma esposa mortal! Mas para que sofresses
pena infinita, a perda de teu filho, tudo
se dispôs: de retorno jamais o terás!
Que não me consente o ânimo viva entre os homens
antes que minha lança a Héctor golpeie e abata
e o espólio do Menécide Pátroclo pague
com a vida.” Responde-lhe Tétis em lágrimas:
“Moira breve a tua, filho, já que assim decides.
Héctor morrendo, o Fado há de querer-te morto!”
E Aquiles, pés-velozes (grande dor tomava-o):
“Tomara eu já estivesse morto, pois não pude
valer, à hora da morte, ao companheiro-de-armas;
tombou longe da pátria; da violência de Ares
não o protegi, quando preciso. Não torno,
bem sei, ao lar; nem fui luz salvadora a Pátroclo,
nem aos outros domados por Héctor, inúmeros;
agora, preso ao chão, peso inútil, fiquei,
junto à naus, eu - ainda que outros me excedam na ágora -
na guerra o melhor Grego. Oh! Se Éris, a Discórdia,
nos deuses e nos homens se extinguisse! E a cólera
que mesmo o polidouto sábio à violência insta
e com - mais do que mel - dulçor glicoso, alvéolo-
-distilante, no peito, qual fumo, se expande...
Agamêmnon, senhor-de-homens, assim à cólera
levou-me. Para trás o passado! Domei -
premia! - no coração a ira, ainda que dorido.
Ao matador do meu mais caro cabecilha
vou agora no encalço, a Héctor. Aceito a Quere.
Sempre que Zeus e os mais numes quiserem, cumpro.
Não. Não. Nem o próprio Héracles fugiu, fortíssimo,
à Quere. E era caríssimo a Zeus. Mas a Moira
e a deletéria cólera de Hera o domaram.
Se Moira homóloga ora me agourenta, morto
hei de jazer. Agora à glória nobre aspiro.
Às Troicas e Dardânias, vestilongas, quero
pungir: gemam de dor, estertorem; com ambas
as mãos limpem de lágrimas as faces gráceis,
lembrando quanto tempo impus-me não pugnar.
Não me procures, mãe, por amor, afastar
do embate, não me irás persuadir.” Pés-de-prata,
divina, respondeu-lhe Tétis: “De verdade,
filho, se os fatos são esses, não será mal-
-feito que, imunes, salves da ruína iminente
os companheiros. Mas tuas armas brônzeas, quase

mármore de tão rútilas, os Troicos têm-nas;
Héctor as enverga, elmo plumitênsil; impa,
todo-gala. Por pouco tempo: a morte o ronda,
e ela abala a soberba. Não te atires a Ares
guerreiro, porém, antes de me ver de volta.
Amanhã de manhã, com Hélio-Sol, que torna,
retornarei portando armas belas, que Hefesto
forjará.” Disse. E prestes se afastou do filho.
Ordena às suas irmãs, deusas do mar-salino:
“Mergulhai no regaço talássio, ao palácio,
para o velho salino-alvo rever, o pai
marinho, e relatar-lhe os fatos. Subo, agora,
ao Olimpo. Saberei, de Hefesto, glório-artífice,
se a meu filho armas pan-esplêndidas, gloriosas,
dispõe-se a dar.” Mergulham todas sob as ondas.
E Tétis, pés-de-prata, ascende à sede olímpica,
buscando armas de glória para Aquiles. Pés-
-argênteos a galgar o alto Olimpo transportam-na.
O alarido dos Dânaos atroa. Fogem de Héctor,
mata-homens, aos navios, ao Helesponto. E o cadáver
de Pátroclo não logram salvar os de belas-
-cnêmides. Os corcéis e peões de Héctor, à flama
ardente símil, outra vez investiam. Héctor,
coruscante, tentou puxar o morto, três
vezes, por detrás, pelos pés, e a brados altos
instava os Troicos. Três vezes o rechaçaram
os árdego-impetuosos Ájazes. Confiado
em sua força, Héctor ora se lança ao entrevero,
ora, bramindo, estaca; não o espantam nunca.
Pastores pernoitando ao ar livre não podem
um leão fulvo, faminto de carniça, pôr
em fuga; assim os dois Ájazes em couraça
não podiam apartar Héctor do morto, e a glória
de arrastá-lo obteria, caso Íris, pés-de-brisa,
baixando veloz não viesse avisar o filho
de Peleu que se armasse, vinda do alto Olimpo,
núncia de Hera, às ocultas de Zeus e os mais numes.
Acerca-se e lhe diz palavras-asas: “Alça-te,
Peleide, entre os heróis o mais forte. Socorre
a Pátroclo: defronte às naus lavra o tumulto;
se entrematam os homens; defendem o corpo
uns; outros, no arrastão, buscam rojá-lo a Troia
ventosa. Mais que todos, Héctor coruscante
clama por arrastá-lo; o ânimo o concitava
a fincar numa estaca, depois de cortar-lhe

o afrouxado pescoço, a cabeça do morto.
Não de detenhas mais; que o terror de ver Pátroclo
atirado às cadelas troianas te assalte
o coração. Vergonha para ti, se ultrajam
o cadáver.” Responde-lhe o Aquileu: “Divina
Íris, que nume te mandou até mim?” Pés-
-de-brisa, a núncia diz-lhe: “Foi Hera, consorte
augusta de Zeus Pai. O Altientronado não
o sabe, nem os outros numes circunstantes
em torno ao níveo Olimpo.” E Aquiles, pés-velozes:
“Como entrarei na pugna? Os Troicos têm-me as armas.
Minha mãe me ordenou que eu não me armasse enquanto
não a visse de volta com meus próprios olhos.
Prometeu-me trazer belas armas de Hefesto.
Não sei de quem, de que outro poderia portar
arnês e armas gloriosas, salvo o telamônio
escudo de Ájax. Este, porém, é o que espero,
defende, entre os primeiros, lança em fúria, o morto.”
Replica-lhe então Íris, pés-de-brisa-célere:
“Bem sabemos que os Troicos tuas armas gloriosas
retêm. Mas tal qual estás, mostra-te a eles, indo
para perto do fosso. Ao medo sotopostos,
aposto que retiram-se da luta, aos Dânaos,
briosos-de-Ares, exaustos, dando pulmões novos;
na guerra um tomar fôlego, ainda breve, ajuda.”
Pés-de-brisa-veloz, Íris falou e foi-se.
Aquiles, Zeus-dileto, se ergueu. Atena a égide
farfalhante lançou-lhe nas largas espáduas;
de uma nuvem dourada nimbou-lhe a cabeça;
suscitou-lhe do corpo um fogo pansplendente.
Da insular cidadela o fumo no ar difunde-se,
quando circunsitiada, visível de longe,
combate-se extra-muros. Sol no ocaso, então,
inúmeras fogueiras se acendem, na altura,
um resplendor projeta-se, aos circunvizinhos
visível, chamariz às naus Ares-guerreiras
de defensores. Da cabeça do Aquileu,
assim, ao céu etéreo subia alta radiância.
Avançara até o fosso, para além do muro,
à parte dos Aqueus, obedecendo a Tétis.
Estático, bramiu, e em resposta ululou
Palas Atena. Tumultuam as hostes troicas!
Como o nítido som da trompa clarinante
de inimigos devora-corações que cercam
a urbe, ecoa a voz do Eácide, brônzeo-claríssima.

Ouvindo-a, o coração dos Troicos se enturvou.
Os corcéis, crinas-belas, recuam, prenunciando
males. Vendo o Aquileu, testa sempreflamante,
os aurigas se aterram. Olhos-azuis, Palas
fazia-a resplender. Três vezes, por sobre o fosso,
alta voz, o Peleide gritou; três os Troicos
e aliados retremeram. Doze, dos melhores,
das próprias lanças, sob os carros, pereceram.
Os Aqueus, jubilosos, transportam o corpo
de Pátroclo bem longe dos dardos num leito-
-féretro, e o choram. Pés-velozes, o Aquileu
os vai seguindo, e escalda em lágrimas, ao ver
jazendo o amigo, trespassado pelo bronze.
Com seus corcéis e o carro o mandara ao combate
sem ter podido recebê-lo de retorno.
Hera, olhitáurea, ordena a Hélio-Sol que submerja
nas torrentes do Oceano, mesmo a contragosto.
E Hélio mergulha, dando aos Aqueus uma pausa
na peleja violenta e na ominosa guerra.
Os Troicos, por seu turno, também se retiram
do revolto entrevero, disjungem dos carros
os corcéis, agrupando-se na ágora todos,
sem mesmo ter comido. Mantêm-se de pé,
ninguém ousa sentar-se. O temor os tomara
à aparição de Aquiles, tanto tempo longe
da pugna feroz. Súbito, Polidamante
Pantoide principiou a falar; vidente, ele
conhecia o que passou e o porvir; companheiro
de Héctor, natos na mesma noite ambos; um, mestre
do discurso; da lança, o outro. Pensando no
bem dos seus, o Pantoide exclamou: “Companheiros!
Exorto-vos, amigos, a voltar à pólis.
Ponderai, é melhor não aguardar a aurora
no plaino, junto às naus, longe dos muros. A ira
de Aquiles o afastou da luta; no entretempo,
combater os Aqueus ficou muito mais fácil.
Me aprazia pernoitar à beira-naus, no aguardo
de tomar seus velozes navios birrecurvos.
Temo, agora, o temível Aquileu, o pés-
-velozes. Hiperaudaz, não há de ficar
na planura, batendo-se, onde entredividem
os Troicos e os Aqueus, uns e outros, o vigor
de Ares. Há de lutar para tomar-nos muros
e mulheres, é certo. Voltemos à pólis,
prevendo o que vai ser. Tolheu a noite ambrósio-

-divina o pés-velozes. Amanhã, lançando-se
todo em armas ao prélio, estando nós no plaino,
sentiremos sua força. Uns fugirão à pólis;
outros muitos, abutres e cães comerão.
Que algo assim - oxalá! - não me chegue aos ouvidos.
Mas se minhas palavras, ainda que com mágoa,
forem obedecidas, em ágora, à noite,
nossas forças se reúnam; torres e altas portas
firme-ajustadas, bem-trancadas por seguras,
longas traves polidas, protegem a pólis.
Amanhã cedo, às torres, de arnês, nos poremos.
Se quiser pelejar - longe as naus - junto aos muros,
vai-se dar mal, Aquiles; às naus tornará,
depois de, na corrida em roda ao muro, voltas
e voltas, esfalfar corcéis de alta cerviz.
Mas o ânimo fogoso não o há de impelir
a penetrar na urbe: seria pasto de cães!"
Olho torvo, Héctor, elmo-coruscante, rompe:
"Polidamante, não me agrada essa tua arenga.
Clausurar-nos? De estar recluso não te cansas?
À urbe de Príamo, outrora, chamavam poliáurea,
polibrônzea. Já foram embora os tesouros
de nossas casas, belos, vendidos na Frígia
ou na Meônia aprazível, desde que Zeus grande
irritou-se conosco. Mas agora o filho,
mente-astuta, de Cronos dá-me que eu obtenha
glória, expulsando às naus, na onda talássia, os Dânaos.
E vens em público apregoar essas tolices?
Nenhum dos Troicos vai ouvir-te. Não permito.
Mas o que eu disser, todos obedecerão.
No campo, os esquadrões façam a refeição,
sem esquecer da guarda; em vigília, revezem-se.
Se a algum Troiano os bens por demais o preocupem,
que os partilhe entre o povo, as tropas: que os Troianos
os fruam é bem melhor que cedê-los aos Gregos.
Amanhã de manhã, revestindo armaduras,
junto às naus bicurvas reacendamos Ares
ardoroso. Se Aquiles divino afastar-se
das naus, a dar combate, pior para ele. Não
fugirei da refrega horríssona. Enfrentá-lo
é o que eu farei, para a vitória sua ou minha.
Imparcial, o Eniálio Ares mata o matador
em vias de matar, hábito seu." Desse modo,
falou Héctor. Os Troicos em peso o aplaudiram.
Insensatos! Atena empanou-lhes o senso.

Aprovam as propostas do Priâmeo,
desprezando os conselhos de Polidamante,
prudentes. Comem todos no campo. Entrementes,
os Aqueus, noite adentro, pranteavam o morto.
O Peleide, mãos-mata-homens impostas sobre
o peito do irmão-de-armas, Pátroclo, ao pungente
pranto se deu, gemendo alto, à guisa de leão
de bela juba, a quem ágil caçador de élafos
às ocultas roubou os filhotes na selva
espessa, e de retorno, sofrendo, ao encalço
do homem se lança, vales e convales corre
à sua busca, raivando. Assim também Aquiles,
fundo-sofrendo, em meio aos Mirmidões, falou:
"Ai de mim! Vãs palavras com que encorajei
o Menécio, no paço, prometendo a Oponto
reconduzir-lhe o filho, após expugnar Ílion
e partilhar o saque. Zeus muda os projetos
mortais. A nós prescreve avermelharmos juntos
a gleba troica. Não me verão de retorno
nem o velho Peleu, nem Tétis, minha mãe.
Jazerei neste chão. Mas só depois de ti
baixarei ao sepulcro, e só te prestarei
honras fúnebres, quando haja trazido aqui
as armas e a cabeça de Héctor, teu algoz.
Por tua perda, na pira, uma dúzia de Troicos
imolarei. Defronte as naus, jazerás. Presas
nossas, Troianas e Dardânides, de longos
vestidos, chorarão noite e dia a teu redor,
cativas pela força de hastilongas lanças
em pólis opulentas de homens vida-breve."
Falou. E aos companheiros ordenou pusessem
na pira megatrípode e lavassem, presto,
o sangue a fluir do corpo de Pátroclo morto.
Posta na pira a trípode depuradora,
nela verteram água e com lenha escaldaram
em fogo ardente a trípode bojuda. Quando
o líquido referve no bronze brilhante,
limpam o cruor cadaveroso e as chagas untam
de unguento de nove anos. No leito funéreo
o recobrem, com linho fino, da cabeça
aos pés. Lançam por cima um manto todo branco.
Noite adentro o deploram os Mirmidões, juntos,
pranteando-o com o heroico Aquiles, pés-velozes.
Zeus, então, à sua esposa-irmã, Hera, falou:
"Conseguiste, afinal, teu intento, ó augusta Hera,

deusa olhitáurea: à pugna voltou o Peleide,
pés-velozes. Dos Dânaos de longos cabelos
por certo és genitora.” E Hera, a de olhos de toura,
respondeu: “Ó potente Croníade, o que dizes?
Se um mortal pode o dano de outro acarretar,
embora suscetível de morrer e insciente
de magnas tramas, como é que eu, máxima deusa -
por duas razões: de origem e por ser chamada
tua esposa, ó rei dos numes - não teria poder
de, irada, ir contra os Troicos?” Assim ambos entre
si trocavam palavras. No meio tempo, Tétis,
a deusa pés-de-prata, ao palácio soberbo
de Hefesto chegara, ímpar entre os imortais,
imperecível, estrelado, em bronze ereto
pelo deus coxo. Ei-lo entre os foles, afanoso,
suarento. Uma vintena de trípodes bem-
-lavradas para o paço forjava, adornando-o
em torno ao saguão; rodas de ouro aos pés lhes pôs
a fim de que, por moto próprio, entrassem na ágora
dos deuses e, depois voltassem-lhe à morada,
maravilha de ver-se. Estavam quase prontas,
só faltavam as asas dedáleas; com cravos
as estava pregando e forjava as presilhas.
Enquanto trabalhava, mente-esperta, a deusa
pés-de-prata achegou-se. Diadema-esplendente,
Cáris, linda mulher do deus de braços fortes,
a viu se avizinhando. Toma-lhe as mãos, chama-a
pelo nome:”Por que vens, Tétis, peplo-longo,
à nossa casa? És grata e nos mereces honras.
Mas tuas visitas são raras. Entra e acompanha-me
pois quero oferecer-te os dons do hóspede, os *xênia*.”
Falou e introduziu na casa a diviníssima,
presenteando-lhe um trono, todo cravejado
de prata, de esplendor dedáleo e, para os pés,
um escabelo. Então, chamou o famosíssimo
fabro e lhe disse: “Hefesto, vem até aqui. Tétis
precisa de algo.” O deus braços-robustos pronto
respondeu-lhe: “A deidade excelsa em minha casa?
Ela, que me ajudou quando do amargo transe
que sofri, caindo do alto Olimpo, longe, trama
de minha mãe, cadela descarada, a fim
de se livrar de mim, por ser manco. Salvaram-me
Tétis e Eurínome, que é filha do Oceano auto-
-refluente. Vivi nove anos num antro fundo
-escavado, lavrando artefatos dedáleos,

fivelas, gargantilhas, brincos e colares;
em torno o Oceano fluía, espúmeo-marulhante.
Nenhum deus, ou mortal, salvo Tétis e Eurínome,
as minhas salvadoras, sabiam de mim. Tétis,
lindas-tranças, agora vem à nossa casa.
É minha obrigação compensá-la por tudo.
Oferece-lhe belos *xênia*, enquanto afasto
do fogo os foles e os petrechos.” Formidável,
falou; disforme, ergueu-se, a mancar, da bigorna:
movia os tornozelos frágeis com presteza.
Apartou os petrechos e foles (lavrava
uma arca de preciosa prata). Ambas as mãos
limpou com uma esponja e as faces, o pescoço
rijo, o peito lanudo; vestiu-se de túnica
e empunhou o potente cetro; manquejando,
exsurgiu; duas ancilas de ouro, similares
a moças de verdade, vivas, escoltavam-no;
de entendimento, no íntimo, dotadas; de ânimo
vital e voz, no agir instruídas pelos deuses;
diligentes, seguiam seu senhor, que acercou-se
manquejando, de Tétis, no esplêndido trono.
Tomou-lhe a mão, e disse: “Tétis, peplo-longo,
aqui em nossa casa? És grata, digna de honras.
Mas tuas visitas são tão raras! Que desejas,
dize-me. Se exequível, eu tudo farei
para o perfazer.” Tétis, então, entre lágrimas
respondeu-lhe: “Ó Hefesto, entre as deusas do Olimpo, há
alguma que de Zeus tanta dor e aflição
quanto eu tenha sofrido em pleno coração?
Só a mim, a nenhuma outra deidade marinha,
sujeitou a um humano, a Peleu, filho de Éaco,
e fez-me, a contragosto, partilhar sua cama.
Agora, se consome, amargando a velhice
no seu paço. Outras coisas me preocupam: deu-me
Zeus um filho, o mais bravo entre os bravos; cresceu
qual vergôntea, uma vide no recesso ameno
de uma vinha. Em bicurva nau mandei-o para Ílion.
Não o terei de torna-viagem ao solar
de Peleu. Desde que lhe dei vida e o farol
de Hélio-Sol viu, está sempre angustiado. Mesmo
que me mova, não posso socorrê-lo em nada.
A moça - prêmio que lhe deram os Aqueus -
o potente Agamêmnon tirou-a de suas mãos.
A dor cortou-lhe o coração. As tropas troicas,
então, acuaram junto às popas os Aqueus,

não os deixando sair para o aberto. Os Gerontes
aqueus suplicam por socorro, enumerando-lhe
presentes de alto preço, dons numerosíssimos.
Ele não cede; nega-se a afastar a ruína;
mas permite que Pátroclo envergue a armadura
que lhe empresta, mandando-o, com sua gente, à guerra.
Por todo o dia, em torno às portas Ceias, bateram-se.
A ponto de arrasar a pólis, na dianteira,
multidanoso, Pátroclo foi por Apolo
abatido - para Héctor, a glória! Assim, venho
a teus joelhos. Ao filho, Moira-breve, quero
ver se lhe doas escudo e elmo tricórnio, cnêmides
belas, às pernas ajustadas por fivelas
de prata, e uma couraça: o morto perdeu tudo;
meu filho jaz no pó, coração dessangrado."
De pronto respondeu-lhe o deus braços-robustos:
"Ânimo! Não entregues a mente à voragem.
Fora certo eu pudesse ocultá-lo da morte,
numa cripta, da Moira amarga - como, certo,
lhe aprestarei tais armas, que todos os homens,
em toda e qualquer pólis, pasmarão ao vê-las!"
Falou. E retirou-se em direção aos foles.
Voltou-os para o fogo e ordenou: "Ao trabalho!"
Vinte foles soprando nas fornalhas sopro
vário, atiçando as chamas, ora com vigor,
lépidos, ora lentos, a líbito do amo,
Hefesto, para, assim, levar a termo a obra;
lança o ferreiro ao fogo bronze rijo, estanho,
ouro precioso e prata. Dispõe sobre o cepo
uma enorme bigorna, soergue o macromalho,
potente, na outra mão segurando as tenazes.
O megaescudo pôs-se a fabricar primeiro,
maciço lavor - todo ele - dedáleo; então,
apôs-lhe uma orla rútila, tríplice-fúlgida.
Forjou de prata pura um talim. Revestindo
de cinco lâminas o escudo, na exterior
gravou, dedáleo, imagens de engenhoso talhe.
Representou a terra, o céu, o mar talássio,
o infatigável sol, o plenilúnio, o pan-
constelário, que ao céu, estefânio, diadema.
As Plêiades, mais as Híades, a Ursa, também Carro,
que num só ponto gira, espiando Órion: a Ursa, única
que nas águas do mar não se banha. Duas urbes
de mortais gravou, belas. Numa, celebravam-se
festas nupciais; as noivas entre lampadóforos,

saem do tálamo; pela cidade as conduzem,
entoando sem cessar os hinos himeneicos;
rapazes dançarinos evoluem ao som
de flautas e de cítaras. Às portas, param
mulheres admiradas. Mais além, perante
o povo, na ágora, dois homens litigando
em torno de um delito; a lide: a morte de outrem
e o resgate a ser pago em reparo do dano;
um jurava ter pago o débito; afirmava
o outro que nada recebera; um árbitro, ambos
pediram, que julgasse o pleito; divididos
os cidadãos, aos gritos, tomavam partido;
os arautos continham o povo; gerontes
sentavam-se nas sedes de pedra polida,
sacro círculo; arautos portavam seus cetros,
voz-sonora; tomando-os, erguiam-se e ditavam
suas sentenças: dois áureos talentos, no solo
postos, prêmio ao melhor juiz. Lampejando, cercam
dois exércitos a outra pólis: arrasá-la,
ou partilhar os bens que a praça-forte esconde?
Entre opostos desígnios eles hesitavam.
Os sitiados resistem. Armam-se para uma
emboscada. De um lado, as esposas e os filhos,
de outro, os velhos vigiam muros, hirtos, imóveis.
De ouro, vestindo ouro, Ares e Atena lideram
os demais, em sortida. Belos em suas armas,
altos, divinos, circumbrilhantes. Os homens,
em contraste, eram mais baixos. Chegando ao ponto
que mais lhes pareceu propício à tocaia, junto
à corrente do rio, no trecho onde bebia
o gado, emboscam-se, vestindo bronze rútilo.
À parte, dois vigias aguardavam ovelhas
e bois de cornos curvos. Surgem, conduzidos
por dois pastores, ao risonho som de avenas.
Nenhum deles previu a armadilha. Acometem-nos,
súbito, os emboscados; rápidos, apartam
o rebanho de bois e as ovelhas prateadas,
matando os pegureiros. Juntos, em conselho,
os sitiadores, ao estrépito dos bois,
saltam sobre os corcéis célere-galopantes
e os encalçam. Alcançam-nos. Travam combate
à margem do rio. Se entregolpeiam lanças brônzeas.
Eis Éris, a Discórdia, eis o turvo Tumulto,
eis a Quere funesta: a um mal-ferido agarra;
a um não-ferido arrasta; pelos pés, a um morto

no entrevero, roja. Ei-los, todos se intrometem.
Das espáduas da Quere o manto ensanguentado
dos mortos pende. Feito homens vivos combatem,
e uns aos outros rapinam mortos cadavéricos.
E Hefesto então gravou no escudo um amplo campo
de amanho, gleba fofa, macia, fertilíssima,
tríplica-arada; e muitos lavradores vão
e vêm, fazem os bois voltear, instando-os; quando
chegam ao fim do campo, um homem lhes dá vinho
mel-suave, numa copa; então, retrovolvendo
pelos sulcos, avançam rumo aos lindes do agro
fundo-arável. A gleba atrás deles negreja,
iconizando um campo roteado - e era de ouro!
Maravilha total! O orto do basileu
também gravou. Ceifando as messes com afiadas
foices, os segadores. Os feixes, aos molhos,
caem na terra sulcada. Três enfeixadores
os atavam com liames; garotos, portando
braçadas de paveias, sem pausa, abasteciam-nos.
O basileu se erguia sobre um sulco, silente,
coração jubiloso, empunhando o seu cetro.
Arautos, sob um roble, carneado um boi nédio,
preparavam a mesa. Mulheres mesclavam
farinha branca, a refeição dos ceifadores.
Toda em ouro gravou uma vinha, racimos
repletos, linda! Por tudo se esparziam bagos
roxo-negros. Estacas de prata sustinham
as videiras. Gravou também um friso fosco
de esmalte azul-metálico, e à roda, de estanho,
um cercado. Uma só trilha dava ao local.
Ao longo dela, à vindima, iam os vinhateiros;
meninas e meninos carregavam cestos
de uvas-mel. Voz suavíssima, entre eles, entoando,
aos acordes da lira, o lindo hino de Lino,
ia um menino cantor; batendo os pés, os outros,
acompanhando o canto, dançavam, ritmados.
Gravou, depois, no escudo um rebanho de bois,
chifres-eretos, ouro e estanho. Com mugidos,
em tropel, se lançavam do estábulo ao pasto,
junto a um rio murmurante, entre juncos flexíveis.
Quatro pastores de ouro puro aos bois seguiam,
e ao lado nove cães, patas-rápidas. Dois
medonhos leões a um touro, à dianteira, no meio
das novilhas, de súbito empolgam e o arrastam
enquanto muge e berra; pastores e cães

acorrem; mas, rasgando o megatouro, os leões
chupam-lhe o sangue escuro e as vísceras; em vão
os pastores açulam os seus cães velozes;
não ousam os mastins ferrar nos dois os dentes;
já cerca dos leões, ladram, mas ao léu se evadem.
O Fortes-braços, celebérrimo, gravou
no escudo um amplo pasto de ovelhas de prata,
e apriscos e palhoças cobertas e estábulos,
postos num vale ameno. Gravou ainda o multi-
-celebrado um recinto de dança no escudo,
à imagem do que Dédalo fizera em Cnosso
ampliformosa, para Ariadne, lindas-tranças.
Nele dançavam moços e gráceis donzelas,
prendendo-se uns aos outros, pelas mãos nos pulsos.
Elas vestiam finíssimo linho; eles, túnicas
bem-tecidas, brilhantes como óleo-de-oliva.
Elas coroadas de grinalda; eles de espada
de ouro e talim de prata. E giravam, com pés
destros, qual roda, quando o oleiro que a maneja,
sentado, prova como corre. Corriam todos,
eles também, em fila, uns para os outros. Muita
gente, à volta, apreciava a dança, enquanto um aedo
divino entoava um canto aos acordes da lira.
Dois acrobatas, com piruetas, iam seguindo
o ritmo, em meio à turba. Gravou, afinal,
o ímpeto do rio-fluente Oceano, à extrema borda
do escudo de fatura exímia. Fabricada
a rija mega-adarga, fez-lhe a mais que o fogo
refulgente couraça; ademais, fabricou-lhe
belo elmo de dedáleo lavor, às suas têmporas
ajustável, de topo áureo; de estanho dúctil
fez-lhe as luzentes cnêmides. Pronta a panóplia-
-de-armas, o Braços-fortes célebre tomou-as
e as foi depositar diante da mãe de Aquiles.
Do níveo Olimpo, Tétis voou feito um falcão,
portando as armas coruscantes, dom de Hefesto.

Canto XIX

A Ira, *Mênis*, amaina

Éos-Aurora irrompia, peplo amarelo-cróceo,
do fluente Oceano, a deuses e mortais levando
luz. Nisto chega às naus, portando o dom de Hefesto,
Tétis. Sobre o cadáver de Pátroclo, o filho
debruçava-se em pranto. Ao redor, numerosos
companheiros choravam. A deusa entre as deusas
apareceu. Tomando-lhe a mão, proferiu-lhe
estas palavras: “Filho, ainda que muito sofras,
deixa que ele descanse. É a vontade dos deuses.
Toma agora as esplêndidas armas de Hefesto,
belíssimas! Iguais ninguém pôs sobre os ombros!”
Assim falou a deusa. E depôs ante Aquiles
o arnês: todas as peças dedáleas ressoaram.
Os Mirmidões se tomam, todos, de terror.
Nenhum ousa mirá-las de frente; antes, fogem.
Mais se enfurece Aquiles, quando as vê. Seus olhos,
sob os cílios, fuzilam com feroz revérbero.
Se apossa com prazer dos dons, gala de um deus.
Saciado de admirar os primores dedáleos,
volta-se para a mãe com estas palavras-asas:
“Deu-me um deus, minha mãe, estas armas belíssimas,
obra de imortais, não factíveis por humanos.
Agora me encouraço para a guerra. Apenas
temo que, entrando pelas feridas que o bronze
rasgou no Meneceide, moscas importunas
germinem vermes, conspurcando o corpo morto -
já que a vida se foi - e todo ele apodreça.”
Tétis, a deusa pés-de-prata, respondeu-lhe:
“Filho, em teu coração não pese esse temor!
Eu mesma enxotarei a horda furiosa: moscas
prontas a carcomer o morto, espólio-de-Ares.
Mesmo que jaza exposto, ao culminar de um ano,
firme sua carnação restará, mais bela ainda!
Vai! Convoca os heróis aqueus à reunião na ágora.
A ira amaina que o rei Agamêmnon te inspira.
Encouraça-te e vai, de ardor vestido, à luta.”
Falou e lhe infundiu vigor polianimoso.
Em Pátroclo, ambrosia e néctar rubro instila
pelas narinas; dá-lhe assim firmeza à carne.
Pelas praias talássias foi-se, então, Aquiles
com brados estentóreos conclamando os Dânaos.

Os que ficavam de hábito na área das naus,
pilotos ao timão, intendentes de bordo,
os provedores de comida, todos, mesmo
esses, acudiam à ágora, pois o Aquileu
reaparecia, depois de ausente, tanto tempo,
da áspera refrega. Ares-adictos, Diomedes
belicoso e Odisseu acorreram, mancando,
apoiados às lanças, pois as chagas doíam-lhes.
Na ágora, na primeira fila, ambos sentaram-se.
Por último, chegou Agamêmnon, rei-de-homens,
também ele ferido; no violento vórtice,
desfechara-lhe Cóon Antenóride bronzi-
agudo golpe. Assim reunidos os Aqueus,
Aquiles, pés-velozes, levantou-se e disse:
“Atreide, para ti, para mim, a nós ambos,
de corações mordidos, ânimo-exaltados,
disputando, aloucados, uma simples moça;
para ambos nós melhor fora que a flechasse Ártemis
assim que a fiz cativa em Lirnesso, e a matara!
Então, mordendo o pó, mortos na vastidão,
tão grande número de Aqueus não jazeria,
vitimados por minha ira, um trunfo para Héctor
e os Troicos; os Aqueus lembrarão nossa rixa
por anos. Mas passou, é passado; embora ainda
doa o coração, doma-o a necessidade.
Amaino agora minha ira. Permanecer
nessa fúria obstinada não me convém. Tu,
entretanto, concita à luta os Aqueus, longos-
-cabelos. Provarei os Troicos, enfrentando-os,
caso, perto das naus, intentem pernoitar.
Mas, penso, dobrarão os joelhos, aliviados,
os que escapem da guerra, fugindo-me à lança.”
Falou. E se alegraram os Aqueus, de belas
cnêmides: renunciara à ira o Peleide, grande-
-coração. Agamêmnon, rei-de-homens, lhes disse,
do lugar onde estava, sem se alçar do meio
deles: “Bravos heróis aqueus, Ares-adictos!
É uma bela conduta ouvir quem se levanta,
sem disturbá-lo; mesmo o orador mais exímio
se deixa perturbar. Como ouvir ou falar
no tumulto? Ainda que eloquente, se embaraça.
Quero justificar-me ante o Peleide. E vós,
Aqueus, compreendei bem, pesai minhas palavras.
Muitas vezes os Dânaos fizeram-me amargas
censuras, reprovando-me. Não sou culpado,

mas Zeus, a Moira e a negronoctâmbula Erínia;
na ágora, eles cegaram-me o siso, funestos,
no dia em que tomei o prêmio do Aquileu.
Mas que fazer? Perpassa um nume e perfaz tudo:
Ate, a filha maior do pai Zeus, atroz, multi-
-enganosa. Pés lépidos, não pisa a terra;
anda sobre a cabeça dos homens e ao cabo
os arruína; um depois do outro, ela os burla e enreda.
O próprio Zeus, como se diz, o mais potente
entre os deuses e os homens, ela já iludiu.
Hera, sendo mulher, dele se burlou, mente-
-dolosa, quando Alcmene estava por parir
o vigor de Héracles, em Tebas, bem-coroada
de muros. Exultando, ante o pantêon reunido,
Zeus falou: ‘Escutai, deuses e deusas. Meu
coração me comanda que vos anuncie:
Hoje, as Ilitiias, deusas-parteiras, farão
ver a luz um que, sobre todos os vizinhos,
reinará, um da raça humana e do meu sangue.’
Mente-dolosa, a augusta Hera lhe respondeu:
‘Uma pseudoverdade! É falso isso que dizes!
Não o cumprirás. Caso o tenciones, Olímpico,
jura-me, então, solene: sobre os convizinhos
há de reinar aquele que, no dia de hoje, entre
pernas de mulher cair, humano e do teu sangue!’
Falou. E Zeus não deu pelo dolo em sua mente,
fazendo um megajuramento. Atroz dislate!
Hera, súbito, do alto Olimpo se lançou
e à pressa dirigiu-se a Argos Aqueia, segura
de ali encontrar a esposa do Perseide Estêleno,
de sete meses grávida, esperando um filho
dileto. O vir-à-luz antecipando, a deusa
fez prosperar rebento prematuro, enquanto
sustava as Ilitiias e, no seu parto, Alcmene.
Hera mesma anunciou-o a Zeus Pai, o Croníade:
‘Lançador de raios, grava o que eu digo: nasceu
o que há de guiar o povo aqueu. Euristeu, filho
de Estênelo Perseide, de tua estirpe, é digno
de encabeçar os Gregos’. Dor aguda o punge.
Empolgou Ate atroz, lucilantes-madeixas,
e, coração colérico, jurou, solene,
interditar o Olimpo e o urânio constelário
à multienganadora. Com suas próprias mãos,
em giro, a despenhou céu estrelado abaixo.
Ela tombou em meio aos afãs dos humanos.

Zeus Pai a maldizia, lamentando que o filho,
a mando de Euristeu, se obrigasse a cumprir
trabalhos vis. Também eu, enquanto Héctor, elmo-
-coruscante, aos Aqueus abatia junto à popa
das naus, não me esquecia da atroz insídia de Ate.
Se cometi um dislate e Zeus captou-me a mente,
quero agora aplacar-te com meus dons riquíssimos.
Mas lança-te ao combate e concita os guerreiros.
Empenho-me em prover-te dos presentes, todos,
que, em tua tenda, o divino Odisseu prometeu-te.
Caso o queiras, modera o esto de Ares, enquanto
meus servos te trarão, de minhas naus, as dádivas,
a fim de que avalies quão gratos são meus dons."
Então lhe retrucou Aquiles, pés-velozes:
"Ó Agamêmnon Atreide, ilustre senhor-de-homens,
poderás, a teu gosto, dar-me logo os bens,
como é justo, ou retê-los. Agora, é pensar
tão-somente na guerra. Em palavreado, aqui,
não há tempo a perder; a obra grande está lá,
inconclusa. De novo, à dianteira, se veja
Aquiles trucidar com lança brônzea os Troicos.
Que todos, relembrados do vigor, se batam!"
Mas o poliengenhoso Odisseu ponderou-lhe:
"Por mais bravo que sejas, ícone divino,
Aquiles, não exortes Aqueus em jejum
a combater com Troicos junto aos muros de Ílion;
a peleja não vai durar um tempo exíguo,
ao choque das falanges, quando insufle um deus
ardor em ambas. Manda que se fartem, junto
às naves, de alimento e vinho. Ganharão
em vigor e valor. De barriga vazia,
da aurora ao pôr-do-sol, não há como lutar;
por mais que o coração fogoso urja o guerreiro,
à revelia seus membros se entorpecem, fome
e sede o abatem; frouxos, seu joelhos emperram;
aquele que fartou-se de comida e vinho,
a fio, por todo o dia, confrontará o inimigo,
um coração-de-leão no peito, membros firmes,
que não se cansam antes que os antagonistas
abandonem o campo. Assim, dissolve as tropas;
manda que lhes preparem o repasto; enquanto
isso, que o Atreide, rei-de-homens, faça vir à ágora
seus dons, para que todos os Dânaos os vejam
e se alegre teu íntimo. Que entre os Aqueus
se erguendo, o rei te preste um juramento: nunca

ter levado Briseide para a cama, nunca
ter-se unido a ela, como à mulher se une um homem.
Assim, teu coração se acalmará. Em sua tenda,
o rei te ofertará banquete lauto, e nada
à reparação justa há de fazer-te falta.
E tu, Atreide, no porvir, sê mais equânime
para com outros. Não deslustra um basileu
desculpar-se ante alguém a que ofendeu primeiro.”
Disse-lhe, por seu turno, Agamêmnon, rei-de-homens:
“Alegra-me escutar, Laertíade, tuas palavras.
Tudo expuseste, tudo enumeraste, como
cabe. Disponho-me a essa jura, a impõe meu íntimo,
ao dâimon não serei perjuro. Que o Aquileu
aguarde aqui, por mais que Ares o açule. E vós,
também, reunidos, aguardai os dons. Um pacto
há de lavrar-se, fiel. Incumbo-te, Odisseu,
de escolher entre os jovens da Pangrécia o escol
para trazer das naus os ontem prometidos
presentes meus a Aquiles; e as cativas junto.
Que Taltíbio se apreste a preparar no vasto
campo aqueu, para ser imolado a Zeus e Hélio-
-Sol, um javali”. Pés-velozes, o Aquileu
lhe responde: “Agamêmnon, rei-de-homens, Atreide
ilustre: poderás, em momento melhor,
cuidar de todas essas coisas; na ocasião
de uma trégua no embate, quando se arrefeça
o fogo de meu peito. Agora jazem, por
Héctor Priâmeo lanceados, aqueles que Zeus
lhe concedeu a glória de domar. E nos
recomendais, vós ambos, que comamos? Não.
Antes instigarei os Aqueus a bater-se,
famintos, em jejum, e só depois ao pôr-
-do-sol, vingada a ofensa, então se banquetear;
não me passarão pela garganta, antes, pão
ou vinho, estando o amigo na tenda, pés para
a frente, morto pelo bronze, e em torno o pranto
dos companheiros; só uma coisa tenho em mente:
carnagem, morticínio, gemidos, o horror!”
Replicou-lhe Odisseu, poliastuto, dizendo:
“Aquiles Peleide, és o mais forte dos Dânaos,
de longe, e me superas no vigor da lança;
mas muito me avantajo sobre ti no engenho:
nasci primeiro e muito mais coisas já vi.
De coração paciente acata estas palavras.
Os homens se fatigam cedo das batalhas,

sempre que muita palha o bronze espalha ao solo,
mas é bem parca a messe quando Zeus inclina -
tesoureiro de humanas pugnas - a balança.
Que os Aqueus não pranteiem os mortos com o estômago.
Mortos, todos os dias, estes após aqueles,
tombam. De tanto luto, quando tomar fôlego?
É preciso enterrar os defuntos com firme
coração, e pranteá-los por um dia - um só!
Aos sobrevivos do espantoso embate cabe
tomar tento em comer e beber, para então,
sem trégua, revestidos de sólido bronze,
combater o inimigo. Que ninguém se quede
à espera de outras ordens. Ficar junto às naves,
inerte, é ruim. Cerrando fileiras, nós todos
contra os doma-corcéis açularemos Ares!”
Disse. E como parceiros tomou os Nestórides;
o Filêideo Meguete, mais Toante e Meríone;
Licomedes, o Creôntide, mais Melanipo.
Juntos se dirigiram todos para a tenda
de Agamêmnon Atreide, o rei. Com rapidez,
o dito foi cumprido e a missão se perfez.
Eles trouxeram sete trípodes da tenda,
conforme o prometido; vinte resplendentes
caldeiras; uma dúzia de corcéis e sete
mulheres, todas hábeis em prendas; a oitava,
maçãs-do-rosto-lindas, era enfim Briseide.
Pesados dez talentos de ouro, Odisseu porta-os;
os outros seguem-no, à ágora mais dons levando.
Agamêmnon levanta-se e Taltíbio, voz
de um quase-deus, que às mãos segura um javali,
põe-se a seu lado. O Atreide, puxando da bainha
da espada o punhal penso, cortou as primicias
das cerdas da cabeça do animal, a Zeus
erguendo, suplicante, as mãos. Os Aqueus todos,
em silêncio, sentados, ouviram o rei.
Fitando o vasto céu urânio, o Atreide orou:
“Primeiro Zeus, o deus maior e mais excelso,
testemunhe, bem como Geia-Terra, Hélio-Sol
e as Erínias subtérreas, que punem os homens
que perjuram: eu juro que jamais toquei
em Briseide, nem para conduzi-la à cama,
nem sob outro pretexto. Manteve-se intacta
em minhas tendas. Se é falso o que estou dizendo,
que os deuses me cumulem dos males que caem
sobre o perjuro.” Disse. E com bronze inclemente

cortou a gorja ao cerdo. Taltíbio jogou-o -
repasto para os peixes - com um giro, ao mega-
-abismo do mar branco-salino. O Aquileu,
de pé, em meio aos seus, clamou: “Zeus Pai, transtornas
e enceguesces os homens; no meu coração,
jamais o Atreide houvera incitado a ira, nem
de minha tenda, à bruta, arrebatado a moça,
se de tantos Aqueus não quisesses dar cabo.
Ide comer agora! Depois, todos a Ares!”
Falou. Rapidamente a ágora dissolveu-se.
Dispersos, os guerreiros procuram suas naus.
Corações-animosos, os Mirmidões levam
para o navio de Aquiles, divino, os presentes.
Nas tendas os depõem, dispondo que as mulheres
sentem-se. Dos corcéis, cuidam os escudeiros.
Assim que Briseide - ícone de Afrodite ouro-
-loura - viu, transpassado pelo bronze, o corpo
de Pátroclo, abraçou-o, em soluços, lanhando
o seio, o colo tenro e as faces com as mãos.
Disse então, a chorar, mulher quase-uma-deusa:
“Ó Pátroclo, dileto do meu coração
sem fortuna! Deixei-te, ao sair da tenda, cheio
de vida, e agora estás morto, condutor-de-homens!
Para mim, a um mal segue sempre outro mal. Vi,
diante dos muros, o homem que pai e mãe deram-me
por esposo, varado pelo bronze cruel;
três amados irmãos, de minha mãe gerados,
também os alcançou, aos três, o instante aziago.
E não, não me deixaste chorar quando Aquiles,
pés-velozes, matou-me o marido e assolou
a pólis de Minete; seria - prometeste -
pelo Aquileu tomada como legítima
esposa e conduzida em sua nau para as bodas
na Ftia dos Mirmidões. Ó sempre-doce, vou
chorar-te sempre.” Em lágrimas, falou. As outras,
chorando o morto, as próprias penas também choram.
Os gerontes aqueus, em torno a Aquiles, rogam-lhe
que se alimente. Angustiado, ele se recusa:
“Se entre vós há quem me ouça, caros companheiros,
não me forceis a saciar fome e sede agora.
Tomou-me uma terrível dor. Até que o Sol-
-Hélio decline, aguardarei. Posso aguentar.”
Falou. E despediu os outros basileus.
Mas ficaram os dois Atreides, Odisseu,
Néstor, Idomeneu e o velho Fênix, guia-

-corcéis, para aliviá-lo do amargor profundo.
Só penetrar na goela sangrenta da guerra
o aliviaria. Rememorava, suspiroso:
“Ó sem-ventura, o melhor entre os companheiros!
E dizer que na tenda outrora me servias,
prestes, a refeição, enquanto se apressavam
os Aqueus em levar Ares, a guerra multi-
-lácrima, aos Troicos. Jazes, agora, alanceado.
Meu coração jejua. Não porque faltem víveres,
mas por ti. Dor maior não poderia afligir-me,
nem mesmo se eu soubesse que morreu meu pai,
que ora talvez em Ftia derrame ternas lágrimas
pela ausência do filho. (E eu, entre gente estranha,
pela funesta Helena, a combater os Troicos!)
Nem mesmo se meu filho, que em Esciro educa-se,
símil-a-um-deus, Neoptólemo, morrera (se é
que ainda vive). Confiara-me o coração, fiara-me:
que eu só, distante de Argos, nutriz-de-corcéis,
finava-me aqui em Troia; enquanto à Ftia, de torna-
-viagem, de Esciro conduzisses o meu filho
em tua nau negro-rápida, para mostrar-lhe
meus bens, a escravaria, o mega-solar alti-
-coberto. Peleu, creio, estaria morto, à altura,
ou, se vivo, teria sempre a mortificá-lo
a esquálida velhice e a angústia de esperar
a lutuosa notícia da morte do filho.”
Falou, em prantos. Lastimaram-se os gerontes,
recordando o que haviam deixado em seus palácios.
Vendo-os chorar, condói-se Zeus Croníade, e à Atena
dirige, de improviso, estas palavras-asas:
“Filha querida, abandonaste o teu herói?
De Aquiles já não mais cuida teu coração?
Ei-lo sentado junto às naus de emproadas quilhas,
chorando o companheiro amado, enquanto os outros
cuidam de comer; ele só se abstém, jejua.
Vai, infunde-lhe néctar e a grata ambrosia
no peito; assim, a fome não o afrouxará.”
Falou. E incitou Palas, já por si excitada.
Feito claríssono falcão marinho de asas
ampliabertas, do urânio, Atena, éter abaixo,
catapulta-se ao campo onde o exército aqueu
se encouraça. No peito de Aquiles infunde
néctar e ambrosia grata: que de fome não
afrouxe os joelhos. Torna então ao solar sólido
do poderoso pai. Fervilhando, os guerreiros

saem das naus. Feito flocos-de-neve cadentes
de Zeus, gélido-espessos, à impulsão de Bóreas
filho-do-éter, das naus, espessamente, irrompem
elmos relampejantes, escudos umbili-
formes, blindadas armaduras, longas lanças
de freixo. Sobe ao céu o fulgor. Ri-se a terra
em torno, ao brilho brônzeo. Com fragor reboam
os pés dos homens. Entre eles, Aquiles arma-se,
divino. Ei-lo a ranger os dentes, olhos fúlguros
feito fogo em fagulhas; no coração, dor
indomável. Furioso contra os Troicos, veste
os dons do deus, lavor laborioso de Hefesto.
As belas cnêmides em torno às pernas ata
com fivelas de pura prata. Então enverga
ao redor de seu tórax o arnês. Às espáduas
suspende a espada brônzea, argênteo-cravejada.
Embraça o megaescudo maciço enfim, de onde
se difunde um clarão quase-lunar, bem longe.
Quando aos nautas, no oceano, alumbra um resplendor
de fogueira a queimar no píncaro do monte,
em sítio solitário, a procela os impele
a contragosto ao mar piscoso, para longe
dos amigos; assim no éter raiava o escudo
dedáleo-belo do Aquileu. Ele ergue e põe
sobre a cabeça o sólido elmo tetracórnio;
lampeja como estrela o casco, cauda-equina,
e as crinas de ouro ondulam ao redor do topo,
áureo tufo que Hefesto lhe apusera. Aquiles
prova se o arnês se adapta aos seus membros, flexível.
São asas e alam o herói, guia-de-homens. Então
tira do estojo a lança paterna, pesada,
robusta, enorme. Aqueu nenhum, salvo ele próprio,
podia sustê-la. Freixo do Pélion que Quíron
dera ao pai Peleu, para o prélio mortal contra
heróis adversos. Dos cavalos cuida o auriga
Automedonte com ajuda de Álcimo; eles
os atrelam à biga; cingem-nos de belas
correias; os maxilares enfreiam e repuxam-lhes
até o firme assento as rédeas. O faiscante
chicote Automedonte, exímio em seu manejo,
o empunha e salta sobre o carro equino. Aquiles,
todo-em-armas, fulgindo como o Sol-Hipérion,
sobe em seguida e brada aos paternos corcéis,
terrível: “Xanto e Balio, célebres rebentos
da harpia Podarga, um outro modo cogitais

de trazer são e salvo aos Dânaos vosso guia
quando farto da guerra. Morto, não o largueis
no campo, como Pátroclo.” Patas-velozes,
sob o jugo, responde-lhe Xanto, inclinando
a cabeça; ao chão quase, fora da coleira,
suas crinas se derrramam. Hera, braços-brancos,
dá-lhe fala: “Hoje ao menos, impetuoso Aquiles,
te salvaremos. Mas o dia fatal se acerca.
Não nos culpes. Inculpa um deus maior e a Moira.
Não foi por lentidão, nem por preguiça nossa,
que os Troianos, dos ombros de Pátroclo, as armas
lhe arrancaram. Um deus fortíssimo, gerado
por Latona, a de lindos cabelos, matou-o
à vanguarda das tropas, e a Héctor deu a glória.
Na carreira, podemos competir com Zéfiro,
cujo sopro, se diz, é o mais veloz. A Moira
mora em ti: morrerás às mãos de um nume e um homem.”
Falou. Então, calaram-no as Erínias. Torvo,
o Pés-velozes retrucou: “Xanto, por que
me agouras? Não devias. Bem sei que a Moira à morte
me destina, aqui, longe dos meus. Mas os Troicos
de tanta guerra hão de cansar-se, antes que eu ceda.”
Disse e avante incitou os corcéis unicascos.

Canto XX
Teomaquia: o combate dos deuses

Assim, junto das naus recurvas os Aqueus
em teu redor se armavam, Peleide insaciável
de guerra; na eminência do plaino, os Troianos
também. A Têmis, Zeus, do alto Olimpo de múltiplos
vales, ordena que à ágora convoque os deuses.
Esta, à mansão do Pai, chama os numes que venham.
A todos: não faltou rio nenhum, salvo o Oceano;
nem ninfa, das que habitam bosques e nascentes
e campinas relvosas. Chegando ao solar
do Ajunta-nuvens, se assentaram sob os pórticos
polidos com primor, sábio lavor de Hefesto,
em louvor de Zeus. Reúne-se, assim, no solar
excelso do Pai, a ágora dos deuses. Nem
desatendeu à deusa o Treme-terra. Sai
do mar salino e senta-se entre os mais, sondando
a divina vontade: "Zeus Fulminador,
por que convocaste a ágora dos deuses? Algo
sobre Aqueus e Troianos? Entre ambos, premente
é o prorromper da guerra e da contenda." O Ajunta-
-nuvens lhe disse, respondendo: "Ó Treme-terra,
em meu peito adivinhaste a razão de reunir-vos:
ainda que morredouros, eles me preocupam.
Ficarei no alto Olimpo, apreciando o espetáculo,
de um píncaro. Vós outros, porém, misturai-vos
a Gregos e Troianos, a estes ou àqueles,
a gosto, socorrendo. Se Aquiles, sozinho,
pugnasse, não por muito o conteriam os Troicos.
Só de vê-lo tremiam, antes. Agora, fúria
em seu coração pela morte do amigo, é
de esperar que, contrário à Moira, arrase os muros!"
Zeus falou. E travou-se guerra encarniçada.
Ao campo, os deuses descem com diverso intuito.
Hera acorre aos navios, junto a Palas Atena.
O geócrata Posêidon e Hermes Benfazejo,
o qual, mente astuciosa, prima sobre todos,
vêm com eles, e Hefesto, cioso de sua força,
mancando, pernas débeis debaixo das cnêmides.
Para os Troicos vai Ares, elmo-rutilante;
Febo secunda-o, longos cabelos, mais Ártemis,
sagitária, Latona, Xanto e Afrodite ama-
-sorrisos. Como os deuses mantinham-se à parte,

os Aqueus exultavam à visão de Aquiles,
tanto tempo afastado da guerra lutuosa;
mas sobrevém aos Troicos um temor terrível,
um calafrio nas pernas, vendo o Pés-velozes
em armas lampejantes, par do mata-humanos
Ares; mas quando os numes entram na voragem,
Éris, excita-guerras, a Discórdia, assoma.
Atena ulula ao longo do fosso, extramuros,
ou então, altos brados, junto à praia ressoante.
Do outro lado estruge Ares, fosco furacão,
dos altos da cidade instigando os Troianos,
ou então, desde Belacolina, correndo,
às margens do Simoente. Assim, os Venturosos,
incitando uns e outros, assanham contenda
terrível. Das alturas, horríssono, Zeus
Pai troveja. Posêidon, das profundas, move
a terra desmedida e os píncaros dos montes.
Tremem os fundamentos do Ida multifluente,
e os cimos e a cidade de Troia e as naus gregas.
Edoneu, rei subtérreo do Hades, se apavora;
salta do trono aos gritos: temia que de cima
Posêidon Treme-terra abrisse o solo crônio,
escancarando aos homens e aos deuses seu úmido
paço, lúgubre, fosco, odioso mesmo aos numes -
tanto fragor se ergueu do entrebate dos deuses.
Afrontando Posêidon soberano, eis Febo
com suas flechas aladas. Olhos-azuis, Palas
Atena enfrenta Ares-Eniálio. Diante de Hera,
Ártemis, arco-de-ouro, a clamorosa lança-
flechas, irmã do sagitário Vibralonge.
Hermes, cursor-veloz, potente, com Latona
se confronta; ante Hefesto, o mega rio profundo-
-vorticoso, chamado Xanto pelos numes,
por mortais, Escamandro. Entrebatem-se os deuses.
Aquiles, no entretempo, ansiava por medir-se
com Héctor, na voragem; seu coração, sobre-
tudo, queria saciar, no sangue do Priâmeo, Ares,
pugnaz porta-broquel. Mas Febo, excita-exércitos,
contra o Peleide impele Eneias e imbui-lhe forças.
Símil, na voz, a Licáon Priâmeo e similar
no semblante, questiona-o o filho de Zeus, Febo
Apolo: “Ó conselheiro dos Troicos, Eneias,
onde estão os protestos que fazias, bebendo
vinho entre os basileus, de lutar cara a cara
com Aquiles?” Eneias, por seu turno, responde-lhe:

“Por que filho de Príamo, me exortas à luta
contra minha vontade, com Aquiles, sobre-
animoso? Esta não seria a vez primeira.
Já me afugentou do Ida com sua lança, quando
caiu sobre o nosso gado e derrocou Lirnesso
e Pédaso, mas Zeus guardou-me, dando-me ânimo
forte e joelhos velozes. Senão, com suas mãos
me domaria o Peleide, guiado por Atena,
que o precedia feito um fanal de glória, e instava-o
a trucidar, com lança bronziaguda, Troicos
e Lélegos. Não é possível, cara a cara,
enfrentá-lo. Tem sempre, a seu lado, um dos deuses,
que o poupa do malogro. Seu dardo certeiro
só se detém quando atravessa corpo humano.
Mas fora um deus o fiel de equânime balança,
vencer-me não seria fácil ao que se crê
todo-bronze.” Replica-lhe o filho de Zeus,
Febo Apolo: “Herói, faz tua prece aos Sempiternos,
tu também, pois - se diz - és fruto de Afrodite,
filha de Zeus; Aquiles vem de menor deusa;
não de Zeus, mas do velho do mar salino esta
última nasceu. Tua lança brônzea, infrangível,
enrista. Não te afetem ameaças e injúrias.”
Falou. Enorme força insuflou no pastor-
-de-gentes, que se pôs à frente, bronziarmado,
fúlgido. Braços-brancos, Hera percebeu
que o Anquíseo, contra Aquiles, movia-se na turba.
Tendo reunido os pares, disse estas palavras:
“Ponderai em vosso íntimo, Atena e Posêidon,
como se passarão estas coisas. Eneias,
filho de Anquises, ei-lo, está marchando agora,
flamante, bronziencouraçado, todo em armas,
à instigação de Febo Apolo, contra Aquiles.
Cabe a nós rechaçá-lo e ao flanco do Peleide,
lhe dar, algum de nós, vigor extremo, para
que ao desânimo não desfaleça, convicto
de que os melhores deuses o amam e de como
os que aos Troicos se aliam são numes vãos, anêmicos.
Mas baixemos nós todos do Olimpo e tomemos
parte no prélio. Mal nenhum padeça Aquiles
hoje, ao menos, das mãos dos Troicos amanhã,
sofrerá, sendo o caso, tudo quanto o acaso,
desde o berço, lhe urdiu com fio de linho. Aquiles,
se o não souber dos deuses, tremerá se um deus
o enfrentar: são terríveis os deuses se às claras

se mostram.” Retrucou Posêidon, Treme-terra:
“Não te convém que a cólera exceda a razão.
Não desejo que os outros deuses incitemos
à disputa, pois nós somos muito mais fortes.
Vamo-nos pôr à margem da refrega, juntos,
em mirante elevado, e que os homens guerreiem.
Mas se Ares parte à luta, ou Febo Apolo, e tolhe
Aquiles, impedindo-o de bater-se, então
a nós também se imporá o ímpeto do prélio;
e penso, bem depressa, ao Olimpo, ao convívio
dos outros numes volverão, por nós domados,
pela força de nossas mãos coagidos.” Disse.
E, deus de cabeleira azul-cianuro, guiou-os
ao muro circular de Héracles, sobranceiro,
erguido por Atena e os Troicos para o heráclleo
herói, como refúgio ante o monstro marinho,
quando a orca o perseguisse da costa à planura.
Lá Posêidon e os mais deuses se assentam, sobre
as espáduas lançando impenetrável manto
de névoa; os outros numes quedam-se nas grimpas
de Belacolina; eles te cercam, Apolo
flechador, e a Ares, rompe-fortins. De uma parte
e de outra, assim, meditam planos, hesitando
em começar a pugna, embora do alto assento
Zeus os incite. Todo o plaino se replena
de peões e de corcéis. Lampeja o bronze. A terra,
sob os pés dos guerreiros em marcha, reboa.
No miolo dos heróis, os mais bravos, Eneias
e Aquiles, ansiando ambos por bater-se, encontram-se.
Eneias é quem primeiro avança, meneando o elmo
sólido, ameaçador; diante do peito soergue
o escudo resistente, e brande a lança brônzea.
Contra ele se levanta Aquiles feito leão
predador, a quem todos desejam ver morto,
toda uma grei. No início, desdenhoso, avança,
mas quando, Ares-fogoso, um dos moços o fere
à lança, se retorce e as fauces arreganha;
a espuma lhe referve os dentes; no peito, o ânimo
lhe freme; a cauda açoita-lhe os ilhais e o dorso;
a combater a sanha o açula; os olhos glaucos
fuzilam; arma o bote: ou mata um homem, ou
morre no embate; assim o coração soberbo
impulsiona o Aquileu de encontro ao bravo Eneias,
grande-de-ânimo. Avançam um contra o outro, cara
a cara, e estacam. Diz então o Pés-velozes:

“Eneias, aos companheiros por que te adiantaste
tanto, para enfrentar-me? É o coração que te urge?
A esperança que nutres de ser rei dos Troicos,
doma-corcéis, e sucessor de Príamo? Mesmo
que me abatesses, não te poria nas mãos, Príamo,
o cetro, pois tem filhos e é são, não insano.
Acaso demarcaram-te os Troicos um trato
de terra, a melhor gleba, seja para o arado,
seja para o plantio, da qual fruirás, se acaso
me matares? Difícil, quero crer, que o faças.
Da outra vez minha lança pôs-te em fuga, lembro.
Não recordas o dia em que, longe do rebanho,
estavas só e eu te acossei dos cimos do Ida
e, acelerando os pés, fugiste, sem olhar
para trás? Em Lirnesso, então te refugiaste.
Arrasei-a, com respaldo de Atena e de Zeus,
apresando as mulheres e dos seus dias livres
despojando-as. Salvaram-te Zeus e os mais numes.
Já não creio que hoje te socorram, como pensa
teu coração. Retira-te, é o que te aconselho,
para os teus; não me enfrentes, livra-te do pior:
só mesmo um néscio espera o fato consumar-se.”
Como resposta, Eneias disse-lhe estas palavras:
“Não penses que me assustas, filho de Peleu,
com esse palavrório. Eu não sou um menino.
Sei também proferir insultos e impropérios.
Conhecemos, nós dois, nossas estirpes; nós
dois conhecemos - bem a conhecemos - nossa
progênie, no epos dos heróis mortais cantada.
Em pessoa, nunca vi teus pais, nem viste os meus.
De Peleu e de Tétis, belas-tranças, filha-
-do-mar-salino - dizem - nasceste. Sou filho
de Anquises, animoso, e da deusa Afrodite.
Hoje, uns ou outros chorarão seu filho. Não
nos basta pelejar, penso, com vãs palavras
e, sem de fato combater, nos separarmos.
Mas se queres saber mais de minha progênie,
digo-te o que é notório a muitos homens. Zeus,
Ajunta-nuvens, gerou Dárdano, primeiro.
Este fundou Dardânia, pois Ílion sagrada,
pólis de homens mortais, não fora todavia
erguida sobre o plaino: as gentes habitavam
o sopé do Ida, multifluente. O basileu
Erictônio, gerado por Dárdano, foi
o mais rico entre todos os mortais. Três mil

éguas pastavam-lhe em pascigos paludosos,
ufanas de seus potros vivazes. De doze
delas enamorou-se Bóreas; semelhando
um retinto corcel, crinas cianuro-azuis,
as montou e emprenhou; pariram doze potros.
Esses, quando saltavam nos prados trigosos,
esfloravam espigas sem vergá-las; quando
sobre o dorso do mar grisalho, mal tocavam
o espumejar da onda. Erictônio gerou Trós,
rei dos Troicos, que teve três filhos imáculos,
Ilo, Assáraco e - par-dos-deuses - Ganimedes,
que foi, entre os mortais, o mais belo: os Celestes
o raptaram, a fim de que, por sua beleza,
servisse o vinho a Zeus, restando entre os eternos.
De Ilo nasceu o imáculo Laomedonte; este
gerou Titono, Príamo, Lampo, Clício e - adicto-
-de-Ares o belicoso Icetáone. De Assáraco
proveio Cápis, que foi pai de Anquises; e deste
eu nasci. Por seu turno, Príamo gerou Héctor,
o divino. Eu me orgulho de ser dessa estirpe
e sangue. Zeus aumenta ou míngua, a seu talante,
o valor dos humanos, já que é o mais potente.
Mas chega de palrar como crianças, parados
aqui, enquanto referve e se alastra a refrega.
Podíamos trocar, ambos, um milhar de injúrias,
nem uma nave centirreme aguentaria
o peso delas. Lábil é a língua dos homens;
muitos discursos nela encerram-se; o pascigo
dos vocábulos é vasto; quem algo diz
algo escutará. Não há por que um com o outro
altercarmos, tal qual mulheres irritadas
que em pendenga, comendo-se o coração, vêm
para a rua e se insultam, dizendo verdades
e inverdades, pois a isso a cólera as incita.
Não me farás, porém, recuar, com palavreado,
do ímpeto que me anima de enfrentar-te a bronze.
Antes, tercemos lanças brônzeas, e depressa.”
Disse. E lançou o pique poderoso contra
a adarga apavorante. O megaescudo circun-
ribombou de encontro à hástea. Com mão forte, Aquiles
afastou-o, por temor de que o varasse, fácil,
a lança longa-sombra do animoso Eneias.
Tolo, não lhe passou pela mente nem pelo
coração, que aos mortais é difícil que cedam
ou se dobrem os dons dos deuses. Não varou

o escudo o poderoso pique de Eneias. O ouro,
doação divina, obstou-o; a ponta atravessou
duas camadas: faltavam três, pois o deus manco
tinha forjado cinco chapas, duas de bronze;
duas, internas, de estanho e, no meio, uma de ouro;
esta segurou a hástea fraxínea. O Aquileu,
por sua vez, dardejou-lhe a lança longa-sombra,
que o redondo pavês de Eneias foi golpear na orla
exterior, bem abaixo, onde a capa de bronze
era mais fina, mais fino o tenso courame
táureo. O freixo do Pélio trespassou-o de lado
a lado e o escudo atroou. Eneias se agachou, pávido,
e do corpo o afastou. Sobrepassou-lhe a espádua
a lança e se fincou no solo, após romper
o aro duplo da borda, esse resguardo-de-homens.
Tendo esquivado o megalançaço, ofuscaram-se-lhe,
miríade-doloridos, os olhos de medo,
tão perto dele o dardo se cravara. Mas
rompeu raivoso, rente dele, Aquiles, gládio
nu, ululando terrivelmente. Então, Eneias,
apanhando uma pedra - mó enorme, que dois
homens, dos de hoje, não susteriam, e ele, só,
erguia, fácil - no salto acertara o Aquileu
no elmo ou no escudo, bastiões contra a morte lácrima,
e este, à espada, o teria matado, se Posêidon,
vendo claro, aos Celestes não dissera, súbito:
“Dói-me, ó deuses, que Eneias, grande-coração, veja-se,
por obra do Aquileu, prestes a baixar ao Hades,
a Febo Apolo, o Vibralonge, dando ouvidos.
Tolo! Da morte lácrima o deus não irá
defendê-lo. Inocente, por que deverá,
em vão, padecer por culpa alheia? Ele sempre
doou aos deuses do vasto céu dádivas gratas.
Vamos, pois, resguardá-lo da morte, senão
Zeus Pai há de irritar-se, no caso deAquiles
o abater. Manda a Moira que ele escape, a fim
de que, priva de sêmen, não pereça a estirpe
de Dárdano, o rebento que Zeus mais amou
entre os que, de mulheres mortais, lhe nasceram.
À linhagem de Príamo o Croníade detesta.
Agora, sobre os Troicos, Eneias reinará
e os seus filhos e os filhos nascituros deles.”
Olhitáurea, Hera augusta então lhe retrucou:
“Ó Treme-terra, tu mesmo deves lá no íntimo
decidir sobre Eneias: se o salvas ou se o deixas,

embora bravo, ser domado por Aquiles.
Eu e Atena juramos, muitas vezes, ante
os deuses, esta jura: não poupar jamais
os Troianos do dia agourento, mesmo quando
tomasse Troia inteira um fogaréu furioso,
ateado por mãos de Aqueus, Ares-belicosos.”
Ouvindo isso, Posêidon Treme-terra à luta
se atirou, no entrevero das lanças, até
onde Eneias e o Aquileu se encontravam. De súbito,
os olhos do Peleide Aquiles enevoou
e arrancou do pavês de Eneias o freixo brônzeo,
e o colocou perante os pés de Aquiles. Fez
Eneias levitar sobre o chão e arrebatou-o;
com o impulso da mão do deus, Eneias, de um salto,
muitas fileiras de heróis, muitas de corcéis
sobrevoou, até o termo extremo da peleja
impetuosa, onde, em armas, já se encouraçavam
para o combate as hostes caucônias. Posêidon
Treme-terra acercou-se com palavras-asas:
“Dize-me, Eneias, que nume anuviou-te o bom senso
e te levou a combater Aquiles, sobre-
animoso, que, a um só tempo, em força é maior
do que ti, e é mais caro aos deuses imortais?
Toda vez que o defrontes no campo de luta,
deves recuar, a fim de que não baixes, mesmo
à contra-Moira, ao paço do Hades. Quando morra
Aquiles e perfaça o fado, então sim, cheio
de destemor, à frente poderás pugnar,
guiando as tropas, sem medo à morte.” Falou. Tudo
explicado, deixou-o. Desfez do olhar de Aquiles
a escuridão divino-milagrosa. O herói,
recobrada a visão, pôs-se a mirar, com olhos
grandeabertos, e, irado, disse ao coração
sobreanimoso: “Deuses, que megaespantosa
visão me assombra: minha lança no chão finca-se,
mas, o homem que almejei matar, não o diviso!
Sim, Eneias era caro aos deuses imortais,
e eu a crer que isso fosse uma fátua jactância!
Que se dane! Quem, uma vez, safou-se, alegre,
à morte, não vai ter tutano de enfrentar-me!”
Falou. E percorreu as tropas: “Divos Dânaos,
vou pôr à prova outros Dardânios.” Ardoroso,
permaneceu cerca dos Troicos e acossou-os
cara a cara. “Difícil, ainda que potente,
me é perseguir a tantos homens, combater

com tantos. Nem - embora deus - Ares, Atena
tampouco, domariam as fauces de um tumulto
tal, sem muita fadiga. Mas quanto a mim, tudo
quanto posso fazer, com pés e mãos e força,
eu o farei, jamais cedendo, nem um mínimo:
atravessarei, pronto, as fileiras; não creio
que Troico algum se alegrará, posto ao alcance
de minha lança.” Disse, exortando-os. Mas Héctor,
brado-forte, chamava os seus, pronto a enfrentar
- garantia - o Peleide: “Ó sobreanimosos Troicos,
não temais o Aquileu. Com seu palavrório, eu
mesmo pelejaria com os deuses; com lança
não, são muito mais fortes! Aquiles não há de
cumprir, em tudo, sua palavra. Algo fará,
algo deixará meio feito. Vou enfrentá-lo,
ainda que tenha mãos iguais ao fogo, sim,
mãos de fogo e furor de ferro fagulhante.”
Falou e os incitou. Os Troicos enristaram
suas lanças. Encontraram-se assim as duas fúrias
e os clamores de guerra. “À lida com Aquiles
não te alces, Héctor, só. Mescla-te à turbamulta,
ao fragor.” Febo Apolo, acercando-se, ajunta:
“Que a espada não te fira ou toque de perto.” Héctor
ouviu a voz do deus, e tremeu, retornando
aos Troicos. Mas Aquiles lançou-se sobre eles,
vestindo ardor, aos gritos. Caiu primeiro Iftíone
Otrinteide, cabeça de inúmera gente,
nascido de Otrinteu, rompe-pólis, e de uma
ninfa-náiade, ao pé do Tmolo níveo, no Hidas
fértil. Tomava impulso, quando o divo Aquiles
alcançou-o na testa, partindo-lhe o crânio
em dois. Tomba e ribomba o morto. Aquiles jacta-se:
“Jazes, aqui, bravo entre os bravos, Otrinteide.
Aqui encontraste a morte, embora nato junto
ao lago Gigeu, sítio da herdade paterna,
à orla do Hilo piscoso e dos vórtices do Hermo”.
Falou. E o escuro os olhos do Troico eclipsou.
Esmagaram-lhe o corpo nas rodas os carros
dos Aqueus, à vanguarda. O segundo a tombar
foi Demoleão, o filho de Antenor, na guerra
paladino. Através da viseira, na têmpora,
o pique o trespassou. Nem o elmo, guardas-brônzeas,
deteve a lança aguda. O osso se rompe e o cérebro
esmiola. Sucumbiu no salto. A Hipodamante,
que apeou do carro equino, e à frente lhe fugia,

Aquiles alanceou no dorso. Expira o sopro
vital, mugindo, como um touro muge quando
é arrastado por jovens à ara do Helicônio
Posêidon Treme-terra, que exulta. Assim, sai-lhe
dos ossos o animoso respiro, aos mugidos.
A lança do Aquileu golpeia, agora, o par-
-dos-deuses, Polidoro Priâmeo. O rei, seu pai,
por muito jovem, não o queria ver guerreando,
o filho mais amado, invicto nas corridas.
Confiado nos pés céleres, com petulância
pueril, desabalado, se exibia na linha
de frente, até perder a vida. Aquiles, pés-
-velozes, alanceou-o no dorso, em pleno curso,
ali, onde as fivelas áureas da cinta unem-se
numa dupla couraça defensiva; o acúmen
da lança trespassou-o e saiu perto do umbigo;
de joelhos, eclipsou-o névoa cianuro-negra;
dobrando-se, tentava, com as mãos, debalde,
reter as vísceras. Quando Héctor viu o irmão
Polidoro, as entranhas nas mãos, rolar por
terra, seus olhos se enevoaram. Não mais pôde
se agitar longe do Aquileu. Correu de encontro
a ele, brandindo aguda lança cor-de-fogo.
Aquiles, no que o viu, saltou-lhe à frente, aos brados:
“Eis o homem que feriu meu coração no fundo:
matou-me o companheiro predileto. Não
nos fugiremos mais por veredas da guerra.”
Disse e, de olho enturvado, fitou o duro Héctor:
“Chega-te e mais veloz te achegarás da morte.”
E, elmo-coruscante, Héctor: “Não me assusta, não
sou um menino, o teu palavrório. Também
eu sei dizer injúrias, lançar impropérios.
Reconheço: em valor me excedes. O futuro
de tudo jaz, porém, nos joelhos dos Excelsos.
Ainda que inferior, posso-te arrancar a vida,
golpeando-te; também meu dardo é pontiagudo!”
Disse, e brandindo o dardo, lançou-o. Mas Atena,
com um sopro desviou-o, para longe de Aquiles;
um ligeiro assoprar e a hasta retorna em curva
e perante os pés de Héctor cai, pesada. Aquiles
saltou, irado, mirando matá-lo, aos gritos,
medonho. Apolo, fácil (era um deus!), subtraiu-o
e numa espessa nuvem eclipsou-o. Aquiles
três vezes vibrou a hástea, três vezes golpeou
a profundeza da nuvem. A quarta, quase-

-demônio, urrou palavras-asas, formidável:
“Cachorro, foges outra vez da morte. O azar
te rondou e passou perto. Febo salvou-te
de novo, ele, a quem rogas antes do fragor
das armas. Vou dar cabo de ti, onde te ache,
se um deus me socorrer. Agora, contra os outros
guerreiros, qualquer Troico que me surja à frente,
me arremessarei.” Disse e a Díope, bem no meio
do pescoço feriu. Perante os pés, tombou-lhe
pesadamente. Ali o largou, acometendo
Demuco Filetóride, alto, vigoroso;
deteve-o e vulnerou-lhe com a lança a rótula;
depois, brandindo a megaespada, esvaiu-lhe a vida.
Assalta, então, os dois filhos de Biante, Laógono
e Dárdano. Rojou ao chão, a ambos, dos carros;
um a golpe de lança, outro, de perto, à espada,
os abateu. Abraça-lhe os joelhos, rogando
pela vida, o Alastóride Trós: “Que o poupasse,
que o fizesse cativo e o mentivesse vivo,
tinham a mesma idade!” Tonto! Não sabia
que o herói não lhe daria ouvidos; não era homem
de coração-de-açúcar, compassivo de ânimo,
mas tomado de fúria. Abraçava-lhe os joelhos,
súplice. Mas Aquiles, no fígado, enterra-lhe
a espada e o extirpa; sangue negro o peito inunda-lhe;
a escurez eclipsou-lhe os olhos; morreu-lhe o ânimo.
Acercou-se de Múlio e transvazou-lhe o ouvido
à lança; a ponta brônzea saiu pela outra orelha.
Na cabeça golpeou, forte, Êqueclo, o Agenóride
com a espada provida de punho. De sangue
a lâmina ferveu. Já capturam seus olhos
a morte púrpura e a medonha Moira. Logo
após, a Deucalíone, no ponto onde se unem
os tendões do antebraço ao cotovelo, Aquiles,
com a ponta de agudo bronze, o transfurou;
pesa-lhe o braço, vê o semblante da morte: um
golpe de espada à gorja arranca-lhe a cabeça
e o elmo fora; a medula espirra-lhe das vértebras;
rola por terra. Assalta agora Rigmo, filho
do rei Píroo, da Trácia, terras férteis. Fere-o
em cheio, no abdômen; nele embebe o agudo bronze,
e o derruba. Na espinha acerta o auriga Arêitoo,
que recuava os corcéis; do carro o joga ao chão,
e os cavalos se espantam. Como fogo em fúria,
violento, invade vales fundos no monte árido

e arde no bosque espesso ao vento vorticoso
que sopra a chama e ubíqua a dispersa, o herói, quase-
-demônio, assalta as vítimas e a terra sangra
escurecida. Feito junta de bois fronti-
-largos, na eira ampla onde a cevada é separada
e alva debulha sob as patas dos bovinos
mugidores; assim os corcéis unicascos,
sob o guante de Aquiles, pisoteiam escudos
e cadáveres; e o eixo ensopa-se de sangue
e a espalda dos assentos mancha-se dos pingos
que respingam de rodas e cascos. Aquiles
quer glória, invicto: poeira e sangue as mãos lhe tisnam.

Canto XXI

Mákhe parapotámos: Batalha à beira-rio

No que alcançam o vau do rio bela-torrente,
o Xanto vorticoso por Zeus Pai gerado,
Aquiles, dividindo os Troicos, a uns encalça
plaino-além, até a pólis, por onde os Aqueus,
em pânico, na véspera, haviam fugido ante
Héctor, fúria faiscante. (Na fuga, Hera dera-lhes
uma espessa coberta de névoa, no intuito
de ocultá-los). O grupo restante se lança
em direção ao rio profundo-fluente, argênteo-
-vorticoso e cai, troando, no fluxo reboante,
e as margens, em redor, ecoam. Os Troicos nadam,
com alarido, aqui, ali, rente dos vórtices.
Qual locustas, que o fogo acossa, para o rio
voejam e se despenham à erupção as chamas,
assim o Xanto, fundo-vorticoso, sob
Aquiles, de homens e corcéis se atulha e estruge.
O rebento de Zeus, entrementes, deixando
a lança à margem, junto de uma tamargueira,
ao rio, quase-demônio, salta, espada em punho,
maquinando na mente façanhas malignas;
golpeia em redor, gemem os feridos, a água
enrubra-se de sangue. Diante de um delfim
os outros peixes fogem e enchem, aterrados,
os recessos de um porto seguro, onde o mega-
cetáceo, aos que surpreende, faminto, devora;
assim, à beira da torrente de água, os Troicos
se agacham sob as rochas. Aquiles, cansado
de matar, doze moços tirou do rio, vivos,
para, vingando Pátroclo, imolá-los todos;
como gamos atônitos saem; as mãos, prende-lhes
às costas, com as cintas lavradas das túnicas
de pregas, e dispõe que os levem às naus côncavas.
E Aquiles prosseguiu na matança, furioso.
Topa ali com um filho de Príamo Dardânide,
Licáone, que fugia do rio, o mesmo que antes
raptara da paterna vinha, num assalto
noturno. A gume brônzeo, de uma baforeira
talhava ramos novos, para o parapeito
do carro; o mal saltou-lhe em cima: o divo Aquiles,
súbito; e depois, foi como cativo a Lemnos
bem-construída, por mar. Um filho de Jasão

comprou-o. Mas Eecião, de Imbro, um hóspede paterno,
resgatou-o por um alto preço e o fez mandar
para Arisba divina. Fugindo às ocultas,
tornou ao lar paterno. Por onze dias pôde,
com os caros parentes, alegrar seu ânimo;
porém, no dia duodécimo, um deus o entregou
de novo a Aquiles; este à escura mansão do Hades
o forçaria a baixar, ainda que a contragosto.
Vendo-o nu, sem escudo, sem elmo, sem lança
(que ele tudo jogara à terra, atormentado
de suor, fugindo ao rio, joelhos afadigados),
Aquiles irritado disse ao coração
mega-animoso: “Grande prodígio o que vejo
com meus olhos: os Troicos, que eu mesmo matei,
grandes de ânimo, já ressurgirão da névoa
espessa, se este aqui, refugindo ao dia infausto,
sobrevém, não obstante já vendido em Lemnos:
nem o reteve o mar salino-branco, o mar
que a tantos detém contra a vontade. Farei
que prove o bronze, para assim ver e saber
se dos ínferos volta, ou se, matriz-da-vida,
a terra o reterá, como faz aos mais fortes.”
Parado, ponderava, enquanto o Troico atônito
chegava-se, no intuito de abraçar-lhe os joelhos,
para furtar-se à morte má e à Quere negra.
O divino Aquileu vibrou a megalança,
ávido de feri-lo. O outro agacha-se e com
os braços lhe rodeia os joelhos, esquivando-se
ao dardo, que além-dorso o passa e no chão finca-se
voraz de carne humana. Súplice, um dos braços
aos joelhos agarrado, o outro sustendo a lança
sem soltá-la, Licáone diz-lhe palavras-asas:
“Abraçando-te os joelhos, imploro-te, Aquiles,
poupa-me, tem piedade; súplice, eis-me aqui;
mereço mercê, já que eu tua casa comi
o trigo de Deméter, quando me apresaste
e, distante de pai e amigos, me vendeste
em Lemnos sacra, pelo preço de cem bois;
fui resgatado por três vezes essa soma.
É a duodécima aurora, esta, desde que à Troia
voltei, tendo sofrido muito. A Moira aziaga
me pôs de novo em tuas mãos. Zeus deve me odiar,
pois me deu a ti mais uma vez. Para vida
breve gerou-me Laóto, filha do velho Altes,
rei dos Lélegues filobélicos, que a altiva

Pédaso, a cavaleiro do Satnióis, domina.
Príamo, o rei, desposou-lhe a filha, entre outras mais.
Dela nascemos, dois, e a ambos degolarás.
Entre os primeiros, Polidoro, quase-um-deus,
prostraste com a lança aguda; a desventura
me tocará, aqui e agora; não espero
escapar às tuas mãos; um mau demônio trouxe-me
a ti; mas algo tenho a dizer: ouve, não
me mates; não sou de Héctor irmão uterino;
foi ele que abateu o caro e forte Pátroclo.”
Assim rogava o Priâmide, mas amargou
resposta sem mel: “Tonto! Nada de resgate,
basta de arengas. Antes que o dia ruim a Pátroclo
chegasse, grato me era ao ânimo poupar
Troicos; apresei muitos vivos e vendi-os.
Mas agora, nenhum dos Troianos que um deus
me ponha nas mãos, diante de Ílion, sobretudo
os Priâmides, à morte há de fugir. Meu caro,
morre também tu. Tanto lamento, por quê?
Pátroclo, muito acima de ti, não morreu?
Não vês como sou belo e vigoroso? Venho
de um pai nobre e uma deusa gerou-me. Mas sobre-
levam-te, e a mim, a morte, tanto quanto a Moira
má. De manhã, de tarde ou no pino do dia,
alguém, na refrega Ares-fogosa, o meu sopro
vital há de tirar à lança ou, vibrando o arco,
à flecha.” Falou. Joelhos e coração falham
ao outro: se abaixou, ergueu as mãos, largou
o dardo. O gládio agudo sacando da bainha,
Aquiles golpeou-o, entre a clavícula e a gorja,
nele embebendo a lâmina bigume. Caiu
de bruços e estendeu-se na lama. Espirrou
um sangue escuro que a ensopou. Por uma perna
Aquiles o pegou. Jogou-o no rio corrente.
E alardeava palavras-asas: “Aqui jazes
entre peixes. Tuas chagas sangrando, um cardume
íctio-feroz há de lambê-las. Toda em prantos,
tua mãe ao catafalco não te deporá.
No mar salino, o túrbido Escamandro vai
arrojar-te. Saltando um peixe emergirá
do frêmito das ondas negras, a cevar-se
no alvo-nédio Licáone. Morrereis, vós todos:
vós, fugindo; eu, matando, até alcançarmos Ílion.
Nem o Escamandro - rio bela-torrente, argênteo-
-vorticoso, ao qual, faz tempo, sacrificais

touros e, no remoinho, corcéis unicascos
rojais como tributo - vos valerá. Má
sorte tereis, até que expieis o fim de Pátroclo
e os Aqueus mortos, junto às naus, em minha ausência.”
Falou. E o rio, no fundo, mais enraiveceu,
pondo-se a meditar, no íntimo, em remover
da luta o divo Aquiles e livrar da ruína
os Troicos. No meio tempo, lança longa-sombra,
o Peleide investiu contra Asteropeu, filho
de Pelegon, com gana de matá-lo. Os pais
deste último eram Áxio, ampla torrente, e Peri-
beia, a filha mais velha do nobre Acessâmono.
Com ela se mesclou o rio vórtices-fundos.
Aquiles arremete, e ele, saindo do rio,
com duas lanças o enfrenta. O Xanto o encorajava,
fulo com o Aquileu que em sua corrente, cruel,
jogara tantos jovens mortos. Avançando,
um do outro se aproxima. Fala o divo Aquiles
por primeiro: “Quem és, de onde provéns, como ousas
afrontar-me? Só quem de pais infaustos venha
desafia-me.” Ao herói, responde o Pelegônide
de pronto: “Peleide, ânimo-grande, por que
me perguntas a estirpe? Sou da Peônia fértil,
longínqua. Estou à testa dos lanceiros peônios,
dardos-longos. Cheguei, há onze auroras, a Troia.
Minha estirpe se entronca no Áxio, amplicorrente,
no Áxio que sobre a terra jorra a água mais bela.
Ele gerou Pelegon, célebre na lança;
deste nasci, segundo dizem. Combatamos
agora, ilustre Aquiles.” Falou, ameaçando.
O Peleide soergueu o freixo pélio. As lanças,
Asteropeu vibrou-as, ambidestro. Uma atinge
o escudo, sem vará-lo; a chapa de ouro, dom
de um deus, a segurou. A outra fere de leve
o cotovelo destro e tira sangue núvio-
-negro. A lança passou-lhe por cima e cravou-se
na terra, ainda sequiosa de sangue. Seguiu-se
Aquiles, que, esfuriando, despediu-lhe o freixo
voador, com ganas de matá-lo; mas falhou.
Na ribanceira o freixo fincou-se, metade
afundando na praia. Desembainhou, então,
o Peleide a aguçada espada presa ao flanco
e arremeteu, furioso. O outro, com mão robusta,
não conseguiu extrair do solo a hasta fraxínea.
Três vezes abalou-a, no ímpeto de arrancá-la;

três vezes lhe faltou a força: à quarta, no ânimo
insinuou-se-lhe a gana de vergar, partindo-a
a lança do Aquileu Eácide, mas o herói,
de perto, à espada, o fôlego vital cortou-lhe.
Golpeou-o no epigástrio, na região do umbigo,
transvazando-lhe as vísceras. Caiu, palpitante.
O negrume eclipsou-lhe os olhos. Sobre o peito
saltou-lhe Aquiles, despojando-o do arnês. Disse-lhe,
ufanando-se: “Jaze aqui. Mesmo para um
nascido de rio é árduo lutar com um nato
de Zeus. Dizes provir do Áxio, rio amplifluente. Eu
venho de Zeus. Meu pai é o rei dos Mirmidões,
Peleu de Éaco, progênie do Croníade. Zeus
e também sua linhagem superam em força
os rios que ao sal do mar afluem, troando, e sua estirpe.
Tens a teu lado um mega rio. Será que em algo
há de valer-te? Não! A ninguém é possível
pelejar contra Zeus. Nem o Aqueloo, fortíssimo,
pode a ele equiparar-se; nem o imenso Oceano,
profundo-torrencial, de onde todos os rios
defluem, e os mares todos e todas as fontes
e os poços abissais. Mesmo a ele terrificam
o raio e o trovão hórrido do grande Zeus,
quando troa no céu.” Disse. E extraiu do solo a lança
brônzea e o largou ali, coração sem alento,
estendido na areia, lambido de água negra.
Circunrondam-no peixes, pululam enguias,
mordicando-lhe e roendo a gordura dos rins.
Vai o Aquileu no encalço dos Peônios de crini-
-equinos elmos, pelo flúmen vorticoso
fugindo, ao ver seu chefe morto à espada pelo
Peleide, que ali mesmo liquida Tersíloco,
Astipilo e Midon; Mneso, Trásio, Ênio, Oféleste.
E muitos mais guerreiros o herói, pés-velozes,
entre os Peônios teria abatido caso o rio
profundo-vorticoso, irado, a um homem símile,
não lhe houvesse falado do fundo do vórtice,
vociferante: “Aquiles, o mais forte, o magno
fazedor de malfeitos entre os homens! Sempre
te socorrem os deuses! Se Zeus te permite
trucidar os Troianos todos, do meu leito
te afasta e na planura comete tuas proezas.
Cadáveres entulham-me a linda corrente.
Não posso ao sacro mar salino afluir repleto
de mortos e dos que ainda matarás. Ó Príncipe,

eu pasmo! Para!” O Pés-velozes lhe retruca:
“Ó Escamandro, por Zeus nutrido, assim será.
Mas os Troianos, sobrearrogantes, não vou
deixar de abater, antes que refluam à pólis
e com Héctor eu prove quem morre e quem mata.”
Falou. Quase-demônio, acomete os Troianos.
O rio profundo-fluente, então, volta-se a Apolo:
“Ai de mim! Arco-argênteo, progênie de Zeus,
não ouviste o Croníade que tanto insistiu
que ao lado dos Troianos restasses, atento,
até que o tardo acaso obscureça a planura?”
Disse. E Aquiles, famoso na lança, atirou-se
da margem no rio; súbito, iroso, águas túmidas,
este as torrentes todas revolve, expelindo
para fora do leito os mortos por Aquiles,
muitos, boiando, e, feito um touro, muge às praias.
Ao longo das correntes belas salva os vivos
no entretempo, ocultando-os em profundas criptas.
Terrível vagalhão se eleva em torno a Aquiles,
bramindo, e as águas contra o escudo rebojando
infirmam-lhe os pés. Ele aferrou-se a um robusto
olmo que, ao desraigar-se, tudo desbarranca,
rojando na torrente esplêndida o galhame
denso, que faz de ponte, obstruindo a correnteza.
Aquiles, sobrerguendo-se à voragem, voa
ponte-além, plaino-afora, pés-velozes, pávido.
O megadeus, porém, não cessa; crista-negra,
salta-lhe em cima, para impor ao Peleide uma
pausa no prélio e os Troicos poupar da carnagem.
O herói se adianta, cerca de um tiro de lança.
Águia negra impetuosa, alada caçadora,
a um só tempo a mais forte e a mais veloz das aves,
assim avança Aquiles, ícone aquilino,
o bronze contra o peito reboando-lhe, horríssono;
desviando-se, fugia, e o rio ruidoso atrás.
Como o hortelão, de um polo líquido-escuro a água
fluente, limpo o canal do entulho com a enxada,
ao longo de jardins e pomares conduz,
e a água, rolando seixos, corre em borbotões
declive abaixo, ultrapassando a quem a guia;
assim, sem parar, a onda borbulha alcançando
Aquiles, por veloz que fosse, pois os deuses
sempre hão de poder mais do que os homens mortais.
Toda vez que o Peleide estaca e encara o rio,
a ver se todos os Celestes o perseguem,

tantas vezes, deus-fluente, o vagalhão açoita-lhe
a espádua, espadanando do alto, e ele se lança
para cima, apoiando-se nos pés, aflito
o coração; e o rio, por baixo, solapando-o,
os joelhos, a escorrer, violento, lhe desfibra,
sob os pés lhe tirando o terreno poeirento.
O Peleide, plangente, ergue os olhos ao céu:
“Zeus Pai, nenhum dos deuses se empenha em salvar-me,
compassivo, do rio. Tudo pode ferir-me.
Não culpo nenhum nume urânio mais do que
minha querida mãe, que com pseudopromessas
me iludiu: pelos dardos fulmíneos de Apolo
- dizia-me - eu morreria junto aos muros dos Troicos
encouraçados. Antes, Héctor, o mais forte
troiano, me matasse: um bravo derrotando
outro bravo. Porém, determina o destino
que eu morra de uma ignóbil morte, qual menino
guarda-porcos, que cruza um rio no inverno e afoga-se.”
Disse. E acudiram para junto dele Atena
e Posêidon, no aspecto semelhando humanos;
com a mão segurando-lhe a mão, emprestaram-lhe
firmeza. Foi Posêidon, Treme-terra, quem
primeiro falou: “Ânimo, Peleide! Nada
deves temer. Dois deuses estão ao teu lado,
eu e Atena, permite-o Zeus. Não é teu fado
ser, pelo rio, domado; ele vai desistir
logo mais, tu verás; agora, ouve um aviso
veemente: as mãos não tires da peleja pan-
cruel, sem confinar, antes, entre os muros de Ílion,
os Troianos em fuga. A Héctor raptando o sopro
vital, volta às naus: nós te daremos a glória!”
Dito isso, retornaram para o meio dos deuses.
Pelo aviso divino sobreexcitado, ele
se lançou plaino afora, pelas águas, tudo
alagando, e repletas de armaduras belas
de jovens que boiavam, mortos cadavéricos.
Mas os joelhos de Aquiles, saltando por cima,
a contracorrenteza avançavam; Atena
o instava, não o estorvando, amplifluente, o rio.
O Escamandro, porém, não cessava sua fúria,
raivando contra Aquiles; encristava a onda, alta,
sobranceira à torrente e bradava ao Simoente:
“Unamo-nos, irmão, contra a força desse homem,
senão expugnará, pronto, a pólis de Príamo,
sem que os Troicos resistam. Corre em meu auxílio

rápido; regurgite-se de água das fontes
teu curso; incha as torrentes todas e subleva
uma onda enorme, suscitando formidável
fragor de troncos e calhaus, para que assim
esse feroz freiemos, que ousa feito um deus;
nem força, nem beleza, nem armas esplêndidas
lhe vão valer, pois logo jazerá no fundo
palustre, encasulado em lodo; a recobri-lo
eu mesmo deporei seixos e pedregulhos
sem conta; os Aqueus não poderão sequer seus
ossos resgatar, tanta lama o engolirá.
Aqui terá um sepulcro, por mim mesmo erguido;
assim, ao funeral não vai faltar-lhe tumba...”
Falou. E encapelando-se assaltou Aquiles;
espumejava de ira, entre sangue e cadáveres.
A onda púrpura erguia-se do flúmen céu-fluente
e engolfava o Peleide. Hera se aterra e grita,
temendo que o rio, fundo-vorticoso, fosse
arrastar o herói. Volta-se a Hefesto, seu filho,
e diz-lhe: “Surge, Pés-tortos, querido filho!
Penso que tens no Xanto um oponente à altura!
Vem-me em socorro, célere, e chameja poli-
flâmeo. No entretempo eu me vou ao mar salino,
de Zéfiro e do lívido Noto uma torva
tormenta excitarei, que há de abrasar os Troicos,
testas e armas, o incêndio impetuoso alastrando.
E tu, queima o arvoredo à beira-Xanto e ateia-lhe
fogo ao leito. E que nada, nem palavras-mel,
nem fel de ameaças mude o teu desígnio. Não
moderes o furor antes de ouvir meu brado;
então, detém o incêndio.” Disse e Hefesto acende,
divino-ardente, o fogo. O plaino queima, queimam
os mortos sobre o rio, incontáveis cadáveres.
Seca a planura, as águas brilhantes estancam.
Como, no outono, Bóreas enxuga o recém-
-alagado vinhedo e alegra o vinhateiro,
assim resseca o plaino. Combustos os mortos,
Hefesto, contra o rio, reverte a chama pan-
resplendente. Salgueiros, tamargueiras, álamos
ardem e ardem o lótus, o cípero, o junco,
que viçosos cresciam junto à bela torrente;
aos peixes e às enguias, que saltavam nos vórtices
da torrente bela, ora aqui, ora ali, o hálito
do poliarguto Hefesto os sufocava. A força
do rio queimava-se, e ele disse estas palavras:

“Ó Hefesto, nenhum deus pode fazer-te face;
nem eu me enfrentarei com teu fogo flamante.
Cessa o combate. Aquiles que expulse da pólis
os Troicos. Que me importa ajudá-los, bater-me?”
Falou, pois o abrasava o fogo, fervia a bela
torrente, como numa caldeira que a chama
alta aquenta, onde a banha de um leitão cevado
funde-se e a água, expandindo-se, transborda, enquanto,
por baixo, seca, a lenha crepita; a torrente
fervia assim e a água, em bolhas, já não mais corria,
antes queria estagnar, ao forte hausto de Hefesto
poliarguto. A Hera disse o rio palavras-asas,
rogando: “Hera, por que teu filho assalta a minha
torrente, e entre os demais, só a mim ele atormenta?
Tão culpado não sou como tantos que os Troicos
defendem: se me ordenas, paro de ajudá-los;
mas que ele também pare. Juro que jamais,
no futuro, o dia ruim afastarei dos Troicos,
nem mesmo se estiver ardendo em fogo toda
Ílion, por aguerridos Aqueus incendiada.”
A deusa braços-brancos, Hera, ouvindo-o, disse
ao filho: “Hefesto ilustre, basta! Não parece
cabível maltratar de tal modo um dos deuses
imortais, por amor de um mero homem mortal.”
Falou e o deus sustou, pronto, o fogo divino.
Voltam a fluir as ondas na torrente bela.
Domado o forte Xanto, os dois param, separam-se:
Hera, a deusa, indignada embora, os apartou.
Entre as outras deidades, porém, lavrou séria,
conturbada contenda. Em dois rumos ventava,
no coração dos numes, o apaixonado ânimo.
Em síncrono impelir, lançam-se com estrondo
formidável. Retumba a terra. O céu troveja.
Zeus no alto ouvia. E pôs-se a rir, de coração,
gozando, ao ver os deuses que travavam luta.
Apartados, os numes não ficam por muito
tempo. Ares, fura-escudos, acomete Atena
com injúrias, brandindo a lança brônzeo-aguda:
“Sua mosca-de-cadela! Por que, com fogoso
desplante, os deuses a Éris-Discórdia conduzes?
Induziste Diomedes a lancear-me, lembras?
Guiaste, à vista de todos, a arma que esflorou-me
a pele preciosa. Ora vais pagar-me a afronta.”
Falou e golpeou a hórrida égide de franjas,
indomável mesmo ante o fúlmen de Zeus. Ares,

deus manchado de sangue, investe contra Atena.
Esta recua; com mão forte, soergue do plaino
um enorme, áspero, nigérrimo rochedo,
um marco, que aos ancestres servia como linde
de um campo, demarcando-o. No pescoço atinge
Ares e os membros dele afrouxa. Sete jeiras
de chão ocupa o deus jacente, cabeleira
no pó, circunreboantes armas. Rindo, Palas
jacta-se com palavras-asas: “Criança boba,
sou mais potente, não és páreo para mim!
Sofres por maldição que as Erínias te aportam
de parte de tua mãe, a qual medita males,
irada por deixares os Aqueus em prol
dos Troicos sobrealtivos.” Falou e desviou
para outro lado os olhos rútilos. Toma a Ares
pela mão Afrodite, filha de Zeus. Ele,
gemendo, recobrou a custo o fôlego, Hera,
braços-brancos, ao vê-lo, diz palavras-asas,
dirigindo-se a Atena: “Ouve-me, filha indômita
do Porta-escudo, aquela mosca-de-cadela
mais uma vez retira da luta Ares, mata-
-homens. Vai atrás dela”. Disse. E Atena, alegre
de ânimo, a perseguiu. Quando a alcançou, lhe deu
no peito, com mão forte, uma pancada tal
que o coração e os joelhos da deusa afrouxaram.
Jazem os dois na fértil gleba, agora. Atena
jacta-se com palavras-asas: “Fossem como
esses dois os que a Troia socorrem contra os Dânaos
couraçados, ou como Afrodite, a valente,
ajudando a Ares contra mim, então a luta
há muito já cessara, e a cidadela de Ílion,
bem-construída, já fora expugnada. Falou.
E, enquanto a ouvia, ria-se Hera, a deusa braços-brancos.
O Treme-terra, então, se voltou para Apolo:
“Por que, Febo, ficarmos à distância? Não
está bem; os demais deuses deram o exemplo
inicial. Que vexame, voltar ao palácio
olímpico de Zeus, brônzeo limiar, sem ter
guerreado. Cabe a ti, que em idade é mais moço,
começar, não a mim, sênior e mais sapiente.
Menino grande, tolo coração! Não lembras
quanto, em Ílion, sofremos, só nós, entre os deuses,
a mandado de Zeus servindo a Laomedonte
mediante paga, um ano, a seus acenos sub-
missos? Certo, construí um muro em torno à pólis

troica, largo-belíssimo, e a tornei assim
inexpugnável. Febo, no entretempo, tu,
boiadeiro, levavas bois tardonhos, corni-
curvos, ao pastoreio, nos multivales do Ida
boscoso. Quando as Horas dançantes marcaram
o fim do ajuste, então Laomedonte violou
o pacto e nos pagou com ameaças: atados
de pés e mãos, numa ilha longínqua seríamos
vendidos; prometeu cortar-nos as orelhas
a fio de bronze, o cúmulo! Voltamos de ânimo
exacerbado, fulos por negar-nos paga,
descumprindo a promessa. E agora favoreces
sua gente, em vez de aliar-te conosco no esforço
para punir-lhe a hiperfiláucia e vergonhosa
morte dar-lhe, e a seus filhos e esposas!” Apolo,
flechicerteiro, torna: “Não dirás, Posêidon,
que eu, doente da cabeça, brigaria contigo
por vis mortais, que feito folhas viçam por
um tempo, florescendo, nutridos de frutos,
mas, vida breve, logo perecem, exânimes.
Portanto, abstenhamo-nos de combater,
o mais rapidamente. Que sozinhos lutem!”
Dito isso, ele se afasta. Pesa-lhe meter
mãos em má lida, medir forças com o tio.
Ártemis caçadora, selvagem senhora
de feras, recrimina e ultraja o irmão: “Flecheiro,
foges e dás cabal vitória ao deus Posêidon,
que se farta de glória? Menino tolo, o arco
inútil, por que, então, o levas? Que eu não mais
te ouça no Olimpo como antes, perante os deuses,
blasonar que farias frente ao magno Posêidon.”
Falou e não respondeu o Atira-longe.
Mas a esposa de Zeus, augusta, se irritou
e disse à Sagitária palavras pesadas:
“Como ousas me enfrentar cachorra descarada?
Sou dura e tu não tens valor para atacar-me,
ainda que leves o arco, pois Zeus, como leoa
te pôs entre mulheres, que a teu gosto flechas.
Mais fácil caçar feras no monte e rastrear
corças silvestres, que afrontar quem tem mais força.
Mas se queres provar o quanto sou mais forte,
basta dar-me combate.” Falou. Com a mão
esquerda aferrou-lhe ambos os pulsos; depois,
com a direita, flechas e arco lhe arrebata,
batendo-lhe às orelhas com as armas, rindo

da deusa a debater-se; ao solo caem-lhe as setas
velozes; ela foge enfim, chorando, pomba
que ao falcão, voando, escapa, nos nichos das penhas
se abrigando: que fosse apresada não era
seu destino; fugiu, chorando, e abandonou
a aljava. O argicida Hermes, mensageiro, diz
a Latona: “Contigo não lutarei. Com
as esposas de Zeus, junta-nuvens, é duro
se medir. Aos olímpicos, a teu arbítrio,
podes gabar-te de vencer-me à viva força.”
Enquanto ele falava, recolhia Latona
o arco recurvo e as flechas, esparsas aqui
e ali, num turbilhão de pó. Recolhe todas
as armas de sua filha, e depois retorna. Ártemis
sobe ao solar de Zeus, brônzeo limiar, no Olimpo.
A moça, a chorar, senta nos joelhos do pai
e o ambrósio peplo, a seu redor, fremia, volátil.
O pai a puxa para si, sorriso-mel:
“Qual dos urânios, filha, te fez dano, como
se tivesses agido mal perante todos!”
Torna-lhe a Clamorosa, diadema estefânio:
“Hera, tua esposa, braços-brancos, que entre os deuses
acirra a Discórdia, Éris.” Enquanto conversam
os dois, reingressa em Ílion sacra Febo Apolo.
Inquietavam-lhe os muros da urbe bem-construída;
temia que ruíssem, finalmente, a contra-Moira,
por Aqueus assaltados. Para o Olimpo, tristes
ou alegres, os outros numes voltam; sentam-se
à roda de Zeus, negro-núvio. Segue Aquiles
talhando Troicos e unicascos corcéis. Como
a fumaça levanta-se ao céu-urânio, amplo,
de uma pólis combusta (a ira divina a insufla),
e a todos produz danos, a muitos, a ruína;
assim, Aquiles aos Troianos impõe danos
e ruína. Príamo, o velho rei, do alto da torre
divina, mira o plaino e reconhece Aquiles
formidável. Em torno, confusos, fugindo
sem qualquer resistência, os Troicos. Lastimoso,
baixa aos muros e ordena aos guardas dos portões:
“Mantende escancarados os portais: assim,
os fugitivos poderão entrar na pólis.
Aquiles os encalça de perto. Um massacre,
eu antevejo! Assim que todos cobrem fôlego
dentro da urbe, fechai os sólidos portões,
pois temo que o funesto herói adentre os muros.”

Falou. E escancararam as portas os guardas,
removendo os ferrolhos. Ampliabertas, portam
o facho da luz. Para fora, saltou Febo
Apolo, pronto a obstar o massacre dos Troicos.
Estes, mortos de sede, empoeirados, fugiam
do plaino para a pólis, de altos muros pétreos.
Acometia-os Aquiles com lança impetuosa,
o coração colérico, ávido de glória.
Os Aqueus tomariam Troia, se não incitasse
Febo Apolo ao divino Agênor Antenóride,
forte e imáculo. Infunde-lhe coragem no ânimo
e posta-se a seu lado, afastando o mortal
peso das Queres, junto à faia, oculto em nimbo
de névoa. Agênor, vendo Aquiles rompe-pólis,
para, aguardando, e o peito, dentro, tumultua;
então, aflito, diz ao nobre coração:
“Pobre de mim! Se ao forte Aquiles escapasse,
correndo como os outros, de terror, por certo
ele me alcançaria e me abateria, por frouxo.
Se o deixo trucidando os Troicos e a pé, para
longe dos muros, corro em outra direção,
para a planura ilíaca, até os convales do Ida,
me acoitando na mata espessa; ao lusco-fusco,
na água do rio eu podia lavar-me do suor, a Ílion
retornando. Discorre assim meu coração,
mas por quê? De que eu fujo para o plaino, Aquiles
dará conta: pés céleres, me alcançará
presto. Das Queres, como da morte, impossível
então escapar. Mais forte que os outros homens
todos é o Aquileu. Não se eu o enfrentasse ante
a cidade? Sua pele, ao bronze pontiagudo
é vulnerável. Dentro, há uma só psiquê. Dizem
que é mortal. Mas concede-lhe a glória o Croníade!”
Falou. Retenso para o bote, pôs-se à espera
de Aquiles, coração ardendo por entrar
em combate e lutar. Pantera, que do fundo
de uma floresta sai e enfrenta o caçador,
sem temor nem pendor à fuga dentro dela,
mesmo ouvindo o ladrido dos cães; advertido,
aquele poderá golpeá-la, lanciná-la;
mesmo se trespassada à lança, não desiste,
sem antes se embater com ele ou ser domada.
Agênor Antenóride também não quer
fugir. Mas antes enfrentar a prova, com
Aquiles combatendo. O escudo arredondado

sopesou ante o peito, mirou, lança em punho,
o herói e bradou forte: “Aquiles fulgurante,
certo, na mente, muito anseias tomar hoje Ílion,
pólis dos bravos Troicos. Tolo, muito luto
ainda te espera. Dentro, estão muitos valentes,
que resistem, e os filhos, esposas, parentes
e a cidade defendem. Aqui, com teu fado,
te encontrarás, galhardo e bom de guerra embora?”
Disse. E expediu com mão forte o pique aguçado,
atingindo-lhe a perna debaixo do joelho,
sem falhar. Mas a cnêmide, estanho recém-
-lavrado, circunsoou-lhe em torno, formidável.
repelindo a pontada do bronze, que não
a transpassou, detido pelo dom do deus.
Contra Agênor, Aquiles investiu. Apolo
frustrou-lhe a glória, arrebatando Agênor, numa
densa caligem eclipsado, para longe
do prélio. O deus, doloso, iludindo o Peleide,
o arredou do entrevero. O Longiflechador,
qual ícone de Agênor, à frente dos pés
do herói se pôs; com pés velozes, este o segue
pela planura trigo-fértil, derivando
de volta ao vorticoso Escamandro, o deus sempre
correndo um nada adiante: o Doloso o iludiu,
com a miragem de alcançá-lo a pé. Os Troicos
afluíam em turbamulta, alegres, à urbe, agora
repleta deles; dos demais, ninguém ficara
à espera, fora-muros, nem para saber
quem escapara ou quem morrera. Feliz quem,
graças a pés e joelhos, se acolhera à pólis.

Canto XXII

Anaíresis: morte de Héctor

Gamos afugentados, no recesso da urbe
refugiando-se, os Troicos, aos muros de belas
ameias, apoiam-se e a sede aplacam, enxugando
o suor; enquanto isso os Aqueus de escudo à espádua,
à sombra das muralhas acorrem. A Moira
aziaga mantém Héctor diante de Ílion, fora
das Portas Ceias. Apolo diz então a Aquiles:
“Por que me segues, ó Peleide, pés-velozes,
um mortal seguindo um imortal? Não me
reconheces, deus, nesse furor enquanto que te obstina?
Pôr em fuga os Troianos, reclusos na pólis,
é faina que não mais te importa, ficou para
trás, porém, aqui nunca poderás matar-me:
em mim, a Moira não demora. Enfurecido,
responde-lhe o Aquileu: “Tu me enganaste, deus
longiflecheiro, o mais funesto entre os divinos,
me afastando do muro: morderiam o pó
outros muitos, jamais chegando a Ílion: salvaste
os Troicos sem esforço, minguaste-me a glória,
pois não temes futura vindita. Se fosse-me
possível, desforrava-me!” Disse. E marchou
para a pólis, alto-ânimo. Corcel agílimo,
ganha-prêmios, que voa na corrida de carros,
plaino afora, o Aquileu movia seus pés e joelhos.
O velho Príamo, quem primeiro o percebeu,
contemplou-o, panfaiscante, a correr no plaino, astro
que desponta no outono, radiando claríssimo
fulgor por entre estrelas, no ápice da noite;
por nome próprio, dizem: cão de Órion, o mais
lampejante; mas é também um signo aziago,
pois traz calor de febre aos míseros mortais.
Assim relampejava o bronze em torno ao peito
do que corria. Gemendo o velho bate as mãos
na cabeça e para o alto as levanta, chamando,
súplice, o filho, o qual entre os portões postava-se,
ávido, ardendo por travar-se com Aquiles.
Estendendo as mãos, roga o velho, lastimoso:
“Héctor, a esse homem não afrontes, solitário,
longe, sem mais ninguém, senão o fado rápido
te colherá, domado por Aquiles. É
muito mais forte, o cruel. Se fosse caro aos deuses

como me é caro, cães e abutres vorazmente
o cometiam, jacente. E essa terrível dor
se desentranharia de mim. De tantos, tão
bravos filhos privou-me, ou mortos ou vendidos
em insulas distantes. Não vi Polidoro,
nem Licáon, dois dos meus filhos, meus e de Laótoe
entre as mulheres rainha; no meio dos reclusos
no muro de Ílion, não figuram. Se estão vivos
no campo aqueu, com bronze e ouro os resgataremos;
não me faltam no paço, que Alte, o renomado
ancião, deu rico dote à filha. Se estão mortos,
e ao Hades já baixaram, há de doer-me e à mãe,
que o geramos; com dor mais minguada às demais
gentes, caso a ti mesmo não dome o Aquileu,
matando-te. Recolhe-te, filho, às muralhas;
entre os muros aos Troicos e às Troianas salva;
glória maior não dês ao Peleide: privar-te
da vida. E tem pena de mim, desventurado,
mas consciente. Na extrema velhice quer Zeus
que eu morra de uma sorte amarga, após ter visto
muitíssimas maldades: filhos trucidados,
filhas raptadas, tálamos vilipendiados,
crianças, na turbamulta, esmagadas na terra;
noras, por mãos aqueias, funestas sequestradas.
A mim, por derradeiro, os cães carnivorazes,
junto aos portais hão de assaltar-me, assim que um Dânao,
golpeando-me com bronze agudo, à lança ou flecha,
me haja extraído dos membros o sopro vital;
os mesmos cães que alimentei em meu solar,
comensais e guardiães das portas, agora ébrios
do meu sangue, espojando-se nas anteportas.
Num moço, no ardor de Ares, por agudo bronze
lancinado, a jazer no campo de batalha,
ainda que morto, tudo é belo; mas um velho,
profanadas, como cabeça e barba brancas
a genitália; um velho, pasto para os próprios
cães - não há visão mais triste para os tristonhos
mortais!” Falou. E as cãs com as mãos arrancava.
Mas Héctor não cedia. Chorando, a mãe mostrava
ao filho um dos mamilos; com palavras-asas
designava-o: “Apieda-te, filho, do seio
que a ti oferecia para acalmar-te o choro,
não o esqueças. Recolhe-te aos muros, defende-nos
do inimigo; não dueles, porém, com esse homem
cruel; se te matar, não poderei, sobre um leito,

chorar-te, nem mesmo eu, filho amado, rebento
que eu própria dei à luz, nem tampouco tua poli-
dotada esposa. Junto às naus, longe de nós,
os cães vão devorar-te!” Os dois, chorando, rogam
ao filho amado, súplices. Héctor não cede,
aguardando o gigânteo Aquiles, já vizinho.
Como a serpe-dragão do monte que engoliu
um venenoso fármaco de erva, em sua cova
espera um homem, fula e inflada, e espreita, horrível,
na tocaia, retorcendo-se em espira, assim,
cólera inquebrantável, Héctor não recua;
apoia a adarga flâmea à torre saliente. Ânimo
grande, turbado, ao coração confidencia:
“Que fazer? Se entro porta e muros, Polidamas
virá logo exprobar-me, ele que me exortava
a guiar os Troicos para a urbe, na noite infausta
em que reapareceu Aquiles. Não o ouvi;
melhor seria se o ouvisse. Arrogante, meu povo
à ruína eu conduzi; me envergonho perante
os Troicos e as Troianas, peplos-roçagantes,
caso alguém me censure: ‘Héctor, nos arruinaste,
fiado em tua força.’ Alguém o dirá. Para mim,
só me resta voltar à pólis vencedor
de Aquiles, ou morrer, glorioso, ante as muralhas.
E se eu, acaso, o escudo umbiliforme e a sólida
gálea, a ambos, depusesse, e encostasse à muralha
a lança, para o imáculo Aquiles voltando-me,
Helena prometesse entregar aos Aqueus,
com os tesouros todos que Alexandro Páris
à Troia em curvas naus portou, fonte da guerra;
e, ademais, partilhar com todos os mais Dânaos
o tesouro da pólis, fazendo que os velhos
jurem nada esconder, mas antes, dividir
a riqueza que guarda esta urbe em duas porções?
Meu coração, por que excogitas coisas tais?
Eu não irei jamais instá-lo, suplicando,
pois não terá piedade de mim, nem, por mim,
respeito; há de matar-me, assim que vir-me de armas
desvestido, indefeso, qual frágil mulher.
Nem me será possível agora entretê-lo
com lendas sobre robles e rochas tal como
arrulham moças e rapazes, uns aos outros,
uns ao outros, rapazes e moças arrulham.
Melhor, então, travar luta com ele, rápido,
e ver a quem o Olimpo cumula de glória.”

Meditava, entrementes, Héctor aguardando
Aquiles que avançava, símil a Eniálio, elmo-
-ondulante, aguerrido, brandindo a fraxínea
lança pelíade à mão destra. Circunlampeja-lhe
em torno o bronze, fogo ardente ou sol levante.
Ao vê-lo de perto, Héctor treme e põe-se em fuga,
deixando atrás as portas. O Peleide, pés-
-velozes, vai-lhe atrás, confiado no seu ímpeto.
Feito gavião montês, a mais ágil das aves,
que, fulmíneo, cai sobre tímida columba,
por baixo esta lhe escapa e ele, lançando guinchos,
acomete-a de perto, ávido de apresá-la;
assim, furioso, Aquiles voa reto sobre Héctor
que corria em redor dos muros, joelhos céleres;
passaram as guaritas e a figueira ao vento
e, longe da muralha, estrada afora seguem,
chegando ao nascedouro duplo de onde manam
as vertentes do túrbido Xanto; uma escorre
água quente, emanando vapor, tal se um fogo
a aquentasse; a outra, mesmo no auge do verão,
destila água tão fria qual granizo ou neve álgida.
Lá, vizinhos às fontes, largos lavatórios
se encontravam, cavados na pedra, bonitos,
onde as lindas mulheres e filhas dos Troicos
costumavam lavar, antes da guerra, as vestes
esplêndidas, em tempos irênicos, tempos
de paz, que precederam a incursão aqueia;
por ali, perseguido e perseguidor passam
correndo; um, mesmo bravo, escapava; outro, muito
mais valente, o seguia, céleres; não pugnavam
por vítimas, pelames de boi, ou por prêmios
na corrida pedestre; competia-se pela
vida de Héctor, herói doma-corcéis: ginetes
unicascos, em curso veloz para a meta,
vence-prêmios, que um grande galardão aguardam,
uma trípode ou uma donzela, tributos
ao morto. Os contendores correram três vezes
em derredor da pólis. Zeus então falou:
“Ó deuses! Um guerreiro dileto contemplo,
perseguido em redor das muralhas; confrange-me
o coração: apiedo-me de Héctor, que tantas
coxas de boi, em meu honor, no cimo do Ida,
polivales, queimou, e na acrópole troica;
agora Aquiles, pés-velozes, vai-lhe ao encalço,
em torno ao muro priâmeo. Ó deuses, pensai sobre

isso: salvá-lo da morte ou, valente embora,
domá-lo pela mão de Aquiles”. Atena, olhos-
-azuis, respondeu-lhe: “Ó Zeus Pai, raios coruscantes,
circum-núvio-trevoso: queres novamente
livrar da morte atroz um mortal fadado há
muito a perecer? Faze-o, mas contra os mais numes.”
O Ajunta-nuvens replicou-lhe: “Tritogênia,
fica tranquila, filha amada. Não falei
de ânimo sério. Para ti, serei ameno;
age como tu queiras, sem demora.” Assim
disse. Sobreexcitou-se Atena, que se lança
Olimpo abaixo. Aquiles perseguia Héctor Priâmide,
sem trégua, veloz. Como nos montes um cão
um filhote de cerva encalça, que tirou
do covil, através de vales e gargantas;
se a presa, apavorada, se esconde entre arbustos,
o cão, rastreando-a, segue-a até que a encontre; assim
Héctor do Aquileu não pode esquivar-se; quantas
vezes buscava a sombra das torres, aos flancos
dos amplos portais da urbe dardânia (talvez,
flecheiros socorressem-no do alto), o Peleide
tantas vezes desviava-o para a planura, inter-
pondo-se e o acesso aos muros lhe barrando. Assim
como, no transe onírico, ao que foge não
se pode alcançar; como ninguém pode re-
fugir do outro, nem pode alcançá-lo com pés
ágeis, um não podia furtar-se e o outro fisgá-lo.
Héctor, como esfugir à Queres fatal, não
fora o auxílio de Febo (última vez!), impondo-lhe
celeridade e forças nos joelhos-relâmpagos?
Acena Aquiles e os Aqueus poupam das farpas
Héctor: que um dardo alheio não lhe tirasse a glória,
chegando ele em segundo. Ao passaram a quarta
vez pelas fontes, Zeus tomou da áurea balança,
em cada prato pôs uma Quere mortífera,
esta para oAquileu; aquela para o doma-
-corcéis; librando-a pelo meio ela declina;
soa, para Héctor, o dia aziago: ruma para o Hades.
Febo o abandona. Atena, olhos-azuis, acerca-se
de Aquiles, com palavras-asas: “Nós, agora,
fulgurante dileto de Zeus, às naus gregas,
após haver batido Héctor, nunca saciado,
aportaremos glória grande; escapulir-nos
não lhe é lícito, mesmo que o Apolo, se volti-
volteando, suplicasse a Zeus Pai, porta-escudo.

Tu, porém, para e toma fôlego. Eu irei
persuadi-lo a enfrentar-te e pelejar contigo.”
Falou. O coração alegre, obedecendo-a,
Aquiles arrimou-se ao freixo pontibrônzeo.
A deusa o deixou, a Héctor divino alcançando;
no corpo e na voz forte ela era igual a Deífobo,
qual um ícone. Próxima a Héctor, diz palavras-
-asas: “Mano, o fogoso Aquiles te acossa; é
veloz nos pés e encalça-te, insistente, em torno
da priâmea pólis. Uma pausa aqui façamos
para nos defender.” Héctor replica-lhe, elmo-
-coruscante: “Tu és, Deífobo, meu caro irmão,
o mais querido filho de Hécuba e Príamo;
eu, doravante, penso honrar-te ainda mais, pois
ousaste, por mim, extramuros arriscar-te
diante do que me vias passar, enquanto os outros
permaneceram dentro”. Olhos-azuis, Atena
retornou-lhe: “Ó querido irmão! Não só, também
nossa mãe veneranda, nosso pai, cada um
por vez, os joelhos me abraçaram (os amigos
em torno), todos suplicando que eu ficasse,
apavorados todos em razão de Aquiles.
Mas no endocárdio roía-me uma aflição funesta.
Agora, nos lancemos a ele sem poupar
lanças! Se leva às naus nossos rubros despojos,
ou se acaso teu dardo o há de abater, veremos!”
Atena assim falou, e astuciosa adiantou-se.
Elmo-coruscante, Héctor disse ao Peleide, indo-se-lhe
de encontro, e se acercando: “Já não mais, Aquiles,
como até agora, hei de temer-te. Por três vezes
fugi em torno à megalópolis de Príamo,
para não enfrentar-te: faltava coragem.
O coração, agora, incita-me a arrostar-te,
sendo morto, ou matando-te. Mas invoquemos
os deuses, testemunhas, fiadores do pacto
que ora faremos: ‘Caso Zeus Pai me dê forças
e eu, da psiquê te prive, não ultrajarei
teu corpo; teu cadáver, despojado de armas,
aos teus entregarei. Faze o mesmo comigo.’”
O Pés-velozes de través o mira e fala:
“Deletério Héctor! Não me arengues sobre pactos.
Não há juras de paz fiéis entre homem e leão,
nem o lobo e o cordeiro são concordes de ânimo;
coisas más, pensam uns dos outros, todo o tempo.
Assim, não é possível nos amarmos nem

trocar juras fiéis, antes que um de nós tombe, Ares,
porta-adarga aguerrido, saciando de sangue.
Lembra teu valor. Deves ser um lança-dardos
e também um guerreiro de talhe leonino.
Não tens escápula. Com minha lança, Atena
te domará. As dores todas pagarás
que me destes, matando tantos companheiros.”
Falou. E arremessou-lhe a lança longa-sombra.
Fulgente, Héctor se abaixa e a esquiva, precavido.
O bronze sobrevoou-o, ficou-se em terra. Atena
arrancou-o e o tornou a Aquiles, às ocultas
de Héctor, pastor-de-povos, que disse ao Peleide:
“Falhaste, Aquiles, símile divino. Não
creio que soubesses do meu fado por Zeus. Era
mentira o que dizias, valente ilusionista
de palavras. Querias que, medroso, o valor
e o vigor esquecesse. Em fuga, pelas costas,
não me alancearás. Fere-me o peito ardoroso,
se um deus te favorece. Agora, escapa à minha
lança brônzea. Que os céus deem-me embebê-la toda
em teu corpo. Aos Troianos, se morresses, muito
mais fácil ficaria a guerra, pois és flagelo
grandíssimo para eles.” Falou, vibrou, longa-
-sombra, a lança, e atirou-a contra o escudo de Aquiles.
Não errou. Mas o dardo, repulso, voou longe.
Héctor se irritou, pois lançara em vão o míssil.
Estacou, contrafeito: não tinha mais dardos
fraxíneos. Gritou para Deífobo, alvo-escudo,
pedindo-lhe uma lança longa. Não estava
em parte alguma. A mente de Héctor se aclarou:
“Ai de mim! Para a morte os deuses me reclamam.
Pensei que aqui estivesse o herói Deífobo. Mas
dentro dos muros ele estava; Atena fez-me
de tolo. Agora a morte má não me está longe,
ronda-me. Não me é dado fugir. Zeus o quer,
desde muito, e seu filho, o deus longiflecheiro.
Antes, benignos, davam-me eles proteção.
Agora a Moira colhe-me. Não quero vil
e sem glória morrer. Algo de grande quero
aos vindouros legar.” Falou. Puxou da espada
que do flanco pendia-lhe, megavigorosa,
e atacou feito uma águia altivolante que,
rompendo nuvens negro-érebo, se despenha
à caça de um cordeiro tenro ou lebre tímida.
Assim, Héctor, brandindo o gládio agudo, investe

e Aquiles também, fúria guerreira, o acomete,
feroz, e sustém ante o peito o escudo belo,
dedáleo, fazendo o elmo tetracórnio, fúlguro,
ondular; na cimeira, as crinas de ouro, por
Hefesto esparsas, circunflutuavam. Como o astro
vespertino entre os mais astros vai, no apogeu
da noite - a estrela Vésper -, no céu a mais bela,
um resplendor assim a pontiaguda lança
de Aquiles emitia. No seu punho, à mão destra,
maquina coisas más contra Héctor e esquadrinha
no belo corpo adverso o ponto vulnerável.
Cobrem-no todo as bronzibelas armas que
do cadáver de Pátroclo arrancara; apenas
via-se a clavícula, onde aparta o ombro do colo;
ali, esvai-se a psiquê, da garganta, mais célere.
Aquiles, ali, finca a lança, quando, fulo,
Héctor o investe. A ponta fura-lhe o pescoço,
mas o bronze não rompe a traqueia, nem impede-o
de se expressar, embora arrojado no pó.
Aquiles exulta: “Héctor, imbecil: a Pátroclo
despojaste das armas, crendo-te impunível,
sem medo de mim, longe da pugna; porém,
um vingador muitíssimo mais forte - eu próprio -
tinha ficado atrás, junto às naus; eu dobrei-te
os joelhos. Cães e abutres hão de estraçalhar-te;
porém os Dânaos, honras e exéquias a Pátroclo
prestarão.” Quase morto, elmo-refulgente, Héctor
lhe responde: “Por teu sopro vital, teus joelhos,
teus genitores, rogo-te: ‘Não deixes cães
me domarem à beira das naus; aceita ouro
e bronze, os ricos dons que meus pais te darão.
Restitui-lhes meu corpo, para a pira fúnebre.’”
Olho-torvo, tornou-lhe o Peleide: “Cachorro,
não me rogues por joelhos nem por genitores.
Minha ira e meu furor são tais, que eu comeria
cruas tuas carnes, talhando-as primeiro, tão grandes
males causaste. Mas ninguém de tua cabeça
enxotará os cães! Mesmo que dez, vinte vezes,
ricos, riquíssimos resgates me trouxessem,
com promessa de mais; mesmo que a peso de ouro
quisesse o rei remir-te. Numa essa jamais
te deporá tua nobre mãe, que deu-te à luz,
para chorar-te. Cães e abutres comer-te-ão
inteiro.” A morrer quase, o de elmo-flâmeo disse-lhe:
“Vendo-te e conhecendo-te, sei: persuadir-te

não é possível; tens um coração de ferro,
um ânimo ferrenho. Cuida que eu não sirva
à vindita dos deuses, quando Apolo e Páris
te abaterem, às Portas Ceias, embora bravo.”
Ultimou-se-lhe a morte. Eclipsou-o. A psiquê
voou-lhe dos membros para o Hades, chorando o fado
que lhe tirou vigor e juventude. Aquiles,
ao já morto, ainda disse: “Morre! Acolherei
a Quere, quando Zeus e os numes o quiserem.”
Falou. A lança brônzea arrancou do cadáver,
pondo-a à parte. Dos ombros, retirou-lhe as armas
sangrentas. Os Aqueus acercaram-se para
examinar-lhe o talhe e a beleza admiráveis;
ao passar, não deixavam de ferir-lhe o corpo;
uns aos outros diziam, entreolhando-se: “Deuses!
Tateando-o, é bem mais tenro o corpo de Héctor, nem
parece o mesmo que aos navios ateava fogo.”
Golpeando-o, assim diziam muitos dos que o abeiravam.
Aquiles, pés-velozes, depois de espoliá-lo,
dirigiu aos Aqueus palavras-asas:
“Companheiros Aqueus, hegêmones e próceres:
os deuses concederam-me domar esse homem
que tantos males nos causou, mais do que a soma
dos inimigos todos. Em armas, cerquemos
a pólis, para ver qual o ânimo dos Troicos:
desertarão, prostrado Héctor, a cidadela,
ou se manterão firmes, mesmo à míngua de Héctor?
Mas por que o coração me murmura essas coisas?
Junto às naus, não pranteado, insepulto, jaz Pátroclo;
eu não o esquecerei, enquanto dure e movam-se
meus joelhos. Seja que se olvidem, quando no Hades,
os mortos, mesmo ali, sempre o recordarei,
dileto! Agora, heróis aqueus, cantando o peã,
voltemos para as naus curvas, conduzindo Héctor
morto. Uma grande glória daremos aos nossos:
o cadáver daquele que, qual deus, os Troicos
veneravam na pólis.” Falou, meditando
ultrajantes malfeitos contra o divino Héctor.
Os tendões dos dois pés lhe fura, do calcâneo
ao tornozelo; passa-lhe através tiras
de rijo couro táureo, que ata à biga; deixa-lhe
a cabeça no solo arrastar-se; à biga alça-se,
bem alto erguendo o arnês glorioso; então, fustiga
os corcéis que, incitados, de bom grado voam.
Um rodopio de poeira o cadáver levanta;

os cabelos azul-negros circum-espalham-se,
à fronte, outrora bela, ora pulverulenta,
rodeando-a; aos Aqueus dera Zeus que a Héctor, em sua
própria pátria, injuriassem: cabeça no pó.
Vendo o filho, a mãe livra-se do véu, desgrenha-se
e soluça alto; o pai deplora-o, lamentoso;
por toda a pólis está em pranto o povo, como
se Ílion, do ápice à base ardendo em fogo, ruísse.
O povo mal podia conter o transtornado
ancião, que aos brados, forcejava, na intenção
de sair Portas Dardânias afora. Na poeira,
rebolcando-se, a todos rogava, chamando
a cada um deles pelo nome: “Amigos, basta
de sofrear-me, ainda que zelosos por mim. Eu,
sozinho, despachando-me da cidadela,
quero ir às naus aqueias rogar a esse violento
funesto-deletério, se as cãs me respeita,
se condoa da velhice, já que tem um pai
que educou-o para ser o flagelo de Troia.
Mais que a todos, a mim, me infligiu duras penas:
tantos filhos em flor matou-me! Eu os deploro,
embora a nenhum tanto quanto a Héctor: acerba
a dor há de levar-me para o Hades. Quem dera
morresse nos meus braços! A mãe, que o gerou,
desventurada, e eu mesmo, ambos desafogáramos
nossas penas, com lágrimas, com ais de lástima.”
Falou, chorando. Em torno chorava o povo. Hécuba,
ergueu, entre as mulheres, lutuoso lamento:
“Filho, ai de mim! Viver como, depois de tanto
infortúnio? Estás morto, meu orgulho e orgulho
diuturno da cidade, amparo de Troianos
e Troianas. Vivo, eras um deus, uma glória
grandiosa para Troia. A morte e a Moira agora
te colhem!” Falou entre lágrimas. A esposa
de Héctor, porém, de nada sabia. Nenhum núncio
anunciara-lhe, digno de fé, que o marido
ficara fora dos portais. Tecia, no paço,
uma tela de púrpura, dupla, bordada
de flores várias. Ordenara às servas, belas-
-madeixas, que pusessem no fogo uma trípode
grande, para, quando Héctor voltasse da guerra,
o esperasse, já pronto, um banho quente. A pobre
não pressentia que Atena, olhos-azuis, por mão
de Aquiles, já o domara, bem longe de banhos.
Escutou-se um ululo da torre. Um tremor

tomou-a. A lançadeira cai-lhe. Diz às fâmulas:
“Que me sigam as duas. Quero ver o que passa!
Ouvi a voz de minha venerável sogra.
Quase à boca me salta o coração. Meus joelhos
se enrijecem. Um mal ronda o filho de Príamo.
Que estas palavras não alcancem meus ouvidos.
Tremo, temo muitíssimo, que o divo Aquiles
pelo plaino o persiga, apartando-o do muro,
e deixando-o sozinho, até tirar-lhe o ardor
fatal que o possui, pois, jamais, se queda em meio
à tropa; vai adiante, audaz como ninguém.”
Falou. E se lançou paço afora, turbada
no coração, igual maníaca entre duas fâmulas.
Assim que alcança a torre e a multidão em torno,
arrima-se à muralha, olha em redor, e o vê
arrastado perante a pólis; corcéis rápidos
puxam-no, incompassivos, direto às naus côncavas.
A noite érebo-negra os olhos dela eclipsa.
Cai para trás e exala a psiquê. Da cabeça
desprendem-se os esplêndidos laços; da coifa,
o diadema, entramados nastros e o véu dado
a ela por Afrodite auriloura, no dia
em que o elmo-coruscante Héctor do senhorial
solar do rei Eecião por esposa a tirara,
dando-lhe profusão de dons. Suas concunhadas
a cercam e as irmãs do marido, amparando-a,
com medo de que caísse morta de estupor,
ao vê-la combalida, exânime de espanto.
Assim que lhe voltou o respiro e que o espírito
vital recobrou, disse às Troianas, entre ais:
“Héctor, pobre de mim! Nascemos os dois sob
um mesmo fado; em Troia tu, no paço de Príamo,
eu, em Tebas, na casa de Eecião, no sopé
do selvoso Placo; ele, um sem-ventura, criou
esta desventurada. Antes não me tivesse
gerado! Agora baixas ao solar subtérreo
do Hades; e eu fico viúva, a sós neste altiplano,
fechada em ominoso luto. Mesmo a criança
por nós gerada, por nós ambos de má Moira,
não terá teu apoio (morreste!) e te apoiar
não há de poder; mesmo sobrevivo à guerra
dos Aqueus, polilácrima, fadiga e dor
sempre estarão com ele, no porvir, pois outros
removerão os lindes de sua gleba arável;
órfão, perde o menino os amigos, o dia

cruel os afasta; vai cabisbaixo, banhado
em prantos, recorrer aos amigos do pai.
Puxa este pelo manto, aquele pela túnica;
comovido, algum dá-lhe, quiçá, copa exígua
que antes lhe molha os lábios que o palato. Quem
tem pai e mãe o expulsa do festim, golpeando-o
e insultando-o: ‘Sai, vai-te embora, teu pai não
está entre os mais convivas!’ Chorando, ele, Astiánax,
busca a mãe, ele, que antes, nos joelhos paternos
se nutria de tutano e gordura de ovelhas
nédias, e quando o sono de Hipnos o tomava,
parava de brincar e num leito macio,
no aconchego das amas, dormia, coração
deliciado. Penar muitas lágrimas, ó Astiánax,
te tocará, sem pai (sobrenomeiam-te assim
os Troianos, por Héctor, custódio dos muros
e da pólis, baluarte dos portais). E os vermes,
fervilhando, já roem o morto junto às naus,
nu, distante dos pais, saciados os cães. Vestes
finas, tecidas pelas fâmulas, já não
mais te envolverão. Todas queimarei no fogo:
nem de mortalha servem para ti, nem para
que em Troia, envolto nelas, o povo te honore.”
Falou, chorando; em coro plangem as Troianas.

Canto XXIII
Torneio em tributo a Pátroclo

Lastimavam-se todos na pólis. No entanto,
os Aqueus, alcançando os navios e o Helesponto,
dispersaram-se, cada um direto à sua nau.
Mas Aquiles não quis seus Mirmidões dispersos.
Aos companheiros filobélicos falou:
“Ó Mirmidões, ginetes velozes, meus caros
companheiros, dos carros não soltemos ainda
os corcéis unicascos jungidos ao jugo,
mas com eles e as bigas nos avizinhando,
choremos Pátroclo; que, assim, honram-se os mortos.
Exausto o luto, o pranto e o preito após soltar
os corcéis, vamos, todos, banquetear-nos.” Disse.
Todos choraram juntos, seguindo o Aquileu.
Três vezes os corcéis, lindas-crinas, giraram.
Tétis instiga o choro. Lavam-se lágrimas
os arneses, a areia lava-se; todos plangem
o provoca-pavor. Aquiles, o mata-homens,
pondo as mãos sobre o peito do amigo, declara:
“Pátroclo, exulta, mesmo que nas mansões do Hades.
Doravante farei tudo em teu lugar. Por
primeiro, o prometido: trouxe Héctor aqui.
Vou dar-lhe a carne aos cães; irado, à pira doze
presos degolo, o escol dos Troicos, por tua morte.”
Vexatórias ações contra Héctor maquinou,
arrojado no pó, de boca, aos pés do fúnebre
leito de Pátroclo. Desvestem armas, brônzeo
brilho, os Mirmidões; soltam do jugo os corcéis
alto-nitrindo, e assentam-se junto às naus do Eácide
pés-velozes, inúmeros. Lauto banquete
funéreo preparava-se. Bois luzidios
mugiam, muitos, sangrados; e muitas ovelhas
e cabras, a balir e berrar, muitos branqui-
dentes porcos, gorduro-flóreos, assando ao
fogo heféstio; em redor do morto, circunflui
o sangue. Os reis aqueus a Agamêmnon conduzem
o divino Peleide, a custo persuadindo-lhe
o coração amargo, aflito pela morte
do amigo e companheiro-de-armas, caro. Assim
que à tenda real se achegam, mandam os claríssonos
arautos pôr no fogo uma trípode grande;
Aquiles a lavar-se talvez persuadissem,

da sanguinosa escória. Ele recusa, duro,
e, por Zeus, o melhor e maior entre os deuses
jura: “Não se proponha ninguém a lavar-me
a cabeça antes que eu leve à pira e deponha
Pátroclo no sepulcro ereto e meus cabelos
corte: dor igual não há de me pungir duas
vezes enquanto vivo. Ao odioso banquete
submetamo-nos! Quando raie o dia, determine
Agamêmnon, o rei, se corte lenha e o mais
se aporte de que o morto precise para ir-se
ao reino fosco, e para que o fogo o consuma
veloz, de nossa vista o tire, e à lida todos
voltem.” Falou. De bom grado ouvem e obedecem-no.
Preparado o banquete com esmero, todos
puseram-se a comer, tocando a cada qual
equânime porção. Satisfeito o desejo
de comer e beber, vão-se às tendas dormir.
Porém à praia do mar polissonoro, Aquiles
deita-se, lamentoso, em meio aos Mirmidões,
num lugar limpo, onde ondas na areia se quebravam.
Quando tomou-o o sono de Hipnos, dissolvendo
males e mágoas no ânimo, circunvasivo
(cansara muito, é fato, aos seus membros esplêndidos
perseguir Héctor até Troia multiventosa),
a psiquê sobrevém-lhe do mísero Pátroclo,
símil a ele no talhe, na voz e nos olhos,
nas vestes. À cabeça pousou-lhe, dizendo:
“Dormes, Aquiles, e te esqueces de mim. Quando
vivo nas descuidavas deste amigo morto.
Sepulta-me, de pronto, para que eu penetre,
enfim, as portas do Hades. A ânima-psiquê
e a sombra dos defuntos exaustos repelem-me,
impedem-me que, além-rio, com elas misture-me;
rondo errante os portais amplos. Dá-me a mão, peço-te,
chorando. Não mais do Hades virei, quando me honres
com meu quinhão de fogo; não mais, como em vida,
sentaremos à parte dos demais, trocando
conselhos num concílio a dois. A Quere odiosa
me engoliu, meu inato fado. A ti, também,
divino Aquiles, a morrer a Moira assina-te
junto aos muros de Troia. Algo te peço, aquiesce!
Não deposites, longe dos teus, os meus ossos,
deixa-os juntos, que juntos os dois fomos criados
na casa do teu pai; desde menino fui
levado por Menécio de Oflante aos domínios

de Peleu, pois matei - infausto, involuntário
homicídio - num jogo de dados - o filho
de Anfidamante. Recebeu-me Peleu, équite,
em seu paço e educou-me, bondoso, nomeando-me
teu escudeiro. Uma urna só circunrecolha
nossos restos: aquela ânfora de ouro, dom
de tua mãe veneranda.” Retruco-lhe Aquiles:
“Por que vieste até mim, dileto capitão,
prescrevendo-me, uma a uma, todas essas coisas?
Por ti tudo farei e perfarei de bom
grado, tudo o que queiras. Mas põe-te a meu lado,
ainda que por minutos: ambos, abraçados,
chorando, afogaremos o amargor das mágoas.”
Disse e estendeu as mãos: nada, a psiquê se esvaiu,
sibilo de fumaça, sob a terra. Aquiles
atônito, batendo-se as palmas diz, triste:
“Céus! No Hades há psiquês e ícones, mas inânimes,
sem vida! Noite adentro a psiquê do meu Pátroclo
infausto, esteve-me vizinha, deplorando
e chorando; ordenava-me coisas e tinha,
com ele, um parecido estranho, sobre-humano.”
Falou. E a todos veio um desejo de pranto.
Àqueles que, em redor do cadáver, choravam,
dedos-rosa Éos-Aurora apareceu. Possante,
Agamêmnon, o rei, manda mulos monteses
e, de todas as tendas, homens para o corte
de lenha; como chefe, o valente Meríone,
escudeiro do insigne Idomeneu. Manejam
machados talha-lenha, afiados, e cordame
bem-trançado; caminham os mulos monteses
à frente; por veredas, seguiam-nos os homens
avante, de través, de flanco, a ré; mas quando
chegaram aos convales do Ida polifluente,
se deram a lenhar, a bronze, robles alti-
coifados, com ribombo tombados. Os Dânaos
põem as toras no lombo dos mulos, que seguem
até o plaino correndo por atalhos. Troncos,
os lenheiros também portam (Meríone ordena,
o valente escudeiro); na praia descarregam-nos
onde, ao mega-sepulcro seu e do herói Pátroclo,
Aquiles designara um sítio. As achas tendo
disposto em profusão, se agrupam, esperando.
Súbito, Aquiles manda seus Mirmidões filo-
bélicos pôr couraças e jungir aos carros
os corcéis. Estes se erguem, vestem os arneses

brônzeos, e às bigas sobem, guerreiros e aurigas.
À frente os cavaleiros, seguidos por nuvem
inúmera de peões. No centro portam Pátroclo
os seus pares. E tinham coberto o cadáver
de cabelos, cortando-os e jogando-os sobre
o morto. Sua cabeça, a sustentava Aquiles,
agoniado: para o Hades dava o amigo imáculo.
Os mais, chegando ao sítio eleito por Aquiles,
depuseram o corpo e amontoaram a lenha
pesada. O Pés-velozes outra coisa cisma:
recua da pira e corta-se as madeixas louro-
-florescentes, que para o rio Espérquio guarda;
turbado, olha o mar vinho-escuro e diz: “Espérquio,
Peleu, meu pai, pediu-me prometesse que eu,
de volta à pátria, meus cabelos, para honrar-te,
tosasse, e uma hecatombe te ofertasse, na ara
fúmea do templo, em tuas fontes - cinquenta ovelhas.
O velho fez-me bons augúrios. Não o ouviste.
Agora, ficou claro que não voltarei
mais. Consigno, pois, esta coma a Pátroclo; ele
- disse - consigo a leve.” Pôs a cabeleira
entre as mãos do querido amigo. Todos choram!
E o farol de Hélios-Sol crepusculara sobre
os que carpiam, não fora Aquiles a Agamêmnon
declarar: “Os Aqueus a ti obedecerão,
certo. Saciar-se de chorar parece justo.
Faz com que eles, agora, se afastem da pira
e manda preparar-lhes o banquete. Nós
cuidaremos do morto; éramos os mais próximos
dele; fiquem também os outros chefes.” Logo
que o escutou, Agamêmnon despachou os homens
para as naus. Os que a lenha empilhavam ficaram
erguendo a pira de cem pés, de lado a lado;
no topo, corações agoniados, depõem
o cadáver. Ovelhas nédias, bois tardonhos,
curvicórneos, esfolam e carneiam perante
a pira. Aquiles, meganimoso, das vítimas
extrai a banha e cobre o cadáver, dos pés
à cabeça; amontoa a seu redor as carnes
esfoladas; por cima põe ânforas de óleo
e mel, e inclina-as, apoiando-as contra o esquife;
ao fogo atira, erguendo altos lamentos, quatro
corcéis, cervizes altaneiras. Nove cães,
o soberano, à mesa, nutria; dois abate
e à pira joga, como também doze nobres

moços troianos, imolados a bronze (ele,
ações maldosas no íntimo medita); atiça
a férrea fúria da fogueira até saciar-se.
Sempre doendo-se, chama por Pátroclo: “Salve,
ainda que no Hades, pois cumpri o prometido:
doze moços troianos, contigo, a fogueira
consome; Héctor, não. Vou dá-lo aos cães como pasto.”
Falou, ameaçador. Porém os cães não circun-
rondam, vorazes, o cadáver. Afrodite
divina, dia e noite, os afasta, e de essência
de rosas e óleo ambrósio o unge, para que não
se lacere arrastado. Febo Apolo, então,
uma nuvem cianuro-escura adensa e baixa
do urano-céu ao planino, eclipsando o cadáver,
para que o forte Hélio-Sol não calcine a pele
dos seus tendões e músculos. Porém a pira
fúnebre relutava em arder. Teve Aquiles
uma nova ideia. Longe da pira, aos dois ventos,
Bóreas e Zéfiro, rogou, vítimas belas
lhes prometendo, enquanto, amiúde, em copa de ouro,
libava: que, velozes, viessem os cadáveres
flamejar, incendiando a lenha. Íris ouviu
e o rogo aos ventos, núncia célere, anunciou.
Banqueteavam-se os dois no palácio de Zéfiro
tempestuoso. No umbral de pedra, Íris detém
a divina corrida. Ao vê-la com os olhos,
levantaram-se os dois, chamando-a junto a si.
Mas a deusa recusa e diz estas palavras:
“Não é hora de sentar. Ao torrencial Oceano
me vou, na direção da terra dos Etíopes,
que ofertam hecatombes aos numes eternos,
para participar dos sacrifícios. Mas
Aquiles roga a Bóreas e a Zéfiro venham,
ventosos, atiçar a pira onde jaz Pátroclo,
que todos os Aqueus pranteiam. Vítimas belas
lhes promete.” Falou. E se foi. Apressados,
divino-troando, estrugem os ventos, e as nuvens
empurram para frente. Contra-sopram quando
chegam ao mar; subleva-se a onda ao sibilante
respiro. Alcançam Troia, vastas-glebas, e lançam-se
à pira, e logo o fogo uiva, divino-ardente.
A noite toda açoitam as chamas, zunindo;
e, da cratera de ouro em copa dupla, Aquiles
verte o vinho na terra, e a ensopa, e invoca Pátroclo,
infausta psiquê. Feito o pai que chora quando

os ossos do recém-casado filho queima,
morto para aflição dos genitores, chora
também Aquiles, ao queimar os caros ossos
do amigo, e em torno à pira roja-se e deplora.
Quando a estrela lucífera a Geia-Terra porta
luz e Éos-Aurora estende o seu peplo amarelo-
-cróceo sobre o mar, já quase a extinguir-se a pira,
as chamas vão cessando. Os ventos ao solar
empreendem o retorno pelo trácio pélago,
que, entumescido, troa. Longe da pira, Aquiles,
fatigado, se estira, Hipnos, o sonho-mel
o toma. Os outros reúnem-se em torno do Atreide.
O bulício e as passadas dos que andam despertam
o Peleide; ele se alça e, sentando-se, fala:
"Ó Atreide e demais próceres Panaqueus: urge,
primeiro, a pira inteira apagar com o roxo-
-fúlgido vinho, enquanto reste força ao fogo;
depois, é recolher os ossos do herói Pátroclo,
discernindo-os bem, pois claramente distinguem-se:
jazem no centro da fogueira; os outros, longe,
bem no extremo da pira estão, equinos e homens,
confusos e combustos. Sob dupla camada
de gordura, os ponhamos dentro de urna de ouro,
até que o Hades a mim mesmo encubra. Uma tumba
não muito grande, e sim quanto convenha, erguei
para guardá-los. Outra, ampla e alta, erigireis,
vós outros, sobrevivos a mim, que estareis
nos navios polirremes." Falou. Obededem-no
os Aqueus. Primeiro, eles extinguem, com vinho
fúlgido-roxo, a pira, até onde ardera o fogo,
caindo no fundo as cinzas. Sobre os ossos brancos
do companheiro choram, enquanto os põem na urna
de ouro, sob uma dupla capa de gordura;
na tenda, em linho fino a envolvem; circuntraçam
a tumba e em torno à pira plantam-lhe as pilastras,
jogando em cima terra escavada. Feito isso,
retornam. Mas Aquiles os retém. Uma ampla
arena faz dispor; das naus vêm dons, caldeiras
e trípodes, equinos, mulos e bois crânios-
-robustos, moças de cintura linda, ferro
sidéreo-cinza. Àqueles équites, por céleres
celebrados, propôs, no ato, prêmios esplêndidos:
ao ganhador, moça hábil, no lavor perfeita,
mais trípode com asas, vinte e duas medidas;
ao segundo, égua de seis anos, prenhe de um

mulo, não domada ainda; para o terceiro, uma
caldeira não tocada pelo fogo, bela,
tetramesurante, alva; para o quarto, dois
talentos de ouro; um vaso duplialado, intacto,
para o quinto. De pé, fala Aquiles aos Dânaos:
“Atreide, Aqueus de belas cnêmides: Eis aí
os prêmios que, na arena, aguardam os aurigas.
Se em honra de outro, agora, os Aqueus competíssemos
em jogo atlético, o primeiro prêmio à tenda
eu traria; meus corcéis, o quanto sobrepujam
os demais, sabeis, já que são imortais, dom
de Posêidon ao rei Peleu, meu pai, que a mim,
depois, os deu. Não vamos concorrer, pois eles
o prestigioso auriga perderam, bondoso,
que sempre lhes ungia a crineira de óleo fino,
após lavá-los n’água pura. Agora, o choram,
ao solo derrubando a crina longa, imóveis,
coração doente. Estejam, então, preparados,
guerreiros Aqueus, todo e qualquer dentre vós
que em seus corcéis confie e nos carros bem-jungidos.”
O Peleide falou. Se ergueram os velozes
équites. O primeiro de todos falou Êumelo,
senhor-de-homens, dileto rebento de Admeto,
destro em hípica. O herói Diomedes, que atrelava
os cavalos de Trós, tomados de Eneias, quando,
a este, o salvou Apolo. O louro Menelau,
progênie-de-Zeus, se alça então, e junge os rápidos
equinos: o seu Pôdargo e a égua Ete, ofertada
pelo Anquisíade Equépolo ao rei Agamêmnon,
para isentar-se de, com ele, ir-se à ventosa
Ílion, ficando em paz a usufruir de seus bens.
Zeus lhe dera copiosas riquezas; vivia
em Sicíone, de glebas ventosas. Fogosa,
fremindo, Menelau ao carro a subjugou.
O quarto pôs no jugo os corcéis lindas-crinas
e atrelou-os: o galhardo Antíloco, rebento
de Néstor, sobranceiro senhor, descendente
de Neleu; corcéis patas-velozes, da raça
de Pilo, conduziam-lhe o carro. Aproximando-se,
o pai, mente correta (assim o filho) diz-lhe:
“Ó Antíloco, aprendeste, ainda que jovem, artes
hípicas com Zeus Pai e Posêidon, que te amam.
Dispensas os didatas; em torno à meta, hábil,
giras. Mas teus corcéis são tardos. Temo a ruína!
Os cavalos dos outros são, certo, mais céleres,

mas auriga nenhum teu solerte engenho ultra-
passa. No coração incute as artimanhas
todas: que o prêmio não te refuja ao alcance:
o tino, mais que a força, vale ao lenhador;
o tino ao timoneiro, por mar cor de vinho,
dá que dirija a nau, mesmo que o vento açoite;
o tino faz que o auriga sobreexceda o auriga.
Quem nos corcéis confia e no seu carro, e põe-se,
insensato, a dar voltas, de um lado para outro,
desbridam-se os corcéis, sem que possa contê-los.
Quem as manhas conhece, quando guia corcéis
menos ágeis, contorna a meta de perto, a ela
sempre atento; jamais esquece de afrouxar-lhes
as rédeas, mas domina-os, e olha o que está à frente.
Eis, fácil de notar, um signo: não o esqueças.
Se ergue um tronco seco uma braça terra acima,
ou de roble ou de pinho; não o apodrece água
de chuva; pedras brancas marcam-lhe os dois lados,
na volta do caminho; liso, em torno, o hipódromo.
O signo assinalava um que morreu há tempos,
talvez um marco de homens primevos; agora
Aquiles, pés-velozes, o tomou por meta.
Junto do tronco, incita, rente, o carro equino;
teu corpo inclina sobre a borda bem-trançada
da biga, para a esquerda; estimula com gritos
o corcel da direita e dá-lhe rédeas soltas;
o da esquerda tão perto passará da meta
que o cubo da tua roda pareça tocá-la;
mas evita esbarrar na pedra; não se firam
teus corcéis, nem se rompa o carro, dando aos outros
júbilo e a ti vergonha; porém, precavido,
previne-te, caríssimo. Se conseguires
perpassar rente à meta, não há quem te encalce
e alcance, ainda que salte, nem te sobrepasse,
ainda que urgindo Aríone atrás de ti, veloz,
o célebre corcel de Adrasto, raça divo-
gênita, ou - primor de Ílion - os de Laomedonte.”
Assim dizendo, Néstor Neleide voltou
a sentar-se em seu posto, o essencial dessas coisas
tendo explicado ao filho. O quinto foi Meríone
a atrelar os corcéis, belas-crinas. Aos carros
todos sobem. Aquiles tira a sorte do elmo,
que sacode. Ao Nestóride Antíloco salta
a sorte. A seguir toca ao forte Êumelo. Cabe,
então, a Menelau Atreide, bom-de-lança.

A Meríone, depois, é dado dirigir.
Por último, ao Tideide é dado que dirija
os corcéis. Alinhados, Aquiles no plaino
liso a meta lhes mostra, distante. Por árbitro,
põe Fênix, quase-um-deus, companheiro do pai,
a vigiar a corrida e atestar a verdade.
Sobre os corcéis, ao mesmo tempo, o açoite todos
erguem, golpeando-os com as rédeas e incitando-os.
Ei-los a atravessar, velozes, as planícies,
deixando para trás as naus; o pó que assoma
sob eles sobe, feito nuvem ou procela,
as ôndulas crineiras vogando no vento.
Ora as bigas a terra multinutriz raspma,
ora, rebojam no alto, firmes nos assentos
os aurigas; batiam-lhes os corações ávidos
de alcançar a vitória; os corcéis açulados
empoeiram a planura; mas ao cumprir a última
etapa, ao mar grisalho tornando, brilhou
o brio de cada qual e o galope acirrou-se.
À frente, velocíssimas, correm as éguas
do Ferecíade. À sua cola, os cavalos troicos
de Diomedes, de todos o melhor auriga;
não estavam tão longe, antes se avizinhavam;
quase abalroando a biga, escaldam as espáduas
de Êumelo com seu bafo, de cabeça voando
sobre ele; e o passariam, ou deixariam ambígua
a vitória, se Apolo, irado com Diomedes,
não lhe arrancasse o açoite faiscante da mão.
Dos olhos do Tideide, fulo, brotam lágrimas,
pois as éguas corriam mais ainda, e os seus cavalos
perdiam o ímpeto, não fustigados. A Atena,
a manobra de Apolo não escapa. Célere,
vai ao pastor-de-povos, restitui-lhe o açoite
e afoita-lhe os corcéis. Furiosa põe-se atrás
do Ferecíade, filho de Admeto, e lhe quebra
o jugo equino; as éguas se extraviam da rota,
para os lados; no solo, roja o timão; rola
do carro o condutor, ferindo cotovelos,
boca e nariz; também, sobrancelhas acima,
se machuca na testa; olhos rasos de lágrimas,
o vigor de sua voz se embarga. Seus cavalos
unicascos desviando, o Tideide ultrapassa
de muito os outros todos: Atena afastara-lhe
os corcéis, reservando a Diomedes a glória.
O louro Menelau vi em seguida. Antíloco,

porém, gritou para os corcéis paternos: “Eia,
mais pressa! Não se trata de competir com
os de Diomedes: Palas Atena lhes dá
o impulso, reservando a vitória ao Tideide;
mas alcançai, ao menos, a biga do Atreide;
restar atrás seria um vexame: Ete é uma fêmea!
Por que deixar-se, ó bravos, ficar para trás?
Digo-vos (e há de ser cumprido). Trato honroso,
Néstor, pastor-de-povos, não mais vos dará;
antes, com bronze agudo, vos abaterá,
se fizerdes que eu colha um prêmio irrelevante;
logo, desabalai, correi a todo fôlego;
do mais, com arte, eu cuido; onde a rota se estreita,
tratarei de insinuar-me; a ocasião não me escapa.”
Falou. Os corcéis ouvem seu dono ameaçá-los;
temerosos, apertam a marcha por certo
tempo. Antíloco, firme-em-combate, vê o passo
estreito do trajeto, onde as águas do inverno
escavaram um fosso, esbarrancando o entorno.
Por aí, Menelau guiava, tentando escapar
à colisão. Antíloco, desviando o curso,
seus unicascos fora da via conduziu,
encalçando o Atreide. Este, assustado, gritou-lhe:
“Antíloco, guias como um louco! Já! Modera
teus corcéis! A rota é estreita aqui, mas se alarga,
dando passagem; não se hão de chocar as bigas,
arruinando-se.” Disse, e Antíloco seguiu,
acicatando mais ainda e urgindo os cavalos,
ícone de um que nada ouvisse. E tão veloz
quanto um disco que o jovem discóbolo atira
por cima do ombro, pondo à prova a juventude,
tanto assim se adiantava a parelha de Antíloco,
enquanto o Atreide freava a sua, temendo um choque
dos unicascos, carros e aurigas por terra,
no afã de conquistar a vitória. Bradou-lhe,
em tom reprobatório, o louro Menelau:
“Antíloco, não há mortal mais predatório
do que tu. Maldita hora! Crer-te um sábio, que erro!
Porém, sem prévia jura, não terás o prêmio!”
Falou. E estimulou os cavalos, dizendo-lhes:
“Nada de retardar o passo ou de estacar,
ainda que o coração voz punja. Certo, aos outros
que não são novos, antes que a vós cansarão
patas e joelhos.” Disse. E a parelha correu
mais ainda, temerosa do grito do dono,

quase aos rivais se emparelhando. E em torno à arena
os ´Quase apreciavam os corcéis que voavam
envoltos no pó. Foi o primeiro o senhor
de Creta, Idomeneu, a enxergar o cavalo,
de atalaia num lugar alto, exterior à arena.
O grito de um auriga, longe embora, ouviu,
percebendo o preclaro corcel à dianteira:
vermelho, alvo lunar à fronte arredondando-se.
Ergueu-se, e proferiu aos seus palavras-asas:
“Conselheiros e hegêmones do povo argivo:
só eu diviso os corcéis, ou vós também, meus caros?
São outros, me parece, os cavalos dianteiros
e me parece um outro auriga. Às éguas, belas,
no plaino, algo talvez passou-se: antes primavam,
à frente. Vi-as, primeiro, lançando-se à meta,
a contorná-la. Já não mais posso visá-las,
para onde quer que volte o olhar, no plaino troico.
Escaparam às mãos do auriga as rédeas? Não
pôde sofrear, em torno da meta, a parelha,
nem no girar ter êxito? Tombou, parece-me,
com o carro desfeito e as éguas, fúria no ânimo,
fugindo à pista. Erguei-vos e olhai. Já não vejo
bem: à frente, figuro-me, vai aquele homem,
de nascimento Etólio e, entre os Argivos, príncipe,
o filho de Tideu, doma-corcéis, Diomedes.”
Contundente, atalhou-o Ájax veloz, o Oileide:
“Idomeneu, por que, falastrão, te antecipas?
Em pleno plaino, longe, as éguas, patas-altas,
vão galopando. Não és o Argivo mais novo,
nem mais agudo veem os olhos de tua cara.
Mas palras sempre parolagens. Nada obriga
a ser um paroleiro. Outros há e melhores!
Vão em primeiro as éguas, as que antes primaram,
as de Êumelo e, na biga, o próprio empunha as rédeas.”
Mas o prócer cretense, enraivecido, o afronta:
“Ájax, és em querelas ótimo, no mais,
um mente-obtuso, em tudo o pior entre os Argivos,
pois tens cabeça dura. Apostemos, então,
algo de preço, trípode ou caldeira! Por
árbitro, tomaremos Agamêmnon. Cabe-lhe
dizer que corcéis vêm à frente. Aprenderás
pagando.” Ájax Oileide estava já por dar-lhe
contradita colérica, e iria longe a rixa,
se não se interpusesse Aquiles: “Não troqueis
malévolas palavras, Idomeneu, Ájax.

Essas injúrias não ficam bem. Se acaso outros
procedessem assim, vós os reprovaríeis.
Acalmai-vos. Na arena, sentai, observando
os cavalos: aqui logo repontarão
aspirando à vitória; podereis saber
qual dos corcéis argivos corre na dianteira,
qual à rabeira.” Disse e o Tideide apontou
à frente, fustigando sempre os parelheiros,
que quase alçavam voo, devorando, de um salto,
a pista, enquanto o pessoa golfava sobre o auriga
e, recamado todo de ouro e estanho, o carro
atrás dos corcéis patas-velozes corria,
mas só de leve os traços das rodas metálicas
se imprimiam no pó fino ao revoo das parelhas.
Por fim a biga estava na arena e do peito
e da cerviz, pingando em terra, o suor escorre
dos cavalos. Do carro panfulgente salta
Diomedes e recosta ao jugo o açoite. Afoita-se
Estênelo e apanha o prêmio para os seus
sobreanimosos companheiros: a cativa
e a trípode com asas, soltando a parelha.
A seguir, chega Antíloco, que ultrapassara,
não tão veloz quanto astucioso, Menelau.
Este se avizinhava, rente, guiando a rápida
parelha. Quanto dista da roda do carro
um corcel que, planície afora, disparando,
transporta o dono, e as pontas das crinas extremas
roçam os regirantes círculos das rodas
tão próximos que um parcimonioso entre-espaço os medeia
no curso pelo vasto plaino; tanto assim
o Atreide vinha atrás de Antíloco: estivera
longe um tiro de disco; ora emparelham quase
graças ao vigor de Ete, crinas-belas, égua
agamemnônica; mais tempo de corrida
houvesse, e o Atreide passaria, certo, o rival
no encalço do afamado Menelau, a um tiro
de dardo; seus cavalos, belas-crinas, eram
tardos; ele algo inábil guiando-os na corrida.
No belo carro equino o rebento de Admeto,
tocando os corcéis para diante, vem por último.
O divino Aquileu, pés-velozes, ao vê-lo
se consterna, e entre os seus se ergue e flamengo palavras-
-asas: “Em último, a puxar seus corcéis uni-
-cascos, ei-lo, o melhor cursor! Vou dar-lhe um prêmio,
como é justo, o segundo; o primeiro ao Tideide.”

Falou. Com seu ditame, os demais concordaram.
Concordes os Aqueus, teria dado o cavalo,
não fora o filho do hiperanimoso Néstor,
Antíloco, perante Aquiles, reclamar
seu direito: “Ó Peleide, me zangarei muito
contigo, caso leves a efeito o que dizes;
estás, com isso, prestes a tirar-me o prêmio,
pensando no desastre que atingiu o carro
e os corcéis de um estrênuo équite. Aos sempiternos,
por que não rogou? Certo não viria por último!
Mas se te é caro e tens pena dele, em tua tenda
não faltam ouro, bronze, ovelhas, servas e uni-
-cascos corcéis; escolhe e dá-lhe um melhor prêmio,
agora ou logo mais, com o louvor dos Dânaos.
Não lhe cederei a égua; haverá de enfrentar-me
em luta corpo-a-corpo aquele que a deseje.”
Falou. E então sorriu Aquiles pés-velozes,
comprazendo-se, pois ele lhe era um querido
companheiro. Palavras-asas proferiu-lhe
em resposta: “Se queres que outro dom, Antíloco,
eu dê a Êumelo, vou satisfazer-te. Dou-lhe
a couraça de bronze (antes de Asteropeu),
de uma orala de faiscante estanho guarnecida;
é um dom precioso, que ele, certo, apreciará.”
Dito isso, ao caro auriga Automedonte deu
ordem para que à tenda a buscasse. Obedece
o escudeiro e, trazendo-a, a depõe nas mãos de Êumelo,
que radioso a recebe. Irrompe Menelau,
coração dolorido, crispado de cólera
contra Antíloco. Põe-lhe nas mãos um arauto
o cetro e a todos pede: silenciem! O herói,
quase-um-deus, fala: “Antíloco, antes ponderado
e prudente, avalia teu feito. Me ultrajaste
em meu valor, causaste dano a meus corcéis,
lançando para frente os teus, muito inferiores.
Hegêmones e próceres aqueus: julgai-nos
com isenção, sem favoritos. Que os Argivos
vestibrônzeos jamais digam: ‘Menelau foi
um pseudovencedor. A Antíloco enganou,
e leva agora a égua, que eram ruins seus cavalos,
mas precedia àquele em força e prepotência.’
Aliás, se me permitem, julgo eu mesmo o caso,
e não vai censurar-me Aqueu algum, pois reta
há de ser a sentença. Antíloco, progênie-
-de-Zeus, cumpre o costume: diante dos cavalos

e da biga, o chicote vibrável à mão,
toca os corcéis e jura pelo circuntérreo
Treme-terra que não por má fé me abalroaste
o carro.” Com prudência lhe responde Antíloco:
“Sê tolerante, nobre Menelau. Sou muito
mais moço. És veterano e mais forte. Conheces
os arroubos de um jovem, mente ousada, pouco
siso. Teu coração aplaca. Eu mesmo dou-te
a égua que me tocou. Se dom maior pedisses
de minha tenda, pronto eu te atenderia, já
que não desejo cair-te do coração, nem
ante os numes daimôneos ser ímpio.” Falou.
E o filho do magnânimo Néstor, Antíloco,
às mãos de Menelau levou a égua. Se aplaca
o coração do Atreide: assim o orvalho em torno
das espigas, no tempo do crescerdas messes,
quando os trigais se eriçam. Eis como a ti, rei,
Menelau, aplacou-se o coração. Disseste-lhe
palavras-asas: “Foi-se minha raiva, Antíloco.
Nunca foste leviano ou desabrido. O moço
a contramente se aventura; tão-somente
uma vez o fizeste; já não fraudarás
os mais fortes. Aqueu algum me convencera
tão pronto! É que por mim muitas penas sofreste,
assim como teu nobre pai e teu irmão.
Cederei ao teu rogo e ainda te darei a égua,
embora minha, pois quero que saibam todos
que não sou sobrealtivo nem de pedra.” Disse
e ao auriga de Antíloco, Noêmone, dando
a égua, reservou para si a panfaiscante
caldeira. Os dois talentos áureos a Meríone,
o quarto a chegar, tocam. Resta o quinto prêmio,
a urna de duplas asas. Concedeu-a Aquiles
a Néstor, e ante o público argivo a levou
ao velho, proclamando: “Toma o troféu, sênior,
qual preciosa memória da tumba de Pátroclo,
que entre os Argivos não mais verás. É um dom extra-
-certame: ao pugilato, à luta corpo-a-corpo,
ao atirar dos dardos, à corrida a pé,
não tens de concorrer: pesa-te a senectude.”
Disse e depôs nas mãos do veterano, alegre
por recebê-la e que dirige asas-palavras
a Aquiles: “O que dizes, filho, acata a Moira
e o decoro; são frágeis meus pés e meus membros;
nem movo mais mãos ágeis sob os ombros. Dessem-me

os céus, incólume, o vigor jovem de quando
os Epeios sepultaram em Buprásio o magno
Amarinceu. Seus filhos instituíram prêmios,
em honra ao basileu. Não me igualou ninguém,
Epeio ou Pílio ou animoso Etólio. O Enópide
Clitomede venci no pugilato. A Anceu
Pleurônio, oposto a mim na luta, venci. E a Íficlo,
um bravo, na corrida a pé, o superei.
Fileu e Polidoro derrotei na lança.
Só nos carros equinos passaram-me à frente
(eram dois numa biga) os gêmeos Atoríones,
dois contra um, enciumados, ávidos de triunfo
pois restavam os prêmios maiores. Dos gêmeos
um guiava sem cessar, guiava; o outro só vibrava
o açoite. Assim, outrora, eu fui. Agora aos neo-
vindos, toca assumir trabalhos. À lutuosa
velhice, eu - antes entre os heróis - me submeto.
Mas prossegue nos jogos, honra teu amigo.
Aceito de boa mente o prêmio, coração
alegre, pois, benévolo, nunca me esqueces,
e recordas as honras que me são devidas.
Que os deuses te cumulem de graças por isso!"
Falou. E Aquiles, tendo ouvido o velho Néstor
celebrar-se, cruzou de novo a multidão
e proclamou os prêmios do cruel pugilato:
uma robusta mula de seis anos não
domada, relutante ao domar, incansável,
fez amarrar na arena. Ao vencido uma copa
duplialada. Aos Argivos, erguendo-se, disse:
"Atreide e vós, Aqueus belas-cnêmides. Para
este prêmio, dois homens convidarei, por
serem os pugilistas mais fortes, de punhos
resistentes na luta. Ao que Apolo agraciar
com mais valor, e assim pensem os Dânaos, este
levará para a tenda a mula; já o vencido
ficará com a copa." Falou. E avançava
um homem alto e rijo, pugilista exímio,
Epeio Panopeu. Tocou na mula sólida
e disse: "Que apareça o que vai receber
a copa duplialada. Dentre os Aqueus, só eu
conduzirei a mula, vencedor da pugna,
já que sou o melhor. Admito que, em combate,
não o seja. Ninguém, em todos os embates,
poderá ser exímio. Digo e é certo. Ao outro
vou escoriar a pele e rebentar os ossos.

Que muitos companheiros o cerquem, solícitos,
para o carregar, logo que eu o dome com
meus próprios punhos.” Disse e os parentes e amigos
ficaram em silêncio, todos. Só se opôs
a Epeio, Euríolo, símile divino, filho
de Mecisteu, o rei Talaiôneo, que a Tebas,
uma vez, fora à tumba de Édipo, tombado
em batalha, e nos jogos bateu os Cadmeus,
a todos. O Tideide, lança exímia, em torno,
instava-o com palavras e grandes augúrios
de vitória. Primeiro, cinge-lhe a cintura;
depois, lhe enfaixa os punhos com correias de boi.
Prontos os dois, puseram-se na arena, bem
no centro. Erguem em guarda os punhos, se engalfinham,
entrebatendo as mãos pesadas, ao rilhar
terrível das mandíbulas, o suor dos membros
a escorrer. O divino Epeio ao contendor,
que o ronda e estuda, acert-lhe um golpe à cara. Este
não conseguiu manter-se em pé; seus esplendentes
membros desabam. Quando, ao ressoprar de Bóreas,
salta um peixe, entre as algas da praia, e a onda negra
o recolhe e de novo o eclipsa, assim rolou
o vencido. Epeio, grande coração, o soergue
com os braços e o entrega aos companheiros fiéis
que o retiram da arena de rastros, cuspindo
muito sangue, a cabeça a balançar em pêndulo.
Fizeram-no sentar-se, ainda inconsciente, e com
o amigo e a copa foram-se. O Peleide, os prêmios,
do terceiro certame, exibe-os aos Aqueus:
para o vencedor, duro na luta, uma trípode,
grande, ao fogo apropriada, dessas que valiam
doze bois para os Dânaos. Ao vencido,
dava uma cativa, exímia em prendas, avaliada
em quatro bois. E conclamou: “Que se apresentem
dois de vós, desejosos de competir.” Ájax
Telamônio, o gigante, ergueu-se, e o poliastuto
Odisseu, experiente em tramas. Cinturões
cingindo-os, entram ambos na arena, e engalfinham-se,
prendendo-se, com mãos e braços, um ao outro;
assim um arquiteto de fama traveja
de vigas um palácio altaneiro, defesa
contra a fúria do vento. Estralam os costados,
duramente oprimidos por braços robustos,
escorrendo suor. Sangram hematomas roxos
nosflancos e nos ombros se empolando. A luta

prosseguem, porém, ambos buscando a vitória
e a trípode lavrada com primor. Mover
Ájax, para tombá-lo no solo, Odisseu
não conseguia, nem Ájax abalar-lhe a força.
Os Aqueus, belas-cnêmides, já se entediavam.
Então Ájax, o grande Telamônio, disse:
“Ó Laertíade, progênie-divina, Odisseu
poliardiloso. Ou eu soergo-te, ou me ergues tu.
O resto, Zeus provê.” Falou e o levantou.
Odisseu, sempreastuto, na curva do joelho,
por trás, o atinge e afrouxa-lhe os membros, tombando
de costas. Então, salta-lhe em cima, e os que assistem
se espantam e pasmam. Intenta Odisseu
multipaciente erguê-lo. Move-o, mas sem êxito;
só lhe dobra seus joelhos. Jogam-se no solo,
os dois juntos, manchando-se no pó. Sem dúvida,
pela terceira vez, pondo-se de pé, eles
lutariam, se o Peleide não se interpusesse:
“Basta! Chega de luta! É ruim tanto desgaste.
Ambos são vitoriosos. Tomem os troféus,
que outros possam também competir.” Falou. Ambos
o escutam e obedecem: limpam-se do pó,
vestindo as túnicas. Então Aquiles outros
prêmios anuncia, para a corrida veloz:
uma cratera, prata bem lavrada, seis
medidas, que no mundo a todas excedia
em beleza, lavor de artífices sidônios,
obra polidedálea que os Fenícios trans-
portaram através de mares enevoados,
levando-a aos portos, para enfim doá-la ao rei Toas.
O Jasônide Euneu, depois, a ofertou a Pátroclo,
resgate de Licáon Priâmide. Aquiles põe-na
como prêmio, em tributo ao amigo dileto,
ao corredor mais ágil. Ao segundo, um boi
grande e gordo. Áureo meio talento cabe ao último.
De novo se ergue em meio dos Aqueus e lhes fala:
“Que se apresente quem quiser participar
desta prova.” De pronto, levanta-se o Oileide
Ájax, veloz, e o herói Odisseu, poliarguto;
o Nestóride Antíloco também, dos jovens
o mais rápido. Põem-se em fila. Aquiles mostra-lhes
a meta. Partem e a corrida logo acirra-se.
Ganha a dianteira o Oileide, porém Odisseu
o encalça de bem perto. Quanto, do regaço
da tecelã de bela cinta, está vizinha

a lançadeira que ela, urdindo o fio, maneja
hábil, mantendo-a junto ao seio, tanto assim
avizinha-se Odisseu, calcando o rastro
do Oileide, antes que o pó subisse, na nuca o hálito
soprando-lhe. Os Aqueus, aos gritos, incitavam-no
a correr ainda mais, no anelo da vitória.
E já estavam chegando ao termo da corrida.
A Atena, olhos-azuis, rogava Odisseu no íntimo:
“Deusa benigna, vem em socorro a meus pés!”
Falou, súplice, e Palas Atena o escutou,
fazendo-lhe mais ágeis membros e pés, braços
também. E quando estavam por lançar-se ao prêmio,
Ájax, à disparada, escorrega (empurrou-o
Atena) e cai no esterco acumulado pelos
bois altimugidores, abatidos por
Aquiles, em honor de Pátroclo; enlameia-lhe
boca e nariz o estrume bovino! Arrebata
a cratera Odisseu, o primeiro a chegar.
Ájax recebe o touro e aferra-o pelo chifre,
cuspindo esterco. Volta-se então aos Argivos:
“Ó céus! Deu-me, decerto, a deusa um trança-pé;
por Odisseu, há tempo, tem como desvelos
de mãe, sustendo-o sempre.” Falou. Riram todos
dele, gostosamente. Antíloco leva o último
prêmio e sorri, dizendo: “Meus caros, repito
mais uma vez - e bem o sabeis - os eternos
honram sempre os provectos, os já veteranos.
Ájax, de fato, é pouco mais velho do que eu.
Este outro, à geração precedente pertence,
embora o chamem velho verdecente. Duro
é competir com ele na corrida, quando
não se é um Aquiles.” Disse, celebrando o Pés-
-Velozes. O Peleide assim lhe respondeu:
“Antíloco, este encômio não caiu no vazio;
meio talento em ouro, a mais, dar-te-ei por ele.”
Falou. Feliz, exulta Antíloco acolhendo-o.
Aquiles traz à arena a lança longa-sombra,
e junta um escudo e uma couraça, o armamento
de Sarpédon, a quem Pátroclo despojara.
De pé, ereto, fala aos Argivos reunidos:
“Convido dois guerreiros, dos melhores, ambos
revestidos de arnês, portando armas de bronze
pontiagudo, a provar-se um ao outro perante
o povo. Aquele que, primeiro, a pele do outro
esflorar através da couraça, tirando-lhe

sangue escuro, este a trácia espada ganhar-a,
cravejada de prata, por mim conquistada
a Asteropeu, belíssima; ambos pugnarão
pelo arnês de Sarpédon; com banquete esplêndido
na tenda os honrarei.” Disse. O Telamônio Ájax
se apresenta, um gigante. Diomedes Tideide,
fortíssimo, também. Os dois, em armas, saem,
cada um do lado para o centro convergindo,
ávidos de lutar, com mirada feroz.
De espanto, os Aqueus todos pasmam. Um contra o outro,
avançam; se acometem três vezes, três vezes
se entrechocam. No escudo panequilibrado,
Ájax golpeia, e não chega a atingir a pele
encouraçada do Tideide; este, por cima
da mega-adarga, estava por ferir a gorja
do outro, com a fulgente lança. Ciosos de Ájax,
os Dânaos clamam pela suspensão da lide,
pedindo prêmio igual a ambos. Mas ao Tideide
Aquiles deu a megaespada, com talim
e bainha bem-lavrados. Aquiles, na arena,
põe, como disco, massa de ferro grosseiro;
lançando-a, Eecião provava sua força. O Peleide,
depois de o ter matado, enviou às naus o disco,
mais outros bens. Ereto, diz para os Argivos:
“Apresentem-se aqueles que querem à prova
concorrer. Se o que vença possuir férteis, fartas,
glebas, mas afastadas, ferro, por um lustro,
não vai faltar. Pastor, ou lavrador, à pólis
não terá de comprá-lo: há de sobra.” Falou.
Polipetes, furor-bélico, e quase-um-deus
Leonteu, e o Telamônio aparecem, e o divo
Epeio. Enfileirados, começa o certame.
Epeio apanha o disco. Dando-lhe um giro, lança-o.
Gargalham os Aqueus. Leonteu, rebento de Ares,
em segundo, arremessa-o. Em terceiro, eis o mega-
-Telamônio, Ájax, braço rijo; atira-o, todas
as outras marcas sobrepujando. Enfim, fúria-
- bélica, Polipete pega o disco. Como
um boiadeiro lança o seu bastão, e o quanto
sobre o gado este voa, revoluteando, tanto
assim aos concorrentes Polipetes passa.
Todos o aclamam. Grossa massa férrea, o prêmio
do basileu, às naus seus companheiros levam-no.
Agora, Aquiles, para os arqueiros, promete
aço violeta-azúleo e oferece dez achas

bigumes e outras dez de um só corte. Da nau
cianuro-escura toma um mastro e o planta longe
na areia; no topo, prende-lhe uma pomba tímida
por delgado cordel, atado ao pé, propondo
que a flechassem. “Aquele que acertasse a pomba,
à casa levaria as achas bigumes; quem
atire no cordel, errando o pássaro, a este,
por inferior, darei as de um só corte.” Disse.
Surge o vigor do chefe Teucro; a par, Meríone,
com sua força, escudeiro de Idomeneu, ergue-se.
Ao sacudir de um brônzeo casco caniforme,
a sorte, para o Teucro, salta. Solta súbito,
a seta, prometendo ao deus uma hecatombe
de cordeiros neonatos. Erra. Tolhe-o Apolo;
o tiro acerta o fio, que prende o pé do pássaro;
a acerba ponta corta o cordel. A pomba, ágil,
voa rumo ao céu-urânio. O atilho, solto, cai
ao solo. Os Aqueus clamam, aos gritos. Meríone
arrebata-lhe, pronto, o arco das mãos, a flecha,
como para alvejar, já prestes. Faz um voto
ao longiflechador, Apolo: uma hecatombe
só de cordeiros neonatos, lhe faria. No alto,
sob as nuvens, a tímida pomba volteava.
Acertando-a em cheio, sob a asa, ele transpassou-a.
A seta, de retorno, finca-se a seus pés.
Pousa a pomba no topo do mastro da nau
de proa ferreta-azul, encurvando a cabeça.
O sopro vital foge-lhe aos membros. Num frêmito
de asas, declina e cai, longe. O povo se espanta,
pasmo, olhando-a. Meríone empolga as dez bigumes,
enquanto Teucro leva as de um corte às naus côncavas.
Traz o Peleide lança longa-sombra e junto
um caldeirão intacto de fogo, valendo
um boi, floriesculpido, e na arena os depõe.
Apresentam-se os bravos, bons-de-lança: o Atreide
Agamêmnon, rei amplipotente, e Meríone,
vigoroso escudeiro de Idomeneu. Pés-
-velozes, o Aquileu, tomando da palavra
diz-lhe: “Todos sabemos, Atreide, de fato,
o quanto primas sobre todos nós; na força,
como no arremessar da lança, és o melhor.
Fica com este prêmio e retorna à nau côncava.
A lança tocará a Meríone, se concordas;
é o que proponho.” Não discorda o chefe-de-homens,
Agamêmnon: o dardo brônzeo, o tem Meríone.

E a Taltíbio o rei dá seu prêmio pluribelo.

Canto XXIV

Héktoros lútra: Héctor resgatado

Dissolveu-se a assembleia. Logo as tropas dispersam-se,
dirigindo-se os Dânaos às naus de proas rápidas.
Pensavam nos prazeres da ceia e do sono
de Hipnos dulcíssimo. No entanto, relembrando
o amado companheiro, Aquiles o chorou;
nem o pandomador, Hipnos, prendia-o. Saudoso
do ardor e do vigor do amigo, dava Aquiles
voltas e mais voltas, lembrando-se de quantos
feitos cumpriram juntos, quantas penas, quantas,
por pelejar com homens e ondas procelosas.
Por isso, desfazia-se em lágrimas, deitado
de bruços, ou de lado, ou de costas. Alçando-se,
girava, desnorteado, pelas praias do mar.
Quando Éos-Aurora, descobrindo-se, radiava
por mar e praia, atento, ele jungia ao carro
os velozes corcéis, arrastando atrás, preso
à biga, Héctor. Três vezes, ao redor do túmulo
do morto, fazia a volta; à tenda, então, tornava
a descansar, largando Héctor no pó, de boca.
Mas Apolo afastava-lhe do corpo a escória,
condoendo-se do morto, e o recobria com a égide
áurea, para no arrasto não ferir-se. O iroso
ultrajava o divino Héctor. Mas os Excelsos,
vendo, compadeciam-se e instavam o Argicida,
olho-agudo, a roubar o cadáver, pois todos
nisto se compraziam, exceto Hera, Posêidon
e a moça Olhos-Azuis, persistentes no ódio a Ílion,
aos troicos e ao rei Príamo, em repúdio a Alexandre,
que às deusas ofendera, quando em seu abrigo
o foram buscar. Deu Páris primazia à deia
que a luxúria prometeu-lhe. Quando,
morto Héctor, a duodécima Aurora surgiu,
Apolo disse aos imortais: “Deuses cruéis, deuses
deletérios! Acaso Héctor não queimou coxas
de bois e cabras, todos perfeitos? Sequer
o cadáver ousastes salvar, para o expor
à cara esposa, à mãe, ao filho, a Príamo, o pai,
ao povo, que o dariam, pronto, à pira, com honras
fúnebres honorando-o. Mas optastes, deuses,
por dar vosso favor ao mortífero Aquiles,
que não tem juízo são na mente malsinada,

nem é flexível de ânimo; selvageria
é só o que ele conhece, feito um leão fortíssimo
e soberbo, que, para saciar-se, ao rebanho
nédio preda. A piedade, Aquiles aboliu-a
e a reverência, fausta ou funesta aos mortais.
Se alguém perde um amigo, um filho, um irmão gêmeo,
após pranto e dor, vem a trégua: a Moira aplaca
o coração humano. Exânime Héctor, guia
Aquiles, ao redor do túmulo do amigo,
os corcéis, arrastando o morto. Isso não é
bom, nem belo. Valente, embora, tema Aquiles
que nós nos indignemos contra ele: furioso,
desandou a ultrajar um húmus já insensível!”
Retrucou-lhe, colérica, Hera braços-brancos:
“Deus arco argênteo! Justa seria tua palavra
se os numes atribuíssem honra igual a Aquiles
e a Héctor. Mortal, em peito de disse mamou
Héctor. Mas o Aquileu é filho de uma deusa,
que eu mesma alimentei, eduquei e dei como
esposa ao rei Peleu, um homem muito caro
ao coração dos numes. Vós todos, ó deuses,
participastes dessas núpcias; tu, também,
com tua lira, de má-fé compartiste, mau
companheiro.” Tornou-lhe o Ajunta-Nuvens, Zeus:
“Hera, não te transtornes com os deuses. Honras
maiores, sim, merece Aquiles; porém, Héctor
era, entre os mortais de Ílion, o mais caro ao céu,
mormente a mim: de dar-me os dons mais gratos, nunca
descurava; nunca à ara iguarias, libações,
olor fúmeo faltaram-me, apanágios meus.
Ninguém pode, às ocultas, raptar Héctor forte.
A mãe de Aquiles vela junto ao filho, noite
e dia. Seria melhor um dos deuses chamá-la,
para junto de mim. Ponderarei a Tétis,
em meu denso dizer, que induza o filho Aquiles
a receber de Príamo o resgate por Héctor.”
Falou. Pés-de-procela, Íris se apura, núncia,
e, portando a mensagem, atira-se ao mar
escuro, de permeio entre Samos e o Imbro áspero,
enquanto o pélago remuge. Afunda n’água
feito chumbo de anzol embutido num corno
de boi bravio, letal aos peixes carniceiros.
Deu com Tétis em gruta profunda. Rodeavam-na
divas marinhas. Entre elas, chorava pelo
filho, que a Moira à morte destinara, na

terra-fértil Troia, longe da pátria. Pés-céleres,
Íris, próxima dela, disse: “Tétis, surge!
Zeus, sabedor de eternos desígnios, te chama.”
Torna-lhe a Pés-de-Prata: “Que quer de mim Zeus
grandíssimo? Mesclar-me aos imortais? Constrange-me.
De dor infinda adoeço. Ainda assim, eu irei.
Diga o que seja, nunca é vão seu dizer.” Diva
entre as deusas divina, assim falou. De um véu
revestindo-se, escuro-azul (veste nenhuma
em escurez o iguala), avia-se. Íris veloz
a guia, qual pé-de-vento, e o mar undoso-fluente
abre-se diante delas. Da praia ao céu alçam-se.
Zeus, o plenividente, e os Sempiternos, bem-
-aventurados, ao redor, sentavam-se. Ela
ao lado do Pai (cede-lhe o posto Atena); Hera
põe-lhe às mãos áurea copa. Tétis bebe e após
a devolve. Zeus vai falar, o pai de numes
e de homens: “Tétis, vieste ao Olimpo amargando
inelutável luto, bem sei. Mesmo assim,
direi o que me fez chamar-te aqui. Faz nove
dias, entre os imortais cresce uma controvérsia
quanto ao cadáver de Héctor e o Aquileu, o rompe-
-pólis. Incitam o olho aguçado Argicida
a sequestrar o corpo. Mas a Aquiles a honra
consignei de acolher o resgate. Assim, eu
manterei no futuro tua devoção, tua
amizade. Depressa, baixa ao camp de armas.
A teu filho refere a ira dos deuses; quanto,
mais ainda, me enfureço: mente demente, ele
retém, à beira-nau, irremisso, o cadáver
de Héctor. Se ele me teme, vê que, pronto, o livre.
Mandarei a Príamo, Íris, a núncia, a dizer-lhe
que vá às naus aqueias, para remir o filho
com dons que a Aquiles o ânimo acalentem.” Disse.
A Pés-de-Prata não desobedece. Lança-se
dos píncaros do Olimpo à tenda do filho. Ei-lo,
imerso, ali, em mágoa amarga. À roda, os seus
afadigavam-se em afã febril, cuidando
da refeição; lanuda, megaovelha imolam
na tenda. A augusta mãe senta-se junto ao filho.
Faz-lhe, com a mão, uma carícia, e aconselha-o,
chamando-o pelo nome: “Meu filho, até quando
sem comer, sem dormir, o coração com lástimas
e lágrimas, irás te devorar? Fundir-te
no amor de uma mulher te faria bem. Não muito

viverás. Já te estão rondando a morte e a Moira
potente. Urge que me ouças; venho com mensagem
de Zeus para dizer-te que os deuses se iraram
contigo e o Pai, mais ainda, se enfurece, pois
reténs, mente demente, à beira-nau, o corpo
de Héctor, cadáver irremisso. Vamos, livra-o
e os dons para o resgate acolhe.” Torna Aquiles,
pés-velozes: “Assim seja. Que venha alguém
com os dons e retire o morto, se é vontade
do Olímpico.” Palavras-asas trocam mãe
e filho, enquanto deixam-se estar junto às naus
fundeadas. O Croníade a Ílion sacra manda Íris:
“Vai, deixa a sede olímpica, Íris, núncia célere.
A Príamo, coração-grande, na urbe anuncia
que é hora de resgatar seu filho, ao campo aqueu
levando os dons que a Aquiles acalentem o ânimo.
Mas que vá só, nenhum Troiano o acompanhe. Um
velho, revelho arauto o siga e guie os mulos
e o carro, belas-rodas, levando o cadáver
do que Aquiles matou de novo à cidadela.
Nem medo, nem temor da morte turvem-lhe o ânimo.
Farei com que o acompanhe o Argicida, custódio
que o há de guiar até próximo do divo Aquiles
e o fará penetrar na tenda do Peleide.
Este, afastando os outros, não o matará,
já que não é um sem tino, um sem norte, um sem lei,
e cuidará de respeitar um suplicante.”
Disse. A pés-de-procela, Íris, alça-se para
transportar a mensagem a Príamo. Chegando,
encontrou ais e pranto. Em torno ao pai, os filhos
em lágrimas banhavam as vestes, no pátio.
No meio, o ancião, no manto inteiramente envolto;
no pescoço e à cabeça o esterco acumulado
por suas mãos, ao rojar-se em luto no monturo;
vagando pela casa, suas filhas e noras
lastimavam-se, enquanto lembravam aqueles
- tantos e tão valentes - que jaziam, privados
de psiquê pelos Dânaos. Vizinha ao rei Príamo,
a núncia, sussurrando, disse (ele tremia):
“Príamo Dardânide, tem ânimo! Não temas!
Para augurar-te um mal não foi que vim aqui,
mas pensando em teu bem: sou a núncia de Zeus,
que embora esteja longe, contigo preocupa-se,
compassivo. Que vás resgatar o cadáver
de Héctor, o Olímpio ordena-te, com dons que ao ânimo

de Aquiles acalentem. Mas que vás só, sem
que nenhum dos Troianos te acompanhe. Um velho
revelho, conduzindo os teus mulos, te siga
e o carro belas-rodas, que levará à pólis
o morto por Aquiles. Nem medo da morte,
nem temor turvem-te o ânimo. O Argicida, esse é
o guia que eu te dou. Ele há de guiar-te até que,
guiado, a tenda de Aquiles Peleide penetres.
Este, afastando os outros, não te matará,
já que não é um sem tino, um sem norte, um sem lei,
e cuidará de respeitar um suplicante."
Íris, pés-céleres, falou e foi-se embora.
Príamo, aos filhos, ordena preparem o carro
muar, e lhe amarrem por cima uma arca das grandes.
Desce depois ao tálamo, o quarto aromado,
revestido de cedro, teto alto, repleto
de joias raras. Chama Hécuba e lhe diz: "Ó mal-
- sinada pelo dâimon! Zeus enviou-me núncia
do Olimpo: remir nosso filho ele me ordena,
para as naus dos Aqueus levando dons que ao ânimo
de Aquiles acalentem. Dize-me, que pensas
disso? Meu coração tem ganas de impelir-me
às naus, entrando pelo vasto campo aqueu."
Falou. E a lastimosa esposa respondeu-lhe:
"Ai de mim! Onde tens a cabeça e o bom senso
que entre os teus comandados e entre os estrangeiros
te afamaram? Como ir às naus aqueias e aos olhos
do que te matou tantos bravos filhos? Tens
as entranhas de ferro! Se te vê e te apresa,
cruento e rapaz como é, o pérfido não vai
ter compaixão de ti, nem respeitar-te. O filho
choremos no palácio, embora longe dele,
pois a Moira potente fiou-lhe com linho, esse
fadário de nascença, quando eu o pari:
ser pasto de mastins, patas de prata rápidas,
longe dos pais, aos pés desse violento, a quem,
se pudesse, a dentadas, eu comeria o fígado,
vingando, assim, meu filho; por vil, não matou-o
Aquiles, mas em luta, defendendo os Troicos
e Troianas, seios-fundos, sem temor e sem
pensar em fuga." Príamo, ícone de um deus, diz-lhe
como resposta: "Não te oponhas a que eu vá,
nem sejas, no meu paço, ave de mau agouro.
Não me hás de convencer. Se entre os ctônios algum
outro me desse aviso igual - adivinho, arúspice

sacerdote - diria: é um pseudo-aviso! E virava
ao mentiroso as costas. Mas eu mesmo vi
a deusa e ouvi-a defronte a mim. Não será vã
sua mensagem. Se minha sina é morrer junto
às naus dos Aqueus, brônzeas-couraças, resigno-me.
Mate-me Aquiles, mas depois de eu ter nos braços
meu filho e afastar a ânsia do pranto.” Falou.
E abriu as arcas belas-tampas. Doze peplos
pluribelos, e doze mantos simples, doze
tapetes, doze vestes brancas e outras tantas
túnicas tirou delas. Levou dez talentos
de ouro (pesando-os antes) e duas flâmeas trípodes,
além de quatro amplas caldeiras e de taça
preciosa, régio dom que lhe deram os Trácios,
quando embaixador. Mesmo essa não preservou
no paço, tanto ele queria remir o filho!
Espantava do pórtico todos os Troicos,
com vilipêndios: “Fora daqui, descarados!
Não vos bastam as penas domésticas, para
virdes aqui turbar-me? Achais que é pouca a dor
que Zeus me deu, tirando-me um filho sem par?
Breve haveis de prová-la: será bem mais fácil
aos Aqueus vos matar, com ele morto! Um só
desejo tenho: à mansão do Hades baixar, antes
de ver a pólis solapada e em ruínas.” Príamo
disse e abriu, com o cetro, caminho entre os homens.
Estes caem fora, ao furioso ímpeto do velho,
que gritava impropérios para os filhos: Páris
e Heleno, e o divo Agáton, e Pámone, e Antífono,
Polites, bom-de-berro, mais Deífobo e Hipólito,
além do nobre Dio. O velho gritava ordens
aos nove: “Filhos sem brio, maus filhos, depressa!
Quem me dera que todos, junto às naus velozes,
houvessem perecido, em lugar de Héctor! Pobre
de mim que, multinfortunado, tantos filhos
ótimos gerei na ampla Troia! Nenhum restou-me:
Méstor, quase-deus, Troilo, auriga aguerrido, Héctor,
deus entre os mortais, não símil a um filho de homens,
e sim de um nume. Ares matou-o (restou vileza
apenas), pseudo-heróis, fraudulentos nos coros,
exímios pés-de-dança, rouba-cabras, rouba-
-cordeiros, lesa-povo! Preparai-me ao menos
a carreta, e de tudo aquilo que é preciso
para nos pormos a caminho, carregai-a.”
Falou. Amedrontados, vendo o pai aos gritos,

tiram fora a carreta, belas-rodas, nova,
amarrando a arca no alto. Despegam do gancho
o jugo muar, madeira de bucho, abaulado
em umbigo, munido de anéis e correia-
-de-jungir, nove cúbitos longa, que adaptam
à ponta do brunido timão, à cavilha
fixando-lhe o aro. Prendem a correia no umbigo,
passando-a em torno três vezes, de um lado e do outro,
e por baixo atando-lhe as pontas em nó.
Do tálamo à carreta bem-brunida o esplêndido
resgate portam, preço da cadaverosa
cabeça de Héctor. Põem no jugo os muares, cascos-
-sólidos, que labutam sob os arreios, dádiva
dos Mísios - um regalo régio. Então, conduzem,
sob o jugo, os corcéis do rei, no liso cocho
do estábulo nutridos pelo próprio ancião.
O rei e o arauto, no alto pórtico, os seus carros
fazem atrelar, mente-prudentes. Vem Hécuba
e, dorida, na mão destra uma copa de ouro
com vinho melifluente para as libações
lhe porta. Para junto aos carros e ao rei diz,
nomeando-o: “Liba a Zeus Pai primeiro e lhe roga
que à casa, a salvo, tornes, do meio desses homens
adversos, já que às naus o coração te impele,
contra minha vontade. Invoca Zeus, nuvioso-
-negro, que do altivo Ida contempla toda Ílion.
Pede que te envie sua ave-núncia, porta-augúrios,
rápida, diletíssima e em força grandíssima.
Que surja à destra, para que, ao vê-la ante os olhos,
possas partir, confiante, rumo às naus dos Dânaos,
corcéis-velozes. Mas se Zeus, longividente,
não te mandar sua núncia, eu não te irei urgir
a rumar às naus, como tanto queres.” Príamo
quase-deus, replicou-lhe: “Mulher, não desdenho
do teu conselho. As mãos erguer a Zeus e ver
se ele se condói, é bom.” Disse, instando à fâmula-
-dispenseira que, às mãos, lhe vertesse água pura.
Aproxima-se a ancila, trazendo nas mãos
jarra e bacia. Lavou-se. Recebeu da esposa
a copa. Ereto em meio ao pátio, ele implorou,
libou o vinho e, ao céu-urânio olhando, pro-
-nunciou esta fala: “Ó Zeus Pai, senhor do alto Ida,
máximo, gloriosíssimo: dá que um Aquiles
cordial e compassivo eu encontre. A ave-núncia,
envia-me, porta-augúrios, tua águia rápida, ave

diletíssima, em força grandíssima. Que ela
surja-me à destra e que eu, ao vê-la ante meus olhos,
possa partir, confiante, rumo às naus dos Dânaos.”
Disse, orando. E Zeus sábio, escutando-o, mandou-lhe,
pronto, a águia, a mais segura e perfeita entre as aves,
a caçadora negro-fulva, a Bruna (diz-se).
Tão grande quanto as portas do teto-alto tálamo,
de ferrolhos bem firmes, de um rico senhor,
tamanha a envergadura dessas asas de águia.
Surgiu-lhes pela destra, sobrevoando a pólis.
Exultaram ao vê-la! E se alegraram no íntimo
todos. O velho sobe à biga equina e passa
o pátio e o pórtico ressoante. Ideu o carro
quadri-rodas, tirado a mulos, guia. Atrás
vêm os corcéis que o velho açula através da urbe,
velozmente. Seguiam-no todos os seus - um
séquito lamurioso - temendo que o rei
buscasse a morte. Após alcançarem o plaino,
os que os seguiam à pólis tornam. Irrompendo
na planura, os dois não ficam a Zeus Pai longi-
vidente ocultos. Este, com dó do ancião, diz
a Hermes: “Filho, tens grande gosto em escoltar
os humanos e em dar ouvido àqueles todos
os que te agradam. Guia, pois, Príamo às naves côncavas
dos Aqueus. Que nenhum deles, porém, o veja
ou o tenha em mente, antes que chegue ao Peleide.”
Falou. Não discrepou dele o núncio Argicida.
Calçou nos pés as lindas sandálias ambrósias
de ouro, que o transportavam sobre águas e terras
sem confins, com o alento do vento. Empunhou
o caduceu, que ao toque os olhos adormece
dos homens, quando quer, ou desperta os que dormem,
tomados pelo sono de Hipnos. Tendo nas
mãos essa vara mágica, o Argicida voava.
Não tarda a alcançar Troia e também o Helesponto.
E a caminhar se põe, feito ícone de um príncipe,
imberbe quase, no esplendor da juventude,
quando aponta a primeira penugem. Passada
a megatumba de Ílio, os dois param e dão
de beber a cavalos e mulos, no rio.
O lusco-fusco vinha caindo sobre a terra.
O arauto, vislumbrando Hermes, já perto, apela
ao velho Príamo e fala: “Dardânide, alerta!
Dá-se algo que requer mente esperta. Vem vindo
um homem que, suspeito, nos fará em pedaços.

Fujamos a galope ou roguemos, tocando-lhe
os joelhos: se de nós se apieda, saberemos.”
Falou. Turva-se a mente ao velho, de pavor.
Os pelos de seus membros curvados eriçam.
Atônito, parou. Mas o Provedor, pondo-se
perto dele e pegando-o pela mão, pergunta-lhe:
“Aonde guias, pai, corcéis e mulos, noite ambrósia
adentro, enquanto os outros homens dormem? Não
temes os Aqueus, fôlego de fúria, próximos,
malévolos e adversos? Se um deles te visse
transportando tesouros pela noite escuro-
-veloz, o que terias em mente (não és moço
e outro ancião te ladeia) para enfrentar o assalto
de alguém hostil? Eu nunca te farei mal, antes
poderei defender-te: vejo-te como ícone
paterno que me é caro.” Príamo, quase-um-deus,
replica: “Filho, são, como dizes, as coisas.
Mas um deus sobrepôs-me a mão e me mandou
encontrar-me contigo, auspicioso viajante,
portentoso em semblante e estatura, prudente
de índole, de progênie venturosa.” O núncio
Argicida prossegue: “Certo, Sênior, tudo
o que disseste acata a Moira, acorde aos fatos.
Porém, diz-me e refere o vero: ao estrangeiro
um tesouro copioso fizeste levar
para guardá-lo incólume? Ou todos vós já
estais deixando a sacra Ílion, amedrontados,
pois aquele está morto, teu filho bravíssimo,
que em afãs de batalha os Aqueus não superam?”
Então o velho Príamo, quase-um-deus, tornou-lhe:
“Mas tu, ó nobilíssimo, quem és? Quem são
teus genitores? Como tão bem relataste
a sina do meu filho sem ventura?” O núncio
retrucou-lhe, o Argicida: “Sênior, com perguntas
sobre Héctor, tu me estás tentando. Muitas vezes
eu o vi na batalha, glória-dos-humanos,
quando, após repelir até as naus dos Aqueus,
os trespassava a bronze agudo. Sem mover-nos,
pasmávamos; Aquiles proibia que lutássemos,
irado com o Atreide. Eu, que estive bem perto
do Peleide, na mesma nau para Troia, sou
Mirmidão. Meu pai é Políctor, poli-rico,
um homem opulento e como tu já velho.
Ele é pai de seis filhos, sendo o sétimo eu.
Fui eleito em sorteio, entre eles, para vir

até aqui. Vim da nau ao plaino, que amanhã
os Aqueus, olhos-rútilos, sitiarão a urbe.
Estão muito impacientes, na inação. Nem podem
os basileus contê-los, fogosos-de-guerra.”
Quase-um-deus, o ancião dá-lhe resposta: “Se és mesmo
um dos homens de Aquiles, dize-me a verdade:
Héctor, meu filho, encontra-se ainda à beira-nau,
ou Aquiles, depois de esquartejá-lo, deu-o
aos cães?” Torna o Argicida, O-que-atravessa, o núncio:
“Sênior, nem cães, nem aves rapaces comeram-no,
mas ele ainda jaz, junto à curva nau de Aquiles,
na tenda, tal qual antes. A aurora duodécima
nasceu, e ele jacente. Em nada emurcheceu
seu corpo, nem os vermes, que os mortos na guerra,
Ares-prostrados, comem, o roeram. Sem honras,
o arrasta, em torno ao túmulo do amigo, Aquiles,
sempre que a aurora luz, mas sem desfigurá-lo.
Tu mesmo podes vê-lo: jaz como orvalhado,
limpo o corpo do sangue, lavado de escórias;
suas feridas fecharam-se, todas aquelas
que o bronze - já que muitos feriram-no - abriu-lhe.
Assim os deuses beatos zelaram por teu
nobre filho, a eles caro, ainda que morto.” Disse.
Alegre, o ancião tornou: “É justo dar aos deuses
dons propícios; meu filho (se é que o foi jamais)
nunca esqueceu, em nosso palácio, dos deuses
do Olimpo; eis por que, na hora da morte, o memoram.
Agora recebe esta bela copa, um dom,
e defende-me e guia, com o favor dos deuses,
até que eu chegue, enfim, à tenda do Peleide.”
De novo dirigiu-se a ele o núncio, o Argicida:
“Sênior, me estás tentando, por ser eu tão jovem.
Não me persuadirás, me exortando a que aceite
teu presente, às ocultas de Aquiles: receio
e respeito me impedem de fraudá-lo, no íntimo
do coração. Que um mal não me colha, em sequência.
Mas te acompanharei até mesmo à ilustre Argos,
a pé ou em nau veloz; ninguém, menosprezando-me,
há de atacar-te.” Disse. E saltando no carro
equino, o Provedor tomou do açoite, célere,
e das rédeas, brioso ímpeto insuflando nos mulos
e corcéis. Alcançando o fosso e o turriforme
bastião das naus, viu os vigias a preparar
a ceia. O sono de Hipnos o núncio infundiu-lhes,
a todos. Os portais, de pronto, abriu e as trancas

removeu; fez entrar Príamo, e seus dons de gala
na carreta. Chegaram logo ao pavilhão
altivo do Peleide, que os Mirmidões, para
o seu rei, haviam feito, com toras de abetos.
Cobriram-no com teto lanoso de juncos
na campina ajuntados; fizeram-lhe em torno
um recinto amplo, entre compactas paliçadas,
para o rei; uma só barra de rijo abeto,
trancava o portal; três Aqueus para fixá-la,
três para retirar o megafecho (Aquiles
o faria sozinho). Hermes-Provedor o abriu
ao velho e aos ricos dons que ele portava. Foi
quando no solo apeou e disse ao velho Príamo:
“Sênior, sou imortal, na verdade: um nume, Hermes,
vindo aqui, por mandato de Zeus, para guiar-te.
Agora, novamente parto; apresentar-me
aos olhos do Aquileu, seria ofendê-lo: um deus
imortal a um mortal manifestando afeto,
frontalmente. Porém, ao entrar, toma-lhe os joelhos,
ao Peleide, e lhe roga, invocando-lhe o pai
e a mãe, lindos-cabelos, e o filho; comove-lhe
o ânimo.” Assim falando, Hermes alça-se ao alto
Olimpo. De sua biga saltando, o rei Príamo
deixou ficar Ideu, para cuidar dos mulos
e cavalos. O ancião rumou direto para
a morada onde Aquiles, caro a Zeus, sentava-se
habitualmente. Estava ele no interno desta.
À parte, os companheiros se sentavam. Dois
somente, Automedonte e Alcino, raça-de-Ares,
se apressuravam junto dele: terminara,
há pouco, de comer e beber, mas a mesa
seguia posta. Esquivando-se dos outros, Príamo,
acerca-se de Aquiles, e lhe abraça os joelhos,
beijando-lhe as terríveis mãos, mãos assassinas,
que lhe mataram tantos filhos. Sempre que Ate,
a Enganosa, se abate sobre um homem, réu
de homicídio, e este exila-se da pátria em país
estranho, e em mansão rica busca abrigo, causa
pasmo. Assim pasma Aquiles ao ver o rei Príamo.
Pasmos, os outros se entreolharam. O rei, súplice,
começou por dizer-lhe: “Rememora, Aquiles,
símil-divino, teu pai, tão velho como eu,
no umbral da senectude. Vizinhos adversos
talvez o ameacem, já que não tem quem lhe valha
para afastar a ruína de Ares. Mas ouvindo

que estás vivo, lhe exulta o coração, à espera
de ver-te retornar à Troia. Todo-infausto, eu,
ao invés, gerei meus bravos filhos na vasta Ílion,
sem que nenhum me reste: cinquenta, no aproarem
os Aqueus; dezenove de um único ventre;
outras mulheres, no palácio, os mais geraram-me
O furor de Ares afrouxou de muitos deles
os joelhos. O melhor e único defensor
da pólis e nosso, há pouco o mataste, em luta
pela pátria, Héctor, cujo corpo, às naus aqueias,
trazendo o seu resgate em dons infindos, vim
pedir-te. Aquiles, tem respeito aos deuses, dó
de mim. Lembra teu pai: mais piedade mereço,
por fazer o que não fez outro homem nenhum:
beijar, levando-a à boca, a mão que assassinou-me
o filho.” Disse. E uma ânsia de pranto surgiu
no herói, que recordou o pai. Pela mão, toma
o velho e com brandura o afasta. Os dois choravam:
Príamo recordando Héctor, matador-de-gente,
recurvo ao pé de Aquiles; este, o pai e Pátroclo
pranteando. Os seus lamentos ressoavam na tenda.
Quando Aquiles divino saciou-se do pranto
e da ânsia que afligira seus membros e entranhas,
levantou-se do trono e fez erguer o ancião;
condoído de suas cãs, da barba e dos cabelos
brancos, estas palavras-asas proferiu-lhe:
“Infeliz! Muitas coisas más no coração
amargaste! Como é que ousaste vir à naus
só, perante o olhar do homem que matou teus filhos
valentes - tantos? Tens, certo, entranhas de ferro!
Mas senta agora neste trono: aflitos ambos,
deixemos que serene a dor no coração,
pois do pranto glacial não deriva nenhum
proveito. Assim os deuses urdem o fadário
dos infaustos mortais: um viver agoniado,
sendo os numes incólumes; pois há dois cântaros
nos umbrais de Zeus, cheios de dons que ele nos dá,
um de ruins, de bons o outro. Mescla-os Zeus fulmíneo
e os versa: ora o mal, ora o bem, deparará
quem os receba; quando maldosos opróbrios
apenas colha, malsinado vagará
pela terra divina, famélico, menos-
-prezado por mortais e deuses. A Peleu,
os deuses, com preciosos dons, lhe galardoaram
desde o berço: excedia a todos mais em bens

e ventura; era rei dos Mirmidões; mortal,
de uma imortal se fez esposo. Um pesadume
o nume lhe infligiu: uma prole de príncipes
não gerou no palácio, salvo um, morituro -
eu -, que dele não posso cuidar na velhice,
pois estou longe, em Troia, danando a ti e aos teus
filhos. Sênior, ouvimos que já foste muito
venturoso, excedendo em bens e prole a todos
nos limites de Lesbos, do rei Mácar, mar
alto e, no plaino acima, a Frígia e o Helesponto, ainda,
infindo. Desde quando os Urânios te enviaram
malefícios, batalhas e carnagem cercam-te
a urbe. Sofre-os, paciente, e deixa de lamurias;
por teu filho agoniar-te, não fará com que ele
ressuscite, mas outro mal pode advir-te, antes.”
E, símil-a-um-deus, Príamo replicou-lhe: “Ó tu,
por-Zeus-nutrido, não faças que eu me sente, antes
que o mais breve eu resgate meu filho, jacente
na tenda, descurado, e que o vejam meus olhos
e aceites os meus ricos dons em recompensa,
e deles fruas, e possas voltar à pátria, antes
me permitindo ir, vivo, rever a luz de Hélio-
-Sol.” Aquiles, olhando-o de revés, tornou-lhe:
“Não me irrites, ancião. Por mim mesmo já estou
propenso a liberar-te Héctor: minha mãe, filha
do Velho do Mar, veio a mim, núncia de Zeus;
tampouco me escapou à mente que um dos deuses
guiou-te às velozes naus aqueias; mortal nenhum,
por mais jovem que fosse, ousaria penetrar
o acampamento: aos guardas não se esquivaria,
nem facilmente as portas nos destrancaria;
não me exacerbes, pois, ainda mais, o amargor
do ânimo; não me forces a expulsar-te, embora
suplicante, e o comando de Zeus transgredir.”
Falou. E temeroso o velho obedeceu-lhe
o dito. Feito leão, o Peleide saltou
porta afora; não só, mas seguido de dois
escudeiros: um, Álcimo, o outro, Automedonte,
os que mais honrava entre os amigos, depois
de morto Pátroclo. Estes tiram do seu jugo
os mulos e corcéis, levando para dentro
e pondo num assento o arauto-vozeador
do velho; da carreta, belas-rodas, tomam
os dons para o resgate da cabeça hectórea,
numerosos, deixando dois mantos e túnicas,

bela-urdidura, para transportar, cobrindo-o,
o cadáver. Aquiles chamou suas ancilas,
mandando que o lavassem e ungissem, após
removê-lo de modo que o ancião nada visse,
evitando que, doído, não freasse a ira e Aquiles,
ferido, desse fim a Príamo, transgredindo
o comando de Zeus. Lavado e ungido, as fâmulas
vestiram-no de manto e túnica. O Aquileu,
soerguendo-o, ao carro bem-brunido içou-o, por seus
parceiros ajudado. Aflito, invocou Pátroclo:
“Não te irrites comigo, dileto, ao saber,
mesmo no Hades, que ao pai entreguei o divo Héctor:
deu-me não desprezíveis dons como resgate,
do qual partilharás em tudo que te caiba.”
Assim falou Aquiles divino e voltou
à tenda. No seu trono polidedáleo, ele
toma assento, defronte a Príamo, a quem refere:
“Teu filho, Sênior, jaz remido no seu féretro,
tal como o querias. Quando Éos-Aurora apareça,
poderás vê-lo e então levá-lo. Mas, agora,
lembremo-nos da ceia. Mesmo Niobe, cabelos-
-lindos, não deslembrou de comer, quando os doze
filhos lhe assassinaram no palácio - seis
moças e seis moços, florida juventude.
Apolo, arco-de-prata, aos últimos matou,
irando-se com Niobe; às outras, às seis, Ártemis,
sagitária. À Latona, de faces formosas,
Niobe se comparou: dera à luz doze vezes,
e aquela, duas; mas seus dois filhos, Apolo e Ártemis,
aos doze exterminaram. Esvaídos em sangue,
jazeram insepultos nove dias. Zeus Pai
petrificou aquela gente. Mas no décimo,
os Urânios lhes deram tumba. Quando as lágrimas
cessaram, recordou-se Niobe de comer.
Entre fráguas, nos montes desertos de Sípilo,
leito das ninfas dançarinas, ao redor
do Aqueloo, lá, embora de pedra, pena Niobe
a dor, obra dos deuses. Pensemos na ceia,
agora, ancião. A Troia, depois, levando o filho,
o poderás prantear, fonte de multilágrimas.”
Falou. E degolou uma alva ovelha, que
os seus homens, depois, esfolaram, segundo
as normas, preparando-a; em talhos, nos espetos,
assavam-na; tirada do fogo, na mesa
Automedonte pôs cestos de pães. Aquiles

cortou as carnes; todos estenderam suas
mãos às porções. Fartos de vinho e de comida,
Príamo Dardâneo, olhando Aquiles, admirou-lhe
a estatura e a beleza, ícone de algum deus,
no aspecto. Por seu lado, Aquiles admirou-se,
olhando Príamo, aspecto nobre e fala fluente.
Saciados de entreolhar-se, Príamo, quase-um-deus,
principiou: “Dá-me logo uma cama, ó Progênie-
-de-Zeus. Ao sono-mel de Hipnos, repousar-me é
preciso: não fechei os olhos sob as pálpebras,
desde que, por tuas mãos, perdeu meu filho a vida:
sofro mil penas, gemo, espojo-me no esterco
no pátio do palácio; só agora, dispus-me
a comer e deitei, garganta abaixo, o vinho
que fagulha; antes, nada comi.” Falou. Pronto
ordena Aquiles que homens e ancilas preparem
camas no pórtico; cobrindo-as, bela-púrpura
e tapetes, com mantas de lã pura em cima.
As ancilas, archotes na mão, saem, à pressa,
do aposento e preparam dois leitos. Então,
volta-se para Príamo Aquiles, pés-velozes,
e, em tom de burla, diz-lhe: “Meu querido ancião,
sob o pórtico, ali fora, dorme. Se acaso
um conselheiro aqueu, aqui, com seus conselhos,
vier-me aconselhar, como é seu direito; e caso,
sobrevindo até mim, te visse no negrume
da noite rápida, a Agamêmnon, pastor-de-
-povos, informaria, retardando o resgate
do cadáver. Agora, porém, ancião, fala-me
a verdade: de quantos dias precisas para
os funerais de Héctor divino? O mesmo tempo
eu ficarei aqui, refreando os meus guerreiros.”
Respondeu-lhe o rei Príamo, quase-um-deus no aspecto:
“Se tencionas, de fato, que eu dê uma tumba
a Héctor divino, vou claramente dizer-te
o que me agradaria. Na cidadela, sabes
como estamos reclusos e distante a lenha
a trazer da montanha, e o temor de nós Troicos.
Nove dias choraremos por Héctor em nossas
moradas, dando-lhe, no décimo, sepulcro
e oferecendo ao povo o banquete funéreo;
no undécimo, ergueremos a tumba; o combate,
no duodécimo, se é força, retomaremos.”
Torna-lhe Aquiles, pés-vigorosos: “Será
como queres; a pugna sustarei, todo esse

tempo.” Disse. E tomou-lhe a mão direita pelo
pulso, para que medo algum medre em seu ânimo.
Príamo e o arauto se deitam fora, no vestíbulo,
a mente a engendrar tramas astutas; no interno
da tenda, com Briseida, rosto-lindo, Aquiles
repousa. Deuses e homens, capitães-equestres,
dormem, noite a fio; doma-os, suave, o sono de Hipnos.
Hermes, o Provedor, insone, pensa como
afastar das naus gregas o basileu, sem
que os hieráticos guarda-portas o percebam.
Pousa sobre a cabeça do ancião e lhe diz:
“Sênior, de coisas más sequer cogitas; entre
gente inimiga dormes, sem cuidado, após
Aquiles liberar-te. Remiste o teu filho
com muitos dons. Os filhos que na urbe te restam
três vezes igual quanto dariam, se Agamêmnon
Atreide e os mais Aqueus descobrissem quem és.”
Falou. E o velho estremeceu, fazendo o arauto
acordar. Os cavalos e os mulos, arreou-lhes
Hermes, e os incitou acampamento afora,
velozes, não notados. Mas chegando ao vau
do rio bela-torrente, o vorticoso Xanto,
gerado por Zeus, Hermes ao Olimpo se alçou.
Éos-Aurora expandia o peplo amarelo-cróceo
por toda a terra. Incitam, com lamento e lástima
os corcéis até a pólis, os mulos portando
o cadáver. Nenhum dos Troicos e Troianas,
belas-cinturas, deu-se conta, só Cassandra,
símil à áurea Afrodite, viu, do alto do Pérgamo,
o pai, de pé, na biga, e o arauto voz-da-pólis.
E avistou, sobre os mulos, jazendo na essa, Héctor.
Gemendo, gritou para a cidade inteira: “Ó
habitantes de Troia, vinde, todos, ver Héctor!
Quando em vida, ao voltar da batalha, exultáveis:
para a urbe e os cidadãos era uma glória!” Disse.
E homem nenhum, mulher nenhuma na urbe quedam-se;
transidos de indomável dor, chegam-se às portas,
dirigindo-se a Príamo, condutor do morto.
A esposa amada e a mãe vetusta, antes de todos
lançam-se ao carro, belas-rodas, arrancando-se
os cabelos, tocando a testa de Héctor. Circun-
chorava a multidão. E assim, até o tramonto
de Hélio-Sol ficariam chorando junto às portas,
não fora o ancião, da biga, exortar o seu povo:
“Dai passagem aos mulos; depois, saciareis

o pranto, assim que eu porte o cadáver ao paço.”
Falou. Se arreda a turba, dando passo ao carro.
O morto é trasladado ao preclaro solar
e posto sobre um leito encordoado. A seu lado,
cantores entoam trenos, em tom lastimoso,
e, flébil, o responso das mulheres segue-os;
braços-brancos, Andrômeda ergue seu lamento:
a cabeça do mata-homens, Héctor, sustendo
entre as mãos: “Jovem saíste da vida, marido,
deixando-me, no paço, viúva com um filho
tão tenro, por nós ambos - pois a quem a Moira
mão-agoura -, gerado, e que não posso crer
atinja a mocidade, já que a urbe ruirá;
morreu-lhe o paladino, tu que a defendias
e protegias esposas e crianças pequenas.
Serão todas, comigo, arrastadas às côncavas
naus, em breve; e tu, filho, me seguirás aonde
irás em vis labores laborar, em prol
de um duro senhor; caso não sejas lançado
da torre, por um Dânao, preso pela mão,
- deplorável morte! -, ira contra Héctor, quem sabe,
que lhe matara o irmão, o pai, ou mesmo o filho,
uma vez que muitíssimos Aqueus morderam,
por mão de Héctor, a terra vasta. Teu pai não
era brando na guerra má. Por isso, todos
na pólis o deploram. Pena e pranto aos pais
trouxeste, ó Héctor, insólitos, máxime a mim:
as mãos, ao morrer, não me estendeste, tampouco
me deste um dito sábio, lembrável sempre entre
lágrimas, noite e dia.” Falou, chorando, e os ais
das mulheres ecoaram-na. Hécuba, um agônico
pranto inicia: “De todos, o filho mais caro,
Héctor, amado quando vivo dos Olímpicos,
zelosos de ti, mesmo no fado letal.
Aquiles, pés-velozes, quando os apresava,
vendia meus outros filhos para além do estéril
mar salino, em Samo, Imbro e Lemno fumarenta.
A ti, depois de extrair-te a psiquê com afiado
bronze, mais de uma vez rojou-te em torno à tumba
de Pátroclo, que tu mataste: não logrou
ressuscitá-lo. Agora jazes no palácio,
incorrupto, orvalhado, ícone de quem o arco-
-argênteo Apolo abate com suas setas suaves.”
Disse, em pranto, e, sem pausa, um lamento irrompeu,
e Helena, então, terceira, iniciou seus queixumes:

“Ó Héctor, de longe, meu cunhado mais querido,
desde que a Troia me trouxe Páris, quase-um-deus,
meu marido. Quisera o céu fosse eu morta antes!
Faz já vinte anos, desde que eu parti da pátria:
de ti jamais ouvi uma palavra má
ou rude; se, no paço, um outro me ofendesse,
um cunhado, ou cunhada, mulher belo-peplo,
daquele, ou minha sogra - o sogro, qual benigno
pai sempre me tratou - o acalmavas, benévolo,
com tuas brandas palavras. Por isso, tua Moira
má, e a minha, deploro, coração amargo,
pois, na ampla Troia, nenhum outro me é benigno ou
amistoso: ante a mim, todos têm calafrios!”
Falou, chorando, e junto a multidão chorava.
O velho rei, depois, fez uso da palavra,
em meio a todo o povo: “Troianos, à pólis,
trazei agora lenha para a pira, sem
no ânimo ter receio de emboscada dos Dânaos:
o divino Aquileu, deixando-me ir das naus
negras, me prometeu não combater-nos antes
do raiar da duodécima Aurora.” Falou.
Bois e mulos jungindo, extramuros se agrupam
com os carros, durante nove dias carreando
um enorme lenhame; quando a Aurora porta-
-luz, ao décimo dia luziu, levam, em lágrimas,
o bravo Héctor; depõem na alta pira o cadáver,
acendendo-a. Progênie-da-manhã, raiou
a Aurora, dedos-rosa; o povo aglomerou-se
junto à pira. Reunidos, unidos, unânimes,
de vinho coruscante regaram as brasas,
por tudo, até onde a fúria do fogo alcançara,
e apagaram a pira. Tristonhos, irmãos
e amigos, recolhendo os ossos alvos, choram
e lágrimas copiosas rolam de suas faces.
Então, numa urna toda de ouro os depuseram,
de macias mantas púrpuras cobertas. Põem-na
em cava cova, e em cima apõem enormes lajes.
Sobrepondo-lhe terra, à pressa, erguem um túmulo.
Guardas, em torno, sentam-se, temendo assalto
dos Aqueus, belas-cnêmides. Ereta a tumba,
voltaram, num banquete pomposo reunido-se,
no solar do rei Príamo, progênie-de-Zeus.
Deram exéquias de honra a Héctor, doma-corcéis.

Revisado e adequado ao NAO por ***Joroncas***, apud: Haroldo de Campos, *Ilíada de Homero* / Homero; tradução Haroldo de Campos, São Paulo, Arx, 2002.